



UM ROMANCE DE
LUCY FOSTER

Esperando você

SPIN-OFF DE
SENHOR TEMPESTADE



UM ROMANCE DE
LUCY FOSTER

Esperando você

SPIN-OFF DE
SENHOR TEMPESTADE

Esperando Você

Copyright © 2020 Lucy Foster

Revisão: Bárbara Pinheiro

Leitura Crítica: Gabriela Hali e Danielle Barreto

Capa e Diagramação Digital: Lucy Foster

Imagem de capa: Adobe Stock

Ilustração: Rosa Cosme

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Certos locais poderão existir, mas os eventos são fictícios.

Todos os direitos reservados. Obra registrada na Biblioteca Nacional.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem permissão dos detentores dos direitos autorais.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Decreto Legislativo nº54, de 1995)

Edição Digital | Criado no Brasil.

1ª. Edição.



*Coração não é tão simples quanto pensa
Nele cabe o que não cabe na dispensa
Cabe o meu amor
Cabem três vidas inteiras
Cabe uma penteadeira
Cabe nós dois
(Oração - A banda mais bonita da cidade)*

índice



[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Notas](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[A autora](#)

sinopse



Pedro é um cara apaixonado por natureza, mas conhece como ninguém a dor da rejeição. Prestes a completar 35 anos, ele não consegue entender o que fez de errado para nunca ter merecido o amor daqueles a quem dedicou toda a sua vida. Cansado de esperar, ele decide aceitar uma nova proposta de trabalho que o torna um viajante, em busca de novidades que consigam aplacar o vazio que sente em sua vida.

Uma manhã chuvosa o obriga a parar em uma minúscula cidade no interior de Minas Gerais, e o sorriso da simpática garçonete o cativa, a ponto de estender sua estadia por mais alguns dias. Mulherengo, ele logo pensa que ela seria como todas as outras que passaram, temporariamente, por sua vida. Não contava que a garota simples, de conversa fácil e sorriso aberto, era diferente de qualquer mulher que ele conhecera antes.

Evangeline é amistosa, simpática e esforçada, com um passado dolorido e um presente difícil. Dividindo os seus dias entre dois empregos na pequenina cidade de Rio Verde, ela já não acredita que terá um futuro melhor, ao menos, não enquanto precisa cuidar do pai alcóolatra e problemático. Vivendo dia após dia, calejada de relacionamentos nada promissores, acaba encontrando no forasteiro boa-pinta e simpático um acalanto para suas manhãs difíceis.

Esse não é um triângulo amoroso, apesar de Jordie ter descoberto, tarde demais, que perder Pedro seria burrice. Mulher de espírito livre, nunca teve interesse em compromissos mais sérios, tendo riscado desde sempre em seu caderninho os tópicos maternidade e casamento. Agora ela se vê dividida entre o que conhece desde menina, e uma novidade para lá de excitante: Murilo.

Policia! brucutu, pai solteiro, de origem humilde e sem tempo para frescura, ele corre de relacionamentos, porém, se vê envolvido em algo que nem ele mesmo esperava encontrar.

Quatro pessoas. Dois casais. Encontros e desencontros mostrando que nem sempre o que queremos é, necessariamente, o que precisamos.

playlist



Para ouvir a playlist de Esperando Você no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo:



nota da autora



Esperando Você é um spin-off de **Senhor Tempestade**, meu primeiro romance que pode ser encontrado na Amazon. Pode ser lido separadamente, mas obviamente você receberá *spoilers* da primeira história.

Também faz parte do mesmo universo de **Entre Oceanos**, então o que eu disse acima, cabe aqui também.

Ficou um livro um tanto extenso para um spin-off, sei disso. Talvez pela complexidade do enredo, talvez por ter a necessidade de explicar algumas coisas que ficaram “no escuro” em Senhor Tempestade, talvez por serem dois casais; eu tive muito mais texto para escrever aqui do que eu esperava.

Estou ansiosa para saber a opinião de vocês. Espero que apreciem a leitura e se identifiquem com os personagens, e compreendam alguns assuntos que estão sendo abordados aqui.

Sobre o vocabulário empregado nos diálogos, este é um romance narrado em primeira pessoa e, por isso, não se surpreenda ao se deparar com diálogos contendo gírias (o nosso conhecido *mineirês*). Licença poética foi usada ao criar algumas frases utilizando a forma como o autor da ação — o personagem — falaria.

Em tempo: este livro é indicado para maiores de dezoito anos. Contém cenas de sexo, violência e linguagem imprópria.

Dedico este livro a todos que sofrem com suas escolhas. Que são julgados e apontados fazendo certo ou errado. No final, como já diria Caetano Veloso, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.

prólogo



Muita coisa pode dar errado quando tudo o que você quer é ser a estrela de sua própria história. Claro, essa seria a premissa básica, correto? A história é sua, logo, você tem que brilhar nela.

Mas no afã de fazer isso, já parou para pensar no tanto de merda que você faz? No tanto de gente que você magoa? Na quantidade de energia que você gasta, tentando manipular o tempo, os lugares, os acontecimentos, somente para que você possa ser aquele a brilhar?

Eu já. Na verdade, venho tentando brilhar há algum tempo. Chamar a atenção, sabe? Me sentir... protagonista. Não tem dado muito certo.

Quem sabe agora? Quem sabe, desta vez, eu consiga chamar a atenção de alguém. Quem sabe, desta vez, eu consiga ter algo só meu.

Meu nome é Pedro Fontana, e se posso me definir aqui, eu sou o cara que sempre espera. Mas, hoje, eu estou um pouco cansado disso.



Pedro

Conforme o táxi segue pela estrada, eu sigo olhando ao redor, me familiarizando com o local. É um país muito bonito, essa Escócia, não tenho dúvidas quanto a isso. Já me senti embasbacado logo no desembarque, ainda em Edimburgo, me sentindo como se estivesse vivendo em uma era medieval. Não sou lá muito versado em filmes de época, mas me lembro bem de “Coração Valente¹” e, em alguns trechos da viagem, parecia ir ao encontro de William Wallace.

Lindo, com certeza. Mas tem mesmo a necessidade de parecer estar sempre esfumaçada? Cadê o sol, e o calor?

Fui informado que chegaria aqui no verão, estamos em julho, logo... era para estar sol. Talvez o país tenha resolvido me receber de acordo com o meu humor atual, nublado e incerto. É um tipo de coisa que realmente acontece... vai saber.

O convite para vir ao país aconteceu meses atrás. Estávamos em uma reunião na casa de Vicente e Maria Luiza, uma celebração informal entre amigos e, mesmo eu não os conhecendo e não tendo um pinga de intimidade, fui muito bem recebido. Estava acompanhado de Gael e Babi, ele na qualidade de advogado do casal, e tudo estava muito leve e divertido, até Jordie aparecer.

Como dizem por aí: *babado, confusão e gritaria* perderiam para aquele dia, quando ela, indignada por ter sido esquecida em casa por seu irmão, resolveu descontar toda a sua frustração em mim. Não era de se estranhar, eu sempre fui seu saco de pancadas favorito, só que naquele instante, isso me irritou. Demais.

Maria Luiza foi um tanto gentil, notando a minha raiva, frustração e completa inabilidade em lidar com a situação no momento, e me ofereceu uma estadia curta na pousada que ela mantém em terras escocesas. Dez dias, nada além disso.

Era a mesma oferta que ela fez, um dia, a Gael. Ela poderia, inclusive, vender isso como um novo pacote, a estadia antiestresse, porque meu amigo voltou ao Brasil praticamente outra pessoa. E eu deveria ter feito como ele, e vindo de imediato. No entanto, fiquei postergando, achando que não seria necessário, que era bobeira.

Conhece aquele ditado afirmando que gente idiota só aprende apanhando? Ele é real.

Sorriso ao olhar pela janela e ver uma garotinha passeando pela estrada com um cachorrinho, comento com o motorista que o cãozinho parece o Bidu, mas ele me olha como se não tivesse a menor ideia do que eu estou falando.

Na verdade, o pobre homem não deve saber mesmo, apesar de eu achar que Maurício de Souza deveria ser conhecido pelo mundo inteiro.

Ser conhecido...

Esse era o meu grande intento, anos atrás, quando empolgado durante o curso de propaganda, decidi cursar fotografia. Achava o máximo, sonhava em ter o meu próprio estúdio de fotografia, um lugar amplo e bem localizado, com equipamentos de última geração e, quem sabe, ter alguns cliques de sucesso nas revistas de moda pelo país afora.

Bem, claro que não foram as revistas de moda que me empolgaram na época e, sim, aquelas revistas sensuais. O sonho de todo garoto era ser fotógrafo de uma revista masculina e eu não vou bancar o inocente e dizer que não era o meu também.

Olavo Fontana não gostou nem um pouco da ideia. Obviamente, eu sei que o seu desejo era que eu seguisse seus passos e tomasse conta da empresa da família, foi por causa disso que ele, inclusive, passou feito um trator por cima das pessoas, sem se preocupar com o sentimento de ninguém. Sem se preocupar com o que suas ações causariam na vida das pessoas.

Meu pai é herdeiro — e, hoje em dia, presidente — de uma grande indústria farmacêutica brasileira. Não seria de todo errado se eu dissesse que é, se não a mais lucrativa, uma das cinco mais bem posicionadas no ranking. Isso o torna um dos homens mais poderosos, financeiramente falando, em nosso país.

A sua vida é baseada nessa empresa, e em todos os benefícios que ela lhe traz. O seu interesse em manter-se sempre no topo é tanto, que não hesitou em casar-se com uma mulher que ele não amava, quando ainda eram jovens, somente para somar em sua já enorme fortuna uma outra empresa

multinacional de biotecnologia, pertencente à família da senhora minha mãe, Silvia Fontana.

Para ele é inaceitável que, tendo tanto dinheiro e ostentando um nome que traz tanta visibilidade e poder, eu prefira apertar botões em um brinquedo tecnológico. *Uma afronta, um acinte*, ele diria. Já eu chamo de liberdade. É aquela velha coisa, não há dinheiro que pague uma boa noite de sono.

No entanto, ele ainda espera que eu volte atrás. A cada fracasso meu, recebo um telefonema de volta, condescendente, dizendo que minha cadeira está lá, à minha espera. Mas... não. Esse não seria eu. Essa sede de poder eu, felizmente, não herdei.

Antigamente, eu lamentava não ter tido mais atenção de meus pais. Hoje, eu somente agradeço. Estou muito bem sendo esse velho fotógrafo falido, desconhecido e fugitivo.

Sigo olhando ao redor, admirando a paisagem, enquanto o carro segue em uma velocidade média constante. O percurso deve durar cerca de uma hora e, honestamente, não fossem as lembranças me atazanando, eu estaria apreciando muito mais a viagem.

Mas claro, como sempre, a briga que me trouxe até aqui não sai da minha cabeça. Jordie sempre teve o poder de me transformar em um completo idiota, e nossa discussão só deixou claro que ela sempre consegue o que quer.

Quando procurei me afastar dela, alguns meses atrás, eu achei que seria fácil. Que não haveria uma recaída, afinal, eu estava convicto de que eu precisava dar um rumo à minha vida. O problema é que não podemos passar uma borracha em dezesseis anos assim, de uma hora para outra.

Dezesseis anos.

Aliás, se eu for bem honesto comigo mesmo, minha história com Jordie começou bem antes disso. Começou quando dona Joana, mãe dela e minha professora, ouviu seu filho dizer que eu era um garoto muito solitário e que gostaria muito que eu fosse brincar na casa deles. Eu tinha sete anos, era criado por babás, governantas, até mesmo o motorista me dava mais atenção que meus pais. Isso me tornou uma criança introspectiva, sem amigos. Até conhecer Gael.

Ele se tornou o irmão que eu não tive e, sua família, a que eu queria para mim.

Jordie tinha três anos na época e eu era seu guardião. Mais protetor com ela do que seu próprio irmão e esse sentimento foi se modificando

conforme o tempo passava. De guardião, eu passei a confidente, cúmplice, até que estava completamente envolvido ao ponto de ser o escolhido por ela para lhe dar o seu primeiro beijo, ou tirar sua virgindade. Porém as coisas ficaram estranhas, após nosso beijo.

Eu era um rapaz de dezenove anos, escolhido para ser o seu par no baile de debutante, me descobrindo apaixonado pela irmã do meu melhor amigo. E, apesar de toda a confusão que existia em minha cabeça na época, por culpa do meu pai e suas armações, eu a queria. Queria muito assumi-la e gritar aos quatro ventos que estávamos juntos.

Claro que não seria tão fácil assim. Ela me convenceu de que eu causaria uma fissura incorrigível no relacionamento que eu tinha com sua família, que nosso namoro não seria aceito e eu simplesmente... aceitei. Apavorado, com medo de perder o único exemplo familiar de verdade que eu tinha, acatei, e passamos a viver, desde então, de encontros furtivos, escondidos de todos.

Eu pensava, na ocasião, que era culpa de sua pouca idade. Uma garota de quinze anos não teria maturidade para lidar com sua família sendo contra seu relacionamento. Mas conforme o tempo passava, e ela amadurecia, nada mudava. Muito pelo contrário, cada vez parecia mais complicado.

Não vou mentir que eu era um santo nessa época. Ou inteligente, se vale o comentário. Em um plano digno de nota, tentando causar ciúme nela, eu namorei várias garotas. Cada semana eu levava uma a tiracolo até sua casa, achando que ela, enciumada, aceitaria meus insistentes pedidos de namoro.

É inevitável soltar uma risada, conforme a lembrança me atinge, fazendo, inclusive, com que o motorista me olhe enviesado pelo espelho retrovisor, talvez me achando meio maluco.

Eu não sou maluco, só sou realmente muito, muito burro.

Meu excesso de namoradas somente a jogou nos braços de um estudante de veterinária qualquer, um mauricinho, filhinho de papai. De quem ela ficou noiva, um tempo depois, logo após eu ter me declarado abertamente.

Isso deveria ter sido motivo o suficiente para eu seguir a minha vida. Mas autoestima nunca foi o meu forte, devo dizer. Ou eu gosto mesmo de sofrer, pode ser isso.

Dezesseis anos se passaram desde que eu a beijei pela primeira vez. E eu tinha servido de capacho para ela, desde então, sendo o cara para quem ela

corria quando precisava de carinho, quando ela se sentia solitária.

— Já conhecia a Escócia? — o motorista pergunta, depois de me ouvir suspirar pelo que deve ter sido a centésima vez.

— Primeira vez — respondo, me virando em sua direção. Mesmo não estando muito animado para conversar, seria muito mal-educado ignorar o homem. — Eu já visitei a Europa algumas vezes, mas nunca tinha passado por aqui.

— Veio a trabalho?

— Férias. — Sorrio, impulsionando o corpo para a frente. — Dez dias, apenas.

O homem simpático passa a responder algumas perguntas que eu faço sobre o seu trabalho. A começar pelo modelo do carro, preto e muito similar aos que vemos em filmes, com o volante do lado direito. Segundo o bom homem, esse tipo de táxi — aqui no país chamado de *Black Cab* — não anda muito popular. O mais usado é um modelo menor, que precisa ser agendado pela internet e eu, internamente, agradeço não ter tido a necessidade de fazer isso.

— É casado, rapaz? — ele pergunta, e eu sinto o recém-adquirido bom humor sumir de imediato. Apenas balanço a cabeça, negando, e volto a olhar para fora, dando o assunto por encerrado.

Casamento se tornou um assunto proibido para mim. Não que eu não acredite nisso, eu sou um dos maiores entusiastas do assunto, principalmente depois de conhecer a família Prieto. Alessandro e Joana, pais de Gael e Jordie, se tornaram um exemplo de casal bem-sucedido para mim. E Gael seguiu o mesmo exemplo, na época em que foi casado com Sofia. Levantavam a bandeira de o primeiro amor ser para sempre e eu, confesso, me apeguei muito a isso. Talvez por não ter tido exemplo algum em casa, idealizei isso para a minha vida: casar e ter filhos, muitos filhos, vários deles, com o meu primeiro amor.

É, não deu certo, porque Jordie é a pessoa mais antimatrimônio que eu conheço. Casar e ter filhos não é algo que ela queira e, mesmo decepcionado quando fui *informado* a respeito, aceitei sua decisão. Lá no fundo, eu achava que era coisa de menina, que conforme ela fosse amadurecendo, o “relógio biológico” dela a despertaria.

Eu esperava. Mas nada era o bastante.

Decidi, então, colocar uma distância segura entre nós, a tratando apenas como a irmã do meu melhor amigo. As coisas melhoraram um pouco,

eu sofria menos, estava convicto de que ela nunca seria minha e então manter distância seria o melhor.

Mas, burro... lembra?

No último final de semana, ela me procurou. Eu não deveria ter aberto a porta, de jeito nenhum. E, principalmente, não deveria ter cedido e passado a noite com ela. Porque o *depois* é sempre horrível e faz com que eu me sinta um lixo, toda santa vez.

— *Já vai embora escondida, novamente, como se fosse uma donzela fugindo do pecado?* — pergunto, ao vê-la se vestir em silêncio, pensando que eu estava dormindo.

— *Que susto, Pedro!* — Ela sobressalta, as mãos puxando a camisa, cobrindo os seios como se eu nunca os tivesse visto sem aquele tecido por cima.

— *Não respondeu, Jordie. Já está fugindo de novo?*

— *Não estou fugindo de nada. — Dá de ombros. — Está na minha hora de ir embora.*

Rapidamente ela termina de fechar a camisa de tecido fino, e bate as mãos na lateral da calça preta, um gesto que poderia parecer descompromissado se eu não a conhecesse tão bem.

— *Precisamos conversar. Você chegou ontem à noite, batendo em minha porta, com um papo estranho sobre voltar às raízes, dormir de conchinha...*

— *Não quero falar sobre isso!* — ela me interrompe, seguindo em direção à poltrona onde sua bolsa foi largada na noite anterior.

Ergo meu corpo, me apoiando no braço, decidido a não deixar passar batido desta vez.

— *Mas eu quero* — digo, com voz firme —, *porque eu cansei de fazer papel de otário.*

— *Que papel de otário? Da forma como você diz, parece que é uma virgem deflorada. Você já é um homem adulto, Pedro!*

Me levanto, em um salto, sem sequer me importar em não estar usando nenhuma peça de roupa. A forma como Jordie me olha, analisando meu corpo, como se gostasse do que está vendo acaba me deixando ainda mais enfurecido.

— *O que você quer de mim?* — pergunto, a segurando pelos braços, enquanto ela tenta se soltar.

— Pare de dar show, Pedro! É sempre a mesma coisa, ficamos juntos e você surta. Somos adultos!

— Por que me procurou ontem? — Ela se debate, tentando se soltar, mas não permite. — É isso o que eu quero saber!

Os olhos lindos, que sempre me fascinaram por sua cor exótica, às vezes azuis e às vezes verdes, se expandem um pouco ao notar que não vou lhe soltar e escurecem, algo que sempre acontece quando ela é contrariada. A garota mimada sempre se irrita quando algo não sai de acordo com o que ela quer.

— Não vou conversar com você desse jeito — ela diz, entredentes. — Vá vestir uma roupa!

Um sorriso debochado acaba escapando, sem nenhum controle.

— Eu saio para vestir uma roupa e você foge enquanto isso. Não, vai me falar e vai ser agora! Somos adultos, como você mesma disse, já deve ter visto homens nus antes.

A puxo pela mão até ela estar sentada na cama, e paro, nu, à sua frente. Sim, sou um ridículo, mas pouco me importa isso agora. Talvez notando que não vai conseguir sair, ela cede. Vejo quando os ombros caem, e, rendida, ela abaixa a cabeça, suspirando fundo, antes de responder:

— Eu sinto a sua falta, tá bom? É isso que você quer ouvir? Gosto da sua companhia, Pedro, você me faz bem.

— Mas... — incentivo, firmando meus olhos nos dela, sem a deixar mudar de assunto.

— Essa sua mania de querer se casar, ter filhos, família... isso não é pra mim.

Cruzo os braços e dou um passo atrás, fazendo com que ela levante a cabeça e me encare. Afinal de contas, essa “desculpa” já havia sido descartada por mim, há muito tempo.

— O que é “pra você” então? Sexo sem compromisso para o resto da sua vida?

— Não, claro que não! — A voz sai alta, mas em seguida assume novamente o tom controlado de quem sabe exatamente como se livrar da situação. — Eu tenho dito desde menina, Pedro... não quero me casar, não quero ter filhos. Mas isso não quer dizer que não possa ter um relacionamento duradouro.

Isso já tinha sido discutido entre nós antes, incansavelmente. A princípio, não daríamos certo porque ela nunca se casaria. Quando eu abri

mão, por ela, de casar e ter filhos, ainda assim não era o bastante. Eu sempre fui a opção confortável de uma noite furtiva, nada além disso.

Saber que até mesmo Dimitrius, o maníaco que havia assassinado sua cunhada e sobrinha, subjugado e sequestrado Babi e quase destruído a vida de Gael havia sido um par adequado para ser visto à luz do dia, enquanto eu continuava sendo o “cara das sombras” foi a gota d’água. Foi como se, dramaticamente falando, a venda dos meus olhos caísse e eu enxergasse que nunca seria o cara ideal para ela.

Logo, esse discurso não fazia o menor sentido.

— E quando isso mudou? — pergunto, sem conseguir esconder o tom cínico na voz. — A meu respeito, quando mudou?

— Por que me cobra tanto? — Jordie se coloca em pé, fazendo questão de bater o solado do sapato no chão, o que alguns diriam ser sua marca irritantemente registrada. — Você nunca ficou sozinho!

— QUANDO, Jordie? Quando isso mudou a meu respeito?

Acuada, ela sai andando pelo quarto, novamente em direção à poltrona, e eu sigo atrás, disparando uma pergunta atrás da outra, sem dar tempo para que responda.

— Me diga, quando isso mudou? Talvez quando eu resolvi seguir a minha vida? Quando eu parei de rastejar atrás de você? Quando eu cansei de ser o cachorrinho da madame? O estepe...

— CHEGA! — Ela se vira, e ergue o queixo, desafiadora. — É sempre assim, você leva um não e surta.

— Eu não estou surtando pelo não. O seu não eu ouvi a vida inteira, um a mais não faria diferença.

Sustento seu olhar e percebo, então, que nada vai mudar. Que não importa o que eu faça, a atitude que eu tome, eu não posso forçá-la a ficar comigo. Mas que também não é justo comigo, não depois de tanto tempo, continuar desse jeito.

— Essa foi a última vez, Jordie — declaro, firme. — Você sempre disse que me via como um irmão. De hoje em diante, é o máximo que terá de mim.

Eu já tinha dado ultimatos parecidos antes. Pontos finais que não duravam mais que algumas noites, e eram sempre esquecidos quando ela batia em minha porta, carente e procurando aconchego. Dessa forma, percebi que sempre seria assim, e já era hora de eu esquecer essa mulher de uma vez por todas.

— Chegamos. — A voz do motorista me traz de volta ao presente, e eu esfrego o rosto, desembarcando em seguida em frente a uma construção um tanto quanto simpática.

Confiro o número que consta no folheto, é o mesmo da pequena casinha com paredes de pedra aparente, um telhado em formato de V com telhas marrons, formando um desenho de ondas, cercada por um muro baixo e muitas plantas, a maioria delas floridas.

Recebo a mala que o motorista me entrega e o vejo partir em seguida, me deixando parado em frente ao portãozinho, tentando me localizar. Supostamente deveria ser uma pousada, mas essa casa, apesar de não ser nenhuma choupana, não tem tamanho para tanto. O espaço entre o pequeno portão e as janelas não é muito largo então eu me aproximo, tentando visualizar dentro do ambiente, quando sinto alguém batendo em minhas costas com um pouco mais de força do que o necessário.

— O que tanto olha dentro de minha casa?

Encaro o rapaz atrás de mim, primeiro tentando entender o que ele me perguntou com seu sotaque um tanto quanto carregado. E, em segundo, tentando recordar o nome do tal gerente que Malu disse estar me esperando, sem sucesso.

— Não ouviu o que eu disse? O que tanto olha dentro de minha casa?

— Me desculpe, eu devo estar perdido. Vim do Brasil e estou procurando...

— Ah, claro — ele interrompe, rolando os olhos. — O outro *brasileiro*, amigo de Maria Luiza.

Deveria me sentir aliviado por estar no lugar certo, mas o sujeito vermelho parece tão antipático que acabo ficando preocupado, com medo de ter me enfiado em uma enrascada vindo até aqui.

— Sim, eu sou amigo de Maria Luiza e ela me deu este endereço. Estou, então, no lugar certo?

— Claro que não, essa é a minha casa. Venha, a pousada fica por aqui...

O sujeito passa por mim, bufando e pisando duro, e eu o sigo, um tanto quanto confuso. Gael me garantiu que havia sido bem recebido, então, de repente, nas tradições escocesas olhar pela vidraça alheia deve ser uma ofensa grave.

Para minha sorte, o sujeito não é tão grande. Alto, sim, tanto quanto

eu, mas um pouco mais magro, vestindo jeans largos e uma jaqueta dois números maiores que o seu, ele não me espera e nem olha para trás, a fim de se certificar que o estou seguindo.

Sorrio, me lembrando dos milhares de apelidos que Vicente Avellar deu a ele, enquanto Malu explicava o funcionamento da pousada. “Cenoura ambulante” foi o mais simpático.

Passo pelo mesmo portão que ele entrou, localizado ao lado de sua casa, seguindo por uma alameda completamente verde. O gramado é verde, as laterais são verdes e a frente é ridiculamente verde... até começar a ficar amarronzado, em um tom de pedra antiga, quando a construção aparece à nossa frente.

— É mesmo um castelo!

Quando Maria Luiza me disse que a pousada havia sido aberta em um castelo que ela recebeu de herança, eu achei que era exagero. Pensei que deveria ser uma casa grande, uma mansão talvez, mas nunca que seria uma construção antiga dessas, com torre e tudo.

Ouçó latidos atrás de mim e chego a estremecer ao ver o tamanho do cachorro vindo correndo em nossa direção. Muito alto e forte, de pelagem cinza e um tanto desgrehada, ele parece um potro por conta de suas patas compridas, mas com o corpo mais forte e o focinho fino. Grosso modo, eu diria que pegaram várias partes de um cachorro e juntaram tudo, até sair essa raça.

Deveria ter medo, eu sei, um cachorro desse tamanho é impossível não assustar. Mas o rabo dele balança tanto que não acredito ser um cão feroz. Animado, ele circunda o ruivo, se chacoalhando inteiro e ganindo feliz, fazendo o rapaz se abaixar e acariciar o seu pelo desengonçado.

— Qual a raça desse cão? — pergunto, sorrindo, e o rapaz me olha, um tanto quanto desacreditado que eu não tenha corrido para dentro do casarão.

— É um deerhound. Não tem medo?

— É só um cachorro. Posso me aproximar? — Ele acena, autorizando, e me aproximo do animal, esticando minha mão para que ele sinta o cheiro. O deixo farejar e quando ele parece ter se acostumado, esfrego seu pescoço e as orelhas, o fazendo bufar em satisfação. — Como ele chama?

— Fergus. Parece que ele gostou de você.

— Todo mundo gosta de mim. Menos você... — respondo, com ar zombeteiro, e isso pega o ruivo de surpresa.

— Não desgosto de você. Somente... — ele começa a dizer, mas eu não ouço o final da frase, já que me levanto em um salto e corro, chamando o cachorro, que me acompanha na mesma hora.

— Aqui, Fergus, pega! — Jogo um graveto, e ele corre até metade do caminho, trazendo um outro graveto na boca, me fazendo rir. — Muito espertinho você, pegou o que estava mais perto.

Eu estou acostumado com as estripulias de Marley, o nosso labrador, que adora esse tipo de brincadeira, mas não estava esperando a força desse cão, que se aproxima com tudo, apoiando as patas em meu tórax e me levando ao chão. Por conta do susto, e o inesperado da situação, acabo não protegendo meu rosto e logo ele se torna fonte de lambidas intermináveis.

— Chega, Fergus! Aqui, garoto! — ele diz, depois de um comando em uma língua que eu não entendi, e o animal sai de cima de mim, indo em sua direção. Só então eu noto um sujeito alto, muito forte, barbudo e com cara de poucos amigos parado ao lado dele. — Leve ele para o canil, Greg, já correu demais esse destrambelhado.

Me levanto, tirando a terra da roupa, e ao olhar sua expressão assustada, caio na gargalhada. Isso parece desarmá-lo, porque logo ele se aproxima, com a mão esticada.

— Eu sou Eric McDonald, muito prazer.

— Pedro Fontana — retribuo o aperto. — Malu fala muito bem de você.

— Vamos entrar, você está cheirando cachorro.

O sigo para dentro do casarão, impressionado. *Um maldito castelo!* Quando passamos pela imponente porta cinza, um grande balcão de madeira toma praticamente a parede inteira à nossa frente. Uma garota branquinha, de cabelos castanhos, ergue a cabeça e abre um sorriso em nossa direção.

— Aye²! Chegou!

— Essa é Freya, a nossa recepcionista. Esse é Pedro, o brasileiro amigo de Maria Luiza, ele vai passar um tempo aqui conosco.

— Brasileiro, hein? — O sorriso aumenta, conforme ela me estica um tablet para checar as informações de reserva. — Me desculpe, não conheço muitos brasileiros, eu pensei que todos eram morenos, como o Vicente.

— Temos para todos os gostos. — Pisco, ao entregar o aparelho, e estranho quando Eric bate a mão na madeira do balcão, esticando um grande chaveiro com um cartão pendurado.

— A chave do seu quarto. Vamos, eu levo você.

Olho em direção onde ele me aponta, mas não temos chance de sair do lugar, sendo mais uma vez interrompidos.

— Eric, já chegou!

Sigo a voz estridente e tenho certeza de que estou vendo a personificação da Merida, do filme da Disney, à minha frente. Uma garota trajando um vestido verde, com os cabelos de fogo espalhados para todo canto e um par de olhos cor de pistache, para de falar ao nos ver no balcão.

— Ah, olá! — ela diz, sorridente.

— Esse é o Pedro, amigo de Maria Luiza. Pedro, essa é minha irmã, Violet.

Enquanto eu o ouço explicar que a garota havia trabalhado por um tempo na pousada, mas que depois de um tempo estava focada nos estudos, eu passo a imaginar que a minha estadia nesta pousada será um tanto quanto... interessante. Isso, claro, se eu levar em conta os olhares gulosos da garota em minha direção.



Parado na janela, fico tentando localizar alguma coisa na escuridão escocesa. Ainda sob os efeitos da viagem e do fuso horário, não consigo dormir, de forma alguma, o que me leva a ficar olhando em volta, analisando o lugar.

O quarto é pequeno, com poucos móveis. Uma cama grande e bem confortável de madeira no centro dele, uma poltrona estofada coberta por um tecido florido próxima à janela, uma escrivaninha na parede oposta e um grande armário de madeira maciça que toma praticamente toda a parede onde ele se localiza.

O incrível, no entanto, é a mistura de novidade com antiguidade que este lugar possui. Todos os móveis parecem vindos de um outro século, enquanto, no mesmo espaço, temos relógios digitais, aparelhos de música, telefones, aquecedores.

Passo os dedos sobre a grossa madeira da escrivaninha, antes de olhar o relógio para ver as horas. Acabei me esquecendo de passar uma mensagem a ela, que deve estar preocupada. Pegando o celular, desbloqueio a tela e acabo sorrindo ao ver a notificação da última mensagem recebida.

“Babi: Se vestir um kilt, queremos fotos!”

Dou ok na tela, e deixo para responder no outro dia, em um horário

que não cause um ataque de ciúme no imbecil do Gael. O que eu menos quero é causar problemas logo agora que ele encontrou em Babi o seu ponto de equilíbrio. Já tenho uma vasta bagagem que talvez possa afastá-lo de mim.

O meu maior medo, neste momento, é que Jordie tente punir minha fuga contando a ele a sua versão dos fatos. Entregando que seu melhor amigo vinha dormindo esporadicamente com ela pela última década, escondido de toda a família.

Pensando bem, nem isso ela faria. Sempre tratou as insinuações que faziam sobre nós como absurdas, nem mesmo para me foder ela teria coragem de me assumir.

Chacoalho a cabeça, nervoso comigo mesmo por estar, mais uma vez, preso nesses pensamentos. Foi para isso que eu vim, para esquecer. Ergo novamente o celular, fazendo com que a tela se acenda, e toco no aplicativo de conversas mais uma vez.

Busco o contato na lista e, ao encontrar, visualizo nossa última conversa, há dois dias.

“Claudia: *Não deixe de me avisar quando chegar lá, não vá me fazer morrer de preocupação!”*

Com certeza ela puxaria as minhas orelhas, se eu estivesse em sua frente agora. Digito a mensagem, imaginando que ela só irá ler pela manhã.

“Pedro: *Só avisando que estou em terras escocesas, vivo e bem.”*

Não demora muito até sentir o celular vibrando, com sua resposta, o que me faz sorrir.

“Claudia: *Demorou tudo isso para chegar ou só lembrou de mim agora?”*

“Pedro: *Já diria a minha mãe, que quem diz a verdade, não merece castigo. Então, vou dizer a verdade, cheguei tem algumas horas, mas me esqueci de pegar o telefone, me desculpe.”*

“Claudia: *Muito espertinho. Vou me lembrar disso... fez uma boa viagem?”*

“Pedro: *Sim, foi tudo bem. Vou te deixar dormir, deve ser tarde aí, só chamei mesmo para dizer que está tudo bem. Mande um abraço para o Arthur.”*

“Claudia: *Mandarei. Não me deixe sem notícias. Amo você.”*

“Pedro: *Também te amo. Boa noite.”*

Desligo a tela e volto o aparelho para o carregador, me sentindo estranho. Culpado, lembrando todas as vezes que acusei Jordie de me

manter como um segredinho sujo. Percebendo que é exatamente isso que estou fazendo com Claudia. Ninguém do meu convívio sabe de sua existência e, honestamente, está mais do que na hora de isso ter um fim.



Ao amanhecer, decido sair munido de minha câmera, buscando fotografar o máximo de locais possíveis e, sinceramente, ainda que eu tenha uma estadia garantida de dez dias, não será suficiente para registrar toda a beleza deste lugar.

Não estamos falando somente de paisagens fantásticas, aquele velho misto de antiguidade com novidade, e uma vegetação ampla e exuberante. Mas também de uma cultura rica e vasta, um povo hospitaleiro, construções riquíssimas, animais lindos. Devo ter enchido uns seis cartões e isso somente pela vizinhança.

Acabo me deparando com um barranco enorme, cujas paredes contém muitas cavernas — e que fui bem aconselhado a não entrar em nenhuma delas. De acordo com o velho Howard, morador das redondezas e, segundo ele mesmo, guia dos turistas perdidos, o local é conhecido por Kennoway Den e costumava ter um papel importante na vida dos moradores locais por volta do século XV.

Sigo por uma trilha, que noto servir de estacionamento pelas marcas de pneus na terra batida, até chegar a um pequeno edifício sob as árvores com uma grade de metal. Ao lado, uma fonte natural atravessa a paisagem verde, transformando-se um pouco adiante em um rio calmo e límpido.

O local é inacreditavelmente silencioso, o barulho da água corrente batendo nas pedras é a única coisa audível por uns bons metros. Sento-me em uma pedra, apoiando o cotovelo em minha perna, dando, assim, suporte ao braço, enquanto tento focar a paisagem à minha frente.

A empolgação com a aventura foi tanta que esqueci até de almoçar, meu estômago passou a me avisar, um tanto descontente, minutos atrás.

Bato mais uma foto e analiso o resultado no visor da câmera, satisfeito ao notar que consegui captar perfeitamente a construção escondida no meio da vegetação um pouco abaixo de onde estou. O contraste da rocha que forma as paredes da casa antiga em meio ao verde é espetacular.

— Isso ficaria lindo em uma galeria, Pedro. Se conseguir um contato, pode expor todas essas fotos em uma série sobre a Escócia... — falo, comigo

mesmo, rindo em seguida de minha estupidez. — Trinta anos na cara e ainda não se conformou que não vai ser um cara famoso? Não consegue sequer manter um estúdio, seu idiota!

— Mas que moço mais pessimista. — Ouço alguém falar atrás de mim, em um *carioquês* perfeito, e ao virar me deparo com um belo par de pernas parado ao meu lado.

Subo o olhar, passando pelo quadril estreito modelado pelo curto shorts de lycra, a barriga sequinha dentro de uma camiseta justinha de malha, os seios empinados e um sorriso satisfeito no rosto de mulher rica ao perceber que eu estou, literalmente, a comendo com os olhos.

— De onde surgiu, que eu não te vi se aproximar?

— Parece que estava muito distraído — ela responde, risonha.

Despretensiosamente, separo a lente da câmera e as guardo dentro da bolsa, enquanto continuo conversando com a bela mulher que não disfarça, um minuto sequer, seu interesse.

— Quando estou fotografando, fico mais distraído que o normal. Principalmente, se levar em conta as belas paisagens ao redor.

— Ficou um tanto canalha essa observação, se considerar o olhar que você me lançou agora. — Ergo em um salto e me aproximo, deixando evidente nossa diferença de altura.

— Então, minha missão foi bem-sucedida. — Estendo-lhe a mão, desenhando um sorriso no rosto, enquanto me apresento. — Pedro Fontana, muito prazer.

— Paula Vasconcellos. — Aperto sua mão, e ela reage. — Nossa, que aperto forte, Pedro.

— O que faz por esses lados? — Faço um gesto com a mão, mostrando os arredores. — Não é um local muito apropriado para uma moça andar sozinha por aí.

A colina onde estamos é próxima da trilha principal, porém, rodeada de árvores e muito fechada. Mas ela não parece se importar muito com isso, prefere fazer um biquinho charmoso e se aproximar um pouco mais.

— Eu poderia encontrar um lobo mau, isso o que você quer dizer? — ela retruca, com voz melosa.

— Ouvi dizer que há uma nova espécie vagando aqui pela Escócia, o lobo-guará. Conhece? Dizem que ele tem o pelo amarelado.

A conversa sem noção parece ter afetado a bonita mulher, que passa os dedos por sobre a minha camiseta e já posso sentir a respiração afetada

conforme me aproximo, ainda sem a tocar.

— Dizem também que o lobo-guará é um tanto curioso — falo baixo, próximo ao seu ouvido, sentindo-a completamente rendida ao momento.

Confesso que gosto desse jogo, sempre me dou bem nele. É descomplicado quando você se envolve em um jogo de sedução assim, sem ter sentimentos envolvidos, porque a coisa acaba ficando leve, sem toda aquela preocupação de como vai ser depois. Mas sem esquecer que as coisas precisam ser deixadas às claras para que isso aconteça.

— E como todo lobo curioso, ele gosta de respostas. Me diga, *lady Vasconcellos*, o que está fazendo por este lugar tão vazio?

Me aproximo de seu pescoço, aspirando o perfume — um pouco enjoativo, vale salientar — e ouço o gemido baixinho. E sequer toquei na mulher...

— Responda — insisto —, o que faz por este lugar?

— Vi você fotografar próximo de onde estou hospedada. — Sua voz sai baixa, rouca, completamente afetada.

Ergo as sobrancelhas, em um incentivo para que ela continue falando.

— Achei você interessante. Quis conferir de perto o... material.

Lentamente passo a mão esquerda por sua cintura, Tateando o local e, depois de um aperto firme, aproximo seu corpo do meu, aproximando meu rosto a centímetros do dela.

— Está perto o bastante agora para você?

A mulher arfa, e os olhos escuros se arregalam um pouco pela surpresa. Os lábios se entreabrem, incentivados pela proximidade, e eu me aproveito disso. Sem pedir licença introduzo minha língua, em um beijo duro e sem nem um pouco de delicadeza. Geralmente é o tipo de beijo que faz sucesso, já andei notando que os cafajestes, ogros e salafrários estão sempre em alta, e faço questão de sempre me utilizar dessa informação.

Subo a mão livre até seu pescoço, e a fecho ao redor de sua nuca, segurando os cabelos castanhos e lisos de forma que ela fica totalmente à minha mercê. Isso parece ter acendido ainda mais a mulher, porque seu quadril passa a se curvar para a frente, procurando contato. Solto sua cintura e percorro seu corpo, lentamente, até alcançar o monte entre suas pernas, onde acaricio por cima do tecido, ouvindo seu grunhido.

Apesar de saber que a mulher está na minha, eu não consigo ser totalmente cafajeste. As mulheres com quem eu me relaciono não têm culpa alguma da vida de merda que eu tenho e não posso, de forma alguma, brincar

com elas, como já fizeram comigo um dia.

Criar expectativa e não as atender depois é uma merda, digo isso por experiência própria.

A ouço reclamar quando quebro nosso beijo, e dou um sorriso satisfeito. Passo o polegar por toda a extensão de sua intimidade, sentindo o tecido já úmido por sob o meu toque. Seguro seu queixo, erguendo seu rosto, a fazendo olhar para mim.

— Você tem que saber algo sobre mim, Paula. Eu não namoro. Qualquer coisa que aconteça entre nós aqui, terá que ser o suficiente. — Ela balança a cabeça, ansiosa e impaciente, fisgando seu lábio inferior com os dentes. Ergo minha mão, libertando o lábio do castigo autoimposto e passo minha língua pelo local, voltando a falar baixo, a boca encostada em sua pele. — Me diga que entendeu... sem relacionamento. Serve assim para você?

— Pelo amor de Deus, para de falar e me fode de uma vez!

Olho em volta, para ter a certeza de que estamos sozinhos. Apesar de meio maluco, eu não exporia a mulher aos olhos dos outros dessa forma. A viro de costas para mim, colocando seu corpo apoiado em uma árvore à nossa frente, e seguro seu cabelo em um rabo de cavalo firme, puxando sua cabeça para trás. Enquanto isso, minha outra mão já encontra caminho por dentro do elástico, descendo por sua pele depilada até encontrar sua vulva.

— Encharcada... — Com o dedo médio, faço movimentos circulares em seu ponto sensível, a fazendo estremecer. — Me diz uma coisa, eu não vou encontrar nenhum namorado ciumento por aí não, certo?

— Não, ninguém... ah. Ai, assim, Pedro...

Outra coisa que eu gosto demais é de dar à mulher com quem estou um gostinho de poder. Elas sempre gostam de comandar o ato, isso as deixa um tanto fogosas, e a coisa fica prazerosa para ambos.

— Mostra *pra* mim, o que você quer, mostra...

Em um estalo ela se vira para mim, desta vez comandando o beijo que trocamos. Não vou poder dizer que a mulher beija mal, seus movimentos são sensuais e o sabor de hortelã é realmente delicioso. Com habilidade, ela abre o zíper da minha calça, liberando meu membro e passa a me masturbar com uma certa maestria, me deixando ainda mais aceso.

— Nunca vi um pau tão grosso! — ela diz, entre beijos, e acho que essa deve ser das minhas, pois sabe dizer as coisas certas, nas horas apropriadas.

— Abaixa sua calça, então, porque além de ver, vai sentir.

Busco rapidamente na carteira um preservativo e, depois de vesti-lo, sequer espero muito. Viro novamente Paula de costas, a deixo empinada e arremeto de uma só vez, aproveitando sua entrada lubrificada. O movimento a faz dar um grito de surpresa e eu a seguro pelo pescoço, trazendo seu corpo de encontro ao meu.

— Cuidado com os gritos, moça... vai saber que outro tipo de bicho que tem por aqui.

Passo a arremeter contra ela, um movimento duro de entra e sai, enquanto a mantenho firme no lugar pela cintura. Como uma das mãos está em seu pescoço, consigo sentir o movimento de sua glote quando ela engole, ou quando busca por ar, ou o vibrato de quando um grito rouco escapa por sua garganta.

Não há delicadeza nenhuma, é sexo puro e selvagem, e o fato de estarmos no meio do nada, deixa a coisa ainda mais quente. O único barulho que ouvimos, além do vento nas folhagens, é o choque de nossos corpos e os gemidos que isso provoca.

— Eu vou... ah, eu vou... — ela diz, entre gritos e gemidos, sem conseguir finalizar a frase, e eu sinto meu pau ser esmagado dentro dela, conforme seu corpo se contrai durante o orgasmo. Gozo junto, apoiando a mão na árvore à nossa frente, enquanto aguardo meu corpo se estabilizar.

— Uau, que lobo... — ela zomba, e caímos juntos na gargalhada.



Jogo os braços por cima do rosto, vendo pela janela a noite cair. Ouço a respiração compassada da mulher ao meu lado e penso que, novamente, eu fiz tudo errado. Do que adianta vir com essa conversa de *sem relacionamento, nada sério* se, depois, eu acabo envolvido em um namorico que, no final, acaba machucando alguém.

Depois da rapidinha na árvore, paramos para almoçar no caminho de volta. Paula está hospedada em uma pousada um pouco menor, próxima de Fonhill e, se entendi bem, concorrente direta de Maria Luiza. Entre um assunto e outro, ela me contou ser editora de um grupo de publicações no Brasil e me pediu uma das fotos que eu fiz hoje, para ser publicada em uma de suas revistas. Obviamente não me opus, a acompanhei até seu quarto e, depois de escolhida e editada, entreguei-lhe a foto que eu tinha acabado de tirar antes que ela se aproximasse.

Acabamos esticando nossa *conversa* para a sua cama, que é onde me encontro neste momento. Satisfeito pelo sexo, exausto pelo exercício... mas completamente vazio.

Relembro uma conversa que tive com Claudia, logo após deixar o hospital, onde ela me aconselhava exatamente sobre isso.

— *Seu coração precisa de uma nova proprietária, Pedro.*

A declaração não é surpresa alguma para mim, eu já sei a extrema antipatia que ela sente por Jordie. Mas, desta vez, ela está um pouco mais incisiva sobre isso.

— *Você colocou uma cerca nele, mas a pessoa a quem você o entregou, deixou crescer várias ervas daninhas no terreno. Nada que uma boa poda e rega não resolva, mas não vai ser qualquer uma que será uma boa jardineira.*

Apesar da voz firme, seu olhar é carinhoso. Mas eu apenas sorrio, me sentindo incapaz de conseguir tamanha proeza.

— *E como eu vou saber quem pode ser uma boa jardineira?*

— *Acredite, você saberá.*

Olhando para a bonita mulher que tenho em minha cama, eu acabo lamentando. No final, eu me vejo fazendo com elas a mesma coisa que foi feita comigo a vida inteira.

Vim para a Escócia tomar juízo, e já passou da minha hora.

2



Dez meses depois

Ajeito a alça da bolsa que carrega minha câmera e estico a passada, alcançando Donnie, o garoto que tem me acompanhado nos últimos meses. Depois do último contrato que assinei, fui obrigado a contratar um assistente, era praticamente impossível cuidar de roteiros, hospedagens, fotografar e entregar material, sozinho.

Freya, a recepcionista de Fonthill, acabou por me apresentar um amigo da faculdade que adorava fotografia e ele vem sendo meu parceiro de viagem nessa última ronda por Inverness.

Sim, minha vida deu uma guinada imensa nos últimos meses. Tudo aconteceu depois daquela foto que Paula me pediu para publicar em uma de suas revistas. Mal acreditei quando recebi um telefonema de uma grande publicação de turismo querendo fechar um contrato para fotografar para eles por seis meses, incluindo mídias física e digital.

Ser pago para viajar é o sonho de qualquer um, então, eu obviamente aceitei.

A coisa ficou melhor quando, enquanto fotografava na icônica cidade de St. Andrews, aqui mesmo, na Escócia, decidi fazer um vídeo e publicar em minha rede social, tomando o cuidado de marcar a publicação. O vídeo viralizou, eu nem sei dizer direito o porquê, mas a minha lista de seguidores quadruplicou e eu cheguei a dar entrevista para um programa de variedades dominical na maior emissora do Brasil.

Por conta disso, acabei ficando famoso, ganhei o apelido de “fotógrafo viajante” e, de lá para cá, eu já fotografei basicamente a Escócia inteira, viajei à Grécia, Dinamarca, Rússia, Suécia, Croácia e até Islândia, recebi prêmios, e tenho propostas para fazer uma série de vídeos — seja de variedades ou de workshop. Não fiquei famoso fotografando mulher pelada, mas, no final das contas, me dei muito melhor. Poder unir todas as minhas

paixões — fotografia, aventura e viagem — no trabalho é coisa que poucos conseguem atingir.

— Ei, Pedro — ouço Donnie me chamar, ao passar diante a uma barraca de souvenirs, e me aproximo —, veja isso!

Olho na direção em que ele aponta, e consigo ver o grande álbum de Fonthill Inn Castle exposto em destaque. Paro em frente à banca, e pego o álbum, virando para olhar a parte de trás, nos créditos, onde se lê em inglês: *fotos por Pedro Fontana*.

Sequer consigo conter o sorriso orgulhoso, preciso de muito esforço para não sair chacoalhando o livro, cantando tal qual Roberto Carlos: “esse cara sou eu”.

Esse foi outro projeto que deu muito certo, mesmo eu tendo dado início a ele sem maiores pretensões. Quando cheguei a Fonthill, sabia que a pousada tinha sido escolhida para um grande evento nacional, e sugeri que eles precisariam de, talvez, souvenirs padronizados. Eric é um sujeito muito proativo, o que você sugere ele faz acontecer, então, acabei fazendo várias fotos do local que ele transformou em brindes. Era a minha forma de agradecer a estadia, e foi um sucesso estrondoso.

Atravesso o grande portão no que será a minha última parada, antes de voltar para casa, o castelo de Fort William. Uma escolha proposital, devido à importância do lugar na história do país, visto que, esse foi um dos primeiros fortes de defesa construídos pelo governo na época, voltado a conter a rebelião Jacobita, lá pelos idos de 1600.

O castelo, que leva o nome do novo rei, William, foi construído na montanha mais alta da Grã-Bretanha, Ben Nevis, e apesar de não ser mais uma fortaleza militar, continua sendo de importância estratégica nas Terras Altas como um próspero centro industrial.

Assistir a séries de tevê, depois que passei a conhecer mais a fundo a história escocesa, também ficou divertido. Me pego comparando tudo o que aprendi enquanto trabalhava com as coisas que são passadas em *Outlander*³ ou *Reign*⁴, muitas vezes me achando mais esperto quando identifico algumas modificações que foram feitas nas adaptações.

Isso me faz lembrar o grande painel que tenho em meu quarto, no Brasil, com os dizeres “Viajar é a única coisa que você compra e que te deixa mais rico.” Esse conhecimento que adquirimos a cada parada é algo que ninguém consegue nos tirar.

Checo as horas e ergo a cabeça, notando que falta uma hora para o pôr

do sol e, com isso, estamos entrando na conhecida “*golden hour*”, a hora mágica da fotografia para quem faz uso de luz natural.

Uma coisa que aprendi nesses meses fotografando paisagens é que o clima e as condições da luz natural podem ser um pouco imprevisíveis — principalmente em se tratando da Escócia. E, por isso, utilizar a luz natural no amanhecer ou no entardecer é a melhor forma de obter resultados perfeitos.

Abro a mochila, anexando a lente ao corpo da máquina e faço um sinal para Donnie testar com o fotômetro a iluminação nos alvos pretendidos, e depois de fazer algumas fotos mais aproximadas dos locais, como os espaços na muralha onde os soldados posicionavam as armas para abater os inimigos, passo a fotografar os arredores.

Fort William é uma cidade muito bonita, pequena e pitoresca, típica das terras altas. Cercada de montanhas e com um grande lago ao redor, é um dos pontos principais de visita, perdendo talvez somente para o famoso Lago Ness e seu monstro imaginário, e a belíssima Inverness.

Encontrar um local para tirar algumas fotos decentes dentro da velha construção, no entanto, foi complicado. Pelo lado de fora, principalmente se visto antes da ponte que cruza o lago Lihnnne, o local é magnífico. Porém quando o adentramos, temos apenas um grande e extenso gramado, um arco e a comprida muralha. Tudo o mais foi destruído pelo tempo.

Sem contar o cemitério localizado um pouco adiante e que eu, confesso, preferi passar bem distante. Nunca se sabe se vamos passear por sobre o túmulo de alguém.

— Tem certeza de que no Brasil não tem essas coisas, Pedro? — o garoto pergunta, entre um clique e outro, e eu somente balanço a cabeça, lamentando.

— Infelizmente, não. Temos pouca memória histórica e o que temos acaba sendo sugado pelo descaso público.

Explico a ele, enquanto continuamos trabalhando, sobre o incêndio que destruiu o maior museu de história nacional Brasileiro. A perda quase total do seu acervo, por puro descaso, é revoltante.

— Nossa — ele reage, quase sem palavras.

— O centro histórico da cidade onde eu vivo é completamente depredado e abandonado. Uma pena.

Eu confesso que antes de visitar a Escócia, não dava muito valor a essa parte histórica da coisa, mas depois de passar meses visitando

monumentos com centenas de anos, eu consigo entender o tanto que perdemos, sem ter esse tipo de cuidado com nossa história no Brasil.



Finalizado o trabalho, é hora de recolher acampamento e voltar para casa. Com essa sessão, encerro o contrato com a publicação para a série de exploração da Escócia, e prometi a mim mesmo tirar uns dias de férias antes de fechar qualquer outro contrato longo como esse. É lindo, maravilhoso, mas cansativo *pra cacete*.

A viagem de volta a Kennoway é um pouco mais demorada, porque, apesar de estarmos em um período de estiagem, não podemos confiar completamente na previsão do tempo e enfrentamos uma boa chuva no caminho. Três horas se tornam quatro horas e meia, e já passa muito das 21h30 quando Donnie estaciona o carro em frente à simpática casinha de Eric que, nos últimos nove meses, eu tenho chamado de minha casa também.

Assim que surgiu a oportunidade de trabalhar aqui no país, eu fui em busca de um quarto ou uma casa simples para alugar, pelas redondezas. Não podia ficar ocupando um quarto da pousada indefinidamente, principalmente sabendo que eles estariam a todo vapor nos meses seguintes.

Tudo estava bem movimentado, Maria Luiza e Vicente estavam de volta também, as coisas estavam diferentes e eu não podia ser abusado. Claro, eu poderia pagar pela estadia, mas eu também não nadava em dinheiro, sairia muito mais caro do que locar um espaço fora dali.

Me surpreendi quando Eric me propôs ficar em sua casa, o dinheiro extra cairia bem e ele tinha um quarto sobrando. Um quarto sobrando e uma irmã saliente. Irmã essa que me espera, com um sorriso imenso, na porta de entrada.

— Aye! Finalmente chegou!

— Violet... tudo bem, ruivinha? — Me abaixo, deixando um beijo em seu rosto e passo por ela, seguindo até a pequena sala de estar.

A casa de Eric é um tanto aconchegante e tem uma história muito curiosa. Sua família era guardiã de Fonhill e, por muito tempo, essa casinha foi passada de geração a geração, em uma obrigação centenária de tomar conta do lugar. Quando Maria Luiza assumiu a pousada, passou para o nome dele as terras onde a pequena casa está construída e somente então ele se sentiu confortável para fazer algumas modificações.

Mas somente de olhar em volta, podemos ver que ele é um cara simples e muito ligado à família. Vicente, claro, a chama de *casa da vovó*, mas eu a acho muito acolhedora. Tudo antigo, de madeira escura, retratos espalhados pela sala, uma grande estante forrada de livros e miniaturas de símbolos escoceses por sobre os móveis. Se levar em conta que são dois jovens vivendo aqui, pode parecer estranho, mas só mostra o apego que ele tem pelas tradições e por sua história.

Sigo em direção ao corredor e Violet vem atrás de mim, como sempre, me deixando a par do que acontece em minha ausência.

— Eric está na pousada, e Vicente acabou de chegar de Markinch, ele foi resolver algumas coisas, não sei bem quais. — Seu tom de voz, ansioso e baixo, entrega bem mais do que ela quer dizer.

Violet é uma garota um tanto peculiar, apesar de já ter 25 anos, ela tem um comportamento, por muitas vezes, adolescente. É atrevida, deslumbrada, e acabou me lembrando de Jordie, em vários momentos, porque a sua forma de defender Eric é exatamente a mesma, ela passa por cima de qualquer um, pensando no bem-estar do irmão.

Claro que é uma visão torta de defesa, o irmão dela com certeza não ficaria satisfeito em saber que tivemos algumas noites bem animadas desde que eu me mudei. Noites, essas, que foram encerradas quando me dei conta de que ela tinha um relacionamento escondido com Greg, o segurança grandalhão.

— Que bom — desconverso —, vou tomar um banho e comer alguma coisa, estou bem cansado.

— Se quiser uma massagem, eu posso fazer.

— Já conversamos sobre isso, Violet. — Me viro, a encarando para que ela entenda que eu não estou brincando a respeito. — Eu não gostaria de ser traído, então, eu não vou fazer isso com o Greg. Ele gosta mesmo de você, deveria dar valor a isso.

— Eu também gosto dele, Pedro. Mas você é diferente. Me trata como adulta, faz eu me sentir bonita.

— Você é adulta — afirmo, com firmeza, a fazendo erguer os olhos —, eu te trato como tal porque não gosto de criancice. Greg atura isso de você porque é apaixonado, não é justo brincar com os sentimentos dele.

Os olhos verdes e tristonhos vagueiam pela sala, parando no grande quadro que enfeita a sala, no qual ela sorri de volta, em uma fotografia tirada por mim, meses atrás. Sentada na frente do lago, a blusa de linha caída no

ombro e um olhar sedutor, a foto, modéstia à parte, ficou linda.

— Greg não gosta das minhas fotos... — murmura, quase como dizendo para si mesma.

— Ele tem ciúme. Você, convenhamos, não é fácil. — Me aproximo, a segurando pelo ombro. — Reavalie os seus sentimentos, ruivinha. Se ver que não gosta dele, termine com o cara. Mas não o faça sofrer, pense que alguém poderia fazer o mesmo contigo e você não gostaria disso.

— Você ficaria comigo, se eu terminasse com ele?

— Não — digo, contundente, e a impeço de virar o rosto, segurando seu queixo em minha direção. — Não gostamos um do outro desse jeito, e você sabe disso.

A garota suspira, rendida, e pisca os olhos rapidamente, talvez tentando conter algumas lágrimas que eu já podia ver brilhando por ali. Apesar de serelepe e um tanto difícil, Violet é uma boa garota. Só odeia ser tratada como criança, o que, convenhamos, ela já deixou de ser há um bom tempo.

— Se não gosta dele, termine. É nova, e tem uma vida inteira pela frente, não precisa ficar com alguém só para não ficar sozinha.

— Acha que eu posso ser modelo?

— Acho que pode ser o que você quiser. Só não vá se meter em nenhuma enrascada, já conversou com Vicente e ouviu as histórias que ele contou a respeito.

Quando ele trabalhava como delegado federal, no Brasil, liderou por anos uma investigação de tráfico de mulheres. As meninas eram seduzidas por uma chance de modelar em grandes agências na Europa, e acabavam vendidas como prostitutas. Ele pode ter resolvido aquele caso, mas esse perigo continua real, então, todo cuidado é pouco.

— O que está acontecendo aqui? — O tom raivoso de Eric irrompe pelo ambiente e encaro Violet, fazendo uma careta antes de virar para o escocês parado na porta, de braços cruzados e uma expressão um tanto enfezada.

— Estávamos falando sobre o futuro de sua irmã — aponto para a foto — e eu a aconselhava a não se meter em nenhuma enrascada.

— Ainda com essa história, Violet?

A pergunta, em tom de crítica, acaba tirando a menina do sério. A tristeza anterior vira revolta e uma cantilena em gaélico passa a ser entoada. Isso, ou todos os palavrões do mundo, deixando o irmão perplexo e ainda

mais vermelho.

Após ouvir a porta do quarto sendo batida com força, ele se vira para mim e sua expressão tem uma imensa reprimenda. Ele não tinha gostado quando ela apareceu com as fotos que eu tirei, mas honestamente eu não tinha visto problema algum. A menina é bonita, fotogênica e queria se sentir sexy. Aliás, eu até acho que muito do seu comportamento irascível e inconsequente é por conta dessa superproteção de Eric, a querendo poupar do mundo, com medo de que algo lhe aconteça.

Compreendo? Compreendo.

Concordo? Nem um pouco.

— Nem venha me criticar! — Ergo a mão, já interrompendo qualquer reprimenda que ele tenha para mim. — Você já disse tudo o que queria e ouviu tudo o que eu tinha a dizer. Sua irmã é adulta, Eric, há alguns anos ela saiu da adolescência.

À primeira vista, Eric McDonald é um sujeito um tanto antipático. Alto, forte, barba cerrada parecendo um lenhador, ele é muito seco e literal, do tipo que parece sempre estar desconfiando das intenções alheias. Porém conforme o conhecemos melhor, vemos que ele é apenas um sujeito simples e cheio de responsabilidades, que acabaram lhe tirando um pouco a leveza.

E é dessa forma que eu o vejo agora, mãos na cintura, cenho franzido, respirando pesado, enquanto tenta me convencer de que sua irmã é uma pequena cabeça de vento.

— Se depender de Violet, ela vai sair pelo mundo fazendo nudes para postar no Instagram.

— Vai, se você continuar dando motivos a ela para te desafiar.

Dou de ombros, recolho a bolsa com meu equipamento, enquanto continuo falando com ele, que se mantém parado, pensativo, observando a foto na parede.

— Pensa por esse lado, Eric, você ficou responsável por sua irmã, e é louvável o esforço que você faz. Mas ela já é adulta e tem que se comportar como tal. Ela vai fazer merda? Claro que vai. E vai ter que responder por isso...

Passo por ele, batendo em seu ombro, saindo em direção ao quarto. Afinal, preciso estar perto da porta antes de soltar o resto da frase.

— Portanto, se ela fizer nudes por aí, a única coisa que você precisa fazer é decidir se vai pagar fiança, caso ela seja presa.

Gargalho ao ouvi-lo xingar, e me jogo na cama, exausto da viagem.

Os últimos meses corridos finalmente cobrando seu preço, estou com o corpo todo moído e a cabeça não para um minuto, revendo tudo o que eu preciso fazer para finalizar esse último trabalho.

Jogo o braço por sobre o rosto ao me lembrar de que hoje não fiz nenhuma postagem em minha rede social, nenhum stories, nada. Desde que aquele vídeo viralizou, meses atrás, eu fui buscar novas formas de engajamento em redes sociais e acabei entendendo que eu ganho uma visibilidade enorme dessa forma, chamando atenção para o meu trabalho. O problema é que as coisas acabaram ficando um tanto quanto automáticas nos últimos tempos, uma obrigação que sinceramente eu não estava querendo ter.

Eu sou um cara espontâneo, e se não for dessa forma, não tem razão de ser.

Me livro das botas, pego uma roupa qualquer no armário e sigo para o chuveiro. Água morna na cabeça sempre resolveu meus problemas.

Minto. No meu caso, sempre foi água gelada, mas tive que reavaliar isso depois de morar meses na Europa, ou eu viraria um pinguim amarelo.

Me olho no espelho, notando o quão diferente eu estou. Gael vivia dizendo que eu tinha pinta de gogo boy, com minha mania de descolorir o cabelo e andar com camiseta justa, chamando a atenção. Meu tempo por aqui, preocupado comigo mesmo e não em provocar uma reação de Jordie, acabou me fazendo bem.

Bom, ao menos agora eu aparento ser um cara responsável de 35 anos e, não, um garoto de programa ou algo do tipo.

Jordie...

A melhor coisa que eu poderia ter feito por mim mesmo em relação à minha vida amorosa foi ter tirado esse ano sabático. Pensar nela já não dói mais, já não me martiriza. Claro que eu não sei como eu me sentiria a vendo frente a frente, mas finalmente coloquei em minha cabeça um ponto final nessa história.

Fecho os olhos, sentindo o jato morno me atingir e, enquanto me ensaboo, acompanho a música que ecoa pela casa, um dos velhos rocks que Eric curte tanto ouvir e que já fazem parte da minha playlist.

“E eu pergunto, ainda me pergunto, quem irá parar a chuva?”



Fonthill está às voltas com a preparação para a chegada do bebê

Avellar e Maria Luiza faz muito bom proveito do argumento “estou gestante”, qualquer coisa é motivo para utilizá-lo. Sobrou até para mim, que fui obrigado a aceitar pagamento pelo trabalho promocional que eu fiz, ainda que eu argumentasse que não tinha pago absolutamente nada pelo período em que estive hospedado na pousada.

— *Pedro, estamos recebendo por isso, os produtos são comercializados. O que é certo, é certo, e não discuta comigo, porque estou gestante, quase parindo.*

Apesar de estar morando na casa do Eric, as refeições são todas feitas no casarão, na área de serviço, junto com os funcionários. Uma animação só, principalmente se levar em conta o tanto que Vicente enche o saco do pobre gerente. Cada jantar é um apelido diferente e eu, confesso, já perdi as contas de quantos novos apelidos o rapaz ganhou nas últimas semanas.

Geralmente é um horário animado, eu sempre acompanho as piadas e brincadeiras, mas desde que cheguei da última viagem, eu me sinto meio em suspenso. Cansado demais, saudoso, observando aquela bagunça familiar em volta da mesa e me lembrando da minha vida, dos meus amigos. Dos jantares na casa da Babi, dos Prieto, ou até mesmo dos almoços mais simples com Claudia.

Por mais de uma vez fui perguntado sobre meu estado pensativo, até que cansei de responder o que não havia resposta e deixei o casarão mais cedo, voltando para o quarto, mesmo com toda a insistência para que eu ficasse.

Plugo o celular no carregador e vejo a tela se acender. Milhares de notificações de curtidas e comentários que eu simplesmente descarto com um arrastar de dedo. Abro o aplicativo, vendo que recebi mais de duzentos e cinquenta *directs*, mas não respondo nenhum deles. Principalmente depois de ver a foto da senhora minha mãe, Silvia Fontana, encabeçando a lista de atualizações.

Dona Silvia é uma mulher muito bonita. Olhos verdes expressivos, maçãs do rosto proeminentes — talvez fruto de uma intervenção cirúrgica bem-feita, pois não me lembro delas serem tão marcadas assim antes — cabelos loiros e longos, nariz fino e lábios bem desenhados. Pequena, magra e de pose altiva, é muito bem-vista na sociedade paulistana.

Não é difícil acompanhar sua vida social pelas redes. Ela está sempre em algum grande evento de endinheirados. Jantar em homenagem à primeira dama, almoços beneficentes que, bem, sabemos não beneficiam ninguém que

realmente precisa, encontros de negócios com os amigos do senhor seu marido, meu pai.

Desço a linha do tempo, buscando a fotografia que ela repostou quando eu apareci naquele programa de variedades. Em caixa alta, ela mostra ao mundo o *orgulho* que sente de seu filho, agora famoso. Diz a todos o quão competente, esforçado e talentoso eu sou, um verdadeiro presente dos céus.

Ela só esqueceu de mencionar que não disse uma dessas palavras diretamente a mim, e se eu não a seguisse nas redes, nunca saberia. Dela, recebi a mesma indiferença de sempre, somente disfarçada quando estávamos em público, porque, sabe como é, não pega bem uma matriarca da tradicional família brasileira desdenhar do filho.

Já meu pai mudou o discurso, hoje ele não tenta mais me convencer a desistir. Agora ele só faz mesmo questão de diminuir qualquer êxito que eu tenha.

Esse tratamento dado por eles seria enlouquecedor, caso eu me importasse. Mas eu parei de me importar há muitos anos, as palavras que realmente fazem diferença em minha vida vêm de meus amigos, meus padrinhos... e dela. Se Olavo Fontana, ao menos, sonhasse que eu a tenho em minha vida, cairia duro.

Balanço a cabeça e coloco o celular de volta em cima da escrivaninha. Abro meu laptop e passo a descarregar as fotos que tirei hoje, pois o trabalho pós-sessão é tão trabalhoso quanto tirar as fotos em si. É necessária muita atenção para separar as fotos que eu considero melhores, e geralmente eu gasto um tempo considerável nisso.

Sou interrompido pelo celular vibrando sobre a mesa, e sobressalto ao ver que, ao invés de ser uma mensagem de texto, é uma ligação de Gael. Ele nunca telefona a essa hora da noite e sinto o coração disparar, pensando que alguma coisa de ruim possa ter acontecido.

— Ei, mano! Tudo bem?

— *Porra, Pepê... quando você vem embora, cara?*

O tom risonho de sua voz diminui minha preocupação, e me inclino na cadeira, utilizando o encosto e erguendo as pernas, as apoiando na cama.

— Eu sabia que aqueles cabelos castanhos não iam te manter satisfeito por muito tempo. *Tá sentindo falta do loiro, né?*

A gargalhada alta do outro lado me faz rir junto.

— *Nem em outra encarnação. Como você está?*

— Estou bem, mano. — Fecho o laptop e me levanto, indo em

direção à minha cama, desabando sobre ela ainda com o celular no ouvido. — Terminando aquele trabalho das Terras Altas, estava editando as fotos agora. E vocês?

— *Estamos bem.* — Ouço uma gritaria no fundo, e já consigo visualizar Bruno correndo com o cachorro pelo quintal, naquela algazarra gostosa.

— Está onde? No padrinho?

— *Sim. Viemos jantar aqui, e contar a novidade. Você sabe, né? Dei a aliança para ela ontem...*

— AHÁ! — Meu sorriso se expande de tal forma que sinto o maxilar doendo — Finalmente! Dois anos, Gael, já estava na hora...

Há um tempinho ele me contou que queria pedir Babi em casamento, eu lamentei não estar no Brasil para ajudar, mas isso não o impediu de ficar me mandando fotos das alianças — e eu de tirar muito sarro com a grossura das que ele escolhia.

Eu me considero um cara ciumento, mas nada se compara aos ciúme que Gael tem da namorada.

— *Não perturba* — ele rosna, cortando o assunto. — *Me conta, quando você vai dar outra entrevista daquela?*

— Saudade de me ver na telinha?

— *Meu estoque de memes acabaram, estou precisando de uma renovação.*

Apesar da zombaria, Gael foi o primeiro a ligar, gritando, surpreso, quando viu minha entrevista em rede nacional. Junto com Claudia, ele é o maior entusiasta de minha carreira de fotógrafo, e quem me deu o maior apoio quando disse a ele meus planos de me manter por aqui.

Passo um bom tempo contando como anda minha situação profissional aqui, o final do contrato e a incerteza sobre aceitar mais um desses contratos longos ou simplesmente seguir rodando a Europa, dessa vez sem obrigação com trabalho.

— *E por que não voltar para casa, Pepê?* — ele pergunta, daquele jeito de irmão mais velho que sempre te desarma.

Suspiro, levando a mão à nuca, esfregando o cabelo. Em partes, querendo dizer que estou voltando, cansado dessa vida de nômade, morto de saudade das pessoas que eu amo, da minha vida tranquila em São Paulo. Outra, achando que não me acostumo mais àquele vazio de sempre e, de certa forma, temendo fazer alguma burrada mais uma vez exatamente por causa

disso. Por me sentir sozinho.

— As coisas não são tão simples, Gael.

— *Levando em consideração o horário, eu tenho bastante tempo para ouvir.* — Ouço um barulho de cadeira arrastando e consigo visualizar o insuportável se ajeitando em um canto qualquer, pronto para ouvir o que eu tenho a dizer. — *Vamos, desembuche!*

— Eu talvez tenha mais um contrato ou dois para fechar — digo, sem qualquer convicção, e isso é algo que um advogado do calibre de Gael Prieto reconheceria de longe.

— *Me recordo perfeitamente de nossa conversa, minutos atrás, em que você dizia que tiraria férias.*

— E não mencionei o Brasil em nenhum momento — aponto.

Estou na Escócia há dez meses e, desde então, venho precisando fugir de Paula, que grudou em mim de uma forma irritantemente insuportável. Não consigo nem imaginar como será, caso estejamos no mesmo país.

— *Não sabia que você era um covarde.* — O tom de humor some um pouco de sua voz e, por incrível que pareça, eu me envergonho.

Nunca me abri com Gael sobre meus sentimentos por sua irmã quando isso era relevante, e não o farei agora. O que eu não quero assumir nem para mim mesmo é que eu tenho muito medo de voltar e fazer alguma burrice.

— Não tem nada a ver com covardia. A minha vida simplesmente mudou, e você sabe disso!

Ouço-o rir do outro lado, tendo certeza de que, como sempre, conseguiu me atingir com seu jeito extremamente irritante e provocativo, e acabo perdendo a paciência.

— Está tirando sarro de mim, *cacete?* — pergunto, irritado, para ouvi-lo gargalhar ainda mais alto.

— *Não, eu só estou achando que nada que você me disse agora terá qualquer importância depois que eu disser o porquê te liguei.*

— Então, conta logo! — Me sento, impaciente, e sem um pinga de vontade de tentar adivinhar o que ele tem a dizer.

— *Eu não posso te convidar para padrinho do nosso filho, se você estiver do outro lado do planeta* — ele diz, dando uma pausa dramática —, *então Babi falou que se você ainda quiser ser padrinho do filho dela, tem que voltar para casa.*

O ar chega a me faltar com a notícia. Me lembro no mesmo instante

de quando ele me disse, anos atrás, que Sofia estava grávida de Melissa. Ou quando me deu a notícia do segundo bebê que ela estava esperando. Era tanta felicidade que não cabia dentro dele, e perder os três o havia destruído. A vida o havia dado uma segunda chance com Babi e Bruno e saber que esse amor está rendendo frutos é... fora de série.

— *Porra, Gael...* — Soluço, emocionado, sem controle. Rindo e chorando ao mesmo tempo, sendo acompanhado por ele do outro lado da linha.

Um falatório se inicia próximo a ele, já me fazendo rir ao imaginar a italianada toda se aproximando, falando todos juntos, atropelando frases e perguntando tudo ao mesmo tempo agora. Ouço Babi pedindo o telefone e logo sua voz suave e risonha me alcança.

— *Volta pra casa, Pepê. A gente quer você aqui perto... vem?*

Frente a esse pedido, eu não tenho nada mais o que pensar. É somente finalizar as coisas aqui e voltar.



Jordie

Estaciono o carro em frente ao prédio simples, me achando sortuda por encontrar uma vaga, mas achando um absurdo uma rua totalmente residencial ser tão concorrida desse jeito.

Carros estacionados na rua me deixam nervosa, e talvez esse seja um medo que nunca irei superar. Assim como a culpa que me cerca desde que Sofia foi assassinada. Não importa que as pessoas digam que não foi minha culpa, isso não é algo que eu consiga simplesmente eliminar.

Já faz anos que tudo aconteceu. Em um dia, eu estava envolvida em uma paquera descompromissada com um lindo espanhol que conheci na academia, contando a ele tudo sobre nossa rotina, sobre nossa família. Orgulhosa de meu irmão, de seu casamento. No outro, descobri que de espanhol, ele não tinha nada. O grego, ex-cliente de meu irmão, era acusado de estuprar uma garota e responsável por uma crise entre Gael e minha cunhada.

Sequer tive tempo de me recuperar do baque. Havia entregue a Dimitrius a localização de minha família e ele fez uso dessa informação, emboscando Sofia e Mel, metralhando seu carro, destruindo nossa família por anos.

Pensei que Gael nunca se recuperaria. Eu via meu irmão se afogando em culpa, em tristeza, em desespero. Tudo por minha causa, tudo porque eu simplesmente falei demais.

Como se não fosse dramático o bastante, esse mesmo grego foi o responsável pelo grande inferno na vida de Bárbara, e quase matou Pedro. Cada baque neles, a minha mente gritava, me acusando.

“Sua culpa, Jordie!”

Eu tento me livrar disso. Seguir adiante, mas as coisas nunca mais foram as mesmas. Meus pais nunca me julgaram, meu irmão me odiou por

minutos, mas Bárbara e Pedro, eu sinto que eles nunca me perdoaram. E eu sequer posso culpá-los, nem eu mesma me perdoo por isso.

Movo os olhos para o chão do carro, e noto o pacote metalizado jogado ao lado do banco do carona. Sinto meu rosto queimar ao lembrar a noite anterior, e me abaixo, atrapalhada com o cinto de segurança, apanhando a embalagem vazia e a jogando no saquinho de lixo preso ao câmbio manual.

Um misto de irritação e excitação me tomando, como já é natural de acontecer todas as vezes em que eu me lembro dele, e como eu sou tonta em sempre ceder quando Murilo aparece com aquele sorriso safado e aquele perfume de macho gostoso.

Me peguei dirigindo ontem à noite, sem rumo, até me ver em frente ao seu trabalho, como se a minha mente, inconscientemente, me levasse até ele. O sorriso cheio de si me irrita, mas eu gosto quando o policial marrento deixa tudo o que está fazendo e vem ao meu encontro, sorrindo, satisfeito.

O nosso primeiro contato, na casa de Maria Luiza, foi um tanto quanto irritante, mesmo a atração sendo instantânea. Eu estava nervosa, gritando descontrolada, querendo descontar em todo mundo a minha frustração e, de repente, lá estava ele.

Grande, forte, cheiroso e atrevido.

Murilo não é o tipo de cara que eu iria parar para olhar, mas quando ele surgiu naquele corredor, me prensando na parede e mandando eu calar a boca, o meu corpo respondeu de imediato. Eu deveria ter me sentido ofendida, principalmente pela forma com a qual ele falou comigo, porém, o calor em sua voz ficou grudado em mim.

“Você solta é um perigo, gata brava...”

Nosso segundo encontro foi totalmente casual, não muito tempo depois. Precisei buscar uma encomenda grande de papelaria para a escola, porque a entrega estava atrasada, e ele estava parado próximo ao local.

Foi impossível não prestar atenção.

Alto, musculoso, vestido todo de preto, a pele negra reluzindo ao sol, destacando o sorriso de dentes brancos, e o andar de pantera prestes a devorar sua presa havia me deixado sem ar. Principalmente por saber, ali naquele instante, que sua presa era eu.

Essa sensação continua me acompanhando, mesmo já tendo se passado um ano desse nosso primeiro encontro.

Passo os olhos pelo piso do carro, me certificando de que não existe mais nenhum rastro de nosso encontro, mas sem conseguir conter as

lembranças.

— Então, a princesinha estava com saudade? — ele pergunta, logo que se senta no banco do carona, se curvando até que seu rosto esteja mergulhado na curva do meu pescoço, aspirando meu perfume de forma exagerada.

— Estava passando aqui em frente e te vi parado, só isso. — Dou de ombros, sem querer me render.

O sorriso aberto entrega que ele parece adorar esse jogo. Adora quando eu não cedo, parece que fazer com que eu me dobre aos seus caprichos é um desafio a mais nessa... coisa sem explicação que temos.

— Sei, sei... e, nessa passadinha rápida, você quer fazer alguma coisa?

Suspiro e desvio o olhar. A vontade que eu :tenho é de declinar, estou faminta, cansada, o dia na escola foi corrido demais.

E ainda tem um jantar de última hora, que mamãe faz questão de minha presença, talvez para anunciar o noivado de Gael. Eu o ajudei com a decoração da casa nova, estou feliz demais por ele, o meu irmão parece outra pessoa agora. Mas isso é o máximo que eu curto nessa lengalenga de casamento, se eu pudesse pular o discurso e o brinde, eu o faria.

— Na verdade, eu preciso ir para casa — desconverso. — Estão me esperando, reunião de família.

— Está tudo bem por lá? — ele pergunta, curioso, e eu acabo nem estranhando, afinal de contas, ele conhece quase toda a minha família, ainda que ninguém sequer desconfie desses nossos encontros.

— Gael ficou noivo ontem, então eu acho que ele vai contar aos meus pais hoje.

— Ah, coitado... — Ele ri, alto, e eu acabo acompanhando.

Esse desprezo dele pela palavra casamento foi o que acabou me chamando a atenção. É quase como se fôssemos compatíveis. E tão logo a palavra “compatível” surge, é acompanhada por um arrepio, como se meu corpo me pedisse para esquecer.

— Se quiser carona, eu te deixo em casa — digo, despretensiosa, e ele nega de imediato. Nunca me deixou sequer saber onde vive, o que me faz pensar que ele tem alguém o esperando e, ainda que contra a vontade, isso me causa um certo desconforto.

— Eu ainda tenho algumas coisas para fazer por aqui. — A voz,

porém, soa carinhosa, se desculpando, e eu apenas sorrio.

Sinto sua mão quente pousar sobre a minha perna e meu olhar segue até ela, subindo pelos braços fortes, até encontrar seu rosto sorridente, um ar safado que já indica o que ele está pensando.

— Que tal manobrar o carro até ali? — A cabeça faz um movimento indicando um outro ponto não tão à vista das pessoas que passam, uma rua sem movimento, na lateral de uma fábrica desativada.

É inevitável sentir o estômago retorcer por antecipação. Os nossos encontros são sempre furtivos, escondidos, mas quentes e, por isso, acabo sorrindo conforme manobro o carro até o ponto indicado.

Longe dos olhos mais curiosos, nem bem desligo o motor sou pega de jeito por ele, aqui mesmo no banco do carro.

Não é preciso muito esforço para me puxar ao seu colo, seu ataque sendo facilitado pela roupa que eu uso. Um vestido soltinho, de alça e sem sutiã, é realmente tudo o que se quer para um sexo rápido no meio da rua. Posso sentir sua palma grossa subindo pela minha coxa, segurando com firmeza ao mesmo tempo que sua voz grossa sussurra em meu ouvido:

— Cada dia mais cheirosa, Jordie — ele diz, baixo, conforme o nariz percorre um bom trecho do meu pescoço, me fazendo arrepiar.

A combinação de sua barba por fazer, raspando minha pele, com seus dedos já invadindo minha intimidade nublam meu pensamento. A voz rouca, a pegada firme e o perfume delicioso que ele tem são algo marcante que, por muitas vezes, eu me pego sentindo falta.

É completamente casual, exatamente do jeito que eu gosto. Sem amarras, sem compromisso. O problema é que isso é bom demais, e tudo o que é bom, nos deixa mal-acostumado.

Passo as unhas por sua nuca, sentindo a textura do seu cabelo raspado e, após um gemido rouco, ele me segura, firmando a minha cabeça e então os lábios carnudos, experientes, tomam minha boca com um furor que me tira o ar.

O seu beijo é delicioso. Ele é o tipo de homem que sabe beijar, e que com um beijo é capaz de conseguir qualquer coisa que ele quiser.

O escuro do carro, assim como o espaço apertado, não me permitem o admirar como eu gostaria. Passando a mão por seu corpo musculoso, me delicio sentindo a firmeza por sobre os dedos. Bíceps, tórax, abdômen, tudo muito bem conservado e firme, com músculos definidos. Sinto sua pele quente reagir ao meu toque, e levo minha boca à sua orelha, puxando o lóbulo e

ouvindo ele gemer, preguiçosamente gostoso.

— Você me tira do sério... — ronrono, quando nossos lábios se separam.

— Devíamos ir para um motel — ele declara, de volta —, estou cansado de comer você em paredes e bancos de carro.

Eu também estou, mas a urgência do momento é maior que a vontade de me sentar nesse homem com conforto. Me erguendo lentamente, apoiando meu corpo nos joelhos, levo as mãos até o botão de sua calça, sentindo seu membro rijo crescer ainda mais com o movimento.

Já tinham me falado sobre o fato de homens negros serem bem-dotados, mas eu nunca tinha estado com nenhum antes dele. Se ele for algum tipo de parâmetro, eu só posso dizer que toda mulher merecia passar pela cama de um negão ao menos uma vez na vida.

Quando liberto seu membro, o puxando para fora da cueca, fecho a mão ao seu redor, a deixando deslizar até a base e depois voltando até a ponta, sentindo o pulsar nas veias saltadas. A boca chega a salivar, imaginando uma grande barra de chocolate pronta para receber lambidas.

Sinto a alça do meu vestido deslizar, deixando meu seio desnudo, e logo estou recebendo sua boca faminta, mamando em mim, feito um desesperado, conforme eu continuo o masturbando.

É enlouquecedor. Sempre que nos encontramos e acabamos dessa forma, o juízo parece ser o primeiro a nos abandonar.

Agitado, ele segura meu pulso, me fazendo parar, e inclina o corpo para a frente, tirando do bolso traseiro um preservativo. Em uma situação comum, menos urgente, isso teria me incomodado, era como se o preservativo estivesse ali, esperando somente uma mulher aleatória qualquer para ser usado. Mas, neste momento, no nível de excitação que eu me encontro, não consigo pensar a respeito.

Com habilidade, ele veste o preservativo e, puxando minha calcinha para a lateral, me invade. E mesmo nesses encontros furtivos, escondidos e rápidos, eu tenho a sensação de que o meu corpo já o conhece e já se acostumou com ele.

Sinto-me sendo preenchida centímetro a centímetro, até que estamos ofegantes, parados, nos olhando, sem piscar. Ergo a mão, passando os dedos por seus lábios úmidos, ainda vermelhos dos beijos que estávamos trocando. Lindo e selvagem.

— Você é irritantemente gostosa — ele rosna, entredentes, antes de

me segurar pela cintura e erguer meu corpo, quase me fazendo tirá-lo de mim, e me trazendo novamente de encontro ao seu corpo com um pouco mais de força.

— E você gosta, que eu sei. — Começo a me mover por cima dele, apoiada em seu ombro e usando os joelhos como suporte para o meu corpo. — Negue, se for capaz.

O nosso jogo de provocação sempre aumenta durante o sexo. Gosto do fogo que acende em seus olhos quando eu o desafio, quando me faço de difícil. Ele acaba ficando ainda mais dedicado, ainda mais gostoso.

— Não negaria. Gostosa demais!

Ainda me segurando pela cintura, ele segue me auxiliando. Subindo e descendo. Mais rápido, mais forte, enquanto tentamos conter os gemidos e falhamos, perdendo completamente a noção do local onde estamos.

— Gosta, é? — pergunto, ofegante, me sentindo tão excitada, tão tomada pelo momento, que sequer me preocupo em sermos pegos.

— Não devia, mas gosto. — Sua voz sai rouca, grossa, afetada. — Desse seu cheiro, dessa sua cara de safada, dessa sua boceta apertada mamando meu pau. Desse seu queixo erguido, sempre me desafiando, querendo aprender uma lição ou outra.

— Deixa de ser pretencioso, que eu não quero aprender nada com você.

Sinto o arder em minha nádega quando ele bate, com força, fazendo com que um choque atravesse meu corpo, respondendo imediatamente em minha intimidade. Sinto-me comprimir, e ele ri, deliciado.

Fico imaginando como seria ter esse homem em minha cama. As loucuras que imagino fazendo com ele acabam me acendendo ainda mais, e ele percebe.

Seus movimentos ficam mais urgentes, mais firmes. Me levando ao limite, até que eu estou entregue, tomada por um orgasmo, envolvida em seu abraço.

Abraço esse que nunca dura mais que o suficiente até ele se recuperar. Nunca.

Desço do carro, irritada com a lembrança, e sigo até a catraca onde o porteiro já me espera com um meio sorriso no rosto. Tive uma discussão com ele algum tempo atrás, quando o vi sendo impaciente e grosseiro com uma senhora de idade, e agora todas as vezes em que nos encontramos, ele age

dessa forma, debochado.

— Bom dia, senhorita Prieto. — O vejo abaixar em uma medida e preciso de muito esforço para me conter e não sair xingando o homem novamente, lembrando-me dos conselhos do meu pai.

— *Bambina, não é uma boa ideia ficar arrumando confusão na casa de sua cunhada.*

Sequer o cumprimento. Passo pelo portão, sem entender como Bárbara pode viver aqui há tanto tempo. É um condomínio simplório demais, o pequeno hall de entrada leva direto ao elevador, e eu tenho absoluta certeza de que o valor que ela paga mensalmente ao condomínio está sendo muito mal-empregado.

Ou talvez seja a minha extrema antipatia pelos funcionários daqui falando mais alto. Não suporto gente abusada.

Subo pelo elevador, batendo o pé no soalho, acompanhando o mudar dos números até chegar ao andar correto. Quando a porta se abre, vejo Babi parada, encostada no batente, os braços cruzados.

— Bom dia — a cumprimento, com um beijo no rosto, e ela me dá passagem.

— Bom dia. Está melhor?

Franzo o cenho por um instante, estranhando a pergunta, até me lembrar de que consegui escapar do jantar de noivado, alegando uma dor de estômago insuportável.

— Sim, melhorei. E então, gostou da casa?

— Adorei, obrigada pela decoração, ficou lindo! — Dou de ombros, feliz que ela tenha gostado.

A história da compra daquela casa é realmente bonita, foi em frente a essa casa que eles se reencontraram depois de um mal-entendido, quando ela trabalhava de recepcionista na São Prieto e, nesse ponto, eu acho que meu irmão realmente nasceu para ser um bobo romântico.

— Não por isso, fico feliz que gostou. — Solto a bolsa em cima da mesa da sala, e olho em volta, notando-a vazia. — Onde está Gael?

— Aqui! — Ouço sua voz vindo da cozinha e sigo até a porta, surpresa ao vê-lo entretido entre panelas, cozinhando alguma coisa sob o olhar atento de Bruno.

O menino, quando me vê, vem correndo ao meu encontro, pulando em meus braços em um abraço apertado. Cada abraço desse me faz morrer de remorso ao me lembrar de como eu o tratei um dia.

Quando Gael chegou ao colégio, acusando Babi de estar envolvida com Dimitrius, eu só conseguia me lembrar de todo o inferno que tinha sido a vida do meu irmão e não pensei duas vezes em demiti-la, e cancelar a bolsa do garoto.

Mas ela era inocente, e essa é mais uma culpa que eu carrego comigo.

— Como está, tudo bem, meu amorzinho? — falo, enchendo seu rosto de beijos repetidos.

— Tudo! Tia, eu vou ser irmão!

Arregalo os olhos ao ouvir a novidade, buscando confirmação em Babi, que sorri, aberto. Já tinha notado o rosto corado e os olhos brilhantes, mas eu pensava que era apenas por estar feliz em sua nova vida.

— Caramba! Nossa, parabéns! — Me aproximo, desajeitada ainda com o garoto nos braços, e lhe dou um abraço apertado. — Poxa vida, fico feliz mesmo, vocês vão ser pais excelentes!

Talvez seja verdade o que dizem sobre os hormônios de gravidez, porque ela logo está fungando, emocionada.

— Você precisa arrumar um também, Jô — Gael grita, da cozinha. — Quero ser tio!

Viro os olhos, entediada por mais uma vez ter que ouvir essa conversa. Não foram raras as vezes em que fiquei aborrecida com essa mania que minha família — ou a sociedade, no geral — achar que uma mulher só pode ser feliz e completa se casar e parir um filho. Eu tenho esse pensamento desde muito nova, gosto de crianças — dos outros — e tenho minha cota provendo a elas uma educação de qualidade na São Prieto. E basta!

Claro que esse pensamento me priva de muita coisa. Foi o primeiro empecilho a não querer nenhum tipo de relacionamento sério com Pedro. Nunca poderia privá-lo de encher a casa de vários filhos, como ele sempre sonhou, e mesmo ele aceitando a minha posição, eu sabia que ele, assim como todo mundo, achava que eu mudaria de ideia, conforme o tempo passava.

Não seria justo com nenhum dos dois.

Com Carlos foi a mesma coisa. Tudo bem que nossa história foi diferente, o meu noivado com ele não foi movido a amor, eu *gostava* dele, mas só aceitei ficar noiva porque Pedro tinha se declarado. Estúpida, tão estúpida! Com um movimento único, magoei duas pessoas que não mereciam.

Enfim, a minha forma de pensar não é novidade para ninguém,

mesmo assim eu sou obrigada a ouvir isso direto, como se não querer filhos fosse algo incomum, como se eu fosse *menos mulher* por causa disso.

— Eu não vou nem te responder sobre isso, Gael — coloco Bruno no chão e cruzo os braços —, porque eu cansei. O que está fazendo aí, na pia?

— Risoto — ele responde, animado, e eu acho graça. Gael nunca foi do tipo prendado, não em situações domésticas, e até nisso ele está diferente.

— Que bom ver você todo prendado, fazendo almoço. Na época de Sofia, você sequer tirava um copo do lugar.

Eu mal percebi o que eu tinha dito, o filtro que eu tenho entre o cérebro e a boca, por muitas vezes, falha e eu só percebo quando um mal-estar é instaurado. E quando eu noto o silêncio que se tornou, me dou conta da besteira que disse e balbucio um “desculpe”, sem jeito.

Apesar de Gael estar feliz com Babi, e ter superado a sua culpa, ele ainda se entristece quando citamos Sofia ou, principalmente, Mel. É aquele tipo de coisa pela qual passamos que nunca conseguimos superar totalmente, eu acho.

E por causa dessa minha gafe, não foi de estranhar ouvir a voz de Babi atrás de mim, um pouco mais alta que o normal.

— Eu acho que você tem que aprender a passar raiva sozinha, sem arrastar todo mundo junto com você, Jordie. Porque Gael estava brincando.

— Eu não falei por mal — murmuro, buscando os olhos do meu irmão, que mantém a cabeça baixa.

— Da mesma forma que não fez por mal aquele furdunço na casa da Malu? — Ergo a cabeça, puxando o ar com força, já me arrependendo de ter vindo. — Você acabou com a reunião, por ciúme do Pedro. Ciúme infundado, devo lembrar, já que você nunca quis nada com ele.

Ouvir o nome do Pedro acaba atingindo um nervo em mim, e eu acabo respondendo de imediato:

— Ah, claro que a defensora do Pedro vai querer enfiar seu nome em uma discussão que não tem nada a ver com ele!

Sigo até a sala, porque passei a achar a pequena cozinha um tanto apertada, e continuo *relembrando* a ela tudo o que aconteceu aquele dia.

— Caso você não se lembre, eu fui deixada para trás aquele dia. — Me sinto ainda magoada, mesmo tendo se passado tanto tempo. — Gael marcou comigo e me esqueceu, eu fiquei arrumada, por horas, esperando alguém passar lá para me buscar.

A discussão me deixa sufocada, pressionada. Meu peito aperta

sobremaneira, e eu preciso virar as costas para ela, tentando conter a vontade de chorar.

— Eu não gosto de me fazer de vítima, mas eu realmente pensei que aquele convite era sincero — me viro para ela, novamente — e me senti enganada quando vi que não era.

Ficar esperando por horas sentada no sofá de casa foi criando dentro de mim um sentimento não muito bonito. Não pensei muito, somente peguei a minha bolsa e segui até o endereço que eu tinha anotado, o bonito prédio onde moravam Maria Luiza e Vicente. Eles estavam celebrando a adoção do garotinho deles, era uma reunião para amigos e, mesmo eu não sendo amiga deles, tinha ficado feliz com o convite.

Encontrar Pedro lá, dando atenção para uma loira lindíssima e me ignorando totalmente, me tirou do sério.

Babi não parece muito penalizada com a minha história, e definitivamente está decidida a não deixar barato a minha pequena gafe.

— Sabe o que eu acho, Jordie? — ela pergunta, os braços cruzados, com aquele ar de confronto que eu sempre antipatizei. — Acho que existe um acordo entre os Prieto de sempre ouvir as suas merdas e nunca falar nada, como se você não pudesse ser contrariada.

Me viro de costas, novamente, tentando controlar meu gênio. Tentando lembrar que a menina está grávida, que vai se casar com meu irmão, sem querer sair daqui como a vilã.

— Então, Jordie — ela continua —, eu vou me valer de ainda não ser uma Prieto para te dizer umas coisinhas.

Me viro em sua direção, o coração disparado, imaginando que *coisinhas* são essas que ela tem a me dizer. E ela diz, sem sequer respirar, como se estivesse guardando isso tudo por muito tempo.

— Se você tem problemas, ninguém sabe, porque você não se abre com ninguém. — Tento retrucar, mas ela não permite, erguendo o dedo e me fazendo calar. — Mas, ainda que tenha, isso não te dá o direito de ser grosseira com as pessoas. Você não sabe o que a outra pessoa está passando, então ter bom senso é primordial.

— Pelo amor de Deus! — grito, nervosa. — Eu não fui grosseira, eu nunca faria nada para magoar o meu irmão!

— Eu estou falando no geral, Jordie. A mesma consideração que você tem pelo seu irmão, e que falha, como pudemos ver minutos atrás, você precisa ter com os outros.

A irritação toma conta de mim e, como sempre acontece nessas horas, a vontade de contra-atacar acaba me possuindo. Eu tenho noção de que sempre me arrependo quando a raiva passa, mas nunca consigo conter a língua, falando sempre mais do que devo.

— Na verdade, você nunca superou ter sido demitida, não é? — pergunto, seca, mas a voz acaba saindo tremida. — Sempre se achou imprescindível, o tipo de funcionária que se acha mais do que é.

— Não mesmo. — Ela cruza os braços e dá de ombros. — Porque, além de você ter sido injusta e babaca, eu nunca ouvi um pedido de desculpas. A escola é tua, Jordie, você tinha o direito de me demitir, mas você tirou meu filho de lá, sem se importar no que isso causaria a ele.

— Babi, a vaga continuou à espera dele. Sabe que eu amo o Bruno, há muito tempo eu pedi para você o colocar...

— Nunca! — ela me corta, sequer me dando a chance de falar. — Colocar meu filho na escola, novamente, e ter que tirar *ele* no meio do dia, porque a tia dele foi contrariada?

— Eu pensava que você estava junto com aquele homem! — grito, perdendo totalmente as estribeiras. — Eu queria proteger a minha família, só isso!

— Parem com isso, vocês duas, chega! — Gael aparece na sala, o semblante fechado, e o ver parado ao lado dela me dá ainda mais... tristeza. Um sentimento de solidão inacreditável tomando conta de mim.

É inevitável me lembrar de Pedro, de como era antes quando eu me metia nesses bate-bocas sem noção, ele sempre ficava do meu lado. Sempre. Mas, como sempre acontece em minha vida, eu acabo perdendo as pessoas, afastando os outros. Perder o apoio de Gael e Pedro seria somente a pá de cal.

— As coisas mudaram, posso ver. Gael, Pepê... — O fato de citar o apelido dele a faz rir, debochada.

— Jordie, supere o Pedro. Porque ele já superou você.

Cansada dessa discussão idiota, eu passo por eles, pegando minha bolsa, que estava em cima da mesa, e saio, descendo pelas escadas mesmo. Ainda ouço Gael me chamar, mas não paro para ouvir, não paro para atender, não quero saber de nada.

Estou cansada de ser sempre tratada como vilã. Jordie tem sempre que entender a todos, mas ninguém nunca procura me entender, compreender meus motivos.

Atravesso a rua, correndo, e entro em meu carro, batendo a porta com

força, sentindo o olho queimar, mas sem querer chorar por causa disso. Eu não gosto de chorar, nunca gostei. Ainda mais depois de discussões assim, sem sentido, chorar pareceria que eu estava dando razão ao outro lado e... não. Não vou dar razão a ela, eu não fiz nada de mais. Citar Sofia não foi de propósito, estava cansada de todo mundo achar que eu era ruim de propósito.

“Supere o Pedro.”

Já tem quase um ano que não converso com ele. Pedro me deletou, definitivamente, de sua vida. Eu reconheço que agi errado com ele, sei disso, mas mesmo sem querer compromisso eu gostava das noites que tínhamos juntos, o carinho e atenção que ele me dava. Nenhum outro me dava tanta atenção, me tratava tão bem.

Quando ele foi baleado por Dimitrius, eu tentei retomar a nossa amizade. Sabia que Pedro tinha ficado decepcionado comigo, ele mal conseguia me olhar nos olhos, mas foi inútil. Ele achava que eu tinha saído com o grego psicopata, e sequer me deixou explicar que eu não sabia quem era esse homem, ou sequer teria olhado para ele.

E somente quando ele impôs uma distância segura entre nós, que eu percebi o quão eu sentia a sua falta. Me pegava lembrando de suas molecagens, todas as vezes que eu bolava algum plano maluco e não precisava pedir duas vezes para contar com seu apoio, o carinho despreocupado que ele tinha por mim, e vi o tanto que eu havia perdido.

Isso acabou comigo. Ainda hoje me dói, sinto o coração apertar em pensar que ele sempre me deu tudo, e eu não soube lidar com ele.

Mandeí várias mensagens para ele durante esses meses que passou fora do país. Ele não respondeu nenhuma delas, nem mesmo as que eu pedia desculpas. Sei que não deveria tê-lo procurado aquela noite, mas eu me senti confusa, usada. Saí com Murilo e, depois do sexo, a coisa havia sido tão fria, que eu me peguei sentindo falta da forma como Pedro me tratava. Do carinho que ele tinha comigo, mesmo eu sendo uma vaca com ele, noventa por cento do tempo.

Foi somente então que eu cheguei à conclusão de que a minha aversão à palavra casamento não me impediria de ter um relacionamento comum. Desde que todas as cartas estivessem na mesa, eu poderia, sim, me relacionar seriamente com alguém, e o meu instinto foi procurar por ele.

O meu erro foi não me preocupar com o que ele sentiria. Eu queria carinho, queria me sentir bem, e o magoei mais uma vez.

Acaba sendo inevitável pensar em como as coisas acontecem em

minha vida. A sensação de que tudo o que eu toco acaba se voltando contra mim, como se eu fosse, de certa forma, tóxica. Sempre magoando as pessoas, mesmo sem ter essa intenção.

“É assim, minha cara Jordie... você é uma pessoa horrível.”

A voz grossa e sensual de Murilo, dizendo essa frase ao pé do meu ouvido depois de um comentário ácido que eu fiz, ainda mexe comigo. Eu nunca me importei que ninguém me dissesse essas coisas, mas depois que *ele* disse, de forma tão crua e honesta, parece ter ganhado um peso maior.

Eu, sinceramente, não sei o que está acontecendo comigo.



Pedro

Passo pela porta automática do aeroporto e paro, assim que sinto o sol batendo em meu rosto. Tão prazeroso, que chego a olhar para cima, recebendo os raios e puxando o ar, com força, matando a saudade do calor brasileiro.

Não tem jeito, eu amo este lugar. Sempre amei viajar, mas voltar para casa acabava sendo a parte mais prazerosa e vejo que isso não mudou. Ainda mais agora, que o retorno tem gosto de recomeço.

Estufo o peito, olhando ao redor, observando o corre-corre tradicional da cidade. A vida frenética que eu estava desacostumado por viver em Kennoway, e que só tinha contato quando estava na estrada, aqui é uma constante e, diferente do que geralmente acontece, não me causa desgosto. Pelo contrário, me pego observando as pessoas, deliciado.

Ajeito a mochila no ombro, antes de pegar uma das bolsas na mão e sair puxando a outra mala, essa maior, em busca de um táxi. Meio confuso com a nova disposição de transporte, a cada mudança de administração eles inventam novas regras e agora tem uma fila imensa de pessoas olhando para o celular, provavelmente esperando o carro que chamaram pelo aplicativo.

Acabo não vendo um ponto de táxi por perto e saco meu aparelho do bolso, destravando a tela, decidido a chamar um carro. Me sentindo meio burro ao notar que não tenho o tal aplicativo instalado.

Olho em volta, procurando um lugar calmo para me encostar com minha mala, e encontro numa parede ao lado de uma senhora, que me sorri, simpática, antes de explicar que está esperando o filho que virá buscá-la.

Família. Chegadas e partidas acabam sendo emocionantes para a maioria, basta olhar ao redor para ver os abraços calorosos ou dolorosos que são trocados conforme as pessoas chegam ou partem. Fico particularmente observando uma senhora, os cabelos bem brancos, apertando uma mulher nos

braços com tanta tristeza, que acabo criando toda uma história em minha cabeça.

Essa mulher seria sua filha, que está de partida, iniciando sua vida em outra cidade. E a senhora, sem poder acompanhá-la, se despede, querendo que o tempo passe rápido e elas possam se ver novamente.

Sorrio, balançando a cabeça, e volto a minha atenção para o telefone, quando ouço meu nome sendo chamado.

Isso, ou tem mais de um Pepê por aqui.

Estico o pescoço, olhando ao redor, procurando por entre as pessoas, e vejo Gael acenando para mim do outro lado da pista. Acabo sorrindo, aberto, emocionado por ele ter vindo me buscar, mesmo que não tivéssemos combinado nada. E me sinto estúpido, afinal, Gael sempre foi um amigo fora de série, não foram raras as vezes em que eu me metia em alguma enrascada e ele estava lá, me esperando. Limpando minha barra ou simplesmente me fazendo companhia.

Obviamente ele estaria aqui, me esperando, nem sei por que cogitei que seria diferente.

Saio, apressado, desviando das pessoas, atravessando em meio aos carros, ouvindo um xingo aqui e ali até chegar ao outro lado, largando as malas de qualquer jeito no chão e me enfiando em um abraço apertado, cheio de saudade.

Apesar de ser filho único, sempre tive em Gael um irmão, e seu abraço me traz um conforto incrível, que me emociona todas as vezes.

— *Porra!* — ele exclama, aumentando o aperto, ao mesmo tempo que bate em minhas costas com a mão espalmada. — Se você falar que vai sumir novamente, eu vou quebrar a tua cara!

— Me deixa ver você... — Me afasto, o segurando pelo ombro, emocionado ao notar como ele está diferente. Leve, feliz. — Não lembra nem de longe o famigerado *Senhor Tempestade* da Babi.

— Preciso dizer que a Escócia te fez bem — ele diz, enquanto me ajuda a colocar as malas no banco traseiro, e o tom de voz entrega que lá vem alguma gracinha. — Não parece mais um garoto de programa.

Essa era uma piada recorrente entre nós, Gael chegou a me presentear com um vidro de água oxigenada em um dos amigos da onça em que participamos, então, eu apenas bato a porta, rindo.

— Sabia que ia me falar essa merda. — Gargalho. — Em minha defesa, estive ocupado, trabalhando!

— Sendo famoso! — ele exclama, eu diria, orgulhoso.

— Dei sorte... — Dou de ombros e ele nega, balançando a cabeça com veemência.

— Não tem nada a ver com sorte — ralha comigo, tal qual seu pai fez por anos, quando eu conseguia algum avanço mínimo na carreira e acabava me depreciando. O dedo em riste, me chamando a atenção, é indicativo que ele fala muito sério. — Você é talentoso, chamou a atenção com uma foto e, por meses, tem sido um dos fotógrafos mais bem-conceituados do meio. Nunca concordei com aquela maluca achando que tinha crédito sobre isso.

Sinto um arrepio só de ouvir falar nela, e não é um arrepio bom. Paula levou demais a sério o fato de ter publicado uma foto minha em uma de suas revistas, e eu ter estourado logo em seguida. Apareceu seguidas vezes em Fonthill, meio que cobrando o feito, de uma forma bem inusitada: ela se contentava em frequentar a minha cama.

A princípio, eu não achei nada de mais, a mulher é bonita, fogosa e solteira. Mas eu devia ter notado que ela não batia muito bem da cabeça, ainda naquela campina em Kennoway, e não ter mantido nenhum tipo de relacionamento sexual com ela. Porque ela simplesmente grudou-se em mim, chegando ao ponto de eu ter que me esconder dela.

“Não” é uma palavra que Paula Vasconcellos desconhece, e eu espero que ela demore a saber que estou de volta ao Brasil. Se morando na Escócia, eu já precisei fugir dela, imagine vivendo no mesmo país?

— Vamos evitar de tocar no nome do cão, em vão — murmuro, fazendo Gael gargalhar.

Me tornar conhecido foi bom, me trouxe muitas oportunidades de trabalho, mas também me trouxe aborrecimentos sem fim. Além de Paula, que quer receber o crédito por meu trabalho, tem um outro fotógrafo que não perde uma oportunidade de tentar me prejudicar.

Manur disputou comigo, anos atrás, em um concurso valendo um curso de especialização na escola de fotografia mais antiga do Brasil. Eu já era formado, mas especialização nunca é demais e, competitivo, dei tudo de mim para conseguir a vaga. Venci, fiz o curso, mas ganhei um rival um tanto quanto irritante.

Hoje ele tem um estúdio em um dos muitos pontos em que eu tentei montar o meu, e não cansa de espalhar pelas redes sociais que é muito mais bem-sucedido que eu, porque consegue manter seu próprio estúdio, sem precisar de ajuda de mulher.

Insuportável...

— Quer passar em casa ou vai direto para a sua? – Gael pergunta, e noto que já estava divagando.

O tom de sua voz não demonstra ansiedade, tampouco cobrança. E eu confesso que estou morto de saudade de Babi e Bruno, assim como dos meus padrinhos e de Claudia, mas estou fisicamente exausto.

Os últimos quatro dias foram extenuantes, fiz questão de encerrar todo e qualquer contrato que estivesse em aberto envolvendo viagens internacionais. Depois de entregar todas as fotos para os clientes, ainda deixei um bom material pronto para a próxima temporada de Fonhill.

Não o bastante, ainda encarei uma viagem de dezesseis horas até o Brasil, ou seja, eu estou incapacitado socialmente.

— Se você me carregar no colo, e me deixar dormir em seu sofá, eu passo na sua casa primeiro — respondo, em tom de piada e, felizmente, Gael compreende.

Não muito tempo depois, me deixa em meu apartamento, arrancando uma promessa de visitá-los no final do dia para um jantar.

Conforme eu caminho para dentro do bonito prédio de classe alta, não consigo conter um aperto no peito, um certo temor de continuar cometendo os mesmos erros agora que estou de volta.

Trinta e cinco anos, Pedro. Está mais do que na hora de crescer!

Passei dez meses longe de tudo, tentando organizar a minha vida. Coloquei minha cabeça em ordem, dei um jeito em minha vida profissional, firme no propósito de voltar e seguir adiante. Não teria cabimento colocar tudo a perder, e essa ansiedade que eu sinto acaba me deixando ainda mais nervoso.

Não posso permitir que isso aconteça. Não posso retroceder.

Ao abrir a porta do apartamento, localizado no oitavo andar, o cheiro de casa fechada me atinge imediatamente, fazendo com que eu me arrependa de não ter deixado as chaves com os Prieto. Mas quando eu parti, tudo foi decidido tão abruptamente, que eu sequer pensei nessa possibilidade, eu só queria mesmo me afastar daqui. De tudo.

— Lar, doce lar... — murmuro, soltando as malas no chão e seguindo direto para a imensa varanda, abrindo a porta e recebendo o ar quente da manhã paulistana. — Você não muda, São Paulo, velha de guerra!

Olho em volta, analisando o local, enquanto me dou conta de que não havia pensado neste apartamento por muito, muito tempo.

Eu não odeio este lugar, mas também não o amo. Não me enxergo neste espaço, de forma nenhuma. Talvez isso se dê pela minha história curiosa com este imóvel.

Deixo o corpo desabar na pequena poltrona posicionada bem em frente à varanda, enquanto relembro o exato momento em que decidi comprá-lo. Meu pai tinha acabado de ser escolhido presidente da FontanaLab, e morar em um bairro de classe média não o agradava mais. Ele também pensava que seria fácil me trazer de volta, se acenasse com a oportunidade de morar bem, de preferência na vizinhança de endinheirados que ele tinha escolhido.

O que ele não sabia é que eu já tinha ciência de que o seu dinheiro havia machucado muita gente — eu, inclusive — ou sequer teria oferecido. Decidido a dar-lhe o troco, usando seu dinheiro para comprar algo que ele detestaria, eu saí à procura de um local apropriado, só que não.

O problema é que eu sou muito tapado, e não sou muito bom em dar o troco nas pessoas. Não é difícil me encontrar em saias justas e situações complicadas, por não saber dizer não, ou acabar fazendo algo que eu nem queria muito ter feito, somente para não desagradar outra pessoa. Ainda que essa outra pessoa seja Olavo Fontana.

Munido de uma carta branca para adquirir e decorar um apartamento à minha escolha, o máximo que minha rebeldia permitiu foi escolher um apartamento próximo ao antigo bairro onde eu vivia.

Fiz tudo como um bom playboy faria. Contratei um dos melhores estúdios de arquitetura de São Paulo, que deixou minha casa moderna, bonita... e completamente impessoal. Parece uma casa de propaganda de revista.

Corro os olhos pelo ambiente em tons claros, móveis modernos, ambientes vazados. A ampla sala de dois ambientes, a cozinha bem equipada separada apenas por um pequeno balcão, um painel ripado deixando à mostra o meu escritório. É o tipo de lugar que faria inveja a muitas pessoas, cansei de receber elogios quando abri minha casa para receber amigos ou conhecidos.

O problema é que depois de passar quase um ano convivendo com a simplicidade da casa de Eric, seus porta-retratos e bibelôs espalhados pela sala, como se fosse um museu de recordações, tudo neste lugar parece frio demais.

Frio e silencioso, e eu tenho aversão a silêncio.

Ouçõ alguém bater à porta e sigõ para atender, pulando por cima das malas, estranhando não terem utilizado a campainha ou não ter sido alertado pelo interfone.

— Quem é? — pergunto, me aproximando do olho mágico.

— Leandro, senhor. — Abro a porta e o rapaz carrancudo, aparentando impaciência, ensaia um sorriso. — Bom dia, *seu* Pedro. Tem tudo isso de cartas.

Ele estica para mim uma caixa repleta de envelopes. Cuidar da correspondência nesse último ano foi um desafio, porque eu, irresponsável, viajei sem cuidar de nada. Passei horas com meu gerente, tentando colocar todas as contas em débito automático e torcendo para não ter problema algum com surpresas desagradáveis ao voltar.

— Obrigado. E desculpe o trabalho extra — digo, com sinceridade.

O homem apenas acena e vira as costas, enquanto eu fico entretido vasculhando tudo o que tem dentro da caixa. Nada muito importante, um gasto exagerado de papel com propaganda indesejada, cartões de parceiros enviados no último Natal. Um envelope pardo, em um tamanho considerável, chama a minha atenção e vejo que foi enviado pela São Prieto, no ano passado.

E sentir um certo aperto no peito acaba sendo inevitável, assim como a curiosidade ao abrir, com cuidado, o envelope, e notar que é o calendário do ano corrente, feito com fotos que eu havia tirado na escola, antes de toda a confusão entre Jordie e eu.

Sempre fui o responsável pela parte fotográfica da São Prieto, desde a sua idealização, e eu sinceramente pensei que após o nosso afastamento, ela procuraria outro profissional para tirar fotos mais atuais.

Mas ela não fez, e não sei dizer ao certo como me sinto a respeito. Um pouco nervoso, talvez, por ela não facilitar a minha vida, afinal de contas, seria tudo muito mais cômodo se ela simplesmente fechasse de vez a porta entre nós.

— *Covarde!* — ralho comigo mesmo, e volto a passar as páginas do calendário.

A última foto traz o corpo docente, os funcionários... e ela. Olhando para a lente, com tanto orgulho, feliz pelo sucesso do colégio. Percebo que aquela mágoa e decepção que eu sentia sempre que pensava nela ou via uma foto sua em alguma rede social não me atinge desta vez.

Será que, finalmente, eu vou conseguir seguir em frente, sem ficar

preso a essa mulher pelo resto dos meus dias?

Jogo o envelope de volta dentro da caixa, tentando não me aprofundar nisso, e fecho a porta, seguindo para o meu quarto, necessitando urgentemente de algumas boas horas de sono.



Foi impossível cumprir a promessa que fiz a Gael de aparecer à noite para o jantar. Depois de um banho, e uma providencial troca de roupa de cama, dormi por mais de doze horas ininterruptas. É esse o cálculo que estou fazendo, neste exato minuto, olhando para o relógio digital, e estranhando o imenso silêncio que me cerca. Novamente.

Todas as pessoas que convivem comigo reclamam o quão barulhento eu sou pela manhã. Não nego, eu sou mesmo, mas o que ninguém sabe é que a solidão é silenciosa demais e quanto mais barulho fazemos, menos parecemos sozinho.

Deitado na imensa cama de casal, passo os olhos pelo quarto. Aqui é, com certeza, o único espaço da casa que tem a minha cara. Me lembro de quando a decoração foi finalizada, e era exatamente igual o restante deste lugar: uma cama larga e confortável, uma poltrona para leitura com uma pequena mesinha do lado, e todo o restante no closet que fica aparente por uma divisória de vidro. Bonito, claro, mas *afrescalhado* demais.

Espalhei quadros por toda a parede. Pôsteres de filmes que eu gosto, paisagens marcantes, fotos de meus amigos. O painel maior mostra um belo par de pernas femininas apoiadas em um Louboutin preto, e eu lembro exatamente quando cliquei essa mulher. Mas o meu favorito traz, escrito em letras pretas, a famosa frase de “E o Vento Levou...” em inglês.

“Francamente, minha querida, eu não dou a mínima.”

Uma mentira tremenda, mas é uma boa máscara.

Meu violão colocado em um canto. Meus livros, em uma estante, no outro. Um tapete muito colorido no centro. Uma televisão em tamanho considerável colocada em um painel bem em frente à minha cama. O aparelho de som em cima da pequena mesinha.

Isso, sim, parece comigo. O problema é a ausência de som.

Por todo o tempo em que vivi com meus pais, barulho era algo inadmissível. Olavo Fontana dizia que as pessoas barulhentas eram sempre as mais desprovidas de classe, e exigia silêncio e decoro, tanto meu e de sua

esposa, quanto dos funcionários. Era muito difícil ser criança naquela casa, eu só conseguia mesmo me sentir um moleque da minha idade quando visitava os Prieto.

Não melhorou durante a adolescência, mas era mais fácil contornar. Eu estudava o tempo inteiro e me mantinha fora do radar, até as coisas ficarem insustentáveis, assim que eu completei dezoito anos.

Meu pai sempre pedia silêncio, talvez por não saber que uma casa silenciosa pode ser um prato cheio para quem tem bons ouvidos, e segredos de família podem ser arrasadores.

Consegui me livrar daquele ambiente horrendo, arrumei um trabalho como atendente em uma livraria, ralava muito o mês inteiro, mas conseguia manter um apartamento simples de um dormitório no mesmo bairro em que vivi a vida inteira. Mas, como vivia sozinho, não tinha muita opção para fazer barulho por aqui.

E então eu adquiri este apartamento nada simples, nada pequeno, mas adivinha? Como padrões que se seguem, esse deve ser o lugar mais quieto em que já vivi.

Nos últimos dez meses, no entanto, eu não precisei me preocupar com o silêncio. Viver com Eric e Violet era divertido e, durante todo o tempo, eles se esforçaram para que eu me sentisse em casa. Nunca mais havia acordado pela manhã ansiando abrir as janelas ou ligando o som mais alto que o aceitável para o horário, não querendo me sentir sozinho.

— Hoje não será esse dia... — digo para mim mesmo, enquanto conecto o celular na potente caixa de som, e coloco minha playlist preferida para tocar.

Mais alto que o aceitável para o horário.



Sabe qual a parte ruim de morar sozinho? É sempre a sua vez de fazer tudo. Seguindo essa velha máxima, precisei dar um jeito em minha casa, cuidar da lavanderia, correr no supermercado para abastecer a minha despensa. E agora me pego aqui, atrasado depois de levar uma bronca de Babi pelo furo, olhando para a cara do mecânico que fui obrigado a chamar para trocar a bateria do meu carro, que parou de funcionar, depois de quase um ano sem uso.

— Pronto, *meu chegado* — o homem diz, com sotaque carregado,

enquanto limpa a mão na lateral da calça —, pode testar, já está okay.

Ignoro a gíria estranha e entro, girando a chave, aliviado quando ouço o motor funcionando. Bato no volante, em um pedido de desculpas ao pobre carro que era novinho quando eu resolvi me mudar, e saio novamente, efetuando o pagamento do serviço.

Me pego sentindo falta de Donnie, que foi meu Sancho Pança nos últimos seis meses. Por muito tempo era o garoto quem me colocava freios, cuidando das minhas maluquices, não me permitindo, por exemplo, abandonar uma locação ao ver uma aventura espetacular à minha frente. E, também, seria ele quem não deixaria a bateria do meu carro morrer.

“Responsabilidade, Pedro!” era o seu lema, sempre.

O coitado, no final, acabou como Sancho Pança mesmo, envolto nos delírios de Dom Quixote.

— Resolveu, seu Pedro? — o porteiro, um sujeito com cara de enfezado, mas que parece mais dócil que os cachorros de Fonthill, grita por mim da guarita, ao me ver passando com o carro, e eu somente buzino. Saio, apressado, seguindo direto para o apartamento de Babi, onde sou aguardado para o almoço.

Quando chego em frente ao prédio simples, estranho o vai e vem de carros interminável, e tento lembrar se essa rua sempre foi movimentada desse jeito. Relembrando, sem querer, de todo o trauma que essa família carrega por conta disso.

Balanço a cabeça, me negando a pensar em coisas ruins hoje, mas sem conseguir conter o aperto no peito que o assunto sempre traz. Em como a loucura por dinheiro e poder pode destruir as pessoas ao seu redor, sem dó.

Atravesso a rua, me aproximando da guarita, e noto que o porteiro está parado na porta, observando. Braços cruzados, postura descompromissada e um ar entediado, ele parece ser do tipo que odeia trabalho extra.

— Boa tarde. Meu nome é Pedro, eu queria subir no 4B.

— Ah... — ele sorri, malicioso —... na casa da Bárbara?

Semicerro os olhos, detestando o tom que percebo em sua voz.

— Sim, da Bárbara e do noivo dela, o Gael. Conhece o Gael, não?

Depois de ver Babi pastar nas mãos daquele grego maluco, e ainda ter ouvido tudo com o que ela havia lidado antes dele, eu sinceramente não gosto de saber que existem engraçadinhos desse naipe fazendo piadinhas a seu respeito.

Ou a respeito de ninguém, se vale a nota.

O homem parece ter notado que eu não estou para brincadeiras, porque somente murmura um “sim, senhor” e libera a minha passagem, depois de interfonar para o apartamento.

Faço questão de passar por ele, o encarando, quase o incentivando a falar qualquer absurdo e levar uma resposta à altura que afundaria o seu nariz, mas talvez ainda lhe restou um pouco de bom senso e ele nada diz. Balançando a cabeça, deixando claro que não gostei de sua postura, eu passo por ele indo em direção ao elevador.

Será que Gael sabe o quão abusado é esse sujeito? Considerando o seu ciúme, acho que não, ou já teria tido notícias sobre uma sessão de *porradaria* na entrada do prédio.

Subo pelo elevador, sendo pego de surpresa, assim que a porta se abre, já no quarto andar, com o grito infantil ecoando pelo corredor.

— TIO PEPÊ! — O garotinho vem correndo ao meu encontro e eu sorrio, emocionado e cheio de saudade, me abaixando para ficar na sua altura e o recebendo com um abraço apertado. — Você voltou!

— Voltei, raposinha. — O aperto um pouco mais e dou um beijo estalado em sua bochecha. — Estava morrendo de saudade!

Me separo dele por um momento, já rindo por antecipação. Sua carinha sapeca não nega que ele também está na expectativa, então eu simplesmente o ergo, segurando pela parte de trás da camiseta, como costumava fazer, o ouvindo gritar, deliciado.

— Vou voar!!! — Ele abre os braços, imitando asas de avião, e eu acabo notando que ele está um pouco mais pesado do que antes.

— Caramba, como você está gigante! — Ajeito o menino no colo, antes de derrubar a criança e levar uma bronca de seus pais, e ele balança a cabeça, efusivamente, concordando.

Criança é meu ponto fraco, sou louco por essas miniaturas de gente. Acho, inclusive, que se tivesse me casado, eu teria uma casa repleta deles.

Olho em direção à porta do apartamento e vejo Babi parada, os braços cruzados, os ombros apoiados no batente. E um filme se passa em minha mente só de vê-la na minha frente.

Parece que foi ontem quando conheci Babi, na recepção da São Prieto. A garota desbocada e ativa, lutando contra todos os seus fantasmas para criar seu filho com dignidade, surgindo como um raio de sol na vida do meu melhor amigo. E seu garotinho falante, que adora ler e é apaixonado por

aventuras radicais, e que tem em Gael o seu herói.

Abro o braço oposto ao que seguro Bruno, a convidando para um abraço, e ela vem. Me enlaçando pela cintura, o rosto afundado em meu peito, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Que saudade de você, seu idiota! — A voz chorosa entrega a bronca que ela sempre disse que me daria quando eu voltasse para casa.

— Eu também. — Aliso seu cabelo, trocando com ela um olhar carinhoso.

É engraçado porque, quando nos conhecemos, a nossa identificação foi imediata. Algumas pessoas chegaram a pensar que eu tivesse segundas intenções com ela, devido ao meu sentimento protetor, mas isso nunca passaria pela minha cabeça. Além do interesse óbvio que Gael já tinha por ela, eu vi nessa menina a figura de uma irmã mais nova, e é como eu a vejo, desde então. Uma irmã mais nova, além de ser a minha melhor amiga.

— Entra — sou puxado pela mão até chegar à pequena sala de estar —, Gael deu uma saída, mas disse que voltava logo.

Olhando ao redor, conforme me sento no aconchegante sofá de três lugares, eu vejo que pouca coisa mudou desde que eu a visitei, pouco antes de viajar. Porém as pequenas mudanças são perceptíveis aos olhos mais atentos, como as inúmeras fotos da família espalhadas por todo o ambiente — muitas delas tiradas por mim —, pertences de Gael sobre a mesa retangular da sala de jantar e vários livros do curso de Odontologia que ela está cursando.

— Nem parece que eu fiquei tanto tempo longe — murmuro, e recebo um chute na canela.

— Claro que parece. Tempo demais, inclusive.

— Bem, foi tempo suficiente para fabricarem um afilhado. — O sorriso expande, os olhos brilhando feito dois faróis, entregando a felicidade do momento.

— Estava quase desistindo... — diz, risonha, e completa com um tom um pouco mais baixo, o dedo passando pela trama da almofada que traz no colo: — Você sabe que Zé Mário se ofereceu, não?

Apesar de saber que é brincadeira ou, ao menos, espero que isso seja uma brincadeira de muito mau gosto, me sinto congelar no lugar ao mesmo tempo que meus olhos se arregalam frente à pergunta.

— *Nem fodendo!* — exclamo, fazendo com que seu sorriso aumente ainda mais. — E nem adianta ficar rindo, coloco aquele alemão folgado em

um cruzeiro só de ida para o Nepal.

Zé Mário é um engenheiro renomado, dono da Casa 22, lugar onde Babi trabalha como recepcionista desde que sua vida voltou aos eixos, há dois anos. Solteirão convicto e boa pinta, é gente boa e sempre foi um bom motivo para que eu tirasse sarro de Gael.

Até agora.

— Você não muda. — Ela ri, notando meu ciúme e eu balanço a cabeça, deixando claro que, não, eu não mudo.

— Não mudo mesmo, sou guloso e quero tudo. Padrinho da criança, padrinho de casamento, e se tiver inauguração da casa nova, eu quero cortar a fita também!

Bruno se mantém sentado em meu colo, e passa a contar um pouco sobre sua rotina na nova escola. Cursando agora o ensino fundamental, ele tem se tornado o astro das aulas de língua portuguesa.

— Teremos um professor de literatura, será? — brinco, apesar de achar bem possível, se ele mantiver esse amor pelas palavras.

— Espero que professor ganhe mais, até lá — ela ri —, mas, me fala, quais os planos agora?

— Férias. — Dou de ombros. — Apesar de ter recebido ontem mesmo uma proposta para fotografar em Itatiaia.

Conto a ela um pouco sobre meus últimos trabalhos na Europa, e ela faz o mesmo, falando sobre o seu dia a dia na agência e faculdade. Não é como se tivéssemos muita novidade para contar, a nossa amizade e seu relacionamento com Gael nos fez criar laços tão fortes, que os telefonemas eram semanais durante todo o tempo em que eu fiquei fora, nos sobrando bem pouco assunto inédito para contar.

Me emociona ver o quanto ela cresceu nesses últimos meses. Comparando com sua vida sofrida quando nos conhecemos, contando moedas e atravessando a cidade para chegar em casa todos os dias, é maravilhoso vê-la feliz e realizada.

— O que foi? — ela pergunta, ao me ver sorrir bestamente para ela.

— Estou feliz por você. Feliz e orgulhoso.

Em um salto, ela me dá um abraço apertado, rindo, animada.

— Eu também tenho orgulho de você, Pê. — Ela se afasta, me segurando pelos braços e, sem desviar os olhos, diz, com firmeza: — Está na hora de você ser feliz também!

Sei bem a que ela se refere, sequer preciso argumentar.

Somos interrompidos pelo barulho da porta e logo Gael está entrando, sorrindo quando me vê sentado com seu filho no colo, trazendo uma sacola cujo aroma me deixou cheio de fome.

— Demorei? — ele pergunta, seguindo direto para o balcão da cozinha.

— Uma eternidade — falo, com exagero. — O que tem aí?

— Algo que você não vai comer, porque furou conosco ontem — ele diz, rindo.

Não custa muito até eu saber *o que* ele traz de tão perfumado, assim que ele começa a retirar o conteúdo das sacolas e eu sorrio, pois reconheceria a travessa de dona Joana a metros de distância.

— *Lasagna di Prieto?! —* exclamo, dando um salto do sofá e indo direto até o balcão.

— OBA! — Bruno corre, comemorando, já ocupando seu lugar à mesa.

— Não acredito! — comemoro, sem me importar em estar parecendo um morto de fome. — Caramba, que saudade da comida da tua mãe!

— Ela faria quando você fosse visitá-la — ele diz —, mas disse que pretende testar outro prato em você.

— Qual prato? — pergunto, depois de puxar uma lasquinha de presunto e levar um tapa na mão de Babi.

— Espero que de louça, no meio da sua cabeça — ela responde, pegando a travessa e já a dispondo na sala de jantar.

Nos sentamos para almoçar, e a refeição é animada, como sempre. Bruno é uma diversão à parte, sua veia aventureira pulsa a cada descrição das viagens que eu fiz. Quando menciono a Capadócia, o pequeno turista vibra.

— Tio, eu assisti a uns vídeos no Youtube dos balões, tudo tão lindo. É muito longe, podemos ir no domingo?

Gargalho alto com a expressão apavorada que sua mãe faz, ainda pouco familiarizada com a recente descoberta de que, talvez, seu filho se torne pior que eu e Gael, juntos.

— Domingo eu acho que não vou conseguir te levar, pequeno furacão. — Chega a ser triste ver o sorriso animado morrer em seu rosto depois da negativa. — Mas posso te mostrar, depois, algumas fotos que eu fiz, o que acha?

— Eu quero! — ele comemora com tanto entusiasmo, que um pedaço da lasanha que estava em seu garfo voa longe.

Trocamos uma careta empática, e como forma de distração, eu passo a contar a eles como foi o meu passeio de balão, quando a campainha toca e Gael se levanta para atender.

— Oi! — Sinto meu sangue congelar nas veias ao ouvir a voz de Jordie, despretensiosa, na porta. — Estão sem internet? Eu passei mensagem. Queria levar o Bruno ao...

A frase morre, talvez quando ela percebe que eu estou sentado à mesa. E apesar de saber que esse momento seria inevitável, eu gostaria de ter me preparado melhor para ele.

Lentamente me viro em sua direção e a vejo parada, segurando firme a alça da bolsa, com as duas mãos, como se não tivesse onde as colocar. Eu poderia dizer que ela preparou esse encontro, aparecendo aqui de propósito, mas a surpresa em seu rosto indica que talvez ela não fazia a menor ideia de que eu estaria aqui.

— Oi, Jordie — cumprimento, sem desviar o olhar, e ela apenas acena, balançando a cabeça.

E, preparado ou não, eu vejo pela sua expressão que será inevitável colocarmos tudo em pratos limpos, hoje.



Jordie

Sinto o corpo ainda dolorido das estripulias de ontem à noite. Cheguei em casa já eram quase 4h da manhã, e tal qual uma adolescente entrei pisando na ponta dos pés para não ser pega pela minha mãe, depois de ter ficado mais de uma hora com Murilo dentro do carro.

Arriscado, eu sei, porém, ele é gostoso demais para dispensar.

Marquei com umas amigas de ir a uma boate, não muito longe de casa. Estava decidida a arrasar, tanto que sequer fui dirigindo e, depois de dois coquetéis, eu me peguei arrasando na pista de dança. Estava me sentindo gostosa demais, devo dizer, atraindo vários olhares enquanto dançava, sozinha, envolvida pelo som alto.

Não sou muito exibicionista, mas dessa vez eu estava querendo muito chamar a atenção. Passava a mão pelo corpo, rebolando e jogando o cabelo de um lado para o outro conforme a batida da música soava mais e mais forte.

Foi nessa hora que um homem, muito lindo e cheiroso, se aproximou de mim. Querendo dançar, talvez atraído pela minha performance atrevida, mas seu toque me repeliu. Senti um desconforto imenso e, me desculpando, saí da pista.

Não sei o que me deu, para ser sincera. De repente, toda a animação se esvaiu, e não demorou muito estava me despedindo das meninas, querendo ir para casa. Elas tentaram me demover da ideia, mas a noite havia, inexplicavelmente, terminado para mim.

Estava parada na calçada, em frente à boate, no aguardo do carro que havia pedido por aplicativo, quando vi o carro popular de Murilo estacionar do outro lado da rua. Seu olhar percorrendo meu corpo faiscava, assim como seu toque pegou fogo quando eu disse a ele que tinha vindo dançar.

Ao parar na porta de casa, ele me fez repetir que tinha vindo dançar, e que não estava acompanhada. Se fosse outro que não Murilo, eu diria que ele

estava com ciúme. Mas esse é um sentimento que não nos cabe, mesmo eu também sentindo um certo incômodo às vezes.

Me levanto, erguendo os braços para esticar a coluna, notando que já passa do meio-dia. Sem nada programado para o dia, pego o celular e passo a checar os filmes em cartaz, pensando em levar Bruno ao cinema.

Depois de minha discussão com Babi, eu tenho evitado contato com eles, ou mesmo com meus pais, sem paciência para ouvir reprimendas. Mas compreendo que preciso mudar esse meu jeito, sempre tão impositivo, querendo tudo segundo minhas vontades.

Talvez se Babi entender que eu realmente gosto do filho dela, e que me arrependo de tudo o que aconteceu em nosso passado, ela possa baixar a guarda de vez. Eu preciso disso, porque relembrar o olhar magoado do garoto sendo retirado da escola acaba comigo, sempre.

Na verdade, eu tenho magoado mais pessoas do que deveria, reconheço isso. Já devo ser merecedora de ao menos um ponto positivo por conta desse reconhecimento.

Checando a sessão disponível para o último lançamento infantil, passo uma mensagem a ela e aguardo uns minutos, sem resposta. Atualizo a conversa, passando o dedo pela tela, mas continua sem visualização, o que me faz imaginar que eles, talvez, estejam sem sinal em casa.

Caminho pelo quarto, um tanto quanto desorganizado, e acabo batendo a perna na cadeira que serve como aparador de roupa. Deveria me preocupar em organizar essa bagunça, mas fazer isso em pleno domingo não é algo que me agrada.

Não me agrada em nenhum outro dia da semana, devo salientar. Mas aos domingos a vontade é duplamente menor.

Sigo para o banheiro e acendo a luminária posicionada em cima do espelho. Me assusto ao ver o tamanho da mancha roxa na lateral do meu pescoço. Passo os dedos pela marca, fechando os olhos e xingando Murilo mentalmente.

Ele geralmente é voraz, mas nunca havia me deixado marcada e, apesar de sentir um comichão ao lembrar sua pegada firme, não sou mais adolescente para ser marcada feito gado.

É exatamente isso que eu vou lhe dizer a próxima vez que nos encontrarmos.

Suspiro, desanimada. Afinal, não é como se fôssemos um casal comum, nossos encontros sempre acontecem quando nos esbarramos *por*

acaso, sem nenhuma combinação prévia e não consigo compreender o porquê isso me incomoda tanto.

Sempre fui a mulher dos encontros furtivos. Sempre fui a que dizia “eu te ligo”, a mulher que inventava desculpas para não ter um segundo encontro. Meu sonho era encontrar alguém que fodesse bem e fosse tão desapegado quanto eu, e chego a me aborrecer ao pensar que eu finalmente encontrei o que eu procurava e agora vivo reclamando.

Sempre insatisfeita, Jordie.

Tomo um banho rápido, passo uma base no pescoço, cobrindo a marca, e visto uma roupa básica. Nunca existe erro ao vestir jeans e blusinha para sair com uma criança, repito a mim mesma, olhando no espelho, me sentindo muito esperta.

Checo o celular mais uma vez, notando que a mensagem ainda não foi visualizada. O bom senso me pede para telefonar, confirmando antes de ir até lá, mas além de bom senso não combinar muito comigo, eu sinto medo de ouvir um não.

Conheço Babi o suficiente para saber que ela não tem coragem de destratar ninguém, não importa o quão chateada com a pessoa ela esteja, e decido me aproveitar disso, indo de surpresa mesmo.

Pode ser errado trapacear para fazer as pazes, mas cada um que lute com as armas que tem.

Abro a porta, encostando o ouvido no vão que se forma, tentando descobrir se tem alguém em casa. O silêncio que toma o andar de baixo indica que eu estou em meu dia de sorte e, me aproveitando disso, fecho a porta atrás de mim e desço as escadas, correndo.

Noto que a casa está, realmente, vazia, apesar do aroma delicioso da comida de minha mãe vindo da cozinha, mas não paro para me perguntar onde eles estão. Também não sinto remorso por estar um tanto afastada deles ultimamente, mas eu ando muito sem paciência para suas cobranças.

A gravidez de Babi deixou minha mãe mais surtada que o normal, no assunto *netos*. Bebês sempre foram o seu ponto fraco, não é algo recente, mas “bebês Prieto” ocupam uma posição muito alta na escala de surtos de dona Joana.

E isso bate de frente com a minha convicção de não ser mãe, coisa que ela não entende e desde que eu era menina tenta me fazer mudar de ideia.

Não sei dizer desde quando não quero ser mãe. Nunca fui uma garota maternal, brincar de bonecas nunca me apeteceu, acho que o instinto não veio

para mim. Como eu costumo dizer, perdi a fila na hora da construção da personalidade ou confundi com a fila da teimosia, parando nela por duas vezes.

Diferente do que todos pensam, eu não odeio crianças, tanto que eu tenho uma escola. Nem desprezo quem tenha esse desejo para si, todas as minhas amigas são mães e acredito que a maioria seja feliz com isso. Mas eu não sou assim. E me magoa, demais, que as pessoas não entendam isso.

Para ser honesta, o julgamento de pessoas desconhecidas não me incomoda tanto. Mas a minha mãe não compreender e, principalmente, não aceitar é o que mais me dói.

Se dependesse de dona Joana, eu estaria casada com Pedro, e a casa cheia de *bambinos* loirinhos de olhos azuis.

Seria o sonho da vida dele.

Mas não o meu.

Por sorte, isso não depende dela, é apenas uma escolha minha.

Cinco minutos depois, estou estacionando em frete ao prédio de Babi. Estranho quando noto que o porteiro insuportável decidiu não fazer nenhuma piadinha hoje. Com a expressão séria, ele abre o portão, me dando passagem e eu, decidida a manter a política da boa vizinhança, acabo não fazendo nenhuma provocação, apenas o cumprimentando.

De repente, ele acabou levando uma bronca hoje, ou só decidiu se comportar feito gente. Achando improvável a segunda opção, me sinto satisfeita em imaginar que, talvez, alguém mais, além de mim, tenha notado sua inconveniência e lhe dado uma bela chamada.

Subo pelo elevador, sorrindo, já prevendo que Bruno ficará empolgado pelo convite. O garoto é um verdadeiro aficionado por livros e filmes, e é tão inteligente, que acaba decorando as falas de seus filmes favoritos, sem contar os livros todos coloridos, os marca-textos indicando suas passagens favoritas. E, com isso, é fácil agradá-lo: basta dar livros ou chamar para assistir a um filme.

Toco a campainha, ouvindo a risada alta do garoto, sentindo o coração aquecer. É Gael quem abre a porta, me olhando de uma forma tão espantada que fico nervosa, achando que cometi, mais uma vez, um erro ao aparecer sem aviso.

— Oi! — cumprimento, sorrindo. — Estão sem internet? — Passo direto por ele, entrando no apartamento, antes que ele tenha a chance de me mandar embora. — Eu passei mensagem. Queria levar Bruno ao...

A frase morre no meio do caminho ao bater os olhos na visita sentada à mesa. Meu coração bate tão descompassado, pela surpresa, que eu sequer consigo respirar direito ao vê-lo se virar lentamente e me encarar, talvez tão surpreso quanto eu.

— Oi, Jordie.

Balanço a cabeça, nervosamente, e sinto Gael apoiar a mão em minhas costas, me guiando até a mesa. Noto as travessas sobre a mesa, e suspiro, me dando conta de que se não tivesse fugido de meus pais, talvez soubesse que Pedro estaria aqui e poderia ter me preparado melhor para esse encontro.

— Sente aqui, Jordie! — Babi oferece a cadeira ao seu lado e eu aceito, me atrapalhando um pouco com a bolsa, sem saber se penduro no encosto ou a seguro em meu colo. — Você passou mensagem, te ouvi dizendo?

— S-sim — sorrio, ou tento —, não faz muito tempo, mas como eu não recebi resposta, decidi vir, assim mesmo. Não sabia que estavam com visita.

Posso ouvir a risada irônica de Pedro, mas não olho para ele. Apenas me sirvo de uma fatia pequena de lasanha e encho a boca de massa, porque com a boca cheia eu não corro o risco de falar nada desagradável.

Quando ele chegou? Por que ninguém me falou? Eu realmente me tornei um nada na vida dele?

A minha vontade é questioná-los, todos eles, gritando pela sala, porque, de repente, todos me excluem de tudo. Mas não faço isso, cada vez que a vontade de gritar aparece, eu dou mais uma garfada na lasanha, agradecendo a comida da minha mãe ser tão gostosa.

Não posso dizer que o clima está bom, já que o assunto na mesa ficou reticente. Nem mesmo Bruno, que é uma criança e, por isso, geralmente alheio aos problemas dos adultos, está *normal*. Os olhos correndo de um para o outro, prevendo talvez mais um chique de sua tia, uma outra briga como a que eu causei na casa de Maria Luiza.

Eu preciso parar com isso.

Não posso também passar a vida culpando a todos pelos meus erros. Ao menos, *os meus* eu preciso assumir!

Arrependida de ter vindo, cansada de estar sempre atrapalhando ou causando mal-estar, eu arranho a garganta, enquanto empurro o prato para trás e me levanto.

— Eu volto outra hora. Me desculpem mesmo ter vindo sem avisar.

— Não precisa ir embora, Jô. — Gael se levanta e vem em minha direção, se posicionando estrategicamente em meu caminho para a porta de saída.

— Sei que não. Mas é que...

— Vamos conversar. — Pedro se levanta, dando a volta na mesa, e me encara. E desta vez eu realmente olho para ele, sem a sombra inicial do susto, procurando em seu rosto algum vestígio de raiva por eu estar aqui.

A nossa despedida não foi muito legal, eu já tinha feito um papelão imenso, o xingando na frente de todo mundo, na casa de Maria Luiza. Pedro sempre foi o meu saco de pancadas favorito, porque ele não revidava, nunca, e eu devia saber que uma hora ele se cansaria disso.

Seguro seu olhar, procurando essa raiva que eu tanto penso que ele sente de mim, e não encontro. E o alívio que eu sinto por isso é incalculável.

Ele era o meu melhor amigo e eu não queria que me odiasse. Não mesmo!

Meneio a cabeça, concordando, ele afaga os cabelos de Bruno e dá um beijo no topo da cabeça de Babi, antes de me apontar a porta. Confusa, por estar sendo convidada para uma conversa fora do apartamento, eu o sigo, em silêncio, parando ao seu lado, enquanto ele chama o elevador.

— Não precisava ir embora por minha causa, Jordie — ele diz, sem me olhar.

— Não foi por *sua* causa, propriamente dita. Eu achei que... eu pensei... — Me atrapalho com as palavras, e o sigo quando o elevador chega ao andar, encostando no lado oposto ao dele, o observando pelo espelho.

Nosso olhar se cruza e eu suspiro.

— Pensou que eu ficaria bravo? — Concordo e ele sorri. Finalmente sorri. — Eu não mudei o meu jeito, Jordie.

— Mudou um pouquinho. — Faço um gesto com o polegar e o indicador, e ele ri, me indicando o caminho até chegarmos à rua. — Meu carro está aqui na frente. Aonde você quer ir?

— Vamos tomar um café ali, que tal?

Olho para onde ele está indicando, a pequena cafeteria que abriu na esquina e que Gael vivia indicando. Seguimos a pé mesmo, apesar de ser início de tarde, não está muito calor e, por isso, ocupamos uma das mesas que ficam dispostas do lado de fora, embaixo de uma árvore de copas espessas.

O lugar é extremamente agradável, a atendente é sorridente e

simpática e, apesar de eu ter engolido algumas garfadas de lasanha, achei melhor, por segurança, pedir alguma coisa para comer. Mesmo ansiosa, ainda consigo apreciar o bolo de chocolate que me foi servido, fazendo uma promessa a mim mesma de voltar outro dia e poder, realmente, apreciar o lugar e a comida.

Mantemos uma conversa completamente aleatória, ainda que leve, falando sobre o clima, sobre a gravidez de Babi, sobre a mudança deles para a casa nova. Qualquer assunto que não seja a nosso respeito, ocupando agonizantes quinze minutos que nos transforma em qualquer coisa, menos em amigos de infância.

Costumávamos falar sobre tudo e sobre todos. Esses dois aqui, sentados nesta mesa, não são Pepê e Jordie. Definitivamente, não são. Respiro fundo e decido terminar com essa agonia.

— Quando chegou? — pergunto, enquanto faço um coque no cabelo, e noto sua expressão leve subitamente se endurecer, me deixando tensa. — Não sabia que estava de volta.

— Ontem — ele responde, sucinto, o olhar duro ainda percorrendo meu rosto, até que continua falando. — Babi está grávida, eu não conseguiria acompanhar de longe.

Tomo um longo gole do chá gelado, ao sentir a garganta ficar seca. Posso até dizer que Pedro não mencionou Babi para me diminuir, mas foi dessa forma que acabei recebendo a informação.

Eu voltei pela Babi, você não merecia essa consideração.

Desvio o olhar, tentando parecer despreocupada, mesmo tendo que piscar os olhos repetidamente, para conter as lágrimas que se formaram. E quando volto a olhar para ele, vejo que o olhar duro já se abrandou.

— Eu sou meio lento às vezes, Jordie, você sabe. — Ele ri, nervoso. — Então, eu acho que você deveria ter me colocado em meu lugar, anos atrás.

— Como assim? — pergunto, confusa.

Pepê é um sujeito muito transparente. Ele não consegue esconder as coisas que ele sente, ficam expostas em seu rosto. Sabemos exatamente quando ele está feliz, triste, nervoso ou magoado, e eu costumava conhecer cada uma de suas nuances e, por isso, sua expressão fechada me confunde. Ele parece irritado ao me olhar, porém, os seus olhos não demonstram isso.

— Eu acredito que confundi as coisas. Misturei sentimentos, esperei coisas que você não podia me dar.

Acompanho quando ele apoia o cotovelo na mesa e usa a mão para bagunçar o cabelo, que agora não tem traços de blondor e nem excesso de gel.

Ele realmente mudou durante o tempo que passou fora do país.

— Não é assim, Pedro. — Estico a mão, segurando a sua por cima da mesa, e seus olhos ficam fixos em nossas mãos juntas, enquanto eu continuo falando: — Tudo foi confuso para mim também, por muito tempo.

Pedro era o meu porto seguro. O garoto que estava sempre próximo, criado junto comigo, me protegendo de tudo e todos. Muitas vezes, até de mim mesma.

— Eu fui embora porque não podia mais viver desse jeito — ele continua, muito sério. Tão sério como eu nunca o tinha visto antes. — Sempre esperando uma migalha, esperando o grande dia em que você ia me descobrir como o amor da sua vida, e me assumir frente a todo mundo.

Ele me olha de uma forma tão dolorosa que, neste instante, eu gostaria de ser diferente. De poder dar a ele tudo o que ele espera, porque eu sei que Pedro é o tipo de homem que qualquer mulher morreria para ter. Não foi à toa que o escolhi para ser meu primeiro beijo ou para ser meu primeiro homem.

Foi, aliás, naquela noite que eu descobri que o meu poder de magoar as pessoas era ainda maior do que eu imaginava. Namorava Carlos já há alguns meses, era seguro para mim, porque ele não me despertava absolutamente nenhum sentimento. E então ele passou a querer dar um passo adiante na relação, e isso me apavorou.

Escolhi Pedro para tirar a minha virgindade e, depois de uns minutos de choque frente à minha proposta, seu rosto se iluminou tanto, que ele parecia uma lâmpada. Ele foi perfeito, carinhoso, cuidadoso, mas ultrapassou várias casas ao deixar claro que queria mais que um encontro escondido.

Ele fez uma declaração de amor linda para mim, que qualquer garota normal sonharia em receber, e eu devolvi aceitando o pedido de noivado de Carlos, na mesma noite. E isso partiu o coração de Pedro, o mantendo afastado de nossa casa por algum tempo.

Eu deveria ter mantido assim, uma distância segura entre nós. Evitaria muitos problemas, isso era certo. O problema é que eu não conseguia sentir com mais ninguém o que sentia com Pedro, aquele sentimento de estar protegida, segura.

Ele cuidava de mim, e eu me aproveitei disso, mais do que deveria.

— Eu sou mais difícil do que aparento — murmuro, angustiada. — E acabo magoando as pessoas. Sou confusa demais, também, Pedro. Mas quando fui te procurar no hospital, eu estava disposta a tentar.

Saber que Pedro poderia ter morrido, pelas mãos de Dimitrius, foi devastador. E era quase um *déjà-vu*, afinal de contas, não conversávamos há dias e eu só conseguia pensar, naquela sala de espera, que a história se repetia toda novamente. Ele morreria sem falar comigo, e isso me tirou o chão.

Eu faria qualquer coisa para me redimir daquele tiro. Não conseguiria conviver com mais culpa, de jeito nenhum. Se precisasse ir contra tudo o que eu pensava ou queria para mim, eu iria. Mas ele nem quis me ouvir.

— Disposta a tentar? — ele pergunta, erguendo a sobrancelha.

— Nunca foi segredo que eu não tinha nenhum interesse em um relacionamento sério — digo, com firmeza, e ele apenas balança a cabeça, confirmando. — Mas isso nunca me impediu de namorar.

— Jordie — ele suspira, logo depois de dizer meu nome, como se eu fosse uma criança mimada e birrenta —, você me propôs isso, anos atrás, e eu aceitei. Acho que você não esperava que eu fosse aceitar, porque desistiu em seguida, se lembra?

Torço os lábios, me lembrando de mais uma fuga nesse nosso relacionamento torto. Eu realmente disse que aceitaria um longo e descomplicado namoro, se fosse o caso, e ele aceitou de pronto, me desarmando.

O problema do Pedro é que ele sempre se anulou para o bem dos outros. Nunca se importou se qualquer coisa que ele aceitasse fazer o machucasse, o diminuísse, se fizesse o outro feliz, estava ótimo.

Ele é muito abnegado, de uma forma até irritante. Mas com certeza ele não se contentaria com um relacionamento simples.

Pedro é um cara de compromisso, sempre falou em ter filhos, exaltava o relacionamento dos meus pais, do meu irmão. Ele queria aquilo, ansiava como um louco pelo dia que teria uma família.

Uma garota como eu não serviria pra ele, vice-e-versa. Um dos dois teria que mudar, e isso nos deixaria infelizes para sempre.

Balanço a cabeça, confirmando que lembro, e ele sorri, como se avançasse mais uma casa nesse estranho jogo que estamos jogando aqui.

— Você nunca me quis, Jordie, essa é a verdade. Eu era muito bom para encontrar com você, escondido, mas não bom o suficiente para que me apresentasse como seu namorado. — Balanço a cabeça, nervosa, odiando que

ele tenha interpretado tudo dessa forma depreciativa. — Até mesmo Dimitrius serviu como par para você, e foi isso que me irritou.

Ouvir isso é como receber uma facada no peito. Perco o ar, toda a dor, a culpa, a raiva que eu sinto por ter me envolvido com esse homem voltando, arrasando com tudo, feito um tsunami de emoções ruins. Sequer consigo controlar as lágrimas, que rompem sem controle, escorrendo pelo meu rosto, enquanto meu corpo treme por inteiro.

Pedro estranha minha reação, tenta segurar minha mão por cima da mesa, mas eu a puxo, irritada.

— Eu *nunca* saí com Dimitrius — exclamo, entre soluços. — Eu não sabia quem ele era, só fui descobrir aquela noite, no coquetel. Se eu soubesse, nunca teria nem olhado *pra* ele, nunca!

— Ah, Jordie...

— O que você acha, Pedro? Que eu sou tão ruim assim? Que eu me envolveria *de propósito* com um bandido? — O ar me falta, novamente, e me curvo. — Meu Deus...

Ouçó o barulho da cadeira se afastando e logo sou envolvida pelo abraço acolhedor de Pedro, que segue murmurando pedidos de desculpas, enquanto me afaga, até que eu me acalme. Fico me perguntando por quanto tempo Pedro vem remoendo isso, me achando um monstro insensível, envolvida com o homem que matou Sofia e Mel, o homem que...

— Você conversou sobre isso com Gael? — Me afasto dele, sem conseguir encará-lo. — Ele também pensa que eu tive um caso com ele?

— Nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca falei sobre *você* com ninguém.

Novamente ele me traz para o seu abraço, e é como se uma novela passasse em minha mente. Relembrando todos os nossos momentos, desde quando ele me incluía nas brincadeiras “de meninos”, o convite que eu fiz para ele ser meu príncipe no baile de debutantes, o nosso primeiro beijo. Todos os anos em que o tive como meu refúgio preferido, meu porto seguro, meu melhor amigo, meu amante.

As nossas conversas sobre o futuro, tão diferentes um do outro. Sempre almejamos coisas tão distintas, e quando eu mencionava meus planos, ele somente sorria, sem tentar me convencer do contrário, mas sem acreditar muito que eu seguiria por esse caminho.

Seríamos infelizes juntos, isso é claro e cristalino para mim. Decido então abrir meu segredo para ele.

— Eu fiz um procedimento cirúrgico, há cinco anos — confesso, baixinho, ainda aconchegada em seu peito, sentindo sua mão alisar meu cabelo —, para não ter filhos.

Como esperado, o carinho cessa na mesma hora, ainda que sua mão não me abandone.

— Como assim, Jordie? — O tom de voz confuso me faz erguer o rosto, buscando seu olhar.

— Eu nunca quis ter filhos, você sabe. — Ele assente. — E depois do que aconteceu com a Mel, eu quis me precaver. Já estava cansada de tomar pílulas, injeções e...

— Fez uma cirurgia desse porte por causa da Mel?

— Não por causa dela — explico, o encarando —, mas foi aquela desgraceira toda que me deu a coragem que faltava para fazer o que eu queria.

— Seus pais não disseram nada? — Conhecendo os Prieto, a pergunta é natural. Tenho a certeza de que eles irão surtar quando souberem.

O que eu não tenho a menor vontade que aconteça, tão cedo.

— Eles não sabem. Você é o único que sabe.

— Cinco anos? — Fico vendo a miríade de sentimentos que passam por seu rosto. Surpresa, confusão, decepção, tristeza.

Foi uma decisão consciente, no entanto, e explico isso a ele, contando toda a minha jornada.

Tentei, por longos seis meses, ter o meu pedido aprovado pelo plano de saúde. Precisei de uma declaração em três vias de que não tinha interesse em ser mãe, assinado por duas testemunhas e meu médico. Me consultei com uma assistente social e com uma psicóloga e, em ambas as entrevistas, tentaram me demover da ideia de fazer a intervenção.

Ter filhos deveria ser uma decisão única e exclusiva da mulher e eu estava cansada da sociedade, no geral, tratar esse assunto como se fosse uma obrigação. Eu me sentia uma chocadeira ambulante, somente pelo fato de ter nascido com útero.

Entrei em contato com uma obstetra gaúcha que, mediante pagamento, diminuía a burocracia. Tirei “férias”, fiz o procedimento, e voltei depois de um mês, totalmente recuperada, sem contar a ninguém.

— Esse foi um dos motivos pelos quais eu nunca assumi você — finalizo, ainda vendo seu semblante perdido, sem conseguir me encarar.

— Achou que eu não aceitaria?

— Achei que não merecia.

— Decidiu por mim — ele responde, ríspido.

— Honestamente? Você nunca levou a sério quando eu dizia que não queria ter filhos. Pensava que a maturidade me daria a certeza de que eu nasci para isso — rio, sem humor, pois é o que noventa por cento das pessoas pensam — e você me cobraria por isso um dia.

— Acha que eu te obrigaria a ser mãe? — Desta vez, ele se ofende, e os olhos faíscam, revoltado.

— Não, ninguém me obrigaria a ser mãe. O fato é que não somos um casal compatível, Pedro. Você nasceu para ser pai e marido — aperto sua mão, sorrindo, mas ele ainda continua sério, chocado demais para reagir —, mas eu nasci mesmo somente para ser Jordie.

Pedro me olha por longos minutos, enquanto eu fico esperando um estouro. Um xingamento, uma reprimenda, uma crítica qualquer. Mas ele apenas passa a mão pelo meu rosto, secando uma lágrima solitária e teimosa que continua correndo.

— Esse cara com quem você fica, ele sabe disso? — Ergo os olhos, sobressaltada, o coração disparado no peito, pega de surpresa. Confusa, sem saber o porquê dessa reação.

— Cara? — pergunto, tentando disfarçar, e ele sorri, apontando para o meu pescoço.

— Você não se maquiou direito. — Sinto o rosto queimar de imediato, e levo a mão aos cabelos, soltando o coque que havia feito.

— Ah, isso é... quer dizer, eu não... nós...

— Eu não estou te cobrando, até porque não é da minha conta. Já estou resolvido quanto a isso. — Ele soa definitivo. — Quando decidi ir embora, eu já sabia que isso entre nós — ele faz um gesto com a mão, apontando de mim para ele — estava acabado.

Seu telefone acende sobre a mesa, e leio o nome “Claudia” piscando. Ele não atende, mas não faz nenhum movimento para esconder o aparelho e eu, mesmo curiosa para saber se é algum *contatinho*, não pergunto.

Afinal, não sei se ainda seremos amigos a esse ponto, e de tudo o que foi dito aqui na mesa, o que não foi dito é o mais doloroso.

Eu amo Pedro, e isso é claro. Mas é um amor diferente do dele. Um amor de irmãos que foram longe demais. Eu o quero feliz, e não quero mais ser responsável por suas dores, mas também não o queria me odiando.

— Eu espero que você seja feliz com suas escolhas, Jordie — a voz

doce e suave traz de volta o Pedro de sempre, amigo de todas as horas —, porque eu vou procurar ser feliz com as minhas.

Seguro sua mão, sorrindo, pensando que talvez nem tudo entre nós esteja perdido.



Murilo

Sou atingido por uma bomba cheia de pernas e braços, e aperto um pouco mais forte o travesseiro na cabeça, sem acreditar que já é hora de me levantar. Mal ouvi o despertador tocando ou sequer me lembrei de acioná-lo, e isso me lembra de que preciso ser ainda mais responsável.

— Papai! Papai! Bom dia! — Deitado de bruços, sinto Lincoln pulando em cima da cama, chamando minha atenção, e jogo o travesseiro de lado, olhando por cima do ombro.

— Pare de pular — ordeno, e ele se senta, imediatamente.

Arrumando o corpo, me sento, apoiando as costas no encosto da cama e apertando os olhos, tento visualizar as horas no pequeno relógio digital que fica, estrategicamente, na cômoda próxima à porta do quarto. Depois de anos desligando o alarme e perdendo a hora, foi preciso deixá-lo em um local onde seria necessário ficar em pé para silenciá-lo.

Nove e meia. Cedo demais para um trabalhador acordar em um domingo, mas tarde demais para um pai que tem um filho de cinco anos para cuidar.

Volto os olhos para o garotinho sentado na cama, me olhando, ansioso, e abro os braços, em um convite mudo para que ele venha. Parecendo um sapo saltitante, ele pula em meu colo, me enlaçando pelo pescoço.

— Bom dia! — Beijo seu rosto, recebendo um sorriso enorme, o típico sorriso que faz tudo valer a pena. — Cadê a tia Jennifer?

— Já foi, mas já ela chega. — Ele aponta para fora e eu sorrio da lógica infantil.

Há dois anos, fui obrigado a procurar ajuda, tinha acabado de ingressar no GOE e vi minha rotina, mais uma vez, ser alterada de forma drástica. Perdido, sozinho, tinha meus turnos estendidos e me desesperava ao

ver o relógio avançando as horas, sabendo que meu moleque estava na creche me esperando.

Já era difícil demais para ele não ter uma figura materna em casa, eu não poderia bagunçar ainda mais a sua cabeça o fazendo sentir-se largado por mim. Ainda hoje, eu tento compensar essa falta, lhe dando cem por cento de minha atenção quando estou acordado.

Sem parentes próximos, o jeito foi pedir ajuda pela vizinhança e, então, Jennifer se ofereceu. Ainda estudando, os horários dela e de Lincoln coincidem e não sei o que seria de nós sem essa ajuda providencial. Quando eu trabalho até mais tarde, como foi o caso ontem, ela o leva para dormir em sua casa, o devolvendo pela manhã.

— Vamos tomar café, então. — Me levanto da cama, seguindo com ele nos braços em direção à cozinha.

Sento o garoto na única cadeira sobrevivente que temos, e passo a abrir os armários, pegando uma tigela, cereal e leite. Corto uma banana em rodelas e misturo tudo, servindo a ele em seguida.

Um único olhar e ele sabe que precisa comer, e o faz, sem questionar. Me alivia que ele seja assim, um bom garoto, porque sempre temi me tornar como meu pai. O velho era como eu, mandão. Gostava de controle, gostava de dar ordens, sentia prazer quando alguém obedecia aos seus comandos. Mas, não se engane, a nossa semelhança termina aqui.

Ele era violento. E descontrolado.

Consigo me lembrar das surras que levava quando era moleque, cada vez que batia de frente com ele. Quando o via dominando minha mãe, a obrigando fazer o que não queria, a machucando. Eu sempre tentava protegê-la e não era bonito, foram ossos quebrados, pontos pelo corpo, castigos sem sentido que nunca me fizeram repensar nada, mas apenas me davam a certeza de que meu pai não deveria ter procriado.

Jurei a mim mesmo que seria um pai diferente, que não encostaria a mão em meu filho, que o faria ser um sujeito decente sem precisar me temer. Nunca precisei dar um tapa em meu garoto, mas confesso que gosto quando dou uma ordem e ele obedece, sem questionar. Lincoln existe para me deixar são, e por mais difícil que seja a nossa realidade, eu sou muito grato a ele.

Acendo o fogo, colocando uma caneca de água para ferver, sedento por um café. Esfrego o rosto, tentando organizar em minha cabeça o dia de hoje. É minha folga e eu poderia dormir o dia inteiro, mas também prometi a Lincoln um passeio de carro e não posso falhar com ele.

Nunca falharia com ele.

Posso ser um cara cheio de falhas, mas faço questão de ser um bom pai. Presente, companheiro, alguém de quem meu filho se orgulhe no futuro.

Cruzo os braços, olhando para o chão despretensiosamente. Acabo notando um fio brilhante, perto da porta, e me aproximo afastando o par de tênis que tirei assim que cheguei, já de madrugada. Uma correntinha fina, de ouro, que reconheço de imediato. A coloco na palma de minha mão, e percebo o fecho arrebitado. Antes mesmo de tentar entender como a pulseira parou no chão de minha cozinha, eu trago o objeto até o nariz, tentando sentir um resquício de perfume.

É inútil. Uma, porque um objeto tão pequeno não manteria o perfume grudado nele. E outra, porque o cheiro dela nunca me abandona, eu não preciso exatamente de um objeto para me lembrar dele.

— Papai — Lincoln chama minha atenção e, quando olho para ele, está apontando para o fogão —, está fazendo fumacinha.

Sorrio ao conferir a panela, e ver que a água levantou fervura.

— O correto é “está fervendo” — corrijo, e ele balança a cabeça, repetindo a frase. — Muito bem. Papai vai fazer um café e depois vamos passear, que tal?

— Vamos ao circo? — FRANZO o cenho, buscando alguma lembrança de ter visto um circo na cidade, sem sucesso, enquanto o garoto se aproxima correndo, com um papel na mão. — aqui, tem circo, papai. Podemos ir?

Pego o papel, olhando o endereço e fazendo uma careta ao ver o local e, principalmente, o preço dos ingressos. Um pouco acima do nosso orçamento, mas considerando que é um passeio diferente, acho que vale o sacrifício.

— Quem te deu esse papel?

— A Jennifer — ele responde, e eu suspiro. — Podemos ir, papai?

Lamento que talvez Jennifer tenha mostrado o papel pensando em fazer um programa conosco. Geralmente, quando é algo mais barato, eu a convido para ir junto, afinal de contas, a menina perde seu tempo livre tomando conta do meu filho, mas o valor do ingresso hoje só me permite pagar as duas entradas.

— Podemos. Papai vai dar um jeito na casa e vamos em seguida, tudo bem?

Sua reação é emocionante. Com um sorriso aberto, e os olhos brilhantes, ele se aproxima e me abraça, tão apertado que meu coração se

aquece no mesmo instante.

Queria não ser tão ferrado, o meu filho merece mais do que uma casa pequena de dois cômodos, e um passeio bom por mês quando seu pai está de folga. Porém é o que tenho para oferecer.

Assim que termino de tomar café, lavo os poucos utensílios que sujamos e os deixo escorrendo em cima da pia, olhando ao redor para ver se tudo está organizado na cozinha. Não tem muito o que organizar, para ser sincero. Uma geladeira pequena, uma mesa quadrada com uma única cadeira, um fogão de quatro bocas e um armário simples mobíliam o cômodo pequeno.

Abro o vitrô da cozinha, deixando passar um pouco de ar fresco, acenando para a vizinha do lado, que sorri, aberta, cumprimentando de forma efusiva.

— Bom dia, Murilo! Está de folga hoje?

— Bom dia! — Faço uma careta, me perguntando se ela, talvez, não gostaria de um megafone para anunciar à vizinhança que estou em casa.

As pessoas aqui, no entanto, não sabem que eu sou policial. Apesar do orgulho que tenho da minha profissão, tenho amor à vida e já vi outros colegas perderem a deles simplesmente por chegarem fardados em casa. Morar na periferia tem os seus dissabores, apesar de saber que essa não é uma realidade somente periférica, a bandidagem está em todo canto, inclusive, entre os engravatados de alta classe.

Ergo a mão, me despedindo, e sigo para o quarto, o lugar onde passamos a maior parte do tempo quando estamos em casa. Sorrio ao ver que Jennifer deixou tudo organizado, e preciso me lembrar de pagar-lhe um extra, por estar fazendo mais do que o combinado.

Ligo a televisão, buscando um dos poucos luxos que nos dou o direito de ter, o serviço de streaming com centenas de títulos de desenhos e filmes, e pergunto a ele o que gostaria de assistir.

— Scooby-Doo! — ele diz, animado, se sentando na cama, já pronto para assistir ao filme.

Acabo me sentando também, distraído, prestando atenção nas cenas, quando me pego comparando uma das personagens com a patricinha mimada que eu venho encontrando já há algum tempo.

Na cena, uns moleques chamam a turma do Scooby-Doo de otários e Daphne, mais que depressa, diz que eles precisam responder a isso e exclama: “calem a boca!”

Solto uma risada alta e sou acompanhado por Lincoln que, mesmo sem entender, pensa que estou me divertindo por causa do desenho.

Antes fosse.

Ultimamente essa gata brava vem aparecendo em meus pensamentos mais do que deveria, mesmo eu tentando manter uma distância segura dela. Estamos sempre nos esbarrando, como se o universo conspirasse para que nos encontrássemos, ainda que eu faça de tudo para que não aconteça.

Ontem foi um caso clássico. Saí do plantão mais tarde que de costume, e ofereci carona a Bento, que estava sem carro. Coisa simples, mas que acabou desviando minha rota por uns bons quilômetros. Já estava voltando para casa quando a vi, parada, na porta de uma boate. Linda, em um vestido colado e indecentemente curto, os cabelos soltos e brilhantes ao vento, e um par de saltos que deixaram suas pernas ainda mais deslumbrantes.

Quando dei por mim, já estava estacionando e baixando o vidro do carro, chamando sua atenção. E, mesmo surpresa, ela atravessou a rua e veio ao meu encontro. Sorridente e *rebolante*.

Não gostei do que senti quando ela me disse que tinha ido sozinha, para dançar. Um embrulho no estômago, um aborrecimento fora de propósito. Uma vontade de tirar satisfação, de perguntar quem tinha lhe deixado sair sozinha para dançar à noite.

Ridículo, completamente ridículo.

A levei até sua casa e, assim que estacionamos, perguntei mais uma vez se ela tinha mesmo ido sozinha àquele lugar. Atrevida, ela sorriu, confirmando que sim. Que tinha ido sozinha, bebido uns coquetéis, dançado com um desconhecido.

A vontade que eu senti, quando ela mencionou o tal desconhecido, foi de rasgar aquele vestido indecente e me afundar nela, no mesmo instante. Sentindo a possessividade correndo pelo meu corpo, ao mesmo tempo que sinto prazer com a forma como ela me provoca quando se rebela.

Desejava marcá-la como se fosse minha, para que nenhum engraçadinho colocasse as mãos nela novamente. E ela parecia saber disso, porque provocava, me contando como estava monopolizando a pista de dança, chamando atenção de todo mundo. Só parou de falar quando tomei seus lábios, querendo mostrar a ela que nada seria como nós dois juntos.

Somos fogo e gasolina juntos. Desde a primeira vez que a vi, tendo uma crise de ciúme por causa daquele alemão na casa do Vicente, eu senti a

eletricidade que corre entre nós. Nem eu mesmo me reconheci aquele dia, em um minuto estava ouvindo sua voz estridente xingando o rapaz sabe-se lá por que, e, no outro, a estava prensando na parede, sedento para tomar aquela boca atrevida na minha.

Seria tudo perfeito, não fosse uma somatória de coisas que transformam isso no desastre a ser anunciado. Ambos fugimos de relacionamento, isso é bom, é perfeito. Sabemos muito pouco de nossa vida pessoal, apesar de eu estar em vantagem por conhecer sua família. Ou por saber onde ela mora.

É inevitável rir, ao mesmo tempo que olho ao meu redor, relembrando de nossa conversa ontem à noite. Protegidos pela película escura do carro, ela fez um bico manhoso, após se sentar em meu colo e bater o joelho na lateral da porta.

Passei a mão pela parte traseira de sua perna, a erguendo e me abaixando para deixar um beijo no local onde tinha batido, e ela sorriu após arfar, surpresa com o gesto.

— *Me sentar em você no carro é bom demais, mas eu trocaria isso por uma boa cama. Pena que a minha está ocupada, não quer me levar para a sua?*

— *A patricinha está querendo mais espaço para levar uns tapas nessa bunda?* — respondi, em um tom divertido, e ela ergueu as mãos em sinal de rendição.

Safada. Deliciosamente safada.

Não disse nada, no entanto. O que iria dizer, que a patricinha mimada, dona de uma escola, que fica desfilando por aí em um SUV importado não iria se sentir confortável baixando aqui na periferia, em um barraco de dois cômodos, não importando quais intenções ela tivesse àquela hora?

Claro que não.

Não respondi, e ela também não cobrou resposta. Por ser um acordo que só envolve sexo, pode ser feito em qualquer lugar, inclusive, no carro. Mas confesso que adoraria mesmo ter esse pouco mais de espaço, e poder dar uns tapas naquela bunda deliciosamente redonda.

A lembrança da pele lisa e branquinha causa uma resposta automática em meu corpo, me fazendo levar a mão à minha virilha e apertar meu pau, que pulsa, dolorido.

Irritado, me levanto, recolhendo a roupa que separei para mim, e sigo para o banheiro, precisando de um banho frio.



Confesso que, se não fosse para agradar meu moleque, eu teria inventado qualquer outro passeio que não esse circo do outro lado da cidade. Nem parece que estamos num domingo, as ruas estão cheias, já fiquei preso em um engarrafamento e, por incrível que pareça, todos os semáforos da cidade parecem se fechar quando eu chego perto deles.

No entanto, a vizinhança que estamos é um tanto bonita. Ruas arborizadas, prédios simples, família nas ruas. Um bairro que, se eu tivesse condições, escolheria para criar Lincoln. Paro em mais um semáforo e tamborilo os dedos no volante, cantarolando um pop rock que está tocando na rádio, quando um movimento em um café, no outro lado da rua, me chama a atenção.

Jordie está sentada em uma mesa, junto a um cara que consigo reconhecer, é o mesmo playboyzinho que estava na casa de Vicente naquela reunião. O alemão que provocou nela uma cena de ciúme grande o bastante para acabar com a festa.

Sem conseguir captar direito a cena inteira, eu vejo quando ele, sentado ao lado oposto da mesa, se levanta, sentando-se ao lado dela, e a toma nos braços. Irritado, aperto a buzina, inconscientemente. Tentando interromper seja lá o que esteja acontecendo do outro lado, sem sucesso.

A cor do semáforo muda e logo escuto buzinas atrás de mim, me forçando a tirar o carro do lugar. Sigo acompanhando a cena pelo espelho retrovisor até perdê-los de vista, sentindo uma combinação um tanto explosiva de sentimentos. Esmurro o volante, tendo a certeza de que se eu estivesse a pé, a cena não seria bonita. Com certeza eu socaria aquela cara amarela de playboy, somente por ter colocado os braços nela.

Então me sinto congelar. *O que diabos estou pensando?*

Jordie não é absolutamente nada minha, apesar de ter sido presença constante em meu banco de carona nos últimos meses. Deixamos tudo muito claro: é somente sexo, e nada além disso. Quem eu penso que sou, para estar, agora, querendo socar um fulano com quem ela, claramente, já tem uma história pendente?

Acelero o carro, me aproximando do estacionamento desse tal circo, já me arrependendo de ter vindo, me sentindo o palhaço da atração. Sim, a sensação é essa, afinal de contas, o que essa mulher iria querer comigo, além

de sexo, puro e simples? Ainda que eu não tivesse banido relacionamentos amorosos da minha vida, o que eu teria a oferecer para ela?

Absolutamente nada.

Eu tenho meu filho para criar, e é nisso que preciso me focar.



A sessão estava cheia e eu cheguei a ficar com medo, ao ver o tamanho da fila, de não conseguir ingressos, mas felizmente, isso não aconteceu. Depois de comprar um balde enorme de pipocas nos posicionamos perto do picadeiro e pude acompanhar a alegria de Lincoln, animado, assistindo ao espetáculo.

Palhaços, trapezistas, malabaristas, dançarinos e, o mais impressionante e que deixou meu moleque vidrado, um número holográfico mostrando animais circenses. Elefantes, girafas, macacos, tigres e cachorros brincando no palco como se realmente estivessem ali, perto de nós.

— Você viu o tamanho daquele elefante, papai? — ele pergunta, segurando firme em minhas mãos, saltitando sobre os pés, enquanto seguimos a comprida fila para fora da arena.

— Foi o que você mais gostou? — pergunto, e ele balança a cabeça freneticamente, confirmando.

— Sim, ele era muito grandão. Você já viu elefante de verdade, papai?

Nego, com a cabeça, sem entrar em muitos detalhes. Afinal, não é como se eu tivesse tido uma boa infância, de qualquer forma, e zoológico nunca foi um passeio que eu quisesse fazer.

— Está com fome?

— Estou, a pipoca acabou faz tempo. — Ele bate na barriga e eu gargalho, abrindo a porta traseira e o prendendo na cadeirinha.

Não é de se estranhar que esteja faminto, afinal de contas, sequer almoçamos antes de vir para o espetáculo, o garoto está com o café da manhã e um balde de pipoca na barriga, e eu espero que isso seja considerado “coisa de pai”.

Não muito tempo depois, estamos entrando em uma lanchonete, em um perfeito dia para esbanjar o que eu não tenho, decido que posso pagar um lanche a ele, somente pela oportunidade de ver o seu sorriso aberto.

Eu tenho poucas lembranças boas de meu pai, muitas delas obtidas

quando eu tinha a mesma idade de Lincoln. Me lembro de sair com ele em seu velho fusca azul calcinha, comer pastel com caldo de cana na feira, ou um bate e volta até o litoral, onde ele tentava me ensinar a pescar. São poucos, mas guardo com carinho, porque foi o que me restou da lembrança de ter um pai carinhoso.

E por isso quando vejo meu moleque com os olhos brilhando e o sorriso expandido, como agora, depois de ter proporcionado a ele algo tão simples como um lanche que ele queria muito, eu sinto um misto de alegria e orgulho. Não existe dinheiro no mundo que pague essa sensação.

— Murilo, que surpresa. — Ouço a voz arrastada atrás de mim, e fecho os olhos, xingando mentalmente.

— Domingos — rosno, entredentes, e estico a Lincoln meu resto de batatas fritas, tentando mantê-lo distraído.

— Que bom encontrá-lo por aqui — ele diz, se aproximando, e imediatamente cerro o punho em cima da mesa. — Fiquei te esperando lá na minha balada.

— Eu te disse que não tinha interesse. — Olho por cima do ombro, tentando manter a voz baixa, porém, firme.

— Você ganha pouco, Murilo. E pode me ser útil, sabe? — Ergo a sobrancelha, sem dizer nada em resposta, e ele ri. — Ainda vai chegar o dia que você vai me pedir arrego.

— Isso não vai acontecer. — Aponto para a mesa, em um ar de tédio. — Agora, se não se importa...

— Espero você, Murilo. — Bate em minhas costas e sai, rindo, todo dono de si e do espaço.

Domingos tem uma casa de shows em um bairro na região central. É um lugar bem frequentado, vive cheio, porém, um prato cheio para a bandidagem. E, por bandidagem, vamos incluir o proprietário no balaio. Vários amigos meus, parceiros de farda, fazem bicos de segurança nesse lugar. A princípio, para complementar a renda, mas logo que descobrem o que é feito por baixo dos panos, acabam sendo sugados para o esquema.

Ou apagados, indefinidamente.

A primeira vez que Domingos me chamou para trabalhar, eu agradeci o convite, mas fui honesto. Cris tinha acabado de ir embora, deixando Lincoln para trás e eu mal estava dando conta de cuidar dele com minhas horas normais na delegacia a cumprir. O meu tempo extra eu gastava tomando conta dele, mesmo sabendo que esse dinheiro chegaria em uma boa

hora.

Estava completamente inocente a respeito disso. Até comentar com um investigador, conhecido meu, e ser informado que muita gente grávida estava envolvida com esse sujeito.

Claro, um sujeito como Domingos dos Anjos não aceita não como resposta, e sempre que me encontra, refaz a proposta. E eu confesso, se não fosse pai de família, já teria descarregado minha arma em sua cara, somente para não ter que continuar aturando suas investidas.

Me faço de morto, há quase quatro anos ele me convida incansavelmente, e nunca foi investigado. Ele deve pensar que eu não me importo com o que ele faz ou sou corruptível. Continuo o mantendo no radar, enquanto a Federal faz o trabalho que eu não posso.

— Terminou a batata? — pergunto a Lincoln, que já está com o olho caído, demonstrando cansaço.

— Já, sim. Vamos passear mais? — Acho graça, porque ele até quer demonstrar um entusiasmo, mas não consegue.

— Agora vamos para casa. Dormir, o que acha?

Ele sorri e deita a cabeça em cima da mesa. Aproveito que ele está quietinho para descartar o lixo e retirar as bandejas da mesa. Quando volto para buscá-lo, já o encontro dormindo, e fico morrendo de pena.

— Papai judiou hoje, né? — falo baixinho, o aconchegando em meu colo, a cabeça apoiada em meu ombro, e saio em direção ao estacionamento.

Distraído, não noto quando um conhecido carro, estacionado próximo ao meu, tem a porta aberta bem na hora em que eu estou passando.

— Murilo? — Arrepio ao ouvir sua voz e levo uns segundos para responder, a raiva que senti horas atrás voltando com força, naquela mesma reação sem sentido.

Penso em simplesmente continuar andando, não quero me virar e vê-la junto com aquele cara, mas ao mesmo tempo querendo demonstrar a ela que eu não me importo.

Respiro fundo e me viro, encontrando Jordie parada do lado de fora do carro, segurando a bolsa no ombro. Sozinha.

Olho em volta, discretamente procuro dentro de seu carro, mas ele também parece vazio.

— Oi — respondo, seco, e noto quando ela fixa os olhos em meu filho, dormindo tranquilo em meu colo.

— Não sabia que estava por aqui — ela diz, simpática. Mas eu, como

um bom ogro, não respondo, apenas balanço a cabeça.

Mais cedo não consegui ver o seu visual completo, mas agora ela parece uma menina, vestindo jeans e uma camisetinha básica. Noto que ela fica nervosa, talvez procurando o que dizer, com certeza curiosa para perguntar quem é o garotinho, mas insegura demais para romper o limite que impus sobre minha vida pessoal.

— Está indo para casa? — Confirmo, decidido a encerrar a conversa de uma vez por todas.

— Sim. Meu filho está cansado, como pode ver. — Acompanho a cor fugir de seu rosto conforme eu entrego a identidade da criança.

Também consigo ver quando, talvez inconscientemente, ela busca uma aliança em minha mão. E depois ergue os olhos, me encarando, buscando mais respostas que eu não estou a fim de dar.

Preciso me afastar dessa mulher, antes que não consiga mais controlar as coisas que venho sentindo.

— Boa noite, Jordie — me despeço e dou-lhe as costas, novamente, alcançando meu carro.

Tento acomodar Lincoln e sair daqui o mais rápido que consigo, mas ainda consigo ver, pelo espelho retrovisor, ela parada no mesmo lugar, acompanhando meu carro partir.

Vai ser melhor assim.



Pedro

Olho com certa gula para a generosa fatia de torta que Claudia coloca à minha frente, e travo uma batalha interna entre o meu bom senso e o meu olho grande. É sempre uma batalha perdida quando o assunto é comida, então, sem muita cerimônia, uso o garfo para abocanhar uma boa porção, adorando a acidez do creme de limão que eu tanto amo.

— *Hmmmmmm!* — exclamo, com exagero, vendo sua expressão sempre feliz ao me agradar.

— A tal cozinheira escocesa sabia fazer essa torta? — pergunta, e eu consigo notar a pontinha de ciúme.

— Ainda que soubesse, não ficaria igual à sua. — Largo o garfo e me levanto de supetão, a abraçando mais uma vez e enchendo o seu rosto de beijos.

Recebo dois tapas no braço e volto a me sentar em meu lugar. A pequena mesa de madeira sequer comporta todas as guloseimas que Claudia continua colocando sobre ela, mas não sou eu quem vou recusar comida. Não, senhora.

— Você não me disse — ela começa, em um tom aparentemente desinteressado, enquanto coloca uma xícara de café em minha frente — como foi lá, com a sua amiga.

Sorrio, enquanto bebo um generoso gole da bebida, forte e com pouco açúcar, como eu gosto.

— *Minha amiga?* — imito seu tom de voz. — Já não está na hora de parar com essa implicância?

— Não gosto dela — dá de ombros —, mas já te disse, não precisa me contar, caso não queira.

Fico a observando se mover pela pequena e arrumada cozinha, tão simples quanto sua dona. Parecendo uma casa de boneca, o armário marrom

toma uma parede inteira, contrastando com os eletrodomésticos brancos. Sobre a pia, a pequena janela quadrada está aberta, e a brisa faz com que a cortina se mova.

— Jordie é uma boa garota — eu começo, a ouvindo rir, de forma cínica. — Não merece toda essa raiva.

— Às vezes, eu acho que você é bonzinho demais, meu querido.

Parada no meio da cozinha, com as mãos na cintura, ela me olha em um misto de dureza e doçura.

— Colocamos um ponto final no que nunca tivemos — explico, e ela nem tenta disfarçar que parece muito aliviada.

Rapidamente ela se senta na cadeira em frente a mim, e segura a minha mão por sobre a mesa.

— Você está bem com isso?

Esta havia sido uma pergunta que eu fiz a mim mesmo, logo que me despedi de Jordie, ainda em frente à casa de Gael. Por muito tempo, eu imaginei que esse final seria doloroso, mas acredito que o fim mesmo ocorreu há quase um ano, quando decidi por viajar e esquecê-la.

— Estou — confirmo, não querendo que ela se sinta mal. — Era o mais sensato a ser feito.

— Eu sei que posso parecer muito implicante — ela sorri —, mas você já sofreu muito por essa menina, Pedro. E sabe o que eu penso sobre quem faz você sofrer.

Apesar de já ter completado cinquenta anos, Claudia tem uma jovialidade que mataria muita gente de inveja. Os cabelos castanhos e lisos, presos em um coque bagunçado, são tão brilhosos que parecem mesmo um outdoor ambulante de seu salão de beleza. O sorriso aberto é seu cartão de visitas, demonstra toda a simpatia que ela distribui a *quase* todo mundo. Mas são seus olhos que realmente entregam quem ela é.

Tal qual uma janela, conseguimos ver através deles, seus amores e suas dores, seus anseios e medos e, até mesmo, suas implicâncias. Claudia deve ser a pessoa mais transparente que eu conheço.

— Eu já não sofro mais. — Dou uma piscada, sincero, e ela suspira fundo.

— Que bom, Pedro. Porque você precisa mesmo de uma mudança em sua vida e não é apegado a esse passado que irá conseguir.

Mudança. Isso é tudo o que eu conheço, desde garoto.

Foi em um final de verão que vi a minha vida mudar de forma

drástica. Não que ela fosse lá muito agradável, mas eu *sabia* como lidar com o que eu tinha. Estava acostumado com a indiferença, com as cobranças, com a inquietude que eu trazia desde menino, mas não me surpreendia mais com essas coisas.

Havia se passado três dias do meu aniversário de dezoito anos, e eu combinei com Gael de dormir em sua casa. Mas ele alegou que tinha uma matéria complicada para estudar — e que pouco depois eu descobri que era por causa de Sofia, com quem ele tinha começado a namorar —, e eu não queria ficar sozinho com Jordie, pois era sempre o que acontecia quando seu irmão estava ocupado demais para me dar atenção.

Jordie e eu sozinhos não estava dando muito certo, as coisas andavam por um caminho que eu tentava evitar a todo custo.

Com a mudança de planos, fiquei em meu quarto, ouvindo música. Os fones de ouvido eram potentes, mas nem o melhor deles me impediria de ouvir o som de um vidro se quebrando.

Em um impulso, me sentei na cama e tirei os fones, firmando minha atenção e tentando ouvir mais alguma coisa. As vozes no andar de baixo eram altas, meu pai sempre teve uma voz potente, mas nunca esperei ouvir a minha mãe retrucar à altura.

Temi por ela. Nunca vi o meu pai ser violento, apesar de por várias vezes ter preferido uma surra à sua frieza, mesmo assim me levantei e, abrindo a porta com cuidado, segui pelo corredor até o topo da escada. Quis observar e impedir, caso ele quisesse ser um pouco mais incisivo.

O carpete que tomava todo o piso do andar superior facilitou a minha chegada silenciosa, e notei que eles conversavam no escritório que ficava no andar de baixo. Não era exatamente perto de onde eu estava, mas com a casa em silêncio e uns poucos decibéis a mais na voz, não foi difícil ouvir tudo o que eles estavam dizendo.

E, nesse ponto, eu não sei se eu preferia ter ouvido ou ter me mantido no escuro. Tudo era discutido de forma cínica, todas as cobranças — de ambos os lados — ocorriam como se o assunto fosse corriqueiro, que aconteceria em qualquer família. Dona Silvia se sentia desprestigiada, e seu Olavo odiava cobranças, principalmente se não faltava nada à pessoa que o cobrava.

Sim, precisamos fazer um adendo: para Olavo Fontana, nada lhe falta se você tem dinheiro, afinal de contas, tudo e todos podem ser comprados.

A minha vontade, enquanto ouvia todo aquele absurdo, era descer as escadas e gritar com eles. Mas eu não podia fazer isso, precisava manter a cabeça fria e, mais tarde, descobrir mais a respeito da pessoa sobre quem eles conversavam.

“Já se passou muito tempo, Silvia. Eu não sei por que você continua batendo nesta tecla.”

“Talvez porque eu saiba que nada fica encoberto por muito tempo, Olavo.”

“A ideia foi sua, não esqueça disso!”

“Mas você não reclamou da execução, não é mesmo?”

Foi devastador.

Perdi o chão por um tempo, sem saber como agir, parado no topo da escada, correndo o risco de ser pego no flagra. Até respirar foi difícil.

Voltei para o meu quarto, ainda em silêncio, e desabei ao fechar a porta atrás de mim. Sentado no chão, chorei tudo o que havia guardado por dezoito anos. Me sentia uma fraude, uma moeda de troca. Nenhum deles precisava de mim para nada, mas, ainda assim, decidiram me inserir nesse contexto, sem se importarem com quem eles machucariam no processo.

De repente, tudo fez sentido. A forma como eu sempre fui tratado, a frieza, o descaso. Eu esfregava o peito, tentando conter o enorme buraco que parecia se abrir cada vez que eu relembrava as minhas tentativas de aproximação, minhas demonstrações de carinho, sempre inúteis.

Eles nunca me amaram, e eu não entendia o porquê, não conseguia compreender. Principalmente quando comparava a minha vida com a de Gael, me esforçando para não ser invejoso, mas querendo tanto o que ele tinha... Só queria ser um garoto normal, com uma família normal.

Por um ano, eu me mantive calado. Foi ainda mais difícil, porque eu passei de introvertido a rebelde. De repente, ser obediente não fazia mais sentido, eu não precisava ser o filho modelo de ninguém, eu era apenas um mal necessário.

Decidi procurar por ela. Economizei tudo o que eu tinha, guardando centavo por centavo da mesada que eu recebia, mantive minha busca de forma incansável, torcendo para que ela vivesse na mesma cidade que eu. Se ela vivesse fora, eu não desistiria, mas demoraria ainda mais até a encontrar.

Os Prieto notaram que as coisas não estavam boas para o meu lado, eu não conseguia disfarçar, mas também não consegui contar a eles. Como

dizer que eu era... não, eu não queria. Não antes de encontrá-la e saber se isso era verdade.

Foi difícil, porque eu só tinha um nome. Eles a mencionaram na discussão, e confirmei semanas depois ao encontrar a lista de antigos funcionários que trabalharam em nossa casa. Toda e qualquer descoberta a respeito disso me enojava, e quanto mais eu mexia, pior a coisa ficava.

Era insuportável me manter debaixo do mesmo teto que meus pais, mas o que eu poderia fazer àquela altura? Jovem estudante, sem nenhuma formação, nunca havia trabalhado fora. Cheio de conflitos comigo mesmo, inerentes à idade, inseguro e, para piorar, apaixonado.

Eu era uma bomba relógio prestes a explodir.

Depois de meses procurando, encontrei um velho motorista que trabalhou em nossa casa. Como obra do destino, ele passava com seu táxi em frente à universidade, e buzinou ao me reconhecer.

Era um tiro no escuro, mas acabou sendo um tiro certo. Francisco era um sujeito bonachão, que adorava jogar conversa fora e eu costumava passar muito tempo na garagem enchendo sua paciência quando era pequeno. Não foi difícil, então, puxar assunto com ele e perguntar de nossos antigos funcionários.

Munido de um endereço, fui completamente despreparado, somente com uma mochila nas costas e muita cara de pau. Parecia destemido, mas a atitude me custou noites sem dormir, somente tomando coragem.

Sabe como é, covardia sempre me foi uma fiel companheira.

Chegando ao local, do outro lado da cidade, me deparei com uma típica casa de vila. Uma construção simples e bem cuidada, cuja mureta baixa e o gradil vazado me permitia observar a movimentação da casa, antes mesmo de anunciar a minha chegada.

Notei uma campainha instalada ao lado do pequeno portão e respirei fundo, sem coragem de apertar o botão. Queria ter coragem, ao mesmo tempo que pensava ser uma besteira sem fim. O que ela diria?

Uma insegurança monstruosa tomava conta de mim, quase me impulsionando a virar as costas e ir embora, e deixar isso tudo para trás.

Continuei analisando o espaço em volta, observando o jardim bem cuidado do lado direito, e um quintal cimentado do lado esquerdo, sendo perfeitamente dividido por um caminho, cujo piso era feito com os tradicionais caquinhos vermelhos tão presente em casas mais antigas. Esse caminho levava a três degraus, que por si levavam a uma pequena varanda.

E na varanda, a porta marrom, na qual eu fixava meus olhos, enquanto o coração disparava no peito, se abriu, me pegando de surpresa.

Uma mulher muito jovem apareceu em minha linha de visão e trocamos um olhar silencioso. Eu continuava muito nervoso, não sabia se ela seria quem eu procurava, não tinha nenhuma foto, estava totalmente no escuro. Talvez ela sequer morasse nesse lugar, a minha razão tentava me dizer, enquanto eu mal conseguia ouvir devido ao retumbar do meu coração.

Abri e fechei a boca mais de uma vez, tentando formular uma pergunta. Seria simples, apenas dizer o nome de quem eu procurava, mas a voz me abandonou. A jovem mulher não parecia muito melhor do que eu, estática com a mão no peito, os olhos arregalados, ela também parecia não conseguir dizer uma palavra, mas veio dela o primeiro movimento.

Lentamente desceu as escadas, e eu podia ver seus lábios tremendo, conforme ela se aproximava. E toda a dúvida que eu tinha se dissipou quando ela abriu o portão.

— Viajando novamente? — Sua voz me traz de volta, mais uma vez perdido nas lembranças

— Sempre... — Sorrio. — Estava me lembrando do passado.

— Relembrar do passado é bom. Ruim é ficar preso nele, sabia?

Esta é uma frase que ela me diz com frequência. Deve ter sido o primeiro conselho que ela me disse, anos atrás: *Desapega, Pedro.*

— Muita coisa mudou para mim, você sabe. — Afago o dorso de sua mão com o polegar, em um carinho tão nosso, que ela sorri. — Eu não sou mais aquele fracassado de antes.

— Não gosto quando fala assim — ela ralha. — O fato de não ser superfamoso antes, não quer dizer que era um fracasso.

— Tudo bem, não vou falar mais, prometo. — Ela arqueia as sobrancelhas, claramente não acreditando em minha promessa, e eu ergo as mãos, rendido. — Juro!

— É agora que você vai me contar o que tanto tem enrolado para me dizer desde que chegou?

Essa coisa que mães têm, de saber por antecipação as coisas que queremos fazer, deve ser alguma peça original de fábrica. A mãe de Gael é exatamente igual, sabe tudo por antecedência, nada acaba sendo novidade.

Ainda de mãos dadas e em silêncio trocamos um sorriso carinhoso. Minha mente viaja para o nosso primeiro encontro, quando ela se aproximou de mim, os olhos brilhantes.

— Filho? — sussurrou, em um fio de voz.

Eu tremia tanto que poderia quebrar ao meio. Enquanto a via se aproximar, não tinha compreendido que ela tinha me reconhecido. Mas antes mesmo que eu pudesse entender como ela sabia quem eu era, a palavra “filho” tomou conta de todo o meu ser, e a puxei para um abraço.

Claudia chorava, de soluçar, grudada em minha camiseta, me pedindo perdão, falando várias coisas que eu não conseguia compreender. Parados na calçada, era como se eu estivesse me reconectando à minha história, sem sequer ouvir nada, era um pedaço de um quebra-cabeça que estava sendo montado, dando todo um sentido à minha vida.

Alguns minutos depois, quando conseguiu se acalmar, ela me convidou para entrar. Sem soltar minha mão, me levou para dentro de sua casa e, com um sorriso lindo, segurou meu rosto entre as mãos e disse:

— Pensei que nunca teria o prazer de te conhecer.

Eu sabia muito pouco dessa mulher, mas seus olhos tinham tanta verdade ao dizer isso, que eu simplesmente sabia que nesse lugar eu era bem-vindo.

Olhei ao redor, na pequena sala de estar, e notei imediatamente o porta-retratos em cima da estante, em lugar de destaque. Na foto, eu devia ter uns quatorze anos e voltava de algum lugar onde praticava esportes, pois estava de chuteiras, sujo e descabelado.

— Eu não podia chegar perto de você — ela explicou —, mas precisava ter ao menos uma foto sua. Foi o mais perto que consegui, e era o meu tesouro mais precioso, até hoje.

— Eu te procurei por um ano inteiro... — murmurei, tentando me explicar.

— E eu esperei você. Esperaria para sempre, se preciso fosse.

O mesmo carinho que me dispensou em nosso primeiro dia, ela fez ininterruptamente pelos últimos anos. Nunca recebi nada além de amor.

E é nesse amor que eu aposto, ao segurar sua mão por cima da mesa, e a olhar com firmeza.

— Não quero mais esconder você, mãe.

Imediatamente ela puxa sua mão da minha, e se levanta, retirando uma das travessas de cima da mesa e a dispondo sobre o fogão.

— Já conversamos sobre isso infinitas vezes, Pedro.

Não é mentira. Logo em minha primeira visita, eu sugeri a mesma coisa. Queria gritar ao mundo que eu tinha uma mãe, queria me mudar de

mala e cuia para sua casa, trocar minha certidão de nascimento.

Ela se desesperou. Implorou para que eu nunca dissesse nada, pois seu pai foi obrigado a assinar um documento em que ela se comprometia a nunca se aproximar de mim. E mesmo depois de tanto tempo, ela ainda carrega o medo de prejudicar a família, que também a abandonou à própria sorte.

— Já faz anos — argumento. — E eu não sou mais um moleque. Sou um adulto e podemos brigar, juntos, caso ele tome alguma atitude.

— Por favor, Pedro — ela diz, chorosa, os braços circundando o corpo. — Eu não quero me afastar de você. Estamos bem assim, não estamos?

Seu tom de voz indica que nem ela mesma acredita nisso, mas eu não suporto deixá-la apavorada. Me levanto e atravesso o pequeno cômodo, a trazendo para um abraço.

— Estamos bem, claro que estamos — beijo o topo de sua cabeça —, mas eu quero te apresentar aos meus amigos. Eles nunca perguntaram quem é você, quando seu nome aparece piscando em meu celular, mas eu odiaria te apresentar como uma amiga.

— Tenho medo — ela sussurra. — Na verdade, eu tenho pavor que o seu pai mexa seus pauzinhos e eu acabe perdendo o pouco que eu conquistei.

O medo que eu vejo em seus olhos é real. Ela já perdeu demais em sua vida, quando foi abandonada pela família por culpa de meu pai. Apesar disso, batalhadora, não desistiu até ter como ganha-pão aquilo que sempre sonhou para si: um salão de cabeleireiro.

Há dez anos, Claudia resolveu colocar em prática a sua paixão por estética e montou, no espaço vazio que ela tinha no quintal de sua casa, um pequeno salão. A princípio, seria apenas voltado a atender os vizinhos, mas depois de algum tempo precisou contratar algumas funcionárias. Apesar de pequeno, o lugar vive cheio e é bem-conceituado pelas redondezas.

— Eu estou aqui, mãe — digo, apertando mais meu abraço. — Eu brigo por você.

E eu brigaria. Travaria uma guerra com Olavo Fontana, se preciso fosse, caso ele ousasse mexer com ela ou com sua família. Argumento mais uma vez por algum tempo, mas ela continua irredutível. Com medo de perder seu salão, com medo de seus pais, agora idosos, serem atingidos de alguma forma. Com medo de que eu tenha que me afastar.

Porém eu já devo ter dito que seus olhos, essas duas esferas castanhas e brilhantes, entregam muito quem é Claudia Oliveira. E o brilho deles me

diz que, talvez, ela esteja prestes a ceder. Só que não hoje.

— Eu te amo — ela declara, e eu beijo seu rosto, a tranquilizando.



Parado no farol, indo para casa, eu repasso o meu dia. Mal voltei ao país e já estou com comichão, querendo trabalhar. Relembro a mensagem que recebi, ainda em Kennoway, de uma publicação nacional, perguntando quando eu estaria no Brasil, pois tinham interesse em me contratar para uma cobertura no Rio de Janeiro.

Gostaria muito de manter as férias, mas ficar parado sempre foi um problema sério para mim. Pego o celular, abro o aplicativo de conversa e decido deixar um áudio para o meu contato na revista.

— Bráulio, aqui é Pedro Fontana. Boa noite, e desculpe o horário, mas quanto antes pudermos conversar, talvez seja melhor. Estou em São Paulo, aquele *trampo* ainda está de pé? Me avise!

Solto o celular no banco, colocando o carro em movimento. Aumento o som, acompanhando a música que toca em uma rádio local, cantando alto. Aos berros, posso bem dizer, e felizmente sozinho, assim posso desafinar com gosto.

O fato de precisar atravessar a cidade todas as vezes que visito minha mãe, não me aborrece, eu gosto de dirigir. Mas eu confesso, gostaria que ela vivesse perto de mim. Tenho condições de lhe dar uma boa vida hoje, mas ela é irredutível, aprendeu a ser independente da pior forma e nem mesmo Arthur, seu namorado, consegue fazê-la mudar de ideia.

A minha vontade é, realmente, deixar que todos saibam de nossa história. Claro que isso terá desdobramentos, alguns não muito interessantes para Olavo e Silvia Fontana, mas não me preocupo com eles. Não mais. Eu só não posso, e não vou, fazer como meu pai e passar por cima de sua vontade, mais uma vez. Ela não merece isso.

Sigo cantando, enquanto me aproximo de casa, mas o bom humor acaba quando vejo Paula parada na portaria de meu prédio, argumentando algo com o porteiro. Cheguei a rezar para São Judas, o santo das causas perdidas — segundo minha mãe —, para mantê-la longe de mim por um tempo, mas parece que essa causa é ainda mais perdida do que as que ele costuma tomar conta.

Paro o carro em frente ao portão, procurando o controle da garagem,

mas não fui rápido o suficiente para me manter incógnito. Com um sorriso imenso, a mulher se aproxima do carro, rebolando.

— Pedro, meu querido. — Ela se debruça na janela, e eu não consigo conter a vontade de dar um olhar furtivo para o seu decote, suntuoso na posição em que ela se encontra. — Eu pedi tanto para me avisar quando voltasse!

— Paula, como vai? Como soube que eu estava de volta?

— Tenho meus informantes, e você tem seus fãs. Manur acabou me avisando que viu você no aeroporto.

Manur, claro. Chego a ficar curioso, querendo saber se ele resolveu partir para fotos paisagísticas também, mas não estico o assunto, não é mesmo de minha conta.

— Certo — bato no volante, em um cumprimento um tanto informal —, nos falamos outra hora, eu tenho umas coisas para resolver agora.

Tento manter o tom sério, com um certo distanciamento, para ver se ela consegue compreender. Nosso último encontro foi muito, muito ruim. Ela se hospedou em Fonthill e ficava à espreita, rodeando a casa de Eric, chegando ao cúmulo de invadir a propriedade e quase sair na mão com Violet, indignada por ter sido questionada sobre sua presença no local.

Mas “*não*” parece ser uma palavra que ela desconhece.

— Posso subir? Quero mesmo falar com você.

— Olha só — me debruço na janela, deixando claro que não vou sair do carro, e vejo quando seus olhos crispam, irritadiços —, eu estou mesmo de passagem, preciso preparar minha mala, saio de viagem amanhã cedinho.

Paula não é uma mulher de aceitar negativas, e eu não sabia disso. Na realidade em que ela vive, todos sempre lhe dizem sim. O único não que ela conhece é o que ela mesma profere, e isso se tornou um problema muito sério.

— Já conversamos sobre isso, meu querido — ela diz, com um sorriso gélido no rosto. — Não acho que sua dívida comigo esteja bem paga.

O tom usado comigo, como se eu fosse uma propriedade sua, me causa uma irritação descontrolada. Fecho os olhos, respirando fundo e quando os abro novamente, a vejo sorrindo, triunfante, como se esse argumento fosse sempre suficiente para me convencer.

Costumava ser, mas isso também mudou.

— Se eu te devo algo, Paula, vou pagar em dinheiro. Basta me dizer o valor, mas não hoje, pois estou ocupado. — Aciono o portão da garagem e

coloco o carro em movimento, a ouvindo gritar atrás de mim que irei me arrepender.

Acelero, antes que coloque a cabeça pela janela do carro e grite que já estou arrependido, há tempos.



A resposta da revista não demorou muito a chegar. Eles pareciam mesmo muito empolgados em me ter nessa matéria, e eu confesso que me animei junto, já que essa é a maior publicação de turismo no Brasil, e sem nenhuma ligação com Paula Vasconcellos.

Eles me pediram para fazer umas fotos no Parque Nacional de Itatiaia, no Rio de Janeiro, que é um local inédito para mim. Sequer precisei pensar duas vezes, o cachê é bom e eu passarei uns dias longe, fugindo da perseguição de Paula e dando mais uns dias para que minha mãe pense no assunto que eu propus.

Eu encontrei com a equipe deles no local, pela manhã, então calculando pelo aplicativo de mapas, eu tenho cerca de três horas de viagem daqui até lá, seguindo pela Dutra, o que me dará umas cinco horas de sono.

Perfeito!

Estou entretido, fazendo uma pequena mala, quando o interfone toca. Curioso, sigo até o aparelho, e sou informado de que Gael está na portaria querendo subir. Eu deveria ter imaginado que ele apareceria, para saber que diabos aconteceu entre sua irmã e eu.

Libero sua entrada e, poucos minutos depois, estou abrindo a porta para um sujeito carrancudo, que me espera de braços cruzados, em cima do tapete, na entrada.

— Vai entrar ou preciso buscar uma banquetta para me sentar aqui na porta?

Balançando a cabeça, um tanto descontente, ele passa por mim, seguindo até a sala de estar. Fecho a porta e o sigo, imaginando o teor de nossa conversa.

— Por que nunca me disse, Pedro? — ele me pergunta, ainda virado de costas, olhando pela janela.

Confuso, não respondo de imediato. É tanta coisa que eu guardo somente para mim, que chega a ser assustador imaginar *do que* ele me acusa desta vez.

— Vou precisar de mais informações para poder responder, mano.

Ele me lança um olhar carregado de decepção. E eu consigo entender, sequer vou culpá-lo por isso. Somos amigos de infância, *melhores amigos*, devo dizer. Mas o tanto de segredos que eu guardo, de assuntos somente meus, de coisas que não compartilho... A lista é gigante.

Provavelmente você se pergunta o porquê disso. E eu, sinceramente, não sei responder. Às vezes, as pessoas me contam as coisas em segredo, outras, não são assuntos que competem a ninguém mais. O fato é que me acostumei a ser uma esponja, e espremê-la não é tão simples.

— Eu já perguntei uma vez, e vou perguntar novamente: o que, exatamente, você e Jordie tiveram?

Suspiro, e aponto o sofá, seguindo também até ele e me sentando. Mas diferente de mim, Gael se mantém em pé, parado no meio da sala.

— Eu não vou engolir o “nada” que Jordie sempre me responde, quando eu pergunto.

— Então, eu vou te decepcionar — sorrio —, porque essa é a única resposta válida.

— Eu sempre te contei tudo, Pedro! — A voz firme sobe um tom acima, irritadiça. — Pensei que confiasse em mim também.

— Eu confio — digo, com firmeza —, mas além de não estar, tecnicamente, mentindo para você, eu só sou dono de cinquenta por cento da narrativa.

— Não me venha com essas merdas! — Ergue o dedo, em riste. — É da minha irmã que estamos falando!

Balanço a cabeça e impulsiono o corpo para trás, me encostando no sofá e fechando os olhos. Gostaria muito de fugir dessa briga, mas sei que não vai ser possível, afinal, Gael tem um jeito diferente de encarar as coisas. Talvez por ser advogado e ouvir os maiores segredos, pensa que tudo necessita ser dito, mas algumas histórias, como essa, não são somente minhas para serem ditas por aí.

— E o que a *tua irmã* te disse, quando você perguntou?

— Que não era da minha conta! — Ergue as mãos, impaciente, e eu poderia rir.

— Gael... — chamo, inutilmente, somente para vê-lo se aproximar do sofá onde estou sentado.

— Quando eu comecei a namorar a Sofia, você foi o primeiro a saber. Quando eu me senti envolvido pela Babi, foi ao seu estúdio que corri. Você é

como um irmão para mim, meu melhor amigo, padrinho do meu filho, e nunca me escondeu nenhuma de suas *peguetes*, mas resolveu que logo a *minha irmã* teria que ser mantida em segredo?

Tudo é dito de forma bem gestual, enumerando os “motivos” nos dedos, como um típico italiano exagerado. Cansado de me sentir encurralado, me levanto, sustentando seu olhar.

— Eu não tinha nada para te dizer, porque você ia perguntar além do que eu poderia te contar.

— Mesmo que não fosse nada, você tinha que ter me falando!

Ele me encara, os olhos brilhando, mas diferente da raiva que ele costuma demonstrar quando contrariado, eles brilham de decepção. E eu não consigo sustentar o olhar, de certa forma, envergonhado.

— Foram anos, Pedro. Anos agindo como se fossem irmãos, se encontrando pelas nossas costas, namorando escondido.

— Não, Gael — suspiro —, não namoramos, apesar de eu ter desejado isso por muito tempo.

Ele finalmente se senta, e então eu conto, muito brevemente, um pouco da minha história com Jordie. Nossos encontros escondidos, o meu pedido de namoro, sua recusa.

— Nunca percebi... — ele murmura, e eu bato em seu ombro, chamando sua atenção.

— Porque nunca quisemos que vocês percebessem — afirmo. — Está tudo bem.

— Não deu certo por nossa causa? — FRANZO a testa, sem entender. — Por causa da nossa família, foi por isso que não assumiram?

— Não. — Sou enfático, e ele até arruma o próprio corpo no sofá, prestando atenção. — As coisas não deram certo por nossa causa mesmo, Gael. Não funcionamos como casal.

Ele não parece muito satisfeito com a explicação que eu dei, mas eu não poderia prosseguir, sem contar além do que cabe a mim.

— Tem mais alguma coisa que você tenha me escondido? — ele pergunta, e meu coração chega a dar um salto no peito.

— Como... como assim?

— Você trepou por anos com a minha irmã, Pedro — ele diz, sem me olhar.

— Não fala desse jeito — respondo, firme, e ele me encara.

— É mentira?

— Não seja um babaca. — Me levanto, impaciente, querendo encerrar de uma vez essa discussão. — Eu não *trepei* com ela, você está sujando algo que não foi sujo. — Ele tenta contra-argumentar, mas o impeço. — O meu assunto com Jordie se encerrou hoje, e não quero continuar essa conversa com você também.

— Ah, não quer...

— Não. Jordie e eu somos amigos hoje, e não quero você dando *piti* por aí. Já tive a minha cota de Prieto fazendo isso.

Se o seu olhar decepcionado não fosse indicativo suficiente do que me aguarda em um futuro próximo, a frase que ele me diz antes de ir embora seria:

— Não me esconda mais nada, Pedro.

Esconder um namorico é, definitivamente, bobeira perto do que é esconder a minha real origem. Com certeza, ele irá se decepcionar comigo novamente. Será inevitável, eu sei.

E isso me atormenta, um bom tempo depois que ele saiu e eu me encontro deitado, virando de um lado a outro na cama, tentando encontrar o sono que perdi, pois pegarei a estrada ainda de madrugada.

Esfrego o peito, angustiado, me perguntando quando eu vou, finalmente, ter minha vida nos eixos.



Pedro

Eu já sabia que o Parque Nacional de Itatiaia era um lugar espetacular para visitar. Por muito tempo esteve em nosso roteiro, meu e de Gael, como visita obrigatória, mas nunca conseguíamos realmente colocar nosso plano em prática. O lugar fica localizado na Serra da Mantiqueira, exatamente na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e, pelas minhas pesquisas, é o mais antigo parque do Brasil, fundado em 1937.

Já passa das 7h da manhã quando entro pela portaria e pago a minha entrada. A minha intenção era ter chegado um pouco mais cedo, porém, a viagem demorou mais de quatro horas, devido a infernais problemas conhecidos por “Via Dutra”.

Por volta de três quilômetros adiante, estaciono frente ao hotel localizado dentro do parque, onde a equipe já está reunida, à minha espera. Um produtor, um assistente e uma garota, toda empolgada e colorida, que ficou responsável por fazer as publicações nas redes sociais da revista durante a sessão de fotos.

— Bom dia, Pedro! — O rapaz que eu reconheço como sendo Bráulio, o mesmo com quem fechei contrato ontem, me estica a mão em um cumprimento esfuziante. — Como foi a viagem?

— Confusa — olho em volta, aspirando o ar puro da serra, encantado com o visual do lugar —, mas felizmente consegui chegar. E então, o que faremos?

— Primeiro, vamos tomar café, pois chegamos agora também. — Ele aponta para os dois jovens que o acompanha, e eu os cumprimento. — E depois vamos nos informar se conseguiremos cumprir o roteiro todo em um dia.

— Acha que conseguimos? — pergunto, e ele dá de ombros. Mas sua expressão entrega que ficaremos aqui um pouco mais do que o esperado.

Não que eu esteja reclamando, o lugar é realmente lindo. Seguimos para o restaurante, onde o café já está sendo servido para os hóspedes e o salão está relativamente cheio para uma segunda-feira. Parecendo um casarão de fazenda, o ambiente é todo feito em madeira e tijolo vermelho aparente, e as mesas dispostas estão cobertas com uma toalha verde. As grandes janelas que tomam conta de todo o lado esquerdo nos deixam ver a vista magnífica do parque, o que me faz ter certeza de que é impossível ter um dia ruim neste lugar.

Somos servidos com café, bolos, pães, queijos e uma infinidade de frutas, e passo a conhecer um pouco as pessoas com quem irei trabalhar nas próximas horas. Maicoln é carioca, tem dezenove anos e cursa Fotografia em uma universidade privada em Madureira. Cinthia é também carioca, tem incríveis 25 anos com aparência de 16 e está finalizando o curso de Marketing.

Já Bráulio é um sujeito animado, simpático, e todo tatuado, três adjetivos que acabam escondendo sua idade. Casado e pai de três filhos, um deles entrando já na adolescência, consegue ser mais falante do que eu, e enquanto estamos finalizando o café, ele passa a explicar toda a logística da sessão.

— O parque, como você deve saber, é dividido entre a parte baixa e a parte alta — ele explica, abrindo um pequeno mapa sobre a mesa de café. — Na parte baixa, temos as cachoeiras Véu de Noiva e Itaporani, a Piscina Natural do Maromba, o Lago Azul, o Museu da Fauna e da Flora e o Mirante do Último Adeus.

Conforme ele vai citando os pontos, me mostra apontando para o mapa, previamente marcado com um X no ponto em específico.

— Existe uma montanha, chamada Três Picos nessa parte baixa, que fica bem aqui — aponta mais uma vez para o mapa, e faz uma careta, negando com a cabeça —, mas eu a excluí de nosso roteiro, porque é necessário um termo especializado para subir.

Analiso o local, traçando com os dedos o provável trajeto e vejo que conseguimos cobrir toda essa parte em um dia, ou menos. Devo ter sido muito transparente porque, ao levantar o rosto, noto Bráulio sorrindo, animado, concordando sabe-se lá com o que ele pensa que eu decidi.

— Certo, essa aqui é tranquila. E a parte alta? — pergunto, e ele troca o mapa, me mostrando a parte das montanhas.

— A maioria dos picos têm por volta de 2.500 metros — ele explica,

e eu passo a chacoalhar a cabeça, negando.

— Precisamos analisar bem o local, saber se conseguimos subir com equipamento, verificar luz. Para fotos recreativas, pode ser tranquilo, mas como você quer fotos profissionais, talvez não seja o indicado. Não, fazendo assim, sem uma avaliação.

Ele presta atenção em tudo o que eu estou dizendo, sobrancelhas cerradas observando as anotações que eu faço, meneando a cabeça para deixar claro que entendeu.

— E na parte alta, provavelmente teremos que escolher um dos passeios — sigo explicando. — Por ser um local alto, talvez não iremos conseguir fazer mais de um no mesmo dia. As travessias, pelo que estou vendo, necessitam de um pernoite.

— Você conseguiria ficar aqui por dois dias? — ele pergunta, e eu confirmo. — Certo. Cinthia e Maicoln não podem ficar mais do que isso, porém, podemos aproveitar toda a parte baixa hoje, e decidir quais desses pontos visitaremos amanhã.

Cerca de meia hora depois estamos em frente ao centro de apoio, já com o nosso roteiro a seguir. Com minha câmera em mãos, seguido por Maicoln, passamos por uma trilha em meio à mata, e aproximadamente a trezentos metros encontramos a nossa primeira atração, a Cachoeira Véu de Noiva. O nome faz jus ao visual, cortando a vegetação uma parede de pedra recebe uma caída d'água que se assemelha a um véu de renda, fino e longo.

Depois de feitas as fotos, seguimos a placa indicativa de uma bifurcação dessa mesma trilha, nos levando até a cachoeira Itaporani. Mais baixa, a vegetação cerrada abre um extenso caminho de pedras grandes e lisas, cuja corrente d'água desce com força até desembocar na parte baixa, formando um lago límpido.

Somente nessas duas primeiras atrações, eu gasto dois cartões, dos dez que trouxe, e imagino que será pouco, tamanha beleza.

Passa das 14h quando estamos de volta ao ponto de apoio. Molhados, sujos, suados, mas sorridentes, devido ao trabalho bem feito. Todos os pontos cobertos, os cartões cheios, com material suficiente para umas quinze edições sobre o Parque.

— Acho que precisamos de um banho, concordam? — Cinthia pergunta, ao chegar à clareira e ver a situação de seu par de tênis, tão sujos que me fariam rir, caso os meus não estivessem iguais.

Seguimos até o check-in do hotel, e pagamos um dos chalés para nos

limparmos. Não ficamos muito tempo lá dentro, talvez cerca de uma hora, mas ao sair, o tempo está completamente escurecido.

— *Eita!* — exclamo, assim que abro a porta.

Faço um movimento com a mão, chamando a atenção de Bráulio e não precisa ser muito inteligente para saber que nossos planos de fotografar no outro dia estão arruinados.

Descemos em fila indiana até o restaurante, totalmente fora do horário de almoço, mas, por sorte, ainda conseguimos ser atendidos.

Com o salão praticamente vazio, nos apossamos de uma das mesas e, enquanto comemos — ou, eu diria, devoramos a refeição — ficamos com os olhos fixos no horizonte, cada vez mais escurecido, indicando que a chuva que se aproxima é daquelas violentas.

— Acho que *miou o trampo* amanhã, não é? — Maicoln pergunta, e eu apenas dou de ombros. Não é como se eu conseguisse fazer milagres.

— Se continuar assim, será bem difícil conseguirmos.

Trabalhar por tanto tempo na Escócia me deu uma experiência que eu talvez não tivesse, se ficasse preso somente aqui, no Brasil, onde as condições de clima são menos adversas. Claro que temos mudança de clima, mas no geral, é possível contornar.

Explico que a chuva forte que se aproxima irá diretamente interferir na iluminação, mas, além disso, teremos dificuldade em acessar as trilhas, devido ao lamaçal que se formará no caminho. Considerando que estaremos no meio do mato, não é difícil convencê-los.

Vejo Bráulio sacar seu celular, acessando o aplicativo que mostra a previsão do tempo, e soltar um palavrão em seguida.

— Veja isso. — Ele estica o aparelho para mim. Chuva forte na região pelos próximos dois dias.

Ergo as sobrancelhas e viro para os dois jovens ao nosso lado, deixando a bomba nas mãos deles. Não é difícil entender o veredicto, só pelo olhar que eles me lançam.

— Podemos marcar uma segunda rodada, Bráulio — declaro, o segurando pelos ombros —, mas acho que a nossa rodada terminou por aqui.



Bato a porta do maleiro e me viro, erguendo o braço para me despedir de Bráulio, que está parado no caminho dos chalés. Finalizada a primeira

parte da sessão, decidi voltar a São Paulo hoje mesmo e fugir de eventuais problemas com a chuva. Uma vez na estrada, longe das montanhas, eu estarei mais confortável para dirigir.

Assumo o volante, aperto a buzina em um último adeus, e coloco o carro em movimento. Bráulio tentou me convencer a passar a noite por aqui, mas eu honestamente não me sinto confortável em ficar em um chalé no meio do mato, com uma tempestade se aproximando.

Eu não estava preparado para voltar a São Paulo tão cedo. Com certeza, ainda vou me aborrecer com Paula, ou ainda ter que lidar com o assunto “Jordie”, e não tenho paciência para tal. Mas qualquer coisa é melhor que esse silêncio quebrado apenas por cigarras e sapos noturnos.

A tela do celular acende, e sorrio ao ler a notificação de mensagem recebida. Avisei minha mãe que estava voltando para casa, e ela provavelmente está passando aquela conhecida e adorável cantilena materna que já estamos acostumados.

“Venha com cuidado. Não corra. Coloque o cinto. Me ligue quando chegar.”

Não corra.

Sorrio e aperto o pé no acelerador, aumentando a velocidade, conforme atinjo a estrada, seguindo as placas que me levarão até a saída para a rodovia. Mal havia se passado dez minutos, quando vejo um pequeno engarrafamento, e o que parece uma aglomeração um pouco mais adiante me faz diminuir a velocidade, até parar.

Esticando o corpo, coloco a cabeça para fora, tentando entender o que está acontecendo, quando noto um guarda rodoviário vindo, veículo a veículo, passando informações.

— Boa tarde — ele me cumprimenta, e eu retribuo com um aceno.

— Aconteceu alguma coisa? — O homem coça a cabeça, aparentemente exausto.

— Ocorreu um deslizamento um pouco mais adiante, bloqueando a passagem. — A voz sai de forma automática, e me pego pensando quantas vezes ele já repetiu essa mesma história. — A prefeitura local já está providenciando apoio para limpar o acesso, mas não temos previsão de quanto tempo irá demorar.

Levo a mão à cabeça e olho em volta, notando que alguns motoristas já estão fazendo o retorno.

— Eu estou indo para São Paulo — explico. — Tem algum outro

caminho que me leve até a Dutra?

— Aqui, por trás, tem uma estradinha de terra, mas não aconselho. — Ele aponta para um local pouco atrás de nós. — Pode ter deslizamento por lá também. Porém se você seguir aqui por cima, tem uma estrada que leva para Minas. Você pode encontrar a bifurcação que separa os estados e voltar pela 354, até chegar à Dutra novamente.

Peço para ele me explicar novamente todo o trajeto e decido arriscar. Logo irá anoitecer, mas se eu conseguir acessar a estrada correta, devo chegar em casa antes das 22h. Agradeço o homem e manobro o carro, fazendo o retorno e seguindo pelo caminho que ele me indicou.

A estradinha pavimentada é cercada ora por densa vegetação, ora por residências parecidas com charmosas chácaras, e ao longe eu posso ver as montanhas do parque, em uma imensidão verde sem fim. A noite está caindo e eu continuo a dirigir, procurando a placa que me levará até a rodovia, sem sucesso.

O tempo também não ajuda. O vento assovia, cruel, e chacoalha as copas das árvores, deixando os arredores assustadoramente vazios. Com o som ligado, tento distrair a mente conforme sigo pela estrada, quando vejo um relâmpago cruzar o céu, pouco à minha frente, e estourar em um descampado ao lado.

— Merda! — exclamo, me sentindo de certa forma sortudo por estar dentro do carro, é de conhecimento popular que pneus de borracha ajudam nessa questão. Acelero um pouco mais e aumento o farol, iluminando a placa à minha frente.

Comemoro, um pouco efusivo demais, ao ler BR-354 escrito na seta. Faço a curva, seguindo para onde a seta indica, quando um trovão assustador rompe e o céu parece se abrir, derrubando toda a água que estava armazenada nele, de uma só vez.

Diminuo a velocidade e aciono o para-brisas, notando que ele pouco dá conta do aguaceiro que escorre pelo vidro.

Ao chegar à rodovia, mal consigo enxergar nada. Penso em parar no acostamento, porém, as estatísticas não são favoráveis para carros estacionados nos acostamentos em dias de chuva. Bato com a mão no volante, quase como um pedido de desculpas ao pobre carro, e sigo em frente.

O rádio passa a chiar, talvez perdendo o alcance da estação que eu ouvia, e eu seleciono minha *playlist* preferida. Não gosto muito de viajar sem

estar ouvindo uma rádio “real”, é sempre bom estar antenado nas notícias ao redor, mas hoje parece um tanto difícil.

Nem bem a música passa a soar no carro, eu aumento o som e canto junto com Justin Timberlake.

“Você não é algo a se admirar, porque o seu brilho é algo como um espelho.

E eu não posso deixar de reparar, você reflete nesse meu coração.”

Meia hora e cinco músicas depois, eu estou convencido de que me ferrei e estou dirigindo para o desconhecido. Sem conseguir enxergar nada ao redor, a chuva torrencial não para de cair e a estrada está completamente vazia porque, obviamente, o único imbecil que enfrentaria essa tempestade dirigindo sou eu.

— Você é um completo idiota, Pedro! — ralho, comigo mesmo, em voz alta. Sentindo a costumeira falta de barulho.

Sem sinal de celular e sem ideia de onde estou, sigo adiante, devagar e sempre, até que a chuva parece diminuir um pouco e eu percebo que dirigi por quase duas horas sentido Minas Gerais.

Um gênio!

Noto uma placa adiante, indicando a entrada para uma cidade, e resolvo fazer uma parada. Continuar dirigindo neste estado não é muito inteligente, posso encontrar um hotel e, principalmente, comer alguma coisa.

Exausto e perdido, tudo bem, mas com fome, não dá certo!

Faço o contorno, entrando em uma pequena ruazinha que me leva a uma praça minúscula, em frente a uma igreja. Como era de se esperar, a cidade está vazia e duas quadras depois da pequena praça, eu tenho a impressão de que percorri todo o local.

Retorno o caminho mais uma vez, observando as poucas casas locais, iluminadas e sigo observando para ver se localizo algo parecido com um hotel. Se este for o centro da pequena cidade, não deve ter em sua totalidade mais do que seis quadras com uma praça no meio. Estaciono em frente à igreja, olhando ao redor e posso ver rodeando a praça, ao lado da matriz, um banco 24 horas, um guichê com uma placa dos Correios e um posto de saúde.

Sorrio, pensando que ao menos as pessoas podem mandar pedidos de socorro por carta, e pagar pelos selos, aqui nesta cidade.

Viro para o lado oposto da igreja, onde vejo dois comércios fechados e, sorrio, aliviado, uma lanchonete que ainda tem as portas abertas. Manobro o carro e estaciono em frente, correndo os olhos para dentro. Completamente

vazia.

Eles que me perdoem se estiverem perto de fechar, eu preciso comer algo antes que meu estômago comece a reclamar.

Desço do carro e saio correndo para dentro da lanchonete, tentando fugir da chuva que começou a cair com força novamente. O trajeto era curtinho, nada que uns quatro passos não me trouxessem para a área coberta, mas foi o suficiente para me deixar ensopado.

Puxando a camiseta que grudou no peito, imagino o tamanho da gripe que vou pegar, caso não ache um chuveiro quente. Me aproximo do balcão, olhando em volta e procurando o atendente.

Meus olhos são atraídos para uma bunda maravilhosamente virada para cima, cuja dona parece estar tendo problemas com algo no chão. Soltando, baixinho, alguns impropérios, ela reclama de um velho, de pessoas folgadas, do pouco salário, da chuva e até mesmo da programação noturna da TV.

O tecido da calça abraça seu corpo com uma certa perfeição, ao menos nesse ângulo, e eu gostaria muito de continuar a minha observação, mas me pego curioso para saber se a parte da frente é tão perfeita quanto a de trás.

— A TV aberta é mesmo uma porcaria — eu digo, alto, e ela grita, se levantando e olhando em minha direção.

Confesso que prendi o ar por um instante, ao ver o rosto lindo da garota que me olha como se eu fosse um fantasma.

Eu poderia elogiar qualquer parte dela, neste momento. A pele branca, parecendo porcelana e que assumiu um tom avermelhado nas bochechas conforme nossos olhos se cruzaram. Os lindos olhos castanhos, amendoados e brilhantes, emoldurados por cílios longos. O nariz bonito, bem feito e comprido, que combina com o rosto redondo de maçãs salientes.

Também poderia falar do cabelo, longo, castanho e cacheado, que cai feito uma cascata por seu ombro, fazendo com que eu instintivamente feche as mãos para conter a vontade de tocá-los. Qualquer parte desse rosto perfeito poderia ser cantada em verso e prosa, mas quando eu olho para a sua boca, eu me perco.

Os lábios cheios e bem desenhados se abrem, em um milímetro apenas, somente para que sua boca capture o lábio inferior e puxe para dentro. Uma pequena físgada com os dentes, o soltando em seguida, me deixa preso nesse movimento, fazendo com que esqueça todo o resto.

Fico me perguntando qual som sairia dessa boca infernalmente linda, quando meus desejos são atendidos. Bem, mais ou menos...

— Veio brincar de estátua ou vai pedir alguma coisa?

Sorrio, me lembrando de que se fosse fácil, não teria graça.

9



Evangeline

Deito o corpo sobre o balcão, exausta e morta de sono. A noite foi um tanto complicada, um pouco mais do que vem sendo nos últimos anos, mas os dias nunca param para que nós, pobres mortais, possamos descansar.

No entanto, eu realmente gostaria de uma novidade hoje. Nem que fosse passageira.

— Cansada, anjo? — Ouço a voz do meu patrão atrás de mim, um pouco mais alta que o necessário. — Que tal finalizar essa limpeza, hein?

O vejo apontar para o aparador, que eu resolvi limpar um pouco mais cedo, e seguir rindo para os fundos do bar, carregando um grande saco preto, provavelmente para jogar na lixeira.

Não me dou ao trabalho de responder, até porque, a pergunta dele é retórica e irritante.

Seu Antônio é um sujeito alto e corpulento, com seus cinquenta e poucos anos. É o típico “tiozão do churrasco”, adora fazer piada fora de hora, comentários inoportunos, tem opinião sobre tudo e todos. Porém, apesar de se achar a última bolacha do pacote, é apaixonado por sua esposa, a Laninha.

Elaine, a Laninha, é uma das pessoas que eu mais gosto na vida. Uma senhora simpática, muito ativa, apesar de seus quase setenta anos, e que me estendeu a mão há alguns anos, quando eu pensava que o teto cairia em minha cabeça. Literalmente, eu diria.

A casa onde eu moro estava em uma situação lamentável e eu, na época, uma garota de vinte anos, dormia com um olho aberto e outro fechado, claramente conseguindo ver o céu através do teto esburacado, temendo que algo caísse em cima de mim durante a noite. Água de chuva, inclusive.

Tendo apenas o ensino médio completo, morando em uma cidade minúscula e sem condições de procurar emprego em outra cidade próxima, eu não sabia mais o que fazer para conseguir dinheiro. O pouco que eu juntava

com algumas faxinas ou com alguns bolos que eu vendia — e que eu sei que eram bem ruins e as pessoas compravam somente para me ajudar — meu pai acabava gastando. Era um ciclo sem fim.

Foi então que a Laninha me chamou, um dia, perguntando se eu não gostaria de trabalhar para ela em sua lanchonete. Eu tinha zero experiência, mas muita força de vontade, então aceitei. A princípio, eu só cuidava da limpeza do salão, Antônio mal me deixava ficar do lado de dentro do balcão. Trabalhando das 8h às 17h, todos os dias, de segunda a sábado, acabei conquistando o direito de fazer um pouco de tudo.

Ganhava pouco, mas foi o bastante para consertar o telhado.

A *La Verdense* serve como lanchonete, restaurante, padaria e boteco para os habitantes da cidade e os eventuais turistas que aparecem por aqui de vez em quando. Seria divertido, caso as margens do rio Verde, motivo que traz turistas até o local, não fosse um tanto distante da cidade. Ou se Rio Verde não contasse com incríveis dois mil habitantes apenas.

Como *seu* Ferreirinha, um senhorzinho muito risonho e simpático que todas as tardes vem tomar seu *cafezim* com pão.

— *Tarde!* — ele cumprimenta, puxando o erre em um *tarrrrrrrde* comprido.

— Boa tarde, *seu* Ferreirinha. — Sorrio, e aponto para sua mesa favorita, próxima à porta. — Pode sentar, que eu vou preparar o seu pão.

Algumas pessoas têm costumes imutáveis, e *seu* Ferreirinha é um desses. Ele poderia tranquilamente comprar alguns pães e levar até sua casa, localizada na rua detrás, para comer no aconchego do seu lar. Mas desde que eu trabalho aqui ele vem, religiosamente, todas as tardes. Se senta na mesma mesa, no mesmo horário, e pede a mesma coisa.

Corto um pão de sal ao meio, capricho na margarina e coloco na chapa enquanto preparo seu café. Circundo o balcão e levo a bandeja, colocando à sua frente na mesa, enquanto ele continua olhando para fora, distraído.

— O senhor *tá bão*, *seu* Ferreirinha? — pergunto, ao vê-lo com o olhar perdido procurando algo do lado de fora.

Esse *algo* a cidade inteira sabe o que é. O homem perdeu a esposa há pouco mais de três meses e, desde então, não foi o mesmo.

— *Tá* um pouco *custoso* hoje, Eve, mas vai passar. — Ele bate sua mão por sobre a minha, e dá um gole na bebida, me dando uma piscadinha em seguida, agradecendo.

Volto para o balcão a tempo de ver Tadeu passando pela porta da cozinha e, só então, noto que seu expediente já acabou.

— *Nú!* — exclamo, ao passar por ele. — Já vai embora?

— Até passei da hora, Eve, quase cinco e meia. — Ele ri, sem diminuir a passada um milímetro, temendo que Antônio o veja e o faça ficar mais um pouco, como sempre.

É no horário que os funcionários da cozinha saem que eu me sinto mais solitária. Laninha vem pela manhã, atende no balcão até às 10h, horário que eu chego, e depois fica na cozinha até às 13h, preparando o almoço. Quando ela vai embora, eu ainda tenho a companhia dos outros funcionários, mas após eles saírem, só me resta mesmo o Antônio.

E ele é intragável.

Vive insinuando que eu tenho “privilégios”, dados por sua esposa, desde que eu passei a chegar mais tarde. Claro que ele esquece que, das 7h às 10h, eu trabalho na pequena pousada de dona Matilde, limpando e arrumando os dois quartos disponíveis, caso algum hóspede apareça. O que nunca acontece, mas não sou eu quem vou dizer isso a ela, preciso desse dinheiro extra.

O que Antônio ignora é que eu chego mais tarde, mas também vou embora depois de todo mundo. Se eu tivesse coragem de denunciá-lo, talvez ganharia uma bolada em direitos trabalhistas, mas ele sabe que não tenho e, exatamente por isso, extrapola.

Ergo os olhos, buscando o grande relógio da parede, que passa a ser o meu maior almozinho daqui em diante, e vejo que são quase 18h. Poderia comemorar que só faltam duas horas para eu ir embora, mas sempre acontece alguma coisa que me segura até mais tarde.

E, como se pensamentos pudessem trazer ações à realidade, vejo meu patrão passar correndo, em direção à saída.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, enxugando a mão e indo atrás dele.

Sua esposa é uma mulher muito forte e ativa, mas teve algumas complicações por conta de sua pressão arterial no último ano e, desde então, vivemos sobressaltados. Saber que o pronto-socorro mais próximo fica há alguns quilômetros, na cidade vizinha, não é algo encorajador.

— Ah — ele se volta, parecendo se lembrar de minha existência —, acho que vai chover, anjo. Veja!

Ele aponta para o céu e, realmente, algumas nuvens negras já se

formam no horizonte, atrás das montanhas. Bufo, fechando os olhos, imaginando o trabalho que terei pela frente.

— Se chover forte, vou precisar de ajuda com o ralo — alerta, e ele apenas balança a cabeça, saindo em seguida, sem maiores satisfações.

Vou até a calçada, e inclino o corpo para a frente, tentando ver a minha casa. É algo que me acostumei a fazer, mesmo sendo inútil, pois ela fica no final da rua e nunca consigo enxergá-la daqui. Mas foi um hábito que precisei aprender a ter desde que o vício de meu pai ficou fora de controle.

Ele estava melhor, seus dias de sobriedade andavam superando os dias de embriaguez. Mas o mês em que estamos é complicado, é sempre quando as memórias o atingem em cheio e ele bebe para esquecer. Ou para morrer de uma vez, já não tenho mais certeza.

— Eve! — *seu* Ferreirinha grita, e volto para atendê-lo. — Sumiu *esse trem* novamente.

O *trem* ao qual ele se refere é o sinal da tevê. Há alguns meses, Antônio resolveu instalar uma tevê via satélite na lanchonete. O problema é que só funciona se o céu estiver límpido. Uma nuvem no céu é o bastante para encobrir o satélite e, pronto, lá se foi a imagem.

— Vai chover. — Aponto para o céu e, só então, ele se dá conta da mudança de tempo. — Vamos ter que esperar.

Uma rajada mais forte de vento e ele se levanta, deixando uns trocados sobre a mesa, e se despede com um aceno de mão, andando rapidamente para casa. As pessoas que residem em cidade pequena parecem ter uma ligação direta com a previsão do tempo — ou são as articulações que avisam, vai saber — porque, pouco depois que o homem decide ir embora, um trovão alto irrompe e a chuva decide vir com toda a força que ela tem, castigando a terra.

Sozinha, saio correndo para os fundos, trancando a porta que leva para a rua de trás, evitando surpresas. Entro no banheiro, localizado ao lado da despensa, e pego um balde, alguns panos e um rodo de madeira, seguindo para trás do balcão. Como esperado, o local já está molhado, devido ao vazamento.

Me dou o direito de fechar os olhos e suspirar fundo, pedindo paciência e, não, força, e espalho alguns panos ao redor do ralo. Inutilmente, eu sei, pois toda vez que chove forte, a enxurrada, de certa forma, sobe por ele e alaga a parte de trás do balcão.

Ouçó o telefone tocar e me atrapalho, esbarrando no balde. As

peessoas que precisam trabalhar para sobreviver mereciam um pouco mais de consideração da vida.

— Alô! — digo, um pouco mais alto, olhando para a ventania castigando as árvores na rua.

— *Eve, está tudo bem aí?* — Laninha parece preocupada, e deveria mesmo, afinal de contas, a tempestade não está para brincadeira.

— Tirando o problema no ralo, tudo bem. — A ouço soltar um suspiro, aliviada. — Antônio está com você?

— *Sim, querida. Está aqui, nervoso porque tem que assistir aos canais abertos.*

— Nossa, que problema sério — murmuro, e ela ri, divertida.

— *Baixe as portas, querida. Não fique sozinha aí, com tudo aberto, e vá para casa, assim que a chuva diminuir. Passo em sua casa amanhã cedo, para pegar as chaves.*

Por mais irritada que eu esteja no momento, levando em conta a situação, não consigo ficar brava com Laninha e todo o seu carinho e preocupação para comigo. Fico imaginando que, se minha mãe ainda estivesse viva, seria exatamente assim que ela me trataria.

— Não se preocupe, vou fazer isso — respondo, antes de ouvir mais algumas breves recomendações e encerrar a ligação.

Me volto para o ralo, e vejo que somente os panos não irão segurar a enxurrada. Me abaixo, e passo a torcer os panos encharcados no balde, voltando a colocá-los no ralo, e repetindo, à exaustão.

— É inacreditável! — praguejo alto e descontroladamente. — Aquele velho preguiçoso e folgado sabia que isso aconteceria, por isso saiu correndo daqui. Eu não ganho para essa merda, aliás, a mixaria que eu ganho, mal pagaria meia hora desse tormento e, enquanto essa droga de chuva não passa, aquele folgado está reclamando da porcaria da programação da tevê aberta!

— A tevê aberta é mesmo uma porcaria! — alguém responde, atrás de mim, e dou um salto no lugar, me levantando com o coração aos pulos.

Me levanto, preocupada por não ter ouvido o barulho de ninguém entrando, quando sinto meu coração falhar uma batida ao ver o homem parado próximo ao balcão.

Gostaria muito de olhar ao redor, caso ele não esteja sozinho, porém, não consigo desviar os olhos da camiseta branca, ensopada e grudada no peitoral forte. Subo os olhos, lentamente, até encontrar um par de olhos azuis me analisando.

Uma irritação acaba tomando conta de mim, ao mesmo tempo que pareço estar ouvindo o tom cínico de Carlos, me dizendo, todas as vezes que um turista aparecia na lanchonete:

“Esses caras de cidade grande pensam que nossas mulheres são prostitutas, Eve. Nenhum desses caras que te paqueram realmente se interessam por você, querem “comer e vazar.”

Fecho as mãos em punho, tentando controlar meu coração, que ainda não está batendo normalmente, e sustento seu olhar. *Ê, lá em casa*, que belo par de olhos ele tem! Se eu for muito honesta, não são somente os olhos — e o peitoral — que ele tem de bonito.

O cabelo loiro e curto está com os fios todos bagunçados, como se ele tivesse passado a mão para tirar o excesso de água. O maxilar quadrado está coberto por uma barba rala, com alguns fios mais claros, grisalhos talvez. Os lábios finos estão apertados, em uma linha fina, e eu me perco ali, um minuto, até vê-los se curvarem. Um meio sorriso, como se gostasse da apreciação.

“Eles não se interessam por você, Eve.”

A irritação volta, e eu me pergunto por que diabos ele não falou nada ainda. Fica só me olhando, com essa cara de... de... balanço a cabeça, decidida a terminar com isso.

— Veio brincar de estátua ou vai pedir alguma coisa? — pergunto, firme, e vejo o sorriso se expandir.

Putá merda, que homem bonito! Ele sério já é de *fechar o comércio*, mas sorrindo... é perfeito! O sorriso parece tomar conta de todo o seu semblante, ele não usa somente os lábios para isso, ele sorri com os olhos.

Quem sorri com os olhos?

— Me perdoe — a voz rouca também combina com ele, e meu coração volta a acelerar —, estou um pouco atrapalhado. E perdido.

Ele dá de ombros e só então consigo desviar os olhos, vendo o carro preto estacionado do lado de fora.

— De onde veio? — pergunto, e suas sobrancelhas fazem um movimento ao ouvir minha voz.

— Rio de Janeiro. Não quis parar e acabei perdendo a entrada para São Paulo.

Paulista, claro.

— Você parou para pedir informação? — pergunto, já arrependida pela grosseria. O pobre rapaz está ensopado, perdido no... neste fim de

mundo, e eu ainda sou rude com ele.

— Na verdade, se você não estiver indo embora, eu queria comer alguma coisa. — Instintivamente levo as mãos à cintura e suspiro fundo. Rapidamente ele ergue as mãos, em um pedido antecipado de desculpas. — Qualquer coisa, mesmo, que você tiver.

Olho em volta, analisando a bagunça, sabendo que estamos totalmente impróprios no momento para servir o que quer que seja.

— Eu só posso te servir um lanche rápido. — Estico a mão, indicando a bagunça no chão, em um misto de explicação com pedido de desculpas. — Não tenho como fazer nada muito elaborado.

— Aceito café com pão, se tiver.

Abro um sorriso, involuntário, ao ouvi-lo dizer a expressão “café com pão”. Geralmente os forasteiros pedem de acordo com o local onde moram. Uma *média*, um *pingado*, um *carioca*. Café com pão é muito mineiro.

— Só me espera lavar as mãos, vou te preparar um lanche natural. É rapidinho.

Contorno o balcão, passando por ele e notando o quão mais alto que eu ele é. Alto e forte. Perfumado também, devo salientar, nem mesmo todo o aguaceiro foi capaz de tirar o seu perfume almiscarado.

Lavo as mãos, e volto rapidamente, para ver o bonitão sentado em um dos bancos altos, aqueles que só os clientes que curtem um destilado usam. Ele tem os cotovelos apoiados no balcão e estica o pescoço, curioso, para ver o aguaceiro tomando conta do lugar.

— De onde vem essa água?

— Da rua. — Dou de ombros, enquanto abro a geladeira e passo a preparar um bem-servido lanche, com tudo o que eu acho pela frente. — Meu patrão fez uma reforma há uns três anos, mas não deu muito certo. Sempre que chove forte, a água da enxurrada invade o espaço, vinda deste ralo aqui.

— E não tem como cobrir?

— Diz ele que não, mas acho que o homem só é muquirana, mesmo.

Coloco o prato à sua frente, abro uma garrafinha de refrigerante de cola, e recebo um sorriso devastador como resposta.

— Salvou minha vida. Eu morreria de inanição.

— Dramático, posso ver. — Balanço a cabeça em resposta, e me abaixo novamente, tentando melhorar a situação do local.

A chuva parece ter diminuído e, com isso, a água já não esguicha mais, o que facilita o meu trabalho.

— Me deixa te ajudar. — O homem levanta com tanta rapidez, que sequer tenho tempo de negar.

Acho fofo, e não deveria achar fofo. Aponto o rodo em sua direção, o ameaçando para que se sente e coma, e pare de me atrapalhar.

Passo a puxar a água que invadiu o local, perdendo um bom tempo nisso. Ao terminar, bato as mãos na lateral do corpo e, quando me viro, o rapaz está me olhando com uma intensidade perturbadora.

— O que foi? — Tento manter a postura, mesmo sentindo um formigamento estranho no estômago ao ser alvo do seu olhar.

— Não me apresentei — ele diz. — O meu nome é Pedro.

Esticando a mão, ele oferece um cumprimento que eu aceito, vendo minha mão sumir por dentro da sua.

— Evangeline. — Sorrio.

— Nome diferente, não conheci nenhuma outra com seu nome antes.

— Coisas do meu pai. — Dou de ombros. — Quando minha mãe engravidou, ele queria me chamar de Eva, mas minha mãe era contra.

— Achava o nome feio?

— Muito pelo contrário. Mas meu pai chama Ernesto, ela achava injusto meu nome começar com E, tal qual o dele.

— Evangeline começa com E — ele diz, risonho.

— Observador, você. — Aponto o dedo em sua direção. — Papai deu uma misturada. Eva é óbvio, foi a primeira mulher. Anjo era como ele me chamava. E Aline era o nome de minha mãe. Eva-anjo-Aline.

A gargalhada rouca toma conta do espaço, ele chega a jogar a cabeça para trás enquanto o faz.

Que homem bonito.

— O seu pai é um homem inteligente — ele diz, e eu disfarço, sem querer dizer que papai pode ser tudo, menos inteligente. Apenas dou de ombros, e saio para os fundos, novamente, levando o balde, com os panos molhados, e o rodo.

— Vai pegar a estrada ainda hoje? — Ainda dentro do pequeno banheiro, eu pergunto, alto, subitamente curiosa pela resposta, mas sem querer ouvir a confirmação.

— Se continuar dirigindo, é capaz de eu chegar ao Amazonas, ainda esta noite. — Paraliso, olhando ao redor, procurando sabe-se lá o que, tentando disfarçar a súbita animação que sua frase me causou.

Volto para o salão, e ele continua parado no mesmo lugar. Os olhos,

no entanto, fazem um caminho um tanto curioso por todo o meu corpo.

— E o que vai fazer? — pergunto, chamando sua atenção para o meu rosto.

— Eu consigo um hotel aqui na cidade?

Não deveria rir do pobre rapaz. A vontade é dizer que, por muito pouco, ele mal conseguiria o que comer a esta hora da noite, mas isso não é mesmo culpa dele. Mas a risada é involuntária e sua cara de decepção, em resposta, parece ser também.

— Hotel não temos — explico —, mas tem uma pequena pousada — friso a palavra pousada com as mãos, imitando aspas —, onde você pode tomar um banho e passar à noite.

— Nossa — a mão vai, novamente, até os cabelos, bagunçando e deixando os braços em evidência —, que alívio!

— Vou terminar aqui, que eu te mostro onde fica. É logo ali.

Quando eu disse que era pertinho, ele talvez tenha entendido que precisaríamos nos deslocar de carro, porque assim que ele me ajudou a baixar a pesada porta de ferro, foi direto para o carro, abrindo a porta do passageiro e fazendo um movimento com as mãos, me convidando a entrar.

— Não vai entrar? — ele pergunta, ao ver que eu não me mexo, e eu acabo rindo, alto.

— Só precisamos atravessar a rua. — Aponto para o sobrado à nossa frente, do outro lado da rua e o vejo franzir a testa, antes de bater a porta do carro novamente.

A chuva deixou a noite fresca, com uma brisa agradável e aquele cheiro delicioso de terra molhada tomando conta de tudo. Ao chegarmos em frente à pousada, toco a campainha e sou recebida por dona Matilde, que se espanta ao me ver em sua porta.

— Menina, o que faz por aqui a esta hora? Estava até agora trabalhando? *Tonin* não tem jeito mesmo, Laninha precisa dar um jeito nele ou...

— Dona Matilde! — interrompo, um pouco constrangida. — Este rapaz aqui precisa de um local para pernoite, indiquei a sua pousada.

Se eu tinha me sentido *um pouco* constrangida antes, agora eu queria somente um buraco para enfiar a minha cabeça e nunca mais sair de dentro dele. Isso porque dona Matilde faz uma varredura um tanto indecente em Pedro, dos pés à cabeça, e abre um sorriso enorme antes de exclamar, saltitante:

— Claro! Pode entrar, por aqui, meu rapaz. — O puxa pela mão e o leva para dentro, me deixando plantada na calçada. Talvez esperando que eu os seguisse, mas eu realmente não tenho por que fazer isso.

Suspiro alto, lamentando que não tive a chance de me despedir dele, e saio correndo ao sentir, mais uma vez, os pingos da chuva me atingirem.



Evangeline

Consigo alcançar o portão de casa antes de a chuva desabar novamente. Facilidades de se viver, ridiculamente, perto do trabalho. No entanto, não me sinto aliviada, principalmente por notar que a casa está às escuras e, por ser quase 22h, essa não é uma boa notícia.

Bato a mão na parede, assim que abro a porta, iluminando o pequeno cômodo. A sala de estar é mobiliada com simplicidade, um sofá de três lugares posicionado em uma parede, um rack na parede oposta com uma televisão antiga em cima, uma poltrona antiga, forrada com um tecido florido no outro canto e uma cortina pesada na janela, nos protegendo dos olhares mais curiosos.

— Papai? — chamo, fechando a porta atrás de mim, sem receber resposta.

Seu quarto fica bem ao lado da entrada, então eu apenas empurro a porta, olhando para dentro. O odor forte de bebida parece impregnado no lugar, ainda que esteja vazio. Seu quarto é ainda mais simples, como um “bom” viciado, ele trocou muitas coisas que tinha por bebida.

Engulo a seco, sentindo aquela pontada de raiva cada vez que me lembro dessas pessoas aproveitadoras, que sabiam o estado em que vivíamos e, ainda assim, colaboravam com seu vício.

Checo o bolso externo de minha mochila, tirando a chave do meu quarto de dentro dele. Infelizmente precisei gastar o que eu não tinha para colocar uma porta mais reforçada, com fechadura, caso quisesse proteger algo para não virar moeda de troca.

Olho ao redor, lamentando que o quarto esteja uma completa bagunça. Mal consegui pregar o olho a noite passada. Depois de uma bebedeira daquelas, o meu pai passou muito mal e eu simplesmente não conseguiria dormir, sabendo que ele poderia, talvez, morrer afogado em seu

próprio vômito.

Nojento, porém, real.

Era uma da manhã e eu estava sentada no chão da sala, com ele deitado em meu colo, totalmente bêbado e chamando por minha mãe. Desesperado, saudoso e arrependido.

Já faz anos que eu passo por isso, basta novembro chegar e ele simplesmente para de funcionar racionalmente. Se os outros meses são difíceis, este se torna insuportável.

Guardo a bolsa dentro do armário e deixo o corpo cair sentado na cama, exausta. Tiro o par de tênis e o jogo no canto, próximo da porta, alcançando as sandálias de dedo que ficaram jogadas em algum canto perto do criado-mudo.

Percorro a bancada que tenho na parede ao lado da porta, onde absolutamente tudo o que eu ganho e que tem um certo valor se encontra amontoado em caixas, sacolas, ou envoltos em plástico bolha. Se algum estranho olhar para essa curiosa coleção, pode pensar que sou uma acumuladora, mas é só prevenção.

Por viver em uma cidade pequena, todo mundo se conhece. E, por se conhecer, sabem tudo da vida dos outros ou, ao menos, aquilo que *queremos* que eles saibam. Não é novidade para ninguém que a pobre garçonne do La Verdense tem um pai alcoólatra e pode passar necessidade às vezes e, por isso, sempre estão me dando uma coisinha aqui e outra ali.

As pessoas talvez se perguntariam se eu gosto de ter tudo de segunda mão, mas na minha prática forma de ver a vida, é melhor do que não ter.

Me livro da apertada calça de lycra, a blusinha regata e o sutiã, sentindo aquele alívio delicioso por estar sem nada me apertando. Coloco um vestidinho amarelo, estilo indiano, e saio do quarto, tomando o cuidado de fechar a porta e pendurar a corrente que traz a chave em meu pescoço.

Acendo a luz da cozinha e a sensação que eu tenho é de que todo o meu sangue saiu do corpo e foi direto para os pés ao ver meu pai caído, de bruços, no meio do pequeno cômodo.

— PAI! — grito, me ajoelhando ao seu lado, o balançando pelo ombro, sem sucesso. — Não, não faz isso comigo, por favor!

Aproximo a minha mão de seu nariz, sentindo a respiração fraca, e deixo um soluço escapar, aliviada.

O viro de lado, angustiada por ele estar deitado neste chão gelado. Choveu muito e está frio, *ele* está frio e eu... não sei mais o que fazer.

Sinto o estômago embrulhar porque ele está muito malcheiroso. A roupa toda molhada mostra que ele bebeu tanto, que acabou se urinando, e eu sequer consigo saber há quanto tempo ele está aqui, sozinho, neste estado.

— Papai, por favor — coloco a mão sobre o seu rosto, erguendo um pouco sua cabeça, e ele apenas balbucia algumas palavras sem sentido —, acorda, eu não consigo erguer você, sozinha.

Meus olhos vão até uma cadeira caída no chão, e então eu noto a bagunça. Uma garrafa de destilado em cima da mesa, outras duas vazias ao lado, caídas. Fica difícil entender como ele pode beber tanto assim, e continuar respirando.

Me levanto, saio correndo até seu quarto e volto trazendo um travesseiro, o edredom e um lençol. O espaço é pequeno porque ele está caído no vão entre a mesa e o fogão, mas ainda assim eu estico a coberta, virando seu corpo até que ele esteja deitado em cima dela. Ergo seu pescoço, colocando ali o travesseiro, e mesmo a contragosto, o cubro com o lençol.

— Aline, me perdoa... — ele murmura, e eu não consigo mais suportar. O choro vem, com força, em um misto de raiva e desalento.

Já são muitos anos cuidando dele deste jeito. Eu sequer tinha idade para isso, era apenas uma menina, mas já precisava me preocupar em cuidar do meu pai. Não devo ter feito direito, se levar em conta que ele somente piorou, e piorou.

É engraçado que logo o causador de todo esse inferno tenha nome de anjo: Emanuel.

Eu tinha apenas oito anos quando, certa noite, acordei com meu pai me carregando para fora de casa com certo desespero. Ele me pegou nos braços e, sonolenta, notei que a casa estava um tanto esfumaçada e quente.

Lembrar ainda dói, demais.

— *Vamos, meu anjo, precisamos sair daqui. — Rapidamente ele desce as escadas que levam ao andar de baixo e, em minutos, estamos na rua.*

— *Papai... — choramingo, e ele então me coloca em pé, em frente à bonita casa de dona Ana. — Cadê a mamãe?*

— *Vou buscar a mamãe, fica aqui, quietinha.*

Me sento na pequena mureta, do jeitinho que ele mandou, e o vejo atravessar a rua e entrar em nossa casa, correndo, chamando por minha mãe. De onde eu estou, posso ver a parte de cima cheia de fogo.

Sinto muito, muito medo.

Logo a rua está tomada por curiosos, que talvez estivessem ouvindo o meu pai gritando por minha mãe. Ele demora tanto para sair, eu não consigo entender por que ele não sai logo.

— Liguem para os bombeiros! — alguém grita ao meu lado e, então, eu o vejo. Meu irmão está atravessando a rua, correndo, com um sorriso enorme no rosto.

Emanuel é bem mais velho do que eu, ele tem quinze anos. Mamãe sempre diz que ela tentou muito ter outro filho até conseguir, e que eu era o seu pequeno milagre. Papai também diz que ele me chama de “anjo” por causa disso.

Eu gosto. Mas não o meu irmão. Às vezes ele me puxa o cabelo, quando ouve papai me chamar de anjo, e me assusta dizendo que Lucifer também é um anjo. Eu não gosto nada quando ele diz isso.

A sirene alta do carro de bombeiros chama a atenção de todos, e o lugar vira uma confusão. Pessoas correndo, jogando água, alguém gritando que algo vai cair. E então, cai.

A nossa casa é linda. Grande, um quintal muito bonito, jardim, os quartos ficam na parte de cima. Eu gosto bastante que é preciso subir uma escada para chegar neles. E de repente a nossa casa vira uma confusão de madeira, fogo e fumaça.

Enquanto as pessoas ao redor se lamentam, o meu irmão apenas sorri.

O meu pai ficou preso no andar de baixo, porque as escadas foram tomadas pelo fogo, enquanto minha mãe acabou desmaiando, por causa da fumaça. Por isso, ela não conseguiu sair do andar de cima, e ele se recusou a deixar a casa sem ela. Não fosse o oficial dos bombeiros o retirar de lá, teria morrido junto quando a casa desabou.

Esse foi o primeiro baque, de vários sucessivos, que ele recebeu.

Meu pai era um bom homem. Trabalhador, carinhoso, bom marido e bom pai, mas a vida continuou batendo nele, sem pena, dia após dia, a cada vez que ele tentava se reerguer. Era muito difícil para ele continuar vivendo no mesmo local onde tinha perdido o amor da sua vida, mas ele tentava. Reconstruiu nossa casa, bem mais modesta, e seguiu firme, pois tinha uma filha para sustentar.

Três anos se passaram. As coisas tinham se assentado, apesar de tudo. E então, mais uma vez, Curitiba ficou pequena demais, perigosa demais. E se meu pai era somente metade do homem que foi um dia, depois disso ele

simplesmente deixou de existir.

Fomos obrigados a fugir. Papai fez uma mala pequena com meia dúzia de roupas, nossos documentos, e partimos rumo à rodoviária. Sem nenhum planejamento, ele simplesmente se deixou ir.

Vimos parar em Rio Verde, por acaso, depois de uns seis meses andando sem destino, vivendo em cortiços e sobrevivendo de restos, porque tudo o que tinha lhe restado ele precisava guardar para garantir um futuro para mim. Era isso o que ele dizia, quando eu chorava à noite, querendo uma vida normal, como a de todas as outras crianças.

“Preciso garantir o seu futuro, anjo. As coisas irão melhorar.”

Eu tinha apenas onze anos quando chegamos a Rio Verde e, desde então, tenho sido a adulta da casa. Meu pai passou a beber, cada dia mais. Não conseguia mais se firmar em emprego algum e, depois de um tempo, o dinheiro que ele tinha guardado acabou.

Por sorte, ele comprou essa casinha logo que chegamos à cidade. Pequena e muito simples, ela nos serve bem, desde então. Se não fosse isso, eu não tenho ideia do que seria de nós.

Nunca mais tivemos qualquer notícia vinda de Curitiba. Já se passaram dezessete anos, e eu não deveria me lembrar de nossa vida anterior, mas não consigo esquecer. Nem os bons momentos e, principalmente, os péssimos.

Me levanto do chão frio, e sigo para o meu quarto, buscando uma coberta um pouco mais quente, e me sento na poltrona florida, enrolada em meu edredom amarelo. Se não vou dormir por mais uma noite, que ao menos esteja aquecida.



Paro em frente à porta, olhando para trás ao ouvir meu pai arrastando seu chinelo pela casa, mal conseguindo erguer os pés do chão. Depois de acordar, perdido e sem entender direito o que tinha acontecido, ele chorou. Por horas a fio, ele chorou.

É sempre um círculo, que nunca se quebra. Ele bebe além do limite, chegando a um estado degradante. Se arrepende, e chora, por dias. Decide que vai melhorar e passa alguns dias sóbrio, até que alguma memória o atinge e voltamos ao primeiro estágio.

Tentei convencê-lo a procurar ajuda, mas é inútil.

— Estou indo para o trabalho, papai — aviso, e ele aparece na porta, me olhando, com pesar. — Coloque, por favor, aquelas roupas na lavanderia, dou um jeito quando chegar.

— Me desculpe — ele diz, somente, e volta a fazer seja lá o que ocupava sua atenção.

Fecho a porta atrás de mim e ergo a cabeça, olhando o céu ainda nublado. O vento frio da manhã faz com que eu me arrepie um pouco. Respiro fundo e passo pelo portão, subindo a rua em direção à pousada.

O dia na cidade começa cedo, as crianças já estão seguindo o seu caminho até o pequeno colégio municipal, em sua animada tagarelice matinal. Ao chegar em frente à praça, instintivamente meus olhos param na vaga frente à La Verdense, onde posso ver o carro preto ainda estacionado no mesmo lugar.

Sinto um estranho alívio ao perceber que não sonhei com o bonito homem do dia anterior. Pensei nele mais do que devia, relembrando cada trejeito, durante toda a noite. Entre duas noites insones e um dia infernal e chuvoso, ele tinha sido um alento, e essa era a explicação que eu dou a mim mesma quando passo pela pequena porta de madeira.

— Bom dia, dona Matilde — cumprimento a mulher, sentada atrás do balcão.

Dona Matilde é uma viúva esfuziante que, segundo as más línguas, fez seu patrimônio ao se envolver com um sujeito casado, que vive na cidade vizinha. Ao morrer, ele deixou alguns imóveis para ela, incluindo este bonito sobrado, que ela transformou em pousada.

Ela nega, divertindo-se com as más línguas. Despreocupada, diz que é melhor ser lembrada como uma destruidora de lares alegre e feliz, do que como uma santa amargurada. E eu nunca sei o que responder nessas horas, sempre acho melhor concordar com ela.

— Bom dia, querida. — Se levanta, me entregando a bolsinha onde eu deixo uma troca de roupa que uso na limpeza. — Foi embora ontem, pensamos que entraria.

Meu coração reage quando ela diz “pensamos”, e eu faço a minha melhor cara de paisagem, pegando a bolsa que ela me entrega.

— Não achei necessário, e tinha que ir para casa.

A pior parte ao falar sobre “ir para casa” é o olhar de pena que recebo em troca. Não falha nunca, as pessoas sempre se mostram penalizadas com a minha má sorte, e aqui não é diferente. Dona Matilde me lança um olhar triste

e eu sorrio de volta, subindo até o andar superior para me trocar.

Apesar de ser uma das maiores casas da vizinhança, o sobrado é pequeno. O andar de cima contém três cômodos, sendo dois quartos de hóspedes e uma sala de leitura, que eu particularmente acho maravilhosa, com sua estante recheada de romances de época. Cada quarto tem seu próprio banheiro, e ainda tem um lavabo, pequeno, que é onde eu entro para mudar de roupa.

Não sem antes dar um olhar furtivo para a porta fechada, sabendo que o forasteiro dorme ali dentro.

O trabalho aqui, no entanto, é muito simples. Como ela dificilmente recebe hóspedes, eu só preciso tirar o pó e passar uma vassoura. Faço um pouco mais de barulho que de costume, pensando que dessa forma o loiro bonito acordaria e me deixaria arrumar seu quarto, mas duas horas depois a porta continua bem fechada e eu me despeço, indo para a segunda jornada do dia.

Exausta dessa rotina sem fim.

Pedro

O ar frio passa pela janela, me fazendo arrepiar e, só então, eu percebo que não havia fechado a janela da última vez em que a abri, no meio da madrugada. Cansado de rolar na cama, de um lado para o outro, e lembrando que havia deixado o meu equipamento dentro do porta-malas, fiquei vigiando meu carro de minuto em minuto.

Devo ter cochilado por volta de seis da manhã, ao ouvir a porta de ferro ser erguida e, em um pulo, correr até a janela, para ver quem seria responsável por abrir o local. Acaba sendo decepcionante saber que não era a morena de ontem.

Evangeline.

A garota arisca de sorriso sexy e olhar doce não saiu da minha cabeça um minuto essa noite. Confesso que fiquei intrigado, imaginando o que tamanha deusa estaria fazendo em uma cidade desse tamanho.

Relembro novamente seu corpo, alto e esguio, andando de um lado a outro ontem no salão, enquanto ela tentava, sem muita sorte, conter o aguaceiro que invadia aquela pequena parte atrás do balcão. Os seios pequenos e firmes marcavam a camiseta justa, a cintura fina deixava o quadril largo ainda mais em evidência, as pernas longas abraçadas pela calça justa eram um aperitivo extra e aquela bunda... *puta merda*.

Foi inevitável imaginar como seria ter aquela mulher em minha cama e só de pensar nisso, o meu companheiro já pulsa, desejoso.

Sinto o estômago roncar e pego o celular, na mesa de cabeceira, me levantando, correndo ao ver as horas. Dez da manhã, como eu pude dormir tanto assim? Seria só um cochilo, o suficiente para descansar antes de pegar a estrada, mas que inferno!

Tomo um banho, para então lembrar que deixei minha mochila, com minhas roupas, no carro. Descarto a cueca, visto a mesma roupa que estava antes e desço as escadas, correndo, encontrando a proprietária sentada atrás do balcão.

— Olá, bom dia! — Ela se levanta ao me ver. — Dormiu bem?

— Muito bem — minto. — Estou morrendo de fome, vocês servem café aqui?

Testo o meu melhor sorriso, não querendo que ela me negue o serviço, mas ela parece ter tido a mesma ideia, testando seu melhor para me negar.

— Não servimos café aqui, querido — lamenta, o sorriso mantido no rosto —, mas você pode tomar café na La Verdense.

Eu devo ter feito uma expressão confusa muito divertida, porque a mulher explode em um riso alto e sem sentido, me dando um tapinha nas mãos

— Na lanchonete da Eve, do outro lado da rua.

Meus olhos seguem para onde ela aponta, e um certo contentamento acaba tomando conta do meu peito. Claro que eu pretendia passar por lá antes de partir, queria me despedir dela e agradecer propriamente sobre a ajuda de ontem à noite. Mas passar um tempo lá, tomando café, não tinha passado pela minha cabeça.

Você é muito estúpido, Pedro.

A passos largos, atravesso a rua, alcançando a entrada da lanchonete, entrando de supetão. Não tive tempo de analisar ontem à noite, um pouco estressado por causa da chuva e outro tanto distraído pela beleza da garçonete, mas agora posso ver melhor o pequeno ambiente.

O lugar não parece ter mais de trinta metros quadrados, é pequeno para um comércio assim, mas condizente com o tamanho da cidade. A grande porta dupla de ferro fica bem ao centro, do lado esquerdo eu vejo uma fileira de mesas, posso contar cinco delas, cada uma com quatro cadeiras. Bem limpas, com uma toalhinha de papel quadrada em cima de cada uma delas, e

ainda um simpático galheteiro que parece ter sido feito por trabalho manual.

Nos fundos, uma porta de ferro verde por onde a garota sumiu ontem à noite deve levar a alguma lavanderia ou banheiro.

Do lado esquerdo, o balcão de madeira, com cinco daqueles bancos de lanchonete redondos presos ao chão, à sua frente, tem algumas estufas para salgado em cima e, atrás dele, uma pequena confusão que só notei agora. O lugar parece ser, ao mesmo tempo, padaria, mercearia, lanchonete e boteco, tamanha quantidade de prateleiras.

Me sento no balcão ao centro, notando que o salão está vazio, e fico prestando atenção nas conversas que chegam altas, vindas de uma porta um pouco mais à frente que, assumo eu, deve ser a cozinha.

— *Cheguei hoje cedo e precisei terminar de limpar, anjo. Ainda estava sujo de ontem!*

— *Eu sou uma só, seu Antônio. E saí daqui eram quase dez horas!*

— *O combinado não sai caro, Eve. Combinamos que você deixaria tudo arrumado ao sair.*

— *Não combinamos, não é? O senhor apenas estipulou que seria dessa forma e eu não acho que eu tenha muita escolha, no final das contas.*

Eu consigo reconhecer a voz de Evangeline, e acabo sentindo uma irritação pelo tom de voz usado pelo homem com quem ela conversa. A forma como ele fala é quase como se sugerisse que ela não tinha deixado o salão em ordem de forma proposital, mas eu estava aqui e vi o caos com o qual ela lidava sozinha.

A vontade mesmo é seguir porta adentro e mandá-lo calar a boca, mas não preciso. A porta vai e vem se abre com brusquidão e Evangeline aparece, parando em seguida, com a porta batendo sozinha atrás de si.

Fico com muita raiva ao notar o seu estado. De olhos fechados, os braços ao redor do corpo e as mãos fechadas, como estivesse contendo um grito. Ela puxa o ar, com força, e lentamente abre os olhos.

Olhos esses que se encontram com os meus, e eles têm tanta vulnerabilidade, que me causam um certo rebuliço aqui dentro.



Evangeline

Abandono a cozinha, sentindo tanta raiva, que a minha vontade é pegar a minha bolsa e ir embora. Exausta, sem dormir, e ainda tendo que ouvir desaforos? Definitivamente, eu iria embora.

Por sorte, eu sou uma pessoa responsável que, infelizmente, tenho muito a perder, caso faça isso. Emprego por aqui é escasso e eu não poderia viajar até a cidade vizinha, deixando meu pai o dia inteiro sozinho. De forma alguma.

Isso não diminui a raiva que eu sinto, pelo contrário, ela faz aumentar. Aquele gosto amargo de se sentir impotente para mudar seu próprio futuro, ou saber que não importa o quanto você faça, nada é suficiente ou bom o bastante.

Sinto o corpo inteiro tremer. Fecho os olhos e puxo o ar, com um pouco mais de força, sem querer chorar. Ele não merece minhas lágrimas, na verdade, há muito tempo não acho alguém que as mereça.

Eu não sei qual o problema dele comigo. Dona Matilde já havia sugerido que seu Antônio, talvez, estivesse de *olho comprido* para cima de mim, mas eu não acredito, não, vendo a forma como ele trata a esposa. Mas que ele nutre uma antipatia severa por mim, é fato, e eu não consigo entender.

Já começa por ele me chamar de *anjo*. Só meu pai me chamava assim, e faz tanto tempo que isso não se repete, que chega a ser doloroso ouvir esse apelido vindo da boca de outra pessoa. Caí na besteira, certa vez, de pedir a ele para não me chamar assim, e as coisas só pioraram. Ele parece fazer de pirraça.

Não havia sequer completado dez minutos que eu cheguei e assumi meu posto atrás do balcão, pronta para começar o meu dia, quando ele me chamou à cozinha. Debochado, enumerava tudo o que eu deixei passar ontem, antes de fechar a lanchonete, reclamando que ele teve que fazer

pessoalmente hoje cedo, devido à minha *incompetência*.

Fez questão de dizer tudo na frente dos funcionários, não levando em conta nada do que eu disse. E dona Laninha, depois de ter sido interrompida em minha defesa, por duas vezes, achou por bem não se intrometer mais. Sequer posso culpá-la, ele é um imbecil, mas é marido dela.

Conforme a adrenalina vai baixando, eu passo a temer o meu futuro aqui. O que eu faço, se ele me mandar embora? Vou sobreviver de quê? Talvez eu deva voltar lá dentro e simplesmente me desculpar, dizer qualquer coisa que ele queira ouvir, e providenciar um boneco de vodu para as horas recreativas.

Tentando me acalmar, eu inspiro uma, duas... três vezes, até o coração parar de bater forte no peito, e abro os olhos.

E então eu o vejo. Parado no balcão, sentado, me olhando muito sério, está o homem de ontem à noite. Meu coração parte a galope, tão descontrolado que sou obrigada a inspirar com força mais uma vez, antes de assumir a minha expressão mais casual e me aproximar.

— Bom dia! — Coloco as mãos sobre o balcão. — Pensei que não ia te ver antes de ir embora.

— Você está bem? — ele pergunta, a cabeça faz um movimento indicando a cozinha.

Sinto meu rosto corar imediatamente, e levo uns segundos até conseguir responder:

— Está, está tudo bem.

Me sinto envergonhada ao notar sua avaliação. A expressão séria chega a formar um vinco entre as sobrancelhas, enquanto ele me observa, com firmeza, sem desviar os olhos. Devo estar parecendo *uma marmota*, descabelada e cheia de olheiras, sequer um batom eu passei.

Não consigo sustentar o seu olhar inquisitivo, e abaixo os meus, fixando nas mãos espalmadas por sobre a mesa. Analisando as minhas unhas e, *por Deus*, até elas estão horrendas. Instintivamente fecho as mãos, escondendo-as, e ergo meus olhos para ele.

E seus olhos continuam ali, fixos em mim.

Talvez, notando meu nervosismo, sua expressão se abrande. Lentamente vejo o vinco entre seus olhos desaparecer, e o sorriso bonito se abrir.

— A dona Matilde me disse que eu tinha que vir tomar café aqui.

— Eles não servem lá — rolo os olhos, retribuindo seu sorriso

—, mas o meu café é ótimo, e vou preparar um para você. Só me dizer como você gosta.

— Preto, forte e com pouco açúcar. — A voz sai um pouco rouca, e isso causa um arrepio involuntário em minha coluna.

— Certo — arranho a garganta —, e para comer? Não venha ser previsível, por favor, e pedir pão de queijo!

Sua boca se torce em um bico infantil adorável.

— O que você teria, então, que fosse bem imprevisível, e que eu pudesse comer?

A pergunta é feita em um tom zombeteiro, indicando o duplo sentido da frase, e a palavra “comer” é acompanhada por uma erguida de sobancelha. *Safado*.

— Laranja! — respondo, rápido. — Bolo de laranja, especialidade da La Verdense!

— Bolo de laranja, então! — declara, risonho.

Rapidamente eu passo seu café, coado individualmente para sair da forma como ele gosta, e coloco a xícara à sua frente. Trocamos um olhar e sigo até o expositor no extremo balcão, cortando uma generosa fatia do bolo de laranja com chocolate que havia preparado um dia antes.

— Laranja com chocolate? — ele exclama, antes de levar o bolo à boca.

— Todo lugar serve cenoura com chocolate, aqui decidimos inovar. — Dou de ombros. — Experimente, e me diga o que acha.

— Quero só ver — responde, divertido, e corta um pedaço do bolo com o garfo.

Sem temer parecer estúpida, fico parada, assistindo enquanto ele o saboreia. Gravando na memória cada mínima reação. A forma como os olhos expandem um pouco ao sentir o doce tocando sua língua e depois se fecham, enquanto ele mastiga.

Uma visão daquelas...

— E então? — pergunto, ansiosa.

— Dos deuses! — exclama, de boca cheia. — Isso aqui é uma delícia, onde é feito?

— Aqui mesmo. — Aponto com o polegar para a cozinha, sentindo o peito inflar de contentamento.

Sinto vontade de dizer que fui eu quem fiz, aliás, vontade de gritar bem alto para seu Antônio e toda a vizinhança ouvir, porque ontem, quando

decidi fazer o bolo, ele me disse várias e várias vezes que seria perda de tempo, pois a minha fama de *boleira ruim* era conhecida.

Quase me vejo entrando por aquela porta e dizendo: *Veja só, seu idiota, quem é a boleira ruim aqui?*

— É uma delícia! Me dá mais um pedaço?

— Olha só — cantarolo —, o paulista foi pego pelo doce mineiro?

— Não tenha dúvidas. — O tom de voz entrega que ele está rindo, e me volto em sua direção. — Quem não gosta de comida mineira?

— Todo mundo diz isso — estico o prato, vendo os olhos brilharem em direção ao doce —, mas eu não sou muito boa com salgados.

— Mentira?

— Verdade. Faço o trivial, mas aquela mesa forrada e cheia de variedades? — Franzo o nariz, balançando a cabeça negativamente.

— A minha madrinha é italiana. Dona Joana Prieto — ele brinca, empostando a voz. — E ela ama cozinhar, pode passar um dia inteiro fazendo uma infinidade de pratos, mas só salgados.

— Doce ela não faz? — pergunto, e ele nega.

— Diz que não tem paciência.

— Então — dou de ombros —, comigo funciona da mesma forma, mas ao contrário.

De repente, eu me pego curiosa para saber mais sobre ele. Quase não conversamos ontem, e tirando o fato de saber o seu nome e que ele se perdeu durante o temporal, eu não sei absolutamente nada a seu respeito.

Não gosto muito de fazer perguntas, porque você acaba dando uma liberdade à pessoa para te perguntar coisas também, e nem sempre o que você tem para contar é bonito ou motivador, mas a curiosidade fala mais alto.

— Então, você disse que se perdeu na estrada. Estava viajando? — pergunto, passando o pano no balcão, como se não me importasse realmente com a resposta.

Ele murmura algo, negando com a cabeça, terminando com o bolo.

— Trabalhando. Eu sou fotógrafo.

Então ele me conta sobre sua visita ao parque de Itatiaia, e todas as atrações que fotografou por lá. Fala com tanta paixão do seu trabalho, que me pego fazendo perguntas sobre trilhas e cachoeiras, algo que nunca me interessou.

— Acho que você iria gostar de conhecer o rio Verde — comento, animada.

— Já ouvi falar a respeito — responde, o polegar fazendo um movimento circular na barba curta. — Tem um lugar chamado caixão?

Balanço a cabeça, confirmando.

— Tem sim, mas fica lá em Varginha. É onde foi formada a represa, então o rio virou um lago.

Ele tem uma expressão de quem busca algo pela memória, os olhos apertados, focando no teto, provavelmente tentando se lembrar de onde conhece nosso rio.

— Preciso então conhecer, antes de ir embora — decreta, batendo as mãos no balcão.

— Te dou todas as direções. Mas não deve ser difícil para você se achar.

— Vou querer — ele diz, um tom risonho na voz que me faz parar de lustrar, desnecessariamente, o balcão e o encarar — as direções. Todas elas.

Faço uma cara de brava, e ele cai na gargalhada. Balanço a cabeça, tendo a impressão de que ele flutua entre ter quinze anos e uns dezoito. Um lindo homem com mentalidade adolescente.

— Você deve viajar bastante, não? — Ele confirma. — Para aonde mais você foi?

— Fiz uma boa turnê pela Europa este ano, fotografando. Eu não fotografava paisagens antes, então foi um bom aprendizado.

— É novo nisso? — Me surpreendo.

Ele fala com tanta propriedade sobre o assunto, que parece estar há anos no mercado.

— Eu fotografo há um bom tempo, mas trabalhava com pessoas. Com natureza, tem menos de um ano.

Sirvo mais uma caneca de café, e divido a atenção entre um ou outro cliente que entra, sentindo um aperto no peito quando, pouco mais de dez da manhã, eles já estão pedindo uma *birita* para começar o dia.

Estico uma dose de aguardente para o Geraldo, que recebe com um brilho de satisfação no olhar, e suspiro fundo.

A minha vontade é negar, o pegar pelas mãos, levar para a casa dele. Aqui pela vizinhança não tem nenhum em um estágio de vício tão avançado quanto o meu pai, mas essas coisas são, de certa forma, incontrolláveis.

Em um dia, é só uma birita. Na outra, pode ser questão de sobrevivência.

— Eu poderia estar usando saias neste momento — Pedro solta, sem

nenhum motivo, e chama a atenção de todo mundo ao redor.

O encaro, e ele está me olhando fixamente. Como se tivesse notado que fiquei perturbada por um instante e quisesse me distrair.

É impossível não ficar mexida, porque as pessoas, tirando Laninha, não se importam muito com isso. Devem assumir que, por eu ser a garota que toma conta do pai viciado desde criança, já estou calejada pela vida. Talvez, para eles, servir bebida aos outros é algo que já estou acostumada.

E então chega este homem, um completo desconhecido, enxergando certas coisas em mim que passaram escondidas por muito tempo. Ou que eu demonstro, mas ninguém mais se interessa em perceber.

O encaro, tentando manter uma expressão neutra.

— Então me conte mais sobre isso — pergunto, com as mãos na cintura. — Por que usaria saias?

— Passei um ano na Escócia — ele explica, casualmente bebericando um gole do seu café.

Quando ele passa a língua preguiçosamente nos lábios, eu decido que esse simples ato deveria ser considerado atentado ao pudor.

— Interessante — finjo naturalidade —, o que foi fazer lá, trabalhar?

— Eu fui... me endireitar. Criar juízo.

Seu tom de voz é vacilante, quase pesaroso. Como se a viagem tivesse sido um castigo autoimposto, e não algo para diversão.

— Você não tem cara de *bad boy* — lanço, em tom zombeteiro, tentando voltar ao clima anterior.

O bom é que ele parece sempre estar disposto a uma boa risada, e a resposta vem rápida.

— E não sou. O b do meu *boy* sempre foi outro. Burro.

Os clientes sentados no balcão dão risada, achando graça e eu somente balanço a cabeça. Percebo um movimento na porta e, ao me virar, suspiro quando noto Carlos entrando com seu mau humor habitual, vendo alguém desconhecido na lanchonete.

— Dia, Eve! — ele me cumprimenta, sem sequer me olhar, medindo Pedro dos pés à cabeça, de cara emburrada. — Me vê um café, daquele jeito que só você sabe fazer.

— Dia! — solto, sem conseguir evitar o tom de lamento.

Todas as vezes em que um turista aparece pela lanchonete, como se recebesse um sinal alertando, Carlos aparece. Nunca é gentil, sempre com essa cara de buldogue velho, provocando. Caçando confusão e tentando, no

final, passar por vítima injustiçada, o velho argumento do “só estava me defendendo”, quando todo mundo nota que é ele quem começa, toda santa vez. E apesar de torcer para ele não aprontar nenhuma hoje, posso apostar que teremos problemas.

Pedro

O sujeito faz questão de se sentar no banco vago ao meu lado, bufando feito um boi bravo, batucando com as mãos sujas de graxa por sobre o balcão de madeira, como se fosse um pandeiro.

Noto o olhar apreensivo de Evangeline, enquanto prepara o pedido dele. Olhando de canto de olho, quase prevendo alguma merda gigantesca acontecendo por aqui.

— Tá de passagem? — ele pergunta, sem sequer me olhar.

— Na verdade, não. Estou adorando a cidade.

Ele não esperava a resposta, porque se vira rapidamente, me encarando. Os olhos faiscando, o semblante fechado, e tenho por mim que ele me daria um soco, se pudesse.

Honestamente falando, nem eu esperava a resposta que dei. Mas odiei ele chegando como um reizinho do pedaço, bufando em minha direção. O sujeito mal me conhece!

Meu instinto me diz que esse cara é problema. Talvez seja a forma como ele olha ao redor, como se todo mundo fosse um intruso atrapalhando a sua brincadeira, que o entrega. Fico observando sua pose de malandro, o cavanhaque mal feito, o cabelo curtinho, cortado à máquina, e a camiseta justa bem no estilo “mamãe cheguei”. Mas o que me incomoda mesmo é a forma como ele fecha o punho, evidenciando os músculos do braço, em uma silenciosa mensagem.

Que eu, claro, não tenho medo algum.

Observando a forma como ela lida com ele, admito que gosto da forma como ela o trata. Ou como *me* trata, parecendo não suportar que fiquem jogando charme para cima dela. Odiando cantadas baratas. Sua postura entrega que ela não tem papas na língua, que é decidida e dona de si. Não parece ser o tipo de garota que engula qualquer merda somente para agradar outra pessoa.

Porém os seus olhos dizem o contrário. Eles dizem que, talvez, essa seja uma fachada muito bem construída, uma grade de proteção que afaste as pessoas da verdadeira Evangeline.

— Seu café!

Eve coloca a xícara sobre o balcão, e então o homem resolve mudar de tática. Um mover de lábios, apenas, desenhando um sorriso maldoso, e ele se vira para ela, segurando sua mão.

— Estou com saudade, boneca. Não quer dar um pulo lá em casa mais tarde?

— *Ô dó docê* — ela diz, em um *mineirês* adorável —, caiu e bateu a cabeça, foi?

— *Ocê* gosta, que eu sei — ele diz, e eu balanço a cabeça, em uma clara insatisfação com o comportamento de ogro do sujeito.

— Também gosto de chamar o Tadeu, e pedir a ele para chutar a sua bunda lá *pra* fora.

— Não trabalha ninguém aqui com você? — pergunto, e ela solta um riso irônico.

— Somos eu, Tadeu e Joquinha. Isso e mais Laninha, que é a dona aqui, e o marido dela.

— Que é dono — o insuportável sujeito retruca.

Decido ignorá-lo, e continuo dispensando minha atenção a ela, somente.

— Perguntei, porque ontem estava aqui sozinha e, desde que cheguei mais cedo, não vi uma pessoa te ajudando aqui.

Meu comentário parece inflamar os poucos clientes que estão sentados, bebendo alguma coisa e jogando conversa fora. Logo estão todos defendendo a garota, dizendo o quão duro ela trabalha, algo sobre ter dois empregos e uma paciência infinita.

E ela, simpática, retruca a todos, dando atenção, enquanto se debruça sobre o balcão. Completamente adorável.

Essa garota faz com que eu me lembre de Babi. Parecem feitas da mesma matéria, da mesma força resistente e lutadora, e que me conquistou de imediato.

A diferença é que eu nunca imaginei Babi sem roupa.

— Vi seu pai hoje — o rapaz anuncia, e vejo Eve empalidecer no mesmo instante.

— Onde você o viu?

— Andando lá perto da oficina. Mas não se preocupe, ele não *tava* bêbado, não.

Com essa frase apenas eu consigo entender o seu comportamento de

minutos atrás, quando ela parecia sofrer ao servir bebida aos clientes. Constrangida, ela abaixa os olhos, o que seria suficiente para o assunto mudar de rumo. Isso, claro, se o interlocutor tivesse um pinga de noção.

— O pai dela bebe demais, não sabe? — ele se dirige a mim, o mesmo sorriso mole no rosto, talvez sentindo prazer em dar a notícia. — E, por vezes, a gente acaba tendo que socorrer ele por aí, caído no meio da estrada.

— Carlos... — ela alerta.

— Mas é um bêbado bonzinho — ele continua, ignorando o apelo. — Nunca é violento. Fala umas merdas, mas é normal.

— Sim — retruco, irônico —, muito normal. Algumas pessoas falam merda, sem perceber.

O olhar que ela lança a ele tem um quê de desespero. Como se adivinhasse o rumo que a conversa levaria.

— Mas, coitado, eu o entendo. Deve ser difícil ser pai de um presidiário e...

— CARLOS! — ela grita, atraindo a atenção de todo mundo. — Cala essa boca!

— Essa *disgrama* não veio fazer *furdunço* no meu bar de novo não, né? — um sujeito exclama, vindo da porta de acesso lateral, talvez atraído pelos gritos.

— Tinha que ser — exclama outro, negro e mais alto, vindo logo atrás.

— Desta vez, eu tiro do seu salário, se tiver um quebra-quebra por aqui. — Ele se aproxima de Eve, erguendo o dedo em sua direção, ameaçador.

Tudo é tão errado, que eu vou sentindo uma irritação sem fim. O silêncio das pessoas, enquanto ela leva uma bronca do patrão, sem merecer. O sorriso cínico do sujeito ao meu lado, sem propósito algum, ao ver que conseguiu constranger a menina. O patrão que segue a cobrando por algo que ela definitivamente não tem culpa. E ela que parece engolir tudo o que ouve, com dificuldade, provavelmente temendo perder o emprego.

Faço um ruído com a garganta, tentando chamar a atenção dela. Seu olhar tem um alerta mudo para que eu não diga nada constrangedor e, por mais que o meu lado protetor fale mais alto neste momento, eu também não quero ser mais um a envergonhar a menina aqui.

— Você pode pegar mais um pedaço daquele bolo, por favor?

— Mantenho o meu melhor ar sorridente, a incentivando com um movimento de cabeça.

Um pedido mudo de confiança, de que eu não causarei nenhum problema, apesar da vontade de pular o balcão e socar a cara daquele homem.

— Comeu o bolo dela? — o homem pergunta, com os olhos arregalados. — *Marrapaz*, que coragem!

— Não sei o porquê, é o melhor bolo de laranja com chocolate que eu provei, em toda Minas Gerais!

O elogio não é mentira, o bolo estava mesmo delicioso. Mas o fato de saber que era algo que ela tinha feito, só me fez querer ser mais incisivo. Ao receber uma fatia de bolo, bem menor, pelo que eu pude perceber, dou-lhe uma piscada e capricho nas caras e bocas a cada garfada.

Uma senhora simpática e sorridente se aproxima, com um sorriso enorme no rosto, e entendo que ela é a proprietária do lugar. O avental branco, ainda salpicado do que eu acredito ser molho de tomate, serve também para secar as mãos, enquanto o olhar curioso não desvia do meu rosto um segundo sequer.

— Mas *ispia* só, é o moço fotógrafo da televisão!

— A senhora também viu aquela vergonha de vídeo? — pergunto, esticando a mão para um cumprimento.

— Passou de novo outro dia, te chamaram de fotógrafo viajante. Veio tirar fotos do nosso rio Verde? — Nego com a cabeça.

— Fiquei sabendo do lugar pela Evangeline.

— É um lugar muito bonito — ela prossegue, olhando para Eve de canto de olho —, perfeito para fotografias.

— Foi o que ela disse. Inclusive, a chamei para ser minha guia turística. — Contenho um sorriso ao ver os lábios bonitos se separarem, em uma expressão de surpresa.

— Ah! — Ela encara a funcionária, com surpresa, e uma pergunta muda no olhar — Você chamou? E ela disse o quê?

— Que precisaria pedir à senhora — me adianto, preparando o golpe final. — Até porque, a La Verdense aparecerá no vídeo, então, precisamos de autorização. O que acha?

— Com propaganda grátis na tevê? — Quem declara é o marido. — Pode ir com ele, anjo!

Não deveria estar usando a menina dessa forma, eu sei disso. É o tipo de atitude impulsiva, que acaba se voltando contra mim, uma hora ou outra.

Talvez por saber disso, eu não encaro Evangeline uma vez sequer, enquanto estou esperando a resposta da mulher. E, nesse meio tempo, ainda me recordo de não ter perguntado se o idiota cheio de graxa é alguma coisa dela.

Espero que não. É mulher demais para ele.

Talvez a simpática senhora tenha notado que a minha intenção é um tanto inapropriada, porque fica reticente, nos observando. Buscando em Evangeline uma negativa que, por mais chocada que ela possa parecer, não vem.

Mas qualquer dúvida que eu tinha se esvai no momento que eu vejo um meio sorriso de lado despontar na boca bonita, ao ouvir permissão do patrão. Como se a ideia de passar um tempo comigo, andando às margens de um rio, fosse agradável o suficiente para gerar essa reação.

E eu vou fazer valer a pena!



Evangeline

Passei o restante do dia em um misto de confusão e irritação, andando de um lado para o outro em um salão que estava mais vazio que o normal. Mas os acontecimentos da manhã ainda martelam em minha mente, me fazendo sentir em uma montanha russa.

Parada na porta, olhando para a rua vazia, ergo o rosto, recebendo uma rajada de vento agora que a chuva parou novamente.

Fiquei muito nervosa com Carlos por ter exposto minha família daquela forma. Por mais brutamontes que ele sempre tenha sido, nunca havia sido tão grosseiro quanto agora, e isso acabou por me tirar o chão.

Carlos e eu temos uma relação conturbada. Quatro anos mais velho, começou a me paquerar quando eu ainda era uma adolescente de treze anos. E eu, cheia de problemas para resolver em casa, não lhe dava muita atenção. Isso, talvez, o tenha deixado um pouco mais insistente que o normal.

Aos quinze, foi com ele que eu dei o meu primeiro beijo. Pouco tempo depois, ele decidiu que éramos um casal e precisávamos ir adiante em nossa relação. E não foi um período bonito ou tranquilo em minha vida, exatamente por eu precisar lidar com ele e suas cobranças, ao mesmo tempo que eu tinha que cuidar do vício do meu pai e, sei lá, sobreviver.

Laninha sempre me aconselhava sobre o jeito possessivo e intransigente dele, me tratando como sua propriedade, querendo que tudo fosse exatamente como ele queria. Talvez, sem a ajuda dela, eu estaria, a essa hora, com uma casa cheia de filhos. Carlos simplesmente se recusava a usar camisinha e eu tinha zero experiência para lidar com isso, sequer deu tempo de minha mãe ter este tipo de conversa comigo.

Foi então que ela decidiu me levar a uma consulta, na cidade vizinha, na mesma ginecologista que a atendia. Me lembro de achar, na época, que ficaria constrangida em ter que ouvir uma pessoa desconhecida falando sobre

relação sexual, métodos contraceptivos e doenças venéreas, mas a doutora era tão doce que deixou tudo muito fácil. Laninha também bancou os meus anticoncepcionais, até que eu tivesse condições de fazer isso por mim mesma.

Doutora Cássia e Laninha foram dois anjos em minha vida nessa época e, felizmente, ainda as tenho por perto. Ao menos uma vez ao ano eu visito a minha amiga doutora na outra cidade, para aquela consulta de rotina. E todos os dias eu posso contar com os conselhos de minha amiga mais velha, apesar de, por muitas vezes, lamentar não ter dado ouvidos a ela mais vezes.

Ela sempre me dizia que eu era muito permissiva, e que veria a verdadeira face de Carlos quando dissesse o meu primeiro não. E eu demorei a dizer-lhe o meu primeiro não. Devia ter uns dezoito anos quando estávamos em sua casa e ele quis manter relações comigo tendo toda a sua família no cômodo ao lado. Eu me choquei, afinal, ele não é um homem silencioso e tampouco cuidadoso.

Então, eu disse não. Eu não queria, era errado, eu tinha vergonha.

Ele explodiu, e foi assustador. Seu quarto virou uma profusão de móveis destróçados, vidros quebrados e objetos espalhados. Nem mesmo seu pai, *que Deus o tenha*, foi capaz de contê-lo.

Ele dizia cada absurdo que me machucava. Que eu era feia, frígida e desconjuntada. Que nenhum homem nunca iria me querer e eu tinha *sorte* em conseguir alguém como ele, que me amava e queria cuidar de mim.

Em meio à confusão, eu tive um lampejo de lucidez, se eu era tão ruim por que diabos ele, ainda assim, queria ficar comigo?

Rompi com ele e fui me esconder em casa. Passei um bom tempo lá, trancada, temendo que ele fosse até mim e agisse com violência física. E ele foi, claro, mas agindo diferente do que eu esperava. Se desculpando, dizendo que aquilo nunca mais aconteceria novamente.

Claro que eu aceitei voltar.

Claro que era mentira dele.

Mas era muito difícil para eu lidar com tudo. Eu não podia contar com o meu pai, que a cada dia se afundava mais em seu vício. Não podia contar com os locais, pois todos pensam, ainda hoje, que Carlos é a melhor escolha para mim. E eu sequer posso contar com Laninha, pois seu marido, além de pensar como todos os moradores de Rio Verde, ainda me trata com aquela certa antipatia.

Longe de mim, trazer problemas para a pobre mulher, que tanto me

ajudou.

Vivo, desde então, em um relacionamento torto, meio bumerangue, com Carlos. Sem opções na cidade, e com zero oportunidades para buscar alguém melhor fora daqui, sempre acabo em seus braços. Eu chego no mais fundo poço de minha existência e ele me estende a mão, para, não muito tempo depois, fazer algo que me irrita profundamente.

Círculo vicioso.

Estamos no período mais longo de nossa ruptura, no entanto. Já faz seis meses desde que terminei pela última vez, decidida a ouvir a minha dignidade que me dizia não precisar de ninguém ao meu lado para ser feliz.

Parece simples tomar esse tipo de resolução, o problema nessa afirmação são as noites solitárias, ou aquele momento que tudo o que você precisa é de um abraço, ou de um corpo quente à noite.

As minhas duas últimas noites foram tão complicadas, que não seria estranho eu voltar para ele, afinal, foi a carência e o desespero que sempre me jogaram de volta para Carlos, mas eu não queria ouvi-la mais.

E então, Pedro apareceu. Atencioso, charmoso, parecendo prestar atenção em cada mínima coisa que aconteceu hoje pela manhã.

Nem vou ser idiota em duvidar que ele estava me paquerando, pois isso ficou claro em vários momentos. Posso ser *jeca*, mas não sou boba nem ingênua.

Um fotógrafo famoso que apareceu na televisão.

Olho pela, talvez, vigésima vez para a pousada de dona Matilde, tentando ao menos ver um vislumbre do homem bonito e gentil, sem sucesso. Seu carro agora está estacionado em frente à casa, e a janela do quarto que ele ocupa continua fechada.

Fiquei mortificada quando Pedro ouviu sobre meu pai e meu irmão, mas ele pareceu não dar muita atenção a isso e, se deu, foi extremamente cavalheiro em não demonstrar. Não seria estranho, caso ele se despedisse em seguida e partisse para sua terra, mas diferente disso ainda inventou uma turnê maluca por Rio Verde, me usando como guia.

Por quê?

Já dizia o velho poeta, seja lá qual for o seu nome: “quando a esmola é demais, o santo desconfia.” Loiro, lindo, alto, extremamente simpático, perdido neste fim de mundo e me dando mole? *Hmmm*, aí tem.

Daria o meu braço esquerdo, pois o direito eu uso bastante, no entanto, para que fosse verdade. Para que eu merecesse ao menos um pouco

do que eu sempre esperei encontrar.

— *Êta, ferro! Tá longe assim, cadiquê, Eve?*

Tadeu me olha com aquele ar de irmão mais velho e estico o braço, o chamando. Logo ele se aproxima, passando a mão pelo meu ombro e dando uma chacoalhadinha.

— Ainda estou triste — respondo, simplesmente.

— *Cê não devia encasquetá com as coisas que aquele fidégua diz, não.*

Solto uma gargalhada alta quando o encaro e vejo a careta feia que ele sempre carrega ao falar de Carlos. O semblante fechado, a testa franzida e um bico de pato imenso o deixam hilário, ainda que não seja esse o sentimento que ele queira transmitir.

— Eu esquentaria se fosse qualquer um a dizer aquilo, Tadeu. — Suspiro fundo.

Sigo olhando ao redor, no entorno da praça, preocupada que meu pai tenha mesmo saído, e possa estar por aí, se embebedando, correndo o risco de se machucar.

— Você sabe que eu não o soquei por sua causa, não sabe? — O vinco entre os olhos continua lá, apesar do meio sorriso e do tom carinhoso na voz.

— Só nos causaria problemas, sabe disso.

Há uns dois meses, atendemos na lanchonete alguns jovens, que estavam de passagem pela cidade. Vindos de São Tomé das Letras, acabaram passando por aqui antes de seguir viagem. Eram três rapazes em idade universitária, simpáticos e animados.

Antes mesmo que eles conseguissem terminar o lanche que tinham pedido, Carlos chegou. Bufando, parecendo um boi bravo, sentou-se junto aos rapazes e passou a intimidá-los, tentando fazer com que fossem embora.

Diferente de Pedro, que é adulto e, pelo que notei, mais inteligente para lidar com pessoas descompensadas, os três rapazes não aceitaram muito bem as provocações. Quando menos esperávamos, as cadeiras passaram a voar pelo salão, e a briga se estendeu até a calçada.

Foi uma vergonha. Só de lembrar, eu levo, novamente, a mão na altura do peito, massageando o local, tamanha ansiedade me toma.

Eu temi tanto que isso acontecesse ontem. Senti uma infinidade de coisas, na verdade. Antônio tinha jurado que me demitiria, porque Carlos tinha quebrado o bar inteiro *por minha culpa*, então esse foi o meu primeiro

medo. Ficar desempregada.

Mas eu também temi que ele e Pedro acabassem partindo para as vias de fato. Carlos pode nunca ter sido violento *comigo*, mas eu sei que ele não joga limpo, anda sempre com um canivete bem afiado em seu bolso dianteiro.

— *Êta, diacho*, falar com você hoje tá difícil — Tadeu ralha, e só então me dou conta de que estava viajando.

— Perdão. — Me coloco na ponta dos pés, deixando um beijo em sua bochecha. — Está na hora de ir embora, não, *uai*?

— Já passou da hora. Mas quis te fazer companhia um *cadinho*.

— Podia comprar uma bicicleta — digo, séria. — Daqui a pouco escurece e você andando por aí, a pé.

— Caminhar faz bem, Evinha, e me deixa gostoso.

— Palhaço. — Bato em seu braço, rindo com ele.

Tadeu mudou para Rio Verde há pouco tempo, vindo de Penedo, no Rio de Janeiro. Ele nunca fala muito de si, não tem família, mas parece ser um homem estudado. Apesar de carregar no *mineirês*, de vez em quando ele deixa escapar um pouco do seu conhecimento, debatendo assuntos atuais que passam na televisão e até usando uma linguagem mais culta.

Quando ele veio procurar emprego aqui no La Verdense, seu Antônio queria me dispensar. Achou que seria mais interessante ter um homem no balcão e eu não teria nenhuma serventia, palavras dele, já que Joquinha poderia cuidar da faxina.

Laninha foi contra, obviamente, mas a palavra de Tadeu foi a que pesou no final.

“*Sou bom cozinheiro e me dou muito mal no balcão. Vai custar muito não até eu socar algum jacu.*”

— E o alemão, hein? — pergunta, batendo seu ombro no meu.

— Sei lá de alemão. *Cê* é besta?

— *Pra* cima de mim, Evinha? — Cruza os braços, e me olha, de forma debochada. — O cara estava babando em você. Quase que ofereci um guardanapo de papel.

— Impressão sua — nego, veemente —, ele é só meio bobo mesmo.

— Você podia dar uma chance a alguém, Eve — ele completa, sério, mas há um brilho de humor em seu olhar — ou vai ficar para titia, e é muito bonita *pra* isso.

Sorrio, recebendo a brincadeira, mas sem muito humor para isso. E ele parece notar, pois o sorriso desaparece.

— Eu já não tenho esses sonhos românticos, Tadeu. Sabe disso.

— É muito nova para isso — ele diz, sério, o vinco voltando a fechar sua expressão. — E não pode viver em função dos outros para o resto da vida. — Me preparo para reclamar, quando ele ergue a mão, interrompendo. — Eu sei, eu sei. Vai dizer que é seu pai, que são somente vocês dois, e toda a ladainha que eu já conheço.

— Não é ladainha — murmuro.

— Seu pai é doente, Eve. Doentes precisam de tratamento e isso você não vai encontrar em Rio Verde.

Eu tenho a impressão de que ele me dirá alguma coisa, pois me olha um tanto sério por alguns minutos, mas apenas me dá um beijo na testa e sai, abanando a mão para mim, enquanto desce a rua.

Sinto uma sensação estranha, um arrepio, como se alguém estivesse me observando. Olho ao redor, e a praça continua tão vazia quanto antes e então, por instinto, busco a janela na pousada de dona Matilde, mas a encontro ainda fechada.

Estou com tanta coisa na cabeça, que já ando sentindo coisas.

Dou meia volta, seguindo para o balcão, onde preciso fazer a lista de estoque a ser repostada, ignorando a sensação estranha.

Pedro

O dia de ontem havia sido um tanto quanto confuso. Depois de tomar um banho e acertar na recepção da pousada a minha hospedagem estendida pelos próximos sete dias, eu saí para dar uma volta pela cidade, com a sensação de que conseguiria percorrer o espaço inteiro a pé.

E, na verdade, esse foi um fato consumado. A cidade, minúscula, me permitiu percorrer a área urbana em muito pouco tempo, curioso frente à capacidade da prefeitura vender o local como uma cidade turística, sendo que ela não passa de uma cidade dormitório. Olhando em volta, encontramos apenas pessoas mais idosas e crianças andando pelas ruas, os adultos e os jovens, provavelmente, estão produzindo em outra cidade maior do que esta.

Fiquei por um bom tempo sobre a ponte que corta o famoso rio Verde, logo na entrada da cidade, observando a beleza do lugar. O rio, cheio e escuro, corta a extensa mata fechada em um caminho a perder de vista. E, diferente do que acontece em São Paulo, não há mau cheiro, o que permitiu me sentar na mureta e ficar um bom tempo pensando na vida.

Ou no que estou fazendo da minha vida.

Não estava em meus planos passar uma semana aqui. Tampouco estava em meus planos inventar um trabalho, especialmente prometendo promover a lanchonete de dona Laninha. Além de ter que me virar quanto a isso, teria que explicar à minha mãe, que me passou uma mensagem um tanto quanto brava, porque eu estendi minha estadia na cidade.

E eu honestamente não sei.

A única coisa que me martela a mente foi a expressão fragilizada de Evangeline ao ter o problema de sua família exposto na frente de todos, e a forma como ela parecia ser desvalorizada.

Ou então o sorriso de lado que ela deu ao receber a permissão de me acompanhar.

Havia muito tempo que eu não me pegava preso a isso, se eu posso ser honesto e direto comigo mesmo. Tentando desvendar todas as gamas de sorriso que essa menina carrega, e querendo provocá-los mais vezes, porque ela fica deslumbrante sorrindo.

Também não gostei de ver o tal Carlos se esgueirando, escondido, de olhos fixos na lanchonete. Quando notei que ele parecia estar vigiando Evangeline, me peguei escondido na janela da pequena biblioteca existente no segundo andar da pousada, observando. Torcendo para que ele não fizesse nada estúpido, me pegando alerta para descer e proteger a menina que, alheia a tudo, conversava com um dos funcionários da lanchonete.

Felizmente ele não fez absolutamente nada, mas o sentimento de alerta continua comigo até agora.

Suspiro, pego minha mochila de equipamento e abro a porta do quarto, saindo para o corredor, quando dou de encontro com Evangeline saindo do lavabo.

— Eve? — A meço de cima a baixo, me demorando um pouco mais nas pernas à mostra, por conta dos shorts curtos. — O que faz aqui?

— Trabalho aqui. — O sorriso genuíno se abre e, só então, eu noto que ela carrega um balde e uma vassoura.

— Você tem dois trabalhos? — Dá de ombros, sem desviar o olhar.

— Sim, mas aqui é bem tranquilo. — Parecendo nervosa, ela troca o peso do corpo de uma perna para outra. — Será que eu posso?

A encaro, sem entender a pergunta, talvez um tanto atordoado em tentar entender quem realmente é essa garota. Ela então indica, com um movimento de cabeça, a porta atrás de mim, me fazendo entender que ela quer limpar o meu quarto.

— Ah! — Abro a porta, lhe dando passagem. — Desculpa, precisa limpar, né?

— É coisa rápida — ela retruca, passando por mim e indo direto até a minha cama. — Bom garoto, estica a cama antes de sair!

Ela cantarola a brincadeira, e eu apenas sorrio, um tanto constrangido, me mantendo encostado na porta do quarto, a observando trabalhar.

Evangeline é uma mulher alta, apesar de ficar pequena perto de mim. Tem o corpo esguio, pernas longas e bem torneadas, o pequeno short de lycra preto evidencia o traseiro perfeito, enquanto a camiseta larga não deixa muito para a imaginação neste momento. Conforme ela se mexe de um lado a outro pelo quarto, arrumando aqui e ali, fico observando sua graciosidade e cuidado, ao mesmo tempo que as feições mostram um foco que nem seria necessário para o momento.

— Isto aqui é seu, Grandão? — Olho para um pequeno caderninho que ela me estica, e nego.

— “Grandão”? — pergunto, divertido, recebendo um olhar entediado como resposta.

— Não posso te chamar de nanico, não é?

Seu cabelo está preso em um coque e uma mecha teima em se soltar, fazendo com que ela a afaste usando o dorso da mão livre. E eu acabo acompanhando todo o movimento, admirando o rosto bonito, até que ela me encara, me fazendo abaixar os olhos de imediato.

Deve ser a primeira vez na vida que eu não sei direito como lidar com uma mulher no meu quarto, mesmo que seja em uma situação completamente inocente. Decido, então, partir para a conversa de elevador, aquelas perguntas sem noção que sempre soltamos quando estamos sem assunto.

— Você trabalha todos os dias aqui, pela manhã?

— *Uhum* — responde, partindo para dentro do banheiro —, de segunda a sexta, e quando ela tem hóspedes, venho aos sábados e domingos.

— Sinto muito...

— Por quê? — Ela aparece rapidamente na porta, o semblante confuso me observando, enquanto aguarda a resposta.

— Te dei trabalho extra esta semana.

Os olhos se expandem e então sua expressão se abrandava, como se ela esperasse outra resposta e tivesse sido surpreendida. E então mais uma versão de sua coleção de sorrisos aparece, um leve esticar de lábios, tímido e completamente adorável.

— Quer ir tomar café? Logo eu termino aqui e podemos sair.

A pergunta me gera um estalo, lembrando o que eu tinha preparado para o nosso passeio hoje. Bato a mão espalmada na testa e saio pelo corredor, falando por sobre o ombro:

— Esqueci! Esqueci nosso café! Termine aí e me encontre lá embaixo!

Desço as escadas, correndo, sem dar tempo a ela de me responder, e paro em frente ao balcão da recepção, onde uma risonha dona Matilde me observa com uma sobrancelha erguida.

— Dormiu demais, rapaz?

— Esqueci de colocar o relógio para despertar — minto, sem querer colocar Eve em uma situação constrangedora frente à sua patroa. — Acabei acordando mais tarde do que deveria.

— Por sorte, eu, muito competente, fiz o que me pediu — ela responde, e eu suspiro, aliviado.

Havia pedido para ela preparar uma cesta com algumas guloseimas. Nada muito espalhafatoso, mas como eu não conheço o local, posso ficar além do horário do almoço e ao menos teremos alguma coisa para comer.

Vejo-a sair da recepção e se embrenhar para um cômodo, que eu imagino ser a cozinha, e voltar com uma cesta pequena em mãos. E a estica em minha direção, com um sorriso muito safado no rosto, como quem compartilha comigo um segredo.

Isso me faz pensar que, talvez, não tenha sido uma boa ideia. Não estou acostumado com a vida em cidades pequenas, acabei esquecendo ao fazer o pedido que todos aqui se conhecem, e odiaria saber que isso poderia gerar fofocas envolvendo o nome da Eve.

— Obrigado — agradeço, no entanto —, não teremos tempo de tomar café, isto aqui será providencial.

— E o que é isso? — Ouço a voz de Evangeline atrás de mim e me viro para vê-la já vestida com uma roupa diferente, pronta para sair.

— Coisas para comer. Tem... — abro a tampa da cesta e olho dentro — ... queijo, pães, uva, maçã — levanto uma garrafinha na altura dos olhos, para ler o rótulo —, suco de laranja, biscoitos.

— Mas *uai*, vamos fotografar, ou a um piquenique?

Um brilho de divertimento perpassa seu olhar, e eu dou de ombros, em um misto de impaciência e curiosidade para essa sessão fotográfica.

— Acho melhor irmos — convido, e ela se adianta, abanando a mão

para sua patroa, e descendo os poucos degraus em direção à rua.

Me pego admirando seu andar, firme e elegante, enquanto o quadril vai de um lado a outro, balançando o vestido florido, e preciso respirar fundo, pedindo sanidade para aguentar o dia.

Inventou moda, Pedro, agora aguente!



Eve

O trajeto até o ponto do rio onde os turistas mais frequentam não fica muito longe, mas é distante o bastante para me deixar perturbada dentro do carro. Não que seja apertado, o carro é espaçoso, mas tudo mexe comigo.

Para início de conversa, esse homem é cheiroso demais. Pode ser que ele sequer se dê conta, mas o perfume amadeirado que ele usa chega a ser... como é aquela palavra mesmo, meu Deus?

Afrodisíaco. Isso.

Mas isso não é a única coisa chamativa nele. Tem toda a história de ele ser bonito, porque, por Jesus, ele é muito bonito! Bem mais alto do que eu, o peitoral largo, os braços fortes. Não é do tipo montanha de músculos, mas, ao menos, até onde os meus olhos alcançam, ele é bem definido. E então tem aquele rosto todo simétrico, o queixo quadrado coberto por uma barba ralinha que imaginamos o toque dela em nossa pele, o sorriso doce e os olhos — azuis, devo dizer — mais gentis que eu já tive oportunidade de ver.

Essa combinação toda me deixa nervosa. Eu ando naquela fase carente, e essa fase combinada a um sujeito com todos esses predicados, só pode significar uma coisa: problema.

— Estou indo pelo caminho certo?

A voz alta me faz dar um pulinho, e me viro na direção dele, que me olha com a sobrancelha erguida, na espera da resposta.

Olho ao redor, vendo que ele pegou o caminho mais longo e meu coração dispara ao lembrar por *onde* iremos passar.

— Está. Está sim.

— Eu coloquei o ponto que você me disse no mapa, e indicou vir por aqui, ao invés de pegar a rodovia — ele fala uma palavra atrás da outra, gesticulando bastante, parecendo nervoso. — Por isso, perguntei se estou correto, eu descobri que não sou muito bom dirigindo e...

— Pedro — chamo, e ele se cala de imediato —, está tudo bem, é o caminho certo.

— Ah, tudo bem, desculpe. É que... — Balança a cabeça, interrompendo o pensamento. Talvez fosse algo inapropriado, porque ele segura o volante com as duas mãos, olhando novamente para a estrada.

Viro meu corpo em sua direção e cruzo os braços, porque nem pensar ele vai iniciar uma conversa e terminá-la em reticências. E minha expressão diz exatamente isso a ele.

— É que você parecia perdida, olhando para a estrada, como se não conhecesse o lugar.

— Este lugar me traz memórias — explico, fazendo um movimento circular com o dedo —, por isso eu acabo viajando um pouco.

— Lembranças ruins?

— Boas, porém, tristes.

Desvio os olhos, sem querer falar a respeito, sabendo que o local que me remete tais lembranças está a metros de nós. E não demora muito até eu começar a ver o tapete verde, branco e rosa à nossa frente. Espalmo as mãos no vidro do carro, firmando os olhos e puxando o ar com força, tentando conter a enxurrada de lembranças que os lírios me trazem.

Com surpresa, noto o carro diminuir a velocidade, até parar no acostamento. Encaro Pedro, que sorri, dando de ombros.

— É bonito demais para ver de passagem, dentro do carro. — E, abrindo a porta, ele continua: — Vamos?

Desembarco, tentando conter as batidas do coração ao pisar no solo, sentindo o delicioso perfume que vem do campo de lírios.

As flores preferidas de minha mãe.

Sigo em passos vacilantes pela grande cerca de madeira, que delimita o terreno da plantação e, esticando a mão por entre as vigas de madeira, consigo tocar uma das folhas. Tão macia e delicada, que me faz suspirar.

Não é raro termos plantações de lírios aqui em Minas Gerais, mas a maioria delas fica na região do Vale do Jequitinhonha. Cansei de ouvir sobre as belezas dos campos de lírios de Itinga, tendo uma vontade incontável de visitar o local, sem conseguir.

No entanto, não muito longe de minha casa, alguém resolveu dedicar uma parte de seu terreno para os plantar, e todo final de setembro, banhado pela chuva de primavera, temos essa florada linda.

Ouçó a voz de Pedro atrás de mim e me viro, para vê-lo conversando

com um senhor simpático. Com um movimento de mãos, ele me chama, e eu me aproximo.

— Esse é o senhor Marcondes, esta plantação aqui é dele. Perguntei se poderíamos dar um pulinho lá dentro para você ver de perto.

Olho de um para o outro, que me sorriem, a compreensão demorando a chegar.

— Eu... é... — Pedro me estica a mão, mas os seus olhos têm um ar de convite que fica difícil negar.

— Vamos, é rapidinho.

O homem nos explica, enquanto nos guia para dentro de sua propriedade, que fazer uma pequena plantação de lírios foi ideia de sua esposa, para agradar a uma filha deficiente que eles têm. A menina, que viajou para a China certa vez e se deparou com um campo lindo de lírios, sofreu um acidente e perdeu o movimento das pernas.

— Não são as mesmas que ela viu por lá — ele continua —, mas ao menos a agrada um pouquinho. Ela sempre fica emocionada quando o campo floresce.

— É de se emocionar, mesmo. Eu posso bater algumas fotos?

— Claro! Fiquem à vontade, tem uma trilha aqui onde vocês podem andar entre a florada.

Eu sequer consigo responder ao homem. Me embrenho entre os canteiros, exatamente na trilha que ele indicou, ficando rodeada por aquele lindo mar delicado e perfumado.

— Tudo bem? — Pedro se aproxima e eu apenas confirmo com um leve menear de cabeça. — Desculpe se fui invasivo, pedindo para entrar.

— Você foi perfeito — respondo, sem muito pensar. — Obrigada.

Posso ver a curiosidade brilhando em seus olhos, observando a minha reação um tanto quanto emocionada. E acho muito bonitinho ele não ter me enchido de perguntas, dando o tempo que eu preciso para observar o lugar, enquanto ele tira suas fotos a alguns passos de mim.

— A minha mãe gostava muito de lírios — ainda abaixada entre as flores, eu explico, atraindo seu olhar. — Tanto que nossa casa, às vezes, parecia uma floricultura. Se ela tivesse dinheiro, compraria um buquê de cada espécie disponível e espalharia pela casa.

Esfrego o peito, em um gesto costumeiro, tentando aplacar a dor que sinto sempre que penso nela.

— Eu era muito nova quando ela morreu. A nossa casa — engulo

seco, e desvio o olhar — pegou fogo e ela estava no quarto, dormindo.

— Eu sinto muito — ele responde, em tom de pesar. — Eu não sabia, ou não teria parado e...

— Eu gosto de lírios — me apresso em explicar —, ela adorava e, eu não sei, isso parece me deixar perto dela, sabe?

— Você vem sempre aqui, quando está assim, florido?

— Não, nem sempre dá. Não é longe de casa, mas as coisas são... — Arranho a garganta, não querendo me aprofundar e ele balança a cabeça, em um gesto de compreensão. — Devo ter vindo aqui há uns quatro anos.

— Coloca vasos de lírios em sua casa também?

— Quem dera — rolo os olhos, ficando em pé —, preciso convencer a dona Matilde a enfeitar a pousada com elas. Fico mais no trabalho que em casa, de todo jeito.

Pedro está parado na trilha principal, um caminho de terra largo o bastante para caminhar por ali sem pisotear nas flores. Sigo até ele, com cuidado, e o noto me acompanhar com o olhar, em silêncio.

Me sinto estranha sob sua avaliação. Como se o ar faltasse, chego a perder uma passada, sentindo uma sensação estranha no peito, totalmente sem explicação. Evito seu olhar, fixando o meu no caminho, até estar próxima a ele. E, ao erguer os olhos, acabo capturada por aquelas íris azuis me observando de um jeito tão intenso, que chego a ficar sem fôlego.

— O-o que foi? — gaguejo, arranhando a garganta e o vejo balançar a cabeça, um movimento quase imperceptível.

— Nada, nada não. — As mãos seguem até o cabelo, bagunçando os fios tão lisos que caem em cascata.

— Conseguiu fazer boas fotos?

— Ficaram boas. O homem me falou sobre uma cidade, chamada Itinga. É longe daqui?

— Ah, é longe, sim. Quase divisa com a Bahia — respondo, e ele faz uma careta engraçada.

— Essas fotos aqui vão servir, então.

O vejo erguer a câmera mais uma vez, capturando alguma coisa no horizonte. Fico admirando sua expressão focada, o vinco entre os olhos que ele faz a cada som de clique da máquina. Também é impossível não notar o músculo de seu braço, ficando proeminente sempre que ele ergue a câmera, e a camisa parece ficar justa em suas costas, mas não de um jeito feio.

Falando a verdade, não existe nada feio nesse homem.

Inspiro e me viro de costas, correndo os olhos pelos canteiros, tentando mudar o rumo dos meus pensamentos. Seria ridículo deixá-los irem para esse caminho.

Eu já fui uma tola romântica. Aquela que pensava em um grande amor, que superaria qualquer barreira, que me completaria. Meu príncipe encantado, que me tiraria o ar com um único sorriso. Mas essa época já passou.

Hoje não tenho mais esses arroubos, sequer espero mais uma relação aqui. Nenhum homem se envolveria comigo com a vida que eu tenho hoje. E, por causa disso, eu sequer posso me deixar iludir, nem pensar.

Pedro

Me vejo gastando um cartão de memória inteiro com fotos aleatórias de postes de iluminação, somente para tentar me distrair da imagem da garota ao meu lado. Linda, abaixada em meio aos canteiros de lírios, com um olhar sonhador e um sorriso triste nos lábios. Talvez sem sequer se dar conta de quão linda ela está.

Quando a vejo se levantar, e vir em silêncio até onde eu estou, ela parece mais uma visão. O cabelo escuro contrastando com a pele branquinha e aquela boca enlouquecedora, se aproximando de mim, me deixa paralisado.

Esse tempo todo sem transar deve ter me estragado, porque quando nesta vida eu fiquei assim, apatetado, só de olhar para uma garota?

— Vamos? — pergunto, depois de recomposto, e ela apenas acena. Ergo o braço, cumprimentando o bom homem que nos permitiu entrar aqui e seguimos para fora da propriedade. — Está com fome?

— Não, você está? — ela responde, sem sequer me olhar. E então algo me ocorre.

— Eve, me fala uma coisa — paro no meio do caminho e ela olha para trás, curiosa —, você acha que vão comentar sobre termos vindo juntos?

— Como assim? — O rosto assume uma expressão confusa, e eu apenas dou de ombros.

— Ah, você sabe, é uma cidade pequena. Acha que podem comentar, e você... sei lá — me atrapalho todo —, acha que podem falar alguma coisa de você?

A expressão confusa se abrandava, ao mesmo tempo que um sorriso se abre em seu rosto, que ela inclina levemente para a esquerda.

— Preocupado com a minha reputação, Grandão?

— Você não fica? — O sorriso vacila.

— A minha reputação não anda valendo muita coisa, Pedro.

Ela se vira, e segue o caminho até o carro, entrando no lado do passageiro, sem sequer olhar para trás. Fico me sentindo um idiota, afinal de contas, por que diabos eu me preocuparia com esse tipo de coisa? Logo eu vou embora e nós sequer vamos nos ver novamente e...

Pensar nisso incomoda.

Esfrego o rosto, com um certo vigor, e sigo para o carro, abrindo a porta e me deparando com um cheiro forte, porém, delicioso, de queijo. Evangeline está sentada com a cesta no colo, segurando uma fatia enorme de queijo na mão.

— O que está fazendo? Vai empestear meu carro inteiro!

— Depois você deixa o vidro aberto — ela responde, de boca cheia — ou compra aqueles *perfuminhos* para carro.

— *Perfuminhos?*

— Nunca viu? Uns vidrinhos cheirosos, que você pendura no carro e tira o mau cheiro.

— Seria, por um acaso, aromatizante?

— Se tiver perfume, seria isso aí mesmo. — Ela dá de ombros, dando mais uma mordida na fatia de queijo, e eu rio alto.

— Você é um rato insuportável, mesmo.

Dou partida e seguimos até o local indicado no mapa. Não é longe da pousada, realmente, mas também não fica exatamente onde ela vive. Percebo isso ao passar pela placa avisando que estamos deixando a cidade, e chego a diminuir a velocidade, pensando ter pegado, mais uma vez, o caminho errado.

Conforme avançamos em direção ao local certo, mais verde vai aparecendo ao nosso redor. Uma construção aqui e ali, mas é o verde que predomina.

— Ali! — Ela aponta para uma curva, e posso ver um ou outro carro estacionado no local.

— É seguro? — pergunto, para receber outro olhar enviesado de volta.

Eita mulher difícil!

— Eu não costumo vir aqui, mas as pessoas vêm nesta parte do rio para nadar, por ser mais tranquila. Mais adiante você vai encontrar corredeiras, pedras e um caminho de trilhas.

Seguimos descendo por um caminho onde pedras foram colocadas

para formar degraus, já ouvindo o barulho da correnteza. Chego a soltar um suspiro, assim que alcançamos a margem, impressionado com o lugar.

Segundo Eve, o rio está mais bravio que de costume, talvez pela chuva de alguns dias atrás, e também está mais escuro. A margem direita, onde nós estamos, foi toda lapidada, por assim dizer, para receber a visita humana. Pedras parecem ter sido estrategicamente colocadas, árvores posicionadas para promover sombra aos visitantes, a plantação ao redor baixa e bem cortada.

Tudo completamente impecável.

Porém a beleza está no lado selvagem do rio, onde a vegetação cresce sem controle, sem nenhuma interferência. Saco minha câmera e passo a fotografar o redor, empolgado.

Ouçó uma risadinha que acaba chamando a minha atenção. Me viro e encontro Eve sentada em uma pedra, com a cesta à sua frente, e outro pedaço de queijo na mão.

— Você gosta *mesmo* de queijo, hein? — Me aproximo, sentando ao seu lado e tomando o queijo dela.

— Sou mineira, *uai!* — retruca, tentando tomar de volta a fatia que enfio toda na boca.

— Este lugar é lindo — elogio, e ela concorda, parecendo orgulhosa de sua terra.

— Conhece a lenda do Rio Verde? — pergunta, e eu apenas nego com a cabeça.

Assumindo um ar professoral, ela puxa o ar e passa a contar, com a voz entonada:

— Era uma vez um garimpeiro que queria ficar rico achando ouro e pedras preciosas. Em suas andanças, ele chegou à beira de um rio, lindo e de águas claras, tão claras que se conseguia ver o fundo. Olhando esse rio, ele pensou: aqui vou realizar os meus sonhos.

Como se estivesse interpretando, ela esticou os braços, mostrando o rio à nossa frente.

— Construiu a sua pequena choupana, coberta de sapé, às margens do rio. Durante o dia ele garimpava e à noite, já cansado, sonhava que era rico e poderoso. Os dias foram passando, no entanto, e ele não achou ouro ou diamante.

— Eu gosto de histórias assim! — me empolgo, e ela me olha, de cara feia. Passo o polegar e o indicador na frente dos lábios, como se estivesse

puxando um zíper, e ela balança a cabeça, concordando.

— Me deixa continuar — ela diz, com o dedo em riste, e continua o relato, empostando novamente a voz: — Desanimado, ele seguiu o curso do rio em busca de outro lugar onde a natureza pudesse ter escondido os seus tesouros. Foi então que, enquanto caminhava entre a mata, o garimpeiro ouviu vozes e risinhos. Logo avistou duas caboclas tomando banho, e pediu a elas um lugar para pousar durante à noite. Elas o levaram até a Casa Grande, onde ele foi recebido pelo fazendeiro. O que ele não esperava era ter o coração arrebatado por uma das caboclas.

Não consigo evitar um sorriso, obviamente seria uma história de amor, para ser contada com tamanha empolgação.

— Ele passava os dias se encontrando com ela, ora na fonte onde ela lavava roupa, ora na lavoura colhendo espigas de milho. Apaixonado, ele decidiu erguer seu rancho ali por perto, e a continuar procurando suas riquezas, enquanto passava os dias com seu amor. A cabocla acostumou-se a ir vê-lo minerar, ficando feliz por cada mínima pedrinha que ele encontrava. E assim, ele não pensava mais em voltar, tinha encontrado a felicidade.

Acabei me pegando interessado na história do garimpeiro e sua amada, talvez pela forma divertida como Evangeline estava contando, como uma atriz de teatro gesticulando e aumentando ou diminuindo a entonação da voz dependendo a cena. Como agora, em que ela coloca o dedo em riste na frente dos lábios, os olhos expandidos, prestes a contar um grande segredo.

— Um dia, ele encontrou os tão esperados diamantes. Em pouco tempo, ele tinha as mãos forradas de pedras preciosas e ainda que a cabocla fosse visitá-lo todos os dias, ele não prestava mais atenção nela. Só pensava em voltar para a cidade, e aproveitar toda aquela riqueza. A cabocla se entristecia cada dia mais, até que um dia ele desapareceu.

— Ah, não acredito que ele foi embora! — reclamo, indignado.

— Nossa, Pedro, você gosta de interromper!

— Não ralhe comigo, eu sou romântico. Essas histórias tristes aí, em que o casal não fica junto, eu detesto.

— Vai me deixar terminar ou não?

— Termina. Já estragou a história inteira mesmo, ô Cidade dos Anjos.

Ela gargalha alto, jogando a cabeça pra trás, e demora um pouco até voltar ao espírito anterior. Inspirando fundo, ela aperta os lábios em uma linha fina, tentando conter o sorriso e, quando consegue, volta a interpretar.

— A cabocla vagava, chorosa, pela margem do rio. Se estirava na

grama e, com os cabelos emaranhados, misturava seus soluços ao marulhar das águas. O céu teve pena da cabocla e mudou a cor das águas do rio. Nunca mais os passantes viram através delas, como através de um cristal, o rico cascalho no fundo do rio. — Seu rosto perde a expressão divertida, e assume um ar melancólico, antes de prosseguir: — As águas ficaram verdes e esconderam para sempre as riquezas que guardavam. E o rio foi chamado de Rio Verde.

Soube que ela acabou o relato quando deu um longo gole em uma garrafa d'água, me olhando como se esperasse o veredicto.

— É linda. Triste, mais linda — solto, e ela concorda. — É ensinada aqui, nas escolas, essa lenda?

— Não. Isto é coisa dos antigos, sabe? Eles sempre têm uma lenda bonita para contar a respeito dos rios. E sempre a custo do sofrimento de alguma pobre índia abandonada.

— O garimpeiro foi burro — declaro —, estava feliz e jogou tudo fora por uma ilusão.

— Algumas pessoas não se contentam só com amor.

— É uma autoafirmação? — pergunto, para me arrepender em seguida. — Não é da minha conta, desculpa.

— Você se desculpa demais, Pedro.

— É um costume que você aprende, quando faz muita merda na vida.

Seus olhos inquisitivos capturam os meus mais uma vez, mas ela decide nada perguntar. E eu deveria fazer o mesmo, mas desde quando eu tenho controle sobre a minha falta de noção?

— Aquele cara que foi até a lanchonete ontem... — A vejo bater as mãos na lateral do corpo, antes de ficar em pé e se afastar alguns passos.

— Carlos.

— Ele é amigo seu?

Ver o sujeito se esgueirando ontem, observando a lanchonete como um psicopata, me deixou inquieto. Vê-la confirmar a amizade com apenas um menear de cabeça, como se precisasse de um tempo para decidir se o rapaz é amigo dela ou não, acende um alerta na minha cabeça.

Alerta que deveria ficar muito bem apagado, afinal, isso não é da minha conta.

— Conheço Carlos desde menina. Ele nasceu em Rio Verde e tem uma concessionária em Boa Fonte, a cidade vizinha.

— Certo — afirmo, em um tom reticente e ela se vira em minha

direção.

— Não se preocupe com ele. Carlos ladra, mas não morde.

— Não é comigo que estou preocupado.

Sinto uma certa irritação, um incômodo no peito totalmente sem sentido, mas que não consigo controlar. Acabo me afastando, e passo a observar a correnteza do rio Verde, seguindo com os olhos seu trajeto até perder de vista alguns metros abaixo.

Eu detestei a forma como ele falou com ela ontem, isso é fato.

Odiei vê-lo observando-a escondido, como um maníaco, outro fato.

Mas um terceiro motivo acabou me incomodando um pouco além. O fato de ela não ter mencionado o tipo de relacionamento que tem com o sujeito, me deixou um tanto desconfiado. Ele parece saber muito da vida dela, o suficiente para soltar em uma roda de conversa. Também parecia íntimo, pelo modo como a olhava na lanchonete, chegando, inclusive, a dizer que ela gostava de qualquer coisa que eles tivessem juntos.

Tento me convencer que são as semelhanças que vejo entre esse cara e aquele grego maldito, tem toda a pinta de abusador e eu odeio isso.

Sinto a garota se aproximar, em silêncio, e parar ao meu lado. Seu perfume adocicado se misturando ao cheiro de mato, em uma combinação inusitadamente deliciosa.

— Acho bonitinho você preocupado comigo, Grandão, mas não precisa.

— Vai além do que eu possa controlar — explico, esfregando o rosto e me virando em sua direção. — Longa história, mas basicamente tem a ver com a minha criação.

— Garoto protegido? — Ela arqueia a sobrancelha, em um misto de curiosidade e deboche.

— Largado, completamente — suspiro —, e acho que acabo transferindo para os outros o que eu queria *pra* mim. Desculpe se estou sendo chato.

— Não está, como eu disse, acho bonitinho.

Pela primeira vez, desde que nos vimos naquela lanchonete, estamos há centímetros de distância. E daqui eu consigo ver que, mesmo tão perto, ainda preciso abaixar os olhos para encará-la. Que ela tem sardinhas no nariz, quase imperceptíveis se olhadas à distância. Que os olhos castanhos dela são cintilantes, e sua íris é circundada por uma esfera em tom bem mais escuro. Que a boca dela é linda, suculenta, ela sequer está de batom e os lábios

apresentam um tom rosado chamativo.

E que eu preciso tomar juízo ou vou estar muito ferrado.



Jordie

Três dias. Três longos dias que eu estou aqui revirando os últimos acontecimentos. Ainda perdida sem conseguir entender qual foi a carreta que me atropelou, desde domingo à noite. Desde meu encontro com Murilo naquele estacionamento.

Um filho. Ele tem um filho!

Procurei em sua mão por uma aliança, qualquer coisa que indicasse que ele teria um relacionamento fixo, mas obviamente isso nunca foi regra. Quantos homens eu conheço que não usam aliança, mesmo sendo casados?

Devia ter adivinhado. Todo aquele mistério sobre a sua vida, nunca falando nada pessoal, sempre desconversando. Era óbvio que alguma coisa estava acontecendo.

Estúpida! Estúpida!

Esfrego o pescoço, tentando com isso talvez diminuir o nó que tenho na garganta, desde então, essa sensação incômoda que por vezes parece me tirar o ar.

Relembro, mais uma vez, seu olhar em mim. Ele parecia estar bravo comigo, me olhava como se cobrasse uma explicação, e eu até agora não consegui entender o que diabos eu fiz.

— Posso entrar? — Ergo o rosto, para ver Gael parado na porta da minha sala.

— Ei! — Me levanto e vou a seu encontro, sendo envolvida em um abraço apertado. — Está perdido por aqui?

— Dona Joana disse que não jantou ontem, vim saber se está bem.

Mamãe virou uma bela de uma fofqueira!

— Entra. Senta aí. — Aponto para a cadeira e volto ao meu lugar na mesa.

Gael se senta em silêncio, cruza os braços e encosta na cadeira, me

observando enquanto eu passo a organizar a minha mesa, que não estava bagunçada porque eu não fiz nada a manhã inteira.

O encaro, e vejo a sobancelha erguida, naquela velha mania de advogado que ele tem em analisar pessoas e situações. É sempre irritante quando ele assume esse lado, aliás.

— Não falei mais com você depois de domingo. — Somente dou de ombros, e mantenho a atenção no que estava fazendo. — Falei até com Pedro a respeito.

— Falou com Pedro que não estava falando comigo?

— Não, sobre a conversa de vocês aquele dia.

Sinto o sangue inteiro fugir do meu corpo.

— Que conversa? — pergunto, rapidamente. — Sobre o que falaram?

— Sobre eu ter que descobrir a respeito de vocês, sem que nenhum dos dois tenha me contado nada.

Ah, claro que seria isso. O tom de voz irritadiço que ele tem indica que é hora de eu, mais uma vez, relembrar a ele a minha velha argumentação de sempre.

— Gael — fecho os olhos, inspirando fundo e quando os abro, encaro meu irmão, com firmeza —, eu cansei de dizer que isso não era da conta de ninguém. E vou continuar dizendo, a minha vida privada não é da conta de ninguém, nem da sua.

— Eu sou seu irmão!

— E eu te amo — estico minha mão, segurando a dele por sobre a mesa —, mas isso não quer dizer que você tenha direito de sair por aí metendo o nariz onde não é chamado.

— Acho muito engraçado você dizer isso. — Ele puxa a mão de volta, a erguendo junto com a outra, como bom italiano exagerado que não sabe falar sem usar as mãos. — Afinal de contas, não foi você quem se juntou com Pepê, e armou um encontro meu com Babi, não é?

Acaba sendo inevitável soltar uma risada, me lembrando do plano infalível de Pepê. Ele havia descoberto que Gael estava se interessando por minha, na época, recepcionista. Fiquei surpresa, pois o primeiro encontro deles aqui mesmo na escola havia sido um desastre, porém, a ideia de tê-lo *vivendo* novamente era tão animadora, que eu faria qualquer coisa para o ver sorrindo de novo.

Pedro resolveu então bolar um encontro entre Gael e Babi, mas a garota sempre foi osso duro de roer, não sairia com ele. Foi aí que eu entrei

na jogada, a levei para comprar alguns móveis, que eu sequer precisava, e em seguida fomos para a casa de meus pais. Não demorou muito, Pepê apareceu lá com meu irmão, que nunca mais havia pisado naquela rua, desde a tragédia.

Apesar de ter certeza de que Gael e Babi ficariam juntos, sei que o empurrão que Pepê deu foi adoravelmente fundamental.

— Nem ouse reclamar daquele plano, Gael — digo, entre risadas. — Se fôssemos esperar por sua esperteza, aposto que estaria solteiro até hoje.

— Engraçadinha. — A carranca se desmancha um pouco, tentando conter as risadas. — Mas é sério, Jordie. Eu fiquei muito desapontado com vocês dois. Dezesseis anos de relacionamento e nunca falaram nada para a gente?

— Gael, presta atenção — aumento o tom de voz, e isso o faz bufar, visto que, odeia ser contrariado —, não houve relacionamento entre Pepê e eu. Ficamos juntos algumas vezes, sim, mas eu não queria vocês se intrometendo nisso.

— Você fala como se a família se preocupando com você fosse algo ruim!

— A preocupação não é ruim, mas a cobrança é insuportável. Eu não sou uma mulher padrão, Gael. Não sou a mamãe, a Sofia, a Babi... — Inspiro, fechando os olhos, pensando comigo se não seria muito mais simples caso fosse como elas. — Não nasci para casar, ter filhos, nada do que esperam de mim. Você conhece a mamãe, sabe de cor e salteado as coisas que ela vive me dizendo. Estou correndo disso, Gael!

Me levanto e vou até a janela, observando as crianças em horário de recreação nos fundos. A velha cantilena de dona Joana Prieto zunindo em meus ouvidos, como se ela estivesse aqui ao meu lado.

“Gravidez tardia é arriscado, você precisa arrumar um marido e ter um filho.”

“Não existe isso de não querer ser mãe, isso é besteira, toda mulher quer ser mãe.”

“Pedro arrasta um bonde por sua causa e você aí, se fazendo de difícil.”

— Eu não sei o que exatamente pensa dona Joana — ele se aproxima, o tom de voz mais cauteloso —, mas eu não quero que fique sozinha.

— Eu não fico sozinha — me viro, erguendo o rosto em sua direção —, quanto a isso, vocês não precisam se preocupar. Só parem de querer me

colocar em uma caixinha, achando que o que serve para vocês é o melhor para mim. Cada um sabe de si!

Entendo que Gael me dirá alguma coisa, pois chega a abrir e fechar a boca. Mas desiste, se limitando a me puxar para um abraço.

— Eu não concordo com nada disso, mas sei que você é tão cabeça-dura quanto eu e não vai mudar de ideia. Eu vou tentar, e eu disse tentar, não me meter nisso. — Aperto meus braços um pouco mais forte ao redor do seu corpo, aumentando nosso abraço, e ele ri. — Talvez seja até bom, a Babi vive brigando comigo por causa disso, ao menos agora ela para de implicar.

— Ui, comandado! — Gargalho alto quando ele vira os olhos, e então apenas fico na ponta dos pés, deixando um beijo em seu rosto. — Obrigada. Mesmo, você não sabe como é importante para mim, que vocês me compreendam.

— Mas ainda quero te ver feliz, Jordie. Com um cara que entenda esse jeito seu aí.

Imediatamente a imagem de Murilo aparece em minha mente. Eu pensei que ele entendia, lá no fundo achei que tinha encontrado alguém que pensasse como eu.



O caminho de volta para casa é estressante. Mais uma vez fui obrigada a fazer uma retirada de papelaria, e acabei fazendo um caminho mais longo do que seria necessário, tentando evitar encontros inesperados.

Sabe-se lá por que, a cidade está completamente tomada por carros, o trânsito está caótico, abarrotado, um engarrafamento enorme. Depois de duas horas parada, noto uma oportunidade de sair da pista expressa e faço uma manobra, procurando sair por uma das vias de acesso.

Conforme sigo pela rua lateral, um casal na calçada me chama a atenção. A mulher, lindíssima, com uma minissaia estonteante e um cabelo loiro que chega a ser branco de tão platinado, abraça um homem pela cintura, rindo alto. Encostada na parede, de frente para a rua, sorri aberto para o homem que se encontra de costas para mim.

Sinto um incômodo na boca do estômago ao observá-lo.

Negro, o cabelo em um corte feito a máquina muito baixo, veste uma jaqueta de couro e uma calça preta. De ombros largos, ele tem o rosto abaixado, afundado no pescoço da mulher, enquanto seu corpo está bem

encaixado no dela.

Fico curiosa para ver o rosto do homem, se é realmente quem eu estou pensando ser. Diminuo a velocidade, e curvo o corpo para a frente, as mãos apoiadas no volante e a atenção fixa no casal, tentando captar o exato momento em que ele vai levantar o rosto, quando um tranco faz meu corpo impulsionar para a frente, me fazendo pensar os seios no volante.

Atordoada, olho ao redor e noto que bati no carro da frente, que estava parado no semáforo.

— Merda! Era só o que faltava! — reclamo, acionando o freio de mão.

Inspiro fundo ao ouvir a porta do carro da frente abrir, e abaixo o vidro, testando o meu melhor sorriso para receber a reclamação do motorista.

— Me perdoe, eu... — A voz some, assim como o sangue do meu corpo ao ver o rosto furioso do homem à minha frente.

— Jordie. — Uma simples palavra, mas dita em um tom de voz que mais parece mais um xingamento.

— Oi, Murilo, eu... — Somos interrompidos por uma buzina, e ele me indica com um movimento de mão para tirar o carro do meio da rua. — Tudo bem, eu...

Ele nem me deixa terminar, vira as costas e entra em seu carro, manobrando para estacionar no meio-fio. Faço o mesmo, da melhor forma que consigo, pois sinto o corpo inteiro tremer feito gelatina.

Mas que diabos, tanto carro para bater, tinha que ser logo o dele?

Encosto a testa no volante e inspiro fundo, buscando novamente meu controle. Eu odeio perder o controle, ficar assim vulnerável, perdida, sem saber como agir. Esta não sou eu, nunca fui assim.

Pego meu celular, solto uma lufada de ar pela boca e saio, batendo a porta atrás de mim e marchando até o carro à minha frente. Meus olhos encontram os de Murilo, que faíscam, furiosos, em minha direção.

— Me desculpa — digo, com sinceridade. — Eu estava distraída e não vi o sinal fechado.

— Não viu... — Cruza os braços e inclina a cabeça. — Não viu, por quê? Estava, por acaso, falando ao celular?

Tenho vontade de dizer: *não, seu idiota, pensei que era você comendo aquela loira do outro lado da rua*, mas decido me preservar.

— Estou cansada, me distraí. Me perdoa, eu posso pagar pelo estrago.

— Claro que pode. — Ele sorri, irônico. — Não só pode, como vai,

eu não trabalho o mês inteiro para ainda ter que pagar por irresponsabilidade de uma patricinha distraída.

Seu tom de voz me enfurece.

— Por que está sendo tão cretino comigo? — Ergo o queixo, me aproximando. — O que foi que eu te fiz?

— Não erga a voz para mim — ele diz, sem mexer um músculo do rosto, e é tão irritantemente sexy, que me causa uma descarga elétrica.

— Então fale direito comigo, porque não sou suas cadelas.

Murilo semicerra os olhos, e trava o maxilar com tanta força que consigo ver uma veia saltar em sua fronte. Furioso, já não sei se pela batida, pela afronta ou, simplesmente, pela minha presença.

Fico confusa, afinal de contas, nos vimos no sábado à noite e foi excelente, mas de repente ele me trata mal e eu... me perco na narrativa. Não sei o que eu fiz, ou mesmo se fiz alguma coisa.

Se o fiz, não lembro.

De repente, ele me puxa pelo braço até estar colada ao seu corpo.

— O que diabos está fazendo por esses lados? Por que sempre tem que aparecer na minha frente? Por que não me dá sossego e não me deixa em paz?

— Ficou maluco?

— Devo estar ficando, é a única explicação.

Seu tom de voz é rouco, sua respiração está entrecortada, e os olhos ainda mais escurecidos, me olhando com um misto de raiva e desejo que não consigo compreender.

— Me solta — puxo meu braço, que ele continua segurando —, vai me deixar marcada. E não sou gado *pra* ser marcada, Murilo, você me deixou roxa da última vez.

Seu corpo tensiona, e o aperto em meu braço diminui imediatamente ao ouvir isso.

— Te machuquei? — ele pergunta, ao mesmo tempo que eu puxo o braço.

— Não, não machucou. Você me deu uma chupada, Murilo, e eu odeio isso.

Os olhos, curiosos, vagueiam pela pele do meu pescoço, e ele balança a cabeça.

— Não tem nada aqui.

— Porque já sumiu. — Empurro seu peito com as duas mãos,

tentando me afastar, e ele novamente me pressiona contra o carro. — Chega, Murilo, vamos resolver essa batida e ir embora, estou cansada.

— Jordie... — Seu tom é um alerta, enquanto eu me contorço tentando sair do seu domínio.

Confusa demais com tudo o que sinto no momento. Meu corpo sempre respondendo ao seu toque, aquecendo nos lugares certos — e nos locais errados — com a sua proximidade. A boca seca, observando os lábios grossos cerrados em uma linha fina, irritadiça. Satisfeita por tê-lo visto depois de dias sem ter notícias. Magoada com a forma como fui tratada, como estou sendo tratada.

São muitos sentimentos e sensações juntos para eu lidar com eles aqui, prensada em um carro, sentindo seu perfume e doida para vê-lo dar aquele sorriso cafajeste novamente.

— Pare — ele diz, apenas, em um tom rouco e grave. E meu corpo, esse imbecil que nunca teve uma gota de sangue submisso, simplesmente obedece.

Murilo

Minha irritação chegou a um nível estratosférico, e eu sequer consigo identificar o real motivo disso. Se é por ter encontrado Jordie novamente, quando passei os últimos dias fugindo dos lugares óbvios onde sempre a via. Se é por ela ter batido em meu carro. Ou se é por ela querer ir embora, por estar tentando se afastar de mim.

A última opção deveria me deixar feliz, porém, além de me deixar irritado, fico tentado a fazê-la mudar de ideia. E quando a mando parar, e ela simplesmente obedece, eu fico louco. Observo os olhos arregalados, me fitando, enquanto os lábios entreabertos expulsam o ar que vem junto com a respiração descompassada.

Passo o dedo pela pele desnuda do pescoço, lembrando quando ela me disse que eu a tinha marcado, e a vejo arrepiar sob o meu toque. Fiquei nervoso quando ela reclamou que a deixei roxa. Me tornar como meu pai, e machucar uma mulher, nunca foi meu objetivo.

Ao fitar seus olhos novamente, noto que ela os tem fixos em meus lábios e sorrir acaba sendo inevitável. Assim como beijá-la, como ela parece pedir em silêncio.

A seguro com firmeza pela cintura, encaixando seu corpo ao meu, ao mesmo tempo que tomo seus lábios. Nosso beijo não é suave ou delicado,

aliás nós nunca fomos suaves ou delicados um com o outro e isso sempre foi uma delícia. Mas neste beijo, tanto eu quanto ela parecemos ter uma mesma motivação: punir o outro e mostrar que não iremos a canto algum.

Eu adoro o seu sabor. Nunca pude prová-la como eu quis, com o tempo e o espaço necessário, mas o seu beijo sempre foi delicioso. A textura de sua língua, a forma como nos encaixamos, tudo parece perfeito.

Meu quadril parece ter vida própria, impulsionando para a frente, tentando aliviar a rigidez que eu já estava somente ao vê-la descer do carro e vir em minha direção. Louco para arrastá-la daqui, e me perder nela.

Quando a sinto gemer em meus lábios, quebro nosso beijo, correndo a boca por sua pele lisa. Percorro seu maxilar, pescoço, e capturo o lóbulo de sua orelha, o prendendo entre os dentes e puxando para mim.

— Você ainda vai me deixar maluco — rosno, a boca encostada em sua pele, sem querer me afastar.

— Você enlouquece e me leva junto — ela ronrona, os dedos subindo pelas minhas costas, por cima da camiseta, até parar em minha nuca.

— Se machucou com a batida? — pergunto, e vejo um brilho de divertimento cruzar seu olhar.

— Sabe a coisa que eu mais gosto em você, policial? — Seu dedo indicador passa por sobre o meu lábio inferior, em um carinho lento e totalmente sexy. — Você é um homem rápido, levou somente meia hora para se lembrar de que me acidentei.

Semicerro os olhos em sua direção, e ela ri alto. Um som bonito, aberto, que acaba respondendo em meu peito. E isso me deixa preocupado, afinal de contas, não posso esquecer que ela é uma mulher de classe alta, avessa a relacionamentos, decidida a não ter filhos.

Comparar com Cris, salvo as pequenas diferenças na narrativa, é inevitável.

Como é inevitável ter a mulher bonita e risonha em meus braços e não querer vê-la em outro lugar que não este.

— Não me machuquei — ela diz, finalmente. — Me desculpe pela batida, eu realmente me distraí.

— O que estava fazendo que te deixou distraída? — pergunto, e fico ainda mais curioso ao vê-la corar.

— Tinha um casal do outro lado da rua — ela responde, depois de um tempo se decidindo, talvez, se contaria ou não —, e ele se parecia muito com você.

A resposta me pega muito de surpresa. Olho por cima do ombro, procurando a calçada oposta a que estamos, mas não vejo ninguém ali. Um curioso ou outro olhando para nós, talvez animados em ver o desfecho que esse pequeno acidente de trânsito terá, mas definitivamente ninguém parecido comigo.

Ela parece envergonhada quando me volto em sua direção. O sorriso tímido pode até disfarçar, mas os olhos buscando qualquer ponto menos o meu rosto a entrega.

— Olha *pra* mim — seguro seu queixo, capturando seu olhar —, pensou que era eu?

Jordie encolhe os ombros, encabulada.

— Você me confunde, Murilo. Isso está afetando a minha percepção.

Apesar de não ter nada com isso, eu deveria perguntar a ela sobre o alemão com quem a vi conversando no final de semana, e dizer o tanto que aquilo me incomodou. Ou, ao menos, tentar esclarecer um pinga da confusão que eu sinto sempre que ela está por perto. Deveria, mas tudo o que eu penso é que já estou com saudade de me afundar nessa carne macia.

Ergo o braço, buscando o relógio de pulso. Tenho plantão hoje e pego às 20h, havia decidido chegar mais cedo para adiantar algumas coisas, mas posso aproveitar essas próximas três horas com algo mais produtivo.

— Não quero te confundir mais — digo, ao mesmo tempo que esfrego meus lábios nos dela, em uma carícia lenta que a faz suspirar entrecortado. — Vamos esclarecer as coisas em outro lugar?

As sobrancelhas se curvam, em surpresa, e então os olhos vagueiam para um ponto ao nosso lado, parecendo ponderar o convite. O sorriso de lado, safado, entrega o exato momento que ela concorda.

— Vou no meu carro — declara, me encarando de volta —, assim posso ir embora quando quiser.

— Sem problema, gata brava. Fora da cama, é você quem manda.

Deixo um tapa em sua bunda, quando ela passa por mim, a fazendo me olhar por cima do ombro, sorridente.

Não demora muito estou nos guiando para um motel próximo, mais uma vez me sentindo um perdedor, porque sequer posso pagar um local que seja digno de levar Jordie. Desço do carro um pouco desanimado, ao estacionar na garagem frente ao nosso quarto, me preparando para ver algum traço de decepção.

A encontro com o quadril encostado no capô, os braços cruzados e o

mesmo sorriso safado no rosto.

— Nem acredito que, finalmente, vou te ver sem roupa.

— Vem aqui — chamo, e ela se aproxima de imediato, enquanto eu aciono o controle remoto, descendo a porta e nos fechando aqui dentro —, tire a roupa.

— A... aqui? — pergunta e eu apenas movimento a cabeça, afirmando.

Os dentes capturam o lábio inferior, enquanto os olhos passam a olhar ao redor, buscando alguma fresta.

— Não gosta de voyeurs, patricinha? — provoco e ela nega, balbuciando alguma coisa e eu sorrio, adorando a súbita timidez. — Tire a roupa.

Percorro seu corpo esguio, sorrindo ao ver sua roupa escolhida a dedo para parecer despojada. Uma blusa de malha cinza, com um decote V generoso, tendo a parte da frente displicentemente colocada por dentro do cós da calça jeans justa e que abraça todas as partes corretas do seu corpo. Nos pés uma bota de camurça marrom de salto baixo e cano curto completa o visual. Linda, sem se esforçar nem um pouco para tal.

Ela tenta argumentar, mas eu apenas coloco meus braços para trás, uma mão segurando o pulso, e inclino a cabeça. Praticamente dizendo: *vamos, estou esperando*.

— Pensei que não ia me deixar mais nervosa — ela murmura, abrindo o botão da calça e descendo o zíper, os pés se apressando em tirar a bota e eu quase posso sorrir com a visão.

— Não tem motivo algum para ficar nervosa.

Acompanho com deleite ela descendo a calça pelas pernas e, depois de retirar, a colocando sobre o capô do carro, antes de buscar meus olhos novamente. Ela agora não parece mais tímida ou confusa, muito pelo contrário, os olhos escurecidos demonstram que ela sente a mesma afetação que eu, um tesão ansioso que, ao menos comigo, demanda muito controle para não voar sobre ela e arrancar eu mesmo a sua roupa.

Quando a blusa toma seu lugar junto da calça jeans, em cima do capô, mais uma vez meus olhos percorrem o corpo bonito à minha frente. Jordie é uma mulher surpreendente, talvez quem a veja possa pensar que ela é uma mulher cheia de frescura, porém, cada detalhe dela mostra exatamente o contrário. Lentamente me aproximo, e passo os nós dos dedos sobre o sutiã branco de renda, beliscando o bico do seio que já está evidente por baixo do

tecido.

Ela arfa, e eu fico ainda mais duro.

— Gosto dessa calcinha que você está usando — digo, passando o dedo por dentro do cóis da peça branca e simples —, é boa de rasgar.

— Se rasgar minha calcinha, vou te fazer comprar uma dúzia delas, seu ogro.

A vontade de sorrir pelo atrevimento é quase insuportável, mas eu mantenho a pose.

— Encoste no capô, apoie suas mãos nele e não as tire de lá.

É divertido ver o quão difícil é para ela acatar ordens, os lábios se entortam e os olhos faíscam antes de o desejo tomar conta, e ela fazer exatamente o que eu disse.

Levo a mão até a parte de trás do seu corpo, soltando o fecho do sutiã e, com lentidão calculada, arrasto a peça por sua pele até tirá-la completamente. Salivo ao ver o par de seios desnudos, firmes, com auréolas rosadas e bicos rijos.

— Murilo... — A ouço gemer baixinho quando capturo um dos seios em minha boca, estremecendo e curvando o corpo para frente. Espalmo a mão no outro seio livre, e afasto o rosto um pouco, observando o contraste de nossos tons de pele.

Me dedico aos seios por um tempo, sugando e mordiscando, enquanto Jordie arqueia e estremece sob o meu domínio, ronronando feito uma gata deliciada.

— Você é linda — digo, enquanto passo o nariz pela pele de seu pescoço — e cheirosa demais.

— Não vai tirar a roupa? — pergunta, ansiosa, e eu nego.

— Primeiro você. Quero matar a saudade.

Passo os dedos pelas duas laterais de sua calcinha, e ergo uma sobrancelha, em uma sugestão que ela nega de imediato. Me abaixo, trazendo a peça comigo e paro quando ela coloca uma das mãos em minha cabeça. Basta apenas um olhar para que ela volte à sua posição inicial

Put a que pariu, como eu gosto disso.

Ao me erguer, com a pequena peça de lycra na mão, tomo o cuidado de me aproximar dela, sem a tocar.

— Coloque suas mãos para trás — eu digo, próximo ao seu ouvido.

— O que você vai fazer?

— Mãos. Para. Trás — digo, firme, e ela inspira fundo, fazendo o que

eu ordenei. — Quando eu falar a você para manter as mãos em determinado lugar, quero que obedeça. Ou serei obrigado a prender as suas mãos, assim.

Enrolo seus pulsos na peça de lycra, querendo rir ao ouvir sua exclamação indignada.

— Vai estragar minha calcinha!

— Te compro outra depois — minto —, mas saiba que a culpa é tua.

Me afasto, observando a mulher à minha frente. Linda e ofegante, encostada no capô do carro. Os lábios entreabertos, a face corada, as pupilas dilatadas. Minha, ainda que eu não tenha o menor direito sobre ela, aqui neste instante, é minha.

— Jordie... — digo, tenso, e arranco a camisa por sobre a cabeça. Soltando um murmúrio abafado ela observa meu peito, umedecendo os lábios vermelhos com a língua.

Eu quero muito essa mulher, quero muito.

Me ajoelho em sua frente e levanto uma de suas coxas, a descansando sobre o meu ombro. Passo o nariz em seus pelos aparados, aspirando o perfume, pouco antes de afastar seus lábios e soprar neles. Não lhe dou tempo de reagir, no entanto, tomando seu ponto latente em meus lábios e o sugando com dedicação.

Se o sabor dos seus lábios é delicioso, o de sua boceta chega a ser viciante. Quanto mais eu busco seu líquido dentro de sua cavidade, mais ela parece oferecer para mim e, dessa forma, eu não paro até tê-la mole e estremecida, chamando meu nome.

— Ah, Murilo! — murmura, pouco antes de eu tomar seus lábios em outro beijo.

— Queria muito tomar você aqui mesmo, neste capô, mas já tivemos o bastante de carros pelos últimos meses.

A enlaço pela cintura, erguendo seu corpo e, com a mão livre, seguro sua perna, a fazendo me enlaçar também. Entre beijos, sigo com ela no colo até a porta à nossa frente, onde a grande cama redonda nos espera.

— Solta a minha mão? — ela pede e eu nego, sem dizer uma palavra. — Quero te tocar!

— Quietinha, gata brava.

Abro o zíper do meu jeans, e apanho o preservativo que sempre trago no bolso de trás. Algo curioso, desde que me separei de Cris que eu ando com um preservativo em um lugar de fácil acesso, mas pouco usava, mal saía com ninguém. Nunca fui um cara de sexo desvairado, ora por ser comprometido e

ora por estar muito *puto da cara* com relacionamentos.

Agora faço questão de sempre ter um à mão, porque não consigo imaginar estar com Jordie nos braços e não a ter dessa forma. É assustador saber que ela tem esse poder sobre mim.

Sob seus olhos atentos e, para satisfação do meu orgulho masculino, um tanto quanto surpresos, deslizo o preservativo por toda a minha extensão, alisando meu pau por algumas vezes.

— Você... — ela expira o ar do pulmão, com os olhos fixos no *meu garoto* —... você é grande, Murilo.

— Ah é? — Me aproximo, e posso ver quando ela inspira com força, naquela antecipação deliciosa. — Não me lembro de ter reclamado dele antes.

— Não tinha visto assim, com *tanta* clareza.

Sorrio de lado, sem realmente rir.

— Abre *pra* mim — comando, e entre um murmúrio, ela afasta as pernas, apoiando o calcanhar no colchão. — Boa menina.

Sequer dou-lhe tempo de pensar em nenhuma resposta. Passo as mãos por baixo de suas coxas, segurando-as afastadas, e a abocanho com certa gula. Desta vez, da forma como sempre quis fazer, tendo espaço para agir e tendo a visão perfeita de sua intimidade. Pulsante, brilhando pela lubrificação natural, rosada e depilada, na medida perfeita, me deixa literalmente de joelhos, enquanto eu passo a língua e sugo ao mesmo tempo que introduzo um dedo em seu canal.

Inferno de mulher gostosa!

A sinto estremecer e, tendo a noção de que ela está perto de sua liberação, subo meu corpo por cima do dela, pairando sem soltar meu peso. Com uma das mãos, alcanço seus pulsos e os liberto, fazendo-a abrir um sorriso de satisfação.

Seguro meu pau pela base, e esfrego a ponta por toda sua extensão. Abaixo a cabeça, tomando seu seio, engolindo toda a auréola e chupando com vigor. Jordie ofega, ondula, geme baixinho, grudando nos lençóis.

— Ah, Murilo... por favor!

Posiciono meu pau em sua entrada e arremeto, me afundando ao mesmo tempo que tomo seus lábios. Jordie é muito apertada, quente, escorregadia. Paro para respirar quando me introduzo por inteiro dentro dela, tentando prolongar isso por mais tempo, sem a certeza de que será possível.

— Por que a gente demorou tanto *pra* vir a um motel?

Não respondo, e também não desvio o olhar. Ficamos presos nessa conexão maluca que temos desde o nosso primeiro encontro. Levo minha mão até seu pescoço, sentindo sua glote movimentar por sob a minha palma, e a outra mão segura sua cintura, com firmeza, enquanto passo a arremeter, sem parar, até vê-la se desmanchar em um gozo longo.

Era só o que eu esperava para segui-la, tendo a certeza de que esta tarde mudou tudo aqui dentro.

Ao menos para mim.



Jordie

Me jogo na cama, exausta, com as pernas bambas e sem coragem sequer de procurar um lençol para jogar por cima de mim. De olhos fechados, sinto Murilo se aproximar, arrastando-se e deitando a cabeça em meu estômago, a mão espalmada ao lado fazendo um carinho em minha pele com o polegar.

Ergo a mão, passando as unhas por sua cabeça, o cabelo cortado tão curto que é quase careca. Notei que ele gosta quando faço isso, porque sempre ronrona, satisfeito, apreciando o carinho.

Que homem gostoso!

Eu não tinha a menor intenção de vir parar num motel com ele, ao menos não sem antes conversar e tentar entender que diabos aconteceu, mas é muito difícil resistir. Perco totalmente a noção e o senso do ridículo quando Murilo está por perto e isso é assustador.

E se ele for realmente casado? Com que cara eu vou ficar aqui, depois de ter ido contra todas as coisas que eu acredito? Eu preciso perguntar a ele, preciso esclarecer nossa situação. E só de pensar em me decepcionar, sinto um aperto dolorido no peito.

Não deveria me importar dessa forma. Não deveria sequer doer. Talvez eu tenha abaixado a minha guarda, talvez tenha deixado Murilo pisar em terreno proibido.

Talvez eu esteja mesmo gostando dele.

— Murilo — chamo seu nome, mantendo o cafuné e o ouvindo responder um “hum” de forma preguiçosa. — Me fala uma coisa, você é casado?

Posso sentir seus lábios se mexendo de encontro com minha pele, no já conhecido sorriso sacana. Ele então ergue a cabeça e deixa um beijo em meu estômago, antes de subir o corpo, apoiado no cotovelo.

— Não, patricinha. Eu não sou casado. — A voz é firme, e os olhos não se desviam um só minuto, como quem não pretende deixar dúvidas sobre o que diz. — Mas já fui. Não casado, de papel passado, mas tive um relacionamento longo.

— Com a mãe daquele garotinho — pergunto e ele confirma. — Ele mora com ela?

— Comigo.

Espero em silêncio, mas ele não diz nada além disso.

Essa distância que ele impõe me incomoda demais. Me sinto ridícula por isso, afinal, sempre deixamos claro que nunca confundiríamos as coisas, mas é algo que não consigo controlar. Essa irritação por estar sendo excluída de algo que eu gostaria mesmo de fazer parte.

Viro o rosto, buscando a grande janela à nossa lateral, os vidros ainda fechados mostrando o início da noite. Tentando disfarçar a decepção, mas sem conseguir conter a língua.

— Por que nunca me falou dele?

— Já esqueceu? — ele pergunta, risonho, e imita meu tom de voz ao prosseguir: — *Sem relacionamento, sem intimidades e sem cobranças, Murilo.*

— Mas você concorda que estamos em posições desiguais aqui?

— Como assim?

— Você sabe muito sobre mim, e eu não sei nada a seu respeito.

Em um impulso, Murilo se levanta, sem dizer uma palavra. Pega a cueca que tinha ficado caída no chão e a veste, enquanto eu já espero a costureira frieza que sempre acompanha o nosso pós-sexo, quando ele simplesmente se despede e parte.

Ele estava carinhoso, atencioso, diferente daquele homem que gozava e partia, e vê-lo agora se vestindo novamente me dá uma sensação horrível. A mesma sensação de abandono que me fez procurar Pepê da última vez.

Sinto um aperto no peito, decepcionada por ter pensado que as coisas estavam minimamente diferentes, e fecho os olhos, tentando disfarçar. Porém, para minha surpresa, ele sobe novamente na cama, apoiando as costas na cabeceira, e estica a mão em minha direção, me chamando.

Faço o que ele me pede, me aconchegando em seu peito. Sinto sua mão grande deslizar pela linha da minha coluna, em um carinho suave, seguindo até alcançar meu pescoço e os dedos se embrenharem em meus cabelos. Passo meus dedos pelo seu peito, acariciando os pelos, adorando

esse aconchego.

E eu que pensava que não havia nada melhor do que dormir de conchinha com Pedro.

— Vou te contar um pouco sobre mim, tudo bem?

— Aleluia! — digo, teatral.

— Eu trabalho no Garra, um grupo de operações especiais da Polícia Civil, há dois anos. Antes disso, era agente de campo.

— Você é policial há quanto tempo? — pergunto, o polegar inconscientemente circundando uma tatuagem grande, de um crânio, que ele tem no antebraço.

Que coisa macabra!

— Passei na ACADEPOL com 23 anos, e pleiteei uma vaga no GOE por três, até ser aceito. E agora que ele foi extinto, fui para outro departamento.

— Mais tranquilo? — pergunto, e ele ri.

— A mesma coisa, a única diferença é a burocracia que vem de cima, bagunçando e mexendo no que não precisa ser mexido.

Sinto um aperto no peito, ao relembrar o que aconteceu ao delegado amigo de Gael, que foi ferido em serviço e passou um bom tempo em coma, e acabo ficando nervosa, preocupada em imaginar que Murilo também possa ter o mesmo fim.

Devo ter feito algum movimento com o corpo, tensionado ou apertado meu braço que está, neste momento, circundando sua cintura, porque ele ergue meu rosto, segurando meu queixo, e me beija. Um beijo calmo, suave, como quem diz que tudo está bem.

Afundo o rosto em seu pescoço, decidida a aproveitar e saber ainda mais sobre ele.

— Então agora você é elite da polícia.

— É um nome bonito que eles dão, mas no papel, continuamos ganhando pouco a não ser que façamos plantões.

— E você faz? — Ele sorri, mas não exatamente um sorriso. Um esticar de lábios, que indica o desconforto que ele sente a respeito do assunto.

— Não posso, patricinha. Ou eu faço mil plantões, ou eu crio meu moleque.

Ele tem um sentimento diferente em seu tom de voz, que eu falho em identificar. Parece um misto de lamento com raiva ou mágoa, mas certamente não é algo bom. Impulsiono meu corpo, sentando em seu colo, e ele reage,

surpreso. Os olhos percorrendo meu rosto, tentando entender o que diabos eu estou fazendo.

Na verdade, nem eu mesma sei, se vale a nota.

— Onde está a mãe dele? — pergunto, ao mesmo tempo que passo os dedos por seu rosto bonito, tentando suavizar seu semblante que, de repente, ficou sisudo, fechado.

— Foi embora. — Sua expressão é séria demais e eu só não me arrependo de ter perguntando, porque seus dedos seguem fazendo um carinho circular na base da minha coluna. — Eu conheci a Cris quando estava na faculdade. Morávamos no mesmo bairro, eu andava me virando em dez para conseguir terminar o curso, fazendo uns bicos quando dava.

— No que você se formou?

— Ciências Sociais. — É a minha vez de demonstrar surpresa, e ele sorri, satisfeito. — Eu sempre quis ser policial civil, me diferenciar das pessoas ao meu redor, um contraponto à nossa realidade. E como sabia que precisava ter um curso superior, escolhi o que mais tinha a ver comigo.

Ele diz com naturalidade, mas eu gosto de saber que ele escolheu algo diferente, fora da curva comum. Me traz uma sensação boa, de contentamento. De orgulho dele.

— E então você se casou. — Bato na tecla novamente, e ele ri.

— Não vai mesmo parar de perguntar. — É uma afirmação, e como tal, eu balanço a cabeça, confirmando. — Fomos morar juntos quando minha mãe faleceu. Ficamos juntos por quase seis anos, ela engravidou e, de repente, tudo ficou pouco para ela.

O ouço contar como a *talzinha* queria ser rica e famosa. E que ser vendedora em um comércio popular aqui da cidade estava bem longe de seus planos, então, quando a oportunidade apareceu, ela foi embora para o Rio de Janeiro. Hoje é casada com um bicheiro, bem de vida e madrinha de bateria de uma popular escola de samba.

Dói meu coração ouvi-lo dizer que não foi o bastante para que ela quisesse ficar, mas que ao menos ela deixou o garoto para trás, ou ele teria perdido a pouca sanidade que lhe resta.

— Não pense assim — respondo, segurando seu rosto entre as mãos —, porque o fracasso de uma relação não é culpa de uma pessoa somente.

— Sim, talvez — ele responde, depois de uns minutos me olhando com seriedade, ponderando o que eu disse. — Mas agora não é mais importante.

— E você... *Hmmm* — ensaio a pergunta, morta de curiosidade —, não namorou sério mais ninguém, desde então?

O sorriso safado se abre, e eu gosto tanto dele, que poderia provocá-lo à exaustão.

— Não sou de namorar. Somos iguais, se lembra?

— Ainda bem que sexo não está atrelado a relacionamento — respondo, com desdém, e ele ri, esfregando a ponta do nariz na curva do meu pescoço.

— Você se acertou com aquele alemão?

— Qual alemão? — pergunto, confusa, e ele ri.

— Eu te vi com aquele alemão no domingo, em um café.

Arqueio as sobrancelhas, surpresa. Por ele ter nos visto, mas também por ele ter se preocupado com isso, ao ponto de me perguntar. Será que... não, não pode ser.

Passo a relembrar algumas atitudes dele nos últimos tempos, principalmente no sábado, quando me viu saindo da tal boate, e uma ideia então me ocorre.

— Me acertei com ele, sim — respondo, observando sua reação. Ele desvia os olhos, cerrando o maxilar, e quando me olha novamente, parece bem irritado. Fico com vontade de rir ao ver isso, mas mantenho a pose. — Sabe como é, somos amigos de infância, o conheço desde os meus três anos de idade.

— Eu me lembro do seu showzinho — ele resmunga. — O sujeito é um banana.

— Banana? — Soltar uma risada é inevitável. — Ficou com ciúme, cachorrão?

— Que ciúme o quê? — ele ralha, me puxando para junto de si, e logo estamos mais uma vez embolados na cama, seu corpo me prensando, enquanto sua boca toma a minha, em outro beijo quente e possessivo.

Sentimentos conflitantes tomam conta de mim, no entanto. Querer me entregar ao momento, e querer me resguardar. Saber que ele é tal qual eu sempre fui, desapegado, solteiro convicto e... meu Deus, ele é pai!

Como se essa palavra tivesse poderes mágicos, seu telefone passa a tocar, de forma insistente. Ele se levanta, relutante, sem querer me soltar, e seu rosto fica lívido ao ver o número que aparece no visor.

— Jennifer? Está tudo bem? Como assim, o que aconteceu?

Ainda com o aparelho seguro entre seu ombro e o ouvido, Murilo

passa a se vestir em desespero e tenho a certeza de que foi algo, no mínimo, preocupante.

— Murilo, o que foi?

— Meu moleque — ele responde, apenas, e eu pulo da cama para me vestir também.

Enquanto me arrumo, observo Murilo fazer vários telefonemas tentando, pelo pouco que entendi, ser dispensado do plantão. Entendo que não deu certo quando ele, nervoso, chuta a lateral da cama e se senta nela, apoiando a cabeça nas mãos.

— O que aconteceu? Fala comigo? — Me ajoelho em sua frente, chamando sua atenção.

— Meu moleque está com febre, e a menina que cuida sempre dele tem prova na faculdade. Não consigo dispensa na *merda* do plantão, e não sei o que fazer.

— Levaram ele ao médico?

— Levei ontem, é garganta. Está medicado, mas mesmo assim... — Nervoso, ele esfrega a mão livre na cabeça, enquanto busca talvez uma solução na lista de contatos do telefone.

— Você o deixou com essa menina e, de última hora, ela lembrou que tinha prova? — Ele não responde, apenas balança a cabeça, desnortado.

Esta é uma nova faceta de Murilo que eu não esperava conhecer. Sempre o vi como o garanhão gostoso, cínico e mandão, todo cheio de si e que parecia dominar qualquer problema que aparecesse à sua frente.

Esse homem nervoso, que parece ter perdido o chão, é novidade para mim. E me atinge, me faz querer fazer qualquer coisa para tirar esse ar angustiado de seu rosto.

— Me leve até lá, eu fico com ele.

Murilo

Fico surpreso com o pedido de Jordie, e preciso de um tempo até assimilar o que ela realmente pediu. Como assim: *me leve até lá*?

Essa não é uma boa ideia, de forma alguma. Ao mesmo tempo que eu adoraria vê-la com Lincoln, eu não quero que ele se apegue em alguém que não vai ficar em sua vida. Principalmente depois de ter a certeza que eu sou um ferrado.

— Não precisa, patricinha — tento disfarçar minha surpresa, e meu desespero em não ter outra solução para o meu problema —, eu vou dar um

jeito.

— Murilo, olha *pra* mim. — Faço o que ela pede, e podia sorrir ao vê-la emburrada, batendo o pé no chão, como sempre faz ao ser contrariada. — Pelo que eu entendi, você não pode faltar no plantão, e não tem quem fique com o seu filho. Então, a não ser que esteja achando que eu não sou capaz, não vejo motivos para negar receber minha ajuda.

— Não te acho incapaz — me aproximo, a segurando pela cintura —, mas são vários fatores.

— Eu tenho todo o tempo do mundo para ouvi-los, porém, você não tem o bastante para me contar, então que tal acelerar?

Abaixo a cabeça, esfregando o rosto com força. Olho mais uma vez para a tela do celular, vendo que também não tenho tempo para procurar outra solução. Encaro Jordie, que me observa com olhos pidões, e eu decido aceitar sua ajuda.

Ainda que essa decisão me custe bastante em um futuro bem próximo.

— Tudo bem. Mas eu preciso te alertar, o lugar é simples. — Ela ergue a sobrancelha, quase como um alerta.

— Você tem sorte que eu tenho um coração muito bondoso e adoro criança alheia.

— Daqui a pouco vai acabar dizendo que foi criada em um convento, tamanha bondade — debocho, a seguindo até a garagem.

— Isso, continue. Vou espalhar por aí que o *cancelador de ce pe efes* é um noveleiro de mão cheia!

— Você é uma pessoa detestável, Jordie. — Sorrio, recebendo uma piscada de volta, assim que ela bate a porta do carro.

Faço o caminho inteiro até em casa em uma velocidade um pouco acima do normal, tentando não me atrasar muito. Jordie vem logo atrás e eu fico o tempo inteiro olhando pelo espelho retrovisor, tentando pegar algum traço de descontentamento, conforme a periferia se aproxima. Acabo me sentindo mal por tê-la julgado com tanta precipitação, porque ela não demonstra nenhum tipo de desconforto.

Ao estacionar em frente de casa, logo o carro importado chama a atenção. A vizinha curiosa, que está observando a rua, faz questão de cumprimentar em voz alta, nos olhando com uma expressão maliciosa, principalmente depois de dar uma boa conferida em Jordie. Acabei esquecendo de avisá-la que as pessoas aqui não sabem no que eu trabalho, e respiro fundo, tentando não me irritar ou não dar nenhuma bandeira.

— Eu vivo aqui. — Aponto para a pequena casa, ainda tentando detectar algo negativo vindo dela.

Nada.

Jordie para na minha frente, e fica na ponta dos pés, me dando um beijo antes de passar pelo pequeno portão de ferro, toda *rebolante*. Balanço a cabeça, tendo a noção de que ela fez isso apenas para provocar a mulher que nos observa e sigo pelo corredor até a casa dos fundos, onde vivo.

Talvez atraída pelo som de passos, Jennifer abre a porta, dando de cara conosco.

— Veio rápido, Murilo. Pensei que não conseguiria.

— Consegui — respondo, ao mesmo tempo que conduzo Jordie para dentro. — Como ele está?

— Dormindo — ela responde, mas noto que fica resabiada, olhando Jordie pelo canto dos olhos. — Eu sinto muito, não lembrava mesmo da prova. Assim que terminar, eu volto, para ficar com ele.

— Não precisa — Jordie se adianta, colocando a bolsa em cima da mesa, e estica a mão, em um cumprimento que à primeira vista parece muito simpático. — Eu vou passar à noite com ele. Muito prazer, meu nome é Jordie.

Pega de surpresa, a garota nos encara em silêncio, antes de aceitar o cumprimento. A boca retorcida e o vinco entre as sobrancelhas, no entanto, deixa claro que ela não gostou.

Me incomoda o olhar que ela dá para Jordie, o desprezo e o tom condescendente que usa ao responder, insinuando que Jordie não pertence ao nosso meio e nem parece saber cuidar de crianças. Me olhando com acusação, fazendo com que eu me sinta mais uma vez culpado por baixar a guarda, por ir contra algo que eu havia prometido a mim mesmo.

— É Jennifer, seu nome, certo? — ela pergunta, o tom de voz firme, as duas trocando um sorriso congelado. — Às vezes, nem tudo é o que parece, meu bem.

— O menino...

— Vai ficar bem, não se preocupe — Jordie interrompe, sem sorrir desta vez. — Você não estava atrasada?

Engulo uma risada, decidido a não provocar e perder a babá.

— Até amanhã, então — ela diz, contrariada, e sai batendo a porta atrás de si.

— Não anda comendo essa menina, não, *né*? — Estou indo até o

quarto, e paro ao ouvir a pergunta.

— Ficou doida? — pergunto, e ela dá de ombros.

— Curiosa, ué. A menina pareceu um pouco enciumada.

— Ela, é? — Me aproximo, a puxando pela cintura. — Você não, certo, gata brava?

Os olhos verdes faíscam em minha direção, e ela poderia jurar de pés juntos o contrário, mas eu consigo identificar ciúme ali. E, no fundo, gostei de saber disso.

— Eu também — ela assume, a expressão ainda fechada — sou bem ciumenta. E não gosto de dividir nada, sou bem gulosa nesse aspecto.

— Eu sou bonzinho — seguro seus braços e os ergo até ela envolver meu pescoço — e aquela garota é muito nova.

— Eu li um livro, semana passada, chamado *O Inferno de Gabriel*, cujo personagem principal chamava o outro de *papa anjo*. Não quero imaginá-lo com seu rosto, então, se comporte.

— Por que não quer imaginá-lo com meu rosto?

Ela sorri, de lado, e encosta a boca em meu ouvido, sussurrando:

— Porque o gostoso é o personagem principal e seria nele que eu gostaria de imaginar você.

Seguro seu cabelo em um rabo, firmando seu rosto em minha direção. Minha língua traça um caminho em seus lábios e ela suspira, fechando os olhos, se entregando. A encosto na parede, bem ao lado do paineleiro e tomo sua boca em um beijo lento e suave, mas não menos intenso.

Deveria estar confuso com isso tudo, mas nada parece mais certo para mim do que ela aqui, em minha casa, em meus braços.

Um barulho no quarto chama nossa atenção e em silêncio me recrimino. Vim para casa porque o menino está com febre e sequer fui vê-lo ainda.

— Vem aqui dentro. — Seguro sua mão e entramos no pequeno cômodo, onde Lincoln dorme um sono pesado.

— Ele é pequenino, ainda... — Jordie diz, se sentando em minha cama, a mão indo direto na testa dele, medindo a temperatura —... ele está fresco, sem febre.

— Promete me ligar, se ele piorar? — peço, odiando ter que ir.

— Não se preocupe. Tenho uma escola infantil, Murilo, sei me virar.

— Tem certeza de que ficar aqui não vai te atrapalhar?

— Tenho. — Ela se levanta, me dando outro beijo. — Agora, vai

trabalhar. Prometo não dar uma festa de arromba enquanto estiver fora.



Trabalhar com a cabeça longe não é muito fácil. Por sorte, não temos nenhuma operação para fazer durante a madrugada, e posso me manter na base até o final do meu plantão. Fico tentado a mandar mensagens à Jordie a noite inteira, perguntando se Lincoln está bem. E, na verdade, querendo saber se ela também está bem, se está confortável, ou se não saiu correndo.

Ainda acho surreal demais tê-la em minha casa.

E mais surreal ainda os pensamentos malucos que vêm rondando a minha cabeça, desde ontem. Como se eu não tivesse sarna o bastante para me coçar, a ideia de assumir um relacionamento com Jordie fica agora me assombrando. É claro que ela não é mulher para mim, mas quem diz que minha cabeça entende isso?

Ela deve estar tão desconfortável em minha casa, que muito provavelmente vai estar me esperando na porta, ansiosa para ir embora e nunca mais voltar.

Estaciono meu carro logo atrás do dela, e entro apressado, notando o silêncio. Não é tão tarde, mas em um dia comum Lincoln já estaria colocando a casa abaixo e, por isso, estranho ao ver tudo apagado.

Bato a mão na parede da cozinha, buscando o interruptor. Noto a louça suja sobre a pia, e coloco a mão na cintura, confuso. Ela andou cozinhando?

Sigo para o quarto, iluminado pelo brilho da televisão ligada, e sinto um baque no peito. Jordie está deitada em minha cama, dormindo, vestindo apenas uma camiseta minha. O corpo virado de lado apoia Lincoln, que deve ter pegado no sono enrolando o cabelo dela entre os dedos, porque a mão continua em seu pescoço, segurando os fios entre as mãos.

Os dois estão tão grudados, que eu tenho o outro lado da cama praticamente inteiro disponível para mim. Deveria ir ao menos tomar um banho, mas não me controlo, tiro os sapatos e me deito, de frente para eles. O coração ainda disparado no peito pela visão da cena, algo que eu nunca imaginei acontecer desde que passei a sair com ela.

Estico a mão, tocando o rosto do meu moleque, notando que ele está sem febre. Me abaixo, sentindo o cheiro de shampoo de bebê um pouco mais forte que o de costume, e reparo na roupa que ele veste, um pijama que faz

muito tempo não o via usando.

Ela deu banho nele?

De repente, eu tenho a noção de que saí por quase um ano com essa mulher e realmente não a conheço. Talvez existam várias camadas por sob essa casca de mulher independente e avessa a relacionamentos.

Jordie

Abro os olhos e dou de cara com Murilo me observando, curioso. Ainda vestido com a mesma roupa que usava ao sair, ele parece exausto.

— Não queria te acordar, desculpa.

Coloco o dedo na frente dos lábios, pedindo silêncio, e abaixo o rosto para sentir, mais uma vez, o perfume delicioso de shampoo infantil. Solto meus cabelos, que ainda estão enrolados em seus dedinhos, e aponto para a cozinha, sugerindo irmos conversar no outro cômodo.

O coitado deve estar querendo dormir, mas não vou deixá-lo acordar o menino.

Pouco depois de Murilo sair, seu filho acordou e, como esperado, estranhou encontrar uma pessoa desconhecida em sua casa. Tenho vontade de rir novamente, recordando a expressão fechada, desconfiada, igualzinha a de seu pai.

Bonitinho, porém, o trabalho que deu para ele confiar em mim, e não achar que eu estava ali para roubá-lo, me cansa só em lembrar.

— Chegou faz tempo? — pergunto, o enlaçando pela cintura.

— Agorinha. Pensei que ele estaria acordado, ele nunca dorme até esse horário.

— Ele demorou a dormir de novo — digo, franzindo o nariz.

— Teve febre? — pergunta, preocupado, e eu nego.

— É um *mini* vigilante. Odiou ver alguém que ele não conhece em sua casa, quando acordou.

— Ele foi mal-educado, Jordie? — Seu tom de voz é duro, e consigo ver que ele pode ser um pai amoroso e rígido ao mesmo tempo.

Apesar de o garotinho não ter sido mal-educado em nenhum momento, me vejo compelida a defendê-lo.

— Ele foi ótimo, Murilo. Só não me conhecia, o que é normal. Ele é pequeno. — Dou de ombros, achando meu argumento incontestável.

— Certo. Passou bem a noite?

Relembro minha noite, já com um sorriso no rosto.

— Quem é você? — ele pergunta, de braços cruzados e rosto sisudo.

— Meu nome é Jordie e eu vim aqui ficar com você.

— Quem fica comigo é a Jennifer, cadê ela?

— Foi para a escola — respondo, correndo os olhos ao redor para mudar o assunto, não estou a fim de falar sobre aquela sirigaita —, mas amanhã ela volta.

— Cadê meu pai? Você veio roubar eu?

— Seu pai está trabalhando. — Estico a mão, tentando tocar em seu queixo, mas ele se afasta e eu puxo a mão de volta, com rapidez. — Você também vai ser policial quando crescer?

Sorrio ao vê-lo ponderar a pergunta, e mesmo assim continuar me olhando, desconfiado, sem responder.

— Estou perguntando, porque você parece um policial. Bem sério e bravão, fazendo perguntas.

A afirmação parece ter tocado em algum ponto ali dentro, porque a expressão suaviza.

— Vou ser polícia, igual meu pai. E você também é polícia?

— Não, eu tenho uma escola.

— De criança? — ele pergunta, e eu afirmo, o deixando com uma expressão linda, a boca e os olhinhos arregalados, surpreso.

Percebi que o menino gosta da escola, e que me confundiu com uma professora. Acabei não desfazendo a confusão, pelo contrário, o incentivei a falar sobre o seu dia a dia na escola, as coisas que ele aprendeu, seus amiguinhos, sua professora. E ele gesticulava, contando sobre suas preferências e fazendo perguntas, empolgado.

Notei que ele havia dormido suado, estava com a roupinha úmida e sugeri um banho. Depois de escolher sua roupa, um pijaminha lindo, bem infantil, seguimos para o chuveiro, onde passamos um bom tempo brincando, enquanto eu lavava seu cabelo.

Aliás, o cabelo dele é a coisa mais linda. Cheio de cachinhos, bem cuidado, gastei quase todo o vidro de shampoo fazendo espuma em seu cabelo e fiquei o chamando de *Cabelin* lindo, mesmo sob protestos e uma guerra de água. Saí ensopada, precisando buscar uma camiseta de Murilo para vestir, enquanto deixei minha roupa pendurada atrás da geladeira, para secar, e depois de fazer um estrogonofe de frango para o jantar, deitamos na cama e assistimos a tevê até ele, exausto de conversar, pegar no sono novamente.

— Passei muito bem a noite. E você?

— Bem, também.

Noto uma aura diferente em seu olhar, enquanto continuamos abraçados no meio da pequena cozinha. Ele ergue as mãos, passando os nós dos dedos em meu rosto e ficamos nos olhando, em silêncio, enquanto me despeço da noite mais diferente que tive em toda a minha vida.

16



Evangeline

Indecisão.

É um sentimento que eu não experimentava já há algum tempo, talvez por nunca parar para pensar no *depois*. Sempre estive focada em minha vidinha, em nosso sustento, e em tentar manter meu pai longe de problemas. No máximo, um encontro ou outro com Carlos, mas nunca fui realmente indecisa a esse respeito, sabia muito bem o que eu queria — e o que eu queria sempre esteve muito aquém do que eu precisava e tudo bem.

No entanto, pela primeira vez, em muito tempo, eu me pego indecisa sobre o que fazer ou como agir. E o motivo disso tudo é alto, loiro e lindo.

Faz três dias que estou servindo de guia turístico para Pedro, andando de um lado a outro pelas redondezas. Eu pensei que ele desistiria dessa ideia maluca, ainda no primeiro dia, quando não dei muita confiança às suas gracinhas. As palavras de Carlos, falando sobre forasteiros que vinham à cidade somente procurando sexo fácil ainda me assombrando e, por isso, eu fiz questão de ser simpática, mas sem dar nenhuma abertura.

Eu só não esperava encontrar alguém tão galante. Ele notou que eu não dava muita bola, ou sequer gostava dessas cantadas baratas, e respeitou meu espaço. Simpático, educado, engraçado o tempo inteiro, mas mantendo a distância que eu tinha imposto.

E então vem aquela irritação inexplicável que sentimos ao menos uma vez na vida — ou uma vez ao mês, em determinados períodos — quando alguém faz algo que pedimos, mas que lá no fundo gostaríamos que fosse diferente. Me pego pensando o porquê de ele não ter tentado. Será que não sou interessante o suficiente? Será que ele tem alguém?

A mesma distância que eu impus a ele sobre a minha vida pessoal, ele decidiu fazer também, falando muito pouco sobre si e, na maioria das vezes, relacionado a alguns amigos apenas. Talvez ele seja comprometido. Ou não,

talvez ele não precise se esforçar para conquistar mulher e ao ver que eu não dei bola, não se importou em tentar.

Por que tentaria? O que diabos ele veria em mim, afinal?

Tiro a toalha que mantinha enrolada na cabeça, com impaciência, chacoalhando os fios molhados. Meu cabelo está enorme, precisando de um corte com urgência. Talvez eu crie coragem, como fiz certa vez, e o corte eu mesma.

Gastar dinheiro com isso está fora de questão.

Cada trocado que me sobra eu venho guardando, impulsionada pela vontade desmedida de mudar de vida. Tenho planos de fazer um curso, adoraria me especializar em confeitaria e ter o meu próprio negócio e, por isso, economizo qualquer sobra há mais de três anos.

Tudo o que eu consigo vai para uma caixinha no fundo da gaveta e um dia ainda terei coragem de abrir o armário e contar o quanto consegui. Laninha insiste que eu preciso abrir uma conta no banco, mas da forma que todos nesta cidade parecem saber tudo o que acontece comigo, seria questão de tempo até meu pai descobrir e começar a dizer tudo o que precisamos ter em casa, até me dobrar e me fazer gastar o dinheiro.

Não. Dessa forma somente eu sei e, definitivamente, estou mais segura assim.

Me jogo deitada na cama, exausta. Pelo menos durante esses dias eu não preciso voltar à lanchonete, e posso descansar depois de voltar da rua. Pedro ontem fez vários vídeos e publicou na internet, não somente da cascata que temos em Pouso Alto, a cidade vizinha, como também da La Verdense. Paparicou tanto seu Antônio, que ele está até feliz, principalmente depois de receber clientes que, segundo ele, vieram por causa da postagem do fotógrafo famoso.

Estico a mão, buscando o vestido que separei para vestir depois do banho e me levanto, tirando o roupão úmido. Paro em frente ao espelho olhando meu corpo, mas dessa vez me analisando de forma um tanto crítica. Me achando sem graça com as pernas finas, os seios pequenos, os ossos da *saboneteira* aparentes. Pálida e totalmente sem sal, bocuda e com olheiras, não era mesmo de se esperar que um homem daquele calibre prestaria atenção em mim.

Ao menos, o Grandão é simpático. Não me lembro de ter dado tanta risada na companhia de alguém como acontece quando estou com ele. Parece um adolescente fazendo piada o tempo inteiro, acha graça em tudo, e me

arranca gargalhadas com suas tiradas inteligentes.

Vou sentir falta disso quando ele for embora, porque, sem perceber, ele tem deixado os meus dias bem melhores.

Balanço a cabeça, afastando os pensamentos, pois nada me adianta sofrer por antecipação com algo que é certo. Volto para alcançar o vestido quando ouço a voz de Pedro me chamando no portão. Meus olhos se arregalam com o susto, o que ele faz aqui?

Me visto de qualquer jeito e saio correndo, pulando por cima das sacolas que estão no chão, tentando atender ao portão e estaco no meio da sala, ao ver meu pai o recepcionando, e o convidando para entrar.

— Boa tarde, tudo bem com o senhor? — Ele estica a mão, que meu pai aceita, reticente.

— Tudo bem. E você quem é?

— Pedro — responde, com simpatia —, estou procurando a Evangeline.

— Qual o interesse? — papai pergunta, e eu ergo as mãos aos céus, pedindo mais paciência e menos constrangimento.

— Oi, Pedro — chamo sua atenção, e ambos olham para trás.

Sinto um arrepio ao notar os olhos marotos percorrendo meu corpo inteiro, de baixo a cima. A expressão séria suavizando em um meio sorriso ao fitar meu rosto e, não sei, talvez notar que fiquei corada com a inspeção descarada.

— E aí, pequeno rato? Deixou sua bolsa em meu carro. — Estranho minha distração, e a dele ao não ver bolsa alguma em suas mãos.

— Por que chama minha filha assim? — papai pergunta, irritado, parecendo dobrar de altura. Acho fofo, não vou mentir.

— Já viu a sua filha comendo queijo? Isso em uma fábrica de laticínios daria um prejuízo...

Rolo os olhos, e me aproximo.

— Papai, esse é o Pedro. O rapaz que comentei com o senhor, que está fotografando a cidade.

Desconfiado, meu pai olha de mim para ele, por duas vezes.

— O fotógrafo da televisão. Seu Antônio vai montar um altar e colocar você pendurado nele. O bom é que é loiro, basta colocar uma fralda.

Fecho os olhos, sentindo o chão abrir embaixo dos pés de vergonha. Mas Pedro parece se divertir, porque gargalha alto e bate no ombro do meu pai, que abrandando a expressão.

— Imagina se eu não vou ficar lindo vestido de anjo? Vai faltar só as auréolas mesmo, porque eu já sou um anjo completo. — Ele pisca para mim, divertido. — Já jantaram?

— Ainda não, rapaz — papai se adianta. — Sente aqui, o jantar sai mais tarde, porque eu sou péssimo na cozinha e minha Eve chega sempre cansada.

— Podemos comer uma pizza? Tem uma que entrega, bem na entrada da cidade.

Observo, com certo nervosismo, Pedro se sentar tranquilamente no sofá de três lugares, enquanto meu pai assume seu lugar na poltrona. Aliviada por ele estar há três dias sóbrio, desde que dormiu no chão da cozinha que ele não coloca uma gota de álcool na boca, e ansiosa com essa visita inesperada, sem saber exatamente *o que* Pedro pretende vindo aqui.

Os dois ficam me olhando, em um questionamento mudo, enquanto eu fico parada em pé feito uma pateta, sem saber o que fazer.

— Ou podemos comer outra coisa, um lanche talvez — Pedro sugere, agora parecendo inseguro.

— Pode ser pizza mesmo. — Meu pai me olha, um sorriso aberto no rosto, parecendo uma criança que recebe a confirmação de um presente. — Assim Eve não precisa cozinhar e pode descansar.

— Eu nem ando trabalhando na lanchonete, pai, está tudo bem.

— Exatamente por isso, a deixo ocupada o dia inteiro, é justo pagar o jantar.

Pedro me encara, ansioso. Talvez aguardando uma negativa que eu deveria dar, mas simplesmente não consigo. Assinto, apenas com um movimento de cabeça, e sigo até a cozinha para buscar o folheto. Tentando domar o coração, que parece mais destrambelhado que um cavalo de corrida, disparado dentro do peito.



— Há anos que eu não comia pizza sabor portuguesa! — papai exclama, animado, cortando mais uma fatia para seguir o mesmo caminho que as outras quatro que ele comeu anteriormente. — Sempre foi a minha favorita, mas parece que esquecemos disso, não é, anjo?

Me viro, encarando meu pai, surpresa. Há muito tempo ele não me chama assim, mas parece que ele sequer notou o deslize. Engulo a saliva,

sentindo o olho lacrimejar, e forço um sorriso.

— Aposto que só pedem pizza de muçarela!

— É verdade. A Eve gosta mesmo de queijo, bem que você disse.

— O senhor sabe, eu quis ser um moço simpático e não matar sua filha de fome em nosso primeiro dia de trabalho. Levei alguns queijos e quando vi — ele diz, teatral —, lá se foram, todos eles!

— Que coisa feia, filha! — papai ralha comigo, como se eu tivesse cinco anos de idade novamente.

Encaro Pedro, com o olho semicerrado e ganho uma piscadela de volta. Percebi que essa é quase uma marca registrada sua, quando ele não quer dizer algo com palavras, ele pisca. O problema é que o abençoado é muito sexy e cada piscada que ele dá é um tiro.

Fico ouvindo a conversa dos dois, encantada em como Pedro é discreto. Diferente de Carlos, que sempre pedia uma *cervejinha* para acompanhar qualquer coisa que trouxesse para o jantar, Pedro fez questão de pedir um refrigerante para acompanhar a pizza.

Claro que, ainda que não tivesse ouvido na lanchonete sobre o alcoolismo do meu pai, ele saberia ao chegar aqui. Infelizmente o nosso olfato entrega, o alcoólatra em sua maioria transpira álcool, ainda que não esteja bebendo nada.

Ele poderia, também, ter direcionado a conversa para os vários assuntos proibidos. Família, relacionamento, casamento, emprego. Tudo isso, que é sempre tão comum em conversas informais, acaba se tornando um gatilho para o meu pai, o deixando péssimo. Mas ele seguiu falando sobre coisas ainda mais banais, como o tamanho da cidade, programas de auditório, pintura de parede, e sua inabilidade em andar em motos ou bicicletas, fazendo meu pai gargalhar como há muito tempo ele não fazia.

— Obrigada — murmuro, em um movimento sem som e ele apenas dá de ombros.

— Você namora, Pedro? — papai pergunta, e eu fixo minha atenção a uma azeitona preta em meu prato.

Odiaria, muito, qualquer resposta que não fosse uma negativa.

— Namorar dá muito trabalho, seu Ernesto.

— Nisso eu tenho que concordar. Mas às vezes damos sorte.

— Éééé... — ele afina a voz, em meio a uma careta —... mas às vezes, não. De qualquer forma, eu não estou procurando namorada, não. Quando a gente namora, precisa sossegar e isso não está em meus planos.

Ouvir Pedro dizer isso, de forma tão natural, me causa um incômodo imenso. E uma confusão tão grande quanto, afinal de contas, por que diabos eu fico esperando ele ter uma outra visão sobre relacionamentos, sobre mim? Eu não procuro isso, então por que eu quero que ele me veja diferente? Não faz sentido.

— Aline foi a minha primeira namorada — meu pai diz, e sinto um baque no peito. Não queria que ele falasse sobre ela, não mesmo. — Logo que a vi, eu sabia que ela seria a mãe dos meus filhos.

— Papai... — Seguro sua mão, mas como sempre acontece, ele entra em um transe.

— Claro que ela me enrolou um pouco, queria aproveitar a vida, mas acabei a convencendo que casar mais cedo nos daria mais tempo.

Levo a mão ao pescoço, sentindo novamente aquele aperto no peito, aquela ansiedade por saber o que vem depois disso. Puxo o ar com um pouco mais de força, me sentindo um tanto perdida, e então sinto um baque no meu pé.

Olho por baixo da mesa e então encaro Pedro, que me olha fixamente. Ele me chutou?

A criatura não diz uma palavra, pelo contrário. Fica me encarando, um vinco entre as sobrancelhas, o lábio inferior sendo mordiscado, parecendo muito tenso. Sinto pena, o coitado se esforçou tanto para distrair meu pai e, no final, não adiantou nada.

Papai continua em seu monólogo apaixonado, contando como conheceu minha mãe, como eram apaixonados, e como foi doloroso ter que se separar dela, anos atrás. Pedro e eu trocamos um olhar, ambos lamentando a situação, cada um com seus motivos.

— Ao menos, ela não viu qual foi o fim do filho dela.

— Papai, por favor... — imploro, e ele parece voltar à razão.

— Eu espero que me perdoem por não lavar a louça — diz, se levantando da mesa —, mas eu estou realmente com sono depois de toda essa comida.

— Sou assim também, seu Ernesto. Como demais e fico triste.

— Muito obrigado, filho. — Sua voz assume um tom mais baixo, lamentoso. — Fazia muito tempo que eu não tinha um jantar tão divertido.

— Vamos repetir antes de eu ir embora, então.

Papai me olha por um tempo, em silêncio, como se ponderasse algo. Um sorriso fraco se desenha em seu rosto e então ele se retira, depois de nos

desejar boa noite.

Em silêncio, me levanto e passo a tirar a louça da mesa. Envergonhada por toda a situação, ainda que nada de mais tenha sido dito, ando de um lado a outro colocando a louça suja dentro da pia.

Papai vai beber novamente, eu sei. Basta uma lembrança e ele tem uma recaída.

E ele quase falou de Emanuel hoje, mais uma vez. Quase. Vive deixando escapar o que aconteceu, aqui e ali. Já são poucas as pessoas na cidade que não sabem a seu respeito, que não nos julgam por algo que ele fez, sem levar em conta que somos assim por culpa dele.

Maníaco...

Temos sorte que ele não sabe o nosso paradeiro, temos sorte que papai fugiu sem dizer para aonde ia. Mas só temos sorte porque ninguém fica falando a seu respeito. E se ele nos encontra? E se ele aparece por aqui?

Um tremor incontrollável toma conta do meu corpo, e deixo cair um copo, que, por sorte, não se quebra, mas faz um barulho enorme.

Inspiro fundo, buscando controle, apoiando as mãos na borda de granito da pia.

Expiro, e abaixo a cabeça, tendo o coração ainda disparado no peito.

Inspiro mais uma vez e então sinto os braços fortes de Pedro me envolvendo por trás, me apertando contra si. Deixo a cabeça pender, encostando em seu peito, sem controle. Cansada demais.

— Fica calma, Eve.

Ergo o rosto e encontro sua expressão preocupada, os olhos azuis me fitando com seriedade, mas com tanto cuidado que fica difícil controlar as lágrimas, ainda que eu tente.

— Desculpe, Pedro. Essas coisas que meu pai disse, ele... ele não...

— *Shhhh!* — Sua mão captura meu rosto, passando o polegar por minha bochecha, secando uma das muitas lágrimas que não cessam de cair. — Não se desculpe. Não teve nada errado aqui, *pra* você se desculpar.

Seu toque é macio e quente, seu peito é firme, ele é enorme, tão largo que eu me sinto realmente um pequeno rato entre seus braços. Sinto meu coração disparar, a respiração fica toda atrapalhada, e eu sequer sei dizer mais se é pelo estresse do jantar ou se é ele que me causa isso tudo.

A minha boca seca de um jeito que eu preciso passar a língua nos lábios, os umedecendo, e Pedro segue o movimento, soltando o ar pelo nariz com força. O polegar que mantinha meu rosto em sua direção segue até

minha boca e sinto sua mão me apertar mais na cintura, enquanto ele acaricia meus lábios, parecendo hipnotizado.

Assim como eu.

Pedro

Hipnotizado. Essa é a palavra correta para definir o meu estado de espírito neste momento, parado no meio da cozinha, com Evangeline em meus braços. Linda demais, mas frágil como nunca a tinha visto antes. O corpo trêmulo apoiado no meu, a respiração fora de compasso, e uma distância tão curta que basta me curvar míseros centímetros e tomar sua boca em um beijo.

Beijo esse que venho sonhando desde nosso primeiro passeio.

Mas eu não posso fazer isso. Eve tem muito com o que lidar aqui, para ainda se preocupar com um canalha que vem de outro estado somente pensando em bagunçar com ela.

Só é difícil resistir. Principalmente quando ela transparece tanta tristeza, o meu lado protetor aflora e não consigo me manter afastado.

Alguma coisa aconteceu com ela. Parece sempre assustada quando alguém comenta sobre esse tal irmão, e não fui ainda esperto o suficiente para juntar as informações e chegar a alguma conclusão sobre ele.

Também não vou ser sem noção e perguntar.

Munido de um autocontrole que eu nem sabia que tinha, afasto meu dedo do seu rosto, não sem antes tocar uma mecha de seu cabelo.

Linda demais...

— Você foi incrível hoje, Pedro. Obrigada.

— Eu não fiz nada de mais.

Ela afasta seu corpo do meu, e sinto vontade de resmungar, bem alto, de desgosto.

— Fez sim. — A mão espalma em meu peito, ficando ali do lado esquerdo, transmitindo e recebendo calor. — Tratou meu pai de uma forma que há muito ele não é tratado aqui, nesta cidade. Com educação e respeito.

— Não fiz favor algum, Eve. É o mínimo, não?

Ela sorri, e sugere irmos nos sentar do lado de fora, ao ar livre. Entendo como sua costureira barreira sendo levantada, ela impõe distância a todos com uma naturalidade impressionante.

Cedo espaço para ela passar, indo à minha frente porque eu posso ser cavalheiro, mas não sou burro, a bunda dessa mulher dentro dos vestidos que

ela usa fica deliciosa, principalmente quando o vestido está ao contrário. A pequena peça florida foi colocada de trás para frente, e a carreira de botões está muito mal abotoada, me dando uma visão divina da popa de sua bunda conforme ela segue, confiante e *rebolante*, para o lado de fora da casa.

Evangeline se vira de repente, quase me pegando no flagra, e eu não consigo sequer ficar vermelho por isso.

— Eu costumo sentar aqui, neste falso degrau, e fico olhando a lua.

Olho para onde ela me aponta, um espaço minúsculo na pequena varanda, ao lado da pilastra que segura as telhas. O chão, vermelho vivo, está limpo e bem encerado.

— Vai caber nossa bunda aí? — pergunto, somente para ver sua expressão contrariada.

Ela é linda. Os olhos se reviram ao mesmo tempo que os lábios se entreabrem, para se fechar em seguida em um tipo de bico de pato com charme, seguido por um suspiro profundo. E ela sempre semicerra os olhos para encerrar, e que me faz conter um sorriso toda vez.

Ando num estado meio confuso, afinal, já estou até mesmo decorando suas expressões.

— A minha, com certeza, cabe. — Ela senta, espalhafatosa, erguendo o queixo ao me encarar. — Diminua as pizzas e, quem sabe, a sua passa a caber também!

— Ratos são animais fofinhos — digo, me colocando ao seu lado, empurrando seu quadril com o meu e a fazendo reclamar —, não pode ser tão brava assim sempre, foge do personagem.

— Pedro, você já me disse a sua idade?

— Trinta e cinco.

— E a mental, qual é?

— Quinze — digo, a encarando, e ela acaba acompanhando minha risada. — E você, quantos anos tem?

— Vinte e oito.

— É um bebê! — brinco, mas um brilho de tristeza passa por seus olhos.

— Por que veio aqui?

Evangeline me encara com tanta seriedade, que meu sorriso some, de imediato. E eu tinha uma resposta pronta para essa pergunta, afinal sua bolsa estava mesmo em meu carro, mas pensando agora, essa seria apenas uma desculpa esfarrapada. Eu poderia ter entregado sua bolsa e ido embora. Eu

poderia sequer ter vindo aqui trazer, afinal de contas, estou hospedado na pousada que ela trabalha. Eu poderia mentir, negando que me peguei sentindo falta dela, assim ela desceu do carro e partiu rua abaixo, me dando apenas um aceno de mão. Poderia, mas não faço.

— Senti saudade. — Seus olhos se expandem em surpresa. — Não tente me entender.

— Por quê? Você é tão profundo assim?

— Eu me apego muito fácil. Sou carente.

Dou de ombros, mas a resposta parece ter desagradado. Não é mentira, definitivamente, mas pensando melhor, pareceu que eu quis dizer que ela é apenas mais uma garota. Noto isso ao ver sua bochecha corar e os olhos, tão desafiadores, desviarem do meu rosto, olhando para outro lugar.

Me irrita, comigo mesmo, por essa inabilidade em lidar direito com ela. Parece que vivo derrapando, falando abobrinha, metendo os pés pelas mãos.

Por quê?

— Eu realmente vim porque queria te ver de novo — digo, sério, e ela me olha de volta. — Não me pergunte o porquê, mas assim que entrei em meu quarto, eu já me peguei sentindo saudade do seu mau humor.

— Você é muito galante, Pedro — ela reclama, em sua costumeira careta. — Provavelmente eu adoraria ouvir isso, se eu fosse uma mulher comum.

— Provavelmente você não ouviria isso de mim, se fosse uma mulher comum.

Mais uma vez nos pegamos presos, conectados em uma espécie de energia que fica flutuando entre nós. Meus olhos viajam até sua boca, onde os lábios entreabertos parecem me chamar, e sou obrigado a respirar mais fundo, ansioso.

Eu não sei exatamente o que ela sente. Não sei sequer o que *eu* sinto. Mas uma coisa eu posso ter certeza: não é indiferença.

Não mesmo.

— Se você não me mandar embora agora, eu vou beijar você.

— Eu não faria isso... — ela sussurra, e sua respiração acelera.

Como se atraído por um ímã, me aproximo, segurando sua nuca. As mãos incertas pousam novamente em meu peito, espalmadas, e com certeza ela deve conseguir sentir o quão desgovernado eu estou neste momento. Desgovernado e sedento.

Não desvio meus olhos dos dela, não consigo. Sinto o coração palpar, enquanto espero por uma negativa, que não vem.

E então o convite chega, quando seus lábios se entreabrem, e eu não demoro a aceitar. Minha língua desliza sobre a sua, explorando sua boca, faminto. Beijar Eve é ainda melhor do que eu vinha imaginando, e eu a agarro com força, apertando meu braço em volta dela e a trazendo para mais perto.

É quente. Meu corpo parece se acender com esse contato, e suas mãos também deixam meu peito, vindo bagunçar meus cabelos. A vontade que eu tenho é puxá-la para o meu colo, e esquecer que estamos sentados na frente de sua casa.

Merda! Não posso fazer isso aqui.

Interrompo o beijo, deixando selinhos em seus lábios e encosto minha testa na dela, tentando recuperar a respiração.

— Estamos em público, Ratinha. Não vai ser bom perder a sanidade aqui, na frente de todo mundo.

Pensei que ela concordaria, claro. Eu agradeceria demais, nunca fui um cara de namorinhos no portão nem quando eu tinha quinze anos, imagina depois de burro velho? A situação do meu pau, no momento, não é nem um pouco confortável, principalmente ao ver suas pupilas dilatadas e ela passando a língua, de forma preguiçosa, nos lábios, mas eu pensei que ela concordaria que aqui não seria o lugar ideal para esse agarramento todo.

Já diria aquele velho ditado: *de pensar, morreu um burro*.

— Você beija bem, Grandão — ela diz, com a voz rouca, e logo estamos novamente atolados.

Eu já beijei mil bocas por aí, mas isso que eu estou sentindo aqui é novidade. É como estar pulando, de peito aberto, em um penhasco, sem saber o que me aguarda lá no final.

Completamente assustador.

E totalmente delicioso.

17



Pedro

Estaciono o carro, depois de ter feito o percurso totalmente em silêncio. Evangeline está muda desde que saímos para mais um dia de trabalho, chegando a aumentar o volume do rádio somente para não ter que falar comigo.

Pelo cronograma, marcamos de visitar uma das muitas cachoeiras que existem nas redondezas, mas eu acordei tão perturbado, que se não fosse a minha partida iminente, eu sequer teria vindo. O problema é que não vir me dá menos tempo para ficar com ela, e isso também não é algo que eu esteja interessado em perder.

— Chegamos — ela diz, já saindo do carro e se afastando a passos largos, sem sequer me dar chance de responder. Rapidamente pego minha mochila e vou atrás dela.

— Eu sou turista, pequeno rato! Seria bom me esperar, não?

— Já é um adulto, Pedro, e com certeza não vai ficar com medinho, caso se perca.

— Eve! — falo um pouco mais alto. — Detesto correr atrás dos outros.

— Imagino que sim. — Seu tom irônico me irrita, acabo bufando, exasperado.

Paro no meio do caminho, e levo a mão à nuca, irritado. E ela continua descendo a trilha, sem sequer olhar para trás.

Mas que inferno de mulher difícil!

— Evangeline, vamos voltar.

Finalmente ela diminui a passada, e volta a me olhar por cima do ombro, vendo que abriu uma considerável distância de onde estou.

— Como assim, voltar?

— Você claramente não quer estar aqui.

— Mas estou, viemos trabalhar. Por favor, seja bonzinho e venha logo — ela diz, impaciente. — Quanto antes você começar, mais cedo podemos voltar.

A nossa noite ontem não terminou como eu esperava. Como se tivesse sido atingida por um choque elétrico, Evangeline se afastou de mim, me pedindo sua bolsa de volta e dizendo que seria melhor se eu fosse embora. Sem explicação, erguendo novamente seu muro de proteção.

Contrariado, balanço a cabeça e continuo andando em silêncio, tentando alcançá-la.

Seguimos por uma trilha de terra por aproximadamente uns duzentos metros, já ouvindo o som da queda d'água adiante. O cheiro maravilhoso de natureza também é algo fora de série, o dia não está tão quente, o que intensifica a umidade do local, aumentando o cheiro de terra molhada.

Chegamos a uma cachoeira linda, rodeada pela mata. A água cai formando uma piscina natural, refletindo todo o verde ao redor, e tudo o que ouvimos é o barulho da natureza. Estamos sozinhos, nós dois e a infinidade de pensamentos.

Eu, só para variar, estou uma bagunça.

Me sentindo culpado por ter ultrapassado a linha, e ignorado todos os sinais que ela deu sobre manter-me afastado.

E me sentindo puto, comigo mesmo, por nunca conseguir me controlar. Eu vivo fazendo merda por aí, machucando as pessoas sem que elas mereçam. Eve já tem uma carga enorme de problemas para carregar, não precisa de mais isso em sua vida, não precisa lidar com alguém que... com alguém...

Sequer consigo formar o pensamento de que estou indo embora em breve, e isso é apavorante. No que foi que eu me meti?

Não posso fazer isso. Olho em volta, me imaginando preso a uma realidade que não faz parte de mim hoje. Ainda tenho muito a fazer pelo mundo afora, muitos lugares a conhecer, muitas pessoas a conhecer. Meu trabalho não me deixa ficar parado, eu nem sei se eu quero isso, por que estou me deixando envolver dessa forma com ela?

Mais uma vez fazendo burrada, mais uma vez buscando alguém que não seja compatível comigo.

Compatível. Parece tão técnico esse termo, mas é o que mais nos define. Não somos iguais, em nada. E eu passei a minha vida inteira preso a uma paixonite com alguém exatamente assim, que não tinha nada em comum

comigo. E me lasquei, inteiro.

— Está tudo bem? — Ouço sua voz e me viro, a encarando. Seu olhar inseguro me faz querer soltar essa bolsa aqui e tomá-la nos braços mais uma vez.

— Não, não está — eu digo, com firmeza —, porque a noite de ontem foi muito confusa para mim. Sabe, eu deveria me desculpar, Evangeline. Mas eu realmente não me arrependo, não de ter te beijado, então acho que o ideal é eu ficar quieto mesmo e parar de falar.

Notei que seu rosto deixou transparecer várias reações enquanto eu falava. Ela ficou pálida, a princípio, como se esperasse que eu estivesse mesmo arrependido. Para corar em sequência, desviando o olhar, os fixando na correnteza. Pude ver o movimento do seu pescoço, quando engoliu algo, nervosa. Inquieta, talvez tanto quanto eu.

— Acho bom você fotografar, Pedro — ela diz, baixo, sem me olhar —, porque daqui a pouco vai chover, e você vai perder a luz boa.

Acho que ela não notou que eu me aproximei, porque dá um pulinho quando toco seu braço.

— Eu não quero que você fique afastada de mim, Eve. — A tarde está fresca e uma lufada de vento bagunça seus cabelos, me fazendo erguer a mão e escová-los para trás. Isso nos deixa ainda mais próximos. — Como eu disse, não me arrependo de ter te beijado, porque eu queria muito, mesmo. Mas se for para você ficar estranha, mal falando comigo, eu me desculpo e esquecemos isso.

— Não precisa se desculpar — ela diz, se afastando novamente. — Só não vamos bagunçar as coisas aqui.

Lentamente ela caminha até uma pedra, um pouco mais distante, e faz um movimento com a mão, mandando-me me mexer. Obedeço, ciente que é melhor mesmo eu fazer qualquer coisa que ela ordene, e que não vai piorar a minha situação com ela.

Eu quero sentar e conversar, colocar as coisas em pratos limpos. Eu tenho essa mania imbecil de querer sempre deixar tudo esclarecido, ainda que eu entre pelo cano — o que, convenhamos, sempre acontece. Mas ela não está interessada nisso, ou já teria sinalizado.

De posse da minha câmera, passo a fotografar o local, já não vendo mais motivos para continuar com essa farsa de programa profissional. Claro que o material é bom, e pode me render frutos, mas de repente não estou mais animado.

Observo Eve sentada na pedra, os pés batendo na água, parecendo uma fada. Os cabelos cheios e cacheados estão soltos, balançando por conta do vento. O vestido em tom claro, soltinho, está esvoaçante também, deixando à mostra a sua coxa branquinha. Ergo a câmera em sua direção e bato uma sequência de fotos, e o som acaba chamando sua atenção, que ergue a mão, tapando o rosto.

— Ah não, Pedro! Fico horrorosa em fotos!

— Quem te disse tamanho absurdo? — pergunto, e ela ergue o dedo apontando para si mesma.

— Apaga essa foto horrorosa!

— De jeito nenhum! Vou mandar, inclusive, fazer um quadro e pendurar na minha casa.

— Ficou doido? — Ela dá um salto, vindo em minha direção.

— Não vou apagar, esqueça!

— Dá aqui! — Evangeline passa a me circundar, tentando tirar a câmera da minha mão, mas ainda que ela seja alta, ainda é menor que eu, e não consegue. — Poxa, Pedro! — resmunga, contrariada.

— Não vou apagar, e vou te mostrar que você é linda e fotogênica.

Mantenho a câmera erguida, e arqueio a sobancelha em sua direção, esperando uma confirmação. Que vem em forma de um bico contrariado, e os braços cruzados.

— Tá bom. Anda logo com isso.

Viro o visor em sua direção e passo a sequência de fotos que ficaram, modéstia à parte, muito boas. E posso ver a surpresa em seu olhar ao se ver na tela, de uma forma que talvez ela nunca tivesse imaginado.

— Essa ficou linda, mas não é a minha foto favorita — confesso.

— Como assim?

Guardo a câmera na mochila e saco o celular, buscando a foto que tirei logo no primeiro dia que saímos juntos para fotografar. Abaixada em meio ao canteiro de lírios, tocando a pétala de uma das flores, ela estava tão linda que eu não me agüentei. Ao chegar à pousada, descarreguei a imagem e a transferi para o meu celular.

Por quê? Me pergunto isso até agora.

Evangeline

Fico sem reação ao ver a minha foto. Sem saber exatamente o que pensar, insegura, confusa, e muito mexida desde ontem à noite.

Fui dormir sentindo o perfume dele, e seu sabor ainda em meus lábios. Não consegui esquecer por um minuto a sensação de seu toque em minha pele, seus dedos brincando com meus cabelos, apertando meu pescoço conforme o beijo se aprofundava.

Rolei a noite inteira na cama, buscando o sono que não vinha, sem conseguir esquecer seu pedido para mandá-lo embora ou ele iria me beijar. Como eu poderia, se tudo o que eu queria era um beijo dele?

O problema foi o literal choque de realidade que me acometeu quando um pingo de juízo sobrepôs toda aquela loucura. De repente, eu me lembrei de que ele era um forasteiro de passagem. Que ele não sabia nada sobre mim ou meu passado. E também de todos os meus problemas no presente, que ele obviamente não iria conseguir, ou querer, lidar.

Lembrei-me de quando ele disse que não procurava uma namorada, sua expressão praticamente dizendo que corria de relacionamentos. E eu, aqui, fugindo também, porque tenho tanto a me preocupar que isso seria a última coisa que eu buscaria.

Calculei a distância que nos separa, e não falo somente em quilômetros. Não é somente por eu viver aqui numa cidadezinha mineira e ele em uma grande metrópole, não. Mas várias diferenças: econômica, social, intelectual. Isso aqui nunca daria certo, nunca, e era o que a minha mente me tentava fazer entender enquanto eu derretia em seus braços, sem querer me soltar dele.

Precisei juntar toda a minha força e pedir para ele ir embora, enquanto brigava comigo mesma entre a razão e o desejo. Porque, por mim, teria arrastado ele para o meu bagunçado quarto e não o deixado sair de lá em momento algum.

Mas como lidar com isso, agora? Ele tem uma foto minha no seu celular. Por quê?

— Você é linda, Ratinha. — O tom de sua voz, baixo e rouco, faz com que eu me arrepie inteira.

Ergo o rosto, fitando seus olhos, sem saber como agir. Querendo me proteger, mas sem poder resistir a essa atração maluca que sinto por ele. De repente, tudo parece não fazer mais sentido, pois ele me encara de um jeito que eu não consigo desviar, e tenho a sensação de estar passando a ele o controle de tudo.

Toma conta, homem! Pode pegar, é teu!

Pedro ergue uma das mãos e afasta meu cabelo, liberando meu ombro.

Se curva, sem pressa, depositando um beijo ali. Sinto um arrepio, saindo daquele exato ponto e se espalhando pelo meu corpo inteiro. Faz de novo, me obrigando a erguer minhas mãos e segurar nele pela camiseta, buscando apoio. Fecho os olhos quando ele traça um caminho, com a ponta do nariz, por toda a extensão do meu pescoço até atrás da orelha.

Nem eu sabia que esse ponto atrás da orelha podia causar tanto alvoroço!

— Cheirosa — ele sussurra contra a minha pele, me fazendo arfar.
— Fiquei com seu perfume preso em mim a noite inteira. Mal consegui dormir.

— É golpe baixo isso, Pedro. — Fecho os olhos, sentindo seu nariz passar pelo meu rosto, aspirando.

— Você que lute... — Ele ri, baixinho, e não existe luta, eu já entrei nisso derrotada.

— Pedro — chamo, tocando em seu rosto. — Me beija — peço.

Sinto sua mão espalmar bem no meio das minhas costas, enquanto a outra segura meu cabelo com firmeza, e a expectativa me deixa ainda mais excitada.

Circundo seu pescoço com os braços, puxando sua cabeça para mim de uma vez por todas, e nossos lábios se tocam de forma possessiva. Eu me sinto ferver, ainda que me arpie com seu toque. Pedro é gentil, mas ao mesmo tempo muito másculo. Posso senti-lo pulsar contra mim, excitado como eu.

Ele me beija com fome e doçura, é algo que eu não sei muito bem explicar. Me devora e acalanta ao mesmo tempo, como se me devastasse e cuidasse de mim. Sinto a sua respiração pesada enquanto ele me puxa mais para perto de si. E eu queria me fundir a ele, então faço o mesmo. Perto ainda é longe, eu quero muito mais.

O beijo só cessa quando precisamos de ar. E, ainda assim, ele não mantém seus lábios longe, passando-os preguiçosamente por minha pele. Deixando beijos molhados, lambidas, me deixando ainda mais fora de mim.

— O que você tem, menina, que me deixa doido desse jeito? — ele pergunta, me olhando firmemente. Me ergue no colo, caminhando comigo até a pedra em que eu estava sentada antes.

— Eu devia te alertar, Pedro — digo, contra seus lábios —, que eu não sou uma boa companhia.

— Relaxa, eu sou pior. — Ele pisca, sentando na pedra e me

colocando em seu colo, de frente para ele. — E você devia correr de mim, antes que eu faça alguma merda muito grande.

— Por favor, faça. — Involuntariamente meu corpo se move, buscando um pouco mais de contato, ansioso para aliviar a dor gostosa que sinto em meu baixo ventre.

Seus olhos fixam-se nos meus, e posso ver a luxúria que eles contêm. É quente, pulsante. Mordo os lábios, contendo um gemido somente por olhar seu rosto focado em mim, a respiração afogueada.

Sua mão sobe de minha cintura pela lateral do meu corpo, seguindo pelas costelas até atingir a parte de baixo do meu seio. Com firmeza, ele circunda a base, gemendo baixinho. Nossos olhos se mantêm grudados, enquanto ele espalma a mão sobre ele, apertando, sentindo.

Isso me faz estremecer.

— Gosta?

— Sim... — respondo, quase sem voz.

Eu me sinto queimar. Toda essa proximidade, o seu perfume, o tom rouco de sua voz e, principalmente, a forma como ele me olha me tira do eixo.

Sem nenhuma hesitação, desce lentamente a alça fina do meu vestido, deixando o meu seio nu. Desta vez, ele usa as duas mãos, e elas vão direto aos mamilos arrepiados, os apertando.

Aperto a mão em minhas pernas, deixando a cabeça pender para trás por conta da sensação. Pedro aproveita para se aproximar e, lentamente, arranha os dentes por meu maxilar, subindo em direção à minha orelha. Captura meu lóbulo com a ponta dos dentes, e desta vez não me contenho.

Ao me ouvir gemer, Pedro desce o rosto até a altura dos meus seios e o sinto fechar a boca sobre um deles, sugando com firmeza. Sem nenhum tipo de pressa ele passa a língua pelo bico, em um tipo de tortura arrebatadora, e chupa novamente.

Com uma expressão marota, a testa franzida e um meio sorriso na boca ainda grudada em meu peito, ele ergue os olhos para me observar. Seus olhos azuis estão escurecidos de puro desejo, e isso me faz latejar.

Jogo a cabeça para trás, quando ele chupa novamente o bico, e me esfrego nele, o deixando mais urgente. Bruto, ele segura minha cintura, me puxando para si, firmando meu corpo enquanto eu me roço nele, quase no limite da insanidade.

Seguro sua cabeça entre as mãos, trazendo sua boca na minha mais

uma vez. Nosso beijo é feroz, duro, arrebatador. Pedro explora minha boca como se fosse dele, e isso faz meu ventre se contorcer.

A mão em minha cintura desliza por meu corpo, indo até minhas coxas e erguendo de leve o tecido do vestido. Sinto o dedilhar por minha pele, me fazendo arrepiar. As duas mãos, então, se enterram firmes em minha bunda e ele arfa ao mesmo tempo que esfrega as palmas grandes por minha pele e me puxa, para cima e para baixo, mantendo uma fricção deliciosa.

— O que estamos fazendo, Pedro? — pergunto, em um sussurro.

— Não sei. Só não me peça *pra* parar.

Os dedos longos voltam a percorrer minha pele, deixando um rastro de fogo por onde passa. Quando roça, atrevido, por sobre o tecido da calcinha, gememos um nos lábios do outro.

É loucura, eu sei. Estamos ao ar livre, e eu nunca aceitei fazer nada parecido com isso antes. Me sentia ofendida quando Carlos tentava algo com pessoas perto, seu toque me repelia nessas horas, então por que com Pedro é diferente? Sentada aqui, em seu colo, eu perco a noção e a sanidade, só quero mais do seu toque, mais dos seus beijos.

Mais dele.

Devo ter indicado isso, de alguma forma, porque Pedro afasta o tecido da calcinha, colocando os dedos em contato com a minha intimidade, deslizando para cima e para baixo. A sensação é enlouquecedora, sinto um arrepio correr por minha espinha enquanto um calor passa pelos meus membros, fazendo minha cabeça rodopiar, desconcertada.

Enfio minhas mãos por baixo de sua camiseta, querendo sentir sua pele. Ela queima, e ainda assim posso senti-la arrepiar sob o meu toque. Tateio o contorno dos seus músculos, vendo o quão é forte, definido. Arranho minhas unhas em suas costas, e ele geme em meus lábios.

Quando a pressão parece ser demais, solto um gemido e apoio meu rosto em seu peito. Fico presa em seu colo, com sua mão fechada em um punho, segurando meu cabelo com força, me mantendo parada no lugar. Seu dedo vai e vem fundo dentro de mim, tirando todo o meu juízo, seu polegar se movimentando em círculos no lugar que parece concentrar minha vida inteira, neste momento.

— Abre mais para mim, gostosa — ele pede, rouco, e eu só obedeco de forma automática, afastando mais as pernas.

— Você vai me deixar doida.

— E isso não é bom?

Não consigo responder. Arqueio o corpo quando ele coloca o dedo ainda mais fundo, pressionando minha vulva com a palma da mão, e dá duas bombadas. A minha cabeça gira, desestabilizada, e ele aproveita para tirar o dedo, molhado, e passar pelo meu clitóris em círculos. Estremeço, e gemo baixinho quando ele insere dois dedos desta vez, em um movimento cadenciado.

Eu não vou suportar muito tempo.

Espasmos passam a irromper pelo meu corpo ao senti-lo tocar em algum ponto dentro de mim. Não consigo controlar as sensações, novas para mim, até então. Grito, cravando meus dentes em seu ombro, e Pedro solta um gemido grave e faminto, aumentando ainda mais o seu aperto.

Nunca foi tão intenso.

— Pedro — sussurro, completamente dopada, sentindo seus dedos acariciarem meu pescoço.

— Não se mexe — o tom rouco de sua voz parece fazer um carinho em mim — ou eu vou gozar nas calças.

Me afasto, buscando seus olhos, e eles estão escuros, dilatados. E, ao mesmo tempo, carinhosos. Pedro é uma verdadeira contradição, ele se mostra e se esconde de uma forma que fica difícil entendê-lo. Apoio minha mão em seu peito, sentindo seu coração acelerado, batendo com força, a respiração pesada resvalando em meu rosto, de tão grudados que estamos.

— O incrível caso das bolas roxas — brinco, mas fecho os olhos ao sentir os nós dos seus dedos passando pelo meu rosto, carinhoso demais.

Como uma serpente fora de hora, ouço a voz de Carlos, parecendo estar aqui do nosso lado, sussurrando: *é só sexo, Eve, eles querem sexo fácil.*

Meu peito até dói.

— Pedro.

— Fala.

— Isso não pode acontecer de novo.

— Você quer dizer, isso? — Ele segura meu queixo, e me dá um selinho, seguido por uma mordidinha no lábio.

— Sim, não pode.

— Tudo bem — ele concorda, mas continua me beijando.

— É sério, Pedro — repito, grudada nele.

— Muito sério mesmo.

Pedro cola novamente seus lábios nos meus, e descubro que sou incapaz de rejeitar um beijo dele. Abro a boca assim que sua língua pede

passagem, e ele me devora com urgência.

Para quem não procurava “sarna *pra* se coçar”, eu achei uma bem grande.



A volta foi menos tumultuada que a ida, no entanto. Decidi parar de lutar contra seja lá o que está acontecendo entre nós, e somente deixar claro — para mim, obviamente — que é temporário.

Não se apaixone, Evangeline. Ele vai embora.

Assim que o carro para na porta de casa e eu desço, distraída, posso ouvir a voz alta do meu pai, e meu coração afunda no peito.

— Novamente perdida por aí, Evangeline? — ele diz, embolando as palavras. — Não cansa de me fazer passar vergonha?

— Papai...

— Passe já para dentro! Agora! — Ele bate o portão, com força, e o barulho do ferro ecoa alto.

— *Seu* Ernesto... — Pedro se aproxima e eu ergo a mão, pedindo para que não se meta.

— Está tudo bem, Pedro. Obrigada, nos falamos amanhã.

— Passe para dentro! — Meu pai puxa meu braço com brusquidão, mal conseguindo ficar em pé. Faço o que ele pede, passando pelo portão, mas ele tropeça e cai, me levando junto.

Me levanto, novamente pedindo a Pedro, com um gesto, que fique de fora. Não posso e não vou envolvê-lo nessa bagunça que é a minha vida. Eu poderia abrir um buraco e me enfiar dentro. Envergonhada demais, com raiva, magoada. Tantos sentimentos juntos criando um processo de combustão em meu peito, a ponto de explodir. E eu não quero explodir.

Sabia que papai voltaria a beber. Eu só não consigo entender de onde vem o dinheiro que ele paga suas bebidas, porque eu não lhe dou um centavo e tudo o que temos está guardando em meu quarto.

De forma automática, eu olho para dentro de casa, e meu mundo parece parar. Passo a mão na correntinha que trago no pescoço, a chave que eu tranco a porta todos os dias, onde mantenho tudo o que eu tenho de valor, continua pendurada aqui e eu tenho certeza DE que tranquei o quarto ao sair pela manhã.

— Não... — exclamo, quase sem voz, e saio correndo em direção à

porta escancarada do meu quarto.

O quarto está todo revirado. Olho para o trinco, e vejo que a porta foi arrombada. Algumas coisas jogadas no chão, as portas do armário abertas. E perco o ar ao ver que a gaveta onde eu guardo nossas poucas economias está vazia.

18



Pedro

Fico parado na calçada, indeciso entre interferir no que acontece ou fazer como Eve me pediu e não me meter. Morto de pena do estado em que está o pai dela, totalmente embriagado, falando enrolado, sem conseguir ficar em pé.

Ele parecia tão feliz ontem.

Paro no portão, segurando na grade, vendo Eve desabar no chão junto com o pai e erguendo a mão, me pedindo para ficar afastado. Balanço a cabeça, angustiado, querendo pegar a menina nos braços e cuidar dela.

Fico sem entender quando ela se levanta e sai correndo para dentro de casa, enquanto o pai dela fica balbuciando coisas, caído no chão, a fala enrolada e o olhar totalmente sem foco.

— Ele falou que vai todo mundo falar de você... ele falou que você envergonha a todos, e que logo seu irmão aparece, e vai ensinar uma lição, ele vai... eu preciso cuidar de você e te manter na linha ou ele vai aparecer aqui. Ele vai aparecer...

Nada do que ele diz faz sentido, mas não consigo ver o homem deitado no chão, indefeso, e ficar parado.

— Seu Ernesto, vem aqui — seguro ele pelo braço, o ajudando a se sentar —, vamos entrar, o que acha?

— Ah é você, o anjo. Precisa cuidar dela, sabe? — O homem puxa minha camiseta, como se quisesse me manter preso no lugar. — Ele vai voltar, e vai machucar a menina, ele vai...

— Ih, moço — viro o pescoço, vendo uma mulher debruçada no muro —, isso aí é caso perdido, sabe? Perde tempo não.

— Não entendi — respondo, seco, e recebo um sorriso condescendente.

— Uai, o velho bebe todo o dinheiro da filha e ela é tonta, não bota

rédea. — Sua voz é alta e estridente, fazendo questão que todos ouçam o que ela tem a dizer — Critica ele *pra* você ver. Ela vira bicho.

Suspiro fundo, e volto minha atenção ao homem que se deitou novamente na pequena varanda.

— Vamos, seu Ernesto, eu ajudo.

— *NÃÃÃÃO*. — Ouço o grito angustiado de Eve e não penso duas vezes, me levanto e entro correndo.

A casa é pequena e sequer preciso procurar muito, a encontro de joelhos no chão de um quarto todo revirado. Curvada sobre as pernas, o rosto afundado nas mãos, em um pranto dolorido de partir o coração.

— Eve — me abaixo à sua frente, me sentando no chão e a puxando para o meu colo —, se acalma. Estou aqui, se acalma.

Olho ao redor, tentando entender o que pode ter acontecido. O quarto parece um estoque de velharias, uma bancada cheia de caixas, objetos envoltos em plástico bolha, mas muita coisa jogada pelo chão, algumas quebradas. O armário está todo revirado, e olhando as peças de roupas espalhadas, posso ver que são dela, uma infinidade de vestidinhos de tecido fino. Uma gaveta está tombada, vazia, e temo que possam ter levado algo de valor.

A aperto ainda mais forte em meu colo, pois ela continua em desespero. O choro parece vir do fundo da alma, tão dolorido que responde em meu peito. Deixo um beijo no topo da sua cabeça e continuo olhando em volta. A janela, que dá vista para a rua, parece intacta, porém, a porta foi arrombada, o batente está estourado, e lascas de madeira podem ser vistas pelo chão.

— Fala *pra* mim, Ratinha — digo, acariciando seu cabelo —, levaram alguma coisa?

— Tudo, Pedro. Tudo o que eu estava economizando. — Mal consigo entender o que ela fala, as palavras saem entrecortadas entre os soluços, a voz falha e ela se curva de novo, como se sentisse dor.

— Onde fica a delegacia? Eu vou com você, vamos prestar queixa.

— Não. — Ela se ergue, com rapidez, limpando o rosto, brigando com as lágrimas. — Não vou dar queixa, não posso.

— Eve...

— Não posso, Pedro, não posso ir até a polícia e contar o que aconteceu. Não posso.

Ela me olha em desespero, assustada, perdida. A compreensão não

demora muito a me atingir, no entanto, basta ligar os pontos. O pai dela está embriagado demais para alguém que não tem dinheiro.

Usou o dinheiro dela para comprar bebida.

— Eve, me escuta. — Seguro seu rosto, ainda que ela tente se soltar eu não deixo. — Me ouve. Tudo bem, não vamos denunciar, mas precisamos cuidar do seu pai, então. Eu vou ali fora buscar *ele*, tudo bem?

Os lindos olhos chocolate me fitam, apreensivos. Talvez temendo que eu vá quebrar sua confiança e sair daqui direto para a delegacia. E eu deveria, na verdade, porque observando a porta, ela parece pesada o suficiente para um homem daquela estatura não conseguir agir sozinho. Seu Ernesto não teria força para derrubar essa porta, e isso me deixa apavorado.

— Posso ir lá? — pergunto, mais uma vez, e ela simplesmente balança a cabeça, saindo do meu colo.

Evangeline é uma mulher forte, eu nunca tive dúvidas quanto a isso. Vê-la vulnerável é enfurecedor, eu poderia socar a vizinhança inteira, se isso significasse não ver mais esse ar desolado em seu rosto.

— Pode ir, eu vou ajeitar aqui.

Me levanto e, saindo do quarto, olho diretamente para a varanda. O pai dela continua deitado no chão, da forma como eu o tinha deixado, mas dessa vez em um sono pesado. Noto que a porta do outro cômodo está entreaberta e me adianto, abrindo para examiná-la. Acendo a luz, pois com a janela fechada o quarto está escuro e olho em volta, buscando sinais de arrombamento. Diferente do quarto de Eve, este aqui é totalmente vazio, não tendo nada além de uma cama e um armário simples.

Balanço a cabeça, lamentando, ao compreender que talvez Eve guarde tudo o que tem de valor em seu quarto, e que isso acabou sendo descoberto.

— Vamos lá, seu Ernesto. — O ergo nos braços, me dando ainda mais argumentos sobre o arrombador de quartos. — Amanhã vai ter que me contar isso tudo direitinho — digo a ele, conforme entro e vou direto ao cômodo vazio, o colocando sobre a cama.

Fico olhando o homem, em um sono profundo quase comatoso, deitado na cama. De estatura mediana, magro e fragilizado, ele não conseguiria arrebentar a porta. Me sinto nervoso, agitado, preocupado com a segurança dos dois. Uma cidade tão pequena não deveria ter esse tipo de problema, principalmente se todo mundo se conhece, como aparenta ser.

Volto até o quarto e paro na porta, observando Eve sentada no chão, recolhendo as roupas espalhadas, as dobrando com cuidado.

— Tem vários deles rasgados — ela murmura para si, erguendo uma das peças e colocando em uma pilha ao lado.

— Rasgaram seus vestidos, Ratinha? — pergunto, e ela me olha, assustada. Nem tinha me visto ali de volta.

— Não entendo... — A menina parece perdida, e eu fico impaciente. Sabendo que não posso obrigá-la a reportar o ocorrido, e tendo certeza de que não vou ter paz daqui em diante.

Saio do quarto, dando a volta na casa pelo lado de fora. Um corredor estreito entre o muro lateral e a parede da construção me leva a uma pequena lavanderia. Um tanque de cimento, um armarinho de plástico com produtos de limpeza, alguns baldes, vassouras e rodos, e duas cordas de varal presas de uma parede a outra, para estender a roupa.

Noto a porta, que leva para a cozinha, e me aproximo, tocando o trinco que não cede. Forço, sem colocar muito peso, concluindo que a porta não foi arrombada e parece firme. Um ser humano, adulto, também não passaria pela janela da cozinha, isso eu posso garantir.

Por aqui não conseguiriam entrar na casa dela.

Volto pelo mesmo corredor, parando em frente a janela do seu quarto. Trocamos um olhar, enquanto eu examino a janela, que também está intacta. A do quarto de seu pai, como eu vi anteriormente, está trancada e não foi forçada.

Passo a mão no trinco da porta de entrada, também intacto. Mas aqui, diferente das outras, não parece tão segura. Fecho a porta, notando que está frouxa, parecendo ter sido forçada.

Que diabos aconteceu aqui?

Sinto uma sensação estranha, como se estivesse sendo observado. Olho para trás, por cima do ombro, e ainda tenho tempo de ver Carlos em uma pick-up, do outro lado da rua, dando partida e saindo, apressado.

Estou me preparando para sair, pegar meu carro e ir atrás dele, querendo saber o porquê ele parecia um louco psicopata observando-a de longe, quando Eve abre a porta, um pouco mais recomposta.

— Ainda está aqui — ela fala baixo, olhando para mim.

— Estou. Vem aqui — a puxo pela mão, a enlaçando em um abraço —, conseguiu arrumar tudo lá dentro?

— Vim te dizer que está tudo bem agora — responde, desviando o olhar. — Você pode ir descansar. Eu vou tomar um banho e dormir.

Devo ter soltado algum ruído, contrariado. Não seria diferente, afinal

de contas a casa dela foi arrombada, ela foi assaltada, seu pai está apagado na cama e, pelos olhares que vemos em volta, ela não tem muitas pessoas com quem pode contar. Para coroar, tem um sujeito que não sei se é ex-namorado, amigo ou só louco mesmo que fica a observando de longe. Isso tudo é uma combinação ruim demais para me deixar tranquilo.

— Eu não vou — declaro, para receber *aquele* olhar que ela sempre dá quando parece lidar com uma criança de dois anos de idade.

— Pedro — ela se afasta, mexendo na gola da minha camiseta, com ar entediado —, tudo aqui está resolvido. Eu realmente vou terminar de arrumar o quarto e vou dormir, a minha cabeça está explodindo.

Balanço a cabeça, contrariado, mas tenho a noção de que é uma luta perdida. A determinação que ela transmite de que, não, eu não vou ficar aqui com ela, é clara feito água.

— Tem meu número? — pergunto, recebendo apenas um leve menear de cabeça, confirmando. — Me liga se tiver qualquer problema?

— Ligo — ela se aproxima, enlaçando minha cintura, e encosta os lábios no meu maxilar, deixando um beijo demorado —, eu prometo que ligo.

Como se quisesse evitar debate, Eve vira as costas e entra em casa, fechando a porta. Claramente um aviso em neon piscante dizendo: *Pedro, vá embora*. Resignado, desço as escadas e paro em frente ao meu carro, olhando ao redor. A pequena e calma rua está vazia, já não temos mais ninguém no portão observando o “show”, nem sinal do carro daquele maluco.

Mas eu não consigo dar um passo adiante.

Já fiz isso uma vez. Levei Babi para minha casa da praia, pensei que ela estava segura, virei as costas e fui cuidar das minhas coisas. Ela poderia ter morrido, e eu não me perdoaria por isso.

Em silêncio volto, e me sento no pequeno espaço na varanda, o mesmo em que estive com ela ontem à noite. Meu coração se recusa a desacelerar, preocupado demais, e considerando tudo o que aconteceu desde ontem à noite, com o dobro de confusão.

Saco o celular, mas ao invés de procurar o aplicativo de mensagens, disco o número direto. Não vou ter paciência para digitar.

— *Fala, Pepê*. — Respiro fundo, pensando que talvez não tenha sido uma boa ideia ligar para Gael e preocupá-lo com isso.

— Está ocupado?

— *Aconteceu alguma coisa?* — ele pergunta, meio alarmado.

Ouçoo um barulho de porta fechando, e já sei que ele saiu de perto da

Babi.

— *Pronto, Pepê. Fala logo, para de enrolar, o que você fez desta vez?*

— Por que sempre tem que ser eu a fazer algo errado?

— *Quer mesmo que eu responda?*

Apoio a cabeça na palma da minha mão, olhando para os sapatos sujos de terra.

— Eu me envolvi com alguém aqui, Gael.

— *Claro que se envolveu* — ele responde, irônico. — *Seu pau deve ser claustrofóbico, não consegue ficar preso na calça por muito tempo.*

— Eu não transei com ela — respondo, irritado. — Ela não é assim!

— *Você tem uma mania muito feia de dizer que... espera...* — o tom de voz muda imediatamente — *... você está envolvido com alguém que não levou para a cama, nenhuma vez?*

— Nenhuma vez.

— *Precisa de um criminalista?* — Olho ao redor, tentando organizar os pensamentos.

Nunca é fácil me abrir sobre a minha vida pessoal, colocar sentimentos para fora e deixar as pessoas saberem o que está acontecendo comigo. E Gael sabe disso, tanto que não é raro ele precisar me espremer até que eu consiga desabafar. Mesmo ele sendo sempre a primeira pessoa que eu procure, ainda que não fale nada, como agora.

— *Pedro, por favor, me conta o que aconteceu!*

Eu conto. Tudo. Bem, quase. Ele já sabia que eu tinha parado por engano nesta cidade, e que ficaria por aqui por mais uma semana, para fotografar. E, sim, ele havia perguntado se minha decisão tinha sido por um rabo de saia, o que eu neguei. Conto então meu envolvimento com Eve, nossa aproximação, e a confusão que aconteceu aqui hoje.

Ele não precisa saber *exatamente* tudo.

— *Você tem ideia de quem possa ter feito isso?*

— Ideia, eu sempre tenho, sabe como sou criativo — resmungo.

— *Pedro, pare de brincadeira* — ele ralha. — *A coisa é séria.*

— Sei que sim — digo, impaciente. — Como também pode ter realmente sido o pai dela, sabe como amigo de boteco pode ser prestativo.

Relembramos uma história de adolescência, um vizinho nosso vivia num boteco e sempre tinha um parceiro ou outro para ajudá-lo a se livrar da bronca da esposa, quando ele chegava tarde da noite, embriagado.

— *E você acredita nisso, mesmo?*

— Não — digo, com sinceridade. — Se ele participou, não fez sozinho. Eu vi esse homem ontem, Gael, não parece alguém que prejudicaria a filha de propósito.

— *De qualquer forma, Pedro, não brinque com a menina* — ele decreta.

— Eu não estou brincando com ela! — reclamo, mas ele ignora.

— *Ela não merece um filho da puta bagunçando com a vida dela, tendo tanto com que se preocupar.*

Essa última frase fica rondando minha cabeça por um bom tempo. Vejo as horas passarem, e o silêncio perdurar na casa. Vizinhos passando e, talvez, estranhando me ver sentado na varanda desde quando sequer tinha ainda escurecido. A bateria do meu celular se esvaindo, a minha bunda doendo por ficar tanto tempo sentado no chão e eu, simplesmente, não consigo me levantar e ir embora. Não consigo.

Já deve ser mais de dez da noite quando ouço passos, e então a porta se abre.

— Pedro? O que está fazendo sentado aí?

— Cuidando de você. — Dou de ombros, sem ter muito o que explicar.

— A que horas você voltou? — pergunta, parecendo confusa.

— Não saí daqui. Eu não consegui.

Evangeline fica parada, me olhando, em silêncio. A sobrancelha franzida, a cabeça meio inclinada para a direita, os braços cruzados indicando que eu não tenho limites. Não vou negar isso também, porque gasto alguns bons segundos viajando por seu corpo, envolvido em um pijaminha de malha curto que está deixando suas pernas à mostra, e isso é além do que meus bons modos podem suportar.

Se ela virar as costas e bater a porta na minha cara eu não vou estranhar. Na verdade, é o que ela deveria ter feito.

No entanto, ela caminha até mim e senta em meu colo.

Evangeline

Ficar longe de Pedro e me proteger dessa loucura vai ser mais difícil do que pensei, porque ele, definitivamente, não colabora.

Outro homem qualquer teria entendido os inúmeros recados que eu mandei desde que chegamos aqui, ao entardecer. “Se afaste” era o que eu

pedia, incessantemente. Talvez por saber como isso irá terminar, seja por sua iminente partida ou pelos inúmeros problemas que eu tenho, e que acabará nos afastando.

Não imaginei que ele carregaria meu pai nos braços, e o traria com tanto cuidado para a cama.

Não imaginei que ele verificaria a minha casa inteira, se certificando de que estaríamos mesmo seguros.

E, definitivamente, não imaginei que ele ficaria sentado aqui fora, por horas, mesmo eu tendo fechado a porta e o mandado ir embora. Mal pude acreditar quando me levantei para beber água e vi uma sombra na varanda, pela janela entreaberta. A princípio, me assustei, sequer sei dizer o que passou pela minha cabeça. Mas então reconheci seu perfil, e meu coração disparou no peito ao perceber que ele não nos abandonou aqui, que ele não foi embora, mesmo eu tendo pedido.

Cruzo os braços e o encaro, tentando entender o que se passa por sua cabeça. O que levaria um cara gato, rico e famoso ficar dando trela para uma pessoa complicada feito eu. Será que só sexo valeria tanto esforço?

Sua expressão, dividida entre safadeza e galanteio, me vence. Vou até ele, e me sento em seu colo.

Ele parece surpreso, aliás. Talvez nem ele esteja me compreendendo, e quem pode culpá-lo? *Eu não me compreendo.*

— Você não existe — digo, levando minha mão até seu cabelo, mais bagunçado que o normal. — E eu não sei o que fazer com você.

— Me beijar está fora de questão? — Arqueia a sobrancelha, charmoso, com um meio sorriso no rosto.

— Está, claro — digo, rapidamente, e ele faz um bico lindo. — Pedro, você não pode dormir aqui fora.

— Eu não vou embora, Evangeline.

— Por que é tão teimoso? — pergunto, e ele levanta e abaixa os ombros. De novo.

— Não me peça para virar as costas e ir embora, Eve. — Sua voz é dura, não me dando nenhuma chance de contestar. — Não, depois do que eu vi aqui. Já fiz isso uma vez e deu muito errado.

Seu semblante se fecha, parecendo sentir dor ao comentar. E eu sou curiosa demais para passar batido.

— O que aconteceu?

— Uma amiga estava fugindo de um ex-namorado psicopata — seu

olhar faísca ao contar — e eu a levei para a minha casa de praia, junto com o filho dela. Deveria ter ficado lá com eles, mas pensei que tudo estaria bem, que ela estava segura, e voltei para casa. Deixei apenas um celular com ela, para me ligar em caso de problemas, e nada mais. — Sua voz chega a tremer, o olhar vagueia ao redor, relembrando.

— Ela não ligou?

— Sequer teve chance — lamenta. — Ele a achou, a levou embora e só a encontramos dias depois.

Impossível conter um arrepio, em imaginar o que pode ter acontecido com a menina. Notando isso, ele aperta minha cintura, antes de continuar falando:

— Ela estava bem machucada, apanhou bastante, mas, no final, tudo deu certo.

— Poxa vida, Pedro! — Bato em seu braço, irritada. — Já estava quase chorando, pensando que a menina tinha tido uma má sorte. Que dramático, você!

— Ela teve uma má sorte, Eve! Apanhou, foi o suficiente, não entende? — Ele me solta, abrindo os braços, indignado. — Ainda que não tivesse apanhado, somente ter ficado apavorada, com medo, se escondendo, já teria sido demais.

— Tem razão — concordo, e mal ele sabe que eu realmente *sei* o que é viver assim.

— O que me tortura é saber que se eu estivesse lá, tomando conta dela, as coisas teriam sido diferentes.

Sinto um calor por dentro, mas não um desses gostosos de sentir. Uma raiva inexplicável dessa garota, pela forma carinhosa com que Pedro fala dela. Nervoso, culpado por algo que não era culpa dele, protetor demais.

Eu vou enlouquecer ainda por causa deste homem.

Deveria perguntar mais a respeito dela, mas me pego bloqueando qualquer coisa relacionada a essa mulher. Não quero saber, não quero ouvir mais, não quero que ele me compare a ela.

Me levanto, irritada, e o encaro. Posso ver a confusão que ele sente, a testa franzida, enquanto ele busca em meu rosto explicação para o rompante.

Estico a mão, que ele aceita de pronto.

— Entra, já que quer ser um cavaleiro em armadura dourada, ao menos, seja em um local macio.

Fecho a porta atrás de mim, observando-o ir até a porta do quarto,

chegar se meu pai continua dormindo.

— Ele não acordou nem uma vez? — Balanço a cabeça, negando.

— Quando ele bebe assim, geralmente fica um bom tempo apagado.

Ele assente, e olha em volta, sem saber muito bem como agir. Fica difícil conter um sorriso, e comparar também com o que eu sempre tive, por anos, com Carlos. Quando ele chegava aqui, a hora que achava por bem ser a melhor, e se jogava no sofá, de qualquer jeito. Ou entrava em meu quarto, já arrancando a camisa, procurando a minha cama.

— Está rindo do quê? — ele pergunta.

— Não estou rindo. Estou sorrindo.

— Ah, sim. — Ele ri, e cruza os braços. — Eu sempre dou essa desculpa esfarrapada quando acho graça da cara de alguém e não quero me meter em encrenca.

— A sua mãe deve ter tido muito trabalho quando você era criança.

O ar divertido some do seu rosto, mesmo ele tentando disfarçar. Fico me perguntando quais são os demônios do homem à minha frente, porque à primeira vista ele parece ter uma vida perfeita.

— Eu fui uma criança modelo — responde, por fim, e eu caminho até ele, o enlaçando pela cintura.

— E a criança modelo está com fome?

— Não tenho fome quando estou nervoso. — Me preparo para responder quando ele se inclina, me roubando um beijo. — Só me acalmo com beijos.

Me afasto, ainda o ouvindo rir, e ergo o dedo em riste em um alerta que ele, claro, não vai seguir. E nem eu mesma sei se quero que ele siga, não quando fazer o oposto é tão bom.

— Eu ia sugerir a você para dormir no sofá — mordo os lábios, não querendo ser mal compreendida —, mas você não cabe ali. E não vou te deixar passar a noite sentado, vai acordar todo torto.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe.

— Pode dormir na minha cama. — Ele curva uma única sobrancelha, obviamente entendendo errado o meu convite. — DORMIR, Pedro — friso, e ele ri.

Safado.

Não estou muito atrás, apesar de realmente estar sendo sincera.

— Quer tomar um banho? — pergunto, quando entramos em meu quarto, já livre de toda a bagunça de antes, e ele nega.

— Deveria, mas não. — Ele se aproxima, os lábios quase encostando em meu ouvido, falando em um tom bem mais baixo: — Estar sem banho vai me forçar a manter minhas mãos longe de você — e se afastando, continua, descontraindo — e eu também não tenho roupa aqui.

Caminho até uma sacola, com algumas roupas que havia ganhado não há muito tempo. Camisetas, bermudas de moletom e outras coisas que serviriam em meu pai, mas ele nunca quis usar. Separo algumas peças, e entrego a ele junto com uma toalha.

— Sem banho, sem cama.

Não demora muito, ele retorna, vestindo apenas a bermuda clara, fazendo meu coração perder uma batida.

Eu não sou uma boa menina, Jesus, mas podia colaborar comigo ao menos uma vez, não acha?

— A camiseta não serviu. — Ele apenas mostra a peça dobrada e coloca em cima da cômoda, aparentando um total de zero culpa e nenhum constrangimento.

Eu já estou deitada e bato a mão no colchão, o convidando. Tentando parecer tranquila, decidida, dona da minha vontade. Sem transparecer que por dentro eu pareço um furacão de sentimentos. Ansiosa demais, e depois de ver esse corpo todo definido, excitada demais.

O cheiro de sabonete toma todo o espaço quando ele se senta ao meu lado, recostando na cabeceira da cama. Seu braço resvala no meu e sinto a sua pele gelada, será que ele só gosta de tomar banho frio?

Claro que não é isso, Evangeline, não me faça a virgem estúpida a essa altura da vida.

Ergo o rosto, e o vejo olhar fixo para a janela, alerta, vigilante.

Sem controle, meus olhos passam a observar seu corpo. Os braços fortes e musculosos, os pelos loiros cobrindo todo o antebraço, as veias aparentes descendo pelo punho, os dedos longos, a mão larga. Ele tem uma tatuagem grande na parte posterior do braço, o que parece um símbolo japonês, e outras tatuagens menores espalhadas pelo corpo.

Me sinto quente ao prosseguir a inspeção, sem nenhuma vergonha. O peito largo, o estômago definido, cheio de gominhos. Uma cicatriz até grande na lateral me chama a atenção, mas não o suficiente para que eu pare de olhar, afinal a bermuda está bem baixa, e por isso eu posso ver que ele tem pelos loirinhos logo abaixo do umbigo. Também posso ver, pelo volume em sua bermuda, que ele está um tanto quanto *animado* e essa visão em

particular faz minha respiração descompassar. Volto a olhar seu rosto, temendo que ele tenha percebido alguma coisa, mas ele continua sério, focado na janela. Até eu viro o rosto, curiosa para saber o que tanto chamou sua atenção.

— Estou focando em algo que não seja você aqui do meu lado, na cama — ele responde, com a voz rouca, sem olhar pra mim.

— Pedro... — Fico desconsertada, sem saber direito o que dizer.

Ele então se deita de lado, a cabeça por sobre o braço, decidido a tirar meu juízo.

— Conversa comigo, vai — ele pede. — Já que não posso nem beijar você, ao menos, converse comigo.

Suspiro fundo, tentando encontrar um assunto que não envolva amassos e abraços.

— Onde conseguiu essa cicatriz? — Aponto para a lateral do seu corpo e ele segue o olhar onde estou apontando.

— Levei um tiro — menciona, como se não fosse nada de mais e eu arregalo os olhos, surpresa. — Daquele ex-namorado psicopata.

— Ah — respondo, contrariada. — Levou um tiro protegendo a *sua* amiga.

Ele sorri, e a minha vontade é estapeá-lo.

— Babi é a minha *melhor* amiga. Eu a conheci em uma situação um tanto quanto chata, ela namorava Gael, meu amigo de infância. Então eles brigaram e eu assumi para mim a responsabilidade de cuidar dela.

— *Hum* — respondo, somente e isso o diverte. Irritante.

— Depois daquele episódio que te contei, ela ficou hospedada em minha casa por um tempo, até conseguir alugar algo pra si.

Eu não quero ouvir mais. A forma como ele fala dela é carinhosa demais, e eu não quero ser ridícula e sentir ciúme de alguém que eu sequer conheço, mas está sendo incontrolável. Até morar junto com ela, ele morou? Levou um tiro por ela? Que merda.

— A polícia estava procurando aquele maníaco — ele continua —, e ficamos sabendo que ele estava no apartamento dela. Quando invadimos, o *filho da puta* estava armado, pronto para atirar.

— E você pulou na frente da bala, para protegê-la? — pergunto, e ele balança a cabeça, negando. A diversão não está mais presente, no entanto.

— Eu não pensei — responde, com firmeza. — Ele ia atirar no filho dela, e o Gael pulou para proteger o menino. Ele morreria, tenho certeza

disso.

Me pego sem ação, olhando para ele, tentando entender que tipo de homem protetor ao extremo é esse.

— Você também podia ter morrido, Pedro — reclamo, em um fio de voz.

Pensar nisso me causa dor física.

Ele não parece se importar com isso. Agindo como se a vida de qualquer pessoa valesse mais do que a dele, ele apenas sorri, murmurando um “relaxa” descontraído.

Minha pele se arrepia, como se o seu hálito tivesse encostado em mim. E eu, contrariando qualquer alerta de que eu posso me machucar demais nessa história, me levanto em um impulso, grudando meus lábios nos seus.

19



Pedro

Existem situações que necessitam mais força de vontade do que o ser humano tem. Manter as mãos longe de Evangeline, tendo o convite para dividir a cama com ela, é uma dessas. Aliás, existe alguém que consegue? Se existir, dê um prêmio a essa pessoa. Eu, definitivamente, tenho problemas.

Devo estar parecendo um adolescente punheteiro e não um homem adulto, com mais de trinta anos. Cheio de dedos, de cuidados, sem saber direito o que fazer ou como agir.

Por que eu não sei como agir com ela? Essa mulher me deixa perdido, abobalhado. Sem conseguir direito compreender meus pensamentos, e a reação do meu corpo.

Precisei conter uma risada quando ela me convidou. Somente em ver a cama que ela me apontava, e voltar os olhos para o diabo do pijama curto que estava usando, senti que seria muito difícil me controlar. Peguei a roupa que ela me ofereceu e corri para o chuveiro, fazendo questão de uma ducha gelada. O mais gelado que eu conseguia deixar aquela água.

Resolveu, por dois minutos. O tempo suficiente de entrar no quarto e ver como ela me olhava e, pior, bater a mão no colchão me chamando. Imediatamente fiquei duro e quase desisti dessa ideia furada de dividir a cama com ela. Quase.

Sou burro, mas não sou estúpido.

Decidi focar em um ponto escuro qualquer da janela, e tentar não prestar atenção no perfume herbal que emana dos seus cabelos. Aliás, para que ser tão cheirosa? Podia me ajudar um pouco, mas não, usa um shampoo tão gostoso que qualquer movimento já me faz inspirar fundo.

Ninguém vai poder me acusar de não ter tentado. Pedi para conversar, ela puxou um assunto complicado que acabou divertido, ao ver que ela sentiu ciúme. Ver a expressão aborrecida, a boca torcida e as fungadas que ela dava

quando eu mencionava o nome de Babi foi engraçado, claro.

Assim como está sendo diferente ver sua expressão aturdida, enquanto eu conto a razão de ter pulado na frente daquela bala.

Eu sempre conto uma versão diferente dessa história, uma em que Dimitrius teria errado o tiro, porque as pessoas sempre me acham um completo imbecil quando eu digo que pulei. Não sei por que, para ela, eu quis contar a verdade. O que foi bom, porque diferente das demais pessoas, ela me olha com admiração.

— Você podia ter morrido, Pedro — ela diz baixo, em um fio de voz.

Sim, eu poderia. Mas as pessoas não entendem. Gael tinha acabado de renascer, encontrado uma razão para continuar respirando que não fosse vingança. Se ele perdesse o Bruno, ele morreria. Ele sequer pensou em pular para proteger o garoto e ali eu vi o meu amigo, meu irmão na linha de tiro. O molequinho que um dia prestou atenção em mim e me salvou da solidão, da falta de amor, que me mostrou que eu poderia ser querido.

Eu pularia de novo, somente para protegê-lo. Hoje mesmo, se precisasse.

Ele tinha um propósito, eu não tinha nada. Era uma escolha fácil.

Peço a ela para relaxar, eu dei sorte, ganhei uma vida inteira pela frente para me foder tranquila e ininterruptamente.

Em um impulso, sem que eu espere, Eve se aproxima e me beija. Seu corpo se cola ao meu, vindo por cima de mim na cama e eu não consigo ponderar mais nada, apenas que os beijos dela são os melhores que eu já provei na vida.

A enlaço pela cintura, apertando seu corpo no meu. Deslizo minha língua por seus lábios entreabertos, querendo conhecer mais a fundo cada canto de sua boca, instigando, explorando. Chupo sua língua, bebo sua saliva, sentindo o sabor adocicado de algo que ela deve ter bebido antes. Não consigo conter um gemido quando ela roça sua língua, vagarosamente, pelo céu da minha boca.

Porra!

Giro meu corpo, ficando por cima, e ergo a cabeça, fixando meus olhos nos dela. Cintilantes e pesados de desejo, a boca entreaberta, as bochechas coradas, o peito subindo e descendo por conta da respiração afogueada. Nos encaramos, por nanosegundos, enquanto sinto o coração desenfreado esmurrando meu peito por dentro.

Passo a mão por baixo do seu pescoço, erguendo sua cabeça de

encontro à minha. Seus olhos se escurecem ainda mais, aprisionando os meus e sinto quando suas mãos deslizam pelas minhas costas, tateando, sentindo. Arranhando com delicadeza as unhas por minha pele, enquanto se move por baixo de mim, ansiosa.

— Você tem uma boca deliciosa, Evangeline.

Perpasso a língua com lentidão por seus lábios, e a dela despenda, a ponta buscando a minha, atrevida. Cubro então sua boca com a minha, a beijando com tudo o que eu tenho.

É tanta paixão nesse beijo que eu sinto meu corpo pegar fogo.

Desço minha mão por suas curvas, passando por sua cintura e quadril, chegando até sua coxa e erguendo sua perna, me encaixando entre elas.

— Eu não sei se vou conseguir parar, Eve — falo, sem desgrudar meus lábios dos dela.

Mal reconheço a minha voz, de tão doido que eu fico.

— Não quero que pare — ela ronrona.

Deslizo meus lábios por sua bochecha, seu maxilar, seu pescoço. Passando a língua e sugando em cima da veia que pulsa, a fazendo gemer.

— Pedro...

O tom rouco de sua voz quando ela geme meu nome causa um frisson, um arrepio na espinha.

Perco o pouco de sanidade que ainda me resta. Impaciente, seguro a blusinha do pijama pela parte de baixo e sigo arrastando para cima, até ela estar sendo jogada em algum canto do quarto.

Ergo meu corpo, ficando de joelhos à sua frente, descendo meu olhar por seu corpo, apreciando cada detalhe do que está exposto. Os cabelos espalhados pelo travesseiro, o rosto corado, afogueado. O corpo esguio, de pele branquinha e macia, é um convite irrecusável.

Os seios redondos e pesados, com a auréola rosada, são perfeitos. Estico as mãos, espalmando-as pelas laterais, os juntando, deixando-os empinados.

Ela arqueia, impaciente. Meu pau pulsa pela entrega.

Solto os seios e desço as mãos por sua barriga lisinha, os ossos do quadril saltados me fazem salivar, louco de vontade de passar a língua por ali, experimentar, provar sua pele inteira. Só o que tivemos hoje à tarde foi pouco, muito pouco.

Evangeline seminua é uma visão do *caralho*.

Passo meus dedos pelo cócs da parte de baixo do seu pijama, junto

com a calcinha que ela usa. Eu adoro calcinhas, mas no momento eu a quero nua. Arrasto as peças, impaciente, por suas pernas e logo elas encontram o mesmo caminho da blusa, longe do seu corpo.

Sua versão sem roupas é ainda melhor. Percorro suas curvas lentamente com meu olhar, memorizando cada pintinha, cada nuance do seu corpo bonito.

Que mulher linda!

Me deito por cima dela, mais uma vez, já sentindo saudade dos seus beijos. Sinto seu coração acelerar, tão grudados estamos e, ainda assim, parece pouco.

— Você é linda demais, parece esculpida — digo, antes de tomar seus seios em minhas mãos.

Tateio, sentindo a textura. Desço minha boca até eles, mordiscando os dois, passando a língua nos mamilos já rijos, a sentindo se contorcer sob mim, enquanto eu, sem a menor pressa, me dedico ao seu corpo. Quando fecho minha boca em um deles, e sugo com força, ela geme de novo, e esse pode vir a ser o meu som favorito no mundo.

O som de Eve sentindo prazer comigo.

A vontade de fazê-la gemer ainda mais alto toma conta de mim.

Trilho com a ponta da língua um caminho por seu estômago, abdômen, e perco alguns bons minutos em seu umbigo. Sentindo seu perfume, uma mistura deliciosa de hidratante e Evangeline. Coloco a mão por baixo de suas coxas, e as seguro, uma de cada lado, a deixando mais aberta para mim.

Mordisco a parte interna de sua coxa, deixando um beijo em seguida, e repito na outra perna. Seu gemido é viciante e me encoraja a prosseguir meu caminho de beijos por sua coxa, virilha, o osso delicioso e saltado que ela tem no quadril. Salivo ao ver a sua entrada, molhada e convidativa.

Passo o nariz de encontro a sua intimidade, e manipulo seu centro com o dedo, o circundando, espalhando sua excitação. O cheiro dela entra por minhas narinas e fico ainda mais aceso, se é que isso é possível.

— Seu cheiro é capaz de me deixar de joelhos.

— Você fala umas coisas Pedro, que eu não sei lidar.

Ergo meus olhos, e encontro os dela fixos em mim. Ansiosos, aguardando o meu próximo movimento.

— O que eu falo, Eve? — questiono, enquanto circundo seu clitóris com os dedos, lentamente.

Ela morde o lábio inferior, inspirando fundo.

— Esses elogios, esses... — Balança a cabeça, negando algo.

— Não sabe lidar com elogios? — pergunto, me aproximando de sua pele, deixando um beijo rápido em sua entrada, engolindo a vontade de cair de boca nela.

Ela apenas nega, perdida entre um misto de insegurança e excitação.

— Você é linda, Eve. — Minha voz sai rouca, mas tento imprimir o máximo de verdade que eu posso. — Linda demais, extremamente sexy, beija bem e tem uma boceta suculenta, que eu estou louco de vontade de provar.

— Pedro... — ela sussurra, arqueando o corpo, erguendo o quadril.

— O que foi, Ratinha? — indago, mas ela não responde nada. Apenas coloca suas mãos por sobre as minhas, em um pedido mudo. Que eu atendo, de imediato.

Com calma, passo a ponta da língua por toda sua extensão, a fazendo estremecer. Meu quadril também impulsiona para a frente, com meu pau pulsando feito louco, chegando a doer. Deslizo a língua mais uma vez, saboreando, deliciado.

Assopro seu nervo, inchado e sorrio ao vê-la se mover, impaciente. O seguro entre os lábios, sugando com força e seus dedos se embrenham em meus cabelos, me segurando ali, indicando que ela está gostando. E então me dedico, o máximo que posso.

A abocanho, sem dó, chupando suas dobras, usando a língua para explorar e ir buscar dentro dela a sua excitação. Abro os olhos, para observá-la enquanto lhe dou prazer e a visão não poderia ser mais linda. Ela mantém os olhos fechados e a boca entreaberta, as mãos seguram os seios e o quadril se ergue, rebolando, pedindo mais.

Exploro cada pedacinho de sua intimidade, intercalando entre lambidas e chupadas, usando os dedos para abri-la ainda mais e facilitar a minha exploração. Evangeline geme mais alto, rouca e ofegante, esfregando-se contra minha boca. Os dedos indecisos entre puxar meus cabelos ou me manter ali, cativo, trabalhando arduamente em seu prazer.

Abro mais suas pernas, e colocando as mãos por baixo do seu corpo, levanto seus quadris em minha direção, sem tirar minha boca de sua boceta, um só minuto. Chupo seu feixe de nervos sem parar, a sentindo ficar retesada. Trêmula, a respiração ofegante e os gemidos cada vez mais altos.

Talvez por instinto, ela tenta fechar a perna, se revirando na cama. Os braços se erguem por sobre a cabeça, as mãos grudam na cabeceira de

madeira da cama e ela arqueia o corpo, porém, eu não a solto. Me mantenho mais urgente, mais faminto.

Meu pau chega a doer de tão duro, pedindo por alívio. Desço a mão até ele, o puxando para a fora da bermuda e apertando-o pela base, deslizando a mão, me masturbando. Gemendo enquanto a chupo com desespero, sugando-a por completo.

— PEDRO! — grita, antes de se entregar a um orgasmo potente, que chacoalha seu corpo inteiro, enquanto ela se agarra aos lençóis.

Solto suas pernas e me deito sobre seu corpo novamente, tomando sua boca em um beijo apaixonado, quente, faminto. E ela se gruda em mim, correspondendo com a mesma vontade.

Porra, ela é muito gostosa!

Sinto sua mão se embrenhando na bermuda que, honestamente, já estava me incomodando. Me levanto, tirando a peça e jogando por sobre o ombro, voltando a me deitar sobre ela, já sentindo falta do calor do seu corpo.

É surreal o que eu estou sentindo.

Nossos dedos se entrelaçam e eu levo suas mãos para cima de sua cabeça, mantendo-nos grudados, seus olhos fixos nos meus como se estivesse me desnudando.

E ela está.

Ela conseguiria qualquer coisa de mim, neste instante.

Sinto seus pelos aparados na cabeça do meu pau, e por nossa posição, eu sei que é preciso somente uma estocada para experimentar o paraíso.

Fecho os olhos, respirando fundo, buscando controle.

— Fique aqui, eu preciso pegar uma camisinha — digo, encostando os lábios em seu ouvido.

— E-eu não tenho — ela responde, baixinho e nossos olhos se encontram. Ela parece pedir desculpas por isso, como se fosse um tremendo pecado não ter camisinha em casa.

Solto sua mão e seguro sua nuca, com firmeza, meus dedos se enroscando nos fios perfumados, mantendo sua cabeça firme, enquanto busco sua boca, desesperado. Tomo dela tudo o que ela me dá, e me derramo junto, em uma entrega que eu não estou acostumado.

Evangeline

Pedro beija de uma forma que parece não estar somente tomando a minha boca, ele parece tomar todo o meu ser. É imponente, poderoso,

excitante, mas extremamente doce ao mesmo tempo. Seu toque me queima, de uma forma nova, que eu nunca senti antes. Aliás posso dizer que nada do que vivi com ele, nenhuma dessas sensações, foi algo que eu senti antes.

— Vou pegar minha carteira, tudo bem? — ele diz, e eu somente balanço a cabeça, meio débil ainda, me sentindo mole, flutuando.

Putá merda, que delícia!

O vejo se levantar rapidamente e seguir até o móvel perto da porta. Consigo então ter uma visão inteira do corpo dele, sem acreditar que tudo isso está na minha cama. Antes mesmo que meu cérebro tenha tempo de formar quaisquer ideias erradas que ele tente, Pedro está de volta, me puxando para perto de si.

— Eu quero continuar, Ratinha — ele diz, carinhoso, afastando os fios grudados em minha testa — e estou torcendo para você querer também.

— Vem, Pedro. — O puxo para mim e colo nossos lábios, deslizando a mão por seu peito nu. Sua pele quente arrepia sob o meu toque, e isso me excita ainda mais.

— Eu quero você *pra* mim... — ele murmura, antes de rasgar o pacote do preservativo e, sentando sobre os joelhos, vestir seu membro com a película transparente. Posso vê-lo pulsando, vivo, cheio de veias. Ligeiramente curvado para a direita. Por céus, a minha experiência com paus é mínima, mas eu duvido que veja outro tão lindo e imponente assim na minha vida.

— O que foi, Eve? — O tom de voz sai divertido, e se eu puder acrescentar mais alguma coisa, eu diria, orgulhoso.

— Você é todo lindo — respondo, afetada.

Com um rosnado ele segura meu braço, me erguendo com firmeza. Por instinto, me sento em seu colo, uma perna de cada lado do seu corpo, e circundo seu pescoço com os braços. Lentamente o sinto se encaixar em mim, me preenchendo, e me inundando de sensações.

Nunca foi assim. Meu Deus, eu nunca me senti assim.

— Nem eu — ele diz, ofegante, e me pergunto se falei em voz alta.

Nossos olhos se capturam, os dele faíscam, presos aos meus. Prendo a respiração quando nossos lábios roçam um no outro, ainda que levemente. A pressão que sinto em meu baixo ventre, no entanto, me tira o fôlego e eu me movo, o mantendo ainda todo enfiado dentro de mim.

Ele me segura pela cintura, aumentando o cadenciar do movimento. O roçar constante da sua pele me enche de prazer. Meu juízo parece ter me

abandonado, e eu agora sou somente um emaranhado de sentimentos, querendo mais dele, muito mais.

Aperto seu quadril com as coxas, me movendo mais rápido, com mais vigor. Sentindo-me apertar em volta dele e o fazendo gemer alto, gostoso demais. Pedro em um impulso movimenta o corpo para a frente, me jogando de costas na cama. Segurando minhas mãos acima da minha cabeça, mais uma vez, ele rosna, me preenchendo novamente, de uma vez, afundando até o talo.

Grito, mas não de dor.

Ficamos imóveis por um instante.

Meus olhos encontram novamente os dele, e Pedro parece dopado de tanto tesão. Olhar seu rosto retorcido de prazer, e saber que é comigo que ele está sentindo isso, acaba por me enlouquecer.

Cruzo minhas pernas em seu quadril, puxando-o de encontro a mim, precisando que ele se mova e então ele passa a estocar, firme e rápido, fazendo minha cama se chocar contra a parede. Sentindo-o latejar dentro de mim, selvagem. Cada investida sua faz a minha cabeça girar.

Pedro rosna, e a mão vem até meus cabelos, segurando-os com firmeza, fazendo com que eu fique olhando para ele. Ele entra e sai de mim, com força, e exige de mim a mesma dedicação.

Insano.

Ouçó o tom rouco de sua voz, mas não consigo entender o que ele diz, é como se eu estivesse em outra dimensão, perdida em sensações e cheiros, em toques e sentimentos.

Sua mão se enterra em minha coxa, erguendo a minha perna e me deixando ainda mais aberta, mais encaixada. Chego a gritar quando o sinto mais profundo, meu corpo instintivamente indo de encontro ao dele. Posso chorar ao sentir seus lábios nos meus novamente, em um beijo entregue, decidido.

Meus músculos internos latejam, em mais uma sensação nova para mim. Eu me sinto desmanchar em mil pedaços, e me revirar inteira por dentro, meu corpo passa a tremer e eu perco a noção de tudo. Arqueio meu corpo, e grito novamente seu nome. Pedro me segura com força contra si, afunda o rosto em meu pescoço, gemendo alto, satisfeito, mas sem parar de se mover dentro de mim.

— *Porra*, que delícia... que delícia! Que gostosa você é...

Sinto quando ele goza, de repente seu corpo tensiona e ele solta um

gemido longo, rouco, satisfeito. O seu gemido, sozinho, poderia me fazer gozar de novo.

Meu coração bate no peito tão alto que eu pareço estar ouvindo ele a quilômetros de distância. E conforme o torpor vai sumindo, a insegurança começa a aparecer. A sensação de que eu abri uma porta que não deveria, o deixando entrar em um lugar trancado há muito tempo, destinado a alguém que eu havia cansado de esperar.

— Olhe para mim — ele diz, com suavidade e eu suspiro fundo antes de fazer o que ele pede. Seus olhos parecem espelhar a mesma confusão que eu sinto, mas diferente de todo o desdém que eu sempre recebi nessas horas, a sua expressão também é carinhosa.

— Oi...

— Você é linda — ele diz, apenas, me envolvendo em um abraço, enquanto se deita de costas na cama, mantendo-me assim, próxima a ele.

Consigo ouvir seu coração retumbando no peito, feliz por não estar somente eu descontrolada aqui.

Ficamos um bom tempo deitados, nus e em silêncio. Pedro somente se desgruda de mim para descartar o preservativo e logo volta, me enlaçando novamente. Carinhoso, alisa meu cabelo até sua mão parar em concha, segurando minha nuca e eu ver seu peito em um subir e descer cadenciado.

Ele dormiu.

Eu nunca dormi com um homem na minha vida. Depois do sexo, eu mal conseguia manter a cama aquecida, e agora estou aqui, nua e embolada com um homem que dorme em minha cama.

Arrumo o corpo, me apoiando no cotovelo de forma que possa ficar olhando para ele, parecendo aquelas fãs bobas com um pôster do seu rock star favorito na parede. Eu só quero aproveitar a noite de hoje, que com certeza não vai mais se repetir, para observá-lo de pertinho e guardar cada pedacinho do seu rosto bonito.

Como ele pode ainda ser solteiro? Essas paulistas são todas idiotas?

Levo minha mão até seu cabelo, tão liso e fininho, e deixo meus dedos correrem pelos fios úmidos. Volto, passando os nós dos dedos por seu maxilar, sentindo a barba que desponta pinicar minha pele, relembrando todas as sensações dessa mesma barba roçando minha coxa, e entre as minhas pernas.

É inevitável sentir um repuxo, me fazendo apertar uma perna contra a outra.

O movimento do meu corpo o faz se mexer, e seu braço novamente me enlaça. Fico estática, imaginando que ele vai abrir os olhos e me ver ali estupidamente o olhando, no entanto, ele segue dormindo.

Sorrio ao perceber que, durante seu sono, ele me procurou.

“Eles só querem sexo fácil, Evangeline.”

Sinto raiva de ouvir a voz de Carlos neste instante. De pensar que amanhã todo esse carinho e cuidado pode mudar, que ele pode me tratar com indiferença, como sempre me foi dito que seria. Afinal de contas, por mais frio que Carlos fosse depois, com ele eu sabia lidar. Estava acostumada.

Com Pedro foi diferente, e meu coração dói ao pensar que ele pode tratar todas as mulheres com que ele dorme da mesma forma. E, o pior, que amanhã ele pode me tratar diferente somente porque conseguiu o que ele queria.

Seu olhar tinha tanta verdade. Não é possível que ele seja dissimulado a esse ponto.

Considero ser eu a agir diferente amanhã, ser eu a indiferente, dona de meu corpo e minhas vontades e agir como se nada tivesse acontecido. Como se tivesse sido apenas uma noite e nada além disso. Afinal de contas, também não posso me esquecer de que ele não vive aqui e logo ele parte, me deixando pra trás e, ainda que não tenha se iniciado assim, eu vou acabar me tornando mesmo somente mais uma conquista.

Sim, amanhã eu serei a primeira a mostrar que tivemos uma noite, foi boa, mas nada além disso.

Cansada, me aconchego a ele novamente, deitando em seu peito. O sinto se mover mais uma vez, apertando o enlaço e sorrio. Decidida a esquecer, fecho os olhos, sem querer sofrer por antecendência.



O alarme barulhento do meu relógio digital apita, mas eu desperto mesmo com Pedro pulando na cama. Olhando para os lados, e se ambientando, ele demonstra um certo alívio ao olhar para a cama e me ver deitada ao seu lado.

— Está tudo bem, Grandão?

— Você acorda com essa coisa todas as manhãs? — ele pergunta e eu sorrio, capturando o lençol e me enrolando nele.

— É o que temos, majestade. — Travo o alarme, sentindo os olhos

dele cravados em mim. Pareço sentir as duas bolinhas de gude azuis fixas nas minhas costas, percorrendo meu corpo envolto no lençol fino.

— Vou te dar um de presente. Acordar com esse barulho é para enlouquecer qualquer um!

Me viro em sua direção, evitando percorrer seu corpo nu com os olhos. Tento buscar a tão conhecida indiferença, mas não acho. Em compensação, constrangimento temos de baciada.

— Bom dia — dizemos ao mesmo tempo, e rimos.

— Preciso me levantar e ir para a pousada. — Aponto com o polegar para a sala, encabulada. — Logo meu pai acorda também e... bem, ele não está acostumado com outras pessoas dormindo aqui.

A surpresa que passa por seu rosto me causa uma certa irritação, que eu tento disfarçar. O que ele pensa, que uma procissão de homens passa pelo meu quarto?

— Eu vou me trocar, e encontro você lá.

Me viro de costas, enquanto ele veste a bermuda e sai do quarto. Minutos depois, ele volta, já vestido, me encontrando exatamente onde tinha me deixado, sentada na cama e envolta no lençol.

Fico feliz por ele não me perguntar nada, porque, se o fizesse, eu diria que me vestir mostraria que a noite acabou e eu não quero isso. Não quero a indiferença, não quero descobrir que ele é exatamente como Carlos alertou que todos os forasteiros seriam.

É para eu agir com indiferença, mas sou uma fraude. Não consigo.

Sem que eu espere, Pedro se abaixa na minha frente, e segura meu rosto entre as mãos. Prendo a respiração ao ver seu rosto se aproximando, me recriminando por não ter sequer escovado os dentes.

Sua boca se apodera da minha, de forma suave. Sinto as mãos deslizarem do meu rosto para os meus cabelos, se enroscando nos fios da nuca e me mantendo ali, presa a ele. Sinto sua respiração quente cobrindo meu lábio superior quando sua língua desliza, buscando a minha, na mesma dança enlouquecedora de sempre.

Não foi um beijo com a mesma intensidade dos anteriores, foi diferente. Foi profundo, parecendo querer dizer com essa ação o que palavras não conseguiriam.

Entreabro os olhos quando o beijo cessa e o vejo sorrindo, satisfeito, de olhos fechados.

— Te vejo depois? — ele pergunta, e eu balanço a cabeça,

completamente mexida. Tendo a certeza de que nada mais será como antes.

20



Evangeline

Respiro fundo, subindo os degraus da pousada, imaginando que Matilde — assim como a cidade inteira — já tem conhecimento que Pedro dormiu em minha casa. Como não saber, afinal? Além da cidade ser um ovo, o carro dele passou a noite estacionado na porta da minha casa e eu não sei se fui, digamos, discreta durante as horas que passamos juntos.

Em minha defesa, aquele loiro é enlouquecedor.

Torço, no entanto, para que ela não faça nenhum comentário. Já bastou ter que cruzar com meu pai e fazer cara de inocente, agradecendo aos céus por ele ter um sono de pedra quando bebe. Imagina o constrangimento?

Percebo que minha torcida não foi suficiente quando Matilde se vira, dando um sorriso de lado, e olhando para o relógio de forma teatral.

— Bom dia, Evinha! Chegou cedo, acordou antes do horário?

— Me poupe, Matilde. — Estico a mão, pedindo a chave do depósito onde guardamos os materiais de limpeza. — Deixe de gracinha, hein?

— Ui, ela ficou brava — diz, com a voz fina, erguendo as mãos na altura da cabeça.

— Não estou brava, mas... — suspiro, ao sentir a voz vacilar —... me dê a chave, vai.

Sem desmanchar a expressão de quem compartilha comigo um segredo, ela coloca o objeto na palma da minha mão e a segura, me puxando para perto do balcão.

— Vai me contar tudo depois?

— Não seja uma tia do muro baixo, Matilde!

Ainda ouvindo sua gargalhada, eu sigo para os fundos, pelo comprido corredor, até chegar à última porta de madeira, fechada com um pesado cadeado. Depois de abri-lo, passo os olhos pelas prateleiras de madeira, separando os produtos que uso e os colocando dentro de um balde de

plástico, pegando alguns panos limpos, um rodo e sigo até o andar de cima, que é onde eu me troco.

É inevitável olhar para a porta fechada, em frente ao banheiro social. Também é inevitável controlar as batidas do meu coração, que seguem aceleradas só por saber que ele está lá dentro. Talvez tomando banho ou, quem sabe, dormindo mais um pouco.

Tento não deixar a minha mente viajar demais, ficar formulando teorias românticas, de pura ilusão. Ele disse, com todas as letras, que não procura namorada e é nisso que preciso me focar.

Porém, tudo ainda é vívido demais. Os olhares, os beijos, os toques. A sensação de ser admirada, de ser cuidada. Por aquele pouco tempo em que ficamos juntos ontem, eu não me sentia suja, tampouco um depósito de esperma. Pela primeira vez, eu quis me deitar com alguém não para esquecer, mas para me lembrar depois.

Esfrego o rosto, confusa, e chego a choramingar. *É cada confusão que eu me meto, só por Jesus misericordioso!*

Penduro minha bolsa no gancho da parede e arrumo o material no chão, fazendo mentalmente as contas de quantos dias faz desde que limpei a biblioteca. O faço a cada quinze dias, tirando todos os livros e os espanando, o que costuma me ocupar muito tempo. Tempo este que eu não quero gastar hoje com trabalho extra, apesar de precisar muito.

Me levanto e paro na frente do espelho, prendendo o cabelo em um coque alto. Analiso meu rosto, um pouco mais corado que de costume, e me lembro de Laninha reclamando que eu nunca tinha cara de mulher *bem fodida* sempre que dizia a ela sobre minhas noites com Carlos.

A mulher que me olha de volta no reflexo do espelho pode dizer que foi bem comida, os olhos brilhantes não negam. Algumas lembranças pipocam em minha mente, e eu sinto o rosto queimar.

Foi tão bom...

A porta do quarto da frente se abre de repente, e perco o ar ao ver Pedro parado, vestindo jeans, camiseta e um sorriso aberto, me encarando.

— Oi... — Mordo os lábios, e seco as mãos na lateral da minha bermuda.

Confiante, ele dá dois passos largos até estar dentro do banheiro junto comigo, me agarrando pela cintura.

— Oi. Senti saudade. — Reviro os olhos, o que o faz rir.

— Acabou de me ver, Grandão. Até parece que sentiu saudade.

— Tenho *pra* mim, que vou sentir saudade de você o tempo todo.

Tum. Tum. Tum. Tum.

O barulho do meu coração chega a ser ensurdecedor.

— Para de falar essas coisas, Pedro — sussurro.

— Por quê? — Ele ergue meu queixo, sustentando meu olhar. A testa franzida contrasta com o meio sorriso que ele tem no rosto. — Acha que é mentira?

Torço os lábios, constrangida.

— Não fico ouvindo essas coisas, então não sei como te responder.

— Me beija — ele sugere, dando de ombros, mas soa como um pedido. Soa quase como se ele tivesse as mesmas dúvidas que eu, o que é bobeira pensar.

Desde que Pedro saiu da minha casa, que eu tento formular argumentos para encerrar qualquer coisa que esteja começando aqui. Começando por todas as nossas diferenças e terminando... bem, por elas também. Mas é muito difícil colocar isso em prática, as palavras estão aqui, mas não consigo juntá-las, não quando ele está tão lindo e cheiroso na minha frente.

Passo a mão em seu rosto com suavidade, o polegar fazendo um carinho na linha do seu maxilar, e Pedro deita o rosto, apoiando na palma da minha mão. Os olhos vagueando, me analisando, talvez tentando entender algo que nem eu mesma tenha domínio ainda.

— Me beija, Eve — ele pede, manhoso. — Eu *tô* louco *pra* te beijar de novo.

Puxo seu rosto até mim, roçando meus lábios nos dele, mantendo meus olhos abertos, analisando suas expressões. Quando deslizo a língua por sobre os seus lábios, ele fecha os olhos, suspirando fundo, e aperta um pouco mais a mão que traz em minha cintura.

— Eu também adoro seu beijo — digo baixinho, sem afastar meus lábios de sua boca, e sinto sua mão fechar na parte de trás do meu pescoço, com firmeza.

Seguro seu lábio inferior com os dentes, sem apertar, e passo nele minha língua, o fazendo ronronar. Sua ereção pulsa de encontro ao meu ventre, desafiando a barreira da calça jeans que não consegue a deixar imperceptível.

Quando sua boca me toma, não é delicado. Parece mesmo que não nos vemos há muito tempo, porque ele vem arrasador. Me prensando contra a

parede, Pedro usa a sua língua para explorar cada canto da minha boca. Meu coração dispara com esse beijo, meu estômago se revira, minha pulsação aumenta, minha mente gira. Enlouquecida.

Grudo minhas mãos em sua camiseta, tentando me segurar nele ao sentir minhas pernas bambas. Só um beijo, meu Pai amado, não posso estar sentindo isso tudo só por um beijo.

— Tão gostosa — Pedro diz, baixinho, de encontro à minha pele, quando passa a traçar um caminho com os lábios até a curva do meu pescoço.

Suspiro, entorpecida. Abro os olhos e me lembro de onde estamos.

— Preciso trabalhar, Grandão. — O empurro pelos ombros, lamentando imensamente não ser nenhuma celebridade riquinha.

— Só vou te deixar trabalhar, se prometer ficar aqui comigo depois.

— Depois? — Fecho os olhos, contrariada ao lembrar que nossas aventuras acabaram. — Depois eu trabalho também, Pedro.

— Não, senhora. Combinei com seu patrão até hoje, então, hoje você ainda é minha na parte da tarde.

Estranho a escolha de palavras e me afasto um pouquinho, cruzando os braços.

— *Uai*, como assim, combinou? — pergunto. — Combinou o que, Pedro?

— Modo de falar — ele responde, rapidamente. — Você ia ficar afastada da lanchonete até hoje, não ia? — Balanço a cabeça, concordando. — Então, é isso.

— E aonde vamos hoje à tarde? — pergunto, e recebo um olhar travesso de volta. Ele arqueia as sobrancelhas de forma repetida, tão safado, que me pego confusa se o soco ou pulo no colo dele.

— Quero te mostrar as fotos que eu fiz esses dias que passamos juntos.

Meus olhos vão até a porta do quarto entreaberta, para onde ele aponta, e consigo ver os lençóis remexidos. A cama não está desfeita, mas parecia que ele tinha ficado se mexendo por sobre ela, bagunçando tudo.

No fim, ele parece mesmo ser o tipo que bagunça tudo por onde passa.

— *Tá*, chega. — Me afasto, e ele faz um bico, me puxando pela cintura novamente. — Me deixa trabalhar, Pedro — reclamo — ou eu vou passar o dia aqui neste banheiro, com um rodo na mão, sem ter feito mais nada da vida.

— Vou ficar te esperando bem ali. — Ele se curva, me dando um beijo rápido nos lábios, e volta para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Me encosto na parede, batendo repetidamente a parte de trás da cabeça contra o azulejo. É loucura me deixar envolver assim, mas seria burrice desperdiçar os últimos momentos que teremos juntos.

Estou ficando repetitiva, eu sei, mas isso fica martelando em minha cabeça o tempo inteiro.

Aquele costumeiro aperto no peito, que eu sempre sinto ao estar prestes a perder algo, me toma. Levo a mão ao local, massageando, respirando fundo. Sem querer fazer drama por algo que não está em meu controle. Não querendo ficar presa a algo que não é meu.

Fecho a porta do banheiro, procurando minha roupa de trabalho dentro da bolsa. Ainda tenho muito o que fazer, perdi todas as minhas economias ontem, para ficar aqui sonhando acordada com um futuro que não me pertence.

Trabalho de forma mais lenta que o necessário, sentindo um certo medo de vê-lo depois e ouvir um adeus. Não quero que acabe, mesmo sabendo que será inevitável. Estou terminando de guardar o material dentro do quatinho, quando a porta se fecha atrás de mim, deixando o local escuro.

— Merda. — Tropeço em algo, acredito que um cabo de vassoura, e tento alcançar a porta, quando sou agarrada com brusquidão — O quê...?

— Cala a boca! — A voz grave de Carlos soa em meu ouvido, irritadiça e baixa, praticamente um sussurro. Ele aperta a mão contra minha boca e nariz, me fazendo erguer o pescoço, tentando me libertar ou ao menos conseguir respirar. — Pare de se mexer, ou vou torcer o seu pescoço.

Fico imóvel, o peito ardendo, tentando buscar ar, mas preso no odor de graxa que Carlos tem nas mãos. Meu estômago revira de uma forma ruim, e meus olhos enchem de lágrimas.

— Vou tirar a mão, Evangeline, mas se gritar, você já sabe... — Mexo a cabeça, concordando e ele solta minha boca. Inspiro fundo e isso me causa um acesso de tosse, interrompida por sua mão em meu pescoço.

Um alerta, eu sei.

— Carlos... — murmuro, e ele aperta um pouco mais.

— *Shhh*. Não vai dizer nada, só vai ouvir. Espero que tenha se divertido essa noite, como a boa vagabunda que tem se tornado, mas saiba que isso não vai se repetir, entendeu? — Não respondo, e ele puxa meu cabelo com a mão livre, chacoalhando minha cabeça. — Diga que entendeu.

Não quero dizer-lhe nada, mas temo que ele faça algo, então somente balanço a cabeça, afirmando.

— Não quero você com esse alemão, servindo de prostituta para ele. Sabia que ele pagou para ter você por esta semana? — Minha respiração falha, e ele ri. — Pagou, deixou uma bela quantia com o Antônio pelos seus serviços, que você prestou com competência essa noite, não?

— É mentira — rebato, com firmeza. Pedro não é desse tipo, e me irrita saber que ele sempre tem algo negativo a dizer sobre qualquer pessoa que se aproxima de mim.

Queria poder enxergar alguma coisa aqui dentro deste quarto, ao menos para ver sua expressão. Ele sempre parece um maníaco, quando quer nos convencer de algo, e pela forma como está bufando, deve estar até com os olhos esbugalhados.

— É verdade, e você sabe disso. — O desdém em sua voz é doloroso de ouvir. — Olhe para você, Eve, seja honesta consigo mesma. Quem iria te querer? Não fosse eu, seria uma virgem de quase trinta anos.

Odeio quando ele faz isso. Quando me rebaixa, me fazendo sentir um nada. E odeio mais ainda saber que suas palavras sempre acabam encontrando morada em mim, me deixando insegura, em dúvida. Me fazendo sentir mal, suja. Um nada.

— Pare... — peço, tentando me controlar.

— Sempre te avisei que esses forasteiros só aparecem buscando bocetas novas para se enfiar nelas. Caiu direitinho no conto do playboy riquinho, não é? Deu com gosto *pra* ele, a noite inteira? Aprendeu umas coisinhas novas?

Conforme ele vai falando, sua mão livre segue pelo meu corpo, apalpando, tentando se enfiar dentro de minha blusa. Cruzo meus braços, protegendo os seios, sentindo nojo a cada toque seu. Grito quando ele me aperta por trás, colocando seu dedo entre minhas nádegas, ao mencionar as tais *coisinhas novas* que eu teria aprendido.

— Me solta, Carlos, pare com isso!

— Prostituta — ele diz, pausadamente, me segurando com ainda mais força. — Não é de se estranhar, óbvio que a fruta não cai longe do pé. Filha de um bêbado e irmã de um assassino, boa coisa não poderia sair.

Me chacoalho, tentando sair de seu aperto, engasgando quando ele aperta minha laringe.

Sinto medo dele. Pavor, na verdade. Fazia tempo que ele não me

assustava assim.

— Já pensou, Evinha, o que o playboy diria se soubesse que o seu irmão foi preso porque tacou fogo na sua mãe? — Carlos sente prazer em mencionar esse assunto toda vez. A boca encosta em meu ouvido, antes de continuar com sua tortura, talvez querendo ter a certeza de que estou ouvindo tudo o que ele diz. — Ou pior, se soubesse qual foi a primeira coisa que seu irmão fez ao sair da prisão?

— Por favor...

Perco o controle do meu corpo, que passa a tremer ao mesmo tempo em que lágrimas grossas correm pelo meu rosto.

— Imagina se ele souber que vocês são fugitivos? — Ele faz um barulho com a língua. — Não ia querer nem olhar para a sua cara.

Estou cansada de ser ameaçada por causa disso. Cansada de sofrer as consequências por algo que eu não tenho culpa. Cansada de me esconder, com medo, pagando por um erro que não é meu.

E cansada de Carlos sempre usar isso para me manter na linha.

Um ódio gigantesco toma conta de mim, e empurro meu corpo para trás, ouvindo o barulho de coisas caindo, quando Carlos se choca contra as prateleiras. Com o susto, ele solta meu pescoço e eu bato a mão no trinco da porta, abrindo e saindo para o corredor.

— Volte aqui, sua piranha!

— Me deixa em paz! — grito, saindo correndo em direção à recepção. Olho para trás, por cima dos ombros, tentando me certificar de que Carlos não está se aproximando, quando dou de encontro a uma parede dura e firme de músculos.

— Eve, o que foi? — Pedro me abraça, mas sinto seu corpo retesar ainda mais quando ele olha adiante. — O que esse maníaco fez?

— Nada, Pedro! — O empurro, na intenção de tirá-lo daqui, sentindo um certo desespero ao ver Carlos colocando a mão dentro do bolso da calça, onde ele costuma guardar o seu canivete. — Vem comigo, por favor.

Por favor, Pedro. Por favor, por favor, por favor!

A risada de Carlos quando percebe que eu não consigo mover Pedro do corredor é diabólica. Fico chamando sua atenção, tocando em seu rosto, mas ele não desvia o olhar um minuto sequer. Quando ele dá um passo à frente, o agarro pela cintura, afundando meu rosto em seu peito.

Solto um lamento, incontrolável, e meu corpo estremece inteiro. Isso quebra um pouco a redoma de ódio que ele parecia estar envolto.

Circundando meu corpo com os braços, ele parece voltar a si.

— Sobe, Ratinha... — ele pede, alisando meu rosto com os nós dos dedos. — Me deixa resolver isso e esse maluco nunca mais vai chegar perto de você.

Nego, repetidamente, sem soltá-lo. Ele vai se machucar, eu não posso permitir.

— Vai se esconder atrás de mulher, playboy? — Carlos provoca.

— O que veio fazer aqui? — Pedro dispara, nervoso. — Confessar a ela que fica espionando-a de longe? Ou, quem sabe, confessar que foi você quem arrombou a porta do quarto dela?

Carlos o fulmina com o olhar, e eu me sinto perdida. De onde saiu essa teoria?

— Era só o que me faltava, jogar em minhas costas as merdas que o bêbado do pai dela faz. — Pedro dá mais um passo, e eu o seguro novamente.

Será que ele não percebe que Carlos está imóvel? Em tamanho, eles são bem diferentes, em uma luta justa eu acredito que Pedro lhe daria uma bela surra. Mas Carlos não é justo, e nem limpo.

— O que está acontecendo aqui? — Matilde fala alto, parada na porta da recepção.

— Sabe o que você deveria fazer, playboy? Explicar à Eve por que a tratou como prostituta, pagando para tê-la em sua cama.

— *Filho da puta!* — Ouço Pedro rosnar atrás de mim, e me viro em sua direção. Esperando o momento em que ele faria como Carlos e desmentiria tudo isso.

Porém ele não o faz.

Muito pelo contrário, ele me encara com pesar, como se lamentasse que eu tivesse descoberto tudo isso.

— Você deu dinheiro ao Antônio? — murmuro, e ele apenas assente, um leve menear de cabeça.

Preciso fechar os olhos por um instante, porque a confirmação vem como um soco em meu estômago. Fico relembrando nossa conversa, ainda há pouco, em que ele mencionou ter combinado algo com seu Antônio e...

Meu Deus, ele pagou por mim!

Não consigo ficar aqui. Não consigo sequer olhar para ele. Me afasto, envergonhada, confusa, machucada. *Putá* da vida, viro as costas e saio da pousada, correndo, ainda ouvindo sua voz me chamar.

Pedro

Não era dessa forma que eu queria que ela soubesse, porque imaginei que ela entenderia dessa forma suja. Matilde já tinha me alertado, logo que cheguei pela manhã, que eu deveria contar antes que outra pessoa o fizesse, porque isso já estava se tornando assunto pela cidade. E depois de ter passado a noite em sua casa, óbvio que se intensificaria.

Não fiz por mal. Quando sugeri que ela fosse minha guia, sua patroa aceitou de imediato, visando uma propaganda gratuita pela cidade. Seria simples, somente uma semana, e a propaganda valeria a pena. Mas o marido dela não pensava dessa forma e não pude tirar-lhe a razão. Qual empresa pagaria uma semana de salário do funcionário para que ele ficasse andando por aí, tirando fotos?

Quando ele disse que descontaria a semana dela, eu não permiti. A lógica seria desistir desse plano maluco, mas eu a queria por perto. Por algum motivo, eu a queria perto. Saquei a carteira e passei um cheque no valor dos dias em que ela ficaria comigo.

Eu não planejava levá-la para a cama, mas aconteceu. E isso não tem nada a ver com o dinheiro que eu paguei.

— Ainda vamos conversar antes de eu ir embora, Carlos — alerta, virando as costas.

— E eu não vejo a hora! — ele grita.

Desço a pequena escada da entrada, apressado, a tempo de ver Eve uns metros adiante. Correndo, os cabelos ao vento, atravessou a rua sem olhar para os lados. Bato a mão no bolso, agradecendo a mania de andar sempre com a chave do carro e rapidamente embarco, dando partida e seguindo pela avenida até alcançá-la.

— Eve, vamos conversar — grito, pela janela entreaberta.

— Me deixa em paz!

Acelero o carro, parando-o adiante, somente para vê-la dar meia volta e subir correndo novamente. *Gênio difícil do inferno!* Volto em marcha a ré e ela para, bufando. Tenho certeza de que ela me estapearia se pudesse, seus olhos semicerrados faíscam de raiva em minha direção.

Desço do carro e me aproximo, lentamente.

— Vamos conversar, por favor. — O queixo treme, nervoso, e ela balança a cabeça, negando.

— Eu. Não. Quero. Conversar — diz, pausadamente, esticando os braços para a frente, visando me afastar dela.

— Só um pouquinho, por favor. Me deixa explicar.

Evangeline passa a mão pelo rosto, secando as lágrimas e ergue o queixo, altiva. Respirando fundo, ela passa por mim e entra pela porta do passageiro, batendo a porta com mais força que o necessário.

— Meu carro não é geladeira... — murmuro baixinho, antes de me sentar ao seu lado. Dá até vontade de perguntar: *tá* com raiva de mim e vem descontar no meu carro, *cacete*?

Mas é melhor não brincar com a sorte.

Dou a partida e sigo em direção a Pouso Alto, onde temos alguns lugares mais tranquilos que podemos conversar. A minha cabeça rodopiando, lamentando que tudo foi descoberto dessa forma. E ainda borbulhando de ódio, principalmente ao ver as marcas avermelhadas no pescoço dela, querendo saber o que aconteceu, se ele a tocou.

Eu vou matar esse sujeito antes de ir embora, ou não me chamo Pedro Fontana!

Estaciono ao lado da margem do rio, ainda na rodovia, mas afastado da área urbana. Busco seu olhar, entretido em algum ponto do lado de fora. Sem saber como começar, eu solto o meu cinto de segurança e apoio a testa no volante, nervoso. Tentando buscar as palavras certas que não me deixem em lençóis piores.

— Eu posso não ser essas mulheres experientes com quem você se relaciona na cidade grande, Pedro, mas estou longe de ser idiota. — O tom de voz, rouco e monocórdio, soa pior que um tapa na cara. — Mas às vezes eu mesma me enrolo, não presto atenção nas coisas, faço papel de boba.

— Eve, não é desse jeito que você está pensando.

— Se não é, por que não me contou? — Tento segurar seu queixo, para que ela olhe para mim, e sou afastado com um tapa na mão. Bufo, desanimado.

— Eu tenho um problema sério para falar as coisas. — Fecho os olhos e recosto no banco, fechando as mãos em punho. — Desde criança, eu sou assim. Faço o que tem que ser feito, tento ajudar todo mundo, mas não sou bom em dar explicações ou justificativas.

— Isso não explica nada — ela responde, com desdém. — Afinal, você mentiu para mim.

— Eu não menti.

— Ah, verdade, esqueci o velho argumento. *Não menti, omiti* — diz, empostando a voz.

— Eu não pensei que isso viraria uma fofoca suja, de verdade.
— Tento expressar o máximo de sinceridade que posso em meu tom de voz, e parece funcionar, porque ela finalmente me olha. — Acho que subestimei o poder de fogo de uma cidade pequena.

— *O que* exatamente você pagou, Pedro?

— Seu salário — murmuro, e me encolho ao ver seus olhos se expandirem, raivosos.

— Você... ele... vocês... AH, MEU DEUS! — Eve se curva, socando as pernas com raiva. Tento segurá-la novamente e, mais uma vez, ela me afasta.

Explico então como tudo aconteceu. Com dificuldade, conto a ela a conversa que tive com seu patrão, tentando fazê-la entender o lado do homem. Vejo todas as nuances raivosas passando por seu rosto, ela está realmente bem brava, mas apesar de sua bronca ser direcionada a mim, ela continua linda. Mas me sinto envergonhado por toda essa confusão. Um tanto idiota por não ter pensado que isso poderia vir a público. E ainda furioso com aquele pedaço de merda ambulante.

— Eu queria passar esta semana com você, confesso — continuo falando, os olhos fechados, recostado no banco. — Eu não quis abrir mão de sua companhia e quando ele disse que descontaria do seu salário, não pude deixá-lo te prejudicar.

— Você é inacreditável — ela resmunga, me fazendo abrir os olhos.

— Me desculpe.

Seus lábios se abrem e fecham mais de uma vez, querendo dizer alguma coisa e desiste em seguida. Ergo minha mão, passando a ponta dos dedos na pele marcada do seu pescoço, sentindo a raiva me tomar mais uma vez.

— Ele te bateu — afirmo, e ela balança a cabeça, negando.

— Não, ele não...

— Ele te bateu, Evangeline — repito, com a voz mais firme, e ela se cala. — E eu vou cortar a mão dele.

— Pedro, por favor. Carlos pode ser perigoso.

— Eu também! — O olhar que ela me lança poderia ser vergonhoso, se eu não estivesse tão puto. Ela claramente não tem nenhuma fé em minha revolta.

— Carlos é descontrolado, mas ele nunca tinha feito isso comigo antes.

— Acredite em mim, Eve, eles sempre fazem. E ele cruzou uma linha agora que pode ser complicada para você.

Ela não responde. Os dedos longos passam pelo pescoço, no exato lugar onde está marcado. Provavelmente está dolorido, e eu seguro o volante, imaginando que seja o pescoço daquele endiabrado.

Eu vou acabar com a raça dele.

— Eu tenho uma vida complicada aqui, Pedro — Eve quebra o silêncio, em um tom dolorido de ouvir — e um pouco você viu, ontem. Entendo a sua dificuldade em se abrir porque eu também tenho, se você não tivesse visto ou ouvido algumas coisas, eu também não diria.

Trocamos um olhar, e ela me dá um meio sorriso. Nesse ponto, é melhor do que nada.

— Porém a minha vida aqui é muito diferente da sua. Quando você for embora — sua voz falha, e sinto um bolo na garganta —, sou eu quem vou ter que lidar com as coisas que ficarem para trás. Incluindo as suas *omissões*.

Abaixo a cabeça, envergonhado. Ela tem razão, a minha mania de esconder as coisas, de não me abrir e tentar resolver tudo da minha forma pode dar certo para mim, mas quando envolve terceiros, eu preciso aprender a não bancar o herói.

Mas como lidar com a ideia de que eu vou embora, e ela vai ficar aqui, na mesma cidade desse sujeito?

— Esse Carlos é perigoso — afirmo, novamente, e ela me olha, desta vez sem discordar. — Eu já estava desconfiado dele, por algumas coisas que andei observando, mas depois de hoje, eu poderia cravar que ele tem participação no que aconteceu em sua casa ontem.

— O quê? — ela reage, com a testa franzida, e balança a cabeça de um lado a outro. — Não viaja, Pedro... Carlos tem dinheiro, por que ele roubaria a mixaria que eu tinha guardada?

Me viro em sua direção, e ergo a mão, enumerando os motivos.

— Primeiro, para envergonhar o seu pai. Segundo, para te deixar dependente dele. Terceiro, para mostrar que ele pode. Quarto, por ser um babaca marginal.

Vejo que ela não acredita, os olhos seguem buscando algo fora do carro, talvez tentando encaixar o idiota que ela conhece a vida toda nessa nova narrativa

— Ele estava em frente à sua casa ontem, Eve. Quando eu ia descer

para confrontá-lo, ele fugiu. — Puxo sua mão, a colocando sobre a minha perna, meu polegar fazendo um carinho em sua pele que ela, finalmente, aceita. — E eu o vi outro dia, escondido, olhando a lanchonete.

— Escondido? — Confirmo. — Como se estivesse espionando?

— Como um maníaco. — Aponto para mim mesmo, na altura da cicatriz. — E eu já vi isso, Eve.

A menina parece perdida. Soltando minha mão, ela abraça o próprio corpo, as mãos esfregando os braços, parecendo sentir frio. Não consigo vê-la desse jeito.

— Vem aqui — a puxo de encontro ao meu corpo, apertando-a contra mim —, vai ficar tudo bem.

— Não vai, Pedro. Logo você vai embora, e... — A frase morre no meio do caminho, cravando nosso destino.

Logo eu vou embora.

**Murilo**

Cumprimento a garota da recepção, passando direto e indo em direção à mesa de sempre, já conseguindo ouvir as gargalhadas altas de Rodrigo se espalhando pelo ambiente. Uma vez por mês nos reunimos neste estabelecimento, um restaurante simples no centro da cidade, bem longe de onde moramos, para colocar a conversa — e as coordenadas — em dia.

Rodrigo é agente da Polícia Federal, costumava ser braço direito de Vicente, antes de ele pedir exoneração e ir embora do país. Uma sorte, eu diria, mesmo eu sabendo que talvez não me acostumaria com tanta novidade junta. É com ele que eu falo sempre que preciso passar alguma informação sobre Domingos dos Anjos, tentando ser o mais discreto possível.

Nossas reuniões geralmente são acompanhadas por Samuel, que trabalha no DHPP — divisão de homicídios da Polícia Civil, e um dos meus melhores amigos. Os dois são cunhados, o que explica a balbúrdia acontecendo na mesa neste exato minuto.

— Eu não vou viajar com vocês, Rodrigo! — Samuca exclama, tomando um gole de sua cerveja.

— Não faz assim, cara... — ele diz, em tom zombeteiro ao mesmo tempo em que nota a minha chegada. — Aê, Murilão, chegou nosso cancelador!

— Ainda tentando fazer amizade? — pergunto, apontando com a cabeça para Samuel, e faço nosso cumprimento usual, escorregando nossas mãos espalmadas e terminando em um encostar de punhos fechados.

— Sou um incompreendido nessa família.

— Senta aí. — Samuca aponta a cadeira vaga, e ergue o dedo, pedindo mais uma cerveja. — Temos novidades.

Cruzo os braços, alerta. Querendo me livrar da pedra em meu sapato que é Domingos, sem criar nenhum maior atrito em minha divisão. Apesar de

não acreditar que temos corruptos no GARRA, eu não tenho intimidade o bastante com eles para realmente pôr a mão no fogo.

Aliás, corrupção na polícia, infelizmente, é algo que temos visto o bastante. Rodrigo comentava outro dia sobre a queda de Hélio Pontes, superintendente da Polícia Federal, que por anos esteve envolvido em uma organização de tráfico de mulheres e agia dissimuladamente usando todo o aparato federal a seu favor.

E ainda posava de santo, o *filho da puta*.

— Domingos andou mexendo com quem não devia — Rodrigo diz, em voz baixa. — Parece que andou apagando alguém da quadrilha rival.

— Aquele caso da semana passada? — pergunto, lembrando uma chacina que ocorreu no limite do município, em que vários membros de uma quadrilha foram apagados sem dó.

Samuca balança a cabeça, concordando.

— Foi feita toda a balística, não era munição da polícia, como os jornais estavam insinuando.

— Então não foi o *G.E....* — murmuro.

Sempre procuro evitar falar alto sobre os grupos de extermínio que aparecem de vez em quando na cidade. Policiais que, a princípio inconformados com a justiça, decidem resolver os problemas de violência com as próprias mãos.

Bem, todos nós sabemos que isso sempre dá errado.

— A princípio, pensamos que seria, mas ontem encontramos uma ligação disso com Domingos. E, claro, a informação já chegou onde *deveria*, então, já sabemos que talvez haja retaliação.

Encaro Rodrigo, que relata tudo de forma tranquila, e isso chega a me irritar um pouco.

Não, isso chega a me irritar muito.

— Vocês levaram a informação até a outra quadrilha. — Não pergunto, somente afirmo, e ele dá de ombros. — Sabe o que isso pode causar? Já pensou que esses caras podem chegar lá na minha *quebrada*, abrindo fogo contra gente inocente?

— Calma, Murilo — Samuca pede, tocando em meu braço, que eu retiro, indignado.

— Calma é um *caralho*! — exclamo, um pouco mais alto, para abaixar o tom de voz em sequência. — Vocês não têm ideia do que essas brigas entre gangues causam às pessoas, *porra*! Elas ficam entre o fogo

cruzado. Passem um dia sequer onde eu moro, que vão saber.

— Não vai chegar a tanto, Murilo. — Noto que o tom brincalhão sumiu da voz de Rodrigo, e esfrego o rosto, exasperado. — Estamos monitorando, vamos nos adiantar. Vai dar tudo certo.

— Eu passei esse caso a vocês, porque eu não teria como investigar sem levantar suspeitas. — A minha voz é baixa, mas eu o encaro, firme, olhando em seus olhos, e ele retribui. Muito sério, como tem que ser. — Mas eu não esqueço tudo o que aconteceu. Eu não esqueço que vocês quase morreram.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que já estou prevendo problemas para eu resolver.

— Caso prefira, pode levar esse caso à Civil.

Dou um soco na mesa, causando um barulho que chama a atenção das pessoas. Vejo como Samuel tenta controlar os ânimos, me segurando pelo ombro, enquanto pede a Rodrigo, que me encara de forma desafiadora, que não provoque.

Não queria chamá-lo de incompetente assim, tão claramente, mas algumas coisas precisam ser lembradas.

Há algum tempo a equipe que Rodrigo fazia parte foi levada para uma emboscada. Inocentemente foram atraídos para um covil, e recebidos a balas. Alertado por Samuca, reuni minha equipe e parti para lá, chegando segundos antes de um dos marginais apertar o gatilho bem na cabeça de Vicente.

Levo em consideração tudo o que aconteceu, o chefe deles estava envolvido, informações falsas foram passadas, tinha muito policial corrupto jogando dos dois lados. Ainda assim, pessoas quase morreram nessa bagunça toda e não vou admitir que ele fique agindo como se fosse um ser superior, enquanto coloca pessoas inocentes na linha de tiro.

Já seria complicado o suficiente se fossem quaisquer pessoas, mas tem o agravante de serem as *minhas* pessoas, Domingos vive e comanda na região onde eu moro.

— Ninguém vai levar *porra* nenhuma de volta — Samuca interrompe.

— As coisas estão diferentes lá agora, Murilo.

— Então seja prático, e me explica.

Encosto na cadeira, cruzando os braços e ouvindo enquanto Samuel fala sobre a estratégia da Federal para tirar Domingos dos Anjos das ruas. Apesar de o meu temor por danos colaterais, eles estão seguindo pelo mesmo caminho que eu seguiria, monitorando com uma equipe extra os arredores.

Não quero dar o braço a torcer, ainda puto, mas também não posso passar o resto da tarde fazendo uma cena.

— Como pode ver, temos tudo sob controle. O episódio que você citou não aconteceria hoje, com a equipe que temos, porque não temos bandidos infiltrados.

Rodrigo parece um tanto quanto afetado pela minha leve insinuação de que eles seriam um tanto quanto incompetentes, mas eu não me desculpo. Apenas balanço a cabeça, afirmando que entendi a estratégia, e com uma honesta admiração pela delegada que assumiu o cargo que foi um dia de Vicente. Heloísa Freitas vem fazendo um excelente trabalho desmantelando algumas quadrilhas e, exatamente por isso, eu havia levado esse caso até ela.

Isso não diminui o receio que eu tenho de uma guerra entre as duas facções estourarem onde eu moro. Domingos é da região e, sendo assim, ele *cuida* do que ele chama de “*sua gente*”. É contraditório, e totalmente irritante, mas é real. Por muitas vezes, ele chega a ser protegido pelos moradores, que se sentem abandonados pelo poder público e encontram no contraventor uma forma de proteção, de cuidado.

Os nossos governantes colaboram muito com o aumento da criminalidade, sejamos sinceros aqui.

O problema é que, sabendo disso, os rivais podem tentar derrubar Domingos exatamente atingindo seu ponto fraco: a comunidade. Se eles simplesmente se matassem, uns aos outros, eu não veria problema e sequer mexeria um dedo, mas não funciona assim, nunca é desse jeito.

Vejo a tela do meu celular acender, indicando uma mensagem de Jordie. Combinamos de nos encontrar no início da tarde, aproveitando a minha folga, para levarmos Lincoln e Bruno ao cinema. Tento ser rápido e virar a tela do aparelho para baixo, mas não tão rápido antes de Samuca ver a mensagem, ou ao menos parte dela.

— “Gata brava”? — ele diz, com um meio sorriso. — Está de casinho?

— Isso continua não sendo da sua conta.

— É a babá? — ele continua, e eu fecho a cara, irritado por ele sequer considerar isso.

— Claro que não. A Jennifer tem idade para ser...

— Maior de idade — ele interrompe — e caidinha por você.

Cruzo os braços e balanço a cabeça, deixando claro que não quero esse tipo de conversa.

A insinuação de Samuca não é à toa. Ele frequenta a minha casa, somos amigos e, por isso, ele conhece a babá. E, pelo visto, foi mais esperto que eu, notando de primeira o que eu nunca havia percebido.

Jennifer vem sendo um tanto quanto *irritante* desde que Jordie passou a noite em minha casa, dias atrás. Quando ela apareceu em casa naquela manhã, estávamos saindo, os três, para tomar café em algum lugar fora dali e, desde então, tenho aturado comentários depreciativos, indiretas ferinas e ameaças veladas.

E trabalhos de faculdade infinitos, a impedindo de ficar mais tempo com meu moleque, o que anda atrapalhando a minha vida.

— O que eu perdi? — Rodrigo comenta, e dando por encerrado o assunto, faço menção de levantar da mesa. Mas Samuca me segura pelo braço, fechando novamente sua expressão.

— O que foi, agora?

— Antes de ir embora, preciso te alertar de uma coisa.
— Inconscientemente um arrepio passa por minha coluna, tal sombrio é seu tom.

— O que aconteceu?

— O *Comendador* está solto. — Sinto um baque no peito, e inclino o corpo para trás, me recostando na cadeira, quase sem reação.

Isso não pode ser verdade. Não pode estar acontecendo.

— Ele... recebeu algum benefício? — pergunto, aturdido. O homem foi condenado a mais de setenta anos de prisão, não faz sentido ele ser solto passado tão pouco tempo.

— Fugiu da prisão. Não se tem notícias do paradeiro dele.

— Porto Velho não é segurança máxima? — pergunto a Rodrigo, que assente, confirmando. — Como ele conseguiu fugir?

— Teve auxílio, muito provavelmente.

O *Comendador* é um ex-agente da polícia civil que foi capturado quatro anos atrás. Chefe do crime organizado aqui no estado, liderou um grande assalto em um município pequeno, próximo à capital, que resultou em várias mortes na sua tentativa de fuga. Ele só foi capturado porque, durante a perseguição, seu filho foi baleado por mim e ele se recusou a abandoná-lo. O rapaz, que fazia parte da quadrilha, morreu em seus braços e, dessa forma, o capturamos.

“Um dia você vai sofrer essa mesma perda, e será por minhas mãos.”

— Quando foi isso?

— Faz três dias — Rodrigo completa, e dou um salto na cadeira, pegando minha carteira e saindo apressado do restaurante.

Algumas pessoas — como os dois que ficaram para trás, me pedindo calma enquanto eu ignorava os chamados — diriam que o Comendador não viria até São Paulo somente para cumprir o seu juramento. Já outros, que são pais e sabem que fariam de tudo para vingar a morte de um filho, não duvida desse sentimento.

Eu, ao menos, não duvido, pois faria exatamente isso.

Enquanto corto a cidade, enfrentando um trânsito intenso e um tanto quanto irritante, passo uma mensagem ao delegado responsável por minha equipe do GARRA. Não preciso falar muito, a prisão do Comendador foi um dos motivos que pesaram favoravelmente quando fui aceito para fazer parte do GOE, e ele sabe exatamente tudo o que significa e compreende o meu temor.

A bandidagem, como sabem, é sempre bem informada. Estão sempre um passo à frente porque não seguem regras, leis e tampouco burocracia. Se ele quiser descobrir onde eu moro, não terá dificuldade para conseguir a informação.

E então saberá sobre Lincoln.

Me lembro de todas as vezes em que Cris me dizia, alterada, que viver como policial no Brasil era colocar a família inteira sob a mira de uma arma. De reclamar estar sempre cansada por não dizer a ninguém que era casada com um policial, temendo quem a ouviria, e o que faria com essa informação. De ter que secar minhas camisas de uniforme dentro de casa, para que ninguém pudesse as ver.

“Mulher nenhuma merece viver dessa forma, Murilo!”

Relembrar isso ao mesmo tempo que vejo o SUV de Jordie estacionado na porta da minha casa, conforme eu adentro a rua simples onde eu moro, faz meu coração acelerar. Totalmente perdido, sem saber o que fazer daqui em diante.

Jordie

Murilo bate a porta do carro com um pouco mais de força e, pelo retrovisor, vejo quando ele olha ao redor, procurando algo. Com um sinal, ele me pede para ficar dentro do carro, enquanto passa por mim, sem parar, e entra no quintal de sua casa.

Esse comportamento não é muito normal.

— É agora que *a gente vai*, tia Jordie? — Bruno, que vem tendo uma paciência de Jó sentado no banco traseiro, pergunta pela centésima vez.

— Acho que sim, meu amor. Só espera um pouquinho, *tá?*

Ouçó quando ele suspira alto e murmura um “*tá bom*” desanimado. Não o culpo, no entanto. Estamos esperando aqui na porta há uns cinquenta minutos, e isso porque eu ainda cheguei atrasada.

Ainda caí na besteira de bater em sua casa, achando que ele talvez estivesse nos esperando, ignorando que seu carro não estava estacionado na porta. A *babá do capeta* foi quem me atendeu, com aquele ar insolente e o sorriso no rosto de quem sugere saber algo que eu não sei. Eu odeio isso, com todo o meu ser.

E como por um acaso do destino, talvez sendo enviada pelo próprio *chifrudo*, ouço os passos da diabrete vindo pelo corredor, batendo os pés com determinação e um tanto mais de barulho. Se fazendo notar, chamando a atenção.

Mantive meu olhar ao notar que ela me encarava. O queixo erguido e a raiva nítida, me fuzilando, ao abrir o portão e o bater atrás de si, sem desviar. As palavras que ela me disse, assim que abriu a porta mais cedo, ainda martelando.

“*É só mais uma na cama dele. Quando ele se cansar da loira patricinha, vai voltar às suas origens.*”

Eu não queria sentir a raiva que eu sinto agora, ao pensar nisso. Afinal de contas, não temos nenhum tipo de compromisso, Murilo e eu. Mas me incomoda demais, principalmente depois da intimidade que compartilhamos. Não no motel, não. Aqui, na casa dele, ao acordar. Aquilo tudo foi muito novo e acabou me confundindo.

Com a mão na cintura, parada no meio da calçada, ela sorri, aberto. De forma cínica, parecendo ler toda a minha confusão. Queria esfregar a sua cara no asfalto quando sua voz sai, provocativa:

— Você não serve para ele, e Murilo já notou isso. É questão de tempo.

Mantenho a expressão o mais impassível que posso, mas talvez não o bastante, porque ela dá uma risadinha e sai rebolando. Certa de que acertou o alvo.

— Pirralha idiota! — murmuro, com raiva.

— Está brava, tia Jordie? — Bruno pergunta, cauteloso, e me parte o coração. A criança agora parece estar sempre esperando que eu vá fazer uma

cena daquelas.

— Não estou, não, meu amor. Estou é com a bunda doendo de ficar sentada.

— Fica assim, ó! — Ele ergue o corpo, se apoiando nos joelhos e ainda balança o quadril para mostrar que a bunda fica livre.

Sorrio, morrendo de saudade da vida simples que eu tinha quando criança.

Olho mais uma vez para fora, na esperança que Murilo finalmente saia agora que a endiabrada foi embora, mas nem sinal dele. O que será que aconteceu? Não nos vimos pessoalmente desde então, a cada hora um de nós dando uma desculpa, postergando. Até que marcamos para hoje e, honestamente? Não começamos bem.

Quinze minutos depois, quando eu já estou prestes a sair do carro, depois de passar uma mensagem a ele e não ter resposta, o vejo saindo com Lincoln no colo. Meus olhos desviam de um para o outro, observando suas reações. Enquanto o garoto tem um sorriso aberto e lindo ao me ver sentada atrás do volante, Murilo se mantém sério. O semblante fechado, as linhas de expressão entre as sobrancelhas bem aparentes. O olhar buscando algo ao redor, que até eu acabo olhando em volta, me perguntando se perdi alguma coisa.

— Oi, Jordie! — Lincoln ergue os braços, feliz e animado, ao me ver no carro e eu respondo com a mesma animação. — Oi, *Brunooo*! — ele grita, ao ver o amiguinho no banco detrás.

— Nossa, finalmente! — o pequeno rabugento resmunga atrás de mim e isso poderia servir de pesquisa científica, pois ele é Gael inteirinho.

Destravo a porta, e Murilo coloca Lincoln no banco traseiro ao lado de Bruno, em silêncio. Posso sentir o clima pesado, quase poderia cortá-lo com uma navalha.

— Tudo bem? — pergunto, quando ele se senta ao meu lado.

— Problemas no trabalho — ele diz, depois de inspirar fundo. — Podemos ir?

Dou partida, ainda incomodada. Posso ver que ele não está normal, tenso demais. Alerta demais.

— Aconteceu alguma coisa grave?

— Tudo na vida de um policial é grave, Jordie.

Minha garganta se fecha, e sinto uma irritação sem fim por conta do tom que ele usou. Sem saber direito como lidar com seu mau humor, a

vontade de jogar o carro no meio-fio e chutá-lo para fora. Mas sem querer fazer nada na frente das crianças, ciente que já estourei a minha cota.

“*Você não serve para ele, e Murilo já notou isso.*”

Será que é esse o problema? Ultrapassamos a tal linha imaginária que traçamos quando começamos a sair, e ele está sem jeito de dizer? Talvez sabendo o meu gênio, vai vestir a capa do ogro até eu mandá-lo para a pu...

— Tia Jordie, eu tô com fome — Bruno interrompe meus pensamentos

— Já passou da sua hora, *né*, raposinha? — pergunto, e olhando para o parquinho ao lado dele, abro um sorriso. — E você, *Cabelin lindo*, está com fome também?

— Morrendo, olha. — Ele bate na barriga, me arrancando uma risada alta.

— Vamos então almoçar primeiro, certo, Murilo? — Viro o rosto em sua direção e o pego me analisando em silêncio. — O que foi? Você está esquisito hoje.

— Nada não, patricinha. — Ele suspira novamente, e joga a cabeça para trás, a apoiando no encosto do banco. — Tem dias que o serviço fica um tanto quanto puxado.

— Podia ter me falado que estava cansado — digo, em um tom mais baixo — e remarcaríamos para outro dia.

— Eu queria te ver.

As palavras saem sem nenhum tipo de esforço, mas ele se mantém de olhos fechados, encostado no banco. Tenso demais.

Estico minha mão até sua perna, na altura da coxa, e aperto. Isso chama a sua atenção — e, bem, parece despertar outra parte de sua anatomia também. Sua mão cobre a minha, em um aperto suave e, finalmente, sua expressão parece desanuviar um pouco.

— Conheço um bom restaurante que tem um *espaço kids* — sugiro —, as crianças podem comer e brincar, e deixamos o cinema para outro dia. O que acha?

Ele apenas assente, mas a mão que ele mantinha sobre a minha vem até meu rosto. Com os dedos indicador e polegar ele segura meu queixo, tirando minha atenção por segundos do trânsito, e os lábios se esticam em um sorriso tímido.

Bem, já é alguma coisa.



O almoço corre tranquilamente e, depois de quase estourarmos as crianças com tanta comida, os levo até ao espaço infantil e os deixo com um monitor. Bruno já está acostumado a vir em locais como este, mas a empolgação de Lincoln ao ver piscina de bolinhas, pula-pula e escorregador é um tanto quanto efusiva. E emocionante, para mim, ao menos.

Lembro quando Babi começou a trabalhar na recepção da São Prieto, ela contava tantas moedas, que o garoto não tinha um fim de semana para diversão, que fosse. E então Gael os levou até um espaço no shopping center e Bruno parecia não querer mais sair de lá, pois não estava acostumado e queria morar no local para sempre.

Imagino que Lincoln vai querer o mesmo.

— Vai me dizer agora o que está acontecendo? — Encaro Murilo sentado na mesa, rodando o copo com refrigerante há mais de cinco minutos, absorto em pensamentos.

— Eu não quero te encher com meus problemas.

— Ou seria eu o problema? — Não consigo controlar o tom ríspido, e a pontada que eu sinto em dar início a essa conversa.

Como se não entendesse, ele fixa os olhos em mim, as sobrancelhas unidas em uma expressão confusa.

— Como assim, Jordie?

— Eu não sei — sussurro, erguendo os ombros. — Você está esquisito, distante, mal-humorado.

— E você imediatamente assume que é por sua causa?

— Eu causo esse efeito nas pessoas — digo, mexendo o restante do sorvete que sobrou em minha taça com a colher. Sem estômago para continuar comendo.

— Eu te disse que são problemas relacionados ao meu trabalho. Só isso.

Abaixo a cabeça, chateada e confusa. Devo ter sido picada por um bicho um tanto irritante, porque essa *coisa* de querer saber sobre o dia a dia dos caras com quem eu durmo nunca fez parte da equação. Detestava quando dormia com Pedro e ele vinha me contando os pormenores do seu dia, e eu sabia que ele não estava contando para a *amiga* Jordie e, sim, para a garota com quem ele dormia. Forçando uma intimidade, uma ligação além do que já tínhamos.

E agora me pego fazendo exatamente a mesma coisa.

Patética, Jordie. Você é patética.

— Onde Lincoln estuda? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Fica na creche, perto de casa.

— Creche pública? — Murilo apenas confirma, apesar de sua expressão querer tirar sarro, afinal de contas, onde mais o garoto estudaria?

Ainda fico revoltada em imaginar que esse homem arrisca sua vida diariamente para ganhar um salário que não serve sequer para mobiliar sua casa direito. Depois dos professores, profissionais de segurança deveriam ser os mais bem pagos em qualquer lugar do mundo.

— Você sabe que eu tenho uma escola, certo? — O encaro, e sua expressão continua impassível. — Nós oferecemos bolsas e...

— Não daria certo — ele interrompe —, eu moro muito longe.

— Acho que daria. — Mordo os lábios, nervosa, sem querer que ele entenda errado. Mas fiquei pensando nisso desde que saí de sua casa. — Você pode levá-lo pela manhã. Ele fica o dia inteiro lá, e vai embora no final do expediente, comigo. E então você pode pegá-lo em casa.

— E atravessar a cidade inteira para isso?

— Vocês, homens, colocam dificuldade em tudo. — Jogo o guardanapo em cima da mesa, irritada. — Conhece a Babi do Gael, certo? — pergunto, e ele apenas balança a cabeça, confirmando. — Ela morava próximo ao bairro em que você vive. Um pouco mais longe, aliás. E trabalhava lá, na recepção do colégio. Ah, e não tinha carro, pegava ônibus, todos os dias.

— Jordie...

— Ela nunca faltou — interrompo, mais uma vez — e só chegava atrasada quando tinha problemas com o transporte. Foi por causa daquele garotinho, que abrimos o nosso programa de bolsas, e hoje contamos com quinze *aluninhos* bolsistas. Não estou fazendo caridade, Murilo. Lincoln é inteligente, e merece ter oportunidades.

Meus olhos marejam ao me lembrar da noite que passamos juntos, Lincoln e eu. E, apesar de ainda febril, o garotinho esperto e observador prestava atenção em tudo o que eu dizia a ele. Rebatia com suas tiradas infantis e argumentava de forma brilhante os absurdos que eu lhe dizia. É injusto que eu possa oferecer a ele a oportunidade de desenvolver melhor as suas habilidades e garantir a ele, desde cedo, uma educação de ponta que pode refletir em seu futuro, e Murilo colocar obstáculos. Não posso aceitar.

Não vou bancar a ingênua que não sabe o tamanho da desigualdade que temos em nosso país. Com os olhos fixos no espaço infantil, posso ver Bruno e Lincoln brincando, desbravando juntos o mesmo espaço. Mas sei que, no futuro, as coisas serão diferentes. O garoto branco e rico sairá na frente em largas braçadas contra o garotinho negro e pobre. Eu só queria diminuir essa distância, já que o poder público não parece interessado em melhorar a educação no país.

Talvez notando o quão mexida eu fiquei, Murilo aperta minha mão, trazendo minha atenção de volta a ele.

— Como ficaria esse arranjo, se essa coisa que nós temos se acabar? — ele pergunta, muito sério, e eu sinto meu coração afundar no peito. — Eu não poderia bancar uma escola daquelas para ele, você sabe.

— Eu tenho palavra, Murilo — digo, com firmeza. — Estou oferecendo bolsa integral, e é por causa do garoto e não porque você tem um pau no meio das pernas. — Sorrio, sabendo que ele vai ficar puto, mas quer saber? *Foda-se!* — O seu pau, aliás, não pagaria a mensalidade dele, fique ciente disso.

Meu rompante parece ter o assustado. Atônito, ele fica me olhando, sem dizer uma palavra. Analisando com cuidado, talvez checando o terreno onde está pisando.

E eu, lembrando e relembando as palavras da babá da porta do inferno, que parecem ter feito morada em mim.

“Você não serve para ele, e Murilo já notou isso.”

— Tudo bem. Podemos fazer um teste, antes de eu tirá-lo de vez da creche? Conseguir uma nova vaga não será tão fácil e...

— Só o leve lá amanhã, Murilo. Com documentos e carteira de vacinação.

Me levanto da mesa, indo até o banheiro, sentindo uma irritação fora do comum.

E uma solidão que já tem se tornado um tanto incômoda.

22



Evangeline

Me junto ao meu pai, sentado sozinho na cozinha, ainda com um olhar perdido no rosto. Curvado, os braços apoiados na mesa, envergonhado, como sempre, depois de mais uma bebedeira daquelas. Agora entramos na rotina em que ele não bebe por um tempo, até acontecer algo que o faz perder a cabeça.

E é exatamente sobre esse “algo” que eu quero falar com ele. Depois da conversa com Pedro e tudo o que aconteceu na pousada, eu preciso saber o que aconteceu aqui. Preciso saber se Carlos tem mesmo algo a ver com o arrombamento.

Estico uma caneca de café a ele, que finalmente ergue os olhos em minha direção. Seu semblante endurece de imediato e sei bem o que ele notou. Meu pescoço carrega as marcas da mão de Carlos, o local ainda dolorido por conta de seu ataque.

— O que aconteceu com você, Evangeline? O que aquele rapaz fez com você? — Balanço a cabeça, negando. Respirando fundo antes de ter uma conversa que nunca esperei ter com ele.

— Não foi o Pedro — digo, e papai entra em pânico. Como se algo em seu interior o alertasse, o fizesse relembrar de todo o inferno vivido, anos atrás.

— Ele veio atrás de você? — Ele se ergue, perdido, derrubando a cadeira atrás de si. — Bem que o Carlos avisou, ele nos achou, não foi? Precisamos ir, anjo, precisamos ir embora!

Olho por cima dos ombros, não querendo que Pedro escute. Ele, claro, não quis ir embora, tentando garantir que a minha conversa com papai seja segura. Mesmo eu não o deixando entrar, sentou-se na escada e ficou por lá, como um suporte silencioso.

— O que Carlos te falou, meu pai? — Ele sacode a cabeça com

veemência, como se fosse tudo difícil demais para lidar — Por favor, se acalme, precisamos conversar.

— Não podemos. Seu irmão vai nos achar. — Papai tenta se desvencilhar, agitado demais. — Precisamos ir, Eve, aqui não é mais seguro.

O puxo pelo braço, tentando conter seu rompante. Meu pai sempre perde as estribeiras quando se lembra de Emanuel. A sensação que eu tenho é que ele revive aquela noite, dia após dia, somente por ouvir o nome do meu irmão. O pânico, a desesperança e a decepção o partindo, tirando seu chão e sua paz, e por isso ele busca uma outra fuga. Fuga da realidade que ele não consegue mais lidar.

— Ele não sabe onde estamos, papai.

— Sabe! — ele grita. — Sabe, sim! Carlos disse que sabe, ele queria nos proteger, sempre disse que podia nos proteger.

— Papai, se acalme, por favor. — Me aproximo, o enlaçando pelo pescoço. Seu corpo estremece, e ele tenta se afastar, em um certo desespero.

Consigo ouvir de onde estou as batidas do seu coração que, combinadas com as minhas, formam uma sinfonia de descontrole.

— Seu Ernesto — ouço a voz de Pedro atrás de nós, e o som dela me traz conforto —, está tudo bem.

Trocamos um olhar, e eu até queria dizer a ele que eu consigo lidar com isso tudo sozinha, mas eu estou cansada. Exausta, por bem dizer, de lidar com tudo sozinha. E se o ter aqui, ao menos neste instante, significa abrir um pouco do meu passado, que seja.

Nada seria pior do que já tem sido até hoje. Chegamos ao fundo do poço, disso eu tenho certeza.

— Não está tudo bem. Precisamos ir embora, aqui não é mais seguro.

— Vamos conversar — Pedro o segura pelo ombro —, por favor.

Seu tom de voz tem tanta doçura e tanta firmeza que meu pai parece ter visto nele a confiança necessária para, finalmente, desabafar.

Encaro o homem bonito, gentil e protetor parado em minha cozinha, lidando com o descontrole de meu pai, e sinto meu coração aquecer. Mesmo sem realmente querer, mesmo achando que nada disso siga adiante, eu me sinto protegida e cuidada pela primeira vez, em muitos anos.

Busco uma cadeira vazia, me sentando, e meu pai ocupa a cadeira em frente a mim, do outro lado da mesa. Pedro se mantém próximo a ele, ajoelhado ao seu lado, o segurando pelo ombro.

Como se pedisse permissão para perguntar, ele me olha, e ergue a

sobrancelha. Eu apenas desvio os olhos e aceno, dando a ele a permissão para que lide com o assunto.

— Quem derrubou a porta, seu Ernesto? — ele pergunta, calmamente.

— Eu não queria, filha — papai murmura, choroso, e segura a minha mão por sobre a mesa. — Não queria te dar trabalho.

— Quem te ajudou, seu Ernesto? — Pedro repete a pergunta de forma diferente, mantendo o tom de voz firme. Essa mínima mudança faz meu pai o encarar por um instante.

— Eu queria achar os nossos documentos de Curitiba — responde, baixo, desviando o olhar. Até que o encara novamente, antes de prosseguir: — Queria provar a ele que você não era um mau rapaz.

— Eu? — Pedro pergunta, curioso, e meu pai apenas balança a cabeça, confirmando.

— Carlos me disse que você tinha vindo a mando de Emanuel. Para nos sondar, para entregar nossa localização a ele.

Abaixo a cabeça, apoiando a testa nos braços sobre a mesa. Respirando fundo, tentando conter a vontade de chorar e a vontade de matar aquele desgraçado.

— Eu não vim a mando de ninguém, seu Ernesto — Pedro fala pausadamente e de forma gentil, apesar do seu tom de voz ter mudado um pouco. Posso notar o maxilar rígido e o olho cerrado, brilhando de um sentimento que eu reconheço bem. Raiva.

— Eu não conseguia entrar — papai explica, parecendo afundar ainda mais na cadeira onde está sentado. — Carlos então me ajudou, não precisou de muito esforço para a porta ceder.

— Sabia onde eu guardava o dinheiro, papai? — pergunto, e ele me olha, envergonhado. Sinto pena de sua expressão mortificada, e tenho para mim que se ainda conseguisse chorar por qualquer outra coisa que não minha mãe, ele o faria agora.

— Não sabia. Foi ele quem achou.

Esfrego o peito, tentando conter novamente a sensação de sufocamento. Completamente ciente de que Carlos só se embrenhou em minha família por minha causa, porque eu o trouxe até nós.

Quero chorar, olhando meu pai tão derrotado, tão entregue ao vício e ainda à mercê de pessoas sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma empatia.

— Quem é Emanuel? — Pedro pergunta, ainda segurando meu pai pelo ombro.

Um lamento escapa da minha boca, sem que eu possa controlar. A vergonha que esse assunto me causa, e o amontoado de lembranças ruins, chega a me causar dor no estômago.

— Pedro... — peço, mas ele balança a cabeça, se negando a deixar o assunto de lado.

— Eu tenho ouvido falar esse nome desde que cheguei, Eve. Me deixa entender, por favor.

Suspiro, rendida. Meus olhos desviam dos seus, e os aperto, com força, antes de dizer a ele o que quer saber.

— Emanuel é meu irmão — explico, a contragosto. — Responsável por tudo de ruim que passamos.

— E onde ele vive?

— No inferno — meu pai rosna, nervoso. A raiva ali na beira, oscilando entre o medo que ele ainda sente. — A última vez que o vimos, foi quando fugi para cá.

Estremeço, me lembrando daquela noite infernal. Os pedidos do meu pai implorando para que ele não me tocasse. Que não judiasse de mim, enquanto tinha seu corpo moído de pancadas. Eu posso ouvir, ainda hoje, cada gemido. *“Eu faço o que você quiser, só não a machuque.”*

Também posso ouvir cada ameaça, e não sei dizer qual delas me atormenta mais.

— Não tem notícias dele, então? — Pedro pergunta, e meu pai nega.

— Ele me odeia, e eu não tenho dúvidas que deve nos procurar, querendo terminar o que começou. — Seu olhar fica perdido, olhando para um ponto fixo na parede, como se visse em sua frente, novamente, tudo o que aconteceu.

O incêndio que ele provocou, matando nossa mãe.

O telefonema que papai deu à polícia, entregando Emanuel quando soube que ele tinha incendiado nossa casa, visando um seguro ou alguma coisa do tipo.

Os gritos do meu irmão quando foi levado, jurando se vingar.

Seco uma lágrima, que escorre teimosa, e continuo ouvindo meu pai contando a um Pedro estático e chocado a história de nossa vida.

— Meu filho tinha quinze anos, rapaz. — Sua voz sai trêmula, e a decepção que o corrói ainda é nítida, não só em sua voz como em sua expressão. — Imagina como ficou a minha cabeça, sabendo que meu filho, meu primogênito, ainda adolescente causou a morte da própria mãe, por

causa de dinheiro e sequer sentia remorso por isso?

— Meu Deus... — Pedro murmura, boquiaberto.

— Liguei *pra* polícia — diz, entredentes. — Eu precisava proteger a Eve, ela era somente uma garotinha, era o meu anjo, tudo o que tinha me restado. E eles o mantiveram preso por três anos, até atingir a maioridade.

— Foi por isso que mudaram para cá? — ele pergunta, e fica sem resposta por um tempo. Papai sempre *quebra* ao se lembrar disso e eu também. O medo que eu sinto parece me paralisar, o ar chega a me faltar ao lembrar aquela noite.

— Eu tentei — ele diz, em um tom tão dolorido que eu me levanto somente para dar a volta na mesa e me sentar no chão ao lado dele. Sinto sua mão passando pela minha cabeça, acariciando meu cabelo como costumava fazer quando estávamos perdidos por aí, tentando achar um caminho. — Reconstruí a nossa casa, não tão bonita ou tão grande como era. Não teve seguro nenhum, felizmente, então foi tudo feito de pouquinho.

Como um filme, a imagem da casa sendo reconstruída passa diante de meus olhos. As máquinas tirando os destroços. Alguns homens ajudando papai a erguer poucas paredes, que ficaram com os tijolos aparentes por um bom tempo. Tudo muito simples e precário, um quarto e cozinha, o banheiro do lado de fora. Papai dizia que um dia ele juntaria o bastante e nos mudaríamos de lá em definitivo, morando em um lugar melhor e sem tantas lembranças.

— Ficamos três anos vivendo lá. — Ouço papai dizer, em tom de lamento. — Até que Emanuel atingiu a maioridade e recebeu a liberdade.

É como uma represa se partindo. As lembranças, todas, vindas como enxurrada, varrendo tudo pela frente. Ver meu irmão na porta de casa com uma sacolinha de supermercado, contendo sabe-se o que dentro dela. O sorriso disfarçado, parecendo sentir saudade. Eu não entendia muito, era apenas uma menina, e corri para o seu abraço. Abri a porta de casa, e o deixei entrar. Disse que estava feliz que ele, finalmente, estava de volta.

Abraço as pernas e passo a chorar alto. Me culpando por ter aberto aquele portão, por ter dito que ele era bem-vindo.

— Não chora, Ratinha. — Pedro me toma nos braços, apertando com força. Mas eu não consigo parar.

Sempre tento não me lembrar, porque a reação é sempre a mesma. De desespero, de culpa, de raiva. Raiva de tudo e de todos, principalmente de mim.

— Quando cheguei à noite, ele me esperava. — Estremeço, como se ainda pudesse ver a expressão de meu irmão parado no meio da sala, rindo maníaco ao receber nosso pai. — Fiquei surpreso, não tinha recebido nenhuma notificação de que ele seria liberto, mas não posso culpar a ninguém, já que por três anos eu fiz de conta que ele não existia.

— Não tinha ninguém acompanhando o caso? — Pedro pergunta, ainda me mantendo cativa em seu abraço.

— Não tinha dinheiro *pra* isso. — Papai ri, e ergo o rosto, olhando para ele. Incrível como ele parece ter envelhecido ainda mais nesses minutos, somente por se lembrar disso tudo.

Não que ele tenha esquecido, mas os fantasmas ditos em voz alta parecem ainda mais assustadores.

Talvez seja por isso que as pessoas se calam. Temos medo de falar e dar voz aos nossos fantasmas. O problema todo é que se o fantasma não toma corpo, não temos como liquidá-lo e ele permanece por anos nos sugando. É assim que estamos: sugados pelas lembranças, que ainda nos assusta.

— Ele queria me matar — papai diz, finalmente.

Conforme ele conta os acontecimentos daquela noite, sinto Pedro reagir. Ora sua garganta faz um movimento, engolindo saliva a seco. Ora seu corpo retesa, tenso. Ou ele solta alguma exclamação, indignado. Desacreditado.

Emanuel passou a noite inteira surrando meu pai. O que fazia meu pai não gritar, e com isso chamar a atenção dos vizinhos, eram as ameaças.

“Um pio, e eu mato sua filha.”

— Foi minha culpa — eu murmuro, e sinto quando meu pai segura minha mão, com força.

— Você era uma menina, Eve. Onze anos, como pode se culpar?

— Eu deveria ter sido mais esperta — murmuro.

— Você era uma criança, Ratinha — Pedro diz, com carinho. — Não pode se culpar por algo que estava fora do seu entendimento. — Suspirando fundo, ele se dirige novamente ao meu pai: — E onde está esse animal, hoje em dia?

— Não sabemos — respondo, me afastando. Limpando o rosto, ainda envergonhada, desviando o olhar.

Odiaria ver pena ou julgamento nos olhos dele.

Levanto e sigo até a geladeira, onde pego uma garrafa de água. Uma mania que eu tenho, de deixar a minha garrafinha favorita na porta, me

esperando, quando eu estiver com sede.

E uma forma de disfarçar e poder olhar para Pedro, enquanto ele ainda conversa com meu pai. Não contava que ele estaria com os olhos cravados em mim, me analisando.

— Nós vamos embora, Eve — papai declara, cortando o clima que tinha se instalado.

— Claro, papai. Vamos quando, hoje? — respondo, cínica. — Talvez possamos ir correndo atrás do ônibus, em direção ao Nordeste? Porque, até onde eu lembro, eles não aceitam “*por favor*” e um sorriso como parte de pagamento.

Claro que ele sabe que eu estou, indiretamente, mencionando o dinheiro que tinha “sumido”, mas não diz nada.

— Não podemos ficar aqui. Ele sabe...

— Seu Ernesto, preste atenção — Pedro o puxa pelo braço, chamando a sua atenção —, eu não acho que esse Emanuel saiba de nada. O que aconteceu aqui é que Carlos é um canalha ordinário, que sabe o seu ponto fraco e decidiu usá-lo a seu favor.

— O Carlos? — Como se tivesse ouvido uma grande bobagem, papai ri, balançando a cabeça.

— Foi ele quem agrediu a sua filha, seu Ernesto. — Um riso seco escapa de seus lábios, e eu posso ver seus olhos faiscarem. — Essa conversinha de querer proteger vocês, foi feita *pra* boi dormir.

Ouvir isso surte um efeito contrário ao que eu esperava. Imaginei que meu pai fosse ficar nervoso, mas que nos ouviria e que, principalmente, entendesse que Carlos não era seu amigo como ele imaginava. Mas, não foi o que aconteceu.

Irritado, ele sai em um rompante, dizendo que somos malucos por colocar esse tipo de acusação contra quem sempre o ajudou.

Fico acompanhando seus passos, enquanto ele sai pela porta da frente e desce os degraus, batendo o portão de ferro atrás de si, com tanta força que ele atinge o trinco e volta, sem controle. Acompanho, estática no lugar, o movimento do portão acertando a pequena parede lateral e voltando, em um vai e vem constante até parar. E assim que o movimento cessa, eu grito. Alto, tão alto que sinto que minhas cordas vocais vão dissolver:

— Eu não aguento *maaaaaaaaais!*

Pedro

O grito de Evangeline parece partir meu coração ao meio. Eu imaginava que sua história fosse dolorosa, mas nem por um segundo pensei que houvesse tanta tragédia envolvida.

Tento trazê-la novamente para os meus braços, porém, desta vez ela se debate. Furiosa, sim, mas tenho certeza de que também está decepcionada com a reação de seu pai. Eu, ao menos, estou. Como pode confiar naquele cara?

— Me deixa, Pedro, por favor — ela esbraveja, quando eu a toco mais uma vez, me empurrando para longe dela. — Vá embora. Sua semana aqui acabou.

— Não desconte em mim! — Me irrita. Que culpa eu tenho nessa porra? — Não tenho nada a ver com essa merda, estou tentando ajudar!

— Eu não pedi a sua ajuda!

Ouvi-la gritar isso acaba despertando em mim uma fúria contida. Cansado de ser o saco de pancadas dos outros, eu não respondo nada, apenas faço o mesmo caminho que seu pai fez minutos antes, saindo sem olhar para trás.

Em outros tempos, eu faria diferente. Esperaria a sua raiva abrandar, tentaria me aproximar, daria carinho. E *tomaria no cu*, porque é isso o que acontece com gente trouxa. Entro no meu carro, estacionado em frente à casa simples onde ela vive, e ainda posso ver a vizinha fofoqueira pendurada no muro, observando o movimento.

A vontade que eu tenho é de colocar a cabeça para fora e mandá-la cuidar da própria vida, mas quem sou eu para fazer isso, aliás? Ninguém.

Acelero o carro e em minutos estaciono em frente à pousada, tão perto é sua casa do trabalho. Dona Matilde está na recepção, passo por ela sem lhe dar atenção e ainda a ouço perguntar se está tudo bem. Sei que ela deve estar preocupada pelo que aconteceu aqui mais cedo. Ela que ligue para Evangeline, e se informe direto na fonte.

Eu cansei.

Bato a porta do quarto e puxo a camiseta por cima da cabeça, a jogando em cima de uma cadeira localizada no canto do quarto. Está mesmo na hora de eu voltar para casa, esta semana aqui foi uma péssima ideia.

Da janela do quarto, eu tenho uma visão clara da lanchonete, onde posso ver seu Ernesto gesticulando, conversando com o patrão de Evangeline. Com certeza, esse boca aberta está falando sobre a vida deles, suas desventuras, dando ainda mais motivos para aquele marginal se

embrenhar na sua casa.

Soco a parede à minha frente, irritado demais. Meu estômago parece ter uma fornalha dentro dele, e meu peito se aperta ao pensar naquele canalha visitando Evangeline. Se sentindo confortável o bastante para agredi-la, já que seu pai confia nele. Já que a *merda* da cidade inteira parece o colocar em um pedestal.

Como podem? Está escrito naquela cara de marginal que ele não presta e, ainda assim, só porque tem uma certa importância na cidade — empresário, grandes merdas —, o tratam como ilibado.

Não é da sua conta, Pedro!

Cerro os punhos, querendo muito arrebentar aquela cara de malandro. Tirar aquele sorriso frouxo da sua cara, e mostrar a ele como se trata uma mulher.

Vá embora, Pedro. Não se mete mais nesse assunto!

Tentando dar ouvidos à minha voz interior, essa mesma que não cala a *porra* da boca, me livro do restante da roupa que estou vestindo e sigo para o chuveiro. Querendo ir embora desta cidade o mais rápido que puder.

Tudo parece pequeno demais aqui. As paredes se inclinam, deixando o ambiente minúsculo, apertado. O ar chega a ficar rarefeito, e eu abro o pequeno vitrô à minha frente, torcendo para que a sensação melhore, mas é inútil. Não consigo me acalmar.

— Trouxa, babacão. Isso o que você é — repito, enquanto sinto a água morna cair em meu rosto.

Encosto a testa no azulejo à minha frente, e puxo o ar com força, como costumo fazer às vezes. Isso deveria me acalmar, mas acaba tendo efeito contrário. Passo a querer torcer mais pescoços do que o normal, o rosto deles aparecendo em minha mente como se fosse um stand de tiro ao alvo.

Carlos.

Antônio, o patrão *pau no cu* de Evangeline, que concordou com a minha proposta e depois veio me procurar, mudando de ideia, querendo dinheiro. Canalha safado.

Carlos de novo.

Seu Ernesto, que não consegue enxergar um palmo diante do nariz se não estiver dentro de um copo de birita. Como pôde deixar sua filha nas mãos de um sujeito como aquele? Como pôde virar as costas para ela hoje?

Eu ainda vou quebrar a cara do Carlos antes de ir embora.

Ouçõ batidas na porta, e faço de conta que não estou ouvindo. Não

quero falar com dona Matilde, não quero ouvir suas fofocas e nem sua risada frouxa. Desligo o chuveiro e me enrolo rapidamente com a toalha na cintura, mal me secando, e volto para o quarto, somente para ouvir que a pessoa insistente não parou de bater.

— Daqui a pouco eu desço, dona Matilde! — digo, um pouco mais alto que o necessário.

— Sou eu, Pedro — Evangeline responde, em um tom baixo, envergonhado talvez, como aliás deveria estar mesmo.

E eu sei que eu devia mandá-la embora, arrumar a minha bolsa e partir de uma vez, fugindo de confusão. Mas antes que meu cérebro dê o comando ao meu corpo, estou caminhando para a porta e abrindo-a, em um rompante.

— Fala.

Eu estou puto, claro. Mas também gostei de ver Eve parada na porta, principalmente com seus olhos gulosos percorrendo meu corpo, acompanhando as gotículas de água escorrendo. A deixei livre para descaradamente me olhar dos pés à cabeça, antes de arranhar a garganta, chamando sua atenção.

— De-desculpa — ela gagueja —, eu não queria incomodar, Pedro. Mas eu fui muito injusta, descontei toda a minha raiva em cima de você e não deveria ter feito isso.

As palavras saem atropeladas. Talvez ela pensou que eu não daria chance de falar tudo o que precisava, e levando em conta a minha expressão mal-humorada, eu não posso culpá-la por pensar assim.

— E veio pedir desculpas — completo, e ela balança a cabeça, confirmando. — Está desculpada.

— Não estou. — Ela sorri, sem humor. — Posso conhecer você há pouco tempo, Pedro, mas já aprendi a saber quando você é sincero.

— Ah, já? — provoco, soltando a porta e cruzando os braços, em um claro deboche. — E pode me dizer como?

— Seus olhos não escondem nada — responde, com doçura. — E, no momento, eles estão bem putos comigo.

Sua frase me desarma, assim como seu tom de voz. Mesmo tendo ficado chateado, não consigo ignorar todo o inferno que ela tem vivido nos últimos dias. Nem quero ignorar, na verdade, acho que ter a certeza de que ela ainda pode sofrer nas mãos daquele canalha é o que me deixa ainda mais nervoso.

Eu já engoli tanto sapo nesta vida, que um a mais não vai me deixar mais gordo. Afastando o corpo, dou-lhe passagem para entrar e a primeira coisa que ela nota, ao entrar em meu quarto, é a mala bagunçada, jogada em um canto qualquer do chão.

— Não tive tempo de arrumar ainda — justifico, fechando a porta atrás de mim. — Fique à vontade, eu preciso me trocar. — Passo por ela, indo em direção ao pequeno banheiro, sem nem levar em conta que não tenho nenhuma troca de roupa limpa no lugar.

— Eu preciso te falar uma coisa, Pedro. — Sinto sua mão segurando meu braço e paro no lugar, me virando em sua direção. Ela mordisca os lábios, antes de continuar: — Eu não tenho muitos amigos aqui, como você já deve ter percebido. E muito disso é por conta dessa história que você ouviu hoje.

— As pessoas se afastam ao ouvir? — Ela confirma, os olhos vagando para fora da janela, vendo o pai que ainda conversa na porta da lanchonete.

— Ele diz tanto que um dia meu irmão vai nos achar, que as pessoas acham, por bem, nos manter fora do círculo de amizades, como garantia. Não somos maltratados — ela se apressa em dizer —, mas também não somos chamados para a ceia de Natal.

— Essas pessoas são injustas, mesquinhas.

— É uma cidade pequena — ela justifica. — Talvez em uma cidade maior, isso tudo fosse diferente. Ou não, poderia ser ainda pior, aumentado pelo número de pessoas. Não tem como saber.

— Eu nunca vou me conformar com esse comportamento, Eve. Em que as pessoas pensam que o sofrimento do outro não lhe diz respeito, ou simplesmente escolhem o lado mais poderoso para defender.

A raiva que sinto dele ainda é latente, e meu tom de voz deve ter denunciado isso, porque ela me olha, por cima do ombro, enquanto eu pareço uma ridícula estátua grega parada no meio do quarto, de braços cruzados, somente de toalha.

Ela dá até um sorrisinho tímido, ao notar isso.

— Obrigada por ter ficado lá hoje comigo, Pedro. — Ela encolhe um pouco o ombro, parecendo sem jeito. — Eu posso ser uma grossa sem educação, mas eu não vou me esquecer disso. Nunca.

— Não por isso.

Trocamos um olhar, cheio de significado.

— Então você não é mineira — afirmo, e ela desvia o rosto para o lado, sorrindo de forma tímida.

— Nasci em Curitiba, mas moro aqui há tanto tempo que, como pôde notar, sou bilíngue.

— Tem saudade? — pergunto.

— *Anem* — nega, tentando fazer graça, mas noto pelo seu olhar que esse é um assunto que a incomoda.

Balanço a cabeça, sem saber muito o que dizer. Em meu íntimo, eu sei que meus dias aqui já acabaram, mas essa despedida iminente acaba se tornando muito difícil.

Como se soubesse que não vou dizer nada, ela se aproxima ainda mais.

— Ainda está chateado comigo? — Seu tom de voz é doce, e eu nego, me sentindo enredado.

— Não. — Seu cabelo está preso em um coque bagunçado e alguns fios escaparam. Os capturo, enrolando com suavidade em meus dedos, brincando com eles. — Eu ainda estou furioso com várias pessoas nesta cidade, mas você não é uma delas.

Sinto seu olhar passeando pelo meu corpo, e isso acaba me deixando aceso. É aquela coisa: depois da raiva, vem o tesão e não é algo que eu possa controlar. Toda decisão racional, ainda que movida pela raiva, que eu tinha tomado antes, acaba caindo por terra a partir do momento que meus olhos pousam em sua boca.

Ao notar sua língua passando lentamente por seus lábios, eu não consigo pensar em mais nada. Só tenho uma certeza: esta mulher vai ser a minha perdição.



Evangeline

Eu pensei que tinha estragado tudo, quando vi Pedro indo porta afora sem sequer olhar para trás. Senti meu peito comprimir, e o ar faltar ao ouvi-lo dar partida no carro e sair, sem pestanejar. Queria bancar a orgulhosa, cheguei até a ficar ofendida por ele ter saído, afinal de contas, era a *minha* vida que estava de cabeça para baixo.

Mas não consegui. Não depois de repassar os últimos dias, o cuidado com que ele lidou comigo, com meu pai, sem nenhum tipo de obrigação. De repente o olhar magoado que ele me lançou, antes de virar as costas e ir embora, me incomodou demais. Não queria que essa fosse a última lembrança entre nós.

Eu sabia que ele iria embora, mas não queria que fosse brigado comigo. Triste, magoado.

Não.

Fechei a porta e corri até a pousada, torcendo para ele ter ido até lá. Foi um alívio ao ver o seu carro estacionado na porta.

Matilde não entendeu nada quando me viu passando, feito um raio, correndo escadaria acima. Do corredor eu podia ouvir o barulho do chuveiro, e impacientemente eu batia na porta, só querendo vê-lo novamente. Precisava me desculpar.

Esperava encontrar sua mala em cima da cama, já com seus pertences dentro.

Esperava que ele sequer abrisse a porta para mim. Mas, que se o fizesse, esperava que fosse grosseiro como a minha falta de educação merecia.

O que eu não esperava, de forma alguma, era que ele me recebesse somente de toalha. Eu mal conseguia organizar meus pensamentos o vendo molhado e enrolado em um pedaço de pano branco. Porque, sim, a toalha

parecia mais uma minissaia.

Ele é tão gentil que não me chutou daqui, como eu esperava. Me deixou explicar e, tão logo eu comecei, essa química maluca que temos entrou em ação. Ele começa a mexer em alguns fios do meu cabelo e eu nunca pensei que podíamos sentir coisas pelo cabelo, mas é exatamente a sensação que eu tenho neste momento. Como se eu sentisse a carícia que ele está fazendo nos fios, sem sequer tocar em minha pele.

Posso sentir sua respiração pesada quando seus olhos fixam em meus lábios. É involuntário, minha boca seca e eu passo a língua por sobre meus lábios. Como se meu corpo estivesse sedento somente por olhar para ele.

Seus olhos brilham com intensidade, me devorando. Sinto sua mão abandonando meu cabelo e passando por cima do meu ombro, fazendo uma linha por minha coluna. Quando ela para em minha lombar, ele me puxa para perto de si, e eu pouso minhas mãos em seu peitoral, sentindo sua pele ferver.

Seu coração parece um cavalo desgovernado apostando corrida contra um galgo, tão rápidas são as suas pulsações. E o meu não está diferente, a não ser quando ele encosta os lábios próximos aos meus, dizendo em tom rouco:

— A sua boca me enlouquece.

Nesse ponto, meu coração falha várias batidas.

— Estamos aqui para servi-lo, senhor — respondo, baixinho, e ainda consigo ouvir uma risadinha baixa antes que ele tome posse da minha boca.

Nossos lábios se chocam, e eu ofego, os abrindo e é o suficiente para que ele deslize sua língua entre eles, soltando um gemido enquanto o faz.

O beijo não começa lento, mas acaba ainda mais urgente. Pedro coloca a mão em meu pescoço, o polegar mantendo meu queixo erguido ao mesmo tempo que seus dedos longos se embrenham entre os cabelos da minha nuca. A outra mão me deixando ainda mais próxima dele, me fazendo sentir a sua ereção pulsando por baixo da toalha.

Eu sinto o seu beijo em cada partícula do meu corpo, o ansiando por inteiro.

Solto um gemido ao lembrar que ele está nu por baixo do ridículo pedaço de pano.

— Isso é uma grande maluquice, não acha? — Afasto o rosto, para observá-lo. Sentindo meu estômago retorcer com a intensidade do seu olhar.

— Eu não nasci para ser são. — Ele desliza o nariz por minha pele, fazendo um tortuoso caminho até o cantinho atrás da minha orelha. — Então, não me importo com isso.

— Se levar em conta que um pouco de loucura faz bem... — Suspiro, quando ele toma o lóbulo da minha orelha entre os dentes.

Posso ouvi-lo ronronar, satisfeito com minha frase.

— Eu quero você de novo, Eve — ele me surpreende, falando contra meus lábios, os olhos fixos nos meus. — Na cama, sob mim, chamando o meu nome.

Eu devo ter feito algum movimento de concordância, que não me lembro. Concordo, claro, concordo com tudo, só estou mexida demais para expor isso em palavras. Suas mãos vão até minhas coxas, as puxando para cima e, sem pestanejar, eu as entrelaço em sua cintura, firme.

Eu ainda estou vestindo o mesmo short de lycra curto e a blusinha de malha que coloquei quando cheguei em casa. O tecido de ambos, apesar de fino, parece queimar sobre a minha pele. Como se ao invés de malha fina, fosse a mais grossa lã, pesando sobre mim.

Assim que sinto meu corpo encostando no colchão, levo as mãos à barra da blusinha, a tirando com rapidez. Eu tenho pressa, muita pressa em ter esse homem dentro de mim novamente.

Deixo minha mão escorregar por seu abdômen trincado, buscando pela toalha sobrevivente que, a essa hora, já se encontra em algum lugar no chão do quarto. O encaro, sentindo o volume rígido ser pressionado no meio das minhas pernas, e ofego, ansiosa.

— Pedro... — murmuro, ofegante, um turbilhão de coisas passando por minha cabeça em um átimo de segundos, sendo engolidos pelo desejo insano que estou sentindo nesse instante.

— Gostosa. — Com habilidade, ele retira meu short junto com a calcinha que deve estar arruinada. — Eu quero chupar você, como se fosse a fruta mais doce de Minas Gerais.

— Isso foi um tanto brega. — Sorrio, sentindo o ar faltar quando ele passa a língua pelo interior de minha coxa.

— Eu sou um sujeito brega, o que eu posso fazer?

— Pode me beijar de novo.

Um sorriso de canto desponta, travesso. Erguendo o corpo, ele flutua sobre mim, a ponta do nariz passando pelo bico dos meus seios. Posso sentir o ar quente de sua respiração sobre a minha pele, me fazendo arrepiar.

Estremeço com a espera, ansiosa por seu toque.

Quando ele passa a ponta da língua em um dos bicos, eu arqueio o corpo.

— Gosta assim? — Seu tom de voz rouco é quase como uma segunda carícia erótica. Balanço a cabeça apenas e ele ergue a sobrancelha, me pedindo para usar palavras.

— Gosto, Pedro.

— E o que mais você gosta? — Mais uma vez ele passa a ponta da língua, mas agora no outro bico, e assopra na sequência.

— Você quer ficar conversando?

— Gosto do som da sua voz — responde, subindo ainda mais o corpo, seu rosto se alinhando ao meu. — Fala pra mim, Ratinha, o que mais você gosta?

Mordo o lábio, em um misto de vergonha e excitação. Nunca tive que responder esse tipo de coisa antes, mas confesso que me encanta esse jeito fofo safado que Pedro tem.

— Gosto quando você apalpa os meus seios — respondo, em um tom mais baixo, e vejo seus olhos cintilarem.

Apoiado em um dos cotovelos, ele leva a outra mão até um dos seios, o segurando por baixo e o aperta, com cuidado. Os olhos fixos em meu rosto, observando minhas reações.

— Assim? — pergunta, e eu balanço a cabeça. — E o que mais?

— Quando coloca sua boca nele — digo, já me arqueando, ansiosa demais.

Sua boca volta à minha pele, lambendo um mamilo, contornando a auréola, enquanto esfrega o outro com a ponta dos dedos. Roçando a barba curta sobre ele, me deixando ainda mais acesa.

Baixo os olhos, para observar o que ele faz. Meus olhos cruzam com os seus, e vejo quando dá um sorriso zombeteiro segundos antes de abocanhar meu seio e, literalmente, mamar nele.

— AH! Meu Deus! — grito, um pouco pela surpresa e muito pelo têsão absurdo que sinto.

Pedro alterna entre ambos os seios, apertando, mamando, mordiscando a pele. E eu passo a empurrar meu quadril contra ele, me sentindo latejar. Ri baixinho quando nota que estou impaciente, exigindo sua atenção à *outra* parte do meu corpo.

— Quer que eu continue aqui, Ratinha? — Balanço a cabeça, e ergo novamente o quadril. — Quero ouvir, me diz.

— Pedro... — gemo, quase implorando.

— Se não falar, eu vou continuar aqui. — Ele passa a língua mais

uma vez no bico, e eu faço o que ele quer, para ganhar o que eu quero.

— ME CHUPA, PEDRO!

Ele solta uma risada rouca, satisfeita.

Seus dedos passam a trilhar um caminho em meu corpo, descendo pelas costelas, fazendo a curva da cintura, chegando ao osso do quadril. Sua boca segue a mesma trilha, passo a passo, o corpo se arrastando de leve, até estar entre minhas pernas.

Sinto quando suas mãos se embrenham por baixo de minhas coxas, as segurando mais abertas. Ansiosa, ergo meu tronco, me apoiando nos braços. Meu peito sobe e desce, por conta da respiração descompassada e nosso olhar se encontra.

Ele me olha como se me desafiasse. Como se me desvendasse. Como se me devorasse inteira.

— Por favor... — murmuro, e não preciso pedir de novo.

Sua boca me toma de assalto, sua língua mergulhando dentro de mim, me devorando. Sem piedade sinto seus dedos me invadirem, em um movimento de vai e vem enquanto sua língua se apossa do meu nervo, que pulsa em desespero.

O prazer que sinto é tão grande, que deixo o corpo cair novamente no colchão, jogando a cabeça para trás. Sinto os seios pesados, e acabo levando as mãos a eles, apertando os bicos entre meus dedos.

Isso parece ter mexido demais com Pedro porque, depois de um rosnar abafado, ele passa a se dedicar ainda mais. Lambendo toda a extensão de uma forma um tanto pecaminosa antes de fechar os lábios em meu clitóris, sugando com afinco.

Estremeço, me contorcendo ao sentir um arrepio rasgando pela minha espinha. Levo a mão até seus cabelos, indecisa entre mantê-lo ali ou puxá-lo para mim. Eu o quero em toda parte, preciso senti-lo por todo o meu corpo.

Gemo, um lamento alto e logo o sinto novamente cobrindo meu corpo com o seu. Os olhos, sempre em um tom bonito, azul esverdeado, estão escuros. As pálpebras pesadas e os lábios entreabertos o deixam tão bonito, mas de uma forma diferente. Devassa.

Sem pensar muito no que faço, circundo sua cintura com minhas pernas, pressionado suas nádegas com o calcanhar. Entorpecido, ele me beija e posso sentir meu gosto, e é tão erótico que apenas grito quando o sinto arremeter para dentro de mim.

Ele grita junto comigo. Grita meu nome.

Eu deveria estar pensando alguma coisa coerente neste momento, mas foco no movimento ritmado de vai-e-vem do seu corpo, escorregando sobre o meu já banhado em suor. Ele se afasta, e arremete de novo. E de novo. Outra vez. Mais rápido, mais forte. Sinto meu interior contraindo ao seu redor, e entrelaço meus dedos em seus cabelos quando ele afunda o rosto na curva do meu pescoço.

É insano. E delicioso.

— Oh, meu Deus! — exclamo, quando a pressão parece ser demais para suportar.

— Goza comigo, Ratinha.

Me perco entre as emoções, o pensamento nublado por um orgasmo potente. Grito seu nome, como ele disse que eu o faria, o sentindo pulsar dentro de mim.

Pedro cai em cima de mim, e o enlaço pelo pescoço. Ele se joga ao meu lado, levando meu corpo junto com ele, nos mantendo abraçados enquanto nossa respiração volta ao normal.

— *Putá merda!* — Sinto suas mãos se embrenharem em meus cabelos, segurando minha nuca, virando meu rosto em sua direção. — Não usei proteção, Eve!

Meus olhos duplicam de tamanho, pois eu também não pensei nisso. Fico muda por um instante, sem saber o que responder.

— Eu fiz exame há pouco tempo — ele justifica —, mas, mesmo assim, foi um vacilo meu. Desculpa.

— Eu também não lembrei e — balanço a cabeça, tentando ser prática — eu tomo remédio.

Pedro apenas anui, antes de sorrir. Um brilho malicioso perpassa seus olhos.

— Sentir você sem proteção foi bem gostoso.

— Deixa de ser safado, Pedro! — Dou um tapa em seu braço, e ele ri, afundando o rosto em meu pescoço.

Me sinto preenchida por uma sensação gostosa demais, de pertencimento. Sem levar nada mais em conta, apenas esse homem gostoso me olhando como se aqui fosse o seu lugar.

Talvez isso seja um erro, mas os nossos maiores erros cometemos quando estamos de guarda baixa. E a minha, nessa hora, está totalmente desarmada.

Pedro

Eu fiquei chocado quando recobrei a noção, e vi que tinha esquecido a camisinha. Isso nunca tinha acontecido antes, mas eu estava tão maluco por ela que sequer pensei. Não sei exatamente o que me levou a isso, talvez me sentir um desbravador de seu corpo tenha me tirado um pouco a noção. Porque era isso o que eu estava fazendo, desbravando seu corpo.

Eve não é nenhuma menina inocente, mas em se tratando de sua intimidade, ela parece ainda ter muito o que descobrir. Ver em seu rosto o misto de vergonha e devassidão me tirou do sério, e eu acabei não pensando em nada prático ou seguro, apenas queria entrar nela, o mais fundo que eu conseguisse.

A sensação foi tão incrível que, se eu pudesse, não teria mais saído dali. Ficaria encaixado em sua boceta deliciosa para o resto dos meus dias.

A falta de camisinha não foi empecilho para fazê-la gozar mais duas vezes, uma em minha boca e outra em meu pau, rebolando lindamente sentada em cima de mim. Na segunda vez eu decidi ser um pouco mais esperto, fazendo o que eu já queria ter feito antes: esporrando em seus seios lindos.

— Eu não quero mais sair deste quarto — digo, manhoso, a trazendo novamente para o meu colo.

Já estamos vestidos, depois de um belo banho, e ela me convidou para jantar em sua casa.

— Você não tem medo de ficar assado? — pergunta, e eu caio na gargalhada quando vejo que ela está falando sério.

— Assou aí, Ratinha?

— Aqui não, mas... — As bochechas ganham um tom adorável de vermelho, ao mesmo tempo que eu ganho um tapa no braço. — Para, Pedro!

— Você é linda. — Capturo seu lábio inferior com meus dentes, o puxando com cuidado. Eve me dá um selinho, levantando-se em um salto.

— Vamos, ainda preciso cozinhar. Senão fica muito tarde.

— Falamos de assado, agora de cozido. Está com fome mesmo, hein?

Eve me olha, por cima do ombro, com uma expressão encantadora que pode ser lida como “*para de falar merda!*”. Me apresso para segui-la, quando vejo que ela já abriu a porta e quando a alcanço, eu a enlaço pela cintura, por trás, andando encaixado com ela pelo corredor, e descendo as escadas. Rindo, feito dois colegiais.

Já estamos chegando à recepção quando ouço Matilde falar:

— Pronto, aí está ele.

Meu mundo parece parar de girar quando vejo Paula parada na recepção, de braços cruzados, nos olhando com uma expressão nada amigável.

— O que diabos você está fazendo aqui? — pergunto, depois de o que parece ter sido uma eternidade.

— Conhece o ditado, não? “Maomé não vai até a montanha...”

— Como me achou? — pergunto, ao sentir o corpo de Eve enrijecer ao meu toque.

— Ora, você passou a semana inteira dizendo onde estava. Foi bem fácil. — Dá de ombros. — Não vai me apresentar?

Não quero apresentá-las. Na verdade, eu não a quero aqui, ou que chegue perto de Eve nem de ninguém que eu gosto.

— Meu nome é Evangeline — ela se adianta, esticando a mão para a mulher.

— Você tem um rosto bonito, Evangeline. — O sorriso falso não consegue esconder a falta de simpatia. — E parece me lembrar de alguém, só não sei quem seria.

— Eve, essa é a Paula — digo, a contragosto. — Ela tem uma editora, fiz algumas fotos para uma das revistas dela.

— Fotos e coisinhas a mais... — ela completa, encarando Evangeline, sorrindo ao perceber que a mensagem foi recebida com sucesso.

Com um movimento sutil de ombros, Eve se livra do meu toque, dando um passo à frente.

— Bem, eu preciso ir para casa agora, foi um prazer conhecer você. Até segunda, Matilde. — Sem me olhar, ela apenas vira o rosto em minha direção, por cima do ombro — Boa viagem, Pedro.

Preciso dizer que Evangeline é boa em escapulidas. Pela segunda vez no dia me pego correndo atrás dela, ao vê-la descendo as escadas e alcançando a rua em uma velocidade que faria inveja a Usain Bolt.

— Espera, Eve! Eu vou com você.

O olhar que ela me dá é uma mistura de mágoa com ódio.

— Não, Pedro. Você tem visitas.

— Por que está fugindo? — Me aproximo, a segurando pela cintura. — Você tira suas conclusões e sequer me deixa explicar.

— E por que explicaria? — Ela tenta se desvencilhar, e a puxo mais uma vez.

— Porque não quero que brigue comigo por nada.

Tento achar um jeito de mostrar a ela que arrumar confusão aqui na porta é dar munição à Paula. Mas talvez a minha forma de demonstrar não tenha sido a melhor, porque Eve ergue o queixo, parecendo pronta a me socar.

— Por nada. — Ela sorri, irônica. — Aquela mulher ali dentro talvez pense diferente.

— Aquela mulher ali dentro tem uns probleminhas de percepção distorcida.

— A dela pode ser distorcida, Pedro, mas a minha não é. — Mais uma vez ela se afasta, desta vez esticando os braços, como uma barreira segura entre nós. — Eu sabia desde o começo que a sua vida real logo te chamaria de volta.

— Ela não faz parte da minha vida real.

Ela suspira, e os olhos marejam.

— E nem eu.

— Eve... — peço, sem nem mesmo ter ideia do que estou prestes a pedir.

Eu só quero mesmo que ela não crie caso, que fôssemos até sua casa, que nossa noite fosse boa, como a tarde inteira foi.

Mas ela tem outros planos.

— Vamos ser sinceros e honestos aqui, Pedro? — Cruza os braços e me encara, decidida. — O que tivemos durante a semana foi uma aventura. Deliciosa, mas com data para acabar e sabíamos disso.

Balanço a cabeça, negando. Ainda que saiba que ela tem razão, eu nego.

— Você não faz parte de Rio Verde — ela diz, e percebo quando sua voz falha. — E eu não quero me iludir pensando o contrário.

— Mas você não precisa me chutar por causa disso — insisto, caprichando no meu melhor olhar de pedinte.

Eu vejo quando ela vacila. Os dentes dão uma fisgadinha no lábio inferior e ela desvia os olhos dos meus por um instante. Pensando se deveria me dar mesmo uma chance.

Me pergunto por que eu quero essa chance? Ela está certa, afinal. Eu não vivo aqui em Rio Verde e nem tenho intenção de fazer isso. Uma cidade desse tamanho, como eu sobreviveria aqui? Aliás, por que eu estou pensando nisso, sequer cogitando essa possibilidade?

Eu sou um cara do mundo, não faz sentido. E ela sabe.

O problema é que pensar nela, pensar em não a ver mais me dá um aperto no peito.

Pensar em deixá-la sozinha aqui me causa dor de estômago.

Pensar naquele marginal tocando nela me deixa com ódio, e não sou um sujeito propenso a sentir ódio.

Eu sou pacífico, até demais. Chego a ser burro.

Não sei o que está acontecendo. Estou confuso, atrapalhado, perdido.

— Pedro, estou esperando você para conversar! — A voz de Paula soa irritadiça, mais alta do que deveria, atrás de nós.

Put a que pariu! Mas que porra!

Fecho os olhos, xingando em pensamento. Não respondo, sequer olho para trás. Mas Eve o faz e se ela tinha um resquício de dúvida, agora eu só vejo determinação em seus olhos.

— Se não for embora muito tarde, passe em casa — ela diz, com firmeza. — Vou gostar de me despedir, apesar de entender caso não vá.

— Espera...

— Tchau, Pedro — ela corta —, foi uma ótima semana, apesar de tudo.

Eu ainda a chamo, mas ela não olha para trás, marchando com passos firmes em direção à sua casa. Fico acompanhando, com vontade de sair correndo atrás dela, a jogar por sobre meu ombro e trancá-la em seu quarto, só saindo de lá pela manhã.

E então eu percebo que ela está realmente mexendo com a minha cabeça. Quando foi que eu pensei nessas merdas antes?

Quando passo pela porta da pousada, Paula continua parada na recepção. Não tinha prestado atenção nela, mas agora noto a pequena mala ao seu lado e a roupa que veste, totalmente inapropriada para uma viagem dessas. Um terninho em tom creme, um par de saltos bem altos, os óculos escuros no topo da cabeça, prendendo os cabelos. Bem maquiada, perfumada.

Deslocada.

— Você não conhece limites, Paula.

— E você sabe disso. — Ela sorri, apontando em minha direção.

— O que veio fazer aqui?

— Quer mesmo ter essa conversa aqui na recepção? — Meus olhos desviam para o balcão, onde dona Matilde tenta parecer casualmente desatenta, e falha miseravelmente.

Mas eu também não quero ter essa conversa em meu quarto. Por mais ridículo que pareça, não quero que Eve saiba que levei outra mulher para o lugar onde passamos nossas últimas horas.

Ridículo, mas o que posso fazer?

— Como chegou aqui?

— Dirigindo. Era a única forma, não?

A seguro pelo braço e saio, trazendo-a comigo, em direção à rua. Vejo seu carro estacionado na praça e sigo com ela, que esbraveja e tenta se soltar, sem me importar que estejamos chamando atenção.

Minha vida parece ter virado de cabeça para baixo!

— Abra a porta.

— Me machucou, Pedro! — reclama, alisando o braço onde segurei.
— Eu não quero conversar aqui.

— *Foda-se!* — Meu tom de voz sai alguns tons mais altos, o que faz com que ela se cale. — Abra essa *porra* e vamos conversar de uma vez. Não me tente, Paula, porque a minha paciência para as suas loucuras acabou.

Espero-a destravar a porta e se sentar no banco do passageiro. Tomo a chave de sua mão, tentando evitar gracinhas que possam me custar o meu réu-primário, porque esse eu ando querendo gastar com outra pessoa.

Até isso Paula tenta atrapalhar, é impressionante!

Olho ao redor, tentando me acalmar. Observando o carro dela por dentro, um modelo sedan importado que grita “eu sou rica” por onde quer que você olhe. Banco de couro, embutido, e um aromatizante pendurado no espelho retrovisor, tipo aqueles “*little trees*”, onde se lê a *brilhante* frase: “Eu posso!”.

Eu também posso matar um hoje, não vai demorar muito.

Aciono o botão da janela, abaixando o vidro automático, não suportando dividir o mesmo ambiente que essa mulher por muito mais tempo.

— Pode começar. — Cruzo os braços e me viro em sua direção. Paula parece vacilar ao ver que eu estou, realmente, irritado.

— Temos um acordo, Pedro. Nós...

— *Porra* nenhuma! — interrompo. — Não temos *merda* de acordo algum. O que temos é a sua inabilidade em ouvir não, querendo ser sempre a dona da razão e da última palavra.

— Ou isso. — Ela sorri, comprando a briga. — Eu deixei claro desde o início, Pedro, que quem termina sou *eu*. Quando *eu* quero. Você vai voltar para São Paulo comigo, e não tem discussão.

Esfrego o rosto, com as mãos espalmadas, impaciente. E puto comigo mesmo, afinal de contas, não estaríamos nessa situação se eu tivesse me controlado de início. Se não tivesse cedido à sua insistência ou sua chantagem.

— Você vai me deixar em paz, ou eu vou atrás de uma ordem de restrição contra você. — Ergo o dedo, falando pausadamente. Debochada, Paula passa a analisar as unhas, esticando os dedos à sua frente e eu tento manter a calma. — Eu nunca quis fazer isso porque contava com o seu bom senso, mas vejo que isso deve ter caído da sua mala em algum ponto entre o Brasil e a Europa.

— Vai agora? — Ela não cansa de provocar. — Eu pensaria duas vezes, a não ser que você não ligue muito para a cadela ciumenta com quem você estava há pouco.

Semicerro os olhos em sua direção, sem entender. Isso a faz rir alto.

— Sobre o que está falando?

— Esta cidade é pequena, Pedro. Com pessoas gentis o bastante para contar tudo o que queremos saber. — Ela pausa, me analisando, parecendo adorar cada segundo. — Enquanto vocês estavam dando escândalo no quarto, alto o suficiente para que ouvíssemos aqui da rua, algumas vizinhas scandalizadas me contavam toda a vida da sua *cafelinha*.

Olho em volta, podendo ver nos portões uma ou outra — ou duas ao mesmo tempo — pessoa cochichando enquanto nos observam. Montando em sua cabeça toda uma história, sem se importar se seria ou não verdade.

— Não se meta com ela.

— Então não banque o esperto. — Ela aumenta o tom, para dar um sorriso em seguida. — Encontrei você, posso encontrar o irmão sumido dela, e o direcionar diretamente para cá.

Paula percebe que seu argumento é forte o bastante, porque me fez vacilar. Ela me dá aquele sorriso vencedor, de quem mais uma vez saiu na frente nesta batalha, enquanto minha mente fica tentando arrumar uma forma de me livrar dessa mulher sem prejudicar ninguém.

Assassinato seria uma boa. Ainda mais aqui, no meio do nada, com um rio enorme a poucos quilômetros.

Não seja idiota, Pedro!

Preciso pensar. Estou rodeado de pessoas que podem me ajudar, meu melhor amigo é advogado, conhecemos mil policiais, não é possível que nenhum deles não me ajude com essa bela *merda* em que eu me meti.

Mas, independentemente de qualquer coisa, não posso deixá-la prejudicar Evangeline.



Evangeline

Manter os passos firmes enquanto eu desço a rua, até chegar em casa, não é um trabalho muito fácil. Eu sinto minhas pernas vacilarem o tempo todo, os joelhos querendo dobrar, moles e incertos. Mas eu não posso, essa não sou eu.

Também não posso conter a esperança de fechar a porta atrás de mim e ouvir o som de batidas, e ao abrir a porta ver Pedro com aquele ar de moleque teimoso dizendo que ele não vai a canto algum.

Ele já tinha feito isso antes. Mais de uma vez.

Mas não agora. Desta vez ele não apareceu.

Fechar a porta atrás de mim me traz de volta à minha realidade, aquela em que eu trabalho o dia inteiro e, à noite, me entrego à minha solidão de sempre.

Chega a ser cruel. As pessoas não deveriam poder experimentar um *cadinho* que seja de felicidade, porque viver sem ela depois pode ser mais difícil do que aparenta.

Após o jantar, o meu pai tenta conversar comigo sobre algumas coisas que ouviu enquanto eu estava na pousada. Não lhe dou ouvidos. Deixo claro que ele terá que se tratar, de uma vez por todas, porque eu estou cansada. Cansada de receber porrada. Cansada de perder tudo.

Viro as costas e vou para a varanda, sentar-me em meu canto preferido. Canto este que, mais uma vez, é palco de lembranças. A minha casa inteira agora está cheia delas, para onde eu olho parece que posso ver aquele sorriso bonito, aquele olhar gentil e aquele perfume gostoso a me perseguir.

Como as coisas podem ter acontecido tão rápido? De repente eu estava secando a lanchonete e agora já me pego suspirando pelos cantos, com

saudade dele. Querendo vê-lo novamente.

Será que ele vai aparecer aqui? Não quero perder a oportunidade de vê-lo uma última vez.

Talvez essa não seja uma boa ideia. Ele estaria com ela, não tenho dúvida.

Quem é essa mulher?

Rosana, a vizinha da esquerda, disse que a mulher andou fazendo perguntas. Queria saber quem eu era, e há quanto tempo me relacionava com Pedro. Se apresentou como namorada de longa data, e talvez seja mesmo. Não fosse isso, ele teria a mandado pastar.

Teria vindo me procurar.

Mas eu queria mesmo que ele viesse? Por que esse desejo insano de querer manter algo que eu sei que não vai durar? Era uma relação com data de validade e deveria ser mantida dessa forma.

O problema é que eu me deixei envolver. Por uma semana eu tive do meu lado um homem companheiro, que me enxergou, cuidou de mim, prestou atenção nas coisas que eu dizia — ou até mesmo nas que não dizia. Me protegeu, foi amigo e ainda me deu orgasmos.

Quão injusto é esperar por algo a vida inteira, e não poder ficar com ele quando encontra?

Olho, mais uma vez, para meu celular simples, sentindo vontade de jogá-lo no meio da rua. Quis manter o aparelho perto, imaginando que ele me ligaria em algum momento. Claro que isso não aconteceu.

— Eve — papai me chama, cauteloso —, está muito tarde, filha. Entra, vá dormir.

— Me deixa aqui quietinha, pai — respondo, sem me virar.

— Não é prudente ficar sentada aqui fora.

— Está preocupado comigo agora, senhor Ernesto? — digo, um pouco mais cínica do que pretendia.

Não, talvez esse fosse o *exato* tom que eu pretendia usar.

— Você pode não acreditar, anjo, mas eu me preocupo com você.

O tom que ele usa me faz, finalmente, me virar em sua direção. Papai parece mais acabado que o normal. Imaginei que, por conta de tudo o que passamos mais cedo, ele beberia novamente. Que essa seria apenas mais uma noite infernal tomando conta dele, enquanto ele choraria por minha mãe e me pediria desculpas.

Não foi assim. Ele saiu, batendo o portão atrás de si. Ficou na porta da

La Verdense conversando por um bom tempo com seu Antônio. Voltou para casa e ficou me esperando, e está aqui, desde então, me rodeando.

Cuidando.

— Aquilo que ouviu mais cedo, pai — testo o assunto, com cautela —, sobre o Carlos...

— É verdade, não? — ele pergunta, e eu confirmo. — Laninha disse que eu era um estúpido por ter duvidado. Deveria ter me contado que ele era um grosseiro, filha.

— Acreditaria, papai? — desafio. — Não fossem as marcas em meu pescoço?

— Não sei. Mas ao menos eu saberia. E então não teria dado ouvidos a ele.

Ele completa a frase em um tom mais baixo.

— Gastou todo o dinheiro? — pergunto, e ele suspira alto. Envergonhado.

— Eu acabei pagando bebida para todo mundo que estava no bar do seu Joca.

Fecho os olhos, sentindo uma raiva estrondosa. Não do meu pai, não. Apesar de também ficar brava com ele, eu sei que ele é doente. E que o vício o leva a fazer coisas que não faria em outras situações. Mas sinto muita raiva das outras pessoas, as que não tem nenhum vício e, ainda assim, se aproveitam da situação. Como seu Joca e o Carlos.

— Eu vou repor, filha. Prometo que vou.

Não respondo. Seria somente mais uma promessa vazia, e eu aprendi há muito tempo a não acreditar nas promessas do meu pai. Talvez já ciente disso, ele se aproxima, fazendo um carinho em meu cabelo. Não saberia se por sentir muito ou se por me achar uma boba.

— Vamos entrar, anjo. — Balanço a cabeça, os olhos fixos no céu nublado.

— Eu não estou bem, papai. — Me viro, buscando seu olhar, querendo que ele entenda, de uma vez por todas, o que se passa dentro de mim. — Ficar em meu quarto está me dando falta de ar.

Não é mentira. São lembranças recentes demais, e eu preciso esquecer.

Ele ainda abre os lábios, para argumentar, mas desiste em seguida. No entanto, me surpreende ao sentar-se do outro lado da varanda, na mesma posição em que eu estou. Com os braços apoiados nos joelhos, ele passa a

olhar a rua, tal qual eu estava fazendo antes, trocando de vez em quando um olhar comigo.

Passamos um bom tempo assim, em um silêncio confortável, vendo a hora passar até que ele, exausto, se despede e vai dormir. Me sinto aliviada. Eu preciso colocar meus pensamentos em ordem, mas com meu pai sentado ao meu lado, ainda que em completo silêncio, estava difícil.

A minha vontade é sumir desta cidade, para sempre. Talvez buscar uma outra cidade em Minas, não tão pequena, ou até mesmo seguir para o Rio de Janeiro, em um lugar em que papai possa se tratar e eu consiga nos manter com um emprego apenas.

Mas como? Sequer temos agora dinheiro para passagem. Na verdade, não temos dinheiro algum e, por sorte, a nossa casa é própria e isso nos livra de pagar aluguel.

Não gosto nem de pensar o que seria de nós caso fosse o contrário.

Por volta da meia-noite, vejo quando Carlos passa de carro em frente de casa. Ele sequer disfarça que faz de propósito. A velocidade baixa, me encarando, é praticamente um desafio. Até que ele para, com o motor ainda ligado, e abre um sorriso.

Posso até ouvir a sua voz nojenta me dizendo com seu humor peculiar: *Me entreguem, ninguém irá acreditar, mesmo.*

Que raiva. Se eu pudesse, se tivesse forças, eu desceria as escadas e arranharia a cara dele inteira. Foram tantos anos lidando com seu gênio, e com o que hoje eu enxergo sendo uma manipulação barata para me ter sempre a seu dispor.

Entre tudo o que aconteceu aqui durante esta semana, ao menos posso levar uma coisa boa comigo: Carlos nunca mais vai me ter.

Irritada, me levanto, tendo o cuidado de manter meus olhos fixos nos dele. E faço questão de entrar e bater a porta, com força.

Nunca mais.



Acordo sobressaltada com o barulho de uma pancada na porta da cozinha. Parece que alguém está tentando derrubá-la, e isso me apavora. Levanto em um salto, calçando rapidamente as sandálias de borracha e abro a porta, notando que já amanheceu.

Quem estaria tentando arrombar a minha casa em plena luz do dia?

Outro barulho, e consigo ouvir a voz do meu pai, gritando:

— Cuidado!

Meu Deus, o que está acontecendo?

Ao chegar à varanda, posso ver o tumulto se formando em frente de casa. Curiosos, de pescoço espichado, tentando enxergar alguma coisa acontecendo nos fundos.

— Papai! — Corro, sem sequer me preocupar de ainda estar vestindo pijama.

Eu esperava qualquer coisa, menos a cena à minha frente. Pedro segura Carlos pelo pescoço com uma das mãos, enquanto a outra acerta seu rosto, sem piedade.

— Pedro! — Tento passar, mas meu pai me impede.

— Não chegue perto, anjo. Deixa que ele resolve.

— O que está acontecendo aqui? — grito. — Pedro, você vai matar ele!

Ele não ouve. Fora de si, apenas solta um monte de palavrões, enquanto Carlos se engasga, amolecendo.

Para azar de Carlos, Pedro é bem mais alto e muito mais forte. Já seria ruim, mas combinado com a raiva que ele parece estar sentindo, é muito pior. Os músculos do braço que ele mantém estendido, segurando Carlos para impedir que desabe no chão, estão bem aparentes. O outro braço, cuja mão está fechada em punho, desce mais duas vezes, atingindo o rosto já ensanguentado, e eu posso ouvir um barulho, como se fosse algo se partindo.

Não posso permitir isso. Pedro vai acabar com sua vida.

Com um impulso, consigo me livrar do meu pai, e me aproximo, segurando o braço estendido. Ele parece sequer sentir.

— Pedro, para, por favor — peço, assim que vejo sua mão se erguer mais uma vez. — Por favor, Pê.

Quando ele vacila, eu passo por baixo do seu braço, o segurando pela cintura. Totalmente imprudente, eu sei, mas me parece a coisa mais sensata a ser feita nesta situação.

— Eve... — seu rosto está transtornado. Furioso, parecendo até outra pessoa. Me encaixo em seu corpo, o apertando com força, afundando o rosto em seu peito. Ouvindo seu coração bater descontrolado, enquanto ele se treme por inteiro.

Meu coração também está acelerado, e eu só quero tirá-lo daqui. Ergo minha mão, a ponta dos dedos dedilhando seu rosto, tentando trazê-lo de volta.

— Por favor, por mim.

Isso parece tê-lo despertado. Posso sentir Carlos desabar no chão atrás de mim, segundos antes de Pedro me envolver em um abraço apertado.

— Me perdoa — ele pede, me segurando com tanta força que meus pés mal alcançam o chão.

Pedro

Eu sabia que um dia eu perderia o controle. E tinha certeza de que, quando esse dia chegasse, não seria bonito ou agradável de se ver. Quando eu era moleque, busquei o esporte por várias vezes como forma de controlar a raiva que eu tinha. Descontava nos aparelhos ou na luta, tudo quanto era sentimento negativo que tomava conta de mim.

As coisas melhoraram um pouco quando eu encontrei a minha mãe. Talvez por saber que não era somente um rejeitado, por receber dela todo o carinho do mundo, as minhas crises foram diminuindo. Aos poucos, eu passei a não precisar mais fingir que era um bom rapaz, passei a ser mesmo o cara boa praça que todo mundo via por fora.

Fiquei tão controlado, que passei a ser um idiota, saco de pancada dos outros. Paciente até a última curva, tentando resolver tudo na base da conversa, como um maldito Dalai-lama.

Mas isso acabou hoje. Na verdade, eu já vinha sentindo a raiva emergindo nos últimos dias, como um alerta silencioso. Aquele aperto no peito, que parecia me cegar por instantes, ao mesmo tempo que minha mão cerrava em punho, como se essa fosse a única forma de aliviar o que eu estava sentindo.

Não preguei os olhos a noite inteira. Me debatendo na cama entre a vontade de correr até a casa de Evangeline, ou fazer o que seria certo e deixar a menina em paz. O tempo todo a minha consciência tentando me dizer que era melhor assim, que ela já tinha muito com o que se preocupar. E enquanto minha consciência me falava *merda*, meu corpo parecia chamar pelo dela. Ansiava o seu toque, o seu cheiro, o seu gosto.

Me levantei mais cedo, tentando não encontrar com Paula. A minha vontade era entrar em meu carro e partir direto para São Paulo, mas como fazer isso e deixar aquela maluca para trás? Sua ameaça ainda reverberava em mim, e eu temia muito que ela se unisse a Carlos, somente visando prejudicar a menina.

Não podia fazer isso, não sem antes me certificar de que ela estaria

segura. Precisava procurar esse tal Emanuel, e ter a certeza de que ele não a importunaria.

Arrumei as minhas malas, acertei minha conta na pousada, sendo o mais sucinto possível com dona Matilde e sua curiosidade. E, depois de colocar minhas malas no carro, decidi descer a pé mesmo e falar com Eve. Contando os passos, buscando as palavras certas e a coragem para me despedir.

Ao chegar em frente à sua casa, ouço vozes na lateral. Estico o pescoço, curioso, quando reconheço a voz de seu Ernesto, parecendo nervoso.

— Eu não vou deixar você tocar nela novamente.

— Você não tem que deixar, velhote — o ouço dizer, e aqui eu digo que a minha raiva está apenas no início da fervura. — Já sabemos como você funciona, sei que se vende por qualquer copo de pinga.

— Você me enganou, Carlos! — ele diz, um pouco mais alto. — Você não vale nada!

— Acho bom parar de reclamar, velhote. — Ouço um grunhido, o suficiente para me fazer sair do lugar. De jeito algum eu vou deixá-lo encostar as mãos no velho.

A coisa é muito pior do que eu pensava, no entanto. Carlos mantém seu Ernesto preso pelo pescoço, e o pobre homem já está ficando roxo. E, enquanto isso, ele diz no ouvido do homem que Eve é dele, e de mais ninguém.

A minha raiva está borbulhante. Eu posso sentir o sangue ferver, conforme aquela coisa potente parece tomar conta de mim. Eu me sinto um vulcão prestes a entrar em erupção, vendo tudo vermelho em minha frente.

— Bater em alguém do seu tamanho você não quer, não é?

Não reconheço a minha voz, que saiu mais controlada do que eu esperava. Fria, calculada. E ele também não esperava me ver por ali, talvez pensou que eu partiria direto da pousada. Talvez pensou que eu já tivesse partido.

Teatral, ele solta o pescoço de seu Ernesto, que tosse, afagando o local.

— Ora, ora, ora. Mas que...

A minha raiva se revolve, e se espalha. Eu sequer penso no que faço. O pegando de surpresa, dou um soco tão violento em sua cara que ele voa para trás, o corpo batendo na porta atrás de si. Seu nariz sangra de imediato, e

ele apruma o corpo, me olhando com raiva contida. Mas não dou a ele tempo de se recuperar, o seguro pelo pescoço, igual ele tinha feito com seu Ernesto, e o arrasto pela parede.

— Cuidado! — seu Ernesto grita, e vejo um brilho em sua mão. Um canivete, que ele tirou do bolso e se prepara para abrir e enfiar em mim.

Não há tempo, eu fecho a mão e o soco novamente, com o dobro da força, e ouço o barulho do objeto cair no chão. Foi como estourar uma represa. Imagino-o cercando Eve na pousada, apertando seu pescoço como tinha feito com o pai dela, carregando no bolso um canivete, sabe-se lá o que poderia ter feito.

— Você — soco seu rosto — nunca mais — acerto seu estômago — vai chegar perto — outro soco — da Eve, entendeu? — Aperto seu pescoço, com força. — NUNCA MAIS, ou eu mato você!

Rosno, perto do seu rosto, e o soco de novo. O mantenho preso, minha mão forçando seu corpo na parede, enquanto com a outra só penso em arrebentá-lo ao meio.

— Desgraçado! *Filho da puta!* Maldito! — Cada palavra que sai é um soco que ele recebe. Não tenho pena ao ouvi-lo gemer, eu só quero acabar com ele. Socar sua cara até ela se desprender do pescoço e eu ter a certeza de que ele nunca mais chegará perto deles.

De repente, em meio à minha ira, eu pareço ouvir a voz de Eve.

Eu não sei se ela realmente está aqui, ou se é obra do meu subconsciente. A raiva ainda borbulha, eu ainda estou vendo tudo vermelho, sentindo meu peito angustiado demais.

Parecia ouvir sua voz me pedindo *pra* parar, mas eu não quero parar. Eu quero garantir que esse sujeito nunca mais chegará perto dela. Não quero mais ver aquele olhar assustado em seu rosto.

Então sinto seus braços me envolvendo, me apertando com força. Acariciando meu rosto, me trazendo de volta.

Me pedindo para parar. Por ela.

Foi como se tudo clareasse novamente e eu só a visse, somente ela, à minha frente. Solto Carlos e enlaço Eve em meus braços, a apertando com força. Tentando buscar meu controle novamente, que custei tanto a conseguir.

— Me perdoa.

— Se acalma, *tá* tudo bem. Por favor, se acalma — ela repete, chorosa.

Um burburinho começa a se formar atrás de nós. Reconheço alguns

vizinhos, que entraram para ver o que estava acontecendo. Seu Ernesto passa a explicar o ocorrido e, só então, eu fico sabendo o que realmente tinha se passado ali.

Carlos tinha passado a noite toda vigiando a janela de Evangeline, talvez pensando que eu apareceria durante à noite. Como um maníaco, ele declarava posse dela, usando do argumento de “*não é minha, não será de ninguém.*” Quando confrontado pelo pai dela, resolveu agir com violência, da forma como sabia.

Não contava que eu estava bem ali, vendo o que ele fazia.

— Se ele der *parte* na polícia, você pode se dar mal, alemão. — Tadeu, que trabalha junto de Eve, me segura pelo ombro, chamando minha atenção.

— *Foda-se* — esbravejo. — Se ele for esperto, não vai dar queixa de nada. Afinal de contas, o telhado dele é de vidro, e ele não é inocente aqui.

— Perdeu toda a sua razão quando partiu para a violência, rapaz. — É o patrão de Eve quem retruca, e eu sinto a raiva voltando novamente.

— Quer falar mesmo sobre ter ou não razão, *seu Antonio*? — digo seu nome com um tom sarcástico, que o faz empalidecer.

— Tadeu, tire Carlos daqui — Eve pede ao amigo, enquanto me guia para fora do corredor. — Vamos entrar, Pedro, por favor. Chega disso.

— Só avise ele — digo, olhando diretamente para o patrão de Evangeline — que de playboy, eu não tenho nada. E eu posso não estar aqui presente, mas tenho gente de olho, e se ele chegar perto, um milímetro que seja, de Evangeline ou do pai dela, não vai ser um canivete de bosta que vai livrar a cara dele, não.

É mentira, não tenho ninguém. Mas ele não precisa saber disso.

— Chega, Pê, vem comigo. Por favor.

Passo pelas pessoas, as ouvindo murmurar, espantadas. Tenho vontade de gritar com todas elas que, por anos, viram esse canalha se embrenhando, coagindo ou se aproveitando dessa família, sem falar nada. Elas não têm o direito de, agora, ficarem assustadas. Não têm o direito de julgar.

Me jogo no sofá da sala, sentindo minha cabeça explodir, agora que a adrenalina parece baixar. Exausto, e um pouco envergonhado, eu finalmente olho para Evangeline, que está parada na minha frente, muito séria.

— Você podia ter acabado com a sua vida, se tivesse matado aquele desgraçado.

Dou de ombros.

— Ao menos, eu saberia que você não teria problemas com ele outra vez.

Ela balança a cabeça e sai, indo até a cozinha. Não demora muito está de volta, trazendo algo consigo. Se ajoelha em minha frente e, quando segura a minha mão, eu consigo ver o estrago que fiz. Os nós dos dedos completamente inchados, machucados, um ou outro em carne viva.

Fecho e abro a mão, deveria estar dolorido, mas eu ainda não os sinto.

— Fica quieto, me deixa cuidar ou isso aqui vai doer até o mês que vem.

Eve passa um pano úmido, com cuidado, limpando os machucados e, em seguida, coloca uma bolsinha de gelo improvisada sobre eles.

Ela também parece exausta, sentada no chão sobre os joelhos. A atenção fixa no que está fazendo, sem erguer os olhos. Meu peito aperta quando vejo que seu queixo treme e ela suspira fundo, segurando o choro.

— Não chora, Ratinha. Eu sinto muito, não queria provocar esse furdunço todo. — A puxo com cuidado, até tê-la sentada em meu colo.

— Eu fiquei com medo, Pedro. — O choro finalmente vem, e ela se aninha em meu abraço. — Tive medo de você matar o Carlos, e se prejudicar. Medo de você se machucar. Medo de você ter ido embora. Medo de não te ver mais.

— Desculpa. Prometo que não faço mais, eu... — Balanço a cabeça, não querendo prometer algo que não sei se vou cumprir. Porque eu sou mesmo capaz de matá-lo se ele chegar perto dela novamente.

Quando ela me encara, com os lindos olhos cor de chocolate tão cheios de sentimento, eu tenho para mim que esse momento irá me assombrar para sempre.

— Está indo embora, não tá? — Confirmo, capturando com o polegar uma lágrima que escorre assim que o faço. — Por causa daquela mulher?

— Sim, mas não pelos motivos que você pensa. — Ela parece não entender, e então eu explico.

Conto a ela os motivos que me levaram a ir para a Escócia. O tempo que passei por lá e como a minha carreira deslanchou. O fato de Paula ser uma perseguidora maluca, e se achar responsável por meu sucesso. E por ela ter ameaçado procurar Emanuel.

Estava em dúvida sobre contar sobre a ameaça, mas não achei justo que ela ficasse no escuro, afinal de contas, é sobre a vida dela que estamos

falando.

Eve ouve tudo em silêncio. Sentada de lado no meu colo, as pernas esticadas em cima do sofá, ela parece entretida segurando a compressa de gelo nos meus dedos — que passaram a doer *pra caralho*.

Pensei que ela não falaria nada sobre tudo o que ouviu quando, de repente, ela pergunta baixinho:

— Você acha que ela pode encontrá-lo? — Nossos olhos se encontram e eu odeio ver seu semblante assustado.

— Não sei, Ratinha — ergo minha mão, afagando seu rosto —, mas vou achar uma forma de neutralizar essa mulher. Ela é maluca, sem limites e eu não confio nela.

— Eu vou ver você de novo? — ela pergunta, baixinho, e meu coração chega a falhar uma batida.

Eu poderia dar uma resposta simples. Mas eu não sei o que dizer.

Sim. Não. Não sei. Talvez.

Qualquer uma dessas respostas seria correta no momento.

Eu quero vê-la de novo.

Mas não quero enredá-la no meio da minha bagunça.

Não sei se nós nos veremos novamente.

Talvez eu volte antes mesmo do que ela pensa.

Tentando passar a ela tudo o que estou sentindo e que, com palavras, eu não consigo dizer, eu seguro sua nuca e a beijo. Com tudo o que eu tenho, me derramando inteiro.

Sem querer me despedir. Sem querer me soltar dela.

Sem querer que esse dia termine, porque o amanhã já não nos pertence.

25



Jordie

Ouço um leve bater na porta e desvio os olhos do monitor, para ver Cecília parada na porta trazendo Lincoln pela mão. Ele parece exausto, porque os olhos estão caidinhos e ele anda até arrastando os pés.

— Nossa, mas que preguiça! — Afasto a cadeira para trás e abro os braços para recebê-lo.

— *Tô com sono, tia Jordie.*

Sorrio, e o aconchego em meu colo, me apoiando no encosto da cadeira para que ele fique mais confortável.

— Hoje foi muito ruim? — pergunto, e ele sequer responde, apenas balança a cabeça.

— Eles sempre fazem drama. — Cecília coloca a mochila dele em cima da mesa, e sai, nos deixando sozinhos.

Hoje completam dez dias desde que ofereci a bolsa para Lincoln e, apesar do enorme cansaço no final do dia, ele vem tendo um excelente desempenho. Fiquei muito orgulhosa quando vi que ele, mesmo tendo um ensino defasado comparado com os coleguinhas de sala, consegue acompanhá-los perfeitamente. Um pequeno gênio.

É um tanto puxado para eles, como já sabíamos de início, porque Murilo precisa sair bem mais cedo para deixá-lo aqui, e seguir para o trabalho. Consegui também, de forma sutil, afastar a babá do capeta porque, agora, quando seu pai está de plantão, é comigo que ele fica.

Passo o dedo em seu rostinho, sorrindo ao ver que ele realmente “capotou” deitado aqui. Geralmente ele consegue esperar chegar em casa, e tira uma soneca até seu pai aparecer para pegá-lo, mas hoje está realmente cansado, o bichinho.

— Mas que visão peculiar! — Salto na cadeira de susto ao ouvir a voz de Babi na porta.

— *Put a que pariu, tá querendo me matar do coração?*

— Desculpa, Jô — diz, sorrindo. — É que realmente foi diferente te ver aqui tão absorta com o menino no colo.

Indico com um movimento de cabeça a cadeira para que ela se sente. Era a sua antiga mesa, e vê-la aqui nesta sala novamente me causa um certo déjà-vu.

— Desembucha, Babi.

— Credo — ela coloca a mão no peito, teatral —, até parece que eu não sou uma pessoa amigável e só apareço quando preciso de alguma coisa.

Não respondo, mantendo o olhar, e ela ri. As pessoas pensam que não as conheço, impressionante.

— Eu estava aqui por perto mesmo, não vim somente para isso — ela começa se explicando, e só por isso eu sei que vem bomba por aí —, mas eu queria saber se você e o Pê andaram brigando novamente.

Junto as sobrancelhas, confusa.

— Nunca mais eu vi o Pedro!

— Jura?! — ela exclama. — Que estranho.

— Por quê? O que o Pedro tem?

— Eu não sei — Balança a cabeça, e apoia o rosto na mão, me observando. — Ele está bem estranho depois que voltou de viagem, eu pensei que tinha algo a ver com você.

Me chateia saber que tudo de ruim que acontece na vida do Pedro, as pessoas automaticamente acham que é por minha culpa. E também me chateia saber que eu não sou mais a melhor amiga dele.

— Eu nem sabia que ele estava de volta.

— Anda ocupada, né? — Ela sorri, cúmplice.

Eu nem tento negar. Apenas dou de ombros.

— Fui eu quem sugeri deixar Lincoln em casa — explico. — E não posso fazer isso e deixá-lo aos cuidados de meus pais. — Sorrio, lembrando os dois malucos que tenho em casa. — Apesar de ter certeza que eles não se importariam.

Ela tem aquele olhar de quem enxerga mais do que eu quero dizer, e é bem irritante.

— Fiquei surpresa em saber que você e Murilo estão namorando.

— Não estamos — me apresso em desmentir. — Somos amigos e eu somente quis facilitar a vida do Lincoln.

Eu não digo isso olhando para ela, porque eu já não sinto mais tanta

firmeza quando afirmo. Claro que não temos nenhum tipo de compromisso formal, mas eu ando apegada demais aos dois. Mais do que o meu bom senso deveria permitir.

— Jordie, eu sei que você vive sob o lema “antes solteira do que mal acompanhada”, o mundo já sabe disso. — Seu tom de voz amistoso me faz prestar atenção no que ela tem a dizer. — Mas eu vi vocês dois juntos. E a impressão que eu tive, ninguém me disse. Eu vi.

— Que impressão?

— Você pode me chamar de boba romântica, se quiser — inicia, cautelosa. — Você sabe que eu cheguei a torcer por você e Pedro, achava que tinha alguma coisa rolando por trás e — suspira —, bem, tinha mesmo. Equivocado, atrapalhado, mas tinha.

— Nem me lembre disso, Babi. — Levanto a mão, pedindo para ela parar. — Já fiz as pazes com ele, não quero brigar de novo.

Sorrio, indicando que estou brincando. Uma brincadeira com fundo de verdade, nunca mais na vida quero brigar com o Pedro.

— O ponto é: você e Murilo tem uma energia fluando entre vocês que qualquer um pode perceber.

— Nada a ver... — desdenho, e ela ri.

— Gael notou, Jordie.

Ela parece se divertir com minha reação. Fico estática, olhando para ela, aguardando a hora em que ela vai dizer que está brincando, mas ela somente confirma, erguendo a sobrancelha.

— Ele disse alguma coisa? — insisto, querendo saber mais.

— Disse que achava engraçado as duas pessoas mais anticasamento que ele conhece estarem *apaixonadinhos*.

— Não estamos *apaixonadinhos*. — Tento disfarçar, arrumando algumas coisas espalhadas em cima da mesa. — Que besteira.

— Não? — pergunta, e eu balanço a cabeça, negando. — Então, me explica por que você só falta flutuar quando ele está por perto? Por que o garoto, que até então tinha uma babá, fica na sua casa até tarde? Dorme na sua cama quando Murilo está de plantão e, por Deus Jordie — bate com as mãos em suas pernas, impaciente —, nem o Bruno dormiu na sua cama!

— Bruno não dorme em minha cama porque não dá nem tempo de oferecer — justifico. — Vá dizer ao *babbo* dele que ele vai dormir em qualquer canto que não na cama dos avós, para você ver! — falo, um pouco mais alto que o necessário, e Lincoln se mexe em meu colo, querendo

despertar. O aconchego um pouco mais, alisando seu cabelo, até que ele suspira um pouco mais fundo, retomando o sono.

Quando olho para Babi, ela tem o maior sorriso do universo no rosto. Torço os lábios, impaciente. Não é possível que ela vai ficar me perturbando com esse assunto!

— Você gosta dele de um jeito diferente.

— Eu *trepo* com ele, Babi — falo, com a voz um pouco mais baixa, para que Lincoln não ouça, mesmo sabendo que ele está dormindo.

— Eu falava do menino. — Ela ri, como se tivesse agora em posse de um grande segredo, e me sinto estúpida por ter me entregado com tanta facilidade. — Mas é bom saber que está colocando essa coisa aí *pra* jogo, e evitando a criação de teias de aranha.

Faço uma careta, mas não fico exatamente brava com ela. Eu evito esse tipo de conversa porque acaba sempre da mesma forma, com julgamentos e conselhos indesejados, mas aprendi que Babi é um tipo diferente de pessoa. Desde que ela passou a se envolver com Gael, nunca se meteu onde não era chamada — a não ser quando o assunto é Pedro.

— Como está meu sobrinho número dois? — pergunto, tentando mudar o rumo da conversa.

— Acho que é sobrinha, está bem e, me diga, há quanto tempo anda saindo com Murilo?

Reviro os olhos, e ela continua sorrindo. Alguém precisa controlar esse cupido que mora dentro dela.

— Acabei de te elogiar em pensamento, dizendo que você não se mete onde não é chamada.

— Não estou me metendo, estou sendo amiga. E amigas são curiosas. — Babi se curva, apoiando os braços sobre os joelhos, chamando minha atenção. — Não se preocupe, Jô, não vou fazer tal qual sua mãe e planejar quinze filhos até 2025. Eu tenho noção.

Acabo rindo com o seu comentário porque ela também sofreu pressão da minha mãe por filhos biológicos, ainda que em uma escala menor de cobrança, afinal, ela já tem o Bruno.

— Já faz um tempo — respondo, distraída, enquanto brinco com as molinhas dos cabelos de Lincoln. — Desde que o conheci, na casa da Maria Luiza.

— Mentira que já faz um ano! — ela exclama, alto. — Jordie!

— *Shhhhhh!* — Faço um movimento com a cabeça, mostrando o

menino que dorme em meu braço e ela leva a mão aos lábios, mantendo a expressão surpresa. — Não precisa gritar, sua escandalosa!

— Já faz um ano que você sai com ele? — ela sussurra, e eu acabo rindo. Palhaça.

— A gente se encontrava por aí, e, você sabe, sempre rolava alguma coisa — explico, e sai tão natural, que acabo contando a ela algumas de nossas aventuras, as pegações dentro do carro, e como eu conheci um pouco mais sobre a sua vida depois de bater em seu carro.

Essa passagem, aliás, termina por nos tirar gargalhadas.

— Você está apaixonada — ela declara, e eu a fito, impaciente. O que, claro, não a impede de continuar com aquele ar de sabe tudo. — Okay, Elinor Dashwood⁵, mantenha a sua razão e esqueça a sensibilidade.

— Você é uma ridícula. — Gargalho, ao ouvi-la citar meu livro favorito de Jane Austen.

— Não adianta negar. Os sinais estão claros como água e, além disso, as concessões que você abriu para ele dizem tudo por si.

Meu coração acelera, pois ainda que eu já tenha pensado a respeito, ouvir alguém de fora esfregando as coisas na minha cara é diferente. Engulo a seco, tentando me livrar do bolo que surgiu em minha garganta.

— O que te impede de assumir, Jô? — ela pergunta, talvez notando minha confusão.

Toda a leveza da conversa acaba por pular a janela. O que eu poderia dizer, que eu posso, sim, estar finalmente apegada a alguém de forma romântica, mas que foi logo por alguém que tem ojeriza a relacionamentos?

E, pior, alguém que parece ter o dom da paternidade e que, se um dia mudar de ideia sobre casamentos, vai querer ter mais filhos. E isso eu não vou poder, nem querer, dar a ele.

— Não parece curioso, Babi, que eu acabei enredada em minha própria armadilha? — Sorrio, me levantando e ajeitando Lincoln no colo, pego sua mochila, a minha bolsa e a convido para me seguir em um convite silencioso.

O caminho até minha casa é feito em silêncio. Eu geralmente sigo tagarelando com Lincoln, ou então ouvindo música — passei a ouvir pagode no carro, por causa dele —, mas hoje, como ele está dormindo, apagado na cadeirinha, sigo com todos os meus demônios internos berrando na minha cabeça.

Todas as minhas concessões.

Criança em minha cama. Cadeirinha no carro. Pagode no rádio.

Meu Deus! *Eu sou a versão feminina dos embustes literários que vira um cordeirinho depois que se apaixona.* Gargalho, descontrolada, enquanto faço a curva, já avistando minha casa logo em frente.

E o carro de Pedro estacionado na entrada.

Pisco a lanterna traseira, avisando Babi que vem logo atrás para me seguir e aciono o controle do portão, me dando acesso à garagem de casa. Posso ver o vislumbre da família toda reunida na sala de casa, quando o carro passa em frente a porta lateral.

— Não está achando estranho o silêncio? — Babi comenta, assim que desembarca, me ajudando com as bolsas, enquanto eu solto um já desperto Lincoln do cinto.

— De repente, estão assistindo à televisão — respondo, não acreditando muito em minha própria sugestão.

— *Chegooooou!* — Bruno aparece, correndo e desalinhado, recebendo a mãe com um abraço.

— Não tem uma vez na vida em que você termine o dia sem parecer um indigente, meu filho? — sua mãe ralha com ele, e eu troco um olhar com Lincoln, que é a criança mais comportada que eu já vi.

Já me peguei, inclusive, o livrando de broncas do pai, que causa tremores em nós dois somente ao olhar com aquele ar sisudo.

Credo, que delícia.

— Que tal vocês dois irem brincar, hein? — Bato a porta do carro e os vejo sair correndo, seguindo o caminho que leva ao meu quarto.

— Crianças no quarto de Jordie. — Babi passa por mim, cantarolando, e me fazendo bater a bolsa em sua bunda.

— Palhaça!

A conversa, em tom baixo, cessa quando entramos na sala. E pelo semblante fechado de todos, prevejo problemas. Conheço meu irmão como ninguém e seu olhar fuzilando Pedro, que está sentado no canto, de ombros caídos, não é um bom sinal.

— Boa noite — digo, cautelosa —, tudo bem por aqui?

— Pergunte ao *seu amigo*. — Encaro Gael, que se mantém sério, de braços cruzados, parado em um canto. Só desfazendo a pose quando Babi se aproxima, o enlaçando pela cintura e perguntando qual o problema.

Que ele, claro, não responde.

Não gosto de ver Pedro encurralado dessa forma. Me aproximo,

sentando no braço da poltrona que ele ocupa e tocando em seu ombro.

— O que foi, Pepê? — Trocamos um olhar e ele suspira, se negando a dizer.

— Conta *pra* ela! — Gael provoca, mesmo sob os protestos de minha mãe. — Diz a ela que quase matou um cara em Minas e agora ele está te processando!

Meus olhos poderiam saltar da órbita ao ouvir isso. É mentira, só pode ser.

— É verdade, Pedro? — pergunto, e o olhar que ele me dá diz tudo.

Pedro

Esse tinha tudo para ser meu ano. Era o meu ano de retomada, em que eu finalmente tomaria as rédeas da minha vida. Esqueceria Jordie, abraçaria a minha carreira, assumiria a minha mãe e tudo daria certo.

Então uma tempestade parece ter mudado tudo e, desde que me vi em Rio Verde, a minha já não tão pacata vida parece ter virado de cabeça para baixo.

Me peguei envolvido por alguém, confuso, atrapalhado. Mais uma vez tendo que agir de uma forma que não queria, por regras ditadas por outras pessoas, totalmente contrário ao que eu desejo.

Me vi perdendo o controle, agindo por impulso, movido pela raiva. Por sorte, é uma cidade pequena, onde as pessoas se preocupam mais com as fofocas reais, ou o meu rompante estaria estampado em vídeos pela internet afora.

Felizmente Paula não estava ao redor àquela hora. Com certeza, ela teria filmado, e da mesma forma que diz ter alavancado a minha carreira, pode resolver acabar com ela em minutos. Uma simples postagem em sua rede social e lá se foi a minha imagem de fotógrafo viajante e boa praça.

Até explicar que *focinho de porco não é tomada*, haja tempo. E tempo é uma coisa que eu não tenho.

Tudo isso já vinha se tornando uma bola de neve dentro de mim. Desde que me despedi de Eve e peguei a estrada, ainda tendo vez ou outra o vislumbre do sorriso satisfeito e vitorioso de Paula, que tudo parecia uma grande confusão.

Gael notou. Babi também. Minha mãe, então, sequer preciso dizer. Todos queriam saber o que diabos tinha acontecido comigo nessa viagem, principalmente quando voltei para casa e só fui dar as caras uma semana

depois, coincidentemente quando minha mão desinchou. E apesar disso tudo, eu tinha conseguido manter toda essa merda para mim.

Mas hoje não teve jeito. Não, após receber um oficial de justiça e saber que Carlos me denunciou, e eu preciso comparecer à cidade, com urgência.

Fui obrigado a procurar Gael, e ele enlouqueceu. Novamente me acusando de esconder coisas dele e, nesse ponto, não posso culpá-lo por estar bravo.

Agora me vejo aqui, rodeado por minha segunda família, me sentindo em meio a uma intervenção. Tendo que aturar os rompantes raivosos de Gael, e os olhares decepcionados dos meus padrinhos e de Babi.

A única que parece não me olhar de forma diferente, surpreendentemente, é Jordie.

— O sujeito é um safado — explico. — Agressor de mulher, que gosta de intimidar as pessoas.

— Ele bateu em alguém por lá?

— Encurralou a funcionária da pousada em um quarto escuro. — Ergo a mão, levantando o polegar de forma incisiva. — Invadiu a casa dela, roubou seu dinheiro e deu para o pai dela, que é alcóolatra. Disse a ele que eu estava na cidade a mando de uma pessoa do passado deles, me pintando como um mau caráter. E estava prestes a bater no homem, que tem metade do seu tamanho e é um senhor de idade — sigo enumerando, irritado, tudo o que me fez sair do sério. — Perdi a cabeça, Jordie.

— Perdeu a cabeça e quase matou o cara na porrada! — Gael esbraveja. Tenho vontade de confrontá-lo, afinal de contas, ele não pode reclamar de ninguém quando o assunto é agir por impulso, mas prefiro não jogar mais lenha na fogueira.

— Mas isso tudo que aconteceu foi por causa de uma mesma pessoa? — Jordie pergunta, curiosa, e desvio o olhar.

Não soquei ele porque mexeu com a Eve. Soquei porque ele é um pedaço de bosta que mexeu com a Eve.

— O cara não presta — declaro. — Apanhou por isso.

— Tá — ela diz, depois de um tempo em silêncio. — E o que acontece agora, Gael? Porque ficar aqui berrando na cabeça dele, não vai resolver o problema.

— Amanhã vou me inteirar acerca de todas as acusações — ele explica, mais uma vez, o que já tinha me dito. — Provavelmente vamos ter

que ir até Minas, porque ele tem que responder lá. E torcer para ser apenas uma lesão leve, e nosso fotógrafo bonzinho pagar algumas cestas básicas.

— E ele fica com a ficha suja? — ela pergunta, e eu gemo. Bela forma de gastar meu réu-primário.

— Se tudo for como eu penso, não — Gael diz, calmamente, para incorporar alguma entidade em seguida, aumentando o tom de voz. — Isso não quer dizer que ele pode sair socando as pessoas por aí!

— A gente já entendeu, Gael! — Jordie reclama com ele e, em seguida, segura a minha mão. Apertando junto à sua, em um apoio silencioso que, honestamente, significa muito para mim. Ter o apoio dessas pessoas, que eu considero como minha família, é tudo o que eu quero.

Apesar dos gritos, lágrimas e cara feia, eu sei que posso contar com eles. E família é isso, chutar a sua bunda quando faz merda, nem que seja para trazer gelo depois.

Jantamos ainda tendo o clima um tanto pesado, mesmo sem que ninguém tenha mais tocado no assunto. Distraídos com a bagunça que os meninos estavam fazendo na mesa, e toda a tagarelice envolvida. Para mim, era quase um *flashback* da minha vida, de quando dona Joana me trazia para jantar e nossa barulheira tomava conta da casa. Mal ela sabe que essas foram as melhores horas do meu dia por muito tempo.

Porém eu posso ver que as coisas aqui mudaram bastante e isso é nítido somente passando os olhos pela mesa. Gael e Babi prestes a se casarem e com um bebê a caminho. Dona Joana finalmente livre de toda a amargura e culpa que ela pareceu carregar por anos, agora sorri mais, voltando a mostrar o brilho nos olhos que sempre nos encantou.

Mas a mudança maior vem de Jordie. A garota que fugia desses jantares de família, se trancando no quarto e inventando uma dor diferente por noite para não ter que se submeter a olhares curiosos e perguntas indiscretas, agora está sentada à mesa, cortando o bife no prato para um garotinho que não me é estranho, mas não sei de onde o conheço.

Fico com essa dúvida por um bom tempo, até que não aguento mais e, sentado na sala ao seu lado, enquanto os meninos assistem a um vídeo qualquer no celular, eu decido perguntar:

— De quem é esse menino, Jordie?

Pega de surpresa, ela arruma o corpo no sofá, e leva a mão aos cabelos, colocando uma mecha atrás da orelha, tentando parecer casual.

— É um aluno. Filho do Murilo, amigo do Gael.

Semicerrou os olhos, observando sua reação.

— E ele mora por aqui?

— Não, por isso ele fica aqui em casa, esperando o pai dele.

Os sentimentos por ela podem ter mudado, mas eu ainda conheço essa mulher com a palma da minha mão. E, por causa disso, não senti firmeza alguma nessa conversa de “filho do amigo”. Não, vindo de alguém com zero tato social e, menos ainda, vontade de ser simpática.

A pergunta dança na ponta da língua. Me contenho.

É aquele velho mantra: não faça perguntas se não estiver disposto a dar respostas também.

Trocamos um olhar, sorrimos um para o outro. Ela segura minha mão, e passa o polegar sobre as partes ainda feridas.

— Ela é importante? — Rio, baixinho, porque claro que meu mantra não serviria para ela.

— Por que você acha que seria?

— Você não sairia na porrada por alguém que não valesse a pena, Pedro. — Sorri e pisca para mim.

Inclino a cabeça de lado, me aproximando e deixando um beijo em seu rosto.

— Eu não sei responder isso.

— Não sabe, por quê? — pergunta, interessada.

— Porque foi tudo muito rápido — explico, tentando organizar os sentimentos. — Eu fiquei apenas uma semana por lá, Jordie.

— Uma semana e veja só você. — Ela sorri, e empurra meu corpo com o ombro. — Com cara de cachorro que caiu da mudança, os dedos arrebatados e um processo nas costas.

— Fala baixo, ou seu irmão vai começar a gritar novamente.

Ela ri. Ao menos alguém aqui, além de mim, reconhece o grande dramático que é Gael Prieto.

— Pedro, você não quer fazer umas fotos do Lincoln? — Me viro em imediato, surpreso com o pedido.

— Fotos? Tipo um *book*? — pergunto, e ela confirma. — Faço, eu... — olho para o garoto, sorrindo ao vê-lo gargalhar de barriga para cima no tapete —... faço, claro. Mas não tenho estúdio ainda, você sabe.

— Pode ser ao ar livre, em um parque. O que acha?

— Fechado. Vamos sábado, pode ser?

Jordie confirma, ao mesmo tempo que sua mãe aparece na porta. O

semblante sério, olhando de um para o outro em um questionamento mudo.

— Tudo bem, madrinha? — pergunto, e ela apenas balança a cabeça.

— Murilo está no portão, devo deixá-lo entrar?

— Ué, mas que pergunta, mamãe — ela responde, impaciente.
— Claro!

Cinco minutos. Talvez menos que isso, quando vejo o *tal* Murilo aparecendo na porta. Seu sorriso imenso direcionado à Jordie praticamente some quando me vê sentado no sofá da sala.

Meus dedos sequer melhoraram, não é possível.

26



Murilo

Jogo o celular no banco do carona, depois de ler mais uma das mensagens de Jennifer me acusando de ingratidão, depois de anos me ajudando, fazendo mais por mim e meu filho do que pagaria a miséria que eu destinava a ela no final do mês.

“Quero ver o que vai fazer quando essa patricinha ridícula meter o pé na tua bunda, e você precisar mendigar novamente para alguém tomar conta do teu filho. Porque eu estou fora!”

Apoio a cabeça no encosto do banco, exausto. De certa forma, sei que ela tem razão, se isso tudo der errado, eu não tenho para aonde correr. Não tenho mais quem me socorra, e isso é um pouco desesperador.

Mas tudo vale a pena quando eu chego à noite e vejo o sorriso do meu moleque, contando durante o caminho inteiro o que ele vem aprendendo na escola. Coisas que ele sequer sonhava em ter acesso antes, agora faz parte de sua realidade.

Relutei muito em deixar Jordie entrar em minha vida, ter acesso ao meu filho. E quando aconteceu, pareceu tão natural que me sinto imbecil por ter demorado tanto. Ao mesmo tempo, eu tenho medo. O moleque a idolatra, vejo como os olhos dele brilham quando a vê, sempre buscando estar com ela, a tocando.

Bem, esperto ele é.

Mas ele já foi abandonado uma vez. Era pequeno, pouco entendia quando sua mãe foi embora, o deixando para trás como um saco de pão duro, sem importância. Agora não, ele agora entende, se apegando. Os sentimentos estão mais aflorados. Perder Jordie devastaria o garoto.

E você também, idiota!

Ouçoo uma batida na lataria do carro e olho pelo retrovisor. Bento se abaixa, apoiando o cotovelo na janela, esticando o pescoço para a tela do

celular que acende a cada mensagem recebida.

— Sua babá está precisando de trato, Murilão.

— Quero distância — resmungo, apertando o topo do nariz, sentindo aquela dorzinha de cabeça se instaurar. Exausto.

— Não falei que seria você quem daria um trato nela — diz, malicioso.

— Cara, vai fundo. Porque se ela precisa de *rôla*, você anda precisando de boceta.

O imbecil gargalha alto.

— Todo mundo precisa, cara. Você também, aliás, anda num mau humor dos infernos.

O sorriso morre ao ver minha expressão.

— *Tá foda* — murmuro.

— Teve notícias do Comendador? — ele pergunta, e eu nego.

— Nada ainda. A inteligência foi acionada, mas por enquanto não tivemos sinal dele.

— Acha mesmo que ele viria a São Paulo, atrás de você?

O encaro pela primeira vez desde que se aproximou.

— Se fosse um filho teu, o que você faria?

Bento franze o cenho e balança a cabeça, devagar, compreendendo o meu ponto.

— Como anda a segurança?

— Igual. — Bato a mão no porta-luvas, onde deixo minha arma sempre a postos. — Ainda tem todo o problema de Domingos, estou aguardando o revide daquele massacre e não vai ser bonito.

— A delegada *tá* em cima disso? — ele pergunta, e eu confirmo. — Vai dar tudo certo, então.

Talvez seja o meu eterno pessimismo, mas nem seu tom de voz acredita no que ele está dizendo.

— Vou buscar meu moleque — aviso, dando partida no carro, sem dar chance a ele de falar mais nada.

Aproveito o horário com pouco trânsito e o fato de estar sozinho no carro para aumentar o volume do som e acelerar a velocidade. Pela manhã, não consigo fazer isso, seja pelo fato de Lincoln estar comigo, seja pelo fato de, geralmente, estar preso no trânsito. Eu gosto disso, som alto me ajuda a desestressar, pois é quando eu grito junto com a música, espantando meus demônios.

E eu ando precisando disso *pra caralho*.

Amanhã é minha escala noturna, geralmente é quando o *bicho pega* e não posso estar pilhado assim. Ao menos, sei que meu garoto vai estar bem, protegido junto à Jordie.

Mal acreditei quando ela sugeriu deixar o menino com ela, quando estávamos discutindo sobre matricular ou não em sua escola. Seria muito corrido — sem contar inviável — eu buscá-lo na escola e deixar em casa para Jennifer tomar conta dele.

Pensei que seus pais estranhariam ao vê-la chegar todos os dias com um garoto estranho, dar banho, jantar e algumas vezes o colocar para dormir em sua cama. Mas a impressão que me passa, sempre que eu chego para o buscar, é que ele foi acolhido como se sempre pertencesse àquele local.

E cada vez me surpreendo mais.

Ao chegar em frente à sua casa, um bonito sobrado no bairro tranquilo, em uma rua calma e vazia, noto que eles devem estar com visita. Estaciono atrás do carro parado na porta de sua casa, sabendo pelo modelo que não é o carro de Gael.

Ele agora dirige um *carro de pai*, e Samuca não cansa de fazer piada a respeito disso.

Apesar de ser uma casa grande e confortável, o sobrado amarelo não é o mais luxuoso da rua. Jordie já havia comentado comigo que os pais compraram o terreno logo que se casaram, e foram subindo paredes e aprimorando a construção ao longo do tempo, enquanto moravam em um quartinho nos fundos.

O tipo de história que me enche de boas sensações.

Desço do carro, parando em frente ao pequeno portão da esquerda. Uma escada com degraus vazados leva ao hall de entrada, e noto que a porta da frente está aberta, mas não consigo enxergar movimentação na casa. Toco o interfone, como de costume, e sou atendido por uma voz suave.

— *Pois, não?*

— Boa noite. É Murilo, eu vim buscar o Lincoln.

— *Um segundo, por favor.*

Pode parecer cisma minha, mas a pessoa pareceu hesitar.

Já estava acostumado com a rotina de chegar aqui, ser recebido por Jordie no portão, trocar meia dúzia de palavras e ir embora. Nunca me ofereci para entrar, mesmo tendo convite para isso, e ela também nunca insistiu. Por isso, estranho quando o portão é destrancado automaticamente e a voz pede

que eu entre.

A primeira pessoa que vejo, ao chegar à porta de entrada, é Jordie. Sorridente, ela vem se aproximando para me recepcionar e acabo buscando por Lincoln, mas sinto um baque no estômago ao ver outra pessoa na sala.

E uma raiva sem tamanho quando o noto esfregar os nós dos dedos, quase como uma ameaça velada.

Esse alemão não sabe com quem está mexendo. Não tem nem ideia.

— Oiê! — ela me saúda, parecendo alheia ao que acontece ao seu redor. *Cínica.*

— O Lincoln tá pronto? — pergunto, ríspido, e ela estranha. *Fingida.*

— Está assistindo. Entra um pouquinho... — convida, querendo demonstrar confusão. *Deslavada.*

— Estou com pressa. E também não quero incomodar — respondo, ainda parado na porta.

É quando o alemão se levanta e segue pelo corredor, até desaparecer no que eu penso ser a cozinha da casa. Enquanto isso, Jordie fica me analisando, em silêncio. *Cara de pau.*

— Quer uma *aguinha* com açúcar para acalmar? — Ela cruza os braços, enquanto me fita com a sobancelha erguida, provocando. *Debochada.*

— Quero meu filho, Jordie. Está tarde, trabalhei o dia inteiro, estou cansado e não tenho tempo para suas gracinhas.

Sinto uma mão passar por sobre meu ombro e reteso o corpo, virando o rosto para encontrar o pai dela, com um sorriso enorme, me empurrando para dentro da casa.

Por onde ele veio?

— Entre, Murilo, para que tanta pressa?

Já na sala, ele me aponta o sofá. Estou prestes a mandá-lo à merda — ou seja lá o xingamento equivalente em italiano — quando as crianças aparecem, pulando em cima de mim.

— Papai! Papai!

— Tio *Murilooooo!*

— E aí, *batutinhas?* — Ergo um em cada braço, me lembrando do pequeno Felipe, filho do Vicente, e de como fazer isso um tempo atrás não era tarefa tão fácil. — Como estão, tudo bem?

Lincoln balança a cabeça, sorridente, mas Bruno começa uma tagarelice sem fim, me fazendo focar para tentar entender o que tanto ele fala.

— Tio, na televisão lá do quarto da tia Jordie vai passar um filme muito legal, mas eu acho que vai demorar um pouquinho, sabe? — Tudo é dito de forma atropelada, alta e cheio de gestos. — Então, Lincoln e eu vamos dormir lá — ele declara, simplesmente.

Um verdadeiro artista.

Encaro Jordie, que dá de ombros, fingindo inocência. *Sórdida*.

— O Lincoln vai dormir na casa dele, Bruno — respondo, sério, e a criança faz um bico de tristeza, que não convence ninguém.

Eu não sei como, mas de repente a sala está cheia de gente tagarelando. Babi aparece pegando as crianças do meu colo. Gael me cumprimenta com aqueles abraços masculinos cheios de tapas, antes mesmo que eu possa impedir Lincoln de sair do lugar. A mãe de Jordie me oferece um copo, que parece ter refrigerante dentro. O pai dela me faz sentar no sofá, coisa que eu já tinha recusado antes.

Mas que inferno de família é essa?

Encaro Jordie e ela está olhando de cara feia para o alemão que, encostado na parede do corredor, parece se divertir.

— Então, Murilo... está gostando da São Prieto? — o homem pergunta, e ouço Jordie murmurar alguma coisa, que não consigo entender.

— O Lincoln — friso — está gostando.

— E você, não?

— Não estudo lá, senhor.

O homem responde a minha grosseria com um sorriso de lado. Já a cínica da filha dele continua parada no meio da sala, de braços cruzados.

— Sobre Lincoln dormir aqui hoje — ele diz, em um tom mais suave —, a culpa foi minha. Inventei de mostrar alguns filmes a eles, e agora os dois estão impossíveis. Tudo bem, não é?

— Eu... — Estou prestes a negar quando ouço as gargalhadas das crianças vindas de algum lugar da casa e, rendido, apenas dou de ombros. — Tudo bem. Se não for incomodar.

— Incômodo algum! — Ele levanta, sorridente, e sai bradando pelo corredor em um tom vitorioso: — *Tesoro*, ele vai ficar!

Subitamente, parece que a população da casa inteira sumiu, ficando apenas Jordie e eu na sala.

— Que diabos aconteceu aqui? — Me levanto, a encarando.

— Se fala da balbúrdia Prieto, eles são assim mesmo, enervantes e intrometidos — ela diz, balançando a cabeça. — Agora, se fala de outra

coisa, vai ter que ser mais específico.

Eu quero apertar o pescoço dela, e encher sua bunda de tapas ao mesmo tempo, para deixar de ser tão cínica. Sorrio, sem nenhum tipo de humor, e vejo seus olhos cintilarem.

O pior é que a *filha da puta* gosta.

Será que é correto chamar a mãe dela assim, dentro da própria casa? Ah, *foda-se*.

— Não é prudente me provocar, patricinha. — Ela junta as sobrancelhas, confusa. — Eu não ando muito paciente. Podia ter me dito que estaria ocupada hoje, eu não deixaria meu filho aqui, incomodando.

Posso ver quando um sorriso sorrateiro vai se abrindo em seu rosto. Merda, eu estou mesmo passando um belo recibo aqui.

— Ciúme, cachorrão?

— Estava ou não estava ocupada? — A seguro pela nuca, não levando em conta absolutamente nada. O lugar onde estamos, a presença de sua família em algum lugar da casa, e até mesmo meu filho.

— Estava é com saudade dessa pegada — ela diz, baixinho.

— Por que você me provoca desse jeito?

— Porque você gosta. — Ela deixa um beijo rápido em meus lábios e se afasta, jogando-se de forma teatral no sofá. — Senta aqui, vamos conversar um pouquinho.

Jordie me encara, sem desviar os olhos um único segundo. Sempre com aquele ar desafiador, me testando. Eu não vou mentir, é isso que mais me chama a atenção nela. A sua completa inabilidade em ser submissa e eu gostar disso é novidade para mim.

Ainda sem querer dar o braço a torcer, olho em volta, me familiarizando com o local onde coloco os pés pela primeira vez. Parece ser mesmo uma típica sala para receber visitas, tomada por sofás e poltronas e nenhum aparelho eletrônico. Na lateral, uma grande porta de correr, de vidro transparente, dá vista para o quintal.

— Essa porta de vidro é recente — ela explica, ainda sentada. — Mamãe gosta de reformas, vive mexendo na casa.

— Vocês não assistem tevê na sala? — Ela sorri, e balança a cabeça, negando.

— Em época de Copa do Mundo, eles trazem uma televisão para cá. Mas cada um tem a sua televisão no quarto, e a de mamãe fica na cozinha.

Acho engraçado que a minha maior vontade é ter um espaço *fora* do

quarto para colocar a televisão, enquanto essas pessoas têm um lugar desses e não aproveitam. Observo a estante de madeira que toma uma das paredes por completo, cheia de livros e porta-retratos e acabo entendendo que aqui eles têm outras prioridades.

— Mamãe adora fotos. — Jordie para ao meu lado, trazendo uma docilidade incrível no tom de voz. — Se você bobear perto dela, em sua próxima visita terá fotos suas por ali também.

Compreendo o que ela diz ao ver uma foto de Lincoln, em um porta-retratos no primeiro plano. Encostado no que eu acredito ser essa porta de vidro lateral, sentado no chão, ele veste uma camiseta que parece uns dois números maiores que o dele. Os olhos fechados não conseguem esconder a cara de arteiro que ele sempre traz consigo.

Me aproximo, pegando o porta-retratos nas mãos. Emocionado ao ver que meu garoto acabou conquistando um lugar no coração dessas pessoas, a ponto de ganhar uma foto em meio a tantas outras da família.

Curioso, passo a olhar as outras fotos. A família perfeita e feliz em vários registros ao passar dos anos, incluindo Jordie sempre perto do tal alemão. É inevitável sentir a raiva voltando, e aquele sentimento ridículo de posse tomando conta de tudo, me fazendo, inclusive, querer atravessar o corredor e arrebentar a cara dele.

Que besteira eu sequer cogitar qualquer tipo de relacionamento, mínimo que seja, com essa mulher. Esse cara é o amor da vida dela, está claro como água aqui.

— Vou *pra* casa — digo, e ela suspira fundo. Impaciente, talvez.

— Fica mais um pouco. — Nego, e coloco as mãos no bolso detrás da calça, evitando com isso tocá-la.

Estúpido demais, Murilo!

— Tem certeza de que Lincoln não vai atrapalhar nada por aqui? — digo, soando um pouco mais rude que queria. Decido abrandar o tom. — Amanhã é minha escala noturna.

— Ele nunca atrapalha.

Posso ver seu semblante mudar à minha frente, e de provocante ela parecer tristonha. Decepcionada. Sinto vontade de beijá-la também, saudoso e querendo marcar território, mas não o faço. Tudo isso tem mexido demais com a minha cabeça e eu não sei, exatamente, para aonde estamos indo.

Me despeço com um movimento leve de cabeça e desço as escadas, correndo, sem olhar para trás.

Jordie

Murilo é um imbecil.

Essa é a única coisa que passa por minha cabeça ao ouvir o carro dando partida, logo após ele sair correndo, sem dizer nada. Panaca, otário, idiota!

Passo os olhos pelas fotos expostas na estante, correndo o indicador sobre a de Lincoln, que ele tinha nas mãos há pouco. Mamãe se empolgou tanto tirando fotos dele, na primeira noite em que ele dormiu aqui em casa, que eu não sei como só tem um porta-retratos dele exposto aqui.

Eu queria muito que ele ficasse. Murilo nunca tinha entrado em minha casa, muito por conta da dúvida e da insegurança sobre cruzar determinado limite imposto. Eu não convidava, ele não se oferecia, era confortável assim.

Hoje ele entrou, e eu estava adorando vê-lo aqui. Entre a minha família, sabendo um pouquinho mais sobre a minha vida. *Cabeça dura!*

Ele é um sujeito muito solitário, seu tempo todo é dedicado ao trabalho e ao filho. Eu queria que fosse diferente, proporcionar a ele mais leveza, mais...

Mais o que, Jordie? Para aonde está indo a sua cabeça neste instante?

— Vai chegar uma hora que você terá que se decidir, filha! — minha mãe exclama, e eu me volto em sua direção.

Sequer tinha visto que ela está ali.

De braços cruzados, apoiada na porta de vidro, ela tem *aquele* olhar que as mães usam quando estão prestes a iniciar aquele sermão da montanha.

— Decidir sobre o que, mamãe?

— Se você quer ficar com Murilo ou com Pedro. — Abro a boca para reclamar, mas ela ergue o dedo indicador, me fazendo calar de imediato. — Passei a vida torcendo para você se acertar com Pepê, vendo o menino sofrer, correndo atrás de você feito um cachorro.

— Ah, mamãe... — gemo, levando as mãos espalmadas ao rosto —... isso já foi resolvido, Pedro está até em outra.

A informação parece não a surpreender.

— Imagino que sim, toda essa bagunça lá em Minas tem cara, corpo e cheiro de mulher.

— Tem, não tem? — Sorrio, cúmplice. — Ele não quis falar sobre ela, no entanto.

— Mas e você? — Ela se aproxima, parando ao meu lado. — Eu pensei que você também já “estava em outra” — ela faz aspas com os dedos, ironizando a expressão —, principalmente quando te via chegando tarde da noite, cantarolando pelos cantos ou, que seu pai não nos ouça, empoleirada no colo do Murilo dentro do seu carro, aqui na porta.

Eu poderia morrer neste exato minuto ao ouvi-la falar. Minha perna amoleceu de tal jeito que, por sorte, estou próxima à poltrona e apenas me sento, pasma.

— A senhora viu? — Minha voz sai fina feito um miado.

— Infelizmente eu não consigo controlar todos os passos que vocês dão, mas na porta da minha casa? — Me olha, firme. — Que tipo de mãe eu seria, se não soubesse o que se passa com meus filhos embaixo do meu nariz?

— Mamãe...

— Por muito tempo, você e Pepê pensaram que estavam escondendo alguma coisa de nós. — Olho em volta, procurando um buraco para me engolir. — O único que nunca percebeu nada foi Gael.

Há tempos minha mãe não me dava esses sermões. Era irritante antes, quando eu tinha meus dezoito anos. Agora, beirando os trinta, fica pior ainda.

— Tudo bem, dona Joana. — Ergo as mãos, em um sinal de rendição. Sempre funciona, e ela para de falar. — Não precisa mais se preocupar com o coração do pobre Pedro.

Sua sobrancelha se ergue, de forma ameaçadora.

— Não seja debochada. — Mais uma vez, o dedo em riste, faz eu me calar de imediato. — Eu só não acho legal brincar com os sentimentos dos outros. Ou com os seus.

Balanço a cabeça, de um lado ao outro, e suspiro fundo.

— Não estou brincando com nada, ou com ninguém, dona Joana. — Lanço a ela um olhar desafiador. — Mas vai ter que entender um dia que não vou fazer as coisas como você imaginou que seria.

Mamãe me olha por um longo instante. Então se levanta, e vai mais uma vez até a estante, abrindo uma das portas inferiores, de onde ela tira uma caixa de madeira. Reconheço como uma das caixas onde ela guarda documentos e coisas importantes, essa em específico era onde todas as fotos de Mel ficaram guardadas por anos, longe de nossas vistas.

Em posse de um envelope, ela volta até o sofá, sentando ao meu lado. Reconhecer o timbre do laboratório faz com que tudo fique congelado ao redor. Ou eu, talvez, me congelei, interferindo no ambiente.

— Encontrei este envelope no chão do seu quarto, em uma das vezes que precisei arrumá-lo.

— Qu-quando? — gaguejo, quase sem voz.

— Há uns três anos. — A encaro, surpresa, mas não consigo sustentar seu olhar.

Fixo os olhos em um ponto da mesinha de centro, onde Lincoln tinha rabiscado com tinta azul ao fazer sua lição, dias atrás.

— Não falou nada — murmuro.

— Como eu disse, preferi me fazer de sonsa.

A minha garganta se fecha. Sequer tenho coragem de olhar para ela, temendo ver em seus olhos a decepção de não ser a filha perfeita que ela queria que eu fosse.

Consigo relembrar, letra por letra, todos os discursos sobre casamento, maternidade e família feliz que ela, empolgada, fazia questão de me dizer desde que eu era menina. Fazendo com que o meu lado rebelde quisesse mostrar a ela que eu poderia ser feliz e bem-sucedida, mesmo sem seguir a sua receita pronta de bolo.

Eu alcancei muito, realizei tudo o que eu queria. Mas será que fui longe demais?

Talvez, entendendo que uma confusão sem precedentes toma conta de mim, ela estica a mão, alisando meu cabelo.

— Se abre comigo — ela pede, e eu suspiro, rendida. — Você levou adiante isso aqui?

Pego o envelope de sua mão, notando que junto ao exame há uma das declarações que fui obrigada a assinar quando tentei requerer o procedimento pelo plano da saúde.

Balanço a cabeça, confirmando. Seu dedo vem até meu rosto, o erguendo, fazendo com que, finalmente, eu a encare. E lá está a decepção da qual eu tanto fugi.

— Sei que está decepcionada porque não vou te dar um netinho e... — Passo a me explicar, e ela me interrompe.

— Estou decepcionada porque não confiou em mim. Por que não me disse?

— Por quê? — Sorrio, sem humor. — Talvez porque o seu discurso sempre buscou diminuir o que eu sentia a respeito desse assunto. Porque fazia eu me sentir menos mulher, todas as vezes que eu dizia não ter vontade alguma de gerar um filho.

Me levanto, indo mais uma vez até a estante, olhando as fotos de Gael com Mel ou Bruno, e a mais recente, linda, onde ele acaricia a barriga de Babi.

— Você me olhava horrorizada todas as vezes que eu dizia não ter a menor vontade de ser mãe — digo, sem querer soar magoada, mas falhando miseravelmente. — E fazia questão de me comparar com Gael, com Sofia. Até com Babi.

Mamãe não diz uma palavra. Sentada, continua a me olhar em silêncio, muito séria. Eu poderia encerrar o assunto, mas não quero, não agora que eu já comecei.

— Eu estava cansada de ser vista como excêntrica, sempre que dava a minha opinião a respeito. Então, passei a não falar mais nada.

— Mas um procedimento assim, filha? — pergunta, chorosa. — Existem tantas formas menos invasivas.

— Preferi ligar as trompas a ficar tomando hormônio para o resto da vida. — Eu posso ver a dúvida em seu rosto, então me aproximo. — Não vou me arrepender.

Talvez a forma como eu disse isso a convenceu. Um leve menear de cabeça e ela sorri, ainda triste.

— Por isso não quis se envolver com o Pedro.

— Também. Ele merece uma família grande e barulhenta, como os Prieto, cheio de bebês correndo pela casa, fazendo barulho igual ao pai.

Encolho os ombros, fazendo careta ao imaginar a cena.

— Ele veio pedir que interferíssemos seja lá no que estivesse acontecendo aqui na sala, entre você e Murilo — ela diz, risonha.

— Sabia. — Bato a mão no assento do sofá. — Nem bem ele saiu da sala, vocês já apareceram em bando.

Me sento no tapete, em frente as pernas de minha mãe, e apoio a cabeça nelas. Os dedos passam a fazer um carinho gostoso, penteando meu cabelo tal qual fazia como quando eu era criança.

— E o que se passa entre você e Murilo?

— Eu acho que estou gostando daquele babaca — digo, em tom de reclamação.

— Eu já desconfiava, mas isso ficou claro quando você apareceu com Lincoln aqui.

A encaro, surpresa.

— Nunca disse nada.

— Você é o tipo de filha que sempre faz o contrário dos conselhos e observações. — Seu tom é doce, mas seu olhar deixa claro que é uma reprimenda. — Preferi me fazer de sonsa.

— Claro que sim — murmuro, irônica.

— Sobre o babaca — ela continua —, qual o problema em gostar dele?

Jogo o corpo para trás, me deitando no tapete, bufando alto.

— Ele é igual a mim.

— Como assim, igual? — pergunta. — Imaturo? Teimoso? Infantil?

Arregalo os olhos em sua direção, notando que ela não tem remorso algum em me dizer esse tipo de coisa.

— Não sou infantil. — Cruzo os braços, e seus olhos vão direto a eles.

— Não, imagina — ironiza.

— Murilo não quer saber de relacionamento.

Sua reação me espanta. Ela ri tão alto, que me pego confusa, olhando para ela.

— Murilo já foi casado, é pai. Nesse jogo, ele já tem fichas, querida.

— Exatamente. — Suspiro, desviando o olhar. — Ele tem fichas que eu não quero dar a ele.

Sem que eu espere, ela segura minha mão e puxa, me fazendo sentar. Antes mesmo que eu reclame, suas mãos apoiam meu rosto, uma de cada lado.

— Você reclama do meu julgamento, mas já reparou como você mesma se julga, minha filha? — De forma gentil, ela aperta as mãos em volta do meu rosto, erguendo as sobrancelhas de forma teatral. — Você não quer parir um filho, ó que drama!

— Pare...

— Não, você pare! — ela diz, com firmeza. — Eu ouço o seu discurso desde que é menina e, sim, pensei que mudaria de ideia quando conhecesse alguém. Conseguiu o que queria, Jordie, é uma mulher bonita, independente, bem-sucedida. Mas, adivinha? É solitária, e sabe por quê? Porque você mesma se julga.

Sua mão acaricia meu rosto, e ela sorri.

— Eu tenho orgulho de você, esse exame aqui não mudou nada o que eu penso. — Sinto uma lágrima correr pelo meu rosto. — Você só precisa amadurecer, minha filha. E compreender que não precisa ser solitária, ainda

mais depois de ter se prevenido de forma definitiva.

Tento falar alguma coisa, mas o nó que sinto na garganta me impede.

— Eu queria a casa cheia de bambinos? Claro que sim! — ela exclama, e se levanta em seguida, seguindo para a área externa. Mas antes de sair, ela se vira, com um sorriso no rosto. — E a vida é tão danada que vai acabar te dando um filho, mesmo sem você tê-lo parido, porque filho do coração também é filho.

Permaneço sentada no chão, vítima da carreta Joana Prieto.

27



Jordie

Abro a porta do banheiro, colocando a cabeça para dentro e fico em silêncio, sorrindo ao ver Lincoln dançando embaixo d'água, cantando uma das muitas músicas que ele tem aprendido no colégio. Chego a tapar a boca, evitando assim que o som da minha risada saia alto quando ele começa a cantar a plenos pulmões:

— *Coração não é tão simples quanto pensa, nele cabe o que não cabe na despensa, cabe o meu amooooooooor, cabem três vidas inteiraaaaaaas...*

Reparei que Lincoln é um garoto muito artístico. Ele tem se saído bem em todas as matérias, sejam exatas ou biológicas, mas é em humanas que ele se destaca, principalmente se sua criatividade estiver envolvida: pintura, teatro, leitura, música. Principalmente música.

Ontem à noite, deitado comigo em minha cama, ele se lembrava de um livro que fora lido durante a aula, “Pedro e Lua”, de Odilon Moraes. Com os dedinhos enrolados no meu cabelo, fiquei por horas o ouvindo inventar uma música, no ritmo de um pagode, sobre o enredo do livro.

“Pedro, que o nome quer dizer pedra, e a cabeça vive na lua, mesmo nome da sua tartaruga, que parece uma pedra igual o nome do Pedro.”

Fundo de Quintal está perdendo tamanho talento.

Entretido tentando não travar a língua — e falhando todas as vezes, trocando pedra por *preda*, ou Pedro por *Predo*, perdemos umas boas horas de sono brincando e cantando, até que ele fechou os olhinhos para dormir.

São noites como essa que me fazem não sentir a menor falta de ficar trancada em meu quarto, jogando meu tempo fora, assistindo a séries e fugindo de qualquer contato humano. Eu realmente não esperava que essa miniatura de gente, de sorriso frouxo e cabelinho de mola, fosse se embrenhar em meu coração com tanta facilidade.

— *Cabe até o meeeeeeu amooooooooor...*

Sou transportada de volta à realidade com um grito estridente e desafinado, e decido que está na hora de acabar com a bagunça quando ele passa a chacoalhar a cabeça, temendo que escorregue e se arrebente no chão.

— Vamos fechar? — Me aproximo e ele me olha, sorrindo.

— Ô, tia Jordie, eu já acabei, estava só molhando o meu talento.

— Isso, tem que regar mesmo, igual a uma flor! — respondo, rindo.

O puxo para perto, checando as orelhas e dando mais um enxague no cabelo, mesmo achando que depois de todo esse aguaceiro não tenha sobrado mais sabão algum.

— É hoje que vamos tirar foto? — ele pergunta, enquanto o enrolo na toalha e levo de volta ao quarto.

— Sim, daqui a pouquinho o tio Pepê passa aqui.

— Ele é engraçado — ri, erguendo os bracinhos para que eu esfregue a toalha neles — e sabe umas danças legais.

— Ficou dançando com ele, foi? — pergunto, e ele balança a cabeça.

— Fiquei sim, estava passando Frozen na tevê e o vovô disse que era desenho de menina — meu coração salta ao ouvi-lo chamar meu pai de vovô, mas não interrompo —, então o tio Pepê falou que era besteira — ele tampa a boca, arregalando os olhinhos por ter falado uma palavra feia — e começou a imitar a Elsa.

— Jura? — Faço um bico, lamentando não ter visto.

— Ele disse que o tio Gael era o Olaf, por causa do nariz.

Controlar a gargalhada, dessa vez, foi inevitável.

Passei no shopping ontem e comprei algumas roupas diferentes para ele, torcendo que seu pai não implique com isso. Não vejo Murilo desde que saiu daqui aquela noite, e trocamos apenas uma mensagem rápida desde então, na qual ele me avisava que viria buscar Lincoln hoje, na parte da tarde, assim que ele resolvesse uns *pepinos*.

O visto com uma camiseta básica, branca, e uma jardineira jeans, torcendo para que o dia continue fresco. Fazendo tudo de forma tão natural, que acabo parando, as mãos segurando o tênis enquanto ele me olha confuso, sem entender.

De repente cuidar de Lincoln se tornou fácil. Parece que estou ouvindo Babi dizer, com seu ar risonho: *ocê gosta mesmo dele*.

Me ajoelho, o esperando calçar os sapatos. Tentando entender onde a antiga Jordie se encaixa nessa nova pessoa que, de uma hora para outra,

resolveu não se incomodar com uma criança pulando em sua cama. Ou com um homem esquentando seu corpo de forma permanente.

A antiga Jordie teria corrido, aos berros.

Será que existe essa *antiga* Jordie? Será que eu mudei tanto assim?

Nem bem termino de arrumá-lo, mamãe aparece na porta, alertando que Pedro está à nossa espera.

A sessão fotográfica seria, a princípio, feita com Bruno também, mas Babi acordou indisposta e meu irmão decidiu ficar em casa, *chocando a galinha*. Tentei convencê-lo a mudar de ideia, enquanto fazia compras no supermercado um pouco mais cedo, mas foi inútil.

— Tio *Pepê*eeeeee! — Lincoln dispara pela escada, pulando nos braços de Pedro que, não demora muito, está segurando o garoto pela parte de trás da jardineira.

— Você cresceu de ontem *pra* hoje, guri? — Ele ergue Lincoln na altura do seu rosto e o menino gargalha alto. — Está muito maior, credo. Jordie, andou dando *chumbinho* a ele?

— Bom dia, Pedro — cumprimento. — Já parou para pensar que essa alça pode estourar?

Vejo quando ele reage, seu rosto fazendo uma expressão engraçada enquanto coloca, rapidamente, o menino no chão.

— Não dá *pra* comprar umas roupas melhores? Mão de vaca!

— É jardineira, não equipamento de rapel. — Dou-lhe um beijo no rosto, e suspiro ao vê-lo ainda abatido. — Se resolveu com Gael?

— Marquei de me apresentar na quarta-feira.

— O marginal anda e fala? — pergunto, e seu olhar escurece. Ele fica realmente fora de si ao ouvir falar do sujeito.

— Infelizmente.

— E a garota?

Como se não tivesse ouvido a minha pergunta, ele sai, chamando por Lincoln, já saindo em direção à garagem. *Pepê* está decidido a não falar absolutamente nada sobre ela para nós, e isso é inusitado.

E rápido, definitivamente rápido. Afinal de contas, ele ficou, o que... uma semana em Minas? Pedro sempre foi carente de atenção, mas cair de quatro assim por alguém em tão pouco tempo parece um recorde, até mesmo para ele. O segredo todo envolvendo essa mulher é que me deixa encafifada, e decido procurar saber mais a seu respeito.

Pego o celular dentro da bolsa, enquanto caminho até o carro, e passo

uma mensagem a Murilo.

Jordie: *Oiê, cachorrão. Marquei de tirar umas fotos do Lincoln naquele parque aqui perto de casa. Se chegar aqui e não estivermos, peça à minha mãe para te mostrar onde fica.*

Acho uma pena que ele não esteja aqui. Murilo vem sendo, nos últimos quinze dias, mais arredio e ocupado que de costume. Procuro ignorar a voz irritante que tenta a toda hora me dizer que ele está se afastando porque eu ando forçando uma intimidade que não temos, e uma proximidade que não é bem-vinda.

Sorrio para Pedro, que já está atrás do volante, me aguardando, e paro no meio do caminho, achando melhor avisar Murilo que estaremos juntos.

Jordie: *Só para que saiba, o fotógrafo é o Pepê.*

Guardo o celular na bolsa e abro a porta, me sentando no banco do passageiro. Imediatamente me viro, para checar o seu cinto de segurança.

— Quem te viu e quem te vê — Pedro cantarola, e eu dou-lhe um soco no braço.

— Você já viu o gênio do pai dele? — pergunto. — Imagina se ele sofre um arranhão?

— Ele é mais ciumento que eu, Jô. Tem certeza de que isso aqui não vai me dar problema? — Ele ergue a mão, fechada em punho. — Não tô a fim de sair na porrada com ninguém.

Ignoro a provocação e ligo o rádio, enquanto Pedro segue a caminho do parque. Um local não muito longe de casa, e que nos serviu como palco de várias brincadeiras quando éramos crianças. Lembro-me de papai nos fazer esperar no carro por um bom tempo, até que os pais de Pedro finalmente concordassem em deixá-lo ir conosco a primeira vez. Ao passar do tempo, a sua presença passou a ser tão normal que, aos finais de semana, ele estava sempre a postos, no portão, nos aguardando.

Quando estacionamos em frente ao parque da avenida, como é conhecido, é inevitável não trocarmos um sorriso cheio de recordações.

— Lembra quando você se escondeu atrás da estátua do Fauno — Pedro relembra, rindo — e o padrinho resolveu fazer de conta que você estava realmente desaparecida?

— Claro que lembro. Nossa, como eu chorei!

Vimos ao parque e eu estava particularmente irritada aquele dia, pois era sempre lembrada de minha condição de única garota da turma. A cada tentativa de diversão, ouvia que “meninas não brincavam desse jeito”. Claro

que isso vinha depois de uma tarde em que me embrenhei entre os garotos para jogar futebol, e acabei me machucando, mas, poxa vida, era apenas corrida. Ou subir em árvore. Bem, principalmente subir em árvore. Eu adorava e deixava Gael e Pepê doidos atrás de mim, já que mamãe os ameaçava.

“*Não cuide direito de sua irmã e eu vou fazer esse chinelo voar!*”

Coitado do meu irmão.

Então, querendo ser a estátua que papai tanto esperava que eu fosse, sentei atrás da escultura do Fauno e fiquei lá, em silêncio. Rindo baixinho quando ouvi papai me chamando, ou Gael em desespero me procurando no meio das folhagens. Pedro, como sempre, foi o primeiro a me notar e aceitou quando, com um gesto, eu pedi para não contar nada a ninguém.

O riso foi sumindo quando papai, parado bem em frente onde eu estava, chamou os meninos dizendo: *Jordie desapareceu, acho que nunca mais vamos vê-la de novo. Melhor irmos embora, e preparar o enterro.* Fiquei estática! Congelada, com o coração acelerado, e o desespero começou a me atingir ao ver papai segurar os dois meninos pelas mãos e sair em direção ao portão principal.

Até hoje ele me chama de buzina fauna.

— Ele sabia o tempo todo que eu estava lá, e você não me disse.
— Bato em seu braço, e ele ri.

— Ele nos prometeu hambúrguer, acha mesmo que eu arriscaria?

— Seu vendido — murmuro.

— Vamos comer hambúrguer? — Lincoln comemora, sentado no ombro de Pedro, enquanto nos dirigimos até o playground. A essa hora deve estar lotado, mas, para fotos particulares, não deve ser um problema.

— Só mais tarde, quando o papai chegar — explico.

— Está com saudade do papai, garotão?

— Tô sim, tio Pepê. O papai devia dormir na cama da tia Jordie, igual o tio Gael falou.

Paro no meio do caminho, vendo Pedro se afastar com Lincoln, gargalhando alto. Eu estou, definitivamente, perdida com essa família que eu arrumei. *Casamenteiros de uma figa!*

Alguns metros à frente nos deparamos com o playground fechado para manutenção. Estranho, pois nunca tinha ouvido falar que o parque, principalmente aos sábados, passava por tal processo. Me aproximo, vendo Pedro já conversando com o que eu, imagino, seja um dos funcionários do

lugar.

— Interditado? Mas por quê?

— A Zoonose fechou, senhor, porque estava bem sujo, sabe? — ele explica, apontando para o tanque de areia. — Encontraram muita sujeira ali, e é preciso limpar.

— Poxa! — Pepê e eu trocamos um olhar, lamentando. — Mas o local todo está fechado? Viemos para tirar umas fotos do menino.

— Fechado está, mas vou dizer ao senhor — ele se aproxima, baixando o tom de voz —, atrás daquelas árvores ali tem uma clareira. Eles estão aproveitando a manutenção para replantar algumas árvores, então tem um espaço bom e vazio.

Olho para o local onde o homem nos aponta, e me aproximo um pouco, tentando observar se é seguro ou não. Passando por entre as folhagens, e sentindo um imenso déjà-vu de quando fazia isso na infância, observo ter realmente uma clareira, não muito grande, logo atrás de uma coluna de palmeiras.

— O que acha? — pergunto a Pedro.

— Podemos tirar aqui na alameda mesmo — ele diz, ainda olhando em volta. Estranhando, assim como eu, o local tão vazio.

— Vou falar algo a vocês. — O funcionário se aproxima, mais uma vez. — Está proibido fotografar aqui, por isso sugeri fazer ali, mais escondido.

— Não é fotografia comercial — Pedro explica, mas o homem diz que uma nova regulamentação da prefeitura impede qualquer tipo de registro.

O vemos se afastar, se ocupando mais uma vez de uma vassoura, para continuar o seu serviço. Frente à dúvida de Pedro, decido eu entrar com Lincoln na clareira, e uma vez lá dentro vejo que é um espaço realmente muito interessante. A sensação que eu tenho, pisando sobre as folhas secas que cobrem a terra revolvida, é de estar em outra dimensão, cercada de verde.

— Uau! — Pedro exclama, olhando em volta. — Eu nunca entrei atrás dessas árvores.

— Claro, você era um baita molenga!

— Era educado! — Ele ri, já retirando a câmera de sua bolsa.

— E agora, tia Jordie?

A pergunta é feita para mim, mas o profissional é outro. Sério, totalmente focado no modo fotógrafo, Pepê olha em volta, andando até um espaço um pouco mais claro.

— Não vai dar para fazer foto aqui, Jô — ele explica —, porque a luz é uma *merda*.

— Ah, que pena — lamento.

— Podemos seguir de carro até o Ibirapuera, lá tem o lago e, até onde eu sei, fotos não são proibidas.

— Ou podemos voltar para casa e você tira as fotos lá na rua mesmo — sugiro, incerta.

Enquanto decidimos o que fazer, Lincoln corre ao nosso redor, levantando as folhas e enchendo o lugar com sua risada animada. Como o parque está vazio, o som produz ecos, fazendo mais barulho que o normal. Isso, ou nós realmente não estávamos prestando atenção ao não reparar quando um homem nos surpreende, saindo de trás dos arbustos com uma arma em mãos.

Ele está com a cabeça coberta por uma touca preta, onde apenas os olhos ficam à mostra. E seus olhos são tudo, menos amigáveis.

— Lincoln! — chamo sua atenção, o fazendo parar no lugar onde está, a poucos metros de mim.

Dou um passo à direita, tentando me aproximar, mas o homem balança a cabeça, em uma negativa.

— Se quiser dinheiro, posso te dar — Pedro oferece —, só não machuque ninguém, por favor.

— Eu não quero dinheiro — o homem diz, o tom de voz rouco e baixo, abafado pela touca ninja, me causa calafrios. — O que eu quero, você não pode pagar.

— Moço, por favor... — eu murmuro, e seus olhos se fixam em mim.

Mesmo mascarado, eu consigo ver forma como ele percorre todo o meu corpo, de cima a baixo. É angustiante. Eu quase poderia apostar que ele sorri, notando que eu estou apavorada. Que nós estamos apavorados.

— Eu não quero nada de vocês, só quero o garoto.

— O QUÊ? — eu grito, ao mesmo tempo que Lincoln choraminga.

Ouçõ o “click” da arma quando o homem a engatilha, e aponta para Pedro, que tinha dado um passo à frente.

— Só quero o garoto — ele reafirma. — Não me façam gastar balas à toa.

Às vezes as coisas acontecem em sua vida, que te fazem lamentar. Neste momento, eu estou lamentando tudo, afinal, a ideia de vir até aqui foi minha e, se não sairmos daqui, inteiros, será mais uma tragédia para a minha

conta.

E eu não posso permitir que nada aconteça ele.

Eu ouço Pepê argumentando com o homem, que já está aumentando sua voz em uns dois tons. Eu ouço o homem ordenar a mais alguém que contenha meu amigo, e não hesite em disparar, se for o caso. Eu ouço, mas não posso ver, porque meus olhos estão fixos no garotinho, assustado e petrificado, tendo uma arma apontada para si, a apenas cinco passos de mim.

— Tia Jordie... — ele choraminga, pois, sendo filho de policial, deve saber exatamente o que significa aquele objeto.

— Estou aqui, meu amorzinho. — Estico os braços, em partes pedindo a ele calma. Em outras, tentando dizer que eu estou aqui e que tudo ficará bem. — Eu estou aqui.

Tudo ficará bem.

Pedro

Não demora muito para que eu consiga entender o que acontece aqui ou, ao menos, uma parte de toda a situação. Quando o homem declarou que estava aqui pelo garoto, eu imaginei que devia ser algum tipo de acerto de contas contra Murilo.

Tento argumentar, oferecer dinheiro, até mesmo ficar no lugar do menino. Tudo inútil. Me enfureço quando o *filho da puta* que se fez passar por funcionário do parque surge também por entre os arbustos, me sentindo um baita imbecil por não ter dado ouvidos à minha intuição de que tinha algo muito errado por aqui.

Não era para termos prosseguido. Eu devia ter ido embora, assim que o homem disse que não poderíamos fotografar no parque.

— Dê um passo para trás — o magrelo diz, e só não garanto que ele terá a cara quebrada em dois segundos, porque ele tem uma pistola apontada para mim.

E, convenhamos, eu já sei como isso termina.

— É só um garoto — argumento com o mascarado, mas ele sequer olha em minha direção. Agora que já tem alguém para me tirar do caminho, não está mais preocupado com a minha presença.

O problema é Jordie.

Parada de frente para o menino, ela estica os braços em sua direção, talvez tentando acalmá-lo. O menino choraminga, chamando por ela, e me apavoro ao pensar que ela pode fazer alguma besteira para protegê-lo.

Porque, claro, de besteira nesse naipe, eu entendo.

Não tenho tempo de dizer nada. Após um resmungo impaciente, o mascarado avança sobre o menino e Jordie, em um impulso, se joga sobre ele, o empurrando para longe.

Aproveito o momento de distração para atacar o comparsa, que prestava atenção em Lincoln correndo para fora da clareira. Ao mesmo tempo que acerto um soco no homem, o fazendo soltar a arma e cair para trás, torço para que o menino consiga sair a tempo.

Mas tudo acontece rápido demais.

— Corre, Lincoln! — Jordie grita e se levanta, correndo em sua direção.

— Cadela! — o homem mira, e dispara.

E eu sinto uma dor aguda na parte de trás da cabeça, que subitamente deixa tudo escuro ao meu redor.



Um zunido estridente dispara, sem parar, em meu ouvido, enquanto eu tento abrir os olhos. Deitado de bruços sobre algumas folhas secas, me remexo sentindo uma dor insuportável na nuca.

Ergo a cabeça, tentando me localizar. O que aconteceu?

Um choro angustiado chama a minha atenção e me viro, vendo Jordie sentada no chão, curvada sobre os joelhos. A compreensão me atinge de imediato e me levanto, ainda zozinho.

— Jô — chamo, mas ela não responde. Passo os olhos ao redor, o lugar está vazio e nem sinal do garoto. — Jordie! — grito mais alto, um frenesi se apossando de mim.

— Levaram ele — ela diz, entre lágrimas.

— Ei — a seguro pelo braço, sentindo algo úmido e viscoso sob a minha mão. — O que é isso?

— Levaram ele, Pepê — ela diz, em transe. — Ele nunca, nunca vai me perdoar.

Me afasto, vendo em desespero que ela está ferida. Ainda zozinho e um pouco confuso, corro até o limite dos arbustos, olhando ao redor e vendo tudo continuar tão vazio quanto antes.

Por que não tinha nenhuma merda de aviso na entrada deste parque, alertando que estava fechado? Por que não tem nenhuma segurança aqui dentro? Onde está todo mundo?

Corro pela alameda, gritando o nome de Lincoln e torcendo para ouvir qualquer ruído, para que ele tenha conseguido se embrenhar entre as árvores. Giro o corpo, conforme sigo em frente, tentando olhar em cada canto que consigo, sentindo o peito apertar em apreensão.

É só um moleque, *mas que porra!* Por que esses infelizes não descontam seus problemas em cima de pessoas que possam reagir?

Grito seu nome, mais alto, a culpa me corroendo por não ter conseguido impedir que o garoto fosse levado. O parque não é grande e logo estou no portão de saída, onde meu carro está estacionado, e paro na calçada, olhando ao redor.

Levo as mãos à cabeça ao não ver nada além do vai e vem das pessoas, totalmente alheias ao que está acontecendo. Passando por mim, despreocupadas, estranhando talvez tamanho agito para essa hora da...

Espera, quanto tempo se passou?

Bato a mão no bolso da calça, aliviado ao notar que meu celular não foi levado e destravo a tela. Não deve ter se passado dez minutos desde que tudo aconteceu, eles não podem estar longe. Tentando me localizar, sei que encontro uma base da polícia a duas quadras adiante e já me preparava para correr até lá ao me lembrar de Jordie.

Não posso deixá-la sozinha, em choque, ferida.

Disco rapidamente, torcendo para ser atendido.

— *Fala, Pepê!*

— Gael, presta atenção. Estamos no parque da avenida, próximos à estátua da Aretusa.

— *O que...* — Ele tenta falar, mas o interrompo, e sequer tenho tempo de lamentar pelo susto que vou dar.

— Levaram o Lincoln, e a Jordie está ferida. Traga ajuda, por favor.

Encerro a ligação, e passo novamente pelo portão. De repente sentindo opressor todo aquele vazio e aquele falso silêncio, de uma forma quase insuportável. Apoio as mãos nos joelhos e me abaixo, buscando um pouco de ar. A cabeça latejando demais, os olhos ardendo, e uma raiva contida querendo sair, querendo mais uma vez arrasar com tudo.

— Senhor, o parque está fechado. — Ouço uma voz atrás de mim e me viro, para encontrar um homem atrás de mim.

Vestido com um uniforme azul marinho, o sujeito baixo de figura avantajada parece um tanto quanto entediado, trazendo um pastel em uma das mãos e um rádio de comunicação na outra.

— Sabia que não tem nenhum aviso aqui no portão? — Aponto para o local, sem deixá-lo responder. — Sabia que uma criança foi sequestrada aqui dentro? — Ele expande os olhos, conforme eu vou despejando tudo aos gritos. — Sabia que tem uma mulher ferida ali dentro, e não tem ninguém neste lugar para ajudar?

— Senhor...

— CHAME AJUDA, CARALHO!

Viro as costas e saio correndo em direção onde deixei Jordie, sendo seguido pelo homem que chama alguém pelo rádio. Conforme me aproximo, ainda posso ouvir o choro dela, desesperado, se culpando.

Passo pelos arbustos, alcançando minha mochila e a colocando nas costas, e me aproximo dela, tocando em seu rosto.

— Vem, vamos sair daqui.

— Não! — Ela se debate, gemendo ao mexer o braço machucado. — Não posso sair, Pedro, não posso ir embora!

— A polícia já vem. Vamos. — A ergo nos braços, tomando cuidado com o ferimento, e atravesso os arbustos indo até o banco mais próximo, a sentando sobre o olhar escrutinador do segurança.

Afasto seu cabelo, e vejo que o ferimento foi no ombro. Relembro a cena toda, ela correndo, o homem atirando... *meu Deus*.

— Ele atirou em você — murmuro, tirando a camisa que eu visto por cima da camiseta e, a embolando nas mãos, pressiono o ferimento. Ela geme, mas os olhos ainda estão vidrados, perdidos, olhando ao redor.

— A culpa é minha — repete, pela milésima vez, e os olhos transbordam novamente.

Não demora muito, ouço passos, e logo vejo dois soldados se aproximando, em uniforme da Polícia Militar. Explico toda a situação, recebendo olhares de reprimenda ao mostrar onde estávamos. Tentando me conter, o máximo que eu posso, ao vê-los olhar em volta, parecendo procurar ovos de páscoa escondidos e não uma criança sequestrada.

— Pedro! — Gael se aproxima, acompanhado de dois amigos que reconheço serem policiais. — Que merda aconteceu aqui?

— Mano, nem eu sei direito.

Explico, mais uma vez, enquanto o vejo embalar Jordie em um abraço, a fazendo chorar ainda mais alto. Tento dar a ele e ao outro policial, Samuel, o máximo de detalhes que eu consigo, agora que a adrenalina está baixando e o desespero parece estar mais latente.

Porra, levaram o moleque!

— Comendador — Samuca murmura, entredentes, e não entendo.

— O que é isso? — Ele parece não querer dizer, apenas balanço a cabeça, e eu explodo. — *Porra*, eu estive na mira desse cara. Dá para falar em português claro, que merda é essa?

Ele suspira e esfrega a nuca, trocando um olhar significativo com Gael, antes de começar a falar.

— Ele é procurado, fugiu há uns vinte dias do presídio. Foi Murilo quem o prendeu, anos atrás.

— Espera, um fugitivo estava atrás do Murilo e ninguém estava monitorando a família dele? — explodo, chamando a atenção de todos ao redor.

— Sim, estava. — Samuel parece desolado. — Não fomos competentes, pelo visto.

— Ele já sabe? — pergunto, para ouvir mais uma vez o choro de Jordie.

— Não conseguimos falar com ele.

Fico parado, estático, sentindo tudo ir pelos ares.

28



Jordie

As últimas horas passam num borrão, em um misto de incredulidade e dor. Eu sequer consigo dizer tudo o que aconteceu desde que dei entrada neste hospital, na companhia de meu irmão, porque a minha mente se mantém presa naquele instante em que eu caía no chão e via Lincoln ser levado, sem que pudesse fazer nada.

Por que, por que, por quê?

Parece que estou o ouvindo cantar, tal qual mais cedo, a sua voz vibrando aqui dentro do meu peito, sem cessar. Sequer tenho mais lágrimas, elas já secaram enquanto eu me mantenho aqui, esperando, os olhos fixos na janela ainda que não consiga enxergar a rua.

Às vezes me sobressalto com a porta sendo aberta, imaginando uma boa notícia, esperando Lincoln entrar por ela, saltitante, e dizer que havia conseguido escapar, que minha mente me pregou uma peça, que ele está a salvo. Dura meio segundo, talvez nem isso, é só o tempo de ver um enfermeiro entrando, ou meu pai que, inquieto, não consegue se manter sentado.

Já minha mãe se mantém, como sempre, ao meu lado. Diligente e silenciosa, sentada na poltrona e tentando vez ou outra falar comigo, sem que eu lhe dê nenhuma resposta.

O que eu diria, afinal? Que as pessoas sempre estiveram certas a meu respeito? Que a minha mania de fazer tudo do meu jeito, sendo inconsequente e egoísta, sempre acaba por respingar em pessoas inocentes?

Eu já tinha ouvido isso demais. Do meu ex-noivo, de Sofia, de Babi.

E vou ouvir de Murilo, não tenho dúvidas.

Por muito tempo, o garoto foi cuidado por uma babá que pode ser infernal, mas nunca expôs o garoto a nenhum tipo de perigo. Movida por ciúme, por egoísmo, eu tirei o menino de sua casa, o afastei da pessoa que

tomava conta dele, para o jogar direto em uma situação que pode custar sua vida.

Murilo nunca vai me perdoar por isso.

Ele já tinha me dito antes que eu era uma pessoa horrível, eu só fiz confirmar. O meu egoísmo atingiu aquele que se tornou importante demais para mim: Lincoln, meu garotinho corajoso.

Pareço sentir sua mãozinha enrolada em meu cabelo. Contando sobre o seu dia, animado. Fazendo questão de me incluir em seus programas, suas atividades, sua tagarelice sem fim.

Relembro as palavras de minha mãe, me dizendo que filho do coração também é filho. Não sofrer a perda de um era somente um dos motivos — e talvez a mola propulsora — que me fez optar pela cirurgia de uma vez por todas. Para, no final das contas, isso acontecer comigo.

Será castigo?

E, se for um castigo, por que não me atingir, ao invés de atingir ao menino? Que destino perverso é esse, que brinca dessa forma com as pessoas?

Fecho os olhos novamente, lembrando toda a cena. Encontrando mil falhas e tudo o que eu poderia ter feito diferente para protegê-lo. Sentindo novamente o desespero me engolfar, quando me lembro de ter caído no chão, com uma dor insuportável no braço, e Lincoln voltou para mim, porque sabia que eu tinha me ferido.

Eu o apertei nos braços com tanta força, apavorada. Me levantei e tentei correr, mas fui puxada pelos cabelos e levei um soco, que me fez cair e bater a cabeça com força no chão. Isso me desestabilizou por um instante, porém, tempo suficiente para aquele demônio levar meu garoto embora.

Os gritos dele ainda ecoam aqui dentro. Como uma lembrança eterna da minha estupidez.

Eu não fui capaz de protegê-lo.

A porta se abre novamente e, mais uma vez, meu coração sobressalta, apenas para ver meu pai entrando, vindo em direção à minha cama. Seu semblante preocupado, e os olhos vermelhos de quem chorou, me acertam como socos.

— Está bem, *bambina*? — pergunta, carinhoso, segurando minha mão.

Em resposta, eu me viro, olhando para a janela. Eu quero chorar, dói menos quando choramos.

— Não disse nada desde que cheguei — mamãe conta. — Falou com o médico?

— Falei, *tesoro*. Ela precisa de repouso, somente. A bala atravessou, mas não acertou nenhuma artéria. Logo vamos para casa.

— Notícias de Murilo? — ela pergunta, e fecho os olhos, tão apertado que os sinto queimar por dentro. Papai demora um pouco para responder e, por instinto, me viro em sua direção.

Ele me olha com um misto de cautela e pena, e isso me apavora. A velha mania de criar situações antes que elas aconteçam me toma de assalto e, de repente, não imagino mais Murilo me odiando, xingando até a minha quinta geração e dizendo que nunca mais quer me ver. Não.

Agora eu posso vê-lo ferido, preso em algum lugar, nas mãos daquele homem de olhos cruéis. Sendo obrigado a ceder em qualquer coisa que lhe pedissem, em troca de não ter o seu filho machucado.

Ou pior.

De repente, eu vejo a cena toda à minha frente. Murilo sendo encurralado por homens a mando daquele bandido, levado a algum lugar a esmo. Ferido até não conseguir mais se mexer. Jogado de algum penhasco ou deixado para trás, como um animal sem vida.

— *Não, não, não!* — repito, perdendo o controle.

Sinto os braços do meu pai me envolverem, apertado. Me ninando tal qual fazia quando eu era menina.

— Calma, bambina — ele diz, carinhoso. — Logo ele aparece aqui, fique calma.

Ele precisa aparecer. Ele precisa estar bem. Ainda que nunca mais me olhe, que não fale mais comigo, eu o quero bem. Inteiro. Vivo. Com seu filho, em um lugar seguro.

Eles precisam estar bem. Eu não vou suportar se não estiverem.

O choro vem com força, arrasando com tudo. Apertando meu peito ao ponto de doer.

É mentira. Não dói menos quando choramos.

Pedro

Ouvir o choro de Jordie faz com que eu me sinta ainda pior. Sentado no corredor, as pernas flexionadas e recostado na parede, eu olho para a entrada, de forma fixa e ininterrupta, torcendo para que uma boa notícia apareça por aquela porta.

Fui proibido de sair daqui, de me envolver. Segundo Samuel, eu estou “*mais alterado do que o aceitável*” e é melhor que permaneça por aqui. Como não ficar alterado? De repente, parece que o mundo resolveu cagar na minha cabeça.

Sinto o celular vibrar no bolso e o pego, com rapidez. Bato a cabeça com força na parede por mais três vezes, somente para garantir que ela vai continuar doendo, antes de destravar a tela e ver a mensagem de Tadeu.

Tadeu: *Tudo tranquilo por aqui, a não ser por aquilo que já conversamos. Se eu vê-la chorar por mais uma noite, nós nos veremos em São Paulo.*

Posso ouvi-lo falando isso, mas não dessa forma toda *corretinha* que ele usa para escrever. Se fosse dito pessoalmente, ele incorporaria o personagem mineiro e isso soaria mais ou menos como:

“Tudo de boa por aqui, menos aquele trem que já falamos, cê sabe que se eu pegar ela chorando mais uma noite, eu vou a São Paulo e acabo com a sua raça.”

Poderia rir, mas nunca conseguiria ao ler que ela andou chorando.

Eu não teria paz, tão longe dela, se não houvesse ninguém por perto em quem eu pudesse confiar. Depois daquela pancadaria toda, eu percebi que teria em Tadeu um baita aliado, porque além de ele considerar demais a menina, detesta aquele animal com todo o seu ser.

Ouçó as batidas na porta e me levanto, respirando fundo, caso não seja quem eu espero. Paula se mantém irredutível em só ir embora de Rio Verde junto comigo e não posso estender a minha passagem por aqui por mais tempo.

Solto um suspiro, aliviado, ao me deparar com o sujeito negro, alto e forte parado do outro lado da porta, com cara de poucos amigos.

— Mandou me chamar? — Aceno com a cabeça, e dou-lhe espaço para que entre, tomando o cuidado de olhar no corredor, para saber se não tem ninguém ouvindo a conversa.

— Estou indo embora — falo, em um tom baixo —, mas eu não poderia partir sem falar com você. Não depois de hoje.

— Eve sabe? — pergunta, em tom surpreso, e eu confirmo. — Arrebenta a cara do mau caráter e deixa a menina pra trás, que boniteza.

— É por isso que pedi para te chamar. Senta.

Aponto a cama e ele olha em volta, notando a minha mala em cima

da poltrona e o quarto praticamente todo arrumado. Depois de um suspiro, contrariado, ele se senta. Apoiando os cotovelos sobre as pernas, ele espalma as mãos e ergue a sobrancelha, como quem diz: e aí?

— A mulher que está hospedada aqui é problema — começo, para já ouvi-lo reclamar.

— Claro, não basta tudo o que a menina passa por aqui, ainda precisa de problemas vindos de outro estado.

— Me ouve — peço. — Pra começo de conversa, quem deu munição a ela foram os fofoqueiros desta cidade, que resolveram contar à Paula sobre o passado de Evangeline.

Sabendo que tenho sua atenção, indicado pelos olhos arregalados que ele mantêm fixos em mim, eu explico a ele quem é Paula, e o que ela ameaçou fazer, caso não vá embora.

— Acha mesmo que ela pode fazer isso?

— Não sei — digo, com sinceridade. — Mas não quero pagar para ver. Volto para São Paulo e, estando lá, vou tentar encontrar esse irmão.

— Quer se adiantar... — conclui, compreendendo meu plano.

— Não consigo fazer nada daqui. — Balanço a cabeça, exasperado. — Mas não quero dar munição à Paula e, por isso, pretendo agir como se ela tivesse ganhado a batalha.

Ele me lança um olhar mortal e se levanta, vindo em minha direção.

— Ah, seu fidégua!

— É exatamente isso que eu quero que todos pensem, inclusive, a Paula — digo, com os braços ainda cruzados, antes que ele se aproxime. Dá certo, pois ele para, confuso, e me encara.

— A menina vai ficar magoada.

— Posso lidar com isso — minto. — Mas não a quero machucada, Tadeu, e por isso, pedi para te chamar.

— Nem precisava! Eu cuido dela como de uma irmã — ele diz, e eu ergo uma sobrancelha, em discordância. — Quando ela deixa, é claro.

— Vou contar com isso, Tadeu, mesmo quando ela não deixar.

Não falo com Eve desde que saí de Rio Verde e sei, por causa das mensagens que Tadeu me envia, ou as poucas que ela também mandou, que ficou magoada com meu silêncio. Achando que Carlos tinha razão ao falar sobre forasteiros e sua busca por lanchinhos rápidos. Mas eu não posso arriscar, principalmente se eu levar em conta o tremendo para-raios de bucha

que eu tenho me tornado.

Sentado aqui, no corredor de um hospital, depois de falhar em proteger Jordie, eu sei que foi a melhor decisão que eu poderia tomar. Conhecendo Paula, e sua loucura, eu tenho certeza de que ela pagou alguém para ficar de olho em Eve.

Eu preferia Paula me infernizando a acabar com a vida da minha ratinha.

Minha ratinha.

Será possível que a minha vida será sempre assim? Interessado em mulheres que não podem, ou não querem, fazer parte da minha vida?

Um falatório mais alto chama a minha atenção e, de repente, sinto que chegou a minha hora. E eu nem vou poder reclamar quando Murilo, finalmente, decidir partir a minha cara.

Murilo

Tento me desvencilhar de todas as mãos que procuram me manter calmo, pacato e sereno no lugar, empurrando a todos e falando um pouco mais alto do que seria permitido em um hospital. As boas maneiras que me perdoem, mas hoje ninguém vai me manter na linha.

— Eu já falei para me soltar! — Empurro Bento, que obedece, erguendo as mãos em rendição.

— Se acalma — Samuca pede, e eu explodo.

— COMO QUER QUE ME ACALME? — grito, descontrolado.
— Por acaso, tem ideia do que está acontecendo aqui dentro? — Aponto para o peito, enquanto o encaro, encostando minha testa na dele.

Ele não responde. Mal abre a boca.

— Quantas vezes eu avisei? Incontáveis vezes, que isso aconteceria.
— Me afasto, socando a parede. — Quem me ouviu? QUEM?

Com certeza uma hora eu vou reconhecer que estou sendo injusto, gritando com Samuca e Bento, mas no momento, eu quero mesmo é que se foda.

— Tem razão — ele diz, somente.

Samuca vem suportando o meu surto desde que fui informado sobre o ocorrido. Passei a noite com minha equipe em uma operação, um cerco feito no limite do município, cumprindo um mandado de busca e apreensão contra o chefe de uma quadrilha especializada em roubos a carros-fortes. A noite foi infernal, cansativa, de um confronto pesado que deixou alguns corpos pelo

caminho.

Entre isso, recebia mensagens relacionadas ao paradeiro do Comendador, que havia sido visto pela última vez no estado do Rio de Janeiro, há dois dias. E Jordie, me avisando que iria fazer uma sessão fotográfica de Lincoln, com o maldito alemão.

Eu estava cansado.

Não, cansado é pouco, eu estava exausto.

Exausto e minha cabeça já dando nó, eu só queria pegar meu garoto e cair na cama.

Assim que nossa equipe estacionou em frente à base, eu o vi. Samuca estava parado, de braços cruzados, como sempre, e mesmo sem ele me dizer nada, eu sabia que a visita era para mim. E pelo seu ar fechado, que não seria boa.

Mas nada me preparou para o que ele vinha me dizer. Que meu filho foi levado e minha garota estava no hospital.

Eu surtei.

O soquei. Chutei a viatura. Mandeí o delegado para a *puta que pariu*. Me senti sozinho, traído, largado, porque venho alertando sobre a chegada desse maldito, há dias. Precisei ser contido e ameaçado, para ao menos ouvir o que tinham a me dizer.

E agora estou aqui, na sala de espera do hospital, querendo entrar para vê-la e eles me pedem para ter calma? Como querem que eu me acalme? Quando sei que os deixei sem proteção, quando ignorei suas mensagens, quando virei as costas para ela, por pura infantilidade.

Fui um ogro, um grosso, um babaca. A última coisa que eu fiz foi magoá-la, e poderia tê-la perdido. Ainda posso perdê-la, se ela resolver que lidar com um idiota, feito eu, é demais para ela.

Como esperam que eu lide com isso? COMO?

— Murilo. — Alguém toca em minhas costas e eu me desvencilho, irritado e arredio. Quando me viro, prestes a socar seja quem for que me tocou, dou de cara com o pai dela. O pai de Jordie. — Se acalme, filho. Quero que entre comigo, mas preciso que se acalme.

— Preciso vê-la, senhor... — imploro, minha mente em um branco inacreditável, em que eu mal consigo lembrar o nome do homem.

— E ela também está preocupada com você, mas precisa me prometer que não vai surtar lá dentro.

— Me leve até ela. — Avanço dois passos, tentando enxergar além da

porta do corredor que me levará ao quarto onde ela está.

Seu pai então cresce uns dois metros à minha frente, impedindo minha passagem.

— Acredito que irá me entender, da mesma forma que estou compreendendo os seus sentimentos — ele diz, muito sério. — Não sou pai do seu garoto e estou destruído de preocupação, então imagino que você não esteja pensando direito, mas não pense, nem em um segundo, que irei permitir que maltrate a minha filha.

O encaro, sem reação. Confuso, sem entender o que ele insinua.

— Por que eu maltrataria a sua filha?

— Me diga você — ele responde. — Pois é o que ela teme, desde que tudo aconteceu.

Balanço a cabeça e olho em volta. Só então vejo Gael, parado atrás do pai, de braços cruzados, me encarando com seriedade. Esfrego a nuca, nervoso, e volto a olhar para o pai deles.

— Isso não passou pela minha cabeça — digo, com sinceridade. — Eu posso vê-la?

— Calma lá, Murilo. — Gael se aproxima, muito sério. — Não vá pensando que será fácil assim. Estou vendo que você está alterado, você tem certeza de que não vai fazer nada para machucá-la?

— Claro que não! — Ergo a voz, o encarando.

— Quem garante isso? — ele diz, por cima do ombro do pai, e eu bufo, irritado. — Jordie é minha irmã Murilo e, por mais que eu goste de você, não vou permitir que a magoe, principalmente agora.

— *PORRA*, Gael! — explodo, e esfrego o rosto, inspirando fundo. Balanço a cabeça e olho, mais uma vez, para os dois homens à minha frente. — Eu garanto que não vou magoá-la. Estou preocupado, me sentindo culpado *pra caralho*, eu só quero vê-la. Por favor.

Meu ar parece faltar, tamanho aperto que sinto no peito e, nesse ponto, eu nem me preocupo em estar implorando.

Gael apenas acena e seu pai ergue a mão, me dando dois tapinhas no rosto, acompanhados de um olhar que traz nada além de empatia. Sou direcionado para a passagem atrás deles. Uma porta branca, grande, que se abre direto a um corredor comprido, extremamente limpo e claro.

E então eu o vejo, o alemão que estava junto a eles. Infelizmente, é inevitável sentir a raiva pulsar ao vê-lo em pé, encostado na parede. A vontade de descontar nele toda a dor que estou sentindo no momento, a

impotência, o desespero.

Me aproximo a passos largos, bufando feito um touro. Os punhos fechados, prontos para detonar tudo à minha frente. Ouço alguém chamar meu nome atrás de mim, mas não dou atenção, sequer penso. Tudo o que eu quero é descontar essa raiva monstruosa que me aperta o peito.

O encaro, parando à sua frente, e ele abaixa a cabeça. Parecendo esperar por qualquer castigo que eu possa dar a ele. Os ombros caídos e as mãos estendidas ao lado do corpo me dizem que ele não vai revidar, caso eu tente. Essa passividade na hora da raiva desenfreada geralmente tem um efeito poderoso, eu fico ainda mais irritado. Mas aqui, por incrível que pareça, acabou por me desarmar.

Ele não tem culpa, por que eu quero descontar nele?

Balanço a cabeça, com vigor, de um lado a outro, tentando retomar a minha sanidade. Vou precisar dela para trazer meu garoto de volta.

Olho para a porta fechada, sentindo meu coração disparado a galope. Relembrando o pedido de seu pai, para não a maltratar.

— Jordie, Jordie... — murmuro, para mim mesmo, antes de abrir a porta.

Sou recebido por um soluço. Assim que me vê parado na porta, Jordie leva a mão aos lábios e passa a chorar, sem controle. Sua mãe se aproxima e ainda posso ouvir quando seu pai pede que nos deixe a sós, mas não sei dizer qual a sua reação, porque meus olhos estão fixos na mulher à minha frente.

Me aproximo, devagar, de sua cama, me sentando ao seu lado. Perpasso os olhos por ela, notando a tala no braço e o hematoma no rosto, próximo aos olhos inchados. Estico minha mão, acariciando seu rosto, e seguro seu queixo com a ponta dos dedos, o erguendo em minha direção.

— Pare de chorar, patricinha.

— Não me odeie, por favor — ela pede, entre soluços. — Eu não fiz por querer, eu ainda tentei, eu...

— Vem aqui. — A puxo para mim, apertando-a em meus braços, aliviado por vê-la bem o suficiente para estar pensando abobrinha.

Como pode pensar que eu ficaria bravo com ela?

— Eu juro, Murilo. Prometo que nunca mais chego perto de vocês.

— Oi? — Me afasto, segurando seu rosto entre as mãos.

— Faço tudo errado, eu sei — ela continua, chorosa. — Se tivesse ficado quieta em casa, nada disso teria acontecido.

Balanço a cabeça, ciente do discurso. Sempre que acontece algum

tipo de violência, a vítima acaba se colocando como culpada.

— *Shhhh!* — Encosto meus lábios nos dela, dando-lhe um beijo. — Você não teve culpa de nada. A culpa foi toda nossa, meu bem. Minha equipe falhou em te proteger.

— Já o acharam? — Nego, e ela se debate, nervosa. — Pelo amor de Deus, como podem não ter achado o menino ainda? Murilo!

— Eu sei. A busca já está em andamento — explico —, várias equipes estão mobilizadas tentando encontrar Lincoln. Eu vou sair também, mas queria te ver primeiro.

Estou em uma enxurrada de sentimentos conflitantes. Feliz por estar com ela, desesperado por não estar com meu filho. Irado por saber o que nos trouxe até aqui. Decepcionado comigo e com meu trabalho, enciumado por causa do tal alemão. Triste demais por não conseguir dar um rumo decente à minha vida.

Sairei daqui em busca do meu filho e não tenho sequer certeza do que pode acontecer. Ciente de que não volto para casa sem ele e que, se algo de pior aconteceu, é o fim para mim também. Não vou conseguir conviver com isso.

Passo o dedo por sobre o hematoma que ela traz no rosto. Pelo que li no depoimento, depois de ser atingida no ombro, ela caiu, mas mesmo ferida tentou impedir que meu filho fosse levado. O hematoma veio de um soco que aquele desgraçado desferiu nela, e eu vou fazer questão de cortar suas mãos por causa disso.

— Eu sinto muito que você tenha se visto no meio dessa insanidade, patricinha — digo, sem ter coragem de olhar para ela. — Agora, eu preciso ir, estão me esperando.

— Eu pensei tanta porcaria, antes de você chegar. Tive medo que estivesse machucado.

— Te juro que eu preferia essa versão.

A trago para mais um abraço e ela me aperta, firme, com o braço livre.

— Me perdoa. Nunca mais eu me aproximo, vocês vão ver. — Sorrio ao ouvir sua determinação infantil. — Eu sou um espelho permanentemente quebrado, uma fonte interminável de azar.

— Para com isso — peço, enquanto ela continua falando. — Você é minha garota, não vai a lugar algum.

— Sou o quê?

— Ainda precisamos conversar a respeito, mas agora eu não estou com cabeça ou tempo para isso. — Me afasto, olhando dentro dos seus olhos. — Então, por favor, enquanto eu saio por aquela porta, coloque na sua cabeça que você é minha mulher. E eu não vou abrir mão disso.

Meu discurso sai todo de uma vez, e sequer dou chance a ela de responder.

A seguro pela nuca e encosto minha testa na dela, fechando os olhos antes de tomar sua boca em um beijo rápido, porém, firme. Procurando garantir, com esse beijo, que ela se sinta importante para mim e que eu senti muito medo de perdê-la.

É egoísta, eu sei. Estou dando a ela esperança de um futuro que eu sequer sei se eu terei, mas no momento é o que deixa meu coração minimamente confortável, principalmente por conta do que está por vir.

Bento me espera na saída do hospital, e eu sequer preciso olhar em seu rosto para reconhecer que estamos do mesmo jeito. A nossa determinação é a mesma, e o ódio que estamos sentindo, idem.

Se é um embate que o Comendador quer, é um embate que ele terá.

29



Evangeline

Passo a flanela sobre o balcão pela vigésima vez, enquanto os olhos continuam vidrados na tevê. Entre uma tarefa e outra, eu jurava ter visto o rosto de Pedro no noticiário, durante o bloco que dava notícias nacionais, e agora não consigo focar em mais nada que não seja no aparelho preso à parede.

Eu não posso estar ficando maluca, era ele!

— Vamos embora, anjo? — seu Antônio diz, indo em direção à porta e sei que é quando ele vai puxar o fio da tomada, cortando a energia do aparelho.

— Podemos esperar um *cadin*? — peço, fazendo um sinal com a mão, mostrando o indicador e o polegar aproximados. — Eu queria ver uma notícia.

— Assista em sua casa. — Ele puxa o fio, desligando o aparelho.

Inspiro fundo, desatando o nó e jogando o avental em cima do balcão, o fulminando com os olhos enquanto o faço. A minha semana aqui tem sido infernal, ele anda pior que o costureiro e a minha paciência está por um *fio de rabiola*.

Não está sendo fácil lidar com todo o julgamento que venho recebendo desde que Pedro deu um jeito em Carlos. De “pobre filha do bêbado” eu me tornei a messalina que seduziu o forasteiro e acabou com a vida do bom rapaz da cidade.

Eu já estava acostumada com os olhares de pena, sabia muito bem lidar com eles. Mas os olhares agora estão mais ferinos, mais dolorosos. Talvez porque, através deles, eu reconheço quão iludida eu fui.

Alcanço a minha bolsa e saio de trás do balcão a passos largos. Na praça, algumas beatas da igreja cessam o assunto para observar o movimento, e tenho vontade de gritar se elas não têm mais o que fazer. Soube por Tadeu

que foi exatamente com elas que Paula se informou acerca de minha vida, deixando a maledicência ainda pior.

— Por sua culpa, agora é sempre assim — Antônio comenta, em um tom de voz nauseado que me faz olhar para ele de imediato. — As pessoas em rodinhas, comentando. E envolvendo minha lanchonete; e minha família nesse lamaçal que é tua vida.

Suas palavras me envolvem de uma forma nefasta. Fazendo com que eu me sinta suja, errada e extremamente infeliz. E, pela primeira vez, acabo explodindo com ele, cansada de seu tratamento.

— O que diabos eu fiz a você, para me tratar dessa forma?

— Ah, por favor — debocha —, não vem bancar a inocente, não.

— Estou falando sério. — Paro à sua frente, quando ele faz menção de baixar a porta de ferro. — Estou cansada da forma como você me trata.

Sua expressão se transforma, de debochada para raivosa. Com brusquidão, ele agarra o meu braço e me puxa de volta para dentro da lanchonete. Sou empurrada quando ele me solta, precisando de um certo equilíbrio para não esbarrar nas mesas.

De repente, me arrependo de tê-lo enfrentado estando aqui sozinha.

— Você se faz de sonsa, só pode — esbraveja. — Desde que chegou à cidade, com essa carinha de deslumbrada, eu sabia que ia trazer problemas.

— Antônio — abro os braços, confusa —, eu cheguei aqui com onze anos!

— E desde então se mete na minha casa, enchendo o saco de minha esposa, como se tivéssemos alguma obrigação de cuidar de você e dos seus problemas!

Vejo seu peito subir e descer, raivoso, enquanto ele anda em círculos, esbravejando em um rompante totalmente sem sentido. Eu nunca fiz nada para esse homem, não consigo entender!

— Eu nunca fiz nada de mal para a sua família — repito, e vejo o seu sorriso se abrir. Não de forma simpática, devo dizer.

— Virou a cabeça do Carlos, assim que chegou. — Seu tom é malicioso. — Lembro-me dele correndo atrás de você pela cidade, nos contando cada encontro que tinham nos matagais na beira do rio.

Arregalo os olhos, em choque. Balanço a cabeça, em negativa, mas ele continua dizendo:

— Então chegava para a minha esposa que, boba, acredita em qualquer *coitadismo*, dizendo que era virgem.

— Carlos mentiu... — digo, levando a mão até o peito, tentando conter a falta de ar iminente.

— Se embrenhou de tal forma, que convenceu Laninha a te contratar. — Antônio se aproxima de mim, a passos largos, ficando em uma distância um tanto desconfortável. — Posando de santa, de menina ingênua. E eu fui obrigado a contratar a rameira da cidade.

— Nada disso é verdade. — A voz falha, ao sentir as lágrimas já escorrendo pelo rosto.

— Sempre buscando a pena dos outros, tentando viver de caridade. Esticando esses olhos compridos para cima de qualquer macho que apareça no bar — ele diz, muito próximo, mas sem encostar em mim. — Carlos me dizia que era questão de tempo até você envenenar a minha Laninha, e fazê-la acreditar que eu também queria me enfiar entre suas pernas.

O desprezo em seu olhar é cortante. Levo as mãos à cabeça, quando a pressão no peito se torna demais para suportar, ao entender agora os anos de respostas ríspidas, o cinismo ao me chamar de anjo.

— Eu era tão ruim para Carlos e, mesmo assim, ele continuou no meu pé? — pergunto, aos gritos. — Não percebe que isso não faz sentido algum?

— Minha mãe me dizia que uma mulher poderia *danar* a vida de um homem e, veja só, ela tinha razão. — Antônio segura meu braço, novamente, me fazendo olhar para ele. — Foi lá na casa dele, para ver o que o seu amante fez? Humilhou o rapaz, *anjo*.

— E O QUE ELE ME FEZ? — Me chacoalho, livrando-me de seu aperto. — A irmandade dos pobres homens oprimidos é seletiva, por acaso?

— O que ele fez, sua mal-agradecida? — grita, sobrepondo sua voz à minha. — Sustentou por anos o vício do seu pai, aturou suas derrapadas, sem lhe dar o corretivo que merecia, ajudou até na reforma do bar, para que eu não cortasse gastos de funcionários e não precisasse mandar você embora!

Sinto um ódio tão pungente que me descontrolo. Bato a mão por sobre a mesa à minha frente, jogando longe o galheteiro e fazendo o vidro de azeite se espatifar, espalhando o líquido amarelado pelo chão. Grito alto, forte, como se esse grito pudesse expurgar toda a pressão em meu peito.

— Idiota, babaca, cretino! — Aponto-lhe o dedo, em riste — É isso o que você é. Um panaca iludido pela conversinha do pobre garotinho rico, um vendido que se sente importante porque recebe ajudinha em seu bar.

— Cale a sua boca!

— PROS-TI-TU-TO! — grito as sílabas de forma pausada, mas

totalmente descontrolada. — Deu o rabo para ele também? Não me surpreenderia, tamanha devoção!

Ele avança em minha direção e eu pego a primeira cadeira que minha mão alcança, a erguendo.

— Não se aproxime — ordeno — ou não respondo por mim. Disse tudo o que queria, deveria saber ouvir também!

— Quem você pensa que é — rosna, em desagrado —, para vir me dizer qualquer coisa? É só uma putinha sem eira nem beira, que pensou ter chamado a atenção de um famoso qualquer e foi largada para trás, porque é somente para isso que você serve.

Suas palavras doem, devo dizer. Ouvir isso é difícil, me sinto como se estivesse me afogando, perdendo o ar aos poucos.

— Evangeline! — Ouço a voz de meu pai rugir atrás de nós e me viro para vê-lo, vermelho feito um pimentão, de punhos fechados ao longo do corpo, olhando para seu Antônio em clara ira. — Vamos para casa.

— Pronto, chegou o bêbado.

— Cale essa boca, Antônio — papai rosna, vindo em nossa direção e eu coloco a cadeira de volta no chão, indo ao seu encontro.

Papai não tem estrutura física para entrar em um embate com ninguém sem sair ferido.

— Está tudo bem, papai, vamos embora.

— Eu posso ser um bêbado, sim — ele prossegue, ignorando meu apelo —, mas sou honesto. O mesmo não pode ser dito de você. Ou pensa que bêbado é surdo?

Papai parece ter atingido um ponto sensível, porque Antônio empalidece, e o sorriso cínico some de seu rosto no mesmo instante.

— Não sei do que está falando.

— A sua sorte, Antônio, é que eu nunca colocaria a minha filha, Tadeu ou Laninha em uma enrascada por conta de sua sujeira. — Meus olhos vão de um a outro, confusa. — Mas não queira posar de guardião da moralidade, pois você não tem nenhuma.

— Suma daqui. — Ele se aproxima, amedrontador, e paro na frente de meu pai, o protegendo. Seus olhos percorrem meu corpo, a expressão de nojo em seu rosto chega a me fazer mal. — Os dois, vão embora. VÃO!

— Vamos, papai. — Impulsionada por seu grito, o empurro para fora do bar.

Na rua, as pessoas se aglomeram, curiosas e parecendo se deliciar

com o show que demos dentro da lanchonete. A minha vontade é gritar com eles, todos eles. Infelizes, pobres de espírito. Mas não o faço, apenas continuo descendo a rua, puxando meu pai pelo braço.

— Espero que saiba que está demitida, *anjo* — Antônio grita, da porta da lanchonete, e eu apenas ergo a mão, mostrando-lhe o dedo anelar em riste, sem olhar para trás.



O pós-adrenalina é sempre a pior parte do descontrole. Quando as emoções estão afloradas e você deixa a raiva te dominar, tudo fica mais fácil. Você abre as comportas e deixa tudo sair. Então você se acalma e, com isso, vem a ressaca moral. Aquele instante em que você se culpa por ter perdido a cabeça, por ter falado demais.

Eu odeio me humilhar. Odeio muito. Não acho que pessoa qualquer no mundo mereceria se humilhar para conseguir alguma coisa. Mas, neste momento, estou cogitando ir até a casa de Laninha e implorar para ter o meu trabalho de volta.

É isso ou morrer de fome, porque o que dona Matilde me paga mal serve para quitar a taxa de luz.

Estou há horas sentada no chão do meu quarto, abraçada à bermuda que Pedro vestiu quando dormiu aqui em casa, me sentindo o *cocô do cavalo do bandido*. Tentando, com isso, encontrar ao menos um resquício de como me senti naquela semana, em que eu era cuidada, protegida e querida.

Ou ao menos eu pensava que era.

— Eve — papai aparece na porta —, vem comer alguma coisa, filha.

Nego, mantendo meus olhos fixos no chão.

— Estou sem fome, e quero ficar sozinha.

Ouçó seu chinelo se arrastar pelo chão e reviro os olhos, impaciente. Me surpreendo quando ele se senta ao meu lado, recostando na cama tal qual eu estou, e puxa minha mão para o seu colo.

— Sei que tenho sido um pai de merda. — Me viro, o encarando, e ele tem um sorriso triste no rosto. — Não acho que filho nenhum deveria gastar sua vida tomando conta dos pais, o correto é o oposto. Então, me desculpe por isso.

Eu queria dizer a ele que não precisava se desculpar, mas lá no fundo eu esperava por isso. Depois de tanto tempo, de tanto choro e sofrimento, noites em claro e constrangimento, eu esperava por isso. Então, não digo

nada, apenas balanço a cabeça.

— Decidi que vou me tratar — ele diz, dando dois tapinhas com sua mão sobre a minha. — Depois de tudo o que aconteceu aqui na última semana, acho que já passou da minha hora.

— Rio Verde não tem...

— Pensei em Boa Fonte — ele me interrompe, citando a cidade vizinha. — Lá também pode ter mais vagas de emprego, você sabe.

Franzo a testa, enquanto analiso a sua sugestão. Boa Fonte não é longe daqui e, por ser uma cidade maior, pode realmente ter mais opções para mim e, por que não, para ele. Ao mesmo tempo, é o lugar onde Carlos mantém a sua maior loja e isso me levaria direto para o olho do furacão.

— Podemos fazer o seu tratamento lá, papai, mas não quero viver lá — afirmo. — Se um dia sairmos de Rio Verde, quero ir para longe de Carlos e sua loucura.

— Você podia falar com o rapaz. Pedro, não é? — ele pergunta, com cuidado, e eu dou risada.

Uma risada fraca, sem humor algum.

— Mandeí uma mensagem a ele, papai. — Estico o telefone, mostrando. — É a terceira mensagem que eu mando, desde que ele foi embora. Ele não respondeu a nenhuma delas.

— Ele pode estar com problemas.

— Com problemas, estou eu. — Aumento o tom de voz e jogo a bermuda longe, irritada. — Desempregada, com a cidade inteira olhando torto para mim, sem dinheiro. Que problemas ele pode ter, que se equiparam aos meus?

Ouçó o suspiro que meu pai dá. Longo, profundo.

— Carlos o processou, filha. — Meu coração para de bater, momentaneamente. Como eu não sabia disso? — Ele vai responder por agressão, e não podemos ignorar que ele fez aquilo nos defendendo.

— Ninguém me falou...

— Porque ele pediu para não te importunar com isso. Agora, olhe para mim — ele ordena, com firmeza, e eu obedeço. — Nós podemos ficar aqui em casa, lamentando tudo o que aconteceu nos últimos dias, ou podemos nos reerguer. Infelizmente, eu não consigo fazer sozinho, mas se você quiser, estou aqui para te ajudar.

Digno das melhores novelas mexicanas, ele se levanta e sai, me deixando aqui pensando no que ele disse. Claro, como se eu já não tivesse

pensado nisso tudo sozinha, por muito tempo.

Pensar em sair de Rio Verde? Incontáveis vezes. Porém, sem um emprego e sem lugar para morar, é inviável.

Pensar em trabalhar em alguma cidade vizinha? Quase todos os dias. Mas só conseguiria fazer isso se tivesse a certeza de que meu pai estaria bem, e não se afogando em seu próprio vômito, enquanto eu estou fora.

Pensar em ligar para Pedro? Alcanço o celular, somente para ver que a mensagem que eu enviei foi visualizada, mas não respondida.

Isso deve responder a todos os questionamentos da noite.

Pedro

“Eve: Por que não me responde, Pedro? Eu juro que não sou pegajosa, só queria saber se você está bem. Mas, prometo, esta é a última mensagem que eu te mando.”

Abaixo a cabeça entre os braços apoiados em meu joelho, esfregando a nuca com vigor. Irritado demais, nervoso. Perdido *pra caralho*. Parece que estou ouvindo sua voz, triste, enquanto leio a mensagem recebida no celular.

É a terceira que ela me envia. E eu posso sentir a emoção colocada em cada uma delas. Como pode, a pessoa se derramar e se fazer sentir em uma mensagem de texto? Eve está magoada comigo. Decepcionada. Triste, se sentindo sozinha. Tadeu diz que ela chora à noite, sem entender por que eu me afastei.

Eu devia dizer a ela. Com certeza ela me pediria para ficar fora disso, e não chegar perto do psicopata que atende por irmão dela, mas, em minha cabeça, é a coisa mais certa a ser feita. Me adiantar, checar seus passos. O cara pode nem estar vivo e ela naquele fim de mundo, assustada.

Contratei um investigador assim que cheguei à cidade, pedindo a ele o máximo possível de descrição. E todos os dias eu recebo um “nada consta” como resposta, o que tem me deixado ainda mais irritado.

— Estou ficando preocupada com você, filho! — minha mãe exclama, talvez ao me ver bater com as mãos na cabeça pela centésima vez desde que cheguei.

— Não fique, estou bem — resmungo, e sinto quando ela se aproxima.

— Vem aqui. — Ela me puxa, fazendo com que deite minha cabeça em seu colo. — Me deixa te ajudar, filho, o que te aflige?

Saí do hospital e não consegui ir para casa, não poderia ficar lá,

sozinho, e tampouco quis ir para a casa dos Prieto. O clima estava péssimo sem notícias de Murilo ou Lincoln e, como eu ainda me sentia culpado por toda essa confusão, preferi me afastar.

Fiz a única coisa que tenho feito nos últimos dias: corri para a casa de minha mãe. Receber seu colo tem sido o que me consola, isso ou eu já teria feito alguma besteira. Dona Claudia tem o dom de me tranquilizar, mas acredito que nem ela terá esse poder agora, quando eu já estou a ponto de pegar as chaves e dirigir até Minas Gerais.

— Quantas vezes, nesses últimos anos, você me viu fazer algo que deu errado?

— De propósito? Nenhuma — ela responde, docemente.

— Quando a merda estoura, mãe, ninguém quer saber se foi sem querer.

Ela fica em silêncio por um instante, e eu abro os olhos, curioso. Muito séria, ela permanece correndo os dedos por meus cabelos enquanto o olhar, muito vívido, continua fixo em mim.

— Está falando sobre o que aconteceu hoje?

— Estou falando de tudo — respondo, com certa rapidez. — Eu estou cansado, mãe.

— Filho — suspira, cautelosa —, é um fato que nós não podemos consertar tudo que há de errado nesta vida. Mas ninguém pode ser julgado por tentar.

Balanço a cabeça, de um lado a outro, e fecho os olhos novamente, exausto. O celular continua queimando em minhas mãos, tamanha vontade eu tenho em responder aquela mensagem.

— Ligue *pra* ela. — Abro os olhos com rapidez, e vejo dona Claudia sorrindo para mim.

— Como...

— Como eu sei? — Confirmo. — Filho, desde que chegou, eu vejo que você está triste. Ouvi uma ou outra conversa sua com alguém ao telefone, e não — ergue o dedo, empostando a voz —, não vou me desculpar por isso. Sei que conheceu alguém lá que mexeu com esse coração, então, me diga, para que deixar passar?

Dona Claudia é uma romântica incurável, e nem um pouco prática. Sabendo disso, decido brincar um pouco com ela.

— O que faria, então, se eu resolvesse assumir isso e mudasse para Minas Gerais?

— Bem... — ela responde, depois de uns segundos —... eu agradeceria ter um lugar para posar quando fosse viajar.

Sabendo que me pegou de surpresa, ela ri, e bate em meu ombro, me fazendo levantar.

— Às vezes a gente erra tentando acertar, meu amor — ela diz, carinhosa —, mas não há nada pior do que ficar inerte e ver o tempo passar, apavorado, com medo de ter perdido a chance.

Sei que ela fala sobre mim e, por isso, a puxo para um abraço. Não é mais um assunto espinhoso, mesmo eu tendo visto seu choro por várias vezes durante os anos.

— Eu te amo. — Beijo o topo de sua cabeça, e ganho um afago em resposta.

— Eu dei sorte, meu amor. Sorte que você foi corajoso o bastante para me procurar e que, por causa disso, tivemos muito tempo para retomar a nossa vida.

Se levantando, ela me olha com firmeza e diz, antes de sair:

— Continue corajoso.



Seu conselho segue martelando firme a minha cabeça noite adentro, enquanto eu viro na cama de um lado a outro. Fui informado de tudo o que aconteceu mais cedo em Rio Verde e tento me convencer de que eu não sou o responsável por nada daquilo.

Falho sempre que tento.

Também recebi um telefonema de meu pai, furioso ao saber do processo que estou respondendo em Minas. A vontade que eu tinha era despejar tudo o que eu sabia a seu respeito, mas, como sempre, penso em minha mãe e tudo o que isso significa.

Não posso fazer isso pelas suas costas.

Meu pai tem o dom de me fazer sentir tal qual lixo. Como falasse com o moleque indesejável que não fazia nada certo, ele relembrava tudo o que gastou comigo sem receber nem um retorno. Claro, fui uma transação que não deu lucro.

Aborrecido e cansado, me levanto e sigo até a sala, parando em frente ao aparador onde mantenho algumas bebidas. Não sou um cara chegado a álcool, mas alguma coisa tem que fazer a minha cabeça parar, nem que seja por um instante. Escolho uma bebida qualquer e sirvo uma dose, bebendo em

um só gole sem nem colocar gelo.

O líquido desce rasgando, como um rastro de fogo. A sensação é tão ruim que eu foco na ardência e esqueço os pensamentos.

Sorrio.

Então é isso.

Coloco mais uma dose e bebo, tal qual a anterior. Algumas doses depois e uma garrafa bem mais vazia, eu já sinto os membros formigando, e a cabeça mais lenta. Carregando a garrafa e o copo comigo, eu desabo no sofá ao meu lado, deixando os olhos correrem até a mesinha de centro onde eu deixei meu celular.

Estico o braço, pegando o aparelho e destravo a tela. Ainda está fixa na conversa, em que ela diz que não me chamaria novamente.

“*Conversa.*” Só é conversa se há diálogo, seu idiota. Ela falou e levou vácuo, isso não é conversa.

Eu transformei a vida dessa menina em um inferno. Devia ter ficado na chuva, contraído uma pneumonia e morrido ao invés de parar naquela lanchonete. Certeza de que ela concordaria.

Vou dizer isso a ela.

“**Pedro:** *Ratnjw, srsvi;pa*”

Saiu tudo errado. Vou tentar novamente.

“**Pedro:** *Oi. Qur cnverse?*”

Não vou conseguir digitar, os meus dedos parecem ter aumentado de tamanho e não acertam uma tecla direito. Fixo o botão do microfone, para deixar uma mensagem de áudio.

— Oi, Eve... eu sei que está tarde, você deve estar dormindo... eu também estou com um pouco de sono, mas eu queria te falar uma coisa. *Tô* com saudade.

Balanço a cabeça, não era isso o que eu ia dizer.

— Ainda bem que não estava na cidade hoje... me falaram do babaca do seu patrão. Eu bateria nele também... você ficaria brava, se eu batesse nele?

Esfrego o rosto, ando pensando demais em bater nas pessoas. Será que foi minha culpa?

— Eve... eu tive culpa nisso? Me diz se eu tive... eu bato em mim também, se ajudar a melhorar as coisas.

Como eu poderia me bater? Talvez eu possa pedir ajuda, gente com vontade de chutar a minha bunda não deve faltar. Ando fazendo tanta merda.

— Eu li a sua mensagem... você *tá* triste comigo, *né*? — Suspiro e fecho os olhos, abrindo com rapidez ao sentir tudo rodar. — Eu precisei... existem mais idiotas por aí.

Eu não sou o único, mas isso ela deve saber. Apesar de ter certeza de que na escala dela, eu estou no topo dos idiotas.

— Tô tentando consertar as coisas... se eu não tivesse parado na sua lanchonete aquela noite, se não fosse burro e soubesse dirigir... a gente não teria se conhecido. Seria melhor, não seria?

Sinto um aperto no peito diferente, ao pensar isso. Por que isso me incomoda tanto? A minha mente idiota vive me dando conselhos e a hora que eu preciso de respostas, ela apaga.

— Não gostei de pensar nisso... eu gostei de conhecer você... Gostei mesmo.

Suspiro, olhando a janela aberta, sentindo a brisa da noite entrar balançando a cortina. Por que eu estou sentindo tanto a falta dela? Nem quando eu corria atrás da Jordie, eu me sentia assim.

É diferente. Pensar nelas é diferente. Não consigo mais me lembrar de como era o corpo de Jordie, mas o da Eve, eu pareço me lembrar de cada pedacinho.

— Sabe que eu ainda sinto o seu perfume... até o cheiro do seu shampoo. Por que o seu shampoo tem que ser tão cheiroso? Já faz uma semana que eu vim embora... Ontem eu me peguei pensando nos seus seios, eles são bonitos, Eve... bem redondos e pesados, acho que os mais bonitos que eu já vi...

Solto um soluço, ao mesmo tempo que dou risada.

— Não deveria falar isso, não é? Mas eu sinto saudade...

Ela deve me achar um idiota. Um atraso de vida, isso sim.

— Eu sei que eu *tô* bêbado... aliás me desculpa por isso. Arrumou mais um bêbado na sua vida, para encher o seu saco... nem isso eu faço direito. — Bato a mão na testa, queria bater mais, mas sinto o braço tão pesado. — Sou muito idiota... devia ter te falado quando estava aí, que eu ia sentir a sua falta... acabei bebendo para poder falar com você... Não era isso o que eu queria, eu não queria ser mais um bêbado, desculpa...

Ela deve estar cansada de ouvir essa merda, isso sim. Quem tem paciência para ficar te ouvindo, falando isso tudo, Pedro?

— Valeu a pena *pra* mim, Eve, mesmo tendo sido tão pouco tempo... não queria ter bagunçado a sua vida, Ratinha...

Sinto os olhos ficarem pesados.

— Na quarta-feira, eu vou estar na cidade... não vou ficar bravo se não quiser falar comigo, prometo que vou entender.

Mais uma vez sinto aquele aperto no peito ao pensar em estar perto dela, e ela não querer me ver.

— Te quero tão bem, Eve...

Fecho os olhos, deixando o sono finalmente chegar.



Evangeline

Trinta e dois minutos de áudio, e duas mensagens ininteligíveis. Fico olhando para a tela do celular, sem entender absolutamente nada, enquanto ando de um lado a outro pela sala, pensando se quero mesmo ouvir sua resposta ou não.

Ontem à noite, evitando ficar de olho no celular feito uma idiota, o levei para a cozinha e deixei lá. Me magoava ficar esperando, olhando a tela muda e não ter nem um olá. Devo ter feito um ou dois pedidos às estrelas, prometendo ser uma boa garota se recebesse pelo menos um *oizinho* dele.

Veja o que essas promessas fazem conosco. O que eu terei que fazer agora, para cumprir o que prometi, depois de receber um áudio desse tamanho?

— *Rat... svispa?* Que diabos de língua é essa, Pedro? — falo alto, comigo mesma.

— Falando sozinha, anjo? — Papai aparece na porta da cozinha e, por instinto, esconde o celular nas costas.

— Não, eu estava lendo.

— Lendo o quê? — Ele franze a testa.

— Ah, eu... — busco rápido uma desculpa, e sorrio ao olhar para ele —... quero aprender alemão. Era isso que estava lendo.

Não pareço ter sido convincente, porque ele semicerra os olhos em minha direção e balança a cabeça, lentamente.

— Certo. Estou lá nos fundos, tentando consertar aquela máquina de lavar velha.

Mordo o lábio ao vê-lo virar as costas, e faço o mesmo, indo até a varanda. Sento no degrau, em meu local favorito, e fico olhando para a tela do celular até ter coragem de, finalmente, apertar para ouvir o áudio.

E isso pode partir o meu coração.

Ele estava embriagado, isso é óbvio. Sua voz arrastada, a respiração pesada e as palavras saindo emboladas entregam sua situação lastimável. Por que ele fez isso? Por que ele bebeu?

O que acontece com as pessoas à minha volta que vivem envolvidas com álcool?

Irritada, passo os dedos pelo rosto, secando as lágrimas teimosas que não param de correr. Sem conseguir identificar os sentimentos, no momento. Eu estou decepcionada. Estou irritada. E conforme ouço as coisas que ele diz, eu sinto tanta saudade, e uma vontade imensa de acarinhá-lo, porque ele parecia estar muito mal.

Quando ele disse estar, de certa forma, arrependido de ter parado na lanchonete aquela noite, dói feito um tapa. Eu nem sei se foi isso mesmo que ele quis dizer, mas é assim que eu entendo, e dói.

E então eu o ouço falar sobre sentir saudade do meu cheiro. Sou obrigada a pausar o áudio e olhar em volta, diminuindo o volume ao ouvi-lo falar sobre meus seios. *Trem bicudo*.

Eu começo a sentir tudo de novo. Ouvindo a sua voz, mesmo a essa distância, eu sinto sua presença aqui perto de mim. O seu carinho, o seu cuidado, a sua proteção. Mesmo embriagado, ele se preocupou comigo. Se desculpando por ter bebido, lembrando-se de tudo o que eu passo aqui.

Por que você tem que ser tão diferente, Pedro? Não podia ser igual a todos os outros?

Descubro que ele volta a Rio Verde esta semana, e meu coração dispara no peito. Ansiosa, nervosa, porque sei que vou vê-lo de novo.

Me pego rindo e chorando ao mesmo tempo, quando o som para e o áudio continua por intermináveis minutos. Eu posso ouvi-lo roncar de fundo, adormecido, enquanto o aparelho continuava a registrar até, acredito eu, acabar a bateria.

Aperto o aparelho contra o peito.

— Também te quero bem, Grandão — sussurro.

Murilo

Desço o beco estreito, pulando por sobre o esgoto que corre a céu aberto, protegendo o corpo pelo muro baixo de cimento. O local, pedregoso e repleto de lixo, é caminho de acesso até a casa onde fomos informados que o Comendador estaria escondido, em um bairro vizinho ao meu.

Precisei brigar para estar aqui agora. O delegado responsável por

minha equipe não queria liberar, de forma alguma, que eu participasse da operação, mas fui irredutível. Segundo ele, estar duas noites sem dormir seria perigoso para mim. Ele sequer sabe o que seria perigoso para mim neste momento.

Já não temos mais a noite como aliada, e os moradores ao redor podem nos ver descendo, encapuzados e bem armados, em formação tática. Bento faz um sinal, indicando que a casa está à nossa vista. Uma construção pequena, que segundo informantes tem apenas dois cômodos, está com as portas e janelas fechadas.

Um pequeno portão de ferro dá acesso ao interior e já me posiciono para entrar, quando um dos meus companheiros, Paulo, toca em meu ombro, me pedindo para deixá-los entrar na frente.

Eu sei o que isso significa. Eles não querem que eu seja o primeiro a ver, caso tudo dê errado. Também sabem que eu estou no limite de minhas forças, e da minha sanidade, e poderia estar de guarda baixa, prestando menos atenção do que deveria.

Isso, em uma operação, pode ser fatal.

Não quero ser eu o responsável por dar nada errado. Não quero ter o sangue de nenhum companheiro meu nas mãos.

Aquiesço, e dou dois passos atrás. Mas isso não me deixa menos ansioso. Conforme os vejo se posicionar, meu coração bate ainda mais forte. Sinto o suor escorrer pelo meio de minhas costas, e solto a arma, a deixando pendurada na bandoleira. Fecho a mão livre em punho, abrindo e fechando para que o sangue circule.

Meu corpo não pode, logo agora, entrar em pane.

Seria injusto.

Recebo um sinal para ficar do lado de fora. Bento se posiciona ao meu lado, parceiro toda a vida, sendo os olhos que eu, neste momento, não sou capaz de ser.

Ouçõ um baque surdo de madeira estourando. Abaixo a cabeça, encostando a testa no muro, ao reconhecer o som da porta cedendo ao coturno do agente. Espero gritos. Disparos.

Espero ouvir a voz do meu filho me chamando.

O silêncio é ensurdecedor.

— Vamos entrar — Bento diz, soturno. E, de repente, eu não quero mais entrar.

Balanço a cabeça, e viro as costas em um momento de covardia.

— Não posso. — O encaro, ao mesmo tempo que ouço Paulo chamar meu nome.

— Chega aqui, Murilão! — outro agente me chama, e encorajado por Bento, eu atravesso o portão.

Estamos em doze homens, e a maior parte deles se encontra do lado de fora. Arranco a touca que vestia e passo pelo corredor polonês, sem conseguir encarar nenhum deles. Não conseguiria, nem que tentasse.

A porta de entrada, a mesma que ouvi ser arrebatada, dá acesso a uma cozinha minúscula, vazia e nojenta. A pia pequena está cheia de louça esparramada, o pequeno fogão de quatro bocas traz algumas marmitas de alumínio jogadas por cima dele, e o mau cheiro de comida azeda predomina o ambiente.

Paulo está posicionado em uma parede à minha frente, ao lado de uma porta que, acredito eu, leva para outro cômodo. Sem dizer nada, ele ergue a mão, me pedindo para esperar.

— Pelo amor de Deus... — murmuro, em desespero.

— Seu filho não está aqui — ele diz, em tom cauteloso. Me vejo obrigado a buscar apoio na parede de concreto, ao sentir minha perna fraquejar.

— E *quem* está aí dentro?

Paulo retira a touca, e posso ver seu rosto vermelho e afogueado.

— Chegaram antes de nós, e *passaram* o Comendador.

Fico estático por um segundo, até que minha mente grita para que eu me mova. Ao chegar à porta, vejo três homens caídos no chão, todos com uma bala na testa. No meio da sala, em uma posição que demonstra claramente que foi executado, está o homem que havia jurado acabar com a minha vida.

E já não posso garantir que não tenha conseguido.



Quando Bento estaciona o carro em frente à minha casa, eu estou, literalmente, destruído. Fui obrigado a passar pela enfermagem, para tratar dos ferimentos em minha mão, causados pelo ataque de fúria que eu tive. Ainda sinto o latejar, irritante e constante, e ergo a mão, vendo as falanges sem a pele, os dedos ainda inchados.

Mas, agora, eu pareço somente a casca de um homem, vazio por

dentro.

— Vou precisar ficar aqui na porta, cuidando de você, ou vai dormir?
— ele pergunta, e eu sequer o olho.

— Não vou sair — respondo, sincero. — Não consigo dar um passo.

— Vamos continuar procurando, Murilo.

Balanço a cabeça, negando. Reviramos a vizinhança, batendo de casa em casa, querendo saber se alguém tinha visto meu filho. Cada negativa era como um punhal sendo cravado, cada vez mais fundo, até que toda a minha força se esvaiu.

Estamos procurando desde ontem, o sequestrador está morto. Isso para mim é um indicativo claro, eu não tenho mais por quem esperar.

Entrar em minha casa é mais difícil do que eu esperava que fosse, e olha que eu esperava muito. Lincoln não pisa aqui desde quinta-feira pela manhã, saímos apressado e, aquela noite, eu estava tão puto com Jordie que não cuidei de nada. Virei a noite rolando na cama, assistindo putaria na tevê, batendo punheta.

Suas coisas ainda estão todas espalhadas por sua cama desfeita.

Passo a mão na camiseta do pijama e levo ao rosto, inspirando fundo e sentindo ainda seu perfume. Isso me quebra. *Fodidamente* me quebra. Perco a força nas pernas e caio, de joelhos, urrando o mais alto que consigo, tentando me livrar dessa dor insuportável.

Ouçó alguém bater na porta, depois de um tempo. Uma voz feminina, acredito que seja Jennifer, mas não me levanto do lugar. Sentado no chão, recostado na cama infantil, eu sigo em *looping* repassando toda a minha vida, tudo o que eu fiz, mas, principalmente, o que deixei de fazer para o meu filho.

Todos os minutos que deixei de estar ao seu lado.

Todas as vezes que me ausentei.

Todos os *nãos* que lhe disse.

Minha mente virou praticamente um tribunal de julgamento, onde eu sou o réu e o acusador também. E eu não tenho defesa, nunca terei defesa, apenas o veredito: culpado.

Culpado por ele ter uma vida de merda.

Culpado por ele mal ter oportunidades.

Culpado por ele estar sabe Deus onde.

Culpado por nem saber se o filho está vivo.

Sinto o celular vibrar no bolso da calça e o saco, de forma automática.

Vejo o nome de Jordie piscar na tela, e deixo a ligação tocar até cair na caixa postal. E de novo. E de novo.

Eu vi como ela o tratou.

Eu vi a foto dele em sua estante.

Eu vi como ela se culpou pelo que aconteceu.

Neste instante, eu não consigo dizer a ela absolutamente nada. Eu vou partir seu coração também, assim como o meu está partido.

Me levanto, indo até minha cama, e me jogo em cima dela, de bruços. Estou tão exausto que meus olhos se fecham, quase que imediatamente.



Um estrondo na porta me faz saltar, e bato a mão em minha cintura, relembrando que minha arma ficou no carro de Bento. Fecho a mão em punho, sentindo a mão direita doer tanto que acaba respondendo até no ombro.

Maldição.

— Murilo! — alguém chama, e quase posso reconhecer a voz.

— Quem é?

— Domingos. — Fecho os olhos, lamentando. — Tenho algo para você.

— Não quero nada que você tenha.

— Tem certeza? — Seu tom parece risonho.

Dou dois passos até a porta, me protegendo atrás da parede de concreto, próximo ao armário. Essa, definitivamente, não é uma visita comum e eu não estou ágil o bastante para enfrentá-lo.

— Papai?

Meu mundo inteiro parece parar. Sem nenhum tipo de controle, eu corro até a porta, a abrindo em um rompante, para ver Domingos carregando Lincoln em seus braços.

— Oh, meu Deus! — O puxo para o meu colo, apertando tão forte que seria capaz de arrebentar suas costelas. — Ah, meu filho. — Me afasto, buscando seu rosto com o olhar. — Você está bem?

— Eu tô, papai. Tô bem.

— Está machucado? — Seguro seu rosto. — Deixa o papai ver.

Seu olhar ainda é assustado e a expressão chorosa não esconde o trauma que sofreu.

— Aqui. — Ele mostra a cabeça e passo a mão, notando um pequeno galo na testa.

— Já passou — beijo o local —, agora o papai está aqui.

O aperto novamente, de encontro ao peito, e encaro Domingos, que tem um olhar emocionado e satisfeito, ao mesmo tempo. E eu sinto tanto alívio e tanta gratidão que acabo esquecendo quem ele é e, esticando a mão, agradeço.

— Eu não sei como isso aconteceu, mas... Domingos, muito obrigado.

Ele aceita meu cumprimento e olha por cima do meu ombro, em uma análise descarada.

— Posso entrar? — O encaro, com um pouco mais de seriedade, e abro espaço para que entre. — Não precisa ficar com receio de mim, Murilo.

— Por enquanto — retruco, com cinismo, e ele ri.

Observo seu olhar crítico ao ambiente, segurando a cadeira com um certo desdém, antes de se sentar, esparramado. Domingos dos Anjos é um sujeito negro, menos retinto. Não muito alto, e corpulento, parece ter uma infinidade diferente de camisas sociais de todas as cores e estampas. Sempre com um sorriso aberto no rosto, e um chapéu panamá na cabeça, tem o semblante amigável direcionado a toda e qualquer pessoa. E isso, definitivamente, é um problema para mim.

Ninguém é amigável com todas as pessoas de graça.

— Papai — Lincoln segura meu rosto, chamando minha atenção —, cadê a tia Jordie?

— Na casa dela. Te levo até lá daqui a pouco.

— Ela machucou... — ele diz, antes de fazer um beicinho.

— Mas já está melhor — o consolo, com um beijo. — Vamos ali dentro, assistir a tevê?

Não tenho a menor vontade de me separar do meu garoto, depois desse susto infernal, mas eu sequer precisaria de um sentido aranha para saber que a presença de Domingos em minha cozinha não é gratuita.

E, seja lá o que ele tem a me dizer, não o deixarei fazer na frente de Lincoln.

— Devia ter me procurado quando soube que estavam atrás de você — ele diz, em um tom mais baixo, assim que volto ao cômodo.

— E por que o faria?

— Bem, vejamos — ele passa a mão sobre o bigode, alisando —, talvez porque contar com a sua equipe não lhe trouxe benefício algum?

— Como meu filho foi parar em seu domínio?

Ele sorri, satisfeito.

— Sabe que, para mim, é sempre mais fácil ser informado de *algumas coisas*. Soube do sequestro assim que foi reportado às autoridades.

— E como soube onde ele estava? — Sinto uma veia latejar na lateral de minha cabeça, que acompanha o latejar de minha mão.

— O bom de minha profissão é que tenho olhos em vários lugares, Murilo. — Sem deixar de sorrir, ele apoia os braços sobre a mesa. — E agora conto com você para continuar assim.

Eu responderia da forma como ele merece, o jogando para fora de minha casa aos pontapés, quando um barulho no corredor chama a nossa atenção. Esbaforida, Jennifer aparece na porta, e depois de um segundo de confusão ao ver Domingos sentado em minha cozinha, ela se aproxima.

— Murilo, cadê o Lincoln?

— No quarto — aponto por sobre o ombro —, acabou de chegar. Por favor, não o encha de perguntas. Ainda não falei com ele.

— Foi *pra* isso que o tirou de mim? Aquela...

— Não — corto, dando um passo em sua direção. — Se quiser ficar aqui, sugiro que não tente fazer a caveira dela.

— Jenni! — Lincoln vem correndo, pulando em seu colo, e só não me irrita mais com ela, porque chora ao vê-lo. — Estava com saudade!

— Eu também, pequeno trapalhão. Vamos ali dentro, preciso te contar uma coisa que aconteceu ontem na minha escola.

Olhando de mim para Domingos, deixando bem claro que não aprova qualquer coisa que esteja acontecendo aqui, ela leva meu filho até o quarto. Apontando para fora, em um mudo convite para me acompanhar, eu sigo até o pequeno quintal, parando na lavanderia, de braços cruzados, até ele se juntar a mim.

— Eu sempre disse, e reitero, ninguém mexe com a minha gente. — O tom casual, enquanto tira um maço de cigarros do bolso da camisa, não parece calculado. — E você pode não querer, mas vive aqui. É gente minha.

— O que aconteceu lá?

Espero, impaciente, até ele acender o cigarro e dar uma tragada. Então passa a me contar sobre ter sido informado a respeito da localização, logo após eles terem chegado com meu filho aos berros. Domingos se dirigiu ao local com um grupo de comparsas, que não vou disfarçar não saber ter policiais entre eles, e deu cabo dos três.

— Mandei avisar a polícia, em forma de denúncia anônima, assim você saberia que o calo em seu sapato finalmente estava morto.

— Por que, Domingos? — Ele sorri, e dá outra tragada.

— Agora você me deve uma, Murilo. E eu irei cobrar.



Quando o motorista estaciona o carro frente ao sobrado amarelo, me arrependo por ter vindo sem avisar. Fui, na verdade, um tanto irresponsável, porque não atendi a nenhuma ligação e não informei a ninguém que o garoto está comigo. Apenas dei-lhe um banho, troquei sua roupa e pedi um carro por aplicativo, depois de dispensar Jennifer.

Não foi por mal. Eu ainda não sei o que dizer, oficialmente. Como vou informar que um conhecido contraventor, que eu, inclusive, havia pedido para investigar, resolveu me dar uma ajudinha e trazer meu filho de volta? Isso, com certeza, vai deixar todo o departamento de olho em mim.

Como eu costumo dizer, não existe almoço grátis e a marmita não chegaria até mim assim, por obra do divino.

Domingos quer que eu trabalhe para ele, e isso eu me recuso a fazer.

Mas ele também trouxe o meu filho de volta, e eu não posso esquecer isso.

Vendo a infinidade de carros estacionados aqui em frente, imagino que a casa esteja cheia e deveria ter me preparado melhor para essa visita.

É Bruno, filho de Gael, quem me vê atravessando a rua e anuncia a nossa chegada, antes mesmo que eu tenha chance de apertar o interfone. Foram segundos entre ele apontar para a rua, olhando para alguém dentro de casa, e o pai de Jordie descer as escadas em disparada, abrindo o portão para me receber.

— *Cáspita!* — Alessandro segura o rosto de Lincoln entre as mãos e ri, com os olhos marejados. — Quando acharam o moleque?

— Não faz muito tempo. Escuta, o senhor é mesmo italiano? — pergunto, o segurando pelo ombro e ele ri, enquanto me empurra para dentro de sua casa, logo após tomar Lincoln de meus braços.

— *Si, sono italiano. Nato e cresciuto in Brasile. Altre domande?*

Gael ri, alto, parado no topo da escada ao ouvir a frase que, talvez, seja uma piada corrente na família.

— Italiano, nascido e criado no Brasil. Mais alguma pergunta? — ele

traduz, me dando um abraço apertado. — Onde ele estava?

— Vou precisar de um tempo — peço, e ele imediatamente percebe que existe algo errado. — O canalha está morto.

— Que bom.

Diferente do que aconteceu antes, agora eu consigo encarar cada uma das pessoas que me recebem ao entrar na sala de estar. Gael, seu Alessandro e dona Joana, Samuca e Raquel, e o alemão. Todos felizes e emocionados ao me ver entrando, tendo Bruno e Lincoln tagarelando no meio da sala. Entre abraços e felicitações, eu também posso notar as perguntas silenciosas que eles me fazem.

“Como?” “Onde?” “O que aconteceu?”

— Onde está Jordie? — pergunto, olhando ao redor, estranhando sua ausência

— No quarto — a mãe dela responde, apontando para a escada.
— Ela não estava muito bem, Babi foi chamá-la.

Antes mesmo que eu possa perguntar o que ela tem, ouço os passos e, em segundos, ela aparece à nossa frente. Seu semblante, a princípio confuso, parece se iluminar ao ver meu garoto parado no meio da sala. Ignorando a tala que prende seu braço junto ao corpo ela se joga, de encontro a Lincoln, o agarrando em um abraço apertado.

— Ah, meu Deus, meu menino!

Essa cena me emociona de uma forma que eu não imaginava. Saber da importância que um tem para o outro me atinge, e eu me pego parado, abobalhado, olhando para os dois e vendo à minha frente algo que eu nem sabia que queria tanto.

Jordie

Olhava, pela centésima vez, para os cacos que sobraram do meu celular, sentindo a preocupação ceder espaço para a raiva. Já havia enviado tantas mensagens para Murilo, ligado tantas vezes querendo saber notícias, que em certo ponto da noite eu joguei o aparelho na parede, o despedaçando.

Claro que me arrependi em sequência, mas era tarde e mamãe sequer me deu apoio, não indo comigo a um shopping repor o aparelho.

A casa também está cheia de gente, todos vindo me prestar apoio como se fosse eu quem precisasse disso. Eu não quero apoio, eu quero notícias. Quero Lincoln de volta e fazer sala a essas pessoas não vai resolver o meu problema.

Já estava trancada em meu quarto há horas quando Babi abriu a porta, em um rompante.

— Me deixa em paz, Babi.

— Ah — ela para, e casualmente passa o dedo sobre a cômoda —, quer mesmo que eu te deixe em paz?

— Por favor — insisto.

— Pensei que gostaria de ouvir o que eu tenho a dizer.

Solto um suspiro ruidoso e largo o aparelho em cima da cama.

— Babi, eu juro que estou tentando ser uma Jordie diferente, e seguir todos os seus conselhos de autoajuda, mas isso não vai acontecer do dia para a noite. — A encaro, e ela tem um sorriso estúpido no rosto. — Eu não vou fazer de conta que fiquei simpática porque levei um tiro, e não estou boa para fazer sala a ninguém.

— Isso lembra mais a Jordie que eu conheço. — Ela ri. — Estava até estranhando.

— O que você quer? — pergunto, com rispidez.

— Avisar que Murilo chegou, e trouxe Lincoln.

Em um salto, me coloco de pé, já pronta para ir porta afora, quando Babi me puxa pela blusa e eu me viro, enfurecida.

— O QUE FOI AGORA?

— Vista uma calça, sua maluca!

Só então noto que uso apenas uma camiseta. Rapidamente — ou o mais rápido que consigo usando apenas um braço — visto uma bermuda e desço correndo as escadas, já vendo Lincoln parado, sorridente e inteiro no meio da sala.

Eu não enxergo mais ninguém. Todas as pessoas ao redor são um borrão barulhento que não me interessam. Em um impulso, me ajoelho no chão, o trazendo para um abraço apertado, e o enchendo de beijos.

— Você está bem? — pergunto, o olhando dos pés à cabeça e ele balança a cabeça.

— Estou com fome. *A gente* não comeu o hambúrguer do tio Pedro.

— Vamos comer! — ouço Pedro responder, mas não me viro. Não consigo desviar o olhar do meu mocinho corajoso.

A não ser quando eu busco o pai dele, que, parado, me observa com tanto carinho que eu sinto ter, finalmente, um espaço que antes era vazio, preenchido.

31



Jordie

Me aconchego mais ao corpo de Murilo, que dorme a sono solto há algumas horas. Eu podia ver que ele estava destruído, após duas noites em claro. As olheiras profundas não o deixariam mentir, nem se quisesse.

Pensando nisso eu pedi que ele ficasse aqui, comigo. Usando um pouco de drama, porque ninguém é de ferro, reclamei de dor e de saudade. Não era mentira, eu sentia ambos, e também uma preocupação crescente com seu silêncio sobre o resgate de Lincoln.

Eu posso ser *patricinha*, egoísta, *chiliquenta* ou qualquer outro adjetivo que queiram me dar, mas não sou burra. Conseguia ver os olhares que Murilo trocava com Gael e Samuel a cada menção sobre o ocorrido, ficando ainda mais tenso quando o delegado e mais dois companheiros de equipe chegaram, chamados por ele, para ouvir os relatos do resgate.

O garoto, munido de sua inocência infantil e tagarelice crônica, nos contava tudo o que conseguia relembrar. O sentei em meu colo, ouvindo-o narrar o que tinha acontecido enquanto recostava meu corpo em Murilo, o sentindo tensionar e bufar o tempo inteiro.

Lincoln foi levado até um carro estacionado na lateral do parque, e tentou fugir quando colocado no banco. Segundo ele, o homem teria batido sua cabeça na porta do carro — o que explica o galo, e o ferimento em sua testa — o que pode tê-lo feito desmaiar, já que ele diz que dormiu. Um bom tempo depois, ele acordou, quando já estava sendo retirado do carro e levado para dentro de uma casa velha. No quarto, foi obrigado a ficar em um beliche o tempo inteiro, sem permissão para sair.

Pelas nossas contas, Lincoln ficou em posse do tal Comendador, e mais um homem, por cerca de vinte e quatro horas, senão menos. Não conseguia dormir, chamando pelo pai, até que ouviu alguém chegando, quando ainda estava escuro.

Não conseguimos entender muito bem a dinâmica nessa altura da narrativa. Murilo perguntou, mais de uma vez, se eram somente dois homens que tomavam conta dele. Isso coincidia com o que aconteceu no parque, e Lincoln confirmou, mas na cena do crime havia três corpos.

Quem o retirou do quartinho foi um homem grandão, de chapéu, que ficou tomando conta dele durante a noite inteira até devolvê-lo ao pai. O que aconteceu naquela casa, depois que ele saiu, se tornou um mistério — para nós, porque tenho para mim que Murilo sabe muito bem o que houve.

Meu cachorrão deve ter perdido a cabeça. Sua mão está machucada, inchada, e se acertou a cara de alguém, eu tenho até medo de como essa pessoa deve estar neste momento.

Aperto a mão, tentando conter a vontade de tocá-lo. Por causa da tala, o movimento do meu braço está limitado e, por causa da posição, meu outro braço está impossibilitado de se mover. Meio dormente, inclusive, e eu evito me mexer para não o acordar.

Uma batida leve na porta e minha mãe coloca o pescoço para dentro, sorrindo ao ver que Murilo ainda dorme.

— Está com fome? — ela sussurra, e eu nego.

— Onde está Lincoln? — movo os lábios, curiosa, e ela coloca as mãos juntas, ao lado do rosto, e fecha os olhos.

— Dormindo.

Dou-lhe uma piscada e ela sai, tão silenciosa quanto entrou.

— Devia ter ido comer alguma coisa, patricinha — Murilo diz, de olhos ainda fechados, a voz rouca e grave de quem acabou de acordar soa como uma carícia.

— Acabamos te acordando, né?

— Já estava acordado.

— Mentira — acuso. — Mal se mexia na cama.

— Só estava cansado. — Seu rosto se vira em minha direção e ele sorri.

A leveza do seu olhar some quando ele espia a tala em meu braço, ficando com aquele ar sombrio novamente.

— Está com dor?

— Não. — Passo o dedo por seu punho ferido. — E você?

— Também não.

Noto que é mentira, porque aperto seu dedo, e ele faz uma careta. Mas, se quer ser durão, que seja. Não vou mentir e dizer que não gosto.

— Quer tomar um banho, comer alguma coisa?

Um sorriso meio canalha se expande.

— Por falar em comer alguma coisa, eu estive pensando — ele ergue a mão, passando por meu rosto e descendo pelo pescoço até chegar no limite do meu decote —, antes de sermos apresentados a uma cama, transávamos feito coelhos.

— Acho que somos mais chegados a paredes e bancos de carros — respondo, relembrando uma frase que ele me disse certa vez.

— *Hmmm*, não acho. Eu gosto de espaço, e sua cama é bem espaçosa.

Sorrio ao vê-lo se levantando e vindo ao meu encontro, enquanto eu me aconchego nos travesseiros, tentando não mexer o ombro. Murilo afunda o rosto em meu pescoço, inspirando fundo e ronronando feito um gato.

Ergo o braço *bom*, o enlaçando pelo pescoço, passando as unhas em sua nuca. Seu perfume, o cheiro de cama e, principalmente, o seu carinho para comigo, revirando tudo dentro de mim. Essa é uma cena tão banal entre casais, estarem com os corpos entrelaçados na cama depois de uma tarde de soneca, mas para mim isso é algo completamente novo. E não posso dizer que odeio, como sempre alardeei, não. Na verdade, eu estou gostando muito da sensação.

Arrumo o corpo, na cama, para tentar conter o desconforto que já estou sentindo no ombro. Murilo tem razão, quando os nossos encontros eram esporádicos e sem nenhum tipo de combinado, explodíamos juntos. Qualquer lugar era lugar, e qualquer hora era hora. Então fomos àquele motel juntos e, desde então, não tivemos mais nossos momentos.

De repente, um certo pânico me atinge. Será que relacionamento é isso? Eu sempre corri de todo esse estresse, mas principalmente eu tinha pavor de rotina. Sei que meus pais têm o relacionamento perfeito, mas por tanto tempo eu os via fazendo sempre a mesma coisa e isso me angustiava.

Como um relacionamento comum sobreviveria à mesmice?

Eu gostava do que eu tinha com Murilo. Mas o que eu tinha com ele? Um bom sexo — *não, um ótimo sexo* — e só. O que eu sabia da vida dele? Pouca coisa que ele me contou, no pós-sexo, e mais nada. E tem Lincoln, claro, mas seria o bastante? E que diabos eu estou fazendo aqui, divagando sobre relacionamento?

Ah, claro. Ele me chamou de sua garota.

Mas isso é o bastante?

Por que eu estou tão confusa?

Devo ter tensionado o corpo, porque Murilo percebe, erguendo o rosto e, com a testa franzida, passa os olhos por meu corpo.

— O que foi, sentiu dor? — Balanço a cabeça, rapidamente. Ele não parece muito convencido.

— Vamos comer? — pergunto. — Deve estar faminto.

— Não estou faminto, estou confuso. — Segura meu corpo no lugar, quando eu tento me levantar. — O que foi, patricinha, o que se passa por essa cabeça?

— É que... — Fecho os olhos, as palavras se embolando dentro de mim.

Na verdade, eu sei o que é. Claro que sei. O problema é que eu também sei que soltar tudo o que eu trago dentro de mim, magoa as pessoas. Fiz isso direto com Pedro, em nossos momentos assim, eu surtava e o magoava. E eu não quero fazer o mesmo com Murilo.

Não quero ser a mesma Jordie de sempre, a que atira primeiro para perguntar depois. Mas por que é tão difícil mudar velhos costumes?

— Está estranhando ter alguém em sua cama? — ele pergunta, me analisando.

— Ninguém nunca sequer entrou no meu quarto — confesso. — E ele vem sendo muito habitado pelos homens Gonçalves ultimamente.

— Posso me sentir privilegiado?

Seu tom divertido me faz sorrir.

— Eu sou muito complicada, Murilo.

— Pensa que eu não sei? — Acerto um tapa em seu braço e ele me puxa para mais perto. — Vem aqui, que eu estou com saudade.

Conforme sua mão firme me puxa pela cintura, colando meu corpo no seu, todas as dúvidas parecem se apagar momentaneamente. Quando ele me beija, a sensação que eu tenho é de que nada nunca pareceu tão certo.

— PAPAI! — A porta se abre com brusquidão e eu salto, sentindo uma dor lancinante no ombro quando me apoio sobre ele.

Lincoln pula em cima da cama, um sorriso aberto ao nos ver acordados — *por favor, que seja isso o que a sua imaginação está dizendo* —, correndo para abraçar seu pai.

— Pare de pular! — Murilo ordena, e o garoto obedece.

— Vocês já acordaram? Eu cansei de dormir. Comi hambúrguer antes, o tio Pepê levou. Mas agora eu quero vocês — ele diz, uma frase atrás da outra, sem respirar. — Tia Jordie, tá fazendo careta?

Meu Deus, eu não vou suportar isso.

Pedro

Vejo o anoitecer da sacada, em mais um daqueles dias estranhos em que um misto de sentimentos me toma e eu não consigo organizar todos dentro de mim. Depois que Lincoln voltou, passada a euforia, eu fiquei observando à minha volta. Observando Jordie. Sentada no sofá da sala, aconchegada ao abraço dele, com o moleque no colo, talvez nem ela tivesse se tocado quão íntima era aquela situação.

E depois foram para o quarto, com uma facilidade incrível. O quarto de Jordie sempre foi um campo minado, em que ninguém entrava e, de repente, a porta estava aberta para eles. Como nunca esteve aberta para mim.

E essa é a confusão. Eu não estou com ciúme, tampouco bravo. Antigamente quando eu a via com outros homens, eu ficava tentado a revidar, a mostrar a ela que eu era tão bom ou melhor que eles, que ela estava perdendo ao não ficar comigo. Agora eu só consigo pensar que *até para ela* as coisas mudaram, e comigo tudo segue na mesma.

E tem também o rosto de Evangeline que aparece toda hora na minha cabeça, e isso está me deixando maluco. Poderia ter cavado um buraco e entrado ao ouvir a mensagem que deixei para ela. *Como pode ser tão idiota, Pedro?*

Acordei todo torto ainda aqui no sofá, com o celular descarregado ao meu lado, a noite passada apenas um borrão na minha cabeça. Eu havia enchido a cara, e dormido, era isso? Quando peguei o celular, um tempo depois, para checar se alguém havia me mandado mensagem, eu quase me joguei da sacada ao ver que tinha falado merda por mais de meia hora, completamente bêbado, em uma mensagem para ela.

E sequer podia apagar, porque já tinha passado o tempo hábil para isso.

A noção saiu do meu corpo de vez. A menina tem que lidar com o alcoolismo do pai, sozinha, e eu ainda mando uma mensagem a ela, caindo de bêbado?

Ela nunca mais vai querer olhar para a minha cara depois disso, tenho certeza.

E ainda teve a conversa com Gael, me lembrando de que eu preciso agir como um homem e parar de viver aventuras. Relembrando que estou sofrendo um processo, por conta de minha impulsividade, e preciso ter um

trabalho em vista.

Eu sou tão fodido que não posso nem mesmo torcer para voltar a ser criança, que é quando a vida da gente é mais tranquila, porque a minha foi uma merda.

— Inferno! — Chuto a cadeira ao meu lado, ao mesmo tempo que ouço a campainha soar. — JÁ VAI! — grito, ainda mais alto, estranhando não ter sido informado de nenhuma visita.

Me espanto ao ver Jordie parada no corredor, segurando o braço enfaixado.

— Você bancou o casamenteiro — ela acusa, apontando o dedo para mim —, agora precisa me ajudar!

— Do que você está falando? — pergunto, vendo-a passar por mim e se jogar no sofá da sala.

— Eu não posso falar com o Gael, porque ele é um ogro. Tampouco posso falar com Babi, ela parece ver borboletas de felicidade em tudo. Meus pais... — Ela me olha e suspira, sequer precisa terminar a frase.

— Falar sobre o que, Jô? O que está acontecendo?

— Ainda é meu amigo?

Balanço a cabeça, afirmando, sem entender, e sento ao seu lado no sofá.

— É impressão minha ou você está mais confusa que o normal?

— Estou — ela reclama, teatral. — Não sei o que fazer.

— Pode começar me dizendo o que está pegando, ou eu não vou poder te ajudar.

Jordie me olha, por alguns segundos, como se criasse coragem para dizer sabe-se lá o que passa por sua cabeça. E então se aproxima, deitando a cabeça em meu ombro.

— Ele dormiu no meu quarto.

Franzo a sobrancelha, segurando a vontade de rir.

— Todo mundo viu isso, Jordie.

— Ninguém dorme no meu quarto, Pedro.

— “Eles” dormem — friso, ao mencioná-los.

— EXATAMENTE! — Ela se atrapalha, querendo esfregar o rosto com o braço imobilizado.

— Qual o problema, Jordie? — pergunto, sério, segurando sua mão.

— O problema é que eu vou me apegar, Pedro. E eu não quero, porque... porque... — Ela parece procurar dentro de si os motivos.

— Você já está apegada — eu digo, com firmeza. — E isso eu pude notar quando tivemos aquela nossa conversa, não há muito tempo.

Ela nega, claro. Mas não rebate. Apenas morde os lábios, enquanto balança a cabeça.

— Já gostava do Murilo — acuso. — Babi me disse que vocês estão de caso desde aquela confusão na casa do Vicente.

— A Babi é uma linguaruda — reclama.

— E Gael me falou que ele também tinha uma *certa* resistência a relacionamento.

— Ele foi casado — murmura. — E foi uma merda.

Juntando tudo o que Babi e Gael tinham me dito a respeito de Murilo, e fazendo a linha do tempo em minha cabeça, eu tinha chegado à conclusão que Jordie já gostava dele quando me procurou, meses atrás. Talvez tenha sido o motivo que a fez me procurar, no meio da noite, querendo companhia.

Tal qual agora.

Na cabeça torta de Jordie, eu talvez tenha todas as respostas para os seus sentimentos. Mal sabe ela que eu sequer consigo organizar os meus.

— Você gosta dele — afirmo, novamente. — E não faz sentido continuar fugindo.

— Eu nunca quis isso, Pedro. E ainda tem o Lincoln, sabe?

— Olha *pra* mim. — Me afasto, e seguro seu rosto entre as mãos. — Já era, Jô. Você caiu de quatro, está na hora de parar de fugir.

— Eu não nasci para ser esposa e mãe — ela teima, e eu sorrio.

— Eu também não — brinco, e ela revira os olhos. — Sabe quem não nasceu para ser mãe? — pergunto, captando sua atenção. — Silvia Fontana. Você não é como ela.

— Está errado. Não tenho esse instinto maternal. Eu não vou saber cuidar dele, não vou ser boa para ele.

— Para de falar besteira — digo, com carinho. — Você só precisa de amor, e isso você tem de sobra pelo menino. Tem tanto que está aí, sofrendo, pensando que não vai conseguir cuidar dele.

Não responde. Pensativa, os olhos vagueando. Como se fosse uma criança de dois anos, pega na travessura, ela chora.

— Eu estava lá com você, Jordie — relembro o dia infernal de ontem. — E vi como você ficou. Pare de se boicotar.

— E se der errado? — ela pergunta. Perdida, olhando ao redor, tentando encontrar dentro de si ainda motivos de negar o que sente.

— Se der errado, deu. — Dou de ombros. — Você não vai morrer por isso. Eu continuo vivo.

Como se levasse um choque, ela se afasta, e passa a me olhar de forma mais cuidadosa.

— Estou te magoando? — Sem esperar que eu responda, se levanta do sofá, falando sem parar. — Olha aí, está vendo? Desculpa, Pedro, eu não pensei antes de vir.

— Ei — a seguro, impedindo que pegue sua bolsa e saia, entendendo tudo errado —, para de ser louca. Não está me magoando, eu estou feliz que você, finalmente, abriu as portas para outra pessoa entrar.

A trago para um abraço, desajeitado, tentando não a machucar.

— Estou parecendo uma adolescente retardada. — É impossível segurar a gargalhada. — Para de rir de mim, Pedro!

— Não dá. — A levo novamente para o sofá. — Me diz, já chegaram ao ponto das declarações?

Arqueio a sobancelha, curioso, e ela sorri.

— Não. Quer dizer, ele disse que sou a garota dele.

— Ô GLÓRIA! — digo, alto, e recebo outro tapa.

Seguro sua mão, evitando que ela continue me batendo, e entrelaço nossos dedos. Um gesto costumeiro, sempre fazíamos isso quando precisávamos nos aconselhar.

— Olha só — eu começo —, não é que eu seja o expert em relacionamentos aqui. Mas concordamos que, para funcionar, tem que ser feito tudo ao contrário do que eu sempre fiz, certo?

— Com certeza!

— Então, pare de fugir — digo, com carinho. — Mas, principalmente, se abra com ele. O deixe saber como você se sente. É importante isso, Jô.

— E se ele... — ela começa, e eu interrompo.

— Murilo já deu todos os passos iniciais. Está na hora de você parar de interromper a caminhada.

Em silêncio, trocamos um olhar. O dela é analítico, vejo quando os semicerra, e inclina a cabeça de lado.

— Você está triste — afirma. Eu esqueço que, assim como eu a conheço, ela também me conhece. — É por causa do processo?

— Não. Talvez — corrijo, rápido, e recosto no sofá, deitando minha cabeça e fechando os olhos. Exausto. — Eu voltei da Escócia cheio de planos e não consigo colocar nenhum deles em prática.

— Quais planos?

Por onde eu começaria? Desde apresentar a minha mãe, até construir uma família, tudo parecia distante demais.

— Quer falar sobre a sua menina mineira? — Abro os olhos e me viro em sua direção, Jordie está na mesma posição que eu, recostada no sofá e seus olhos inquisidores sequer piscam.

— Não tem muito o que falar. — Dou de ombros. — A conheci, nos envolvemos, eu fodi com a vida dela. Fim de história.

— Ela concorda com essa versão da *fodelança*? — pergunta, sorrindo.

— Se não concordar, é doida — afirmo, sentindo o peito apertar. — A fiz perder o emprego, a cidade inteira passou a falar dela. Se ela já tinha pouco antes, depois que passei por sua vida, ela tem ainda menos.

— Posso dizer uma coisa? — ela pergunta, e eu assinto. — Eu já te vi com mil garotas, Pepê. Ferrando com cada uma delas, uma atrás da outra — sorri —, mas eu nunca te vi triste desse jeito.

— Eu nunca ferrei a vida delas — justifico, e ela ri alto.

— Pedro — diz, ainda rindo —, você emprestou teu apartamento para uma maluca, que teve que sair despejada. — Faço uma careta quando ela relembra isso. — Saiu com a esposa do proprietário do lugar onde você tinha seu estúdio, e ele descobriu. E teve ainda o caso das trigêmeas...

— Tá, eu entendi — interrompo, sentindo calafrios. — Qual seu ponto?

— Nenhuma delas saiu ilesa depois de se envolver com você. E nem por isso você ficou assim, desse jeito. — O sorriso morre em seu rosto, assumindo um ar mais sério. — O que você sente por ela?

Curvo meu corpo para a frente, segurando a cabeça entre as mãos.

— Eu não sei, Jô — murmuro, angustiado.

— Mas eu sei. Por ela, você se apaixonou.

Levanto e vou até a varanda, como se pudesse fugir disso tudo. Babi já havia me dito a mesma coisa, que eu estava apaixonado e em fase de negação. Mas eu nunca fui um cara de muitos amores, a única mulher que amei na vida foi...

Me viro, a observando, que me olha com expectativa. É inevitável comparar a forma como me sinto hoje, toda a intensidade que pulsa ao pensar em Eve, com o sentimento que carreguei por anos. Sempre fui carinhoso e protetor com Jordie, assim como sou com Evangeline. Mas por que é diferente agora? Por que a falta do seu toque e não ouvir o som da sua voz

parece doer?

Quando eu pensava em Jordie antes, eu imaginava uma grande família feliz. Uma releitura de Alessandro e Joana Prieto. Quando eu penso em Eve, eu não penso no final, eu penso no caminho. Nos sorrisos, nos beijos, nos toques. Na noite que passamos juntos. Em como eu quero vê-la crescer, feliz e realizada. Tranquila, com seu pai saudável do lado.

Comigo. Querendo viver tudo isso ao lado dela.

Sinto um estalo no peito, uma coisa diferente. Ergo os olhos, encarando Jordie, que sorri. Ela mexe a sobrancelha, de forma simpática, e encolhe os ombros.

— Vá buscá-la, Pedro. Vá ser feliz!



A noite foi mais tranquila, depois da conversa que tive com Jordie. Claro que tive que me conter, evitei pegar o celular e encher Eve de mensagens, porque eu preciso organizar em minha cabeça tudo o que eu quero dizer a ela quando a ver novamente, amanhã.

Mas isso é amanhã. Hoje a minha vida continua uma grandessíssima merda. Decidi aceitar um chamado para um trabalho grande em uma agência na qual prestei serviços, anos atrás. Foge um pouco do meu nicho atual, mas é para uma grande campanha internacional e é o tipo de trabalho que não posso perder, principalmente agora.

A agência fica bem localizada, numa rua arborizada em um bairro de classe alta. Ao estacionar, noto o grande número de carros importados ao redor, o que indica bem o tipo de pessoas que lidamos por aqui: os endinheirados ou os charlatões.

Passo pela porta de vidro, parando no balcão de atendimento. A recepcionista, uma garota rebocada de maquiagem, abre um sorriso ensaiado ao me olhar.

— Bom dia. Posso ajudar?

— Procuro por Cassio Moraes. — Estico a mão, em um cumprimento educado, que ela aceita de imediato. — Pedro Fontana.

— Um minuto.

Enquanto ela chama um número no ramal, eu olho em volta. A sala de espera está movimentada, as modelos que fazem parte do *casting* estão

circulando ou em rodinha de conversas. As paredes do espaço são todas tomadas por fotografias, algumas muito conhecidas do grande público, pois fizeram parte de grandes editoriais.

Sorrio, ao ver uma de minhas criações ao fundo, próximo a porta que leva a um grande corredor. Me lembro exatamente do dia em que fiz aquela foto, foi logo depois da *Fashion Week* e a modelo, deslumbrante e famosíssima, havia visto meu trabalho e pediu para ser clicada por mim. Um ensaio sensual no topo do Terraço Itália, que correu o mundo e ganhou as páginas de uma revista conceituada no mundo da moda.

Eu havia me esquecido disso. Aconteceu há alguns anos, antes de eu me tornar o *fotógrafo itinerante*, e eu me achava um fracasso.

— Pedro? — Me viro ao ouvir a recepcionista me chamar. — Venha comigo, o senhor Cassio está esperando.

— Claro.

Entramos por um corredor largo, com algumas portas em ambos os lados. Já estive aqui outras vezes, são salas de edição, camarins, banheiro. A última sala, à nossa frente, é o estúdio, um espaço enorme com cerca de oitenta metros quadrados. Ao passar pela porta, vejo a parede montada com o fundo infinito e os inúmeros equipamentos de iluminação. Ao redor, espalhado pelo ambiente, vejo sofás de couro em tom branco, araras de roupas, uma penteadeira, espelhos. Tudo calculadamente espalhado para dar um ar despojado ao local.

— Mas que surpresa! — Ouço a voz atrás de mim, e sinto até meu estômago revirar.

— Fala sério... — resmungo, e conto até três antes de olhar por cima do ombro e dar de cara com Manur.

O sujeito não mudou quase nada. Magro e alto, ele agora cultivava uma barba cerrada no rosto, mas o olhar desafiador e a risada cínica continuam os mesmos.

— Vamos, finalmente, trabalhar juntos?

— Que legal — digo, sem ânimo. — Quem sabe agora você aprende uma ou outra coisinha?

— Sim. Quem sabe agora?

Ele me lança um sorriso enigmático e sai, me deixando sozinho. E eu juro que, não fosse por esse maldito processo, eu faria o mesmo, dando as costas a esse trabalho, porque a minha intuição está me dizendo que isso não vai acabar bem.



Evangeline

É quarta-feira desde meia-noite. E eu pareço uma louca, pendurada na janela do meu quarto, olhando para a rua. Querendo ver se, a qualquer minuto, um carro preto irá estacionar em minha porta.

Sem sucesso, até o presente momento.

Roí todas as unhas, e já percorri a minha casa inteira, de um lado a outro, por umas vinte vezes, sem conseguir me controlar.

É ansiedade, que fala?

Estou evitando olhar para o meu pai. Não consigo lidar com todos os sentimentos que ele carrega em seu rosto, desde que eu cheguei ontem, dizendo que Matilde tinha me dispensado do trabalho também.

Ele se culpa, por tudo. Felizmente, vem se mantendo firme, sem se embriagar há dias. Bem, não posso dizer que é porque ele tem essa força de vontade toda, não. Ele não tem é dinheiro e, depois de tudo o que aconteceu, a cidade praticamente toda resolveu virar as caras para nós.

Mais pálido que de costume, está desde o final de semana arrastando os pés pela casa, sem dormir direito e mal se alimentando.

— Ei, Eve! — Ouço a voz grave de Tadeu, chamando no portão, e corro para atender a porta.

— Uai, o que *tá* fazendo aqui a essa hora? — pergunto, descendo as escadas.

— Ah, *cê* sabe... — dá de ombros —... vim aqui saber se quer abrir a sociedade dos desempregados de Rio Verde.

Meu queixo desaba. Acerto-lhe um tapa, irritada.

— Falei *procê* não ir comprar briga com ele!

— Evinha, somos amigos — ele segura minha mão, antes que eu bate nele novamente — e eu nunquinha vou ouvir ele falar *bestagem* e fazer de conta que sou surdo.

— Ah, meu Pai Eterno — murmuro, angustiada.

Convido Tadeu para entrar, e ficamos na varanda mesmo. Fico então sabendo da briga que ele teve com Antônio, depois de presenciar o homem falar mal de mim para os clientes da lanchonete. Fico triste ao ouvir, porque, quando eu estava trabalhando lá, essas pessoas me defendiam. De repente, um *disse me disse* e eu já não sou mais querida.

Nunca vou entender esse comportamento de manada, em que as pessoas não têm opinião própria e seguem o que as pessoas influentes dizem. Por vezes, achamos que isso só vale para política, mas, não. Vale para tudo e é por isso que tem tanto picareta ganhando dinheiro por aí, fazendo de conta que ensinam coisas.

Porque sempre vai ter quem os segue.

— Não sei o que vou fazer, Tadeu — digo, quando ele termina de contar.

— Eu sei — ele diz, animado. — Vai embora deste fim de mundo.

— *Cê é bem besta...*

Impulsiono o corpo para trás, me deitando no chão. Há muito tempo não me sentia assim, tão perdida e sem rumo. Mesmo com todos os problemas, eu pensava que, ao chegar a essa altura da minha vida, eu seria ao menos capaz de nos sustentar sem tantos sobressaltos. Me vejo, beirando os trinta anos, da mesma forma como nos via quando eu tinha quinze.

É *fodida*, que fala?

— O que você vai fazer, Tadeu? — pergunto, tendo a visão de suas costas largas por baixo da camiseta surrada.

Vejo quando ele dá de ombros, talvez tão perdido quanto eu.

— Lugar para trabalhar, *pra* mim, não falta, Evinha. Posso ir procurar em outra cidade, sem problema nenhum.

— É... — digo, desanimada. — Vai ter que ser assim *pra* mim também. Só fico preocupada com meu pai.

— Por que não vendem a casa, Evinha? — Tadeu se vira em minha direção, apoiando a mão espalmada no chão. — Vende esta, e compra outra, em uma nova cidade longe daqui.

— Não tem escritura — digo, o vendo abrir a boca e fechar novamente, sem ter o que dizer.

Eu não tenho também. Nunca tenho.

Quando chegamos até esta cidade, papai já estava mais perdido do que são. Ainda não tinha o vício da bebida, mas a sua mente estava um tanto

quanto perturbada. Foi o pai de Carlos quem nos vendeu a casa, caindo aos pedaços, mas convenientemente não nos deu nenhuma escritura. Apenas um recibo de compra e venda, que eu guardo como um de meus maiores tesouros.

Nunca se sabe o que Carlos tem em mente.

— Eu nunca vi ninguém mais tão no fundo do poço do que você, Evinha! — Tadeu diz, desolado, e eu não aguento seu tom.

A risada vem do fundo, tomando espaço, tão forte que chega a doer o maxilar. Meus olhos lacrimejam e eu sequer consigo falar. Acabo contagiando Tadeu, que passa a gargalhar junto comigo enquanto balbuciamos situações ridículas.

— Muito *fodida*...

— Totalmente na miséria!

— Numa *desgraceira* sem fim!

— Bem *mal-acabada*...

— O que está acontecendo aqui? — Papai aparece na porta, confuso. Tadeu e eu trocamos outro olhar e caímos mais uma vez na gargalhada.

Minha barriga dói. Meu maxilar dói.

Meu coração dói.

De repente, não estou mais rindo. Estou chorando, mas tanto que sequer consigo respirar.

Quando eu vou ter uma folga, me diz?

Pedro

Saio do fórum com a cabeça explodindo. Um pouco por tudo o que ouvimos, outra metade por ter vindo com Gael falando na minha cabeça o trajeto inteiro de São Paulo até aqui. Depois de ter dado o meu depoimento, e apresentado todas as minhas garantias de residência e emprego, sou liberado para voltar para casa e, assim, aguardar o andamento do processo.

— E agora? — Gael pergunta, atrás do volante. Viemos na pick-up do seu pai, ele fez questão disso.

— Agora, vou até a casa da Eve — digo, sem dar margem à contestação. Não que ele fosse fazer, parece até bastante satisfeito com o que ouviu.

Dando partida, ele segue pela rodovia, até alcançar a ponte onde podemos ler a placa de boas-vindas. Pouco mais de quinze dias que saí daqui e parece uma eternidade, apesar de tudo ainda estar exatamente igual. A

cidade continua vazia, o mesmo dormitório somente com as mesmas poucas pessoas andando pela rua e observando o carro, curiosas.

— Bonito aqui, hein? — ele diz, e eu confirmo, olhando ao redor.

— Segue por aqui — aponto para uma estrada lateral —, vou te mostrar algo.

Fazendo o que eu sugeri, passamos em frente ao campo de lírios. Uma enxurrada de lembranças me atinge, e conto a ele como chegamos aqui e, muito superficialmente, a história de Eve com as flores.

Me lembro de ter perguntado ao senhor Marcondes, quando estive aqui, se ele vendia lírios também. Simpático e gentil, ele me disse que as vendia apenas aos amantes delas.

Foi com animação que ele me viu acenando em frente ao seu portão, e com uma certa alegria desmedida que me fez um buquê de lírios, grandes o suficiente para, segundo ele, derreter o coração de minha garota.

— Estamos na fase de oferecer flores? — Gael pergunta, debochado.

— Te contei a história — digo, impaciente. — São suas favoritas.

— Sim, você me disse, mas... flores?

O encaro, em silêncio, vendo um sorriso idiota brincar em seu rosto. Gael deve estar se sentindo vingado, aquele prazer mórbido que temos quando vemos o amigo que tanto nos infernizou pastando por motivos equivalentes.

Quando ele estaciona o carro em frente à casa de Eve, meu coração passa a bater descompassado. Toda a sorte de péssimos cenários se cria em minha mente.

Ela não vai me atender.

Ela agora tem um cachorro e vai soltá-lo em mim.

Ela vai me atender e vai me xingar.

Ela vai estar tão magoada, que a única palavra que irá dirigir a mim será “morra.”

— É simples a casa dela, não? — Gael diz, enquanto observa o local.

— Eles são bem simples.

— Certo. — Ele balança a cabeça, e se vira em minha direção. — Vai ficar aí?

Em silêncio, eu o encaro por um tempo, o suficiente para que ele se incline no banco, esticando o braço e abrindo a porta ao meu lado.

— Vaza. — Me empurra, sem nenhum cuidado, até eu estar fora do seu carro. — Estou no celular, rodando pela cidade. Não me ligue antes de ter

isso aí resolvido.

— Você não pode esperar aqui — pergunto, subitamente inseguro — caso eu precise de carona antes do esperado?

— NÃO! — O idiota arregala os olhos, e coloca a mão espalmada tapando a boca. — O maior *comedor* da turma está com medo de tocar uma campainha?

Balanço a cabeça, irritado.

— Vicente tem razão. Você é muito babaca, Gael.

Atravesso a rua, sem olhar para trás, mas sentindo um certo conforto ao ouvi-lo desligar o motor do carro. De certa forma, irritante ou babaca, eu sempre vou poder contar com ele.

Ao chegar ao portão, vejo a casa toda fechada. Munido da intimidade que não sei se ainda tenho, o abro e venço os poucos degraus, até chegar à porta da frente e bater nela, por três vezes.

A espera é insuportável. O tempo parece mais quente, abafado. A gola da camiseta parece incomodar e eu a puxo, esticando. Buscando ar. Abro e fecho a mão livre, ansioso, e bato o pé direito no chão, com impaciência.

Olho ao redor, vendo tudo quieto. Não há viva alma na rua, o que é estranho, e ergo a mão novamente para bater de novo, quando a porta se abre.

Ela está linda!

A princípio, é a única coisa que a minha mente consegue registrar. O par de olhos cor de chocolate arregalados a me observar, a boca rosada entreaberta e o cabelo solto, úmido e cacheado espalhado por sobre o ombro emoldurando seu rosto um pouco mais pálido que eu me recordava.

E o perfume, *puta que me pariu*, que saudade que eu estava desse perfume!

— Pedro — ela murmura.

— Oi, Ratinha.

Ela parece assustada, confusa e frágil. Vê-la assim, atinge-me como um soco, porque por várias vezes eu peguei admirando seu jeito de encarar a vida, o queixo erguido, altivo e desafiador e agora ela parece quebrada.

Ergo minha mão, mergulhando os dedos em seus cabelos, os deixando correr até alcançar a parte de trás de sua cabeça e a puxar para mim. Passo a ponta do meu nariz no dela, em um carinho involuntário, a vendo fechar os olhos ao sentir nossa pele roçando uma na outra mais uma vez.

A minha vontade é jogá-la na parede e arrancar seja lá o que ela esteja vestindo nesse momento — que eu sequer prestei atenção —, mas eu preciso

saber se ela quer isso. Depois dessas semanas de afastamento, independentemente de quais fossem as minhas razões, eu não posso reclamar se ela me chutar escada abaixo.

Fico na expectativa ao vê-la suspirar, de forma profunda. Então ela abre os olhos, e o sorriso vai se expandindo, tímido, ao mesmo tempo que seus braços me enlaçam pelo pescoço. É como se esse movimento, puro e simples, estivesse tirando uma tonelada dos meus ombros.

— Oi, Grandão.

Sorrio, aliviado.

Me curvo, tomando seus lábios. Meu corpo reage de imediato, assim que nossas línguas se tocam, meu coração fica acelerado e a puxo mais para perto, aprofundando nosso beijo.

O buquê em minha mão acaba nos atrapalhando e solto um grunhido, irritado pela interrupção. Afastando nossos lábios, sem largá-la, ergo as flores para lhe entregar.

— Trouxe *pra* você.

A sua reação é adorável. Os olhos vagueiam do buquê para o meu rosto por mais de uma vez, até que ela os apanha nos braços, levando as flores ao rosto, inspirando o perfume.

— Eu nunca ganhei flores antes — ela diz, emocionada.

— Fico feliz em ter sido o primeiro.

— Também fico, *uai*. — Ficando na ponta dos pés, ela me dá um selinho rápido. — Obrigada. Você lembrou que eu gosto de lírios.

— Nunca esqueceria — digo, com carinho, e seu rosto cora levemente. *Nunca esqueceria nada do que me contou ou do que fizemos juntos*, eu queria dizer, mas fico aqui, somente observando suas reações.

Tão focado que noto quando sua expressão muda e ela olha para trás, em direção à sua cozinha.

— Entra comigo? — ela pede. — Papai está lá dentro, tentando consertar a máquina de lavar. Vai gostar de te ver aqui.

— Tudo bem, eu só preciso... — aponto para a rua, por cima do ombro —... Gael está lá fora. Vem comigo?

Curiosa, ela estica o pescoço e balança a cabeça, em uma concordância muda. Seguro sua mão e descemos a escada, a tempo de ver Gael batucando no volante, cantando alguma coisa que toca no rádio.

Ao nos ver, ele abre a porta e desce, imediatamente, com um sorriso aberto no rosto. E isso faz com que meu estômago revire inteiro porque ela

parece chocada ao olhar para ele. Eu sei que meu amigo é um cara bonitão e é sempre a primeira impressão que ele causa nas meninas, mas *porra*, na minha também?

Cruzo os braços e os fico observando, ambos agindo como se eu não estivesse aqui do lado.

— Então, você é a Evangeline!

— Oi, muito prazer. E você é...?

Eve estica a mão e ele a puxa para um abraço.

— Gael, amigo de infância dele.

— Marido da Babi — o relembro, mas ele sequer me olha. Pelo contrário, chega a me dar as costas, ficando entre Eve e eu.

— Fiquei sabendo que você faz um bolo delicioso de laranja. Quando vou ter o prazer de provar?

— Se quiserem, mesmo, eu bato um rapidinho agora.

— Que ótimo! — ele exclama, em um tom mais alto. — Combina com chantilly?

— Você só pode estar de brincadeira. — O empurro, enlaçando Eve pelo ombro e o vendo cair na gargalhada.

— Pimenta no dos outros é refresco, não é? — solta, rindo, enquanto eu bufo, aborrecido.

— Eu perdi alguma coisa? — Eve olha de um para o outro, insegura.

— Não. Gael é um idiota, só isso. — Não digo a ela que é a mesma brincadeira que eu usava para deixá-lo com ciúme de Babi.

— Um idiota que está procurando algum lugar para dormir. — Pisca, ainda sorridente. — Onde fica mesmo aquela pousada que você trabalha, Evangeline?

Solícita, Eve o direciona até o local, e percebo um tom diferente em sua voz, um tanto magoado, talvez. Estranho quando ela não entra no local, e também noto os olhares das pessoas em nossa direção, a forma como ela desvia a atenção ou abaixa a cabeça, evitando confronto. Isso me deixa possesso de raiva, mas para o bem dela, eu ignoro.

Os encaro, claro, cada um deles, mas não provoco.

Combino com Gael de voltarmos a São Paulo na manhã seguinte, porque nem amarrado eu saio daqui sem conversar com Eve, ele me deixa com a chave do carro e voltamos até sua casa, de mãos dadas.

— Vamos jantar? — A enlaço pela cintura, assim que entramos em sua casa. — Estou cheio de fome.

— Posso fazer algo.

— Não — me abaixo, beijando seu pescoço —, eu quero sua atenção toda *pra* mim. Vamos comer alguma coisa, a gente conversa, e trazemos uma quentinha *pro* seu pai. O que acha?

Sem responder, ela segue até a cozinha, procurando um vaso para colocar as flores que entreguei a ela. Vejo a porta dos fundos aberta e sigo até ela, encontrando seu Ernesto enfurnado dentro de uma carcaça velha que, um dia, foi uma máquina de lavar.

— *Tarde*, seu Ernesto — cumprimento e ele se assusta, batendo a cabeça na lataria.

— *Miséria!* — ele pragueja e ergue o rosto, nervoso, mas sua expressão abranda assim que me vê. — Ah! É você!

— Como vai? — Aponto para o objeto. — Precisa de ajuda aí?

— Isto aqui é uma porcaria.

Se levantando, ele limpa as mãos na camisa antes de esticá-las para mim. O pegando de surpresa, dou-lhe um abraço e noto que ele fica em um misto de surpresa e constrangimento.

— O senhor está bem? — pergunto, notando sua palidez.

— Ah, sim — diz, rápido demais. — Anda muito calor por aqui. Quando chegou?

— Hoje, um pouco mais cedo.

Apesar de não parecer incomodado em me ver aqui, acho estranho ele não me encarar, hora nenhuma. Está sempre desviando o olhar, secando a testa com um lenço encardido que carrega no bolso da calça ou, simplesmente, olhando para a porta, talvez procurando por sua filha que está lá dentro fazendo sabe-se lá o quê.

— Obrigado por ter voltado, rapaz.

— Eu precisava — afirmo, e ele balança a cabeça, ainda sem me olhar. Sabe a que estou me referindo.

— Sinto muito por todo esse problema. — Ele faz um gesto com a mão, apontando para o corredor, e sei bem a que *problema* ele se refere. — Acabou encrocado por minha causa.

— Não teve nada a ver com o senhor. Aquele sujeito não presta e, se ele aparecer aqui de novo, vai apanhar novamente.

Sou contundente no que digo, eu sou capaz mesmo de socar a cara dele neste instante, caso ele aparecesse por aqui. Pelo que fui informado, ele está recluso, fazendo bem o seu papel de pobre sujeito espancado.

— Eve foi demitida da pousada também — ele diz, para o meu completo choque.

— O que? Mas por quê?

— Por minha culpa — ele confessa, e encosta na parede, parecendo exausto. — Acabei discutindo com Matilde esta semana, quando vi sua sobrinha chegando à cidade. A acusei de ter chamado outra menina para o lugar de Eve. A acusei de ser igual a todos na cidade, mesmo tendo passado pelo mesmo julgamento.

— E não era bem assim — concluo.

Seu Ernesto me conta primeiro a história de dona Matilde, e como ela conquistou a pousada. A história que ele sabe, claro — e ele reconhece isso — é a mesma que corre a boca de toda a maledicência de Rio Verde. E então ele conclui, contando que a desculpa que a mulher deu para a demissão foi a de que Eve precisa sair da cidade, se ver livre de todo o peso que ela carrega e que, aqui, ela não vai conseguir.

Não posso dizer que discordo.

— Não acho que tenha sido sua culpa, seu Ernesto.

Ele sorri, desgostoso.

— Cada um que carregue suas culpas — murmura, voltando sua atenção à carcaça.

— Chamei Eve para jantar. Quer ir conosco?

Ele rapidamente nega, apesar de parecer bem animado com a notícia.

— Ando sem fome, uma dorzinha chata de estômago não me deixa comer — responde, sem me olhar. — Eu como qualquer coisa depois, não se preocupe. Acho mesmo que vocês precisam conversar.

Ele não me deixa contra-argumentar. Erguendo a mão, me enxota sem olhar para minha cara uma segunda vez.

Encontro Eve em seu quarto, arrumando o cabelo em frente ao espelho. Usando um dos seus inúmeros vestidinhos floridos e uma rasteirinha nos pés, absurdamente linda sem nenhum tipo de esforço para tal.

É inevitável relembrar todas as mulheres com as quais me envolvi durante toda a minha vida. Eu sequer saberia dizer quantas foram, seus rostos por muitas vezes são um borrão para mim, ainda que eu tenha mantido amizade com algumas delas. Eve se destaca de todas elas.

Eu não sei dizer exatamente o que a faz se destacar. Se é sua beleza, sua personalidade, sua simplicidade, seu bom humor. O que eu sei é que nunca conheci uma mulher como ela.

Nossos olhos se cruzam através do espelho e ela sorri, enquanto coloca um brinco na orelha. E eu me sinto em casa.

Evangeline

Estava um tanto insegura em sair com Pedro pela cidade, por todos os motivos possíveis. Não queria que ninguém o provocasse, ainda tinha medo que ele acabasse perdendo a paciência e, com isso, se complicasse. Por mais grata que eu seja, eu tenho consciência que acabamos por complicar a sua vida, e isso não é bom.

Por sorte, Pedro é um cavaleiro andante. Sugeriu irmos até Boa Fonte, uma cidade vizinha e um pouco maior que Rio Verde, onde encontramos uma simpática churrascaria que nos serviu para matar a fome e colocar a conversa em dia.

Falamos sobre tanta coisa. Conheci um pouco mais sobre o homem que é Pedro, a sua vida, seus sonhos, seus anseios. Soube que foi apaixonado a vida inteira por uma garota que não o quis, que não tem uma boa relação com o pai ou com a mulher dele, e que a família de Gael é como se fosse a sua família de verdade.

Ele se abre com tanta facilidade que estranho quando ele me diz que não é um cara muito aberto e que reluta demais em falar as coisas para os outros. Fico feliz, satisfeita em inspirar tanta confiança.

Fico assustada, ouvindo-o contar sobre o sequestro do sobrinho de Gael, filho de um policial cuja irmã dele de nome estranho namora. Me pergunto se essa moça é tão bonita quanto o seu irmão, eu fiquei um tanto abobalhada ao vê-lo em frente de casa, com aquele par de olhos lindos e o sorriso imenso em minha direção.

Lindo demais, Ave Maria.

Eu preciso demais aprender a disfarçar. Não acho que as pessoas ao seu redor imediatamente ficam feias somente porque você está comprometida com alguém, elas não ficam, continuam lindas e...

Como assim, comprometida, Evangeline?

— Que foi, Ratinha? — Pedro pergunta, me observando, com curiosidade. Devo ter feito alguma careta, ou algo do tipo. Nego, obviamente.

— Nada, não. Eu estava pensando no garotinho.

— Terminou tudo bem, felizmente.

Sua mão alcança a minha, por cima da mesa, fazendo um carinho com o polegar. É um gesto singelo, mas me toca fundo, porque acaba sendo

novidade para mim. Parece ridículo que, aos quase trinta anos, eu vivi tão pouco. E é ele quem tem me proporcionado tantas novidades: sair para jantar, receber flores. Um orgasmo bem dado.

Vejo o seu celular acender sobre a mesa e o nome Claudia aparece, piscando. Aquele imenso desconforto toma conta de mim, mais uma vez. O abismo que existe entre a gente, que aparece vez ou outra sempre que eu me pergunto o que um homem como ele estaria fazendo com uma mulher como eu, quando tantas outras devem viver se oferecendo.

— Oi, mãe... — ele atende à ligação, com um tom risonho, enquanto me encara. — Estou em Minas ainda, vou dormir aqui... — Ele pausa, ouvindo talvez o que a mãe está dizendo e eu sinto o rosto corar por causa do meu ciúme bobo. — Sim, mãe, estou com a Eve. Viemos jantar... — Pisca para mim e eu sinto meu peito inflar. *Ele falou de mim para a mãe dele!* — Não se preocupe, vou cuidar disso. Você está bem? — Não sei o que ela diz, mas o sorriso dele se expande de um jeito lindo, iluminando todo seu semblante. — Pode deixar, dona Claudia. Se cuida, eu te amo.

Quando ele desliga o telefone, eu tenho um sorriso permanente no rosto.

— Se eu soubesse que falar com a minha mãe te deixaria tão contente, eu ligaria para ela toda hora.

— Falou de mim *pra* ela — relembro, e ele confirma.

— Ela queria saber por que eu fiquei triste, tive que contar. — Seu sorriso some, e um vinco indesejado aparece no meio de sua testa. — Aliás, me desculpe por aquela mensagem, Eve. Eu fui muito idiota em te mandar aquele áudio estando bêbado.

Pedro parece mesmo consternado, e isso somente aumenta o meu carinho por aquela ligação, principalmente o final dela, em que ele se preocupava, mesmo *bicudo* como estava.

— Foi triste demais ouvir você bêbado, não vou mentir, Pedro. Doeuaqui dentro — ponho a mão no peito, e ele parece ficar ainda mais triste —, mas mesmo assim, eu vou guardar aquela mensagem para o resto da vida comigo.

— E por quê?

— Porque, por mais longe que você estivesse, matou minha saudade.

Ele me olha longamente, em silêncio. De uma forma tão profunda que sinto minhas entranhas revirarem. E então ergue a mão, e quando o garçom se apresenta, ele pede a conta.

— Preciso demais beijar você, Eve — ele diz, quando o homem se afasta. — Mas aqui não vai ser apropriado para o tipo de beijo que eu tenho reservado para você.

Meu corpo inteiro parece se preparar para isso. Sou obrigada a apertar minhas pernas, uma na outra, para conter o comichão que a sua voz me causou. E o sacana desavergonhado parece saber disso, porque muda de lugar, se sentando ao meu lado e, displicentemente, coloca a sua mão por sobre a minha perna.

Seguro a respiração. Ou ela foge de mim, não sei direito.

Sinto seus dedos alcançarem a barra do meu vestido e, lentamente, subirem em direção à minha virilha, trazendo o tecido junto com ele.

— Pedro — alerta, olhando em volta para o ambiente vazio. Observo o comprimento da toalha que forra a mesa, somente para ter a certeza de que ela é comprida o suficiente.

— Estou com saudade disso aqui. — Ele passa o dedo sobre o tecido da minha calcinha e eu dou um pulinho na cadeira, batendo a mão no talher, em cima da mesa.

Por sorte, ninguém se voltou em nossa direção ao ouvir o barulho.

Ele se inclina em minha direção, deixando o rosto bem próximo de meu ouvido.

— Tem saudade disso também, Ratinha?

Sua voz rouca e seu hálito quente me fazem puxar o ar com mais força. Não consigo falar absolutamente nada, fico parada, recebendo suas carícias, e olhando ao redor, presa em um misto de vergonha e prazer. A sensação de proibido deixa tudo ainda mais excitante.

Quando ele me belisca *lá*, eu sou obrigada a colocar a mão sobre a boca, para evitar um gemido. Sinto meus seios pesados, os mamilos rijos despontam, doloridos e, disfarçando, junto as mãos como se estivesse orando e esfrego os braços sobre eles, tentando aliviar a sensação.

Ele nota, e ri, debochado. Talvez sabendo que seu propósito de me enlouquecer está sendo cumprido com louvor, faz um pouco mais de pressão, deslizando seu dedo por cima do tecido já molhado e eu fecho os olhos, embriagada pela sensação.

— Sua conta, senhor — ouço a voz do garçom e abro os olhos com rapidez, preocupada que ele tenha nos visto. Mas, protegida pelo local onde Pedro escolheu se sentar, fico mais tranquila, apesar de absurdamente excitada.

Pedro paga o jantar e recebemos uma sacola com a quentinha que ele prometeu levar a meu pai. Olhando ao redor, eu poderia arrastar Pedro para um banheiro qualquer, somente para que ele termine o serviço para aplacar tudo o que eu estou sentindo no momento.

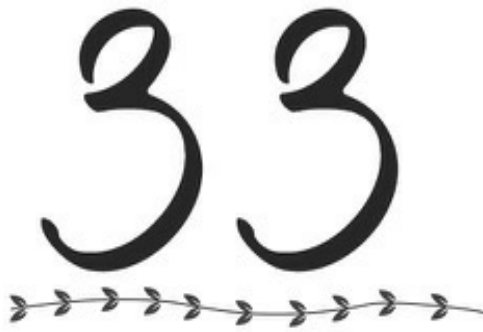
Acho que percorremos o caminho até em casa utilizando metade do tempo. Pedro estava focado no caminho, muito sério. Não de um jeito ruim, mas de um jeito viril demais. A sensação que eu tinha era que, assim que ele me pegasse, me viraria do avesso.

Eu sequer parei para pensar o que farei com meu pai que, sem álcool no sistema, tem o sono leve. Eu só quero Pedro dentro de mim e, por pouco, não sugeri a ele que parasse o carro no meio da estrada mesmo.

Quando estaciona o carro em frente à minha casa, eu lamento. As luzes estão todas acesas e a porta da frente aberta, o que significa que papai está muito bem acordado, obrigada. Dou a ele um olhar desanimado, e ele murmura um “relaxa”. Como se fosse possível.

Apesar disso, entro em casa mais leve. Sorrindo, satisfeita, imaginando que a minha noite será deliciosa, mesmo que eu tenha que fazer um pouco mais de silêncio.

Mas meu mundo parece parar ao ver meu pai caído, sem sentido, no meio do corredor.



Evangeline

Ando, de um lado a outro, pela sala de espera do hospital sem conseguir ficar sentada. Me sentindo tão culpada por ter negligenciado meu pai, por não ter notado que ele não estava bem. Foram dias pálido, se alimentando mal, sem dormir e eu, burramente, pensando que era falta de álcool, tristeza ou qualquer outro motivo que não sua saúde.

Para a família de um alcóolatra, tudo se resume a isso e este também é um problema com o qual eles precisam lidar.

Ao vê-lo caído no chão, eu me assustei, mas junto com o susto senti a costumeira decepção. Me aproximei dele, já procurando por garrafas vazias em cima da mesa, e estranhei quando não as vi. Seu corpo gelado e seus gemidos baixos entregaram que ele não estava bêbado, que seu problema era outro.

E então me desesperei.

Fico aliviada por Pedro estar aqui comigo, eu não sei o que faria se fosse diferente. Com sua presteza habitual, ele ligou para a emergência e, nervoso, descobriu que o pronto-socorro estava sofrendo com falta de ambulâncias. Sequer pensou duas vezes, colocou papai em seu carro e nos trouxe até aqui.

Já faz mais de três horas que os médicos o levaram para dentro, e não nos deixam entrar. Ou nos trazem notícia alguma.

— Evangeline, trouxe um café com leite. — Ouço Gael dizer atrás de mim. Ele me oferece um copo de plástico e eu aceito, mesmo sem vontade de comer nada.

O moço é bonzinho e não estou com ânimo nem para fazer desfeita.

— Onde está o Pedro? — Olho em volta, notando que não há nem sinal dele.

— Infernizando os médicos para saber do seu pai. Senta aqui, bebe

teu café.

Faço o que ele pede, bebericando um gole, enquanto os olhos ficam fixos no corredor à nossa frente. A culpa me corroendo, e um desespero latente idem. Como vou sair para trabalhar em outra cidade, com meu pai doente? Ainda mais agora, que não tenho absolutamente ninguém com quem contar?

Levo a mão ao peito, massageando o local, enquanto as dúvidas martelam minha cabeça, sem trégua.

— Acho que meu pai estava doente há algum tempo e eu nem percebi — confesso, sem ter coragem de encarar Gael.

— Olha, não seja tão dura consigo mesma. Pedro me contou um pouco sobre a sua vida, enquanto estávamos na estrada. — Me viro em sua direção, assustada, e ele sorri. — Não fez fofoca — corrige, rápido —, só me fez saber que você lida com muita coisa ao mesmo tempo, sozinha.

— Mesmo assim. Eu deveria ter percebido.

— E teu pai não é criança, deveria ter dito que estava com dor.

— Coitado — lamento. — Acho que ele não quis me dar trabalho.

O que sempre deixava papai pior, depois de suas bebedeiras, era saber que eu tinha ficado cuidando dele noite adentro. Sempre dizia que me dava trabalho, e se culpava por isso. Mas, como geralmente estava inconsciente, não tinha escolha. Quando teve, preferiu me poupar.

Olho em volta, vendo a sala de espera lotada. O único pronto-socorro da região não tem estrutura para o tanto de pessoas que o procura nessas situações. Já passa da meia-noite e o lugar não esvazia, o atendimento é lento, porque, segundo a enfermeira chefe, estão com poucos médicos de plantão e não é raro vermos carros estacionando na entrada da emergência, trazendo ainda mais pacientes para o local.

Sinto a presença de Pedro no lugar antes mesmo que ele se aproxime de nós. Como um imã, meus olhos o encontram no meio das pessoas, cortando caminho entre a fila de atendimento e vindo até onde estamos.

— Notícias? — Gael pergunta, e ele nega.

— Consegui chegar até a sala de emergência, e ainda o vi — ele diz, ajoelhado à minha frente — em uma maca, com medicação sendo aplicada na veia. Mas não consegui informações, Ratinha.

— Por que não?

— Estão sem médico, Gael.

Fixo meus olhos no copo que seguro entre as mãos, notando o líquido

dentro dele se mexer de uma forma estranha. Fecho os olhos, não querendo ver ou ouvir mais nada, e sinto o copo ser retirado de minha mão.

— Se acalma, Eve — Pedro diz, ao me apertar em seu abraço e, só então, noto que estou tremendo.

— Sem médico não vão poder cuidar dele, Pedro — concluo, debilmente.

— Eu sei. — Carinhoso, ele alisa meu rosto. — Por isso tomei uma atitude e, desculpe, não falei com você antes, mas não dava para esperar.

Estranho seu tom de voz cauteloso e ergo o rosto em sua direção.

— Que atitude?

— Entrei em contato com um amigo da minha família, e solicitei a remoção do teu pai para São Paulo.

Fico séria, parada, olhando para o seu rosto, aguardando o momento em que uma risada virá, e ele dirá que está brincando. Mas Pedro fala muito sério e isso começa a me causar um certo pânico.

— São Paulo? — pergunto, e ele confirma. — Não posso ir para São Paulo.

— Eve...

— Não, Pedro. — Levanto, com ele em meu encalço, passando pelas pessoas que, curiosas, observavam a nossa conversa. — Eu não posso. Eu não tenho dinheiro nem para ir à esquina tomar um picolé, como você me fala assim, de viajar até São Paulo?

— Não precisa de dinheiro.

— O sistema de saúde pública é tão bom assim na tua cidade? — provoco.

— Não seja difícil — ele ralha. — Seu pai está doente e eu posso ajudar.

Esfrego o rosto, olhando em volta, perdida.

— Não estou sendo difícil, Pedro. Estou sendo prática. Não posso pagar.

É uma decisão muito grande para ser tomada com minha cabeça cheia do jeito que está. Vou para São Paulo como? Com que dinheiro? E vou viver às custas dele? Não sou uma mulher interesseira, já basta tudo o que eu tenho ouvido por aqui nos últimos dias.

Sou firme e despejo isso tudo sobre ele, com todos os *nãos* que essa decisão me custaria. Falo sem respirar e sem dar-lhe chances de responder. Quando termino, ele parece ofendido.

— Terminou? — ele diz, com os braços cruzados, muito sério, me olhando. — Serei prático também.

— Olha, Pedro...

— Eu passei a minha juventude inteira longe da minha mãe — ele interrompe. — Nem sabia da sua existência, fiquei sendo criado por um casal de merda, dependendo do carinho da família daquele cara ali dentro. E sabe por quê?

Nego, em silêncio, ao ver sua expressão enojada.

— Dinheiro. Por poder e dinheiro, vivi longe da minha mãe por dezoito anos.

— Eu sinto muito... — murmuro.

— E depois que a encontrei, não posso apresentá-la a ninguém porque ela teme perder o pouco que tem. Prefere viver no anonimato, sobrevivendo do que ela conquistou.

Não entendo a relação que uma coisa tem com a outra, mas sinto que ele quer desabafar, então eu me mantenho em silêncio.

— Telefonei para ela, enquanto estava esperando notícias do seu pai ali dentro, porque falar com a minha mãe sempre me acalma. E ela estava nervosa, sabe por quê? — pergunta, e eu nego. — Porque o namorado foi embora, depois de dez anos vivendo juntos, ele foi embora e ela estava preocupada com uma conta de luz.

— Desse problema, eu entendo — murmuro, baixo, mas ele não parece ouvir.

— Agora me diz, adianta alguma coisa ter dinheiro e, quando alguém que eu gosto precisa da minha ajuda, ele não me servir de nada?

— Ela não te deixou pagar a conta — concluo, e ele ri.

Estamos encostados na parede, próximos à porta de entrada do pronto-socorro. Pedro se afasta, gesticulando, irritado.

— Não, ela não deixou — ele diz, ainda de costas. — Infernalmente difícil, assim como você.

— Você não pode comparar uma conta de luz a um tratamento médico, e estadia em São Paulo.

Lentamente ele se vira em minha direção, e seu olhar é cortante. Chego a ficar desconfortável.

— Eu gosto de pessoas orgulhosas, Eve. Mas não sempre. — Seu tom abaixa, ainda mais. — Olha a situação deste lugar. Vai deixar o seu pai piorar por orgulho?

Me sinto estremecer.

— Você está me fazendo sentir culpada.

— Que bom, a intenção é essa mesma. — Novamente, ele se aproxima. — Não ofereci nada de graça. Lá em São Paulo você terá mais oportunidades. Seu pai terá um tratamento digno, você pode estudar, trabalhar. E depois, se ainda doer no seu coração me dever dinheiro, você me paga de volta.

De repente, todos os conselhos que tenho recebido ao decorrer da minha vida acabam voltando à minha mente. Laninha, Matilde, Tadeu e até mesmo papai, nos dizendo que Rio Verde já não tinha nada a nos oferecer e, de repente, poderíamos ser felizes em outro lugar.

Estaria a vida me dando o famoso empurrãozinho, mesmo tendo colocado o pé na minha frente? Talvez Pedro percebeu que suas considerações estão criando eco dentro de mim, porque passa a sorrir, satisfeito, quando meu corpo relaxou.

— Já que acabaram com a sessão confessional — Gael aparece atrás de nós e Pedro fica lívido —, tem um médico procurando a Evangeline ali dentro.

— Gael... — Pedro diz e seu amigo apenas levanta a mão, cortando o assunto.

— Agora não — responde, sem nem olhar para Pedro, se dirigindo a mim. — Ele está te esperando.

O médico, um sujeito alto, calvo e com ar entediado, nos aguarda na entrada da área de emergência.

— A senhorita é a responsável pelo paciente Ernesto Ramos? — ele pergunta, sem sequer erguer os olhos da prancheta. — Vamos precisar fazer exames, mas o primeiro prognóstico indica que ele tem uma inflamação no fígado. Como detectamos um inchaço no abdômen e ele tem um histórico de alcoolismo, o órgão pode estar comprometido.

Não sei se o médico é desatento, grosseiro ou está somente cansado, por conta do excesso de trabalho. Sem me olhar, ele mantém uma pose desinteressada, anotando alguma coisa na ficha anexada à prancheta, e fala tudo em um tom tedioso.

Eu estou exausta e confusa. Noto uma tensão entre Pedro e Gael que eu não estou entendendo, e a minha cabeça ainda gira, tentando ponderar tudo o que o futuro me reserva.

— Comprometido? — pergunto, sem entender.

— Vamos fazer uma biópsia e...

— Não vão fazer — Pedro interrompe —, ele será transferido. Estamos no aguardo do transporte, o hospital já deve ter recebido a notificação.

O médico libera um som na garganta, parecendo aborrecido, e se dirige até a recepção. Depois de trocar algumas palavras com a atendente, ele pega um papel que ela lhe esticava e nos olha, acenando com a cabeça.

Ele não volta para nos dizer nada. Ficamos parados, no mesmo lugar, aguardando algum retorno que, curiosamente, não vem.

— Acho que ele não vai voltar — digo, depois de um tempo, olhando para Pedro. — E agora?

— Agora você vai com Pedro até tua casa, e prepara uma mala que possa ser levada com vocês. Pegue o que for mais importante. — Apesar do tom calmo, Gael não parece mais o rapaz leve e risonho que chegou à minha casa mais cedo. — Não se preocupe com o tamanho das malas, viemos de caminhonete, vai caber tudo nela.

Se fosse o caso, eu faria piada. “O mais importante” que existe naquela casa caberia em uma bolsa de mão. Mas não faço, apenas balanço a cabeça, concordando.

— Gael...

— Não quero falar com você, Pedro.

Eu sinto porrada daqui. Não literal, mas a expressão que Pedro faz ao ouvir isso, eu imagino que seria a mesma se ele tivesse, realmente, levado um soco.

Será que ele não quer que eu vá até São Paulo e, por isso, está agindo dessa forma?

Qual seria o outro motivo? Porque, aparentemente, tudo estava normal antes.

Ao ver Gael nos dar as costas e ir direto para o balcão de atendimento, Pedro me enlaça pelos ombros e, sem dizer uma palavra, caminha em direção ao estacionamento. Fico em silêncio enquanto ele abre a porta do passageiro para mim e, depois que me acomodo, dá a volta, se sentando atrás do volante.

Pedro segura o volante com muita força, tanta que seus dedos ficam esbranquiçados. Então inspira, profundamente, e solta o ar de forma ruidosa, antes de se curvar no volante e encostar a testa nele.

— Pê... — levo minha mão até seu ombro, quando vejo que sua respiração está descompassada —... o que foi, Grandão? O que você tem?

— Ele nunca mais vai falar comigo — murmura.

— Gael? — pergunto, mas ele não responde. *Claro que é Gael, Eve!*
— Por quê?

Suas costas recostam no banco, e ele deita a cabeça no apoio do banco, parecendo exausto. Sem me olhar nem uma vez, busca minha mão por sobre o banco.

Quase poderia socar Gael por fazê-lo se sentir desse jeito.

Pedro

De todos os cenários possíveis que eu tinha imaginado Gael descobrindo sobre a minha mãe, sendo por me ouvir falar dela a outra pessoa nunca foi um deles. A decepção em seus olhos ao me fitar doeu como a pior das surras.

Ele nunca vai me perdoar por isso.

Com desânimo, conto a Eve sobre minha mãe, com detalhes dessa vez. Analiso todas as suas reações, que transita de surpresa a pena, passando por nojo.

Eu diria a ele que foi um pedido da minha mãe, o que não seria mentira alguma. O problema é que eu já tinha detectado em mim um medo infundado de dizer a eles e não ser visto da mesma forma de antes. Talvez a sua decepção seja essa, de ter me lido e identificado isso também.

Entro em pânico, imaginando-o ligar para seus pais, contando isso. Que escondi minhas origens por anos. Que não confiei neles.

Pior.

Imagino seu pai, furioso, indo bater na casa do meu para tirar satisfação.

Como eu posso me enfiar em tanta confusão?

— Ei, Pedro — sinto seus dedos passando em meu rosto, e me viro, encontrando seu olhar preocupado em minha direção —, não fica assim. Ele vai entender.

Não vai. Eu sei que não.

Mas agora não adianta ficar remoendo isso.

— Vamos buscar suas coisas. — Pisco para ela e dou partida, colocando o carro em movimento.

Por ser madrugada a sua rua está vazia, felizmente. Nossa saída daqui, horas antes, não foi tranquila e eu imagino que, caso fosse mais cedo, estaria lotada de curiosos. Entramos em silêncio e me sento no sofá da sala, perdido

em meus demônios, enquanto ela percorre a casa, recolhendo aqui e ali alguma coisa que considera importante e colocando em uma mala.

Uma vida inteira na cidade, anos vivendo aqui, e ao sair ela só tem uma mala para cada um.

Evangeline é admirável. Cheguei a ficar irritado com ela no hospital, a acusei de ser orgulhosa, mas essa deve ser uma de suas características mais incríveis. Ela sempre se recusa a ceder, luta até o fim, corajosa e destemida, mesmo quando está apavorada.

— O que foi? — ela pergunta, quando se aproxima de mim com um papel nas mãos.

Eu a observava com cara de paspalho, aposto.

— Estava te admirando.

Me pegando de surpresa, ela se senta em meu colo, de frente para mim. Respiro fundo, ao receber um abraço apertado, afundando meu rosto em seu pescoço cheiroso.

— Encontrei isso nas coisas do meu pai.

Uma foto antiga, um pouco desgastada, de uma família feliz. Sorrio ao olhar para a menina que sorri de volta na foto, porque reconheceria esse par de olhos cor de chocolate em qualquer lugar. Os cabelos lisos tinham uma franja cortada e a expressão doce em seu rosto era a mesma que eu consigo ver hoje. Sorrio ao ver as pernas finas à mostra por conta do short curto, e a camiseta larguinha com tema infantil dando a ela um ar despojado e incrivelmente adorável.

Seu pai parecia realmente outra pessoa. Já calvo, ele não tinha barba naquela época e o cabelo era bem cortado. Usava óculos, um modelo simples de aro arredondado, e o sorriso em seu rosto reluzia. Sinto uma tristeza imensa ao ver a diferença entre ambos, aquele homem feliz e o caco de gente ambulante que conheci aqui em Rio Verde.

Olhando a foto, percebo que a minha Ratinha, hoje, é uma cópia de sua mãe. Os mesmos traços, os mesmos cabelos cacheados, a mesma cor dos olhos, o exato sorriso. Fico imaginando a dor que o pai de Eve sente ao olhar para a filha, diariamente, e ver nela o amor de sua vida. Consigo, inclusive, entender a sua necessidade de fuga.

E então aquele moleque. Magrelo, comprido, o cabelo liso cortado curtinho, era o único na foto que não sorria. Posicionado atrás de Eve, ele a segurava pelos ombros, as mãos parecendo garras posicionadas, como uma águia pousada sobre ela. FRANZO a testa, fixando meus olhos naquele olhar,

uma sensação estranha me tomando.

— Foi a única foto que sobrou — ela explica —, porque estava na mesa do papai, em seu escritório.

Coloco a foto no aparador ao lado do sofá e passo meus braços ao redor de sua cintura, apertando com firmeza.

— Que bom que ao menos sobrou essa. — Dou-lhe um beijo, recebendo um sorriso de volta. — Pegou tudo o que precisava?

— *Uhum* — ela responde, enquanto seus olhos me analisam. — Aonde vai nos levar, quando chegarmos a São Paulo?

— Minha casa, oras!

Seu desconforto pode ser sentido a quilômetros.

Não posso dizer que a culpo por isso. Tadeu me deixou bem a par de tudo o que estavam falando sobre ela, desde que arrebentei a cara daquele sujeito. Como se tudo o que ela tivesse conquistado, com seu esforço, era graças a ele.

— Meu apartamento é bem grande, Eve — a tranquilizo. — Tenho três quartos, seu pai não vai ficar desconfortável.

Ela sorri, corando no processo.

— Com certeza ele ficaria muito desconfortável.

— Moro no mesmo bairro do Gael. Eu tenho certeza de que você vai amar a Babi.

— Babi é a menina que... — Ela aponta para minha cintura, entortando os lábios e me divirto com seu ciúme.

— Sim, Ratinha. — Giro meu corpo, sorrindo, a deitando no sofá e me posicionando sobre ela. — Babi é a menina que casou com Gael e eu sou só o amigo dela.

— Eu nem sabia que era ciumenta, Pedro — ela reclama, franzindo o nariz. — Não sei se gosto disso.

— Bem-vinda ao clube. — Sorrio. — Eu sou ciumento, bastante.

Sua expressão me diz que ela não acredita nisso.

— *Bastante?* — Ergue a sobrancelha — Não é, não.

— Sou. De sentir o estômago revirar.

Não gosto de sentir ciúme, mas não consigo evitar. Eu tenho ciúme de tudo, e quando fiz terapia, na juventude, a terapeuta me disse que era um medo irracional de perder as coisas que eu tinha conquistado.

Eve afunda os dedos em meus cabelos, em um carinho gostoso que me faz fechar os olhos ao recebê-lo.

— Não consigo imaginar você assim, todo príncipe, tendo surtos de ciúme.

— Nunca tive surtos — nego —, mas isso não quer dizer que não o sinta.

— Pedro, sobre a viagem a São Paulo... — Ela pausa, e seu dedo segue passeando de forma preguiçosa por meu queixo. Ganhando tempo, tenho certeza.

— O que tem nossa viagem?

— Eu não quero dar trabalho — praticamente sussurra, desviando os olhos.

Sorrio, e me curvo, deixando um beijo em seus lábios. De certa forma, tocado com sua insegurança.

— Posso te contar uma coisa? — Ela acena, sorridente. — Eu não tinha a menor intenção de ir embora para São Paulo e deixar você para trás. Preferia que seu pai não tivesse ficado doente, mas parece que o universo conspirou conosco.

— Por quê?

Porque estou apaixonado por você, é a frase que se forma em minha cabeça, mas não consigo concluir. O telefone começa a tocar, e vejo que é Babi do outro lado da linha.

Me sento, aceitando a ligação, respirando fundo, antes de saudar minha amiga, tendo a certeza de que Gael já conversou com ela.

— Oi, Babi.

— *Oi, Pê. Gael pediu para eu te ligar.*

— Ah... — A pressão em meu peito se torna quase insuportável. — Pode falar.

— *O pai da sua menina está vindo para São Paulo de helicóptero e Gael vem junto com eles. Você pode vir de carro.*

— Mas eles já saíram? — Me levanto, indo até a porta.

— *Quando ele me ligou, disse que estavam preparando o doente.*

Troco um olhar com Eve, que se mantém sentada, apreensiva.

— Tudo bem — murmuro. — Logo estaremos chegando aí.

— *Tome cuidado na estrada* — ela alerta — *e, Pedro, dê um tempo a Gael.*

— Ele te contou, não é?

Um silêncio inquietante toma conta da ligação.

— *Contou.*

— Está brava comigo também, não está?

— Não. Brava, não — responde, rapidamente. — Nunca vou te julgar, Pedro, porque sei que existem segredos que a gente tenta segurar até não conseguir mais. Só queria te lembrar o que acontece quando os dividimos com alguém.

— O que acontece? — pergunto.

— Nos libertamos junto.

Me emociono, e gostaria muito de poder conversar mais com ela. Explicar que o segredo não é somente meu, contar toda a complicação que envolve essa história, mas no final o melhor mesmo é falar pessoalmente.

— Te amo, Babi.

Podia rir ao ouvir Eve murmurar alguma coisa, mas meu humor não alcança tal façanha.

— Te amo também, Pê.

Guardo o telefone no bolso quando a ligação é encerrada e me mantenho encostado na soleira da porta, olhando o céu escuro e estrelado. Torcendo para o mundo parar de girar porque eu quero descer.



Pedro

Completamos mais de quatro horas de estrada e eu estou exausto. Usualmente eu faria o trajeto em pouco mais de três horas, mas precisei vir com cuidado, em velocidade baixa e um pouco mais atento, já que estava pregado de sono.

Nunca me perdoaria se causasse um acidente.

Evangeline tentava não se entregar ao desânimo. Depois de dormir por uma hora, mais ou menos, ela acordou e continuava calada, apática e de olho no celular, esperando uma mensagem qualquer que viria do hospital, dando notícias de seu pai.

Uma única mensagem de Babi, há duas horas, dizia que ele estava fazendo exames, e nada além disso. Para Eve, isso devia ser enlouquecedor, essa falta de informações, a distância, a dependência de outra pessoa nos dar notícias.

A apatia, no entanto, dá lugar a um certo deslumbramento quando chegamos à capital. A cidade que nunca dorme já está à ativa, com seu tráfego louco e o imenso vai e vem das pessoas. Posso ver seu olhar, que antes ficava fixo em um ponto qualquer da janela, observar a movimentação.

— Quando vemos pela televisão, parece grande, mas, ainda assim, parece menor do que realmente é.

— Acostume-se, Ratinha — eu digo, sem desviar os olhos da pista.
— É daí para pior.

Não que eu queira assustá-la, mas para quem viveu a vida inteira em uma cidade dormitório, talvez ela estranhe o ritmo. Seu pai está acostumado, vindo de Curitiba. Ela, não.

Paro no farol e pisco os olhos, que ardem absurdamente. Pego a latinha de energético e viro o último gole, é a segunda que bebo, combinada com o café preto e forte que tomei há pouco mais de uma hora. Ainda vou

sentar para conversar com quem disse que energético e café cortam o sono.

Mentiroso de uma figa.

— Estou me sentindo tão mal, Pedro — Eve comenta, em um tom lamentoso e me viro, preocupado.

— Está passando mal?

Olho ao redor, mas não visualizo nenhum lugar que possa estacionar o carro.

— Não, estou me sentindo mal por você ter vindo sem descansar.

— Ah, isso. — Estico minha mão, segurando a dela. — Estou bem. Não tínhamos como descansar, de qualquer forma.

— Você parece extremamente cansado.

Eu estou mesmo. Exausto, com a cabeça latejando, preocupado com o pai dela e ainda muito chateado com tudo o que aconteceu lá em Minas.

— Relaxa, Ratinha. — Dou de ombros. — Me faz um favor, procura uma rádio com música aí, quem sabe eu me distraio um pouco.

Eve passa a mexer nas estações, desconfigurando toda a programação que Gael tinha feito, e eu chego a sorrir imaginando quantos chilikos ele dará ao notar isso.

De repente, uma música que me lembra ela *demais* passa a tocar.

— Deixa, deixa — peço —, essa música me lembra você!

— Eu?

Para provar meu ponto, passo a cantar alto.

— *“Ela vai te enlouquecer pra ver do que é capaz, vai fazer você sentir inveja de outros casais. E você vai ver que as outras eram todas iguais, vai querer comprar um sítio lá em Minas Gerais.”*⁶

— *Aaaaaah!* — exclama. — Não conhecia essa música, queria ouvir inteira.

— Eu canto ela inteira *pra* você, sei a letra.

Ela então abaixa o som e eu sigo cantando, me divertindo com suas expressões e feliz em tê-la distraído também um pouco. Não demora muito já estou vendo o hospital pouco à nossa frente. A primeira parte do tormento está chegando ao fim.



O hospital para onde o pai de Eve foi transferido é um dos melhores

da cidade, onde geralmente grandes figurões, políticos e artistas se tratam. O sobrenome Fontana, por conta da *FontanaLab*, me abre muitas portas, mesmo eu odiando usá-lo para isso.

Assim que chegamos à recepção, me identifico e, depois de recebermos o crachá de visitantes, somos direcionados ao quinto andar, onde ele aguarda a presença de um responsável para dar continuidade ao tratamento.

Quando a porta do elevador se abre, eu consigo visualizar Gael e Babi sentados na sala de espera. Olhando pela janela, ele se mantém focado enquanto ela, sentada no braço da poltrona, bagunça seus cabelos em uma cena que eu cansei de ver nos últimos anos.

Eu me sinto cansado, estressado e apavorado. Não quero confrontar Gael a essa hora, mas não quero também que ele vá embora sem falar comigo. Eu não sei o que fazer, e tampouco como agir.

Assim que meu pé pisa no corredor, sinto a mão de Eve tocando a minha, entrelaçando seus dedos nos meus. Ela tem aquele ar que me passa tranquilidade, e que diz que tudo dará certo. É curioso ter alguém assim para mim. Esse sempre foi o *meu* papel, o do cara que garante a tranquilidade alheia.

Em meio a uma maré de azar, eu consigo sentir que sou sortudo *pra caralho*.

— Pedro! — Babi é a primeira a me ver e, rapidamente, vem em minha direção. É automático abrir o braço para recebê-la.

— E aí, baixinha? — A aperto em um abraço, dando-lhe um beijo no topo da cabeça. — Tudo bem? — pergunto, e ela assente, mas o olhar está em *outro* alguém. — Babi, essa é a Evangeline, a minha Eve. — Um sorrisinho brinca em seu rosto ao me ouvir a chamando assim. — E, Ratinha, *essa* é a Babi.

— Por que frisou o “essa”, seu palerma? — Babi me solta e, animada, aperta Eve da mesma forma esfuziante. — Finalmente conheci você!

— Ouvi falar muito de você — Eve diz, contida, e eu acabo olhando para o sentido oposto, evitando rir.

— Imagino que sim. Vocês devem estar exaustos, não é?

— Eu dormi, já o Pedro... — Babi me olha, preocupada, e dou de ombros.

— Fizeram boa viagem?

Gael se aproxima, dando atenção para Eve, se mantendo solícito e

educado. Porém, em nenhum momento, ele dirige sua atenção a mim. Sabendo de seu gênio difícil, não é de se estranhar, mas não deixa de ser menos doloroso. É o meu melhor amigo ali, e o fato de ele sequer conseguir olhar na minha cara me deixa arrasado.

Ele explica, com paciência, que seu Ernesto está no quarto, medicado, e aguardava a chegada de Eve. Por sorte, o hospital conta com um equipamento de última geração que dispensa cirurgia para retirada de tecido para biópsia, e todos os exames já foram feitos, estando no aguardo somente dos resultados.

Sou informado de que ainda precisam de minha assinatura e, deixando Eve na companhia de Gael e Babi, me direciono até a área administrativa, que fica no andar térreo. Apesar de ter conseguido a vaga em nome da *FontanaLab*, o pagamento é feito por mim e deixo tudo acertado, me comprometendo a voltar depois, em caso de necessidade.

Eu sei que, por causa disso, receberei um telefonema do meu pai mais tarde. Ele é sempre informado quando utilizamos serviços médicos em nome da empresa. Eu nem teria me utilizado disso, se não fosse um assunto urgente, somente para evitar o confronto e a especulação. A cobrança que vem depois disso, toda santa vez.

E por falar em evitar confronto...

Busco um lugar vazio, do lado de fora. Um banco isolado, embaixo de uma árvore, bem na entrada do prédio me parece convidativo o suficiente. Me sento, e passo a observar os arredores, o entra e sai das pessoas, cada um vivendo o seu inferno particular no dia de hoje.

Sem ter mais como fugir, pego meu telefone e, respirando fundo, disco o número que venho evitando desde ontem.

— *Oi, filho!* — ela atende, de imediato, com certeza estava ao lado do telefone. — *Como está indo a viagem?*

A coitadinha está animada, mal sabe que gerou um filho com a língua maior que a boca.

— Já estou em São Paulo, mãe. Cheguei há pouco.

A ouço soltar um suspiro ruidoso.

— *Que bom que chegaram bem. E como está o pai da menina?*

— Aguardando os resultados.

A ouço contar, animada, sobre os planos que tem para um jantar, e então a interrompo:

— Mãe, tenho algo sério para contar.

— *O que foi? O que aconteceu?*

Por que é tão difícil?

Chega a ser curioso que eu me abra com Eve de forma tão fácil, já que nem com a minha mãe eu consiga tal proeza. Fico buscando as palavras, tentando a melhor forma sempre de falar, mas parece que uma mão está sempre a apertar o meu pescoço, me impedindo.

— Estava tentando convencer Eve a vir para São Paulo, e ela não queria — digo, pausadamente enquanto esfrego a mão na cabeça, me recriminando novamente. — Acabei falando demais.

— *Falou de mim para ela?*

— Falei. — Fecho os olhos, soltando a bomba. — E o Gael ouviu.

Um silêncio toma conta do outro lado da linha. Posso ouvir o barulho de algo caindo, um talher talvez, mas nada além disso nos segundos que se seguem. Estou quase a chamando novamente, quando sua voz, mais contida, surge novamente.

— *Você não fez de propósito, não é, Pedro?*

— Claro que não — respondo, rapidamente. — Me descuidei, falei alto demais e ele estava ouvindo.

— *E o que ele disse?*

— Nada, literalmente. — Uma risada me escapa, mas não há humor nenhum nela. — Ele não fala comigo, desde então.

Outro silêncio toma conta da linha. Quer dizer, mais ou menos, eu posso ouvi-la batucando algo, um barulho intermitente, parecendo um copo sendo batido impacientemente sobre a mesa.

Até que o barulho cessa, e ela me surpreende.

— *Estou indo praí.*

Ela sequer me dá tempo de argumentar. A ligação fica muda, indicando que ela desligou, e eu esfrego o rosto, angustiado. Imaginando que confusão mais está por vir.

Evangeline

Eu odeio esperar.

Definitivamente, odeio esperar.

Ficar sentada aqui, enquanto aguardamos notícias do médico, tem sido uma tortura. Já estalei todos os ossinhos dos meus dedos, já contei quantos passos eu levo por todo o corredor da recepção, deste andar — sessenta e três —, já parei em frente à grande vidraça analisando a altura

em que nos encontramos. Já segurei o choro por umas cinco vezes, sem querer parecer fracote, ou dar mais trabalho.

E nada de notícias.

Além de toda a preocupação com meu pai, ainda tem a situação extremamente desconfortável aqui na sala de espera. Apesar de já ter conhecido Gael e de sua mulher ser muito amigável e simpática — até mais do que eu esperava que fosse —, eu não consigo me sentir à vontade. Principalmente sentindo o ar pesado, fruto da decepção que a descoberta sobre a maternidade de Pedro gerou.

Fico tentada a falar um monte. A acusar a injustiça que ele está cometendo ao sequer permitir que Pedro se explique. Ele com certeza entenderia, quando soubesse que era um pedido de sua mãe.

Pedidos de mãe são sagrados, eu ao menos entendo assim.

Mas além de não ter abertura para falar tudo o que penso, tenho noção de que essa é uma batalha que Pedro precisa lutar por si só. Eu odiaria ouvir que “isso não é da minha conta,” e eu tenho certeza absoluta de que é exatamente isso que Gael me diria.

Isso se ele dissesse algo. Ele está em completo silêncio desde que Pedro saiu, para assinar *sei-lá-o-quê*, os olhos azuis fixos em algum lugar do lado de fora da janela, tão apertados que formam pequenas rugas na lateral.

Não que eu esteja o encarando demais. Seria... inapropriado.

— Seu pai ficará bem, Eve — Babi me diz, pela, talvez, décima vez.
— Posso te chamar de Eve, não?

— Pode, sim.

— Pensei que era algum apelido romântico, não cairia bem.

Viro meu rosto lentamente, notando seu ar risonho ao dizer isso. Posso entender por que Pedro gosta tanto dela, Babi é amistosa, simpática e empática ao extremo. Ela consegue se dirigir a todos os envolvidos nessa confusão sem dar um olhar de julgamento sequer. Quando ela se levantou, assim que chegamos, vindo direto abraçar meu grandão, ainda que o marido dela estivesse querendo soltar fogo pelas ventas, eu esqueci toda a implicância que eu tinha por ela.

Meu estômago não esqueceu, continua se revirando, mas aí o problema é dele.

— É meu apelido mesmo — concluo. — Todo mundo me chama assim.

— Acha que ele vai demorar? — Gael pergunta, apontando para a

porta. Entendo que ele quer ir embora, está cansado e fez mais do que deveria tendo acompanhado meu pai e estando aqui até agora.

— Podem ir, ele deve estar voltando.

Não preciso dizer duas vezes. Como se estivesse apenas esperando essa “ordem”, Gael se levanta, batendo a mão no bolso em um gesto automático, conferindo o telefone ou a carteira.

— Tem meu número? — ele pergunta, e eu afirmo. — Me liga se precisar de qualquer coisa?

Confirmo novamente, e me levanto, recebendo um abraço apertado, de despedida. E aquela ânsia, que me pede para falar algo novamente, me toma. Me afasto o suficiente para o encarar, e isso me faz lembrar de quando Pedro contou que Gael é um advogado fantástico, do tipo que consegue dobrar qualquer um. O seu ar extremamente sério corrobora isso, duvido que as pessoas tenham coragem de confrontá-lo, sem temer serem diminuídos por uma avalanche verbal.

— Ouça o que ele tem a dizer — eu peço, em um surto de coragem. — Você vai ver que as coisas são diferentes do que você pensa.

— Ele não escondeu algo importante de mim a vida inteira? — ele pergunta, e eu respiro fundo, sem responder nada. — Foi o que eu pensei. De qualquer forma, diga a ele que fui até a casa dos meus pais e ele pode passar lá e tentar se explicar, caso seja importante para ele.

— Gael... — Babi segura sua mão, e eles trocam um olhar —... acho que não é hora de discutir isso, principalmente porque o Pedro não está aqui.

Seu tom é carinhoso, porém, firme.

— Vai brigar comigo? — ele pergunta, e ela sorri.

— Sabe que não. — Fica na ponta dos pés, para dar-lhe um beijo no rosto. — Mas você está de cabeça quente, está cansado e vai acabar falando coisas das quais vai se arrepender depois.

— Não estou de cabeça quente, estou magoado.

— Conheço bem o seu poder de devastação quando está magoado, Gael — ela diz, com seriedade. — Só estou pedindo para ter um pouco de calma. E levar em conta o que Eve disse, pois com certeza Pedro tem uma explicação.

Fico feliz que ela saiba como lidar com o marido, coisa que eu não sei. Mesmo não dizendo nada, dou-lhe um sorriso em agradecimento, e eles então se despedem sem prolongar o assunto.

Espero que não judiem muito do Pedro, quando ele aparecer.

Me sento novamente, na mesma cadeira que Gael ocupava antes, próxima à janela. Daqui eu tenho uma bela visão da parte externa do hospital. Eu não sei em que parte da cidade estamos, mas é um lugar bem arborizado e com prédios e construções a perder de vista.

Somente agora eu posso realmente olhar ao redor, e analisar o ambiente. A sala de espera é imensa, e toda em tons bege e marrom. A parede à minha direita é tomada por vidraças em toda a sua extensão, enquanto à minha esquerda o pré-atendimento se encontra em uma grande fileira de nichos, cada um com uma atendente sorridente, bem maquiada e bem vestida.

No centro do salão, um painel de madeira serve de suporte para uma televisão dessas, *chiques*, grandes e muito finas, mas com o volume baixo o suficiente para que eu não consiga ouvir nada.

Tudo muito limpo, bem arrumado. E inacessível. Sinto aquele arrepio incômodo em pensar no quanto isso custa, e quantas vidas eu terei que trabalhar para pagar.

Quantas vezes mais eu terei que passar por cima do que eu acredito? Nunca pensei, em minha vida inteira, estar aqui dependendo de outra pessoa para me manter.

Que sensação horrorosa!

O barulho do elevador chama a minha atenção novamente e posso segurar nas mãos a decepção de Pedro quando ele me vê sentada aqui, sozinha. Talvez achando que Gael ainda o esperasse para conversar.

O bichinho... ficou até meio perdido.

Meus olhos seguem automaticamente até a mulher que vem ao seu lado. Curiosamente, passamos ambas a analisar uma a outra e eu nem preciso ser apresentada para saber que essa é sua mãe. Não por eles terem qualquer tipo de semelhança, mas por ela estar totalmente territorial sobre ele.

Consigo reconhecer o olhar de “*vamos ver se você o merece mesmo...*” que ela me lança.

Me levanto, assim que Pedro se aproxima, dando um passo em sua direção e passando os braços ao redor de sua cintura. Até eu consigo reconhecer que foi um combinado de conforto e provocação.

— Ficou sozinha — ele murmura, e pressiono meus lábios em seu peito.

— Eles saíram quase agora — minto —, por pouco não os vi.

Sinto meu nariz franzir ao dar-lhe um sorriso, e deve ser porque ele cresceu um pouco.

— Eve, essa é a minha mãe, Claudia.

Recuperado, ele apoia a mãe pelas costas, a trazendo para minha linha de visão. E, não sei, no manual das mães mentir para os filhos buscando confortá-los deve contar ponto, porque sua expressão muda totalmente. Ela me olha diferente. Carinhosa.

— Muito prazer. — Ela segura meu rosto entre as mãos, sorridente. — Fico muito feliz de finalmente conhecer você.

Seu abraço chega a me emocionar. Eu nunca havia sido tão abraçada quanto agora, mas o da mãe de Pedro significa algo mais. Posso estar me precipitando, mas tem sabor de aceitação.

Claudia é uma mulher simples, conseguimos notar isso à primeira vista. E, tirando o mesmo olhar doce que Pedro tem, você não diria que eles são parentes. Baixinha, o cabelo castanho é cortado pouco acima do ombro em um corte repicado. Magra, ela usa um vestido de estampa floral preto e branco, sem mangas, bem discreto. E me faz sorrir ao pensar que a mãe dele também é adepta dos vestidos floridos.

Quando eu a vejo afagar Pedro, passando despretensiosamente as mãos em suas costas ao vê-lo olhando perdido para o caminho que leva aos elevadores, eu decido que gosto muito dela.

Eu também decido que é cedo para dizer a ele que Gael o espera na casa dos seus pais. Pedro precisa de algumas horas de sono, no mínimo. Os ombros caídos, as olheiras fundas, os olhos injetados e a forma como esfrega o rosto, tentando se manter desperto, chega a me apertar o peito.

O mandei para casa várias vezes, mas quem diz que obedece? Não sei se mato, ou acho fofo.

— Senhorita Evangeline Ramos? — Me viro, ao ouvir a voz grave atrás de nós.

— Sim, sou eu.

— Eu sou o Doutor Daniel Queiroz, hepatologista. — Ele aperta minha mão, e depois a de Pedro e Claudia. — Sou eu quem estou cuidando do caso do seu pai. Por favor, me acompanhem.

O seguimos por um corredor impecavelmente brilhante, e ele para na porta, nos dando espaço para entrar. Fico um tanto confusa, pois o ambiente difere totalmente do que eu estou acostumada a ver quando preciso visitar um médico. Aqui, pareço estar entrando em uma sala de visitas.

A mesa de madeira, com tampo preto, tem duas cadeiras pretas de couro à sua frente, onde sou convidada a sentar. Assim como a recepção, o

local aqui é todo em tons de bege e marrom, com plantas e quadros espalhados de forma elegante pelo ambiente.

Eu moraria neste consultório, não tenha dúvidas disso.

Pedro segura minha mão, ao sentar do meu lado, e a aperta fazendo-me notar que não estou sozinha. Busco Claudia com o olhar e a vejo em uma das poltronas, me dando o mesmo olhar encorajador de seu filho.

Fixo meus olhos no médico, um senhor alto e bem-apessoado, que ocupa agora a cadeira à minha frente.

— Assim que recebemos o seu pai aqui, algumas horas atrás, efetuamos alguns exames baseado no relatório que recebemos do pronto-socorro onde ele recebeu o primeiro atendimento. — Esticando alguns papéis em minha direção, ele segue explicando: — Fizemos nele uma ultrassonografia, chamada elastografia ARFI, que serve para avaliar o grau de fibrose no fígado.

— *Hum...* — involuntariamente, levo a mão à cabeça, sentindo coceira ao ouvir um monte de palavras que não entendo.

— Fibroses são cicatrizes internas, é um tecido feito de colágeno que o próprio organismo utiliza para cicatrizar lesões. No caso do seu pai, o consumo excessivo de álcool agrediu o tecido hepático, provocando uma inflamação que causou as cicatrizes.

Erguendo o exame, ele circunda alguns pontos na imagem impressa, mas eu não consigo entender muito bem o que elas mostram. Talvez percebendo isso, ele continua:

— O fígado serve como um filtro para o nosso corpo. O sangue, rico em nutrientes do sistema digestivo, é drenado para o fígado que o “filtra” antes de cair na circulação. Se o órgão está com fibroses, ou obstruções, o sangue retorna para outras veias, causando dilatações anormais, hemorragias, e... — faz uma pausa, me olhando muito sério —... pode ser fatal.

Estremeço, e sinto a mão de Pedro apertar a minha mais uma vez.

— Conseguiram avaliar, doutor? — ele pergunta, já que eu pareço ter perdido a voz.

— Felizmente não detectamos a presença de nódulos no fígado, o que descarta a presença de tumores malignos — diz, os olhos cravados nos meus. — No entanto, seu pai agrediu o órgão por um bom tempo, provocando essas inflamações, causando uma cirrose descompensada de grau um.

Não é só a cirrose que fica descompensada. Eu também fico, porque sei bem o que significa. Por anos, ouvi os relatos mórbidos de todos me

avisando que meu pai morreria assim.

— Calma, Eve — ouço Claudia dizer, em um tom firme e sequer tinha notado que ela estava parada ao meu lado. — Vamos ouvir até o final, antes de entrar em desespero.

— Isso mesmo — ele prossegue. — Infelizmente, cirrose não tem cura. Mas existe tratamento, o que pode paralisar a progressão da doença.

— Não tem cura? — reajo, ainda assustada.

— É impossível a regeneração das células hepáticas nas quais não circula sangue. Existem pesquisas com medicamentos e células tronco em andamento, mas sem nenhum resultado confirmado.

— E qual seria o tratamento, doutor? — Claudia decide ser prática.

— Primeiro, ele precisa abolir o álcool de sua vida. Eu sugiro um tratamento psicoterápico, com acompanhamento profissional. — Devo ter mais uma vez franzido a testa, confusa com as palavras usadas, e ele sorri. — Reabilitação, Evangeline. Posso indicar algumas clínicas muito boas, que irão acompanhar todo o processo e, ainda por cima, auxiliar na ministração dos medicamentos nesse início de tratamento.

— E depois?

— Depois, ele vai precisar de acompanhamento adequado, uma dieta equilibrada, suplemento de vitaminas... — dá de ombros —... e pode ter uma longa expectativa de vida.

Entre tantas palavras complexas, *longa expectativa de vida* me parece muito bom.

Sou liberada a fazer-lhe companhia e, ao abrir a porta e ver o local onde meu pai está deitado, com todo o cuidado, uma enfermeira a postos no corredor e um quarto que serviria para que eu morasse nele por um bom tempo, eu não resisto. Me viro em imediato e enlaço Pedro pelo pescoço, em um abraço apertado de agradecimento.

— Eu não sei como eu vou te pagar isso um dia, Pedro, mas... obrigada — digo, com sinceridade.

— Tudo por você, Ratinha.

35



Pedro

Já faz aproximadamente quinze minutos que estacionei em frente à casa dos Prieto e ainda não consegui criar a coragem suficiente para descer e apertar o interfone. Já seria difícil demais encarar Gael sozinho. Ter a família inteira e o *agregado* junto, parece um pouco demais, mas preciso parar de fugir.

Também preciso dormir, com urgência. Estou exausto e essa conversa não será produtiva com meu humor peculiar regado a sono, mas fiquei apreensivo em esperar e isso soar como covardia.

Deixo minha mente vagar, observando a rua calma, me lembrando de minha infância. Eu sempre amei estar aqui, era o meu refúgio, onde eu me sentia querido. Uma das coisas que eu mais gostava era o fato de não conseguir ver daqui o local onde eu vivia com meus pais. A casa grande, de grades altas e paredes geladas, fica a duas quadras daqui e eu não tenho a menor saudade dela.

Mas essa era apenas *uma* das coisas que eu gostava. Eu me sentia bem mesmo era com o carinho dessas pessoas. A preocupação de dona Joana comigo, se eu havia comido, se dormi direito à noite, se precisava de algo. Ou os conselhos de seu Alessandro, que iam desde respeitar as pessoas até aquela conversa constrangedora sobre sexo. A parceria infinita com Gael ou o fato de Jordie ter sido uma bomba ambulante que me fez sentir necessário durante a maior parte da minha vida.

Isso era importante, e saber que os magoei, depois disso tudo, está acabando comigo.

Recosto no banco, sentindo o cansaço me dominar. Os olhos pesados vão se fechando e eu balanço a cabeça, piscando repetidas vezes até ficar alerta novamente. Sabendo que não vou conseguir lidar com isso por muito mais tempo, tiro a chave do contato e abro a porta, os olhos fixos já no portão

onde dona Joana me aguarda.

— Não descansou nada? — pergunta, me analisando.

Balanço a cabeça, negando, e a aperto em um abraço, aproveitando um pouco da coragem que seu carinho sempre me passou.

— Quem está aí? — pergunto, com um movimento de cabeça em direção à porta da sala.

— Todo mundo. Vem, vamos entrar.

Sigo à sua frente até entrar na sala e ver a família toda reunida. Gael ocupa a poltrona mais afastada, tendo Babi sentada ao seu lado, como sempre. Jordie ocupa um dos sofás menores, e seu pai preferiu o sofá maior, que dona Joana também escolhe ao sentar-se ao seu lado. Murilo parece confortável em uma cadeira mais afastada, e fico grato por ele não me dirigir o seu costumeiro olhar assassino.

Hoje eu não lidaria bem com isso.

Como uma criança pega em uma grave travessura, eu somente balanço a cabeça, em um cumprimento tímido e me sento na outra poltrona restante. Aguardando, de cabeça baixa, o que eles têm a me dizer.

— Então, Pedro — Alessandro começa —, é verdade que você é filho de outra mulher?

Confirmo, ainda fitando meus pés em silêncio.

— Quando soube isso?

Ergo o rosto e o encaro.

— Alguns dias após meu aniversário de dezoito anos.

Não foi o grunhido de indignação que Gael soltou que me atingiu, não desta vez. O que me atingiu foi o extremo ar decepcionado do meu padrinho, e o tom triste que acompanhou sua pergunta.

— Por que não confiou em nós? Não achou que merecíamos saber?

Apoio os cotovelos nas pernas, afundando o rosto em minhas mãos, tentando conter as lágrimas. Puxando o ar com força, buscando controlar o aperto que sinto no peito.

— Eu queria ter contado — murmuro, angustiado —, mas ela não deixou.

— Quem não deixou? — É Babi quem pergunta. — A sua mãe?

— Eu a procurei por um ano inteiro — continuo, depois de confirmar sua pergunta. — Revirando documentos, perguntando às pessoas. Quando a achei, fazia qualquer coisa que ela me pedisse, mesmo não sendo o que eu queria fazer.

— Como ficou sabendo? — Sorrio, sem humor algum ao ouvir a pergunta.

— Sempre te disse que as paredes têm ouvidos, Babi.

Explico a eles tudo, desde o início. Como soube que Silvia não era minha mãe, a minha saga até encontrar uma pista sequer, e minha visita, àquela tarde, até sua casa, culminando com seu pedido para mantê-la em sigilo.

— Procurou por um ano — Gael zomba, falando com seu pai — e nunca contou nada para nós. E agora vem com essa história que não disse porque a mãe não deixou.

Sei como Gael pode ser ferino quando é contrariado. Acredito que eu levaria o seu mau humor numa boa, não estivesse tão exausto ou não me sentisse mesmo tão culpado por nunca ter contado nada a eles. Meu corpo passa a tremer, de tão nervoso que fico.

— Eu não sabia se era verdade. Era tudo muito surreal, Gael — minha voz sai trêmula —, ouvir as coisas que eu ouvi e sair espalhando por aí, sem ter certeza... eu não podia.

— Tá bom... — resmunga, irônico.

— Você era um garoto, Pedro — Alessandro prossegue — e vivia aqui em casa.

— Eu não podia — repito, com mais firmeza. — Antes, eu queria confirmar se era verdade e, depois, ela me implorou para não dizer nada.

— E por que ela não te deixou contar, Pedro?

— Ela tinha medo, madrinha. Ainda tem.

Recosto no sofá e fecho os olhos, relembrando a cena de horas atrás, quando ela desceu do táxi em frente ao hospital. Apreensiva demais, olhando de um lado para o outro, temendo ser vista. E me fazendo ter a certeza de que somente estava ali por mim.

— Ela foi tão ameaçada — prossigo, ainda de olhos fechados —, que ela pensa que meu pai pode tirar dela o pouco que conseguiu na vida. Nem minha promessa de lutar por ela, fez dona Claudia mudar de ideia.

— CLAUDIA?! — Gael exclama, em voz alta, me fazendo abrir os olhos. — Cansei de ver você atendendo ligação dessa mulher na nossa frente.

— Gael, chega... — Babi o segura, mas ele se levanta, parando em frente à poltrona onde eu estou.

— Eu te perguntei, Pedro, não muito tempo atrás, se você estava me escondendo mais alguma coisa.

Lembro-me exatamente de quando perguntou isso. Foi na tarde em que soube que Jordie e eu nos encontrávamos escondido, e eu sabia que descobrir sobre a minha mãe causaria problemas entre nós.

Me mantenho sentado, sério e com meus olhos fixos nos dele, sem dizer uma palavra. Sem achar que mereço dizer nenhuma palavra, tendo a noção de que cada *porrada* aqui seja merecida.

— Você negou que estivesse escondendo mais alguma coisa — ele diz, em um tom mais baixo, magoado. — Podia ter vindo até mim, investigariamos essa tal declaração que ela assinou.

— ELA NÃO QUIS! — grito, impaciente, me levantando. — Eu dei a ela todas as opções, ela não quis!

— ELA NÃO QUIS E FICOU POR ISSO MESMO?

— Agora chega! — Jordie se aproxima, puxando o irmão pelo braço, o surpreendendo e se colocando entre nós dois. — Vamos parar com essa merda de inquisição aqui. Quem diabos vocês pensam que são?

— *Bambina...*

— Pode parar, papai! — Ergue o dedo em riste, apontando para o pai e o irmão. — Vocês estão sendo ridículos.

— Ah, claro...

Eu estou confuso, cansado, chateado e muito nervoso e, por isso, não identifiquei o que Gael teria insinuado com sua reclamação. Mas ela o fez, fazendo questão de parar na frente dele, e o encarar.

— Nem tente, Gael. — Seu tom é cortante. — O fato de ter sido contrariado não te dá o direito de ser babaca.

— Olha quem fala — ele resmunga, mas ela acaba o ignorando.

— Vocês podiam ao menos por um minuto se colocar no lugar dele? Desde que foi perguntado, pela primeira vez, o porquê não contou, ele disse que a mãe dele pediu.

Olhando de um para o outro, que se calaram, ela prossegue:

— O menino descobre que a vida dele era uma mentira, e fica envergonhado. É natural isso, não é? Ou pensam que todo adolescente leva uma *porrada* dessas e sabe lidar numa boa? — Andando de um lado a outro, ela fala quase sem respirar. — Encontra a mãe dele, a mulher tinha sido ameaçada, tem medo, pede silêncio. Vocês queriam o que? — Abre os braços. — É a MÃE dele! Se a minha me pedir qualquer coisa que não seja um neto, eu vou fazer.

O rompante de Jordie pega a todos de surpresa. A mim também,

afinal de contas, ela é a garota que nunca se mete em nada, que em todas as confusões possíveis que essa família se meteu esteve sempre trancada em seu quarto, que tentava resolver tudo batendo os pés no chão, mas nunca, em momento algum, tentava chamar as pessoas à razão.

Saber que ela está fazendo isso *por mim*, me emociona.

— Está falando isso porque já devia saber.

— Não sabia, Gael — ela responde, séria, e se vira para mim. — Podia ter confiado em nós, Pedro, não iríamos contra o desejo da sua mãe, de manter isso em segredo. Mas eu entendo a sua escolha.

— Eu concordo com a Jordie. — Babi se levanta, e vem em minha direção. — Nós não guardamos segredos porque gostamos disso, o fazemos porque precisamos. Porque temos medo. Ou acham que é divertido guardar um segredo por quase vinte anos?

— Acabava comigo não contar a vocês — eu digo, me sentando novamente. — Eu *finalmente* tinha uma mãe que se importava comigo, que me tratava bem, que era carinhosa. E não podia mostrá-la ao mundo.

— E só nos contou por que eu ouvi, não é?

Olhando Gael, que parece ter mudado de postura e parece menos combativo, eu dou de ombros, em um singelo pedido de desculpas.

— Amo vocês, isso nem deveria ter sido posto em questão. Mas eu só iria falar se ela concordasse.

Um silêncio indigesto toma conta da sala. Sorrio, agradecido, quando Jordie senta ao meu lado e segura a minha mão, em um gesto de apoio.

— Aqui — ouço Murilo falar, ainda sentado mais afastado de onde estamos —, ninguém perguntou, mas eu fiquei curioso. Quantos anos tinha sua mãe quando você nasceu?

Sorrio frente à sua mente analítica de policial. De repente, todos os olhos estão virados para mim e essa é uma informação que ainda me enoja.

— Dezesseis. Recém-completos — digo, olhando para Murilo que, por sua reação, já esperava algo do tipo. O restante parece chocado demais para falar alguma coisa, até que Alessandro se levanta, colérico.

— Eu vou matar esse homem.

Evangeline

Enxugo as lágrimas, que correm sem controle, e recosto no sofá ao lado da janela, segurando o estômago. Eu não aguento mais rir das coisas que a mãe do Pedro conta. O meu pai, então, já teve até uma crise de tosse.

— Vocês dão risada, mas é sério. Imagina, primeira vez que eu vou à praia, me pego lá linda e serena posando para uma foto, vem uma onda e leva tudo, até o biquíni.

— Era o Pedro quem tirava a foto? — papai pergunta, entre risadas.

— Deus me livre! Morreria de vergonha.

Fico observando Claudia, sentada na cadeira ao lado da cama do meu pai, conversando animada e contando *causos* desde que Pedro nos deixou aqui. Simpática e à vontade, vem tentando distrair papai desde que ele acordou, e sou grata porque, sozinha, não teria conseguido lidar com ele.

Sozinha. O peso disso vem crescendo sobre os meus ombros, ainda que todas as pessoas sejam simpáticas e digam que posso contar com elas. Não posso, e nem quero, ser um peso para ninguém. Somente a conta deste lugar, que deve ser astronômica, me assusta. Quando eu começo a pensar que eu sou uma desempregada sem lar, sem qualificação e sem um tostão furado, com um pai doente dependendo de mim, eu chego a ter taquicardia.

Pedro não me deu opção de escolha, disse que iremos ficar em sua casa. E eu gostaria demais de recusar e dizer a ele: *sabe o que é, Grandão, tudo bem pagar o hospital, mas eu cuido do resto*. O problema é que, no momento, eu não sei onde fica o viaduto mais próximo, e nem se teria vaga.

Encosto a cabeça no vidro da janela, observando o dia nublado. Meu pensamento vai até ele, preocupada. Será que conseguiu conversar com a família de Gael? Será que judiaram demais dele?

— Cabecinha longe? — Claudia se senta ao meu lado, e nota que olhei para a cama, buscando meu pai. — Ele dormiu, os remédios devem dar sono.

— Estou pensando no Pedro.

Minha confissão a faz sorrir.

— Está gostando dele, não é?

— Ah, eu... gosto — digo, insegura. — Não tem como *não* gostar, ele é muito intenso e adorável.

— Não tem, mesmo — ela diz, ficando séria em seguida. — Mesmo algumas pessoas não achando isso.

Imagino que ela esteja falando da tal moça de quem Pedro gostou a vida inteira. Eu até tenho curiosidade para saber quem é, e quão boa ela se acha para nunca ter dado uma chance a ele, mas não é maior que o meu ciúme e a vontade de bloquear tudo o que seja relacionado a essa mulher. Quanto maior a distância, melhor.

Acabo me pegando curiosa sobre a vida de Claudia. Pedro me falou muito pouco sobre ela, sempre muito discreto mesmo em seu desabafo ele parecia selecionar o que me contar.

Fico me perguntando qual o grande defeito desse homem, e quando ele erraria na vida porque, até agora, eu só o vejo fazer tudo certinho. Perfeito, sem defeitos.

— Estava pensando na conversa que ele foi ter com a família do Gael — explico, e seu sorriso some de imediato. — Nunca quis, mesmo, conhecer nenhum deles?

Um sorriso tímido, um leve esticar de lábios, entrega o desconforto sobre o assunto.

— Até quis, mas o meu instinto de preservação foi mais forte.

— Mas você está aqui hoje... — Ergo os ombros, e recebo algumas batidinhas de leve na mão. Quase posso ouvir seus pensamentos, ao me dizer: *“você não sabe nada da vida.”*

— Quando Pedro me disse que o Gael não estava falando com ele, pude sentir em sua voz como isso o machuca. — Claudia suspira fundo, antes de prosseguir: — Eu posso ter um monte de defeitos, mas não posso colocar meu medo acima da felicidade do meu filho. Não mais.

Mordo o lábio inferior, contendo a vontade de ser enxerida e encher a mulher de perguntas. Por conta do meu passado, eu me identifico com esse medo irracional de sair e respirar outros ares. Estou tranquila porque estamos em São Paulo, mas eu não sei se conseguiria ir até Curitiba com meu pai e ficar lá, tranquila, sabendo que posso cruzar com meu irmão a qualquer momento.

Mas e ela? De quem ela tem medo? Do *que* ela tem medo?

Uma batida na porta chama a minha atenção e eu estranho. Se fosse o médico ou alguma enfermeira, teria entrado direto. Me levanto, depois de trocar um olhar confuso com Claudia, e sigo apreensiva, tentando ouvir alguma coisa que venha do corredor.

Me surpreendo ao abrir a porta e ver um homem mais velho e muito bem-apegoado me observando em um misto de curiosidade e análise. Aproveito para fazer o mesmo, olhando o homem alto, de cabelos grisalhos e bem penteados, rosto liso, sem um fio de barba e um sorriso congelado no rosto. Seus olhos azuis, no entanto, são ferinos e me dão uma sensação de cautela e reconhecimento.

Sensação bem estranha, aliás.

— Posso ajudar? — pergunto, quando vejo que ele não vai dizer nada.

— Muito prazer — ele estica a mão, e eu aceito o cumprimento —, meu nome é Olavo Fontana e fui informado de que o paciente que ocupa este quarto está utilizando uma das vagas reservadas ao meu laboratório. Fiquei curioso.

Um segundo de hesitação da minha parte é o suficiente para que o homem entenda que eu o estou convidando para entrar e, espalmando a mão na porta, abre espaço e invade o quarto, a passos largos.

Meu pai está deitado, dormindo e estranho não ver Claudia sentada no sofá onde a deixei. Esse pequeno detalhe, combinado ao sobrenome, faz com que eu tenha a noção exata de *quem é* o homem à minha frente.

— Olavo Fontana, o senhor disse? — pergunto, atrás dele, apertando os dedos da mão, apreensiva.

— Isso mesmo.

— Desculpe a falta de modos. Eu sou Evangeline Ramos.

Acompanho seus olhos me analisando, dos pés à cabeça, de uma forma nem um pouco amigável. E meu coração parte a galope, nervosa. Não sei qual a motivação que o trouxe aqui, mas não acho que seja em nome da política de boa vizinhança.

— Foi meu filho quem trouxe vocês aqui, certo? — Confirmo, um leve menear de cabeça. — São amigos?

Ele tenta demonstrar simpatia. Porém não é cego, deve ter notado que as roupas simples que eu visto não foram compradas na mesma boutique que ele comprou as suas.

Será que homem rico também compra roupa em boutique?

Responder se somos amigos já seria difícil a qualquer outra pessoa. Para ele, o grau de dificuldade aumenta bastante.

— Somos, sim — respondo, por fim.

— Então vamos nos ver outras vezes, suponho. — Dou de ombros.

— Acredito que sim, meu pai fará o tratamento dele aqui, em São Paulo.

O sorriso congelado volta aos lábios, e o arrepio estranho percorre novamente minha espinha.

— Estimo as melhoras ao seu pai. — Ele estica a mão, por fim.

Da mesma forma intempestiva que entrou, ele sai, deixando para trás um rastro do perfume caro e sua extrema falsa cordialidade.

Bato a porta e vou até o banheiro, onde encontro Claudia sentada no

vaso, trêmula e com o rosto molhado de lágrimas.

— É dele que você foge? — pergunto, sem rodeios.

— Ele vai me tomar tudo — ela sussurra, o rosto afundado nas mãos, chorando de soluçar. Fico nervosa, e muito apreensiva.

— Como ele pode fazer isso?

— Eu vou te falar uma coisa, menina — ela inspira, tentando se acalmar —, alguns pais são maravilhosos. Outros, complicados. Mas existem aqueles que estão na categoria de horrorosos e tanto o meu quanto o de Pedro se enquadram nessa última.

Enquanto eu a espero se acalmar, sugiro que voltemos para o sofá. Conversas espinhosas merecem mais que um vaso sanitário, ainda que por vezes precisemos correr a ele quando o estômago revira. A entrego um copo d'água e fico observando seu olhar perdido, olhando pela janela, um contraste imenso com a mulher simpática e risonha que tentava animar meu pai, minutos atrás.

Não cheguei a perguntar quantos anos ela tem, mas baseada em sua aparência e a idade do Pedro, não precisamos de muito esforço para saber que ela teve filho muito nova. E que ele é bem mais velho que ela. Uns dez anos, no mínimo.

Como funcionavam as leis nessa época? Hoje isso seria um escândalo — não que inexistia, mas... não é algo considerado normal.

— Conversa comigo, Claudia. — Ela nega, desviando o olhar.

— Não há nada para ser dito, Eve.

Está claro que essa mulher é uma bomba relógio prestes a explodir e precisa desabafar com alguém. E disso eu entendo, por vezes a pressão no peito é tão grande que parece nos sufocar. Eu ainda tenho o meu pai para desabafar, mas será que ela tem alguém? Será que conversa com Pedro?

Não acho que ela se abriria comigo assim, tão fácil, afinal de contas, ela mal me conhece. Mas seu olhar perdido e sofrido, contendo mil coisas, é quase como se pedisse socorro e, no final, desabafar com uma pessoa que não seja do seu convívio pode deixar as coisas mais leves.

— Eu não sei se o Pedro te contou a minha história — digo, com cuidado, e ela nega. — Eu e meu pai também nos escondemos de alguém. Não pense nem por um segundo que eu não te entendo, Claudia. Eu sei o que é viver com medo, temer ser descoberta.

Trocamos um olhar e a sinto ceder.

— Você precisa entender que não está sozinha, Claudia. Eu entendo o

seu medo, mas o Pedro nunca te deixaria na mão.

— Você não entende... — ela murmura.

— Me explica, então. Prometo não te julgar.

Ela inspira, e arruma o corpo no sofá, se empertigando. A mão segue até o pescoço, esfregando a nuca, nervosa. E então ela decide confiar em mim.

— Meus pais trabalharam para os Fontana. Ela era copeira e ele, jardineiro. — O olhar viaja pela paisagem, ela nunca me encara, nem uma vez. — Aos doze anos eu fui trabalhar lá, para ajudar meus pais. Olavo tinha acabado de se casar com Silvia, e por muito tempo presenciamos brigas imensas entre eles.

— Na frente de vocês? — pergunto, e ela confirma.

— Quando eu fiz quinze anos, e menstruei pela primeira vez, minha mãe me chamou para conversar.

Ouçó com um misto de nojo, horror e revolta, Claudia relatar a conversa que teve com a mãe. Olavo e a esposa haviam se casado como um arranjo comercial, unindo duas empresas bem-sucedidas no ramo de biomedicina. Ele não contava com o fato de a esposa ser estéril e filho ser uma cláusula importantíssima no contrato de casamento, devendo ser cumprido no prazo de cinco anos.

Casamento por contrato? Nos livros que eu leio, esse assunto me causa menos asco.

Olavo, claro, achou que seria ideal investir na *barriga de aluguel*. Pelos piores meios possíveis.

— Eu me lembro de andar pela casa, fazendo o meu serviço, e sentir os olhares — ela prossegue e eu permaneço em silêncio, odiando ouvir isso tudo. — Ficava envergonhada, e muito intimidada a cada vez que o notava me olhando. Mas nunca disse nada, temia por meus pais.

— Não queria que eles perdessem o emprego.

— O salário era bom. Mas não tão bom que nos permitisse comprar a casa onde eles vivem até hoje, em um bairro bom. — As lágrimas continuam caindo, sem controle. — Mas você deve entender, palavra dos pais é lei, eu nunca desconfiei.

Fico de coração partido com o desenrolar todo da história. Saber que Pedro foi desejado apenas como parte do cumprimento de um contrato e tratado como tal a vida inteira. E revoltada por saber que, em troca de uma casa confortável e uma segurança no fim da vida, os pais dela foram capazes

de oferecer sua filha, adolescente e virgem, e seu neto como moeda de troca.

— Você ainda tem contato com eles, Claudia? — Ela nega, e pela primeira vez desde que começou a contar seu passado, me encara.

— Eles trocaram meu filho por aquela casa, Eve. Que façam bom proveito.

— Claudia — digo, com cuidado —, o que diz o documento que seu pai assinou?

O choro volta, com mais força dessa vez.

— Meu pai assinou um acordo que me forçava a ficar afastada de qualquer um da família Fontana — envergonhada, esconde o rosto nas mãos — ou Olavo me entregaria à polícia por roubo.

— Roubo? — pergunto, atônita.

— Ele me deu um colar, muito caro, na noite em que ele... em que...

— E ele alegou depois que você o roubou — completo, e ela apenas confirma.

— Quando eu me vi perdida e sozinha, depois que tomaram Pedro de mim, eu vendi o colar. Valia muito, mesmo. Foi com esse dinheiro que eu comprei minha casa, e fui estudar.

— O pai do Pedro é um criminoso. — Levanto, irritada, e passo a andar em círculos pelo quarto. — O que ele diz sobre isso tudo?

Fecho os olhos com força ao notar a sua expressão.

— Ele não me perdoaria, Eve.



Pedro

Empurro a porta do quarto e encontro Eve, seu Ernesto e mamãe conversando com o médico. Faço a minha melhor cara de cão sem dono, para me desculpar pelo sumiço durante o restante do dia de ontem e a noite inteira, mas depois que saí dos Prieto, acabei indo para casa, destruído e exausto, precisando dormir ao menos um pouco.

O meu plano era tirar uma soneca e voltar ao hospital no início da noite, para fazer companhia à Eve. Era...

Acordei em um salto ao ouvir o interfone tocando, insistentemente. Meu celular continha quinze chamadas perdidas e eu também estava mais perdido do que aquela piada ridícula que a gente conta sobre o dia dos pais. Era Gael, querendo saber se eu estava vivo.

Aliás, é ele que está parado atrás de mim neste instante, olhando curioso para aquela que eu chamo de mãe.

— Bom dia — saúdo. — Dormi demais.

— Descansou? — Seguro dona Claudia pela cintura e a trago para perto, respondendo sua pergunta com um beijo nos cabelos. — O doutor está assinando a alta do Ernesto.

Ergo a sobancelha ao ouvi-la chamá-lo pelo primeiro nome, e volto a minha atenção ao que está sendo dito.

— Esta é a medicação a ser tomada, e é importante que sigam as indicações de dosagem e horário. — O médico estica um papel à Eve, que analisa o que está escrito. — Esse primeiro tratamento visa controlar alguns sintomas da doença.

— Aqui diz que temos que voltar em um mês, para uma nova consulta.

— Sim, irei reavaliar o estado do seu pai depois da medicação e da dieta — diz, e estica um novo papel. — Esta é a dieta prescrita pela

nutricionista.

— Pouco sal, pouca proteína, muitas fibras e pouca quantidade mais vezes ao dia — ela explica ao pai, que faz careta.

Trocamos um olhar empático, seu Ernesto e eu. O pobre ama pizza, é viciado em uma gordura, vai sofrer nesse início. O médico ainda explica que a bebida tem que ser completamente eliminada de sua vida, para evitar mais problemas como hemodiálise ou ainda um transplante de fígado.

Vejo como isso afeta Eve, mais ainda do que a seu pai. Ela estremece a cada cenário negativo que o médico desenha, e eu imagino como deve estar sua cabeça ao ouvir isso tudo. Qualquer outra pessoa teria abandonado o pai, depois de tanto sofrimento. Foram anos vendo-o se destruir, afundando no vício e a deixando em segundo plano. Mas não ela. Sua lealdade e amor ao pai ultrapassou qualquer senso comum, e fico feliz que ele esteja, agora, ao menos se esforçando para recompensá-la por isso.

Como se soubesse onde estavam meus pensamentos, Eve ergue o rosto e olha para mim. Apesar do sorriso no rosto, consigo notar que sua cabeça está a mil, tentando se situar nessa nova realidade. Fico me perguntando como ela teria se virado, se não tivéssemos nos conhecido, como cuidaria do pai, em um tratamento extensivo, sem auxílio.

É inevitável pensar que muitos dos seus problemas também não existiriam se eu não tivesse aparecido em sua vida. Ela ainda teria seus empregos, o apoio das pessoas que conhecia por toda a vida, sua rotina inalterada e... não. Era pouco para ela. Muito pouco.

— Tá viajando, idiota? — Gael me cutuca e só então noto que o médico está me encarando.

— Ah, desculpe. Acho que ainda não acordei direito.

— Eu estava dizendo — ele prossegue — que se conseguirem o inserir em uma clínica para desintoxicação, o resultado será melhor. Indiquei algumas, mas fiquem à vontade para escolher a que for melhor para vocês e o paciente.

Evangeline cora de imediato. Em pé, ao lado do seu pai, ela segura as mãos em frente ao corpo, os dedos fazendo um trabalho majestoso em retirar o que sobrou de esmalte nas unhas curtas. A mente, muito provavelmente, fazendo contas e mais contas, preocupada com seu futuro.

Troco um olhar com minha mãe e a vejo sorrir, contida. Dona Claudia simpatizou com Eve de imediato, e não duvido que ela passe a fazer campanha por nós dois.

Como se isso fosse necessário.

A única coisa que, hoje, me afastaria dela, seria um pedido dela própria.

— Vamos *pra* casa então, seu Ernesto? — Me aproximo, lhe esticando a mão, que ele aceita com um sorriso tímido.

— *Pra* sua casa, não é? — pergunta, e fico confuso por um momento. — A Eve me contou o que você fez por mim, e eu não tenho nem palavras para agradecer.

— Não precisa agradecer. Enquanto estiver lá, a minha casa é a sua casa.

— Preciso. Claro que eu preciso. E preciso também conversar com você. — Ele esfrega a nuca, desconfortável.

Percebo que ele tenta encontrar as palavras certas e, por isso, me mantenho em silêncio, aguardando.

— Eu não fico confortável sabendo que estou indo para a sua casa, sem saber como eu vou te pagar por isso tudo. — Se aproxima, abaixando o tom de voz. — Já basta todo o tempo em que eu fiquei causando transtornos para minha filha.

— Olha, seu Ernesto, eu acho que primeiro temos que focar na sua recuperação.

— Sim, mas... — O interrompo, passando o braço por cima dos seus ombros.

— Temos tempo para falar sobre isso.

Ele fica em silêncio e abaixa a cabeça.

Noto um certo silêncio incomum no quarto, e olho em volta, vendo que Gael e minha mãe se encaram. Não de uma forma desafiadora, mas curiosos um com o outro.

Duas partes importantes do meu passado, marcantes em meu presente, finalmente se juntando.

Me aproximo dela, olhando fundo em seus olhos. Eles parecem angustiados, e eu confirmo isso quando ela os desvia.

— Está tudo bem? — sussurro.

— Sim, eu só estou nervosa.

— Mãe, esse aqui é o Gael — digo, o segurando pelo ombro. — Sei que você já o viu por mil fotos e que, pessoalmente, ele ainda é mais feio.

Os dois reclamam. Mas ela vai além.

— Ele não tem nada de feio — diz, o abraçando. — Que prazer em,

finalmente, conhecer você.

Admiro a incrível capacidade que ele tem de ganhar elogios de todas as mulheres do mundo, inclusive, as minhas.

— O prazer é meu — Gael se abaixa, sussurrando dois tons abaixo do normal. — Pedro disse que você tem mãos de fada na cozinha.

Rolo os olhos, na necessidade em manter o personagem. Mas eu fico muito feliz, principalmente ao ver seu rosto iluminado, surpreso. Feliz pela aceitação, pela inclusão.

Demorou demais.

Mas acabou.

— Provavelmente não tão bem quanto a sua mãe, mas eu me viro. — Sorri, e balanço a mão, dispensando o elogio. — O bom é que temos uma doceira agora, para suprir a falta que isso nos faz, já que sou péssima nisso.

Minha testa se franze com o comentário, porque minha mãe é uma boa doceira. Mas entendo que ela esteja inserindo Eve no contexto e eu a amo um pouco mais por causa disso.

Enquanto eles conversam, animados, eu encosto na parede, com os braços cruzados, observando a interação animada entre os quatro. Quando Eve se aproxima, mamãe a abraça e elas se mantêm assim, enquanto seu Ernesto, ainda um pouco debilitado, ri solto por conta de alguma coisa que Gael diz.

Quando ele chegou à minha casa, pela manhã, ainda não tínhamos conversado. Mesmo baixando a guarda, ele saiu sem se despedir e eu pensei que demoraria mais até que ele me procurasse para resolver tudo. Sinto meus olhos arderem novamente quando lembro que a primeira coisa que ele fez, quando abri a porta, foi me puxar para um abraço. Daqueles firmes, apertados.

Também não esqueço o que ele me disse, quando o chamei para me acompanhar até o hospital:

“Não importa que aquele canalha seja o teu pai, Pedro. Eu vou adorar encontrar qualquer brecha existente para fazê-lo pagar por cada noite insone de sua mãe.”

E eu não duvido.



Passava pouco do almoço quando estaciono a pick-up do pai de Gael, que continua comigo, na garagem da sede da *FontanaLab*. Eve e seu Ernesto ficaram em casa se ajeitando e não vou negar que estou curtindo o fato de, também, ser a primeira vez que minha mãe pisou em minha casa.

Ainda foi complicado convencê-la a ir. Foi difícil fazê-la sair do carro.

Com certeza será pior ainda à noite, quando eu estiver prestes a levá-la de volta, mas por ora estou adorando. Por mim, ela se mudaria, de mala e cuia, para viver comigo, só que não vou forçá-la.

Baby steps, é o que dizem. Celebremos os pequenos passos.

Eu não tinha a menor intenção de vir até aqui e falar com o meu pai. Sou da opinião que não preciso passar raiva sem motivo, mas notei que Eve estava um tanto quanto nervosa. Me olhando de esguelha, reticente e o meu sexto sentido, esse inútil que nunca me avisa as coisas antes da hora, me dizia que tinha algo errado.

Saber que ele esteve no hospital, bisbilhotando, foi ruim.

Saber que minha mãe se escondeu, apavorada, foi pior.

Não a confrontei, não achei necessário. Apenas peguei minha carteira e as chaves do carro e saí, apressado. Tão irritado, que só vi que Gael me acompanhava quando ele abriu a porta do passageiro e ocupou o banco ao meu lado.

Se fosse possível, eu diria que ele estava até mais ansioso que eu pelo confronto. Mas não era possível. Ninguém estaria mais ansioso do que eu.

— Boa tarde — digo à garota simpática e bem vestida que ocupa a cadeira atrás do balcão da recepção —, eu quero falar com meu pai, Olavo Fontana. Me anuncie, por favor. Pedro Fontana.

— Só um minuto.

Olho ao redor, tendo a noção de que é a primeira vez que eu piso neste lugar. O prédio ficava em outro local quando eu era mais novo, quando Olavo Fontana pensava que teria alguém que o substituísse e fosse manipulável. Eu devia ter uns dez anos, na única vez que ele me levou até a empresa, e me mostrou a todos como um troféu.

“Vejam até aonde vai o meu controle, até um filho eu fiz para continuar no poder.”

Aqui, como tudo o que se seguiu depois que ele conseguiu se tornar o presidente da companhia, o nível é elevado. Piso de mármore, móveis de couro, madeira de lei. Quadros na parede que devem custar mais do que o

salário de uma dúzia de funcionários.

Tudo cheira a dinheiro.

E cheira mal.

— O senhor pode subir. — Apanho o crachá que me é entregue e sigo a passos firmes pelo corredor, em direção aos elevadores.

— Pepê, não vá fazer nada que nos complique — Gael alerta.

— Eu estou um tanto cansado de não fazer nada — rosno, enquanto aperto o botão do elevador com força. — Seja certo ou errado.

— Compreendo, mas entenda que ele é o culpado nessa história toda. Não vá querer agora arrumar outro problema, já está respondendo a uma ação.

Bufo, irritado, enquanto observo os números trocarem no painel conforme o décimo andar se aproxima.

Gael não está errado em me alertar. Carlos é um tremendo babaca ordinário, abusivo, manipulador e covarde, mas quando eu perdi a cabeça inverti nossos papéis e o transformei em vítima. E por mais que eu tenha vontade, neste instante, de jogar meu pai pela vidraça e observar seu corpo sujando a calçada embaixo de nós, não posso permitir que ele se transforme em vítima também.

Não quando ele está tão longe de ser uma.

Meu coração trava uma batalha dentro do meu peito quando a porta se abre no andar escolhido. Eu nunca havia confrontado meu pai, sempre tive um grande receio dele. Quando mais novo, eu buscava por aceitação. Não queria que ele se decepcionasse ainda mais comigo, mesmo que eu não entendesse o porquê. Depois, não o confrontava por respeito à minha mãe, ela queria continuar escondida e eu acatava o que ela me pedia.

Agora basta!

A secretária dele, uma mulher voluptuosa com um decote proeminente e... *droga, Pedro, vamos focar! Imagina se Eve descobre que você está comentando isso, mesmo em pensamento?*

Seguimos a secretária que nos direciona a uma grande porta de mogno e, quando ela se abre, eu não consigo sequer prestar atenção no ambiente.

Olavo Fontana me recebe sentado atrás de sua grande mesa de carvalho. A cadeira que ele ocupa parece um grande trono, grande e imponente, indicando a qualquer um que entra em sua sala quem é que manda no lugar. O sorriso congelado e extremamente falso brilha, tentando não demonstrar surpresa por nossa visita.

Talvez ele não esteja surpreso, mesmo. Talvez, depois de sua visita ao hospital, era exatamente o que ele pensava que eu faria.

— A dupla dinâmica — anuncia, sem levantar-se.

— Andou procurando por mim, meu pai?

Se minha presença não o surpreendeu, meu tom deve tê-lo feito, porque a sobrancelha se ergue de imediato.

— Na verdade, fiquei curioso — diz, tedioso. — Queria saber o que meu filho fazia na ala de hepatologia já que, tão certinho, com certeza não seria por se embriagar.

“*Tão certinho.*” Essa sempre foi uma das maiores críticas que recebi dele. Sempre achou absurda a minha propensão a seguir as regras, a fazer as coisas direito, ainda que todo mundo estivesse fazendo o inverso.

Me lembrava de dona Joana brigando com os filhos, bradando o famoso “*Você não é todo mundo!*” quando eles queriam fazer algo, e sentia carinho por essa frase, menos quando era dita por meu pai. Nos lábios dele, ela soava como contravenção. Eu não era todo mundo, era filho do poderoso Olavo Fontana, as leis aqui se aplicavam diferente.

— Espero que tenha matado a sua curiosidade — respondo, com frieza.

— Na verdade, não matei. Por mais rebelde que você sempre tenha sido, não vou negar que você sabe como fazer amizades. — Seu dedo aponta para Gael, que resmunga algo em resposta. — Por isso, fiquei curioso ao ver o nível daquelas pessoas.

— Você não se atreva. — Dou um passo à frente, tirando-lhe um sorriso como resposta. — Não vou permitir que os rebaixe.

— Não conseguiria fazê-lo, nem que eu quisesse. O nível ali não pode baixar ainda mais.

Sinto uma pressão absurda no peito, e meu rosto esquenta de imediato. Como uma chaleira em ebulição, prestes a soltar vapor. Fecho as mãos, e estico os braços ao longo do corpo, tentando conter o instinto de matar o sorriso imbecil que ele carrega na porrada.

— Não acho que você seja a pessoa mais indicada a comentar sobre baixo nível, Olavo — Gael retruca, me segurando pelo ombro. — Você sabe, alto nível nem sempre pode ser comprado.

— Já outras coisas, podem. Inclusive, a vida de sua família. Vendeu caro, não foi?

— Seu filho da puta! — explodo, batendo a mão sobre a mesa. O

gesto o faz se levantar da cadeira e recuar um passo. — Quem você pensa que é para falar sobre vender e comprar as pessoas? Logo você?

— Ah, não me venha com esse discursinho de bom moço, Pedro — diz, desdenhoso. — Reclama disso aqui — a mão faz um movimento, girando o dedo ao seu redor —, mas bem usufrui, não é?

— Nem um centavo — respondo, e ele ri. ELE RI, o desgraçado! — A conta em que você deposita os fundos que seriam direcionados a mim, continua lá, intocada.

Eu odeio quando ele ergue a sobrancelha, debochando das coisas que eu digo.

— Não sabemos até quando, não é? Afinal de contas — pausa, ainda sorrindo —, antes você sempre se envolvia com quem tinha dinheiro e agora, por causa dos seus novos amigos, precisou do laboratório.

— Eu não preciso de nada que venha de você, Olavo. Diferente de você que, para chegar até aqui, precisou de mim.

O ar risonho morre, de imediato.

— Pedro... — Gael alerta, mas a essa altura, eu já perdi o controle.

— Do que está falando?

— Pensa que eu não sei, não é? — digo, com rispidez. — Sempre me tirou por estúpido, incapaz de juntar as informações, incompetente o bastante para nunca descobrir que o herdeiro da *FontanaLab* não nasceria de uma mulher estéril.

Posso sentir prazer em ver o seu rosto lívido, chocado com o que eu disse.

— Como...?

— Você e sua esposa estavam sempre tão cheios de si que, talvez, não imaginavam que discutir isso dentro de casa, em voz alta, faria as pessoas ouvirem.

Surpreso, ele leva as mãos aos cabelos e até isso me irrita. A forma calculada como ele passa a mão pelos fios, evitando bagunçá-los.

— Eu não precisava te informar sobre isso — ele diz, depois de algum tempo em silêncio. — Não há nada errado em barriga solidária.

— É isso mesmo que você pensa? — Gael, que estava mudo desde que meu pai covardemente o culpou pela morte de sua família, retruca, alguns passos atrás de mim. — Nada do que você fez é *correto* e respaldado por lei, Olavo. Barriga de aluguel não é permitido aqui. Em forma de coação e usando uma menor de idade, meu amigo... — os olhos, antes semicerrados, se

arregalam ao ouvir —... digamos que *errado* é somente a forma inicial de falar a respeito.

— Não venha me falar absurdos, Prieto. Nada disso pode ser provado.

— Você que pensa...

Meu pai me olha de uma forma diferente. Condenatória. Parece me culpar por eu ter descoberto as coisas que ele havia feito, mas ao mesmo tempo ele me julga por achar errado.

— Você a conheceu. — Não é uma pergunta.

E não acho que eu precise esconder isso dele. Não mais.

— Há mais de quinze anos — respondo, para sua surpresa. Chego a me divertir, afinal de contas, Olavo Fontana odeia não ter o controle sobre tudo. — A procurei por um ano inteiro, e a tenho em minha vida, desde então.

— Eu suponho que ela tenha contado a versão dela.

— E eu suponho que você vai querer me convencer da sua — imito sem tom.

Ele nos encara, ora a mim e ora a Gael, em silêncio. Parados em pé, frente à sua mesa, não proferimos também uma palavra. Eu estou por um fio, sentindo o corpo inteiro doer pela tensão, buscando conter toda a raiva que vinha se acumulando desde que pisei aqui, nesta sala. E Gael está alerta, notando meu estado.

— Eu errei — ele declara. — Primeiro, em assinar aquele contrato ridículo que seu avô propôs, que me obrigaria a ter um filho. Isso, obviamente, só me deu transtornos.

— Olhando em volta — imito seu gesto, girando o dedo ao redor —, acho que discordo.

Ele ri.

— Segundo, por ter me deixado envolver por uma pirralha interesseira. E terceiro, por não a ter entregue à polícia, como deveria ter feito.

— Eu acho — Gael diz — que uma visita à polícia iria te complicar. Afinal, pedofilia sempre foi crime.

— Acho bom medir suas palavras, Prieto, ou pode se complicar tendo que provar isso na justiça.

— Fatos são fatos, Olavo. — Ele ergue o tom de voz. — Seja hoje ou na década de oitenta, um homem adulto fazendo sexo com uma menor de idade continua tendo o mesmo nome.

Meu pai parece confortável demais. Quando ele se senta, recostando na cadeira e apoiando os braços por trás da cabeça, eu sinto meu estômago revirar.

— Leve isso até a polícia, Prieto. Conheço meus direitos, já se passaram trinta e seis anos.

— Para acusá-lo na polícia, talvez seja tarde — digo, concordando com ele. — Mas para acusá-lo no conselho, talvez não. Imagine quando os acionistas, e a população em geral, souberem que são presididos por um pedófilo?

Isso parece ter, finalmente, mexido com ele. Com o rosto retorcido, ele se levanta e contorna a mesa.

— Não se atreva! — grita, com o dedo em riste. — Você não sabe de nada, seu moleque insolente!

— Você *pensa* que eu não sei — grito, ainda mais alto, e Gael se posiciona entre nós dois —, mas adivinha, Olavo Fontana, você não consegue controlar tudo.

— Vá adiante! Vamos, jogue isso no ventilador — provoca, aos gritos. — Aproveite e diga a todos que a mulher que te colocou no mundo é uma vagabunda, aproveitadora e ladra.

E é aí que o meu controle se vai. Com um grito, parto para cima dele, acertando seu rosto em cheio. Pego de surpresa, ele cai para trás e só não fica pior porque Gael é rápido em me conter. Me segurando por trás, ele passa o braço em volta do meu pescoço, me puxando e gritando para eu ter calma.

— ME DEIXA, GAEL! — grito, descontrolado. — EU VOU MATAR ESSE HOMEM!

— Não faz isso — ele diz, mantendo o aperto. — Não se suje com isso, Pedro.

— Solte ele, Prieto — meu pai diz, após se levantar, realinhando o terno. — Acho engraçada a sua seletividade, moleque. Surtou dessa forma com a sua *mãe* — a palavra é dita com desdém, fazendo com que eu me contorça ainda mais tentando me soltar do aperto —, quando ela disse que me roubou?

— Você não vai sujar o nome da minha mãe, seu canalha!

— Eu não preciso — diz, alto. — Ela o fez sozinha. Por que precisou procurá-la, Pedro? Era sua mãe, por que ela não foi atrás de você?

— Você a ameaçou — Gael rosna, enquanto ainda me mantém seguro, mesmo eu pedindo para me soltar.

— A sua mãe te vendeu, seu idiota — ele grita, e eu sinto meu corpo amolecer de imediato. — Ela recebeu um colar da minha esposa, essa, sim, sua mãe, pois estive do seu lado o tempo inteiro, você querendo ou não, como pagamento.

— É mentira — sussurro.

Gael nota que eu paro de lutar e me solta, mas se mantém ao meu lado, alerta.

— Pouco depois que você nasceu, ela comprou uma casa em um bairro simples, e se matriculou em um curso de beleza, essas coisas aí que pobre adora fazer. E nunca mais olhou para trás.

Eu não quero dar ouvidos a ele. Mas eu sinto como se mil punhaladas estivessem sendo enfiadas em meu peito, enquanto ele dá outra versão, completamente diferente do que ela tinha me contado.

— Isso é mentira — repito, em um fio de voz. — Você a ameaçou, a impediu de chegar perto de nós.

— Com que argumentos? — ele pergunta, parecendo vitorioso. — O que seria forte o suficiente para impedir que uma mãe se aproxime do seu filho?

— Prometeu tomar tudo dela.

— Tudo o que, Pedro? — Olavo abre os braços, parecendo se divertir. — Você é ingênuo demais para o seu próprio bem, todo mundo te enrola.

Abaixo a cabeça, lembrando a história que minha mãe contou. Era uma menina, virgem e trabalhava junto com os pais como funcionários da nossa casa. Meu pai ofereceu ao dela um montante em dinheiro, para que eles a convencessem a manter relações com ele e engravidar. O bebê, claro, seria dele. Ela engravidou na primeira relação e o pai dela assinou um documento que a impediria de se aproximar de mim, ou ele tomaria tudo o que eles têm.

Dizer isso tudo em voz alta parece ainda mais surreal e doloroso, mas assim que eu termino, ele dá uma gargalhada alta.

— E você, claro, acreditou nessa história. Diga a ele, Prieto, que isso é ridículo.

Meus olhos buscam o de Gael, que estava ouvindo essa parte da minha história pela primeira vez. Eu procuro apoio, mas encontro estranheza em sua expressão. Eu o conheço bem para saber que isso não é nada bom.

— Se o pai dela assinou esse documento — ele diz, com cautela —, acreditou por anos em uma mentira, Pedro. Não existe documento assinado, que não seja por ordem judicial, que impeça uma pessoa a se aproximar de

outra.

Meu coração está disparado no peito.

— Se o pai dela vendeu sua virgindade, como ela alega, por que diabos ela iria proteger os seus bens, Pedro? — Olavo pergunta, risonho. Me achando um tremendo imbecil. — Basta pensar.

— Claudia é uma pessoa simples — Gael argumenta comigo — e isso pode ter pesado em seu julgamento, Pedro. Para as pessoas mais simples, um papel assinado é lei, eles acreditam em tudo o que colocam sua assinatura.

Eu não consigo falar nada. Esfrego a mão na cabeça, angustiado, nervoso, com o peito doendo. Não querendo imaginar que tudo tenha sido uma mentira, mas encontrando um sentido nas coisas que Olavo me diz.

Será que ela mentiu para mim?

— Pergunte a ela, Pedro. — Ele dá de ombros, triunfante. — Pergunte o que ela fez com o dinheiro do colar.

Balanço a cabeça, negando. Não quero perguntar, eu não quero saber. Não quero que seja mais uma mentira, não quero.

— Eu tiraria o sorriso do rosto, Olavo. O Pedro não está sozinho.

Ele dá de ombros, pouco se importando com o alerta de Gael.

— Se meter com gente pobre é um problema, Pedro. Você pensa que eles estão interessados em você, no seu intelecto, na sua companhia. Eles querem dinheiro, pura e simples. — Novamente ele se senta em seu trono, voltando à pose inicial. — Talvez seja uma boa hora para que você procure saber qual o interesse dessas pessoas com quem você tem andado. Você sabe — ergue uma sobrancelha apenas, querendo parecer esperto —, para evitar futuras frustrações.

Viro as costas, deixando o escritório sem quase enxergar nada à minha frente. Minha cabeça se torna um turbilhão de memórias, cenas desconexas, frases ditas por anos. Ela sempre chorou, sentida, se desculpando. Se desculpando por quê?

— Olavo não é confiável — Gael diz, atrás de mim, enquanto esperamos o elevador.

— Eu não vou suportar se isso for verdade, Gael — digo, sincero.

Eu não aguento mais ser enganado. Ser iludido. Comprar versões de coisas que me vendiam e que não me serviriam depois.

Eu comprei a versão da mãe que foi impedida de me criar. Que me acompanhava à distância, mas que me amava mesmo assim. A que só não me deixava apresentá-la ao mundo, porque tinha medo de perder o pouco que

havia conquistado.

Eu não queria que essa mãe se tornasse a mulher ambiciosa, que havia me trocado por dinheiro e que depois acabou inventando uma história triste para conquistar minha pena.

— Você me disse que sua mãe nunca aceitou um centavo seu, Pedro. Lembre-se disso antes de acusá-la de ser interesseira.

— Mas e se for verdade? — pergunto, sentindo o olho arder. Sentindo raiva por sair daqui tão destruído.

— Depende, qual seria a verdade? — Gael se aproxima, e me segura pelo ombro, me forçando a prestar atenção em suas palavras. — O seu pai nunca foi confiável, Pedro. Nunca. A verdade — faz um gesto de aspas com a mão livre, dando ênfase à palavra — que ele diz pode ter várias verdades nela.

Balanço a cabeça, e fecho os olhos, tentando organizar tudo dentro de mim. Me sentindo uma bagunça, um caco de homem. Fraco, burro, otário demais.

— Vamos ver... — é o que respondo, apenas.

37



Evangeline

Estranho quando a porta da frente se abre e Gael passa por ela, sozinho. Isso faz com que Claudia chore ainda mais alto e eu me sinta pior ainda por ser tão boca aberta.

Eu não achava certo esconder de Pedro que seu pai tinha aparecido no hospital. Claro que não contei exatamente tudo, não disse a ele que o pai me olhava como se eu fosse o *cocô do cavalo do bandido*, a última das criaturas, nada disso. Apenas disse que o pai tinha aparecido no quarto, curioso para saber quem o estava ocupando em nome da empresa e, quando ele perguntou sobre a mãe, eu disse que ela havia se escondido.

Meias verdades, mas ainda assim nenhuma mentira.

Ele saiu daqui furioso. Sem sequer se despedir, apenas virou-se, apanhou carteira e as chaves e seguiu porta afora, só me dando tempo de dizer a Gael para correr atrás dele.

Ficar com Claudia e explicar a ela aonde ele tinha ido foi difícil. E ver que ele não voltou com o amigo foi ainda pior.

— Cadê *ele*? — pergunto, e Gael me dá um sorriso triste.

— Resolvendo algumas coisas — responde, e aponta para a própria cabeça. — Daqui a pouco ele sobe. Vou te levar *pra* casa, Claudia.

O choro ruidoso cessa. Suspirando fundo, ela tenta se controlar, mesmo eu vendo os tremores que seu corpo não consegue conter. A frase de Gael surgiu como uma sentença em sua cabeça, de que seu filho a odeia e não a perdoará. E, apesar de derrotada, ela se levanta, resignada, e apanha a bolsa em cima do aparador ao lado da janela.

— Claudia... — eu chamo, mas ela apenas ergue a mão.

— Agora eu não posso. — Seu tom é dolorido demais.

Ela deveria me odiar. Afinal de contas, foi por minha causa que o segredo dela veio à tona, desde o princípio. Foi por minha causa que Gael

soube, e foi por minha causa que Pedro saiu daqui ensandecido, atrás de seu pai. Mas não foi com ódio ou mágoa que ela me olha, muito pelo contrário.

Segurando meu rosto entre as mãos, com carinho, ela apenas diz em voz baixa:

— Cuida bem do Pedro, não maltrata o coração dele, não. Meu menino já sofreu demais.

Não consigo responder. Acho que ela também não espera que eu faça, porque se vira e sai, sendo seguida por Gael, que me lança um olhar um tanto quanto enigmático.

Eu sou péssima para ler as pessoas, devia anunciar isso aos outros. Nunca sei o que querem, o que pensam e o que pretendem. Quando eu acho que sei, falho incrivelmente. Palavras foram feitas para serem usadas, acho que vou mandar colocar isso em uma camiseta.

Um dia. Hoje eu não tenho dinheiro para isso.

Me sento no sofá, os olhos fixos no entardecer. Papai adormeceu depois de tomar a medicação, eu adiantei o jantar e tentei não me impressionar com esta casa incrivelmente linda que Pedro tem. Fiquei me sentindo completamente deslocada, quase pedindo licença ao sofá para me sentar nele.

Tentando não focar no imenso abismo que ainda sei existir entre nós.

O que eu vou fazer daqui para a frente? Eu preciso trabalhar para pagar nossa estadia, medicamentos, a internação do papai. Por mais que Pedro se recuse a falar sobre isso, eu não vou conseguir ficar aqui, dependendo dele.

O que fazemos quando tudo o que vemos à nossa frente é um imenso buraco em espiral, em que qualquer passo em falso nos fará cair dentro dele rumo ao desconhecido? Porque é exatamente assim que estou me sentindo neste instante. Perdida.

O barulho no trinco da porta chama a minha atenção e me viro, para ver Pedro passando por ela, cabisbaixo.

Eu nunca o vi desse jeito, ainda que não tenha muito tempo que o conheça. Ele tem uma aura alegre, divertida, parece uma tarde ensolarada. Geralmente está sorrindo, animado e comunicativo.

Me levanto, de imediato, e ele passa por mim, me dando um olhar rápido, sem dizer uma palavra apenas.

Pedro está apagado.

Completamente.

Ouço a porta do seu quarto bater, e paro atrás dela, insegura sobre o que fazer. Se fôssemos íntimos, eu saberia exatamente como agir, o que fazer agora, o que ele gosta e como gosta. Sempre tive a impressão de que intimidade era apenas ter alguém nu em sua cama e agora eu vejo que vai muito além disso.

Fecho os olhos, a mão suspensa no ar, pensando se abro ou não a porta. Se ele gostaria ou não de me ter perto neste momento. E então relembro a noite em que ele ficou sentado na minha porta, sozinho, por horas, preocupado comigo. É o bastante para bater na porta e aguardar.

Silêncio.

Aperto o lábio inferior entre os dentes e fecho os olhos, com força. E então abro a porta, vendo o quarto de Pedro pela primeira vez. Estranho ao encontrá-lo vazio e então ouço barulho de água corrente.

— Ah, claro. É uma suíte — digo, baixinho.

Vejo a porta do banheiro aberta e sigo até ela, esticando o pescoço para observar o ambiente que tem uma mistura de branco, azul e cinza. O cômodo comprido, mas não muito largo, tem a parede oposta à porta coberta por um espelho circundado por luzes de LED que deixam o ambiente em uma tonalidade azul, uma bancada grande onde fica a pia, alguns armários e gavetas. Uma prateleira aparente, na parede de canto ao lado da porta, traz uma infinidade de toalhas brancas bem dobradas.

Quanto luxo em um banheiro só...

Estico o corpo mais um pouco, seguindo o barulho da água. Pedro está de costas, os braços apoiados na parede, a cabeça baixa e a água do chuveiro caindo sobre si. Seu box parece uma caixa de cimento queimado com tampa de vidro, é extremamente masculino e sofisticado ao mesmo tempo. Mas não consigo prestar muita atenção no ambiente, não depois de vê-lo nu tomando banho.

Ainda assim, ficar aqui olhando para ele em um momento de vulnerabilidade parece errado.

Volto para o quarto, e me sento em sua cama. Fico olhando ao redor, aqui parece fazer parte de outro apartamento que não este que estamos. Quase como o filho rebelde, que decidiu destoar do restante da decoração, tem poucos móveis, mil quadros espalhados pela parede, uma estante de livros — que me fez sorrir ao vê-la —, um violão...

— Eve?

Sou guiada pela voz rouca e me deparo com Pedro vestido em um

roupão atalhado branco, e uma toalha na mão. O acharia lindo se sua expressão não fosse tão triste.

Não lhe dou tempo de me pedir para sair, me levanto e vou até ele, o enlaçando pela cintura em um abraço apertado, afundando meu rosto em seu peito, sentindo o cheiro de sabonete.

Meu coração fica disparado no peito, imaginando que ele vai me segurar pelos ombros e pedir que me retire do seu quarto. Que ele quer ficar sozinho. Que eu sou uma bocuda, que falo demais. Para deixá-lo em paz.

E devo dizer que o meu coração pensa muita besteira em muito pouco tempo, isso eu posso garantir, porque não demora muito até ele reagir e me abraçar apertado, tão apertado que eu posso sentir o seu coração batendo em minha pele.

— Eu não vou ser uma boa companhia hoje, Eve — ele diz, com a voz afetada —, mas eu não queria ficar sozinho.

— Você não vai ficar sozinho — afirmo, o puxando pela mão até a cama.

— Eu tentei andar pela vizinhança, para esfriar a cabeça, mas não deu muito certo.

— Às vezes não dá certo, mesmo. — O espero se recostar na cabeceira, e me sento em seu colo, virada de frente para ele, uma perna de cada lado do seu corpo. — Às vezes a gente só precisa de carinho e um pouco de atenção.

Tateio seu rosto, passando a mão pela barba curtinha e ele pende a cabeça, a apoiando em minha palma. Os olhos fechados não impedem que sua testa esteja franzida, a pele ondulando entre as sobrancelhas, em uma expressão sofrida. Com o polegar, massajeio o local, tentando desfazer sua expressão.

— Estou me sentindo um merda completo, Eve. — Dói meu coração ouvir seu tom de voz, falando baixinho.

— Por quê? — pergunto, o enlaçando pelo pescoço.

— Gael não contou? — Nego, e seu olhar vagueia novamente. — Discuti com meu pai. Nunca tive tanto nojo de uma pessoa como eu tive dele hoje.

O ouço contar o que aconteceu na empresa, enquanto deslizo os dedos por seus cabelos. Os fios ainda estão molhados e as gotículas de água escorrem por seu pescoço, e eu fico acompanhando-as com os olhos, enquanto as atrevidas entram pela gola do roupão. Sinto sua voz vacilar

quando ele comenta sobre as dúvidas que tem sobre a mãe e, desta vez, ele não esconde ou tenta maquiagem as palavras.

Ele conta, tudo.

O que a mãe lhe disse, o que o pai contou. E o medo de ter sido enganado.

— Eu não acho que você deve levar em conta nada que seu pai disse.

— Gael me disse o mesmo. Mas tudo o que ele argumentou faz tanto sentido que... — ele interrompe o que estava dizendo, e solta o ar com força pela boca.

— Ei, ei! — Seguro seu rosto entre as mãos. — Não faz isso. Não pira.

— Estou tentando.

Quero contar a ele o que eu sei, mas não tenho esse direito. Não posso tirar de Claudia a chance de se explicar, e de Pedro ver em seus olhos o que ela realmente sentiu ao se ver sem opções.

— Eu acho normal você ter ficado chocada, Pedro, mas eu acho que, nessas horas, o histórico tem que ser levado em conta. — Continuo acariciando seu rosto, seus cabelos, tentando animá-lo da melhor forma possível. — Você passou mais de quinze anos ao lado da sua mãe, e ela nunca demonstrou ser essa bruxa que o seu pai pintou.

Ele balança a cabeça, parecendo exausto, e a deixa pender sobre o meu ombro. É diferente vê-lo assim, nessa posição vulnerável. Desde que eu o conheci, Pedro foi o cara que tomou a dianteira para tudo. No que dependesse dele, todos os problemas dos outros estariam resolvidos, mas por incrível que pareça ele não consegue resolver os seus. Seus problemas são transformados em pílulas, que ele simplesmente engole e espera que isso resolva a dor de alguma forma.

E eu sei, por experiência própria, que isso não resolve nada.

— O que eu faço agora, Eve?

— Agora você vai descansar. — Acaricio seu rosto e me curvo, beijando seus lábios. — Não está com cabeça para falar com ninguém. Depois disso — ele me encara, com seus olhos pidões, parecendo uma criança perdida —, você vai conversar com ela. Ouvir o que ela tem a dizer.

— E se ela disser que é verdade? — Pensar nisso parece causar-lhe dor, pois sua voz sai trêmula.

E eu não aguento vê-lo desse jeito.

— Se ela disser — beijo seu rosto —, vocês vão se entender. A sua

mãe te ama demais, Pedro. Eu realmente não acredito em nada que ele disse, e você também não deveria.

Trilho um caminho de beijos por todo o seu rosto, maxilar, pescoço, enquanto sigo tentando aliviar a angústia que parece encher seu peito. Me irrita demais vê-lo desse jeito, logo ele que sempre faz de tudo para que as pessoas ao seu redor se sintam bem. Não é justo, não com ele, então eu o acaricio, o beijo, sussurrando que tudo está bem.

Sei que estou tendo êxito em distraí-lo, quando o sinto pulsar embaixo de mim e seu aperto em minha cintura começa a ficar mais firme.

A respiração mais pesada, ou os arrepios em sua pele, também é um bom indicativo, e combinam com a forma como eu estou me sentindo. Eu estou com saudade do seu corpo em mim.

Deixo minhas mãos escorregarem pela gola do roupão, abrindo espaço enquanto tato o seu peitoral firme. Sua cabeça pende para trás, recostando na cabeceira da cama e eu sorrio, aproveitando o acesso que ele me dá ao seu pescoço para percorrer o pomo com a língua.

Desfaço o nó que prende seu roupão, me atrapalhando um pouco por estar sentada em seu colo, e seguro sua mão quando ele faz menção de puxar a minha blusa. A minha negativa chama a sua atenção, que abre os olhos de imediato.

Os olhos curiosos e tristes agora estão escurecidos, lascivos.

— Me deixa cuidar de você, Grandão — peço, e sua expressão se abrandava um pouco ao mesmo tempo que ele abre os braços, se rendendo. — Bom menino — sussurro em seu ouvido.

Me afasto um pouquinho e deslizo o tecido do roupão por seus ombros, sentindo um certo reboleio interno ao perceber que ele está nu por baixo dele. Nu e alerta, diga-se de passagem.

— É como ter um parquinho só para mim — digo, passando a ponta dos dedos pelos gomos do seu abdômen definido.

— Pode botar fogo, se quiser.

— Gosta de fogo no parquinho, né? — pergunto, e ele somente balança a cabeça, fechando os olhos e inspirando fundo.

Em toda a minha experiência inexperiente, algumas coisas eu não tinha feito. Ao menos, não direito, como se deve. Entendi que sexo podia ser maravilhoso quando feito com vontade, com desejo, com tesão, e não somente como uma obrigação entre o casal, somente para cumprir uma agenda, seguir um roteiro.

Antes sexo para mim era como uma válvula de escape. Quando eu me sentia perdida demais, sozinha ou até mesmo irritada, eu pensava logo, comigo mesma: *preciso transar*. E nem sempre eu terminava melhor do que tinha começado, a sensação podia ser muito frustrante.

Não me sinto assim agora, de jeito algum. O que antes era uma obrigação — eu me forçava a agradar o Carlos, e nem sempre conseguia porque nossos encontros não eram baseados em desejo real —, agora é vontade. Eu quero que Pedro se sinta bem, querido, desejado.

Circundo seu membro com minha mão, o acariciando, um pouco insegura em como fazer direito. Em como ele gostaria, ou se gostaria desse tipo de carinho. Seu gemido alto responde minha pergunta, mas ainda é pouco.

— Me mostra como você gosta — peço, e sinto uma de suas mãos subir pela minha lateral até chegar ao meu pescoço, o segurando com firmeza.

— Hoje você decidiu tirar a minha sanidade?

— Adivinha? — sussurro, ao mesmo tempo que ergo uma sobrancelha. Seus olhos faíscam em resposta.

— Está dando certo...

Sua mão livre cobre a minha, indicando a pressão que ele gosta. E então passa a guiar meus movimentos, primeiro bem lentamente e depois mais rápido, fazendo minha mão ir da base até a ponta, que já está úmida.

— Ah... *porra*... — ele resmunga, e solta a minha mão, levando o braço até sua cabeça, o deixando ali, apoiando-a.

É lindo vê-lo assim. O peito subindo e descendo, descompassado, os olhos apertadinhos e a boca entreaberta, arfando. Se deliciando com a sensação. Comigo.

Sua mão aperta um pouco mais o meu pescoço, soltando em seguida somente para se embrenhar em meu cabelo.

Minha boca saliva quando o desejo de fazer algo diferente passa pela minha cabeça.

Saio de cima dele, sem soltar seu membro e ele me observa. Me posiciono de joelhos no vão entre suas pernas e posso sentir o momento em que ele prende a respiração, naquela antecipação gostosa. Ele sabe o que eu estou prestes a fazer, mas ainda assim há um questionamento em seu rosto.

Vai fazer isso mesmo?

Me curvo para a frente, passando a ponta da língua na cabeça rosada.

Posso sentir sua reação pelo pulsar na palma da minha mão, enquanto o ouço sibilar. O aperto em meu cabelo se torna mais forte, e essa combinação toda me deixa ainda mais excitada.

Eu sinto meu ventre se revirar inteiro.

— Você é lindo, Pedro — confesso, antes de literalmente mergulhar de boca nele. Já tinha ouvido essa expressão e ela nunca me tinha feito sentido algum. Até agora.

— O que eu tenho que fazer para ganhar um desse todo dia? — ele diz, entre gemidos.

“*Seja você mesmo e apareça lindo e pelado na minha frente*”, eu diria, mas não vou parar o que eu estou fazendo só para falar obviedades. Pisco para ele e continuo o meu trabalho que, por suas reações, acredito que está sendo bem feito.

Posso senti-lo ficar mais urgente. O segurando pela base, eu aumento a pressão, combinando com o movimento de minha boca. Parecendo estar chupando um grande picolé, ou algo do tipo. Nunca tinha me sentido tão devassa, tão acesa somente por ver alguém sentindo prazer.

Por duas vezes ele tentou me tirar daqui e cada vez que eu me negava a soltá-lo ele se recostava na cama novamente, os olhos fechados, se abandonando às sensações. Mas dessa vez ele não tenta me afastar. Segurando meu cabelo com força, passa a mover o quadril, literalmente *fodendo* a minha boca. Eu não consigo ir muito fundo e, por isso, deixo a minha mão na base, mas nem isso parece fazê-lo desgostar do que estamos fazendo.

— Eve, não vou conseguir segurar — diz, rouco, mas me mantenho firme e focada. Como diria dona Matilde: *está na chuva, é para se molhar*. Ainda que nunca tivesse feito isso antes, com ele eu quero.

Sinto o jato quente bater em minha garganta quando ele goza. O gosto amargo, parecendo salgado, não é dos mais agradáveis, mas mesmo assim permaneço onde estou, até o sentir soltar meu cabelo, os braços tombando na lateral do corpo.

— *Hum...* — Me levanto, passando a língua pelos lábios, evitando fazer uma careta e doida por um gole d’água. — Isso foi bom.

— O que deu em você? — ele pergunta, mas não em tom de crítica. Ele parece mesmo curioso.

— Não consigo te ver triste.

Minha resposta saiu natural. Realmente me doeu vê-lo triste, com

aquele ar perdido no rosto, magoado. Isso parece surpreendê-lo, de certa forma.

— Isso é novo *pra* mim, Eve. Essa coisa de ter alguém se preocupando comigo.

— Ah, para — retruco. — Você não pode falar isso, tendo a família do Gael inteira, e sua mãe, fazendo isso por você o tempo todo.

— Eu não falo desse tipo de preocupação. Eu falo — suspira, e faz um movimento com a mão, apontando de mim para ele — de nós. De como funciona diferente essa coisa entre a gente.

— Isso te incomoda? — pergunto, arrumando o corpo, subitamente insegura. Mas ele nega.

— Isso me emociona.

Nem te conto como me emociona também, Pedro.

— Você me contou pouco do seu passado. E eu entendo que as coisas pelas quais você passou moldou você desse jeito aí que você é — balanço a mão à sua frente —, mas eu acho que você só vê as coisas negativas.

— Como assim?

Volto a sentar em cima dele, da mesma forma como estava antes, com uma perna de cada lado do seu quadril. O enlaço pelo pescoço e dou um beijo em seus lábios, tudo isso bem rápido, o fazendo me olhar, curioso.

— Você tem um coração gigante, Pedro — digo, sem desviar meus olhos. — É um homem lindo, rico, famoso. Podia ser um desses embustes que usam o fato de ter um passado trágico para maltratar as pessoas, mas você não faz isso. Pelo contrário, faz de tudo para que todas as pessoas se sintam bem.

— Isso não é nada de mais — justifica, subindo e descendo os ombros.

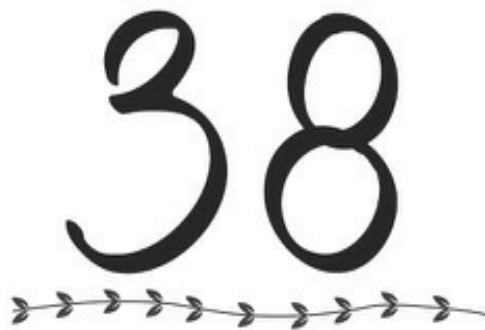
— Você que pensa. Eu vejo você, Pedro, eu sei que você é diferente.

Posso ver seus olhos cintilarem, me encarando de um jeito que eu nunca tinha visto antes.

— Eu vejo você — repito.

Com um movimento rápido, ele se vira, me jogando na cama e se deitando por cima de mim. Solto uma risada alta, que morre na sequência por conta da intensidade com que ele me olha.

— Eu estou apaixonado por você, Eve.



Evangeline

Travo ao ouvir sua declaração. Me sinto congelar, como se tudo ao redor fosse inexistente, ou não tivesse a menor importância no momento.

Eu não esperava ouvir isso dele. Não agora. Não tão cedo. Queria, mas não esperava e esse misto de sentimentos acaba me apavorando. Vários “e se” pipocando em minha mente, dando os piores cenários possíveis, me atrapalhando toda.

— Pedro... — Arfo, tão confusa.

— Eu voltei a Rio Verde por isso, Ratinha. Porque estava doendo ficar longe de você.

Aquiesço, porque eu também compartilho desse sentimento. Meu coração vira um bumbo descontrolado de escola de samba, batendo tão forte que chega a me faltar o ar.

— Claro que eu não me engano — ele continua —, sei que você só veio para São Paulo por causa do seu pai, por conta de tudo o que aconteceu. Eu sei disso.

Pedro se aproxima ainda mais, passando a ponta do nariz em meu rosto de um jeito tão carinhoso que eu poderia chorar, se não estivesse tão chocada.

— Mas eu daria um jeito de trazer você *pra* perto de mim. Eu não ficaria sem você, Eve.

Subo minhas mãos por seus braços, posicionados ao lado do meu corpo, Tateando sua pele, sentindo seu calor. Ganhando tempo. Seu olhar ansioso parece querer adivinhar meus pensamentos, pois fica me examinando.

— Eu tenho tanto medo — confesso. — De me envolver demais e não dar certo.

— Você já está envolvida — responde, com um sorriso meio

cafajeste.

Ele sabe que é verdade, e nem se eu quisesse eu desmentiria. Estou envolvida por ele, seu jeito de bom moço, sua sedução safada, e seu lado protetor desde que ele apareceu todo molhado de chuva na minha frente.

Estou apaixonada, também. Se toda a saudade não fosse suficiente para saber, ou o ciúme para atestar isso como um fato, o meu querer bem é o bastante. Eu sorrio quando ele está feliz, eu quero chorar quando ele está triste, eu sinto saudade quando ele se afasta por míseros minutos, me descontrolo em sua presença e... isso só pode ser paixão.

Então, por que esse súbito pavor?

Talvez ter ouvido ele dizer com tanta clareza, não muito tempo atrás, que não procurava namorada seja a razão disso tudo, de toda essa insegurança. Mas eu também não procurava e onde estou agora? Caidinha por alguém. Por ele.

— Tem medo de ter o seu coração partido? — ele pergunta, com um sorriso. A mão já percorrendo meu corpo, me nublando o pensamento. — Porque, se for, é bom que saiba: é mais fácil você partir o meu coração do que o contrário.

— Até parece.

Pedro se levanta, sentando-se na cama e me levando junto com ele. Me enlaçando pela cintura em um abraço apertado, ele me encara tão intensamente que não consigo desviar os olhos.

— Eu estou apaixonado por você — ele repete. — Não estava nos meus planos, Eve, deve se lembrar do que eu disse ao seu pai, mas aconteceu.

Passo meus dedos por seu rosto, a barba despontando pinica minha pele e dá a ele um ar mais sério. Me aproximo, buscando seus lábios, mas ele me impede. A mão pousada na curva do meu pescoço, o polegar passeando pela minha pele, mantendo meu coração acelerado.

— Eu não vou te forçar a nada, mas só vou continuar se você disser que está comigo.

— Como assim? — pergunto, confusa.

— Segundo Gael, eu sou carente e iludido. — Seus lábios se esticam, em um sorriso sem graça alguma. — Às vezes eu espero demais das pessoas, e não quero mais fazer isso. Então se você disser que não quer nada sério, eu vou aceitar e ficamos somente na amizade.

Meu coração perde uma batida, apreensivo.

Abro e fecho a boca mais vezes que o necessário, tentando entender o

significado que ele dá para a palavra “amizade”. Amigos que dormem juntos? Amigos que se beijam? Porque se não for assim, eu não quero, não.

— Passei a minha vida inteira com alguém que gostava de ficar comigo, de se deitar comigo — ele segue, parecendo adivinhar o que eu estava pensando —, mas não gostava o bastante para ser minha. E eu me fiz uma promessa, Eve, de nunca mais me sujeitar a isso.

— A sua vida inteira parece muito tempo e, inclusive, ainda não acabou — retruco, enciumada. — Ainda gosta dessa aí?

Ele balança a cabeça de um lado a outro, lentamente, e dá um daqueles sorrisos sacanas e satisfeitos, que sempre despontam quando ele ouve algo que atinge o seu ego.

— Eu gosto de você, Ratinha. De você — ele repete, passando a ponta do nariz em meu rosto. — Mas eu sou um moço sério, de família e não sou para brincadeira, amiga minha não toca neste corpinho.

Acabo rindo do seu tom cretino.

— Vamos atualizar o Gael, você é carente, iludido e chantagista.

— De fato.

O enlaço pelo pescoço, jogando tudo para o alto. Engolindo o medo de me machucar e todas as minhas neuras, afinal de contas, é o Pedro. O cara que pula na frente de balas, que sai na porrada por alguém que mal conhece, que é incapaz de dizer umas poucas e boas a alguém que ele ama se souber que vai ferir essa pessoa.

Se tem alguém que eu sei que nunca vai me magoar, esse alguém é o Pedro. Meu coração, com ele, está seguro e bem guardado.

— Eu gosto de você o bastante para ser tua, Pedro.

— Graças a Deus — ele resmunga, e inclina seu corpo para a frente, me fazendo deitar de costas no colchão. — Tem que parar com essa coisa de testar meu coração, Eve. Já passei dos trinta, vai que sou cardíaco?

— Cala a boca e me beija, não sou mais sua amiga.



Os últimos dias foram, digamos, curiosos. Desde que ele se declarou para mim, venho travando uma batalha para continuar ocupando o meu quarto e não correr para a cama dele todas as noites.

Já é complicado na minha cabeça estar aqui vivendo sob seu teto, às

suas custas. Pular direto para a sua cama e ficar por lá ultrapassa um pouco a linha que eu tenho traçada para mim. Isso nunca foi algo que eu quis para mim.

Minha cabeça anda muito confusa. Tê-lo comigo é excelente, poder desfrutar de sua companhia — e da sua cama — me satisfaz, mas eu quero mais do que ser a namorada sustentada pelo cara rico. E me angustia não ter, ainda, opção de ser nada além disso.

Qual a minha saída aqui? Não tenho nenhuma formação, e não tenho dinheiro para buscar uma. Eu vou ter mais opções de trabalho aqui, diferente da minha vida em Rio Verde, mas o custo de vida na cidade grande também é maior.

Eu podia fazer uma fezinha, e ganhar. Isso resolveria a maior parte dos meus problemas.

— Tá com a cabecinha longe hoje, anjo?

Papai aparece na sacada, onde eu estou sentada desde que Pedro saiu, minutos atrás, para finalmente ir conversar com sua mãe.

— Pensando na vida — respondo. — Já almoçou?

— Não. Eu vim te pedir uma coisinha. Vamos dar uma volta na rua, e conhecer o bairro?

Desde sua alta, papai vem me pedindo para sair com ele, e eu tenho adiado o máximo. Mas amanhã ele vai para a reabilitação e hoje acordou mais ansioso que de costume. Pude, inclusive, reconhecer trejeitos e tremores que sempre o atacam quando ele está prestes a perder a luta para o vício. Balanço a cabeça, pensando que dizer não a ele, logo hoje, pode levá-lo a ir sozinho e sabe-se lá o que aconteceria.

— Só vou calçar um sapato e passar uma mensagem para o Pedro, tá?

— Oba! — Sua alegria é tão genuína que o sorriso se abre, iluminando seu rosto todo.

Minutos depois estamos passando pela portaria, e olho em volta, tentando relembrar o caminho que fizemos ao chegar aqui. Inutilmente, claro. Assim como papai, eu também não saí do apartamento desde que chegamos, há cinco dias, e será uma boa eu aprender a andar por aqui, agora que ele ficará um mês fora, desse jeito eu consigo procurar um trabalho.

— Vamos por aqui. — Aponto para a esquerda, onde aparenta ter menos movimento.

Seguimos de braços dados, sem andar muito rápido, pois o sol forte do início da tarde está um pouco mais quente que de costume, olhando ao

redor. Pedro vive em um bairro lindo, com vários prédios residenciais, ruas repletas de sobrados e muros altos, arborizado e tranquilo.

Por várias vezes me pego lembrando de nossa antiga vida em Curitiba. A saudade bate mais forte quando passamos em frente de casas com jardins frontais, e a lembrança vem quase imediatamente, parecendo enxergar minha mãe cantando, sorridente, enquanto cuidava das plantas que tanto gostava.

Tento não demonstrar como isso me afeta, chego a piscar os olhos seguidamente e respiro um pouco mais fundo, enquanto papai segue em silêncio, provavelmente também tentando expulsar as lembranças que tanto lhe fazem mal.

Paramos em frente a uma praça tranquila, e nos sentamos. O silêncio, ao invés de ser tranquilizante, chega a se tornar opressor. É estranho ter papai sóbrio ao meu lado, ainda que eu saiba, e seja visível, que ele sofre por conta da falta de álcool em seu organismo. E por causa disso, dessa estranheza, eu nunca sei o que falar, qual assunto usar para puxar uma conversa com ele.

— Nossa vida seria tão diferente, se aquela desgraça não tivesse nos atingido — o ouço dizer, depois de um tempo.

— Talvez. A gente nunca sabe o que o destino nos reserva.

— Duvido que nos reservasse algo pior do que temos vivido nos últimos anos — ele diz, e eu concordo. — Mas você sabe que isso tudo só aconteceu por minha culpa, não sabe?

Me viro de imediato, o encarando.

— A culpa foi do Emanuel, papai.

— Não. A culpa foi minha por ter sido permissivo demais — ele continua. — Seu irmão sempre foi uma criança difícil, anjo, mas fazíamos de conta que não estávamos vendo. Ou então nos enganávamos, dizendo que aquilo era coisa de criança.

— Vocês me deram a mesma educação, não foi sua culpa.

Meu argumento o faz sorrir. Mas é um daqueles sorrisos tristes, que me faz sentir idiota pelo comentário.

— Por muito tempo eu pensei sobre isso. — Apoiando os cotovelos nas pernas, papai parece exausto. O peso de tudo o que aconteceu em sua vida, até aqui, parece servir de estímulo para ele, finalmente, falar sobre o assunto. — Talvez não tivesse mudado nada, na forma dele agir, mas teria salvado a sua mãe.

— Como assim?

— Certa vez, uma professora sugeriu que o levássemos a um psicólogo. Mas eu tinha resistência, sabe? — As mãos seguem esfregando a lateral das pernas, espalmadas, em um gesto nervoso, talvez tentando conter o tremor que a abstinência traz. — Pensava que isso era coisa de gente louca, que ele não precisaria disso. Mas a professora nos alertava que ele tinha alguns traços de distúrbio.

Eu não concordo com isso, com essa culpa que ele traz para si, e demonstro isso, balançando a cabeça o tempo todo enquanto ele fala, negando seus argumentos.

— Papai, ele era muito novo, naquela idade não tinha como saber se ele era ou não. Eu não acho que terapia iria ajudar nesse caso.

— Ajudaria a nós. Teria me ajudado a entender o que acontecia naquela cabeça. A nos proteger e não achar que ele era somente uma criança teimosa.

Ele relembra os sinais que meu irmão deu, no decorrer do tempo. A raiva que ele sempre sentia de tudo, os culpando por não ter condições de nos dar uma vida tão confortável quanto ele queria. Se envergonhando de encontrar com papai pela manhã, parado no ponto, esperando um ônibus, enquanto outros iam trabalhar de carro. Irritado com a atenção que eu recebia deles, como se meu nascimento tivesse tirado dele qualquer coisa a mais que pudesse receber. A completa falta de remorso ao fazer alguma coisa errada.

Pareço estar vendo seu sorriso confiante, atravessando a rua, enquanto a nossa casa pegava fogo. Somente pensando no dinheiro do seguro, e nada mais. Não consigo ver nenhum tipo de saída para essa situação, a não ser a que meu pai tomou. Denunciá-lo parecia ser a única atitude possível e, ainda assim, só foi possível depois que ele agiu.

— Mas o que o senhor faria? — pergunto, confusa.

— Qualquer coisa seria melhor do que não fazer nada. Porque não fazer nada nos trouxe a este banco de praça, vivendo de favor na casa dos outros.

Fecho os olhos, angustiada. Entendo tudo o que ele diz, todos esses sentimentos. Chego a ficar irritada, porque as coisas nunca foram fáceis para nós, a minha vida inteira eu me lembro de estar passando por algum problema, precisando superar algum obstáculo, alguma dificuldade. E estou tão cansada disso.

Mas, apesar do cansaço, não posso desanimar agora. Não agora que papai decidiu, finalmente, levar a sério seu tratamento. Tenho saudade do seu

sorriso carinhoso, dos seus abraços, das brincadeiras. Acredito que terei meu pai de volta, o mesmo pai que eu me lembro da minha infância.

— As coisas serão diferentes agora, papai — digo, por fim.

— Estou torcendo por isso, anjo. Cansei de te dar trabalho.

— Vamos *pra* casa? — pergunto, puxando o ar com força.

Papai segura a mão que estendo a ele e voltamos juntos, fazendo planos para quando ele sair da clínica. Serão alguns dias de internação e depois ele irá se juntar aos Alcoólicos Anônimos e só de saber que ele finalmente decidiu por dar esse passo, já me emociono.

— Serão poucos dias longe, mas já tenho planos para quando voltar.

— Quais planos? — pergunto, curiosa, pois não tinha a menor ideia que ele estava pensando a respeito.

— Gael me disse que eu consigo trabalhar como *freelancer* para algumas contabilidades. — Meu sorriso se expande, notando uma certa empolgação no tom de voz de meu pai. — Por vezes, eles estão com excesso de trabalho e contratam pessoas para ajudar e, você sabe, ele tem alguns contatos.

— Mas isso é ótimo, papai! — comemoro, sabendo o quão devastador foi para ele não ter nenhuma ocupação.

As pessoas não queriam contratar um alcoólatra, o que eu compreendo, mas também não lhe davam a mínima chance de recuperação, pensando que seu problema era apenas “falta de vergonha”, e não dependência.

— Vou conseguir um dinheirinho, quem sabe arrumamos uma casa por aí, não tão chique quanto a do Pedro, mas... — Sorrio ao vê-lo erguer os ombros, um pouquinho constrangido pelo assunto, porém, ainda animado.

— O senhor quer casa mesmo? — Decido dar corda, aproveitando a súbita animação. — Ou um apartamento, quem sabe?

— Deus me livre! — responde, com certo exagero. — Só de pensar em subir naquelas latas de sardinha para chegar ao meu andar, já me sinto angustiado.

Solto uma gargalhada alta e paro em frente ao portão, esperando nosso acesso ser liberado.

— Podemos achar um desses apartamentos baixinhos, papai, com três andares, sem elevador. Acho até que o aluguel é mais barato.

— Ah, não — reclama —, assim eu não quero. Gosto de quintal, de ver a rua.

— A sua cara de pau é grande, não, mocinha? — Sobressalto ao ouvir a voz fina atrás de nós e me viro, dando de cara com a mulher que esteve em Rio Verde atrás de Pedro. — Veio se arrastar aqui, achando que ele pagaria para te comer mais uma vez? — Abro a boca para responder, mas ela não me dá chance. — Talvez não saiba que se veio até aqui, ele sabe que consegue comer de graça? Ele não vai pagar.

Fecho os olhos e inspiro, segurando meu pai pelo braço e buscando paciência.

Eu não lembro o nome dela. Como ela chama? E, mais importante, por que ela está aqui? Será que veio cumprir a sua ameaça? Será que o encontrou?

— Entra, papai. — Seguro o portão, mas ele balança a cabeça com veemência.

— Não, senhora. Vou ficar aqui.

— Por favor — sussurro. — Eu lido com ela.

Me sinto apavorada, temendo que ela fale alguma coisa sobre Emanuel e isso faça com que meu pai decida abandonar o tratamento e coloque o pé na estrada novamente. Talvez ela saiba que isso me faria largar tudo e seguir com ele.

— Por favor — repito, e ele parece aceitar.

— Vou ficar ali, na porta, te esperando.

Espero-o entrar e, então, me viro para encarar a mulher. O sorriso vitorioso dela me enfurece, sequer tínhamos conversado e ela sorri, parece achar que eu não sou uma rival à altura dela. Me medindo dos pés à cabeça, sem deixar nenhuma margem de dúvida que ela me acha inferior.

E é aquela coisa, eu posso ter as minhas inseguranças, mas maluca nenhuma vai me dizer isso e receber silêncio em troca.

— Eu não me lembro de ter dado liberdade a você para falar comigo, o que quer que seja, usando esses termos. — Cruzo os braços, devolvendo o mesmo sorriso cínico. — Se alguém pediu uma professora cafetina por aqui, saiba que não fui eu.

— Cafetina?

— Estava aí dando aulas sobre como ganhar dinheiro — tento diminuir o nervosismo e demonstrar segurança com um sorriso no rosto —, deve dominar bem o assunto “receber para transar”, mas, desculpe, não contratei os seus serviços.

— Eu pensei que tinha ficado claro, quando estive lá naquele buraco,

que Pedro e eu...

— A única coisa que ficou clara — interrompo, impaciente — é a sua falta de noção.

— Escute aqui, garota... — ela dá dois passos à frente, falando alto com o dedo em riste —... eu acho que você não entendeu com quem você está falando.

Eu podia sentir meus olhos virando o globo ocular inteiro pela audácia dessa serpente. Por que essas pessoas pensam que o fato de ter dinheiro dão direito a elas de falarem conosco como se fossem superiores?

— Eu não tenho tempo para te ouvir, moça. — Ela repete seu nome, “Paula”, e eu abano a mão, como se isso não fosse importante. — Pare de rastejar por homem, é feio isso.

— Está se achando por cima da carne seca, não é? — Seu riso nervoso e estridente chama a atenção do porteiro, que para a alguns passos de nós, observando. Mentalmente eu agradeço, não sou muito esperta nesse lance de briga de rua. — Talvez pense que um homem como Pedro ficaria com alguém assim, simplória, como você. E com um passado como o seu.

Sinto um gelo perpassando minha coluna, mas me mantenho firme. Estou cansada de as pessoas usarem o meu passado para me acuar.

— Eu acho mais fácil ele ficar com alguém simples, do que com alguém louca.

— Pensa que ele escolheu você — ela diz, com desdém.

— Ele não me escolheu — afirmo, com firmeza. — Ele apenas não quer ficar com você.

Cansada de dar palco para maluco dançar, eu decido aproveitar a presença do porteiro e entrar. Procurando firmar meus passos e não dar a ela o gostinho de saber que, ainda que eu tenha retrucado todas as suas frases maldosas, tudo o que ela disse doeu em meu coração.

Pedro

Estaciono em frente à casa de minha mãe, e respiro fundo. Ainda sem saber exatamente como agir e mais confuso do que nunca. Sem saber a forma certa de falar com ela, o coração ainda dolorido com as coisas que ouvi.

Eu não quero magoá-la, de forma nenhuma.

Estou tão cansado. Cansado de nunca saber se estou agindo certo, se o que eu sinto é recíproco. Se estou interpretando tudo corretamente ou estou, para variar, vendo mais do que deveria.

Me iludindo.

Desembarco e sigo até o portão, parando em frente a ele, indeciso. Me dói pensar que, depois de tanto tempo, eu não sei como agir. Geralmente eu já entro direto, tenho a chave da porta, livre acesso.

Inferno! *Mas que inferno!*

Em uma sensação inacreditável de *déjà-vu*, a porta da frente se abre e ela surge, abraçando o próprio corpo, parando na varanda sem dizer uma palavra.

“A sua mãe te ama demais, Pedro.”

A voz de Eve soa em minha cabeça, como se ela estivesse aqui do lado, me empurrando. Me forçando a fazer a coisa certa.

Abro o portão e subo as escadas, parando em frente a ela.

Não nos falamos a semana inteira. Eu ainda estava confuso demais para conversar por telefone, só passava mensagens querendo saber se estava tudo bem.

Minha semana vinha sendo um pesadelo, essa confusão com minha mãe, minha “não relação” com Evangeline, Manur tentando me tirar do sério no trabalho, eu parecia estar sendo esmurrado por todos os lados. Mas não podia deixar acumular problemas, então vim, decidido a organizar tudo, não dá mais para segurar, postergar, manter como está.

— Tudo bem? — pergunto, ao ver que ela não vai dar o primeiro passo.

Ela balança a cabeça, negando. Posso ver pela sua expressão que “bem” não seria uma palavra que ela usaria para definir seu estado de espírito.

— Entra — diz, abrindo mais a porta e me dando passagem. Estico a mão, a fazendo entrar primeiro.

Sua casa parece triste. Silenciosa, as janelas fechadas, a sala só está iluminada porque a claridade incide pela porta que dá acesso à cozinha.

— Eu não vim antes, porque não queria dizer nenhuma besteira — começo, os olhos fixos na fotografia que ela mantém na estante.

— Estava bravo. — Nego. Mas ainda não consigo olhar para ela.

Covardemente não querendo ver algo que indique que ela mentiu para mim.

— Confuso seria a palavra certa.

— Conversei muito com Gael quando ele me trouxe em casa. Ele me ajudou bastante a entender a minha situação.

— Gael é muito bom no que faz — afirmo, dessa vez olhando em seus olhos. — Mas me diga, você vai precisar de um advogado?

Ela nega, ao mesmo tempo que uma lágrima escorre pelo seu rosto. O fato de negar me traz um alívio quase que instantâneo, que se dissipa em seguida.

— Não preciso mais, pois já faz muito tempo.

— Então é verdade — digo, sentindo o ar ficar rarefeito, e busco uma saída de ar no cômodo que passou a ser pequeno demais.

Eu quero chorar. Só não sei se de tristeza, decepção ou raiva.

— As coisas não são exatamente como ele disse, Pedro.

— E como são as coisas, então?

— Eu fui enganada. Quando ganhei o colar, eu... — Sua voz estremece e ela parece se tornar ainda menor, de tão encolhida. — Silvia disse que era um presente, para compensar o que eu tinha passado.

— E você aceitou. — Ela apenas balança a cabeça, tentando conter o choro. — Aceitou o presente da esposa do homem que te estuprou.

Colocar as coisas em perspectiva se tornam muito difíceis para mim neste instante. Um amontoado de pensamentos se mistura, me deixando um tanto quanto irracional e passo a andar em círculos pela sala, tentando me acalmar.

— Eu me envergonho disso até hoje, filho. Assim como temi que teu pai cumprisse a ameaça e me acusasse de ter roubado o colar.

— Ele não podia fazer isso — explico.

— Hoje, eu sei disso, e você sabe disso porque Gael explicou. Naquela época, eu não tinha ideia. — Seu tom de voz hesitante me faz parar de andar. — Eu era uma menina, Pedro. Tinha quinze anos quando isso aconteceu, não tinha apoio e nem aconselhamento.

Fecho os olhos com força e puxo o ar, tentando redirecionar a minha decepção para o assunto certo.

— *Tá, tá* bom. Tem razão, você era uma menina, me desculpe. — Esfrego o rosto e me sento no sofá, mas não consigo manter meu corpo quieto. Chacoalho minhas pernas e aperto as mãos, respirando fundo e tentando não falar besteira.

São muitas coisas povoando a minha cabeça neste instante. Meu pai dizendo que ela tinha feito tudo de caso pensado, Gael me mostrando que ela nunca quis nada meu, e a mágoa pulsando, me dizendo que mais uma vez eu me permiti ser feito de otário.

Já ela fica em silêncio, observando enquanto eu deixo o filme da minha vida passar na minha cabeça, desde o dia em que eu descobri que não era filho de Silvia.

— O que me tirou do sério foi ele ter dito que você me vendeu — confesso, e a vejo balançar a cabeça, negando. — Isso me tirou do sério, principalmente quando concluí que em nenhum momento você me disse nada a respeito desse maldito colar.

— Eu nunca venderia você, Pedro! — ela diz, em um tom mais alto. — Ter você retirado dos meus braços, pela minha própria mãe, foi uma das minhas maiores dores.

— Você nunca me disse, realmente, os motivos deles.

— Como assim? — ela pergunta, confusa. — Motivos de quem?

— Dos seus pais. Eu sempre achei meio surreal essa história da sua mãe ter compactuado com isso tudo.

Sempre achei a minha mãe uma pessoa transparente, considerava seus olhos como uma janela para sua alma. E enquanto ela pensa no que me responder, é como se eu visse o brilho deles se apagando aos poucos, enquanto ela luta para secar as lágrimas que não param de correr.

— Parece difícil acreditar que uma mãe possa ser uma pessoa ruim, não? Todos pensam que a mulher automaticamente nasce com instinto materno e que coloca o filho acima de qualquer coisa, e quando isso não acontece, ficam em choque.

Quando ela se levanta e vai até a janela, puxando com força a cortina, eu posso ver que seus passos são vacilantes. Uma ponta de remorso por ter a encurralado nesse assunto passa a pulsar dentro de mim, mas não a interrompo.

— A minha mãe odiava ser mãe. Odiava ser esposa. Mas, principalmente, odiava ser pobre. Ela não saía do casamento, porque, eu acho, não conseguiria se manter sozinha. — Eu consigo detectar a raiva com que ela diz cada palavra. — Cansei de presenciar brigas e mais brigas deles, suas exigências a cada vez mais, porque nada era suficiente. E no meio disso, Silvia Fontana viu a chance perfeita.

Imediatamente, me lembro da discussão que ouvi, anos atrás, e me trouxe até aqui. *“A ideia foi sua, não esqueça disso.”*

— A proposta veio dela — concluo.

— Eles precisavam de um filho. Eu era menor de idade, manipulável, e com pais ambiciosos. O que me foi dito é que eu daria um filho a ele, em

troca de uma vida confortável para nós. O que não foi dito é que eu não ficaria com você.

Isso tudo é tortuoso de ouvir. Me levanto e sigo até ela, mas ela nega meu abraço. Talvez achando que chegou a hora de abrir a *caixa de Pandora*.

— Seu pai me disse que estava disposto a tentar quantas vezes ele precisasse. Tínhamos que esperar o momento certo — ela diz, e o tom de nojo em sua voz é latente — e enquanto isso, eu era obrigada a lidar com seus olhares, comentários, sorrisos. Até que chegou o dia, e eu não pude fugir.

— Isso é nojento! — digo, alto, socando a parede.

— Para a minha sorte — ela ri, debochando de si mesma —, eu engravidei de primeira. O combinado era tentar, ininterruptamente, até conseguir e, eu não tinha mais vida após isso. Não saía de casa, abandonei o colégio, os amigos. Ficava trancada o tempo todo, primeiro até saber se tinha dado certo e, depois, acompanhando a gestação.

— Até que eu nasci — parto para o final, não aguentando mais ouvir o relato.

— Você nasceu, e eu sequer pude amamentar você.

Um choro dolorido irrompe, e seu corpo se chacoalha inteiro. Desta vez ela não me contém, aceitando meu abraço, enquanto continua se justificando.

— Eu nunca venderia você, Pedro! Nunca, nunca, nunca.

— Por que não me contou isso antes, mãe? — pergunto, baixinho, a apertando ainda mais forte em meus braços — Eu queria que tivesse confiado em mim, queria ter ouvido de você essas coisas, e não dele.

— Não foi falta de confiança. Foi um misto de coisas.

— Tipo?

— Vergonha, medo, insegurança. Várias coisas que me impediam de falar.

Balanço a cabeça, irritado.

— Teria dado tempo de denunciá-lo. Agora estamos de mãos atadas.

Essa talvez tenha sido a conversa mais difícil que tive na vida, e não posso garantir que eu tenha ficado em paz depois dela. Imaginando o quão cego eu sou, e o quanto eu me deixo levar pelas aparências ou pelo que eu quero ouvir. Meias verdades se tornando verdades completas, e as pessoas rindo às minhas costas, se aproveitando da minha burrice.

A única certeza de que eu tive hoje, é a de que eu preciso fazer meu pai pagar por isso de alguma forma.

Só não sei ainda como.

39



Jordie

Aciono o portão da garagem com um pouco de impaciência, afinal de contas estou atrasada. Combinei de sair com Murilo hoje, ele vem reclamando há dias que quer comer um bom churrasco e apesar de achar churrascaria à noite um desperdício, não tenho maiores motivos para negar seu pedido.

Comida é sempre comida, no final das contas.

Estaciono em minha vaga, ao lado do carro de papai, e consigo ouvir, ainda do lado de fora, uma discussão exaltada que me deixa preocupada. Desligo o carro e firmo minha atenção, tentando entender o que está sendo dito, mas só consigo reconhecer as vozes de papai, Gael e Pedro.

Preocupada, troco um olhar com Lincoln, antes de desembarcar e, segurando sua mão, evito seguir para a porta de vidro. Desço a pequena escada que me leva até a entrada da cozinha, me deparando com mamãe e Babi, sentadas, muito sérias e em silêncio, ouvindo a balbúrdia no cômodo ao lado.

— O que está acontecendo? — pergunto, deixando a bolsa em cima da mesa e dando um beijo na cabeça de Bruno, que come uma fatia grossa de bolo.

— Pedro conversou com a mãe dele hoje — mamãe responde, sucinta.

Corto uma fatia de bolo e sirvo para Lincoln, esperando que ela me dê mais informações, mas apenas ouço Pepê esbravejando, em um tom mais alto que de costume.

— *Precisa ter outro jeito, Gael!*

— *Pra isso não tem!* — meu irmão responde, usando o mesmo tom.

— *Não podemos fabricar um motivo, Pepê. Juiz nenhum, infelizmente, aceitaria isso.*

Curiosa e preocupada, eu sigo até a sala ignorando os pedidos de minha mãe para deixá-los resolver seja lá o que esteja acontecendo.

— Você precisa entender que, no desespero, não vai conseguir resolver nada, filho. — Pela primeira vez na vida, eu vejo Pepê desviando de um carinho que meu pai tenta fazer nele, e reconheço que a situação aqui está mais séria que eu pensei.

— O que aconteceu? — Paro, confusa, no meio deles.

— Pedro decidiu deixar o bom senso de lado.

— Não *fode*, Gael! — ele rosna. — Vou *pra* casa.

Eu nunca tinha visto Pedro nervoso assim. Nem mesmo quando ele enfrentou Gael, há um tempo, por causa de Babi, eu o vi agir dessa forma e, principalmente, usar esse tom. Dos três, ele sempre foi o sensato e contido, então vê-lo perdendo as estribeiras acaba sendo estranho demais.

— Espera, Pepê! — chamo, preocupada, o puxando pelo braço. — Vem aqui, vamos conversar.

— Não estou bom *pra* conversar, não, Jordie.

— E nem para sair nervoso assim. Fala comigo, o que foi?

— Estou cansado — ele diz, descendo as escadas e me fazendo correr atrás dele. — Nada dá certo, eu já estou exausto, não aguento mais!

— Do que você está falando?

Consigo fazê-lo parar antes de entrar em seu carro. Sua irritação é tamanha que posso ver uma veia pulsar em sua fronte, e isso destoa um pouco do controle que ele sempre teve.

— Eu sou um banana — ele diz, e preciso apertar os lábios para não sorrir ao lembrar que é exatamente dessa forma que Murilo o chama. — Todo mundo faz o que quer comigo, já reparou nisso?

— Não estou entendendo, Pepê. Conversa comigo, me diz o que aconteceu hoje, *pra* te deixar desse jeito.

— Conversei com a minha mãe. Você sabe a história — ele afirma, e eu sequer nego. Gael acabou nos contando e eu fiquei horrorizada ao ouvir o que a mulher tinha passado. — Eu vim até aqui procurar uma forma de responsabilizar Olavo Fontana, mas o Gael disse que não será possível, pois já passou muito tempo.

Nada do que ele diz faz sentido algum para mim, então peço que me explique. Fico enojada durante seu relato, ao saber o quão baixo seu pai foi por causa de ambição e como algumas pessoas neste país se sentem acima da lei.

Sinto pena dele. Ser filha de Alessandro Prieto me deixou mal-acostumada sobre o que é ter um pai de verdade, já que papai é um homem maravilhoso, e não entra na minha cabeça como um sujeito pode ir tão baixo, prejudicando o próprio filho, visando apenas dinheiro.

— Seu pai é um nojento! — exclamo — Mas a sua mãe é uma vítima nisso tudo, Pedro, e seria bom que não se esquecesse disso.

— Eu não esqueço. Mas ela poderia ter me contado.

Suspiro e, de braços cruzados, me recosto na lateral do carro, tentando achar a melhor forma de acalmá-lo. Essa nunca foi a minha maior qualidade, tenho plena consciência disso, por isso tento o meu melhor.

— Olha só, Pepê — estralo os dedos, sorrindo quando ele bate em minha mão, pois sempre detestou que eu fizesse isso —, em primeiro lugar, você precisa entender que a sua mãe viveu em um contexto de abuso psicológico também, antes mesmo do abuso físico que ela viveu.

— Mas eu entendo — ele argumenta, se encostando no carro ao meu lado.

Apesar de repetir que entende, eu sei como é diferente para um homem realmente compreender esse tipo de situação. A maioria deles não alcança a profundidade do buraco, a praticidade deles não os permite.

— Sua mãe era uma garota, sozinha, tendo que lidar com a adolescência que já é complicada por si só, o trauma de ser separada do filho, uma família escrota e um homem poderoso e abusador a ameaçando.

— Eu sei disso tudo! — exclama, impaciente.

— Então, pare de culpá-la! — Me aproximo, parando à sua frente. — Sua mãe fez o que estava ao alcance dela para sobreviver, e ao invés de ficar magoado, a exalte. Ela não merece ser julgada com tanto peso.

— Você não entende. A minha chateação é por ela não ter me contado tudo.

— Quem não entende é você — retruco, com firmeza. — Ela deve morrer de vergonha em ter passado por esse tipo de situação, Pedro, e o que menos precisa agora é ter que ficar se explicando.

Inspiro fundo, e esfrego meus braços, evitando perder a paciência. Nunca fui muito boa em dar conselhos, principalmente se a pessoa não colabora. Puxo sua mão, a segurando entre as minhas, sentindo pena por ele estar assim, tão confuso. Apesar de ser um homem feito, às vezes eu penso que Pedro tem a maturidade de um moleque de dezoito anos.

— Você sempre escondeu as coisas dos outros, Pepê. Não pode agora

ficar nervoso quando fazem o mesmo com você.

— Eu me sinto muito culpado por isso tudo.

— E no que “isso tudo” seria sua culpa?

— Eu fui burro! — Observo-o abrir os braços, como se isso fosse uma verdade incontestável. — Aceitei o pedido de silêncio dela, sem prestar atenção que todo aquele pavor deveria significar algo a mais. Sequer desconfiei, Jordie!

— Primeiro — ergo o dedo, chamando sua atenção —, pare de se chamar de burro. Eu não acho que você seja burro, apesar de concordar que, às vezes, você não age da melhor forma.

E de agir da forma errada eu entendo.

— Sabe qual o seu problema? — questiono, ao ver que ele não vai responder. — Tentar resolver tudo sozinho, escondendo as coisas, não compartilhando seu fardo. E sabe como eu sei disso? — pergunto novamente, o vendo negar mais uma vez. — Porque eu sou igual.

Iguais em termos, eu gostaria de dizer. Temos uma diferença pontual, eu sempre escondi as coisas procurando *me* proteger. Já Pedro, abnegado e desprendido, sempre pensou nos outros. E, de um jeito ou do outro, as duas formas não são as mais corretas de se lidar com os problemas.

— Ou seja, dois burros — ele murmura, e eu sorrio. — A minha frustração — ele prossegue — é por saber que eu demorei demais para saber tudo e que, agora, ele não vai poder responder por isso. Gael me garantiu que isso não seria possível.

— Por esse crime, não — dou de ombros —, mas já pensou que se o seu pai foi capaz de fazer algo assim, ele deve ter muito podre a ser revelado? Basta focar nisso, Pedro, eu tenho certeza de que meu irmão pode ajudar.

Seu semblante surpreso entrega que ele não tinha pensado nisso ainda, e acabo rolando os olhos. Santa inocência...

— Será que ele tem outros crimes?

— O que você acha, Pepê? — pergunto, impaciente. — O seu pai é um sujeito horrível e eu sequer vou me desculpar por dizer isso. Eu aposto que, se procurar direitinho, vai encontrar uma coisinha ou outra.

Isso parece empolgá-lo, pois seu rosto assume uma expressão de determinação que não estava ali antes.

— Se ele fez tudo por dinheiro, tirá-lo de sua posição de poder será um castigo e tanto. Só não sei como eu posso fazer isso.

— Esqueça o “posso” e comece a usar “podemos”. É um bom começo

— reclamo.

— Já pensou se Murilo aparece agora? — Gael aparece atrás de nós, de surpresa.

— O que é isso, Gael? — pergunto. — Anda ouvindo conversa dos outros agora?

— Sou advogado, esqueceu?

— E advogado entrou para o dicionário como verbete para xereta? — pergunto, e ele dá de ombros.

Não tem nem vergonha na cara.

— Não precisa ficar de olho na gente, Gael — Pedro diz. — As coisas aqui já estão resolvidas.

— Não foi por isso que fiquei ouvindo. Acho que podemos resolver esse problema do seu pai, de uma forma bem fácil.

Agora ele tem nossa atenção.

— Como assim? — Pedro pergunta.

— Basta encontrar uma irregularidade mínima e jogar na mídia. As ações cairão e eles serão obrigados a reformular a diretoria.

— É mesmo! — exclamo, trocando um olhar com Pedro. — Por que não pensamos nisso antes?

— Será que conseguimos? — Pedro pergunta, e Gael abre um sorriso confiante.

Meu irmão pontua cada caso que andou aparecendo na televisão nos últimos anos. Diretores envolvidos em corrupção, empresas reformuladas assim que a notícia caía na mídia, e o afastamento das pessoas envolvidas, ainda que não fossem presos ou condenados.

Gael não cresceu na carreira por acaso e, enquanto explica as suas ideias, também deixa claro todos os cuidados que precisamos tomar principalmente em relação aos funcionários do laboratório. Sua preocupação em não ser irresponsável, e não atingir pessoas inocentes no percurso, só me fazem ter mais orgulho do homem que ele é.

— Vai dar tudo certo, Pê. — O abraço, ao notar o alívio momentâneo que ele demonstra. — Vai dar tudo certo.

— Acho que vai dar mesmo. — Travo ao ouvir a voz grossa atrás de nós. — Estou, aliás, exultante, feliz e satisfeito em saber que tudo está dando certo.

Nossa reação é automática. Imediatamente Pedro me solta, e eu me viro para encarar um Murilo de semblante fechado e braços cruzados. Já Gael

decide que é uma boa hora para cair na gargalhada, feito um idiota.

— Oi, cachorrão. — Sorrio, mas sua expressão não suaviza.

Ele também não responde, pelo contrário, se mantém sério, me encarando.

— Vou embora — Pedro anuncia, e empurra Gael que continua rindo.
— Chega, *porra*.

— Você só se *fode* — meu irmão diz, e eu então viro as costas, chamando Murilo para entrar junto comigo.

Os passos duros indicam que o nosso jantar, talvez, tenha ido para o espaço. Ele passa por mim, entrando na sala e olhando ao redor, procurando por Lincoln. Eu poderia até rolar os olhos com esse comportamento quase infantil, se não me reconhecesse tanto nele.

Punição, eu diria. Fiz tanto isso com os outros, que achei um homem que faz comigo exatamente a mesma coisa. *Inferno!*

— Vamos levar o Lincoln junto? — pergunto, fisgando os lábios com os dentes quando ele se vira, me lançando aquele olhar duro, parecendo me revirar por dentro.

— Pode ser. Mais alguém vai junto? — ele pergunta, irônico, a cabeça fazendo um movimento em direção à porta. — Seu amorzinho de infância, talvez?

— Você fica uma delícia com ciúme, policial.

Com um movimento rápido, Murilo espalma a mão em meu rosto, tapando minha boca. Chego a tensionar o corpo, com a pressão que ele faz em minha pele, e logo o sinto descer a mão, ainda espalmada, segurando meu pescoço. Me fazendo erguer o rosto em sua direção, me fuzilando com o olhar.

— Não acho uma boa ideia me deixar nervoso, Jordie — ele rosna.

— Ou o quê? — provoco.

— Ou então — ele diz, a boca rente em meu ouvido — eu vou ser obrigado a te mostrar que não estou para brincadeira.

Me sinto salivar, excitada com essa dominação toda. Tínhamos voltado à nossa rotina de pegadas descompromissadas, desde o nosso último encontro no motel, e eu estava honestamente morrendo de saudade de tê-lo em minha cama. Ou em uma cama qualquer.

Tento me aproximar, mas sua mão me mantém firme no lugar. Toco seu peitoral, o sentindo subir e descer por conta da respiração descompassada. Com a mão livre, ele afasta a minha, impedindo meu toque,

negando com a cabeça de forma lenta.

Seu toque é firme e quando seus olhos pousam em meus lábios, é involuntário passar a língua por eles. Um movimento simples, mas que parece tê-lo incendiado. Sua mão solta meu pescoço e, apontando para a escada, ele somente ordena:

— Pegue sua bolsa, você vem comigo. Agora.

Murilo

Eu não sei se eu posso me considerar um sujeito ciumento. Mas possessivo, eu sei que eu sou, odeio ver gente mexendo com o que é meu. E ver aquele alemão banana com as mãos em cima de Jordie me irritou além do limite.

E ela sabe disso, tanto que faz graça, tira onda.

Jordie já ficou confortável demais no papel da mocinha dominante. Está na hora de mostrar a ela aonde foi que se meteu.

Quando ela passa por mim, segurando sua bolsa e me dá um sorriso vitorioso, eu a meço dos pés à cabeça, em silêncio. A sigo até meu carro, e abro a porta do passageiro, sem dizer uma palavra. Seus passos vacilam ao vir, talvez por estar acostumada com minhas reclamações e frases de efeito. O silêncio total nunca foi um parceiro em nossa relação.

— Você ficou mesmo bravo — ela diz, assim que coloco o carro em movimento.

— E você vai fazer exatamente o que eu disser — digo, sem olhar para ela —, começando por pular a conversinha furada.

— Posso fazer isso, desde que você não use esse tom comigo.

Desvio os olhos da pista por um minuto, somente para encará-la. De braços cruzados e queixo erguido, ela não falha em demonstrar irritação pelo que ouviu, evitando olhar para mim.

Ao voltar minha atenção ao trânsito, pego me indagando como isso poderia dar certo? Jordie é completamente o oposto de todas as mulheres com quem me envolvi durante toda a minha vida, até mesmo Cris foi completamente submissa, mesmo com sua inabilidade em manter um relacionamento. Jordie não é submissa, muito pelo contrário.

E como se não bastasse isso, ela é independente, me desafia com sua língua afiada, me revira com seus rompantes, e me domina com sua voz manhosa e seu sorriso sincero, que não se esforça para agradar se não estiver cem por cento disposta a isso.

Quando estaciono o carro na garagem do motel, a ouço bufar ao meu lado e tenho vontade de rir. Porém, não o faço.

— Pode entrar na frente — ordeno, e seu rosto fica vermelho instantaneamente.

— Tá grossinho, hein, Murilo? Vai bancar o ogro hoje?

— Se não notou até agora que eu *sou* um ogro, a culpa não é minha. Nunca fiz questão de esconder. — Me inclino, abrindo a porta ao seu lado. — Agora saia.

Acompanho enquanto ela se afasta, em passos duros, sumindo por entre a porta de entrada. Abro o porta-luvas, tiro o par de algemas que sempre carrego comigo e sigo pelo mesmo caminho, parando quando a vejo sentada na cama, de braços cruzados e semblante emburrado.

Treze anos de idade.

Com movimentos lentos, eu tiro a carteira do bolso e descarto em cima do aparador, junto ao celular, o molho de chaves e o par de algemas. Só então eu volto minha atenção a ela que, nervosa, me encara, em expectativa.

E só em ter esse par de olhos faiscantes fixados em mim, eu me sinto aceso. Meu pau responde de imediato, o ar ao redor fica rarefeito, e a vontade que eu tenho de meter nela cresce vertiginosamente.

— Levante, em silêncio — ordeno, e ela rola os olhos. Atrevida.

— As coisas não funcionam assim, não, seu grosso.

— Eu falei — dou dois passos até ficar em frente a ela, a segurando pelo braço e fazendo-a ficar em pé — para se levantar e ficar em silêncio.

— Murilo... — ela arfa, e se cala quando eu junto seu cabelo em um rabo de cavalo, segurando com firmeza, e balanço a cabeça em negativa.

É excitante demais ver como seus olhos escurecem, como sua respiração fica mais pesada. Meu pau chega a doer, de tão duro que fico.

— Tire as suas roupas. Agora.

Solto seu cabelo e me afasto. Ela vacila, mas como não desvio meus olhos dela, acompanho seus dedos abrindo o botão da calça jeans, enquanto os pés tiram a sapatilha rasteira. Vejo com deleite a calça ser arrastada por suas pernas, até ir parar em um canto ao chão. A blusinha que ela veste faz o mesmo caminho e, quando ela leva as mãos atrás das costas, para tirar o sutiã preto de renda, eu me aproximo.

— Não! — digo, somente, para ver as mãos caírem ao lado do corpo.

Ergo a mão e toco sua omoplata, colocando meu dedo entre a alça da peça de renda e sua pele. Lentamente, segurando com a ponta dos dedos, eu

solto, o fazendo estalar. Jordie abre os lábios, deixando um gemido baixo escapar por eles, e a sinto estremecer quando aproximo meu rosto de seu corpo.

Poderia sorrir com sua reação.

Deixo minhas mãos correrem livremente por seus braços, até chegar às suas mãos, e as puxo para trás, mantendo-as presas nas costas.

Capturo a alça com os dentes e a estico, notando que ela enrijece em expectativa, talvez pensando que vou repetir o feito, estralando o elástico em sua pele mais uma vez. Mas eu apenas arrasto pelo seu ombro, o desnudando.

Cravo os dentes em sua pele branca, tomando cuidado para não a ferir. Posso sentir quando ela movimenta as pernas, apertando uma contra a outra e é inevitável deixar meus lábios se moverem em um meio sorriso.

Ao me afastar, vejo a cicatriz em seu ombro. Ainda está recente e, felizmente, foi um ferimento superficial, mas só em pensar que eu nunca mais a veria, sinto meu peito doer.

Solto suas mãos, e retiro a peça de renda, salivando ao ver os bicos entumecidos e a pele arrepiada. O seu corpo arqueia levemente para a frente, ansiando meu toque. Com as pontas dos dedos, percorro sua pele até alcançar o cós de sua calcinha. O pequeno pedaço de renda cede depois de um puxão firme, e com um olhar eu a desafio a reclamar.

Ela, claro, não o faz.

Puxo minha camisa, a retirando e jogando em um canto qualquer do quarto, sendo alvo do olhar guloso que Jordie me lança. Me aproximo de seu rosto, sedento para tomar sua boca, mas não o faço. Não agora.

— Deite-se, e não se mexa — ordeno, e ela vacila, mas faz o que eu peço. Com graciosidade sobe na cama, deitando-se no centro dela.

Termino de me despir, com certa rapidez, alisando meu pau. Apertando na base para não perder o controle ao vê-la deitada, com as pernas flexionadas e abertas à minha espera. Ela pode não dizer nada, como eu ordenei, mas sua expressão desafiadora acaba dizendo mais que seus lábios.

Puxo suas pernas, a trazendo para mais perto, enquanto mesmo em pé eu me curvo para alcançá-la. Percorro seu corpo com a mão espalmada até chegar em seu pescoço. O circundo com os dedos e sinto o movimento de sua garganta quando ela engole a saliva.

— Precisamos deixar algumas coisas bem claras aqui, Jordie — digo, sem desviar meu olhar. — Primeiro, eu não divido nada que é meu.

— Empatamos — ela responde, e eu aperto os dedos, a fazendo

arregalar os olhos.

— Não te deixei falar — relembro. — Eu detestei ver aquele sujeito com as mãos em cima de você.

Atrevida, ela dá de ombros. Isso deveria me irritar, mas acaba me excitando.

Seguro-a pela cintura e a giro, fazendo com que vire de barriga para baixo. O movimento inesperado a fez soltar um gritinho.

— Murilo!

— E aí eu vejo que você adora me provocar — colocando a mão por baixo de sua barriga, eu puxo seu corpo para cima, a fazendo ficar de quatro —, mesmo sabendo que uma hora eu posso punir você por isso.

Estalo a mão em sua nádega, e ela grita, tentando sair do lugar.

Não permito.

— Você não se atreva! — ela rosna, se chacoalhando, e eu repito. Mais um tapa, um pouco mais ardido, e vejo a coloração rosada surgindo.

Sou incapaz de conter um gemido, somente com essa visão.

Coloco minha mão entre suas pernas, o dedo médio buscando sua cavidade. Molhada demais. Jordie rebola em meu dedo, me provocando, me chamando. Meu pau pulsa, possessivo, implorando para se afundar nela.

Ainda segurando-a firme na posição, inclino meu corpo sobre o dela, esfregando meu queixo em sua nuca até ter sua pele mais uma vez entre meus dentes.

— Você é muito gostosa — rosno, a sentindo se debater sob mim. — Estava morrendo de saudade desse corpo.

Empurro sua cabeça até estar encostada no colchão, e ergo ainda mais seu quadril. A espertinha tenta usar o braço para se erguer, mas não permito, com um movimento rápido, eu capturo seus pulsos e os prendo nas costas com minha mão direita.

— Está bom assim? — pergunto.

— Não. Seu pau caiu? — diz, risonha.

— Está sentindo falta do meu pau? — Estico minha mão, alcançando as algemas que deixei no aparador ao meu lado.

Quando ela sente o frio do metal em sua pele, reage, tentando se soltar.

— Você leva muito a sério essa coisa de policial, Murilo!

— E você leva muito a sério essa coisa de me testar.

Apesar de algemada, ela faz jus ao apelido de gata brava que eu dei a

ela. Se debatendo, ela consegue se virar e seus olhos faíscam em minha direção, sua natureza não querendo se submeter, ainda que esteja excitada com esse nosso jogo.

Passo a mão por baixo do seu corpo e a ergo, esfregando minha barba em seu rosto, vendo a pele lisinha ficando vermelha com o contato.

— Por que você simplesmente não obedece?

— Sonha, querido — ela diz. — Se queria facilidade, devia ter escolhido outra.

Balanço a cabeça, sério, e levo minha mão até a maldita cicatriz. Passo os nós dos dedos sobre ela e sinto Jordie prendendo a respiração.

— Eu podia ter perdido você — murmuro.

— Mas não perdeu, e eu estou aqui. — Ela tenta se virar, mas a posição não permite.

— Você fez isso *pra* salvar meu filho. — Engulo a seco, e sinto-a se aconchegar ainda mais ao meu corpo, se esfregando conforme consegue, em um carinho muito sexy.

— Faria tudo de novo, Murilo. — Nosso olhar se encontra, e sei que ela sorri, porque seus olhos se movimentam, ficando menores, mas eu não consigo desviar deles. — Eu faria qualquer coisa por vocês.

— E eu por você — confesso, sentindo o coração explodir no peito. Baixo os olhos, e observo o movimento de seu mamilo intumescido, subindo e descendo por conta da respiração entrecortada, e isso me acende novamente. — Agora chega de fofura.

Empurro seu corpo de encontro à cama, voltando à posição inicial. Consigo ouvi-la me xingar, mas desta vez não permito que levante. Deslizando a mão por sua cintura firme, seguro com firmeza e arremeto de uma vez. Ambos soltamos um grito rouco e fecho os olhos, tentando me controlar.

Jordie

Eu deveria estar me sentindo irritada, sendo subjugada aqui neste instante, mas o fato é que não estou. A excitação que sinto, ainda que esteja de quatro, com as mãos presas nas costas e Murilo me penetrando com força, acaba tirando toda a minha sanidade.

Eu notava o seu lado dominador sempre flutuando, esperando ser afluído, em nossos encontros. Era questão de tempo até ele resolver me mostrar esse seu outro lado.

Já havia o questionado a respeito e ele, bem-humorado, sempre disse que não era para eu esperar um *Christian Grey*, porque o salário da polícia não o deixava ter um quatinho de brinquedos.

Isso não quer dizer que ele não saiba brincar direitinho com seus originais de fábrica.

Sinto meu corpo chacoalhar inteiro com a ferocidade de suas arremetidas, meus seios arranham nos lençóis causando uma fricção que aumenta ainda mais minhas sensações.

Murilo me ergue, segurando meu pescoço pela frente, mantendo meu corpo recostado ao dele. Sua mão esquerda me prende, firme, pelo pescoço enquanto a direita passeia por meu corpo, acariciando meu seio e percorrendo meu ventre, até se afundar em minha boceta e...

— Ah! — Sinto a cabeça girar quando ele belisca meu clitóris e puxa o lóbulo da minha orelha com os dentes.

— Gosta assim? — pergunta, e eu confirmo.

— Adoro.

São muitas sensações juntas, e eu fico à sua mercê estando com as mãos imobilizadas, somente experimentando tudo o que ele me proporciona.

Erguendo meu rosto, ele me olha e eu estremeço ao notar sua expressão séria. Os olhos escurecidos, uma veia pulsando em sua fronte, os lábios cerrados, firmes. Sua boca toma a minha em um beijo quente, possessivo, arrebatador, enquanto seus dedos pressionam meu clitóris em movimentos circulares em uma pressão que me deixa à beira do êxtase.

Murilo sai de dentro de mim e me joga novamente na cama, tal qual uma boneca, me deitando de costas e puxando minha perna até que eu esteja na beirada da cama. As mãos presas nas costas incomodam um pouco e eu reclamo, mas ele ignora.

De joelhos, ele passa a ponta da língua por toda a minha extensão e eu ergo as costas do colchão, deliciada com a sensação. É como se meu corpo estivesse ainda mais vivo, pulsante, ansioso.

Sua mão desliza para a minha bunda, e o sinto apertá-la com firmeza e depois vem um tapa estalado em minha intimidade, me fazendo saltar no lugar.

— Ai! — reclamo, e recebo outro tapa, com a mesma intensidade. Não dói, pelo contrário, é como se atingisse todos os feixes de nervo do meu corpo. Ele me dá vários tapinhas acertando os lábios e o clitóris, sem desviar seu olhar, analisando minhas reações.

— Gostosa. — Murilo rosna pouco antes de, literalmente, cair de boca em mim.

Meu Senhor! Esse homem definitivamente sabe como fazer isso! Ele intercala entre chupadas, beijos e mordidas, com tanta intensidade que é como se eu pudesse ouvir meu coração batendo, tamanho prazer eu sinto.

Sinto quando ele enfia um dedo em meu canal, aumentando ainda mais a sensação enlouquecedora que sua sugada precisa me causa. A pressão em meu ventre se torna quase insuportável, ergo o corpo me sentindo estremecer, puxando o ar com força.

Murilo fica em pé ao perceber que estou prestes a gozar e, erguendo meu quadril, me penetra com força. Segurando-me com firmeza, ele soca com afinco, os movimentos rápidos fazendo nossa respiração acelerar, enquanto nossos olhos ficam cravados um no outro.

É quente, e enlouquecedor.

Meu corpo parece partir em mil pedaços, eu estremeço inteira quando um orgasmo potente me toma e Murilo me acompanha em seguida, gemendo alto.

Seus braços fortes me envolvem, assim que ele se deita ao meu lado, puxando meu corpo para si.

— Me solta — peço, sentindo a posição incomodar com os braços presos.

— Não sei. — Seu rosto se retorce, fazendo um bico engraçado, e eu mordo seu ombro.

— Está doendo — minto, e ele parece se assustar com isso. Em um salto, ele se levanta, pegando o molho de chaves e soltando as algemas com rapidez.

É involuntário levar minhas mãos aos pulsos, esfregando o lugar ainda que não esteja doendo. Murilo olha, consternado, para a cicatriz em meu ombro e me puxa para um abraço.

— Perdão, eu não queria machucar.

— Não machucou — o tranquilizo, segurando seu rosto entre minhas mãos. — Só foi desconfortável.

Ele assente, ainda muito sério, e para voltar ao clima anterior, eu o beijo. Enlaço seu pescoço e ergo meu corpo, me sentando em seu colo e sinto algo pegajoso escorrendo de dentro de mim.

— Merda! — ele reclama, passando o dedo em sua coxa onde o líquido escorre. — Não usei camisinha.

— Espero que não fique usando isso — aponto para o seu pau — por aí indiscriminadamente.

— Só com você — ele responde, charmoso. — Mas eu falo por você, sabe... — Aponta para a minha barriga e me lembro de que nunca conversei com ele a respeito de minhas escolhas.

— Não tem problema algum quanto a isso.

— Pílulas falham, Jordie — ele diz, sério. — Lincoln é prova e fruto disso.

— Eu sei. — Saio do seu colo, usando o lençol dobrado em cima da cama para limpar minhas coxas e recosto na cabeceira da cama. — Por isso eu fiz laqueadura.

Não consigo olhar para ele, então fixo meus olhos em um canto qualquer do quarto, temendo o silêncio que se forma por alguns minutos que parece uma eternidade.

— Ei — ele segura meu queixo, forçando que o encare —, tem tanta aversão assim à maternidade?

— Não sei se é aversão a palavra, Murilo. — Inspiro fundo, subitamente nervosa. — Só nunca tive essa pretensão, de passar por uma gestação, ter meu corpo modificado, e depois toda aquela dinâmica pós-parto.

Eu sempre fui muito segura quanto às minhas escolhas, mas sempre evitei falar sobre isso por causa dos julgamentos que elas causam. Odiaria ver esse tipo de julgamento nos olhos dele.

— Por causa da dor?

— Não — respondo, arrumando meu corpo e ficando de frente para ele. — Apesar de ser um bônus não ter que passar por isso também. Eu só nunca quis, eu ignorava todas as bonecas que eu ganhava. Não era nada que eu almejava, acho que pulei essa fila, de instinto maternal.

— Mas se não gosta...

Ele não completa, mas não é muito difícil imaginar o seu pensamento.

Mulheres que não querem ser mães odeiam crianças. Não sei de onde tiram essa idiotice.

— Eu amo o Lincoln, Murilo — digo, com firmeza. — E não odeio crianças, você sabe onde eu trabalho, não?

— Só não entendo. Você não quer ser mãe, mas foi se envolver com um cara que tem filho e...

— Pare por aí — interrompo, antes que acabe dizendo algo que vai me magoar. — Você sabe muito bem o que nos levou a ficar juntos por quase

um ano, Murilo.

— Sexo.

— Exatamente. Não posso afirmar que sairia com você, se soubesse que tinha um filho, mas quando Lincoln apareceu — dou de ombros —, já era. Eu já gostava do pai dele.

— Já gostava do pai dele — ele repete, em uma voz mais fininha, me puxando para o seu colo.

— Sim, conhece o pai dele? — O enlaço pelo pescoço, e passo meu nariz por seu maxilar, e sinto sua mão me apertar com força, apreciando o carinho. — Um sujeito ogro, ciumento, que vê as coisas e entende tudo errado...

— Não entendi nada errado — ele me interrompe. — Eu vi você abraçada com aquele bunda mole.

— Sim, abracei. E vou abraçar de novo, se ele precisar de mim. — Murilo bufa, e eu sorrio, achando bonitinho essa ciumeira toda. — Pedro é como um irmão para mim, ele está precisando de ajuda, e eu não vou negar apoio.

— Não dá *pra* apoiar de longe, sem pôr a mão?

Balanço a cabeça, e ele então me joga na cama, vindo por cima de mim. Enlaço minhas pernas em sua cintura, rindo alto.

— Você me inferniza, Jordie — ele reclama, mas a intensidade em seu olhar me tira o fôlego. — Mas eu não me vejo mais longe de você, não.

— O que isso quer dizer? Somos *namoradinhos*?

Murilo abre um sorriso malicioso, bem preguiçoso e obsceno.

— Exatamente, patricinha. Acho que já provamos que somos bons juntos. — Sinto meu coração disparar, e não sei se é por conta do que ele diz ou por sua boca estar percorrendo meu pescoço agora. — E não precisamos mais ficar nos pegando escondidos.

— Você já sabe que eu sou uma pessoa horrível, não sabe? — brinco, replicando a forma que ele sempre usou para me torrar a paciência.

— Tenho plena consciência disso. — Sua mão desliza por entre nossos corpos e sinto seu dedo acariciando minha intimidade, me deixando novamente acesa. — Com certeza foi o que fez eu me apaixonar por você.

Murilo me beija e tudo desaparece ao meu redor.

Se essa conversa ocorresse alguns meses atrás, eu me apavoraria. Muito provavelmente arrumaria alguma desculpa, vestiria a minha roupa e nunca mais atenderia seus telefonemas.

Agora? Espelho o que ele me disse há pouco: não me vejo mais longe dele.

Longe deles.



Pedro

Coloco minha bolsa, com todo o meu equipamento, em cima da espreguiçadeira logo na entrada do estúdio. O local já está movimentado, os profissionais contratados andando de um lado a outro montando os diferentes cenários, produtores organizando os figurinos e maquiadores a postos, no aguardo das modelos.

E eu me sentindo extremamente desmotivado em estar aqui, achando uma grandessíssima merda estar preso a este local por conta daquele maldito processo.

Apesar disso, não posso deixar de me orgulhar por ter sido chamado. O ensaio é parte da edição comemorativa de cinquenta anos da maior revista de moda do país, e várias modelos foram convidadas para fazer parte do projeto.

A modelo mais conhecida fora do país, que vive atualmente nos Estados Unidos com sua família e só aceita trabalhos esporádicos, fez questão de ser fotografada por mim. Foi, aliás, por causa dela que a revista me chamou, mesmo sabendo que eu tinha mudado o meu foco de trabalho no último ano.

Pedro Fontana, o “fotógrafo viajante” que estava sendo ridicularizado no meio da moda por conta de minhas escolhas, sendo intimado dessa forma.

Chupa, mundo!

Ou *chupa, Manur!* Sua fama entre as modelos não é a melhor, e muitas delas torceram o nariz ao vê-lo na equipe de trabalho. Foi um custo fazer uma delas aceitá-lo como sua dupla, e felizmente a modelo mais desbocada aceitou, porque qualquer problema ela não hesitaria em denunciá-lo.

Foi especialmente prazeroso ver sua cara quando o editor-chefe da revista anunciou a todos que eu tinha sido escolhido para fotografar não só a

modelo mais famosa de todo o *casting*, como também a capa da publicação. É irritante ele ser tão babaca, porque ele tem talento e poderia estar em um patamar muito acima, talvez sendo reconhecido por isso e não por suas atitudes ridículas, picuinhas e rumores de assédio.

Suas provocações andam aumentando, chegando ao ponto de Evandro, o editor-chefe da revista, ter me chamado para perguntar se ele teria algum problema em ter ambos no mesmo ambiente. Fui sincero ao dizer que me responsabilizava apenas por minha conduta, cabia a ele se controlar.

— E aí, Pepê! — Carluxo, um dos maquiadores, me saúda, assim que nota minha presença.

— Fala, velho. Como estamos por aqui?

— Ah, esperando as beldades — ele diz, fazendo um meneio com a mão. — Sabe como é, elas sempre chegam faltando cinco minutos para encerrar nosso expediente.

— Nada muda! — retruco e me sento, puxando minha câmera e já checando a iluminação da sala.

Serei um dos primeiros a fotografar, e por isso o meu cenário já está todo montado. Felizmente a modelo aceitou minha proposta, e topou posar sem maquiagem, em um cenário cru, de fundo escuro e vestindo apenas um maiô preto. Dois bancos redondos de madeira e uma mesa quadrada estão posicionados, e eu me distraio, ajustando o melhor posicionamento combinado com a luz do local.

É muito comum nesses ensaios encherem a modelo de produção. Roupas extravagantes, quilos de maquiagem, bijuterias e outros apetrechos. Fotografar uma top model sem maquiagem alguma, em preto e branco, não é lá muito usual. E exatamente por isso ela adorou a ideia.

— Pagou quanto para o editor te colocar fotografando a capa, ô, fotógrafo viajante?

Bufo ao ouvir a voz de Manur atrás de mim, e balanço a cabeça. Estava demorando.

— Vá trabalhar, cara, e me deixe em paz.

— Não tem o que dizer, por isso desconversa.

Eu sequer olho para ele, continuo checando a luz, mas confesso que não é uma boa época para ele me importunar. Eu geralmente tiro de letra, debocho, dou risada. Não é raro ele sair ainda mais irritado do que chegou, mas não ando em meu estado normal. A minha paciência, algo que eu sempre me orgulhei de cultivar, acabou me abandonando.

— Se você se dedicasse tanto ao seu trabalho quanto se dedica a encher o meu saco, talvez fosse o seu nome na capa.

— Nem sempre funciona assim, não? — ele diz, alto, chamando a atenção de todos no estúdio. — Às vezes uma *foda* bem dada ou um pai influente resolve.

Tocar no nome de Olavo Fontana ou os benefícios que eu teria sendo filho dele, em dias comuns, já me irritava. Mas hoje, em particular, acaba atingindo um nervo que andava implorando para ser deixado em paz.

— Qual o seu problema, cara? — Me viro, notando em seu semblante o ar de vitória de quem tinha ganhado exatamente a reação que procurava.

— Você é meu problema. Sempre foi.

— Nunca fiz *caralho* nenhum a você! — digo, e ele gargalha alto, de forma exagerada.

— Claro que fez! Já esqueceu? — Franzo a sobrancelha, sem entender. — Me tirou a chance logo no início da minha carreira.

Fecho os olhos e bufo, irritado. Venci um concurso de especialização, anos atrás, e, até hoje, ele me culpa por não ter conseguido a vaga.

— Supere isso, cara.

Viro as costas, cansado dessa discussão infantil.

— Ué, começou e já vai fugir? — Sinto um puxão em minha camiseta e me viro, com brusquidão.

— Não encosta em mim — alerta. — Ando sem tempo para suas loucuras.

— Você não precisava daquela *porra*, Pedro — ele rosna, se aproximando. Não arredo o pé do lugar, e posso observar as pessoas ao redor, já se preparando para um embate. — Era formado, tinha dinheiro, poderia ter pago o curso. Mas usa seu sobrenome para conquistar tudo, passa por cima dos outros, sem se importar.

— Pare de delírio, imbecil! — grito, irritado.

— Baseou sua carreira inteira no dinheiro do papai, e quando quis dar uma guinada, foi se escorar em mulher — debocha, olhando em volta, usando a plateia que se formou para o seu show. — E agora vem posar de competente.

— Você é invejoso demais! — um dos modelos, Hermes, acusa.

— Não é inveja, é a verdade. Estou cansado de ver esses riquinhos se dando bem, desde sempre, escorados no dinheiro dos pais, sem fazer esforço algum.

Como se estivesse em um palanque, ele passa a contar aos presentes o quão difícil foi a sua infância e como eu o prejudiquei, *deliberadamente*, sem que eu realmente precisasse. Eu poderia me sentir mal por isso, caso ele não fosse um completo idiota.

Eu nunca tinha parado para ouvir qual a real implicância que ele tinha comigo. Eu pensava que seria algo, no mínimo, sério, mas o ouvir fazendo esse manifesto de classes, culpando o universo por sua má sorte e me escolhendo como algoz é realmente ridículo.

Ridículo e sem sentido.

— Relaxa, Pedro — outro dos modelos da agência se aproxima —, isso aí é tesão recolhido. Você nunca deu atenção a ele, por isso ele inventa essas coisas.

Sequer tenho tempo de pedir para o garoto não brincar com essas coisas. Manur se enfurece de tal jeito, que parte para cima dele aos berros, o empurrando com força.

— Cale essa boca! CALE A BOCA!

— Negue o quanto quiser, só não se esqueça do que me contou enquanto dividia a cama comigo. — Me encarando, o garoto cujo nome eu realmente esqueci, continua falando, apesar dos gritos de Manur, que é contido pelo segurança do estúdio. — Sempre foi apaixonado por você, Pedro. E ficou ressentido quando você não deu bola.

— Você é gay? — alguém pergunta em meio à confusão, e posso ouvir os burburinhos. Posso dizer que não sou o único surpreso aqui.

Que loucura, cara.

Manur empalidece de tal forma quando eu o encaro, que posso até acreditar que essa maluquice toda seja verdade. Balanço a cabeça, sem entender direito o que realmente está acontecendo aqui.

— Vamos parar com essa confusão? — A voz alta de Evandro surge no meio do burburinho e eu apenas ergo as mãos, afinal de contas, não fui eu quem iniciei isso.

Mas pela expressão retorcida de Manur, eu vejo que meus problemas estão longe de terminar.



O dia seguiu complicado. Consegui fazer o meu trabalho com

excelência, o ensaio com a modelo ficou fantástico e ouvi vários elogios, inclusive, de outras modelos que gostariam de ter feito algo semelhante. Apesar disso, a discussão com Manur continuou permeando as conversas paralelas, e o ápice foi uma confusão quando ele tentou agarrar uma garota, para “provar” que não era gay.

Claro que até isso ele jogou em minhas costas, me culpando por sua falta de escrúpulos.

Não o bastante, recebi um telefonema do investigador que contratei para encontrar o irmão de Eve. Segundo ele, que viajou para Curitiba, terei novidades em breve. O assunto voltou à tona depois de Paula e Evangeline terem se encontrado na porta do meu apartamento, ontem, e precisei pressioná-lo para resultados precisos.

Sentado dentro do meu carro, já no estacionamento do prédio, fico me perguntando quando permiti que minha vida acumulasse tantos problemas. Passei de um cara descomplicado com um leve problema de desilusão amorosa, para um sujeito onde o mundo decidiu cagar na cabeça, diariamente e ininterruptamente.

Sequer consigo resolver tudo sozinho, como era acostumado. Dificilmente precisava chamar ajuda e agora sou bombardeado por todo lado, perdido. Não me reconheço e isso acaba comigo.

Fico tão perdido em pensamentos que passo mais tempo que de costume dentro do carro. Checo o celular e estranho não ter nenhuma mensagem de Eve perguntando por mim, como ela faz diariamente.

Será que está tudo bem? O dia foi tão cheio que eu também não passei nenhuma mensagem a ela. Me sinto mal, afinal de contas, o pai dela está prestes a ser internado e ainda teve a visita de Paula para completar o estresse.

Paula... será?

Meu coração dispara, uma mistura de apreensão e culpa. Rapidamente eu desembarco e sigo para o prédio, suspirando aliviado ao notar que o elevador se encontra no térreo. Contando os segundos, enquanto vejo os números mudando no visor, indicando a passagem de andares.

Ao chegar ao meu andar consigo, ainda do corredor, ouvir vozes vindas de meu apartamento, o que me confunde um pouco.

Será que ela recebeu visitas? Mas visita de quem, se ela não conhece ninguém aqui?

Encosto a testa na parede, sem um pinga de paciência de

confraternizar com ninguém esta noite.

A minha cabeça está cheia, estou exausto, confuso e aborrecido.

Sem ter para aonde ir, abro a porta e encaro, com surpresa, meu padrinho rindo divertidamente com Gael e seu Ernesto. O que eu perdi aqui?

Evangeline

Me sinto mal em esconder as coisas de Pedro, mas da forma como ele anda agindo, quase explodindo de nervoso com tanto problema a ser resolvido, fico temerosa em contar tudo o que acontece e ele meter os pés pelas mãos e se enfiar em mais uma confusão.

Eu sequer contaria a ele do meu encontro com Paula ontem, fiquei brava com papai quando disse a ele que eu tinha discutido com uma mulher na portaria do prédio e fui obrigada a dizer quem era. Como esperado, ele passou a mão no telefone e, aos berros, pediu para ela deixá-lo em paz. Isso, antes de falar com Gael e pedir uma medida de restrição, coisa que ele vinha evitando.

Acabei percebendo que Pedro perdeu seu ponto de equilíbrio depois de discutir com a família de Gael e todas as desconfianças com sua mãe. Por ter sido um garoto solitário, contando com essas pessoas durante sua vida inteira, o circuito parece ter entrado em curto e ele não anda funcionando direito.

Não é raro vê-lo andando pela casa, perdido, sem sono. Ou parado, olhando para canto algum, talvez tentando reorganizar os pensamentos.

Me parte o coração vê-lo dessa forma.

Foi por isso que ontem mesmo eu liguei, à tarde, para Babi. Sabendo que eles sempre foram muito amigos, e ela o conhece melhor do que eu, queria saber se a ideia que eu tive seria viável. Afinal de contas, adiantaria muito pouco eu bolar algo para melhorar seu humor e acabar complicando tudo no final.

Felizmente, ela achou tudo excelente e, por isso, o apartamento agora está cheio. Não só Babi e Gael estão aqui, como também seus pais e Claudia. Já está mais do que na hora de resolver todo esse mal-entendido entre eles.

Foi emocionante ver a reação de Claudia frente à aceitação dos Prieto. Ela tinha muito medo de que eles não a vissem com bons olhos e saber que eles estavam felizes com sua presença pareceu tirar um dos muitos pesos que ela tem nos ombros.

— Aqui está pronto — dona Joana, mãe do Gael, tira do forno a

segunda fornada de lasanha e o aroma preenche toda a casa. — Pedro ama esse prato.

Sorrio para ela, enquanto estico o pescoço, observando a forma fumegante.

— Eu não sou muito boa com salgados, mas adoraria aprender. O cheiro está maravilhoso!

— Não se preocupem — ela diz, incluindo Claudia na conversa. — Eu ensino vocês. O segredo está no molho.

— Você fez o tal bolo de laranja, Eve? — Claudia pergunta, e eu vou até o aparador, retirando a tampa da boleira e mostrando a elas minha obra-prima.

Fiz o bolo que servi a Pedro lá em Rio Verde e, desta vez, caprichei na cobertura, usando chocolate quente para formar uma crosta. Se está gostoso, eu não sei, mas bonito? Isso não tenha dúvida.

— Está com uma cara deliciosa. Não vejo a hora de experimentar.

A mãe de Gael é uma mulher linda, jovem e muito simpática. Acho uma graça quando o pai dele a chama de *tesoro*, e eu, aliás, reparei que ele usa muitas expressões em italiano nas conversas, mesmo eu achando que de italiano ele tenha somente bisavós.

— Ligou para Pedro? — Babi se aproxima, e eu nego.

— Não quis deixá-lo nervoso — digo, sincera. — Hoje era um dia importante, ele ia fazer *aquele trem* lá nas modelos.

As três caem na gargalhada ao me ouvir.

Mas eu não me sinto muito feliz. Estou muito apreensiva, insegura se fiz a coisa certa, temendo que Pedro possa achar ruim eu ter inventado esta reunião, sem falar com ele.

Babi garante que ele não irá se irritar, mas eu só vou me sentir tranquila quando ele chegar e eu ver em seus olhos que ele não se aborreceu.

Sobressalto ao ouvir o interfone, afinal, não estou esperando mais ninguém. Babi se adianta, e ao ouvir a pessoa do outro lado da linha, autoriza a entrada.

— É Jordie — ela diz, e meu coração dispara.

Eu não convidei essa mulher, o que ela faz aqui? Troco um olhar com Claudia que, assim como eu, não estava esperando que a irmã de Gael aparecesse.

Pedro sempre foi muito político ao falar dela para mim, e espertamente manteve a narrativa muito bem separada. A mulher que partiu

seu coração era uma, a irmã do Gael era outra. Quando falava do amor de sua vida, ela nunca tinha nome. Já a irmã de Gael, amiga de infância, tinha nome e sobrenome: Jordie Prieto.

Quem juntou as duas personalidades para mim, foi Claudia, que não gosta nem um pouco da moça, mesmo sem nunca a ter conhecido. Segundo ela, basta ouvir pela narrativa dos outros para saber que ela é uma “vaca sem coração” e não querer ter nenhum tipo de contato.

Por que me manter de fora, sem contar tudo? Ele ainda gosta dela, aposto.

Fico enjoada quando a porta se abre e ela entra. A mulher é realmente linda. Magra, perfumada, bem maquiada e com um par de olhos lindos, é mesmo o tipo de mulher que desfilaria sem maiores traumas ao lado de Pedro. Simpática, ela cumprimenta a todos, recebendo Bruno em seu colo.

Tenho vontade de chorar. De tocar todo mundo daqui, espatifar a forma de lasanha na parede e me enfiar no banheiro, só saindo de lá amanhã pela manhã. Fico observando seu andar altivo, a elegância com que ela anda, irritada em vê-la tão bem vestida em um par de jeans e tênis.

Fosse eu, ia parecer prestes a uma ida à padaria para comprar pão.

— E você é a Eve — ela diz, se aproximando, sorridente.

Puxo o ar, engulo a vontade de chorar e tento imprimir um sorriso no rosto, confirmando com a cabeça e esticando a mão, que ela ignora.

— Até que enfim conheci você. — Recebo um abraço que me deixa atônita.

— Sabe quem eu sou? — pergunto, e ela ri.

— Claro que sim, Pedro me falou de você.

Falou? Como assim? Falou de mim? Para *ela*?

Queria gritar. Durante dias, eu pensei em como seria esse encontro. Eu seria simpática, inteligente, descolada, antenada. Totalmente despreocupada com meu corpo, estaria bem maquiada e com meu cabelo lindamente cacheado, abraçada a Pedro e parecendo feliz.

Como se tirasse um belo *sarro* da minha cara, a vida nos promove esse encontro quando eu estou descabelada, suada, com roupa velha e cheia de dúvidas.

Mas que inferno!

— Deixa eu te apresentar, esse é meu namorado, Murilo — e, se virando para ele, completa: — Mozão, essa é a namorada do Pepê.

Namorado? Eu fiquei tão mexida ao saber que ela estava aqui, que

mal prestei atenção que ela veio acompanhada. Eu só posso estar idiotizada mesmo, porque o namorado dela não é um sujeito que passe despercebido.

Alto, negro e forte, vestido todo de preto e com um garotinho pequeno nos braços, ele me oferece um sorriso aberto, principalmente ao ouvir Jordie me apresentar como *namorada do Pedro*.

Será que ele tem as mesmas neuras que eu?

— Mozão? — Gael se aproxima, batendo a mão nas costas do rapaz.
— Que tudo, hein? Cheio dos *apelidinhos*...

— Deve ser algo no sangue Prieto — Murilo devolve. — Não é, *neném*?

— Me deixe fora dessa — Babi responde, ao ouvir o apelido que Gael lhe deu.

— E a senhora só pode ser a mãe do Pedro.

Chego a prender a respiração ao ouvir Jordie falando com Claudia, se aproximando, simpática, com um sorriso no rosto. Ainda trocamos um olhar, Claudia e eu, antes de ela aceitar o cumprimento.

— E você, a irmã do Gael.

O tom de voz não é amistoso e, se as outras pessoas no ambiente não perceberam, com certeza Jordie o fez, porque o sorriso vacilou um pouco.

— Eu fico feliz em conhecer a senhora.

— *Hmm...*

Decido então interromper a conversa constrangedora.

— O garotinho ali — aponto para os dois meninos, Bruno e Lincoln, conversando animados no canto da sala — é seu filho?

— Do Murilo — ela responde, e sua mãe se aproxima por trás, passando o braço por seu ombro.

— No final das contas, dá tudo no mesmo.

Fico ouvindo as conversas e brincadeiras, mas sem conseguir me enturmar direito. Papai parece bem à vontade na sala, conversando com Gael e seu pai. Joana e Claudia trocam receitas, animadas; Jordie e Babi conversam com as crianças sob o olhar atento de Murilo e eu só consigo olhar impaciente para o relógio, vendo as horas passarem e nada de Pedro chegar.

Com a garganta seca de ansiedade pego um copo d'água, sorvendo o líquido de uma só vez e o enchendo novamente. No entanto, quase derrubo tudo quando a porta se abre e vejo um Pedro atônito, olhando ao redor.

— Nossa, *bambino*! Que demora!

— Oi, padrinho — ele responde, devolvendo o abraço que o pai de Gael lhe dá.

Aperto o copo em minhas mãos com tanta força que, se fosse um desses cristais, teria partido em minha mão, tamanho nervoso e expectativa estou sentindo esperando sua reação. O vejo percorrer a sala com os olhos, notando cada pessoa presente. Surpreso ao ver sua mãe ali, entre nós, conversando com sua madrinha.

— Demorou, filho. — Joana se aproxima, o abraçando. — Fiz aquela *lasagna* que você ama.

— Jura?

— *Juradinho*. E vou ensinar a receita para sua mãe. — O sorriso se expande, tal qual um garoto recebendo um presente.

— Que bom que estão aqui — ele diz, emocionado.

— A ideia foi da sua garota, ela quem organizou tudo — Babi anuncia, e então ele me olha. De uma forma tão diferente, que parece ter acordado todas as borboletas que estavam paralisadas sob a mesma expectativa que eu.

Decidido, ele atravessa a sala, vindo até onde eu estou, no cantinho da cozinha. Ergue a mão, passando os dedos por meu cabelo, afastando alguns fios soltos que teimosamente caem do coque mal feito que fiz.

Sua expressão fica confusa por um minuto, enquanto me observa, muito sério. Mas em seguida, ela se abrande, e eu pareço ver novamente aquele ar de menino risonho que costumava estar sempre em seu rosto.

— Você não existe, Ratinha — ele diz, baixinho, e eu acaricio seu rosto.

— Preciso te ver sorrindo de novo, Pedro.

Ficamos perdidos nessa troca de olhares por um tempo que parece infinito. Meu coração, disparado no peito, daqui a pouco vai levantar uma bandeira, pedindo ajuda, por tantas sensações diferentes em uma noite apenas.

Quando ele me toma em seus braços, em um abraço apertado, eu poderia ter fechado os olhos. Mas, curiosa, olho ao redor. Ainda insegura em como essas pessoas poderiam estar me recebendo, no final das contas.

Até mesmo Jordie tem um sorriso no rosto, parecendo satisfeita.

Fecho então os olhos, me aconchegando ainda mais nos braços dele. Com a sensação de que, finalmente, eu encontrei meu lugar.



Evangeline

Tento me controlar o máximo que posso para não me derramar em lágrimas, e estragar todo o trabalho de convencimento que fizemos com meu pai, desde que ele teve alta. Claro que ele quer se tratar, óbvio que sabe ser importante, mas sua preocupação comigo não o deixa relaxar.

E ainda existem os efeitos da abstinência, ficando cada vez mais evidentes. Papai parece confuso, desorientado. Os tremores iniciaram há alguns dias, ele suava frio, o coração disparado. Achando que, a qualquer instante, Emanuel apareceria em nossa sala e isso o deixa em verdadeiro pânico.

O jantar de ontem foi excelente para Pedro, mas foi um martírio para seu Ernesto. A cada vez que alguém falava mais alto, ou se levantava andando pela sala, ele estremecia. Até que se trancou no quarto, e só saiu de lá um bom tempo depois, porque Claudia é um anjo e conseguiu acalmá-lo.

Não vou mentir, negando que me sinto mais segura agora que estou com Pedro ao meu lado, me sinto protegida e até esqueço os meus temores e cismas relacionados ao meu irmão, mas meu pai não descansa um minuto sequer.

Aceno para ele, que se afasta com um funcionário da clínica, carregando sua pequena mala por um corredor à nossa frente, até sumir por uma grande porta que dá acesso ao interior do local. Depois de tantos anos sendo nós dois, mesmo ele tendo estado mais fora de órbita que sóbrio a maior parte do tempo, ainda é estranho saber que por dois meses estaremos separados.

Esfrego os braços, parada atrás de Pedro, que cuida dos últimos detalhes e me pego nervosa com mais uma dívida que eu, obviamente, vou precisar de uns vinte anos para pagar.

Olho ao redor, observando um pouco o lugar. O bairro é bem

afastado, longe da barulheira que esta cidade enorme tem. Fiquei um pouco preocupada quando chegamos, por ser longe e eu provavelmente não ser capaz de chegar aqui sozinha, mas segundo indicação do médico, é uma das melhores clínicas da cidade.

Ando pela varanda, inspirando fundo o ar puro. Por ser uma chácara, estamos rodeados de árvores e o clima está fresco, próprio para um passeio. Fiquei muito impressionada com as instalações, depois de conversar com um psicólogo eles decidiram deixar papai, nesse início, em uma acomodação individual. A clínica ainda conta com um grande espaço de lazer, contendo piscina, sala de jogos e quadra de esportes, o que segundo a responsável é excelente para combater a ociosidade que leva à falta do vício.

Estou muito grata por Pedro estar comigo, e poder prover isso ao meu pai.

Estou muito nervosa por ser Pedro a estar provendo isso ao meu pai, e não eu.

Não sei como vou poder retribuir, e isso está me deixando em pânico.

Preciso de um norte em minha vida. Preciso de um trabalho.

Preciso também parar de reclamar.

Respiro um pouco mais fundo, tentando espantar o enjoo que tem sido um pouco mais frequente nos últimos dias. Como se não bastasse tudo, ainda tenho mais essa preocupação. Como, em nome de tudo o que é mais sagrado, eu pude ser tão relapsa?

A chance é grande de acontecer algo do tipo quando um homem e uma mulher quando fazem sexo sem proteção. E apesar de não ter feito nenhum exame ainda, eu estou apavorada. O que será que ele vai pensar?

E se ele achar que eu dei um golpe? *Meu Deus...*

— Vamos, Ratinha? — Sinto sua mão em minha cintura e me viro, sem conseguir disfarçar tudo o que estou sentindo. E ele, claro, percebe. — Para de se preocupar com isso, por favor.

— Ah, Pedro. Isso é tão difícil... — Suspiro, e apoio minha cabeça em seu peito.

— Eu te entendo. Juro que sim. — Sua voz sai tão carinhosa, que quase sinto vergonha de estar reclamando. *Quase.*

— Conversamos sobre isso ontem — relembro. — Eu te falei como me sinto.

Depois que os Prieto foram embora, nos sentamos na sala e fiquei aliviada ao ver Pedro um pouco mais leve, menos preocupado. Ainda

chateado, claro, por conta da confusão que teve no trabalho, porém, como eu previa, sem aquela aura depressiva por estar brigado com todo mundo que ele gosta.

Durante nossa conversa, disse a ele que eu procuraria um emprego. Não vou conseguir ficar o dia inteiro em casa, sem ter nada o que fazer, e ele, a princípio, não gostou. Sua opinião é a de que eu preciso estudar, me qualificar e eu até concordo, mas a minha situação não permite. Seria mais uma obrigação em suas costas, me deixando ainda pior.

— E eu te disse que entendo — ele repete, me envolvendo em um abraço. — Só não precisa surtar, Ratinha, e se precipitar. Você não está mais sozinha.

Me emociono ao ouvir isso, e seguro seu rosto entre as mãos, deixando um beijo suave em seus lábios. A vontade seria beijá-lo com gosto, mas não acho que estamos em local apropriado para tais arroubos.

— Obrigada, Pedro — digo, baixinho, e ele sorri. — Você não tem ideia de como isso é importante para mim.

Por muito tempo eu idealizei ter alguém como ele ao meu lado. Esperei por isso, principalmente quando comparava com o que eu tinha com o idiota do Carlos. Eles são o completo oposto e, na minha cabeça, eu não conseguiria nada melhor do que aquilo, mesmo querendo mais.

Eu queria um romance igual ao de meus pais, mas não me achava capaz de conseguir.

Então Pedro chegou, me tomou de assalto, trazendo consigo tudo o que eu estava esperando. Seu carinho, sua proteção, sua parceria. Todo perfeito, e todo meu.

Tenho um estalo ao me dar conta que esta noite estaremos sozinhos em sua casa e isso me deixa animada e cheia de ideias. Talvez fazer um jantar especial e, quem sabe, planejar uma noite um pouco mais quente sem medo desta vez que meu pai ouça no quarto ao lado.

Enquanto voltamos para casa, eu traço toda uma estratégia que o surpreenda, querendo aproveitar o momento.

Ouç o celular de Pedro apitar, indicando uma nova mensagem, e quando olho vejo o nome de Gael piscando. É inevitável deixar um sorriso escapar, eu tive tanto medo do jantar de ontem não dar certo e agora...

— Eve — Pedro chama minha atenção, interrompendo meus pensamentos —, eu vou te deixar na portaria, mas não vou subir.

— Vai fotografar de novo?

Ele nega, checando algo no celular que ele deixa preso no suporte do painel.

— Gael me chamou, vamos até o fórum para resolver aquela encrenca lá de Rio Verde.

— Algum problema? — Sobressalto, mas Pedro parece tranquilo.

— Ele disse que não. Vamos ver.

Toda vez que Pedro fala desse maldito processo, eu me sinto péssima, meu estômago chega a embrulhar de nervoso. Sem querer demonstrar isso a ele, e vendo que estamos há apenas algumas quadras de casa, tenho uma ideia.

— Pê, me deixa aqui na esquina?

— Aqui? — pergunta, confuso. — Por quê?

— Quero passar ali na vendinha, preciso comprar ovos.

Não sei se pareço convincente, porque ele me olha por um tempo antes de estacionar próximo ao cruzamento.

— Tem certeza? — Balanço a cabeça, confirmando e sorrio.

— Sim, eu sei o caminho. — Aponto para a frente. — Duas quadras adiante, viro à esquerda.

Pedro gasta uns bons minutos olhando do caminho que eu terei que percorrer a mim. Ponderando, analisando. Talvez pensando se seria seguro me deixar andar sozinha por aí, e essa insegurança chega a me irritar um pouco.

Entendo seu lado protetor, mas detesto me sentir controlada.

— Tem dinheiro? — ele pergunta, e eu confirmo com um movimento de cabeça. Evitando dizer alguma coisa e soar implicante.

Sei que só tenho dinheiro para essas extravagâncias porque ele deixou uma quantia comigo, no início da semana, para cobrir as despesas básicas e mesmo essa situação acabando comigo, não posso descontar nele, afinal, ele não está fazendo nada de errado.

Muito pelo contrário, ele sempre faz tudo certinho.

Me viro em sua direção, inclino meu corpo até chegar próxima a ele e deposito um beijo em seus lábios.

— Você vai demorar? — sussurro, minha testa encostada na dele.

— Ao que tudo indica, não. — Sinto sua mão se embrenhar em meus cabelos, e sua boca flutuar próximo ao meu ouvido. — Me espera pelada?

As borboletas que vivem em meu estômago agora nem dormem mais.

— Vou pensar no seu caso.

Desembarco, sorrindo, e atravesso aproveitando o semáforo liberado para pedestres. Ainda olho por cima do ombro, ao atingir o outro lado da avenida, para ver se ele já foi embora, e o encontro me olhando, sorrindo, com os braços apoiados no volante.

Lindo, lindo, lindo.

Eu devo ter achado um pé de boa sorte no meio daquela chuva toda em Rio Verde. Tudo o que aconteceu até aqui devia ser meu azar reclamando que ele tinha que partir.

Entro no pequeno supermercado, analisando o preço das coisas e vendo que aqui nesta cidade é tudo muito mais caro. O preço que eu pago em uma dúzia de ovos aqui eu compraria o dobro de ovos em Rio Verde e, se bobear, ainda sobraria para uma saladinha.

Vou colocando tudo o que eu preciso na cestinha, calculando mentalmente para não passar vexame na hora de pagar, e observando as pessoas que frequentam o local. Por ser um bairro residencial, são poucos comércios e, dessa forma, eu imagino que a maioria ali deve residir nos arredores.

Pessoas bonitas, bem vestidas. Um rapaz está até falando em outro idioma ao celular. É inevitável me comparar com as moças, seus cabelos escovados e maquiagem em dia. E eu até poderia me sentir mal por isso, não tivesse comparado Pedro a essas pessoas também. Apesar de ter dinheiro, ser conhecido e tudo mais, ele nem de longe se assemelha a eles.

Ele nunca me olhou como se eu fosse inferior, e isso me dá uma certa confiança.

Me faz bem.

Pago as compras e saio para a rua, com um sorriso aberto no rosto, sentindo os raios de sol em minha pele e esperança pela primeira vez, em anos.

Meu celular vibra dentro da bolsa e me atrapalho um pouco até conseguir encontrá-lo. Sorrio aberto quando vejo que é Tadeu e atendo, empolgada, já que não falo com ele desde a minha viagem.

— Ei, rapaz! — saúdo, um pouco mais alto que o necessário. — Que saudade *docê*, uai!

— *E aí, Evinha?* — Consigo ouvir um barulho ao fundo, parecendo motor de carro ou algo do tipo. — *Como vão as coisas?*

— Aqui tudo bem, e com você?

— *Bão também. Desculpe não ligar antes, andei meio enrolado aqui*

— ele explica. — *Como está seu pai?*

— Está melhor. Foi internado numa clínica de recuperação hoje — o ouço comemorar, animado — e vai ficar lá alguns dias.

— *Que bom! E o Alemão?*

Conto a ele que nos acertamos, e que estou, a princípio, morando em sua casa. Claro que ele me provoca, brincando que tinha certeza de que isso aconteceria, e nos desejando votos de felicidade.

Um exagero só.

O assunto acaba mudando para Rio Verde, obviamente. Depois que saímos de lá, Tadeu foi embora para Boa Fonte. Ele chegou a voltar à cidade, mas evitou me dar maiores detalhes e eu assumo que devem estar falando muito de mim por lá.

Mas, dane-se!

Não pretendo voltar àquela cidade nunca mais, que gastem a língua falando de mim.

Antes de desligar o telefone, sugiro a meu amigo que venha tentar a sorte na cidade grande. Seria fantástico tê-lo por perto novamente.

De repente, me pego fazendo planos, sempre falamos em termos o nosso próprio negócio, quando eu divagava falando sobre um curso de especialização em confeitaria. Tadeu não é tão bom em doces, mas é fantástico em administração e seria um sonho ter uma parceria com ele.

Choramingo tanto ao telefone que ele se despede prometendo pensar no meu caso.

Paro, animada, em frente à portaria do prédio, notando a guarita vazia. Enquanto espero o porteiro voltar ao seu posto, eu checo a sacola, me certificando de que não esqueci nenhum dos ingredientes, sentindo preguiça só em pensar ter que sair novamente.

— Você ficou a cara dela — ouço alguém dizer em minhas costas e, antes mesmo de me virar, sinto meu corpo inteiro congelar.

Essa voz... eu nunca a esqueceria.

Olho mais uma vez para a guarita, torcendo para ver alguém ali dentro.

Ninguém.

Seguro a grade do portão com força, tanta força que minha palma dói e, inspirando fundo, me viro, encarando o homem atrás de mim.

Emanuel.

Ele mudou muito. O garoto franzino agora é um homem alto e bonito,

bem vestido e barbudo. Com certeza pode ser dono de várias viradas de pescoço por onde passa, desde que não dê às garotas o sorriso gelado e assustador que ele me dá neste momento.

— Como nos achou? — pergunto, em um sussurro.

— Era questão de tempo, não, *anjo*? — Ouço o portão destrancar e o empurro, prestes a correr para dentro do prédio. Emanuel, no entanto, faz um som familiar com a boca, estalando rapidamente a língua, me alertando para não fazer isso. — Temos bastante o que conversar, irmãzinha.

Quando ele se aproxima de mim, eu estremeço. A minha cabeça me dá todos os comandos: “*Corre, Eve! Chute o saco dele! Arranhe a cara dele!*” Já o meu corpo não responde, ficando pateticamente paralisado enquanto ele se aproxima.

Ao parar em minha frente, seus olhos desviam dos meus e ele olha para cima, analisando silenciosamente o prédio. E ele até tenta, mas não consegue disfarçar a raiva que sente.

— O que você quer comigo?

— Conversar. Vamos almoçar juntos. — Nem em sonho eu saio daqui com ele!

— Não posso — digo, em um fio de voz.

— Pode — retruca, e, inclusive, parece deliciado em me ver amedrontada. — Pode e vai, sabe por quê? Porque você sabe do que eu sou capaz.

— Tudo bem, senhorita? — o porteiro pergunta, atrás de mim, e eu me viro para responder, mas minha atenção é, mais uma vez, cooptada por Emanuel.

Vejo quando ele destrava a tela do seu celular e o vira para mim, mostrando uma foto. Confusa, olho do celular para o seu rosto algumas vezes e me inclino, focando a atenção no que ele me mostra.

A foto é de uma casinha bonita de muro baixo, onde consigo ver uma pessoa na janela. Puxo o ar com força quando reconheço a mãe de Pedro.

— Imagino que não sabia que ela mora aqui — ele diz, baixo, e eu balanço a cabeça. — Claudia é o nome dela, não?

— Por favor... — peço, e ele se aproxima ainda mais.

— Diga para o porteiro que está tudo bem.

Esfrego o peito, agoniada, e faço o que ele pede. O homem não parece muito confiante, mas se afasta, nos observando de longe.

— Eu não posso almoçar com você — digo, tentando retomar o

controle da situação e ele semicerra os olhos. — Eu tenho...

— Pouco me importa, irmãzinha — ele interrompe. — Você vai ou então eu vou fazer uma visitinha para a mãe do seu namorado, e depois vou até aquela clínica em Cotia conversar com nosso pai.

Arregalo os olhos, assustada. Ele nos seguiu até a clínica?

Minha respiração fica descompassada, meu pai não pode nem sonhar que Emanuel está por perto.

Preciso pensar rápido. Eu posso correr, ainda posso correr, mas será um paliativo. Ele agora sabe onde estou ficando, sabe onde papai está internado e, *meu Deus*, sabe até onde Claudia mora.

Instintivamente levo minha mão ao meu ventre. O que eu faço?

Será um problema chamar Pedro aqui. Se ele quase matou Carlos, eu sequer posso imaginar o que ele faria se o pegasse nos ameaçando. Não posso acabar com a vida dele, não posso.

Gael! É isso, eu preciso arrumar um jeito de avisar Gael. Ele com certeza saberá o que fazer.

— Eu posso pelo menos colocar essa sacola lá em cima? — pergunto, em um tom mais inocente e vejo aquele sorriso novamente se abrir em seu rosto.

E eu tenho pavor dele quando sorri. Naquela noite infernal ele sorriu o tempo inteiro.

— Pode, sim. Mas deixe o seu celular aqui comigo.

Fico paralisada olhando sua mão esticada, e acabo não tendo outra opção. Estico o aparelho e entro correndo, passando pelo porteiro, que me olha enviesado até estar no elevador, buscando apoio na parede espelhada.

Tenho tanta raiva de mim neste momento, porque nem chorar eu consigo, e olha que estou com muita vontade. Meu corpo parece não querer obedecer a nenhum comando que eu envio.

Deixo as sacolas de qualquer jeito em cima da mesa, assim que entro no apartamento, e corro até o móvel da sala onde fica o telefone. Uma agenda azul de capa dura traz vários telefones e eu passo o dedo pela letra G, procurando o nome de Gael. Três números diferentes, três tentativas, dois números desatualizados e um do escritório onde ele trabalha, mas que não se encontra.

Volto para a agenda, buscando o número da casa dos Prieto. Mais uma vez o telefone chama e ninguém atende.

— Ah, mas que inferno!

Letra B, sem nenhum telefone. Passo as páginas até chegar na letra jota, e o primeiro número tem a palavra escola entre parênteses. Ouvi Jordie falando ontem sobre a escola onde trabalha, só pode ser isso. Disco o número, impaciente, que toca três vezes até uma voz atender do outro lado.

— *Escola de educação infantil São Prieto, aqui é Cecília. Boa tarde.*

— Boa tarde, eu gostaria de falar com a Jordie?

— *Ela não se encontra* — chuto o móvel à minha frente —, *saiu para almoçar com os pais. Gostaria de deixar recado?*

Deixar recado não vai resolver o meu problema, então eu somente agradeço e desligo.

Eu deveria ficar aqui e não ceder de jeito nenhum. Mas me apavoro em pensar que ele pode descontar na Claudia, ou em meu pai, caso eu não desça. Decido, então, enfrentá-lo de uma vez por todas, cansada de me esconder.



Passo o caminho todo apavorada, pensando que ele pode estar me levando a um cativado, ou algo do tipo. O tempo inteiro meu cérebro me xingando, me chamando de burra, ingênua. *Era só ligar um nove zero, Eve, você tem algum tipo de deficiência mental?*

Emanuel também não ajuda. Me acusando, de forma fria e cínica, de sempre tomar o que é dele. De sempre ter que dividir tudo comigo, de estar cansado de mim. Me olhando com tanta raiva, que a lógica seria essa mesma: ele vai me matar.

Quando o carro para em frente ao restaurante, eu solto o ar que vinha prendendo. É realmente um restaurante, em uma rua movimentada. Simples, não muito grande, mas um restaurante.

— *Vamos, Ratinha* — ele diz, com ironia, e eu poderia gritar se a voz saísse.

Até meu apelido ele sabe.

— Quem te contou?

Na verdade, eu sei quem. Só precisava mesmo que ele confirmasse.

Eu devia ter socado aquela vaca.

— Alguém que não se curva ao dinheiro do seu namoradinho. Anda, vamos.

A mesa reservada na pequena cantina fica nos fundos, próxima à

entrada dos funcionários. Daqui eu consigo sentir o aroma que vem da cozinha, de molho de tomate e queijo derretido e, em outra situação, isso me deixaria salivando. Agora só sinto enjojo.

Sento de costas para o salão, no lugar que ele me indica e, sorridente, ele puxa a cadeira para perto de mim.

— Então... — Emanuel apoia seu braço no encosto da minha cadeira, e displicentemente passa os dedos por meu cabelo —... se deu bem, não é, irmãzinha? Está morando bem, com o futuro garantido.

Fecho os olhos, enojada, sentindo seu toque. Não é um carinho de irmão, não é!

— Foi esperta — ele prossegue, falando baixo. — Fico feliz em saber que você não é tão diferente de mim. É ambiciosa e...

— Não me compare a você. — Tento me afastar, mas ele me puxa de volta, cravando os dedos em meu braço.

— Vamos conversar, Eve, e não banque a espertinha. Tenho certeza de que entraremos em um acordo.

Emanuel embrenha a mão por baixo do meu cabelo, segurando meu pescoço e aproxima seu rosto muito perto do meu. Tenho certeza de que qualquer um que olhasse de longe, pensaria que somos um casal, ou alguma coisa parecida.

— Eu não tenho acordo nenhum para fazer contigo, Emanuel, de você eu só quero distância.

— Você vai pegar aquele velho inútil e vai sumir desta cidade, ou eu vou acabar com vocês. — Ele aperta meu pescoço e sinto vontade de gritar. De pegar o vidro de azeite e estourar na cabeça dele. — Tenho certeza de que você se lembra do que eu sou capaz de fazer, mas caso contrário, podemos relembrar.

Eu não posso dizer que não tenho medo dele. Principalmente quando ele passa a citar aquela maldita noite em que ele poderia ter matado meu pai. Mas só de pensar que a minha vida foi uma grandessíssima merda por culpa dele, o medo passa a dividir um espaço grande dentro de mim com outro sentimento: ódio.

E ódio pode ser muito poderoso.

— Nós fugimos a vida inteira de você, Emanuel — digo, com firmeza. — Não vou fugir mais.

— E vai fazer o quê? Me enfrentar?

O sorriso condescendente que ele tem no rosto me irrita sobremaneira.

Chego a estremecer, mas desta vez não de medo. Estico a mão, alcançando meu celular que ele deixou em cima da mesa e rapidamente afasto a cadeira para me levantar.

— O que é isso? — Fecho os olhos com força ao ouvir a voz de Pedro atrás de nós.

Ele não pode arrumar confusão em público, ele não pode. Ele vai se prejudicar.

Me levanto, já preparada para me colocar entre eles, chamá-lo à razão e o impedir de fazer qualquer bobagem. Mas não é para Emanuel que sua raiva parece estar dirigida.

É para mim.



Pedro

Saio do fórum, seguido por Gael, me sentindo aliviado. Assinar aquele papel parece ter tirado um peso gigantesco dos meus ombros.

— Entendeu, não é? — meu amigo pergunta, pela terceira vez, e eu balanço a cabeça, tal qual uma criança levando bronca.

— Sem fazer besteira novamente. Eu entendi, Gael.

O juiz responsável enquadrou meu caso como “lesão corporal leve”. Carlos havia feito tudo direitinho, posando como moribundo para a cidade inteira, sem conseguir trabalhar ou sequer colocar o nariz quebrado fora de casa, mas não contava com a astúcia do meu advogado, que colocou uma pessoa na cola dele. De dia, um pobre trabalhador impedido de trabalhar. À noite, receptador de peças roubadas, sendo ativo no desmanche que mantinha em uma cidade vizinha.

Fiquei surpreso ao saber que Antônio, dono da La Verdense, tinha parte no negócio e, assim como Carlos, acabou se dando muito mal. Só lamento por sua esposa, que parecia ser uma boa mulher.

Eu seria condenado a três meses de detenção, ou algumas cestas básicas, mas no final o processo acabou sendo suspenso. Não ter gasto meu réu-primário foi excelente.

— O que vai fazer agora? — pergunto, e ele checa o relógio.

— Tenho uma reunião com uma pessoa em meia hora.

— Coisa simples? — Ele torce a boca, balançando a cabeça.

— Acho que não. Acusado de assassinato e tenho para mim que não é inocente. — Meu semblante se fecha e movo a cabeça em um alerta.

— Gael...

— Não se preocupe, a única pessoa de procedência duvidosa que eu defendo é você.

Empurro seu ombro e, tal qual um irmão mais velho, Gael bagunça

meu cabelo antes de se despedir. Fico vendo-o se afastar e tenho para mim que nem se eu agradecer duas vezes ao dia por tê-lo em minha vida, não será suficiente.

Sento atrás do volante e checo as horas no celular, sorrindo ao lembrar que terei a tarde inteira livre. Torcendo para que Eve tenha feito o que eu pedi.

Pelada.

Levo a mão até a chave, para dar partida no carro, quando recebo algumas mensagens, de um número desconhecido, e acho estranho.

“Número desconhecido: *Boa tarde, Pedro. Tenho novidades.”*

“Número desconhecido: *Acho que você gostará de saber.”*

“Número desconhecido: *Me encontre no endereço abaixo em meia hora.”*

“Pedro: Quem é você?”

Aguardo por um instante, mas não obtenho resposta.

Quem será?

Busco na lista de contatos o detetive, e disco seu número que chama até cair na caixa-postal. Será que ele trocou de telefone?

A prudência diz para não dar atenção a esse tipo de mensagem, mas a curiosidade bate mais forte e pesquiso o endereço no mapa. É um restaurante pequeno, em um lugar movimentado não muito longe da minha casa.

Coloco o carro em movimento, já ansioso imaginando que seja mesmo Barroso que tenha voltado a São Paulo com notícias de Curitiba. E animado ao ver a minha vida voltando aos eixos.

Apesar de parecer uma completa bagunça, eu gosto de rotina. De ter as minhas coisas ajeitadas, detesto incertezas. Saí do país há um ano porque precisava de uma mudança radical, mas eu sentia falta dos meus amigos, da minha mãe, do meu dia a dia pacato. Me atrapalho todo quando as coisas saem do controle.

Babi sempre disse que sou um velho com mais de um e oitenta e deve ser isso mesmo.

Ainda tenho muito o que fazer para minha vida voltar a girar no eixo novamente, porém, me dou por satisfeito, por enquanto, tendo quem eu amo perto de mim.

Quando estaciono em frente ao restaurante, sinto uma sensação estranha. Quase um aviso, me pedindo para ir embora, esquecer essa mensagem e deixar tudo para lá. Seguro meu celular, batendo com ele na

palma da mão, indeciso enquanto olho através da porta de vidro, tentando enxergar lá dentro se tem alguém conhecido meu.

Eu devia chamar alguém, antes de entrar. Mas quem? Gael tem vários amigos policiais, mas eu mesmo não tenho contato direto com nenhum deles.

Olho ao redor, novamente, me sentindo meio idiota. Estamos em plena luz do dia, em horário comercial, o lugar não é sequer escondido. Se fosse algo ruim, não seria em uma pequena cantina.

Desembarco e atravesso a rua, ainda sentindo aquela estranha sensação. E é aquele velho ditado, que eu acabei de inventar agora: “sempre ouçam a voz do estômago, se ele revirar é porque deu merda.” Ver Paula saindo de um carro estacionado em frente à cantina é como ver uma placa em neon *piscante*, dizendo:

Pedro, seu burro.

— Mais uma coisa que aprendi sobre Pedro Fontana — ela diz, com voz cantada —, ele é curioso.

— Paula, eu tenho uma ordem de restrição contra você.

Posso ver uma sombra passar por seus olhos, ainda que ela tente não demonstrar seu descontentamento com a notícia. Lentamente ela se aproxima, e eu balanço a cabeça.

Não quero nem chegar perto dessa mulher.

— Sinto uma certa pena de como você é iludido, Pedro. — Parada à minha frente, Paula passa o dedo indicador pelo meu peito, em uma clara provocação que eu decido não responder. — É por carência que você se enfia nessas enrascadas?

Franzo a testa, confuso.

— A última enrascada em que me meti por carência foi quando eu conheci uma pessoa que não sabe ouvir não.

— Ao menos, não estou usando você em benefício próprio, inventando uma história triste de vida para aflorar o seu lado protetor.

Ah, era só o que me faltava! Não vou ficar aqui ouvindo esse monte de porcaria.

Sem dizer uma palavra, eu balanço a mão no ar e viro as costas, na intenção de ir para o meu carro.

— O que me diria se visse a sua garota com outro? — a ouço perguntar.

Fico tenso ao ouvir isso. O que essa maluca pretende, agora?

Dou meia volta e a encaro. Ela mantém o mesmo sorriso irritante no

rosto.

— Pare com isso, Paula — peço, em um tom baixo.

— Se soubesse que ela mentiu para você. Que te enganou, se aproveitando dessa sua mania de herói.

— Chega... — peço, mas ela se mantém empolgada, indo a passos lentos até a porta da cantina.

— Uma garota pobre com um pai alcóolatra, fugindo de um irmão abusivo. — Cínica, ela continua interpretando, como se estivesse em uma peça de teatro, levando a mão à boca, fingindo surpresa. — Que roteiro sensacional!

Paula é tão perturbada, que inventa as histórias malucas em sua cabeça e acredita nelas, porque diz isso tudo com uma convicção que, se eu não conhecesse Eve, ia pensar ser verdade.

— Eu vou embora.

— Não acredita no que eu digo, não é? — ela pergunta, mas obviamente não esboça reação alguma. — Olha ali dentro da cantina, então.

Eu não quero olhar. Porque somente o fato de olhar seria dar a ela o benefício da dúvida e não estou disposto.

Mas meu estômago revira, curioso. Ansioso.

Eu não quero olhar. Não quero dar a Paula a vitória de ter ao menos duvidado de Eve.

Mas meu cérebro passa a repetir a frase: *o que faria se visse ela com outro?*

E meu coração dispara, me obrigando a fechar os olhos e inspirar fundo.

Claro que ela não faria isso, Pedro! Estamos, sim, perto de casa, mas não o bastante para ela vir aqui a pé. Além disso, ela tinha pouco dinheiro, não conseguiria vir de táxi aqui.

Eu não quero olhar. Mas me lembro de que ela pediu para ficar na rua, longe de casa, dizendo que compraria alguns mantimentos.

Por que não me deixou levá-la em casa? Por que quis ir sozinha?

Quando abro os olhos novamente, derrotado, vejo Paula sorrindo. Até ela mesma sabe que eu perdi a briga com meu bom senso, e o ciúme venceu.

E então eu olho. Sinto um baque, uma dor no peito que se assemelha a um soco. Sentada num canto, escondida o bastante para não ser vista, Eve está conversando com um homem que afaga seu cabelo e acaricia seu pescoço.

Fecho os olhos novamente, e aperto as mãos em punho, tentando me controlar.

Existe uma explicação! Se apegue a isso, Pedro!

— Deve ser muito chato ser feito de idiota assim, não é?

Perco a paciência de tentar adivinhar essa merda toda, e entro no restaurante, dispensando com um gesto a garçonete que se aproximava. E cada passo mais perto da mesa onde ela está dói como uma facada no peito.

Não pode ser.

Ela não faria isso comigo. Não com ele.

— O que é isso? — pergunto, mais alto do que pretendia.

Sequer olho para Manur, apesar de saber que ele sorri, satisfeito. É nela que está minha atenção, minha decepção e raiva nesse instante.

Evangeline não abre a boca. Chocada por ter sido pega em flagrante, ela ao menos tem a decência de ficar quieta.

Ele é gay, Pedro. Lembre-se do que aconteceu ontem no estúdio.

Esfrego o rosto, confuso, tentando me acalmar e organizar os pensamentos. Tentando não ser impulsivo e não me deixar dominar pela raiva. Busco novamente seu olhar, tentando entender o que ela estaria fazendo aqui.

— Eve... — murmuro seu nome e isso soa quase como um apelo.

— Não tinha dito a ele que nos conhecemos, *Ratinha*?

Ouvi-lo dizendo o apelido que *eu* dei a ela, me deixa insano de ódio. Sinto meu corpo inteiro estremecer e preciso fechar os olhos, buscando um controle que está se esvaindo aos poucos.

— Pedro... — Ela se aproxima, mas eu me afasto, dando um passo atrás. Deixando claro que não quero ela perto.

— De onde você o conhece? — Nesse ponto, ela já está chorando. Abraçando a si mesma, em pé na minha frente, ela só balança a cabeça, negando.

Sinto raiva de mim, também, por ter vontade de pegá-la nos braços e tirá-la daqui.

— Responde, Evangeline — repito, um pouco mais duro. — De onde você conhece esse cara?

Talvez notando que ela não iria dizer, ele então decide fazer o trabalho sujo.

— Nós somos irmãos, viajante.

— O quê? — pergunto, atônito, e ele sorri. — Você é o tal Emanuel?

— Eu avisei que iria te desmascarar — Paula soa vitoriosa atrás de mim.

Confuso, eu olho de um para o outro, tentando buscar alguma semelhança. Fazendo em minha cabeça uma linha do tempo que encaixe esse sujeito no irmão psicopata de quem ela sempre me falou. Ele sempre foi chato, mas bandido?

— Manur — ele diz, exultante, erguendo o dedo indicador. — Emanuel Ramos.

Consigo ver a troca de olhares entre eles. É um alerta? Um aviso? Um pedido?

— Conte a ele, Manur — Paula pede, e o imbecil se levanta, de forma teatral.

— O cara certo no lugar certo. Sempre se achando inteligente e irresistível, não? — Com as mãos para trás, ele anda em pequenos círculos, já chamando a atenção das pessoas. — Eve sempre me ligava, pedindo informações sobre os riquinhos que apareciam na lanchonete. Foi uma surpresa quando ela me mostrou uma foto sua.

— Mentira — ela grita, mas ele não se intimida.

— Confesso que foi prazeroso ajudá-la nisso. Sempre te disse que você se achava esperto sem ser.

Começo a me sentir muito mal ouvindo isso tudo. Confuso, sem saber no que acreditar. Em quem acreditar. De um lado, Paula e Manur que sempre fizeram a minha vida um inferno. Do outro, Evangeline, que não se defende.

A minha cabeça dói absurdamente. Meu peito também. Nem eu sabia que raiva doía tanto.

— Então foi por isso que nunca usou seu nome verdadeiro — pontuo, notando sua expressão vitoriosa no rosto. — Não queria que soubessem que foi preso.

— Fui julgado por um acidente. — Seu olhar ferino para Evangeline a faz estremecer. — E dificilmente eu teria chances, se soubessem.

Eve explode ao ouvir isso. Em um rompante ela grita e parte para cima dele, desferindo socos em seu peito. Manur segura seus braços com força, e eu reajo, no automático.

— Tire as mãos dela — ordeno, puxando sua mão com força.

A centímetros de distância nos encaramos, quase como um duelo. Um desafiando o outro a não ceder, sem se importar com o burburinho ao nosso redor, o segurança do local já se aproximando, pedindo calma ou algo do

tipo.

Paula, atrás de nós, não cala a boca. De forma ininterrupta, ela fica repetindo a cantilena que Eve me enganou, me fez de idiota, fingiu uma situação que não existia, por dinheiro e status. E a cada vez que Eve não rebate, não se defende, as palavras entram mais e mais na minha cabeça, minando minhas forças.

Não pode ser verdade.

Eu deveria ir embora, virar as costas e sair daqui. Sozinho mesmo.

Mas eu não iria conseguir deixá-la para trás, sem ter a certeza de que ela realmente mentiu para mim. Porque se isso tudo for mentira, estarei a deixando nas mãos de um assassino e nunca me perdoaria por isso.

Quando Manur finalmente solta seus braços, eu a puxo pela mão, a posicionando atrás de mim.

— Pegue o seu celular — ordeno, apontando para o aparelho que caiu no chão — e vamos embora daqui.

— Mas, Pedro... — Eu sequer permito que Paula diga alguma coisa. Ergo a mão e seguro seu rosto, com força. Tanta, que sua boca forma um bico. Seus olhos se arregalam de imediato, alertas.

— Eu não quero mais ver a sua cara, Paula. Você diz tanto que é rica, adivinha? — pergunto, irônico. — Eu também sou. E vou acabar com a sua vida, se sonhar chegar perto de mim novamente.

Ela parece notar a seriedade em minha voz, pois pela primeira vez não retruca.

— E você — aponto para Manur —, fique esperto comigo.

O empurro com força, fazendo-o dar um passo atrás. Esperto, ele não revida.

Seguro Eve pelo cotovelo e saio com ela da cantina, atravessando a rua, sem dizer uma palavra ou sequer olhar para os lados até chegar ao meu carro. Quando bato a porta do passageiro, assim que ela entra, eu posso ouvir seu choro sentido.

Irritado, além do suportável, eu fecho a mão e esmurro a lataria do carro uma, quatro, incontáveis vezes até sentir a mão latejar. Tentando com isso diminuir o aperto que sinto no peito e a sensação de ter sido feito de idiota.

Mais uma vez.

— Por que veio se encontrar aqui com ele? — pergunto, assim que entro no carro, os olhos fixos em um ponto à minha frente.

— Ele nos seguiu até a clínica, eu tive medo.

Mal consigo entender o que ela diz, a voz engasgada pelo choro.

Ele seguiu, ou você disse a ele?

Não pense assim, Pedro. Sempre foi compreensivo.

Por isso sempre se fodeu. Sempre te fizeram de idiota.

Minha cabeça está em guerra.

Bufo e recosto no banco, enquanto aperto as mãos no volante.

— Ele te ameaçou?

— Vamos conversar em casa, Pedro. Por favor.

— Por que não podemos conversar aqui? — Me viro para encará-la, e ela murmura, chorosa:

— Por favor.

Não respondo, apenas coloco o carro em movimento. Eu posso sentir o coração batendo em meu ouvido, furioso e desgovernado. Vejo em minha frente tudo o que vivemos até aqui, desde que eu cheguei sem destino, embaixo de chuva, em Rio Verde. Como isso poderia ser uma armação?

Que sentido isso tudo faz?

Evangeline não iria inventar um pai alcoólatra, um ex-namorado abusivo, um patrão imbecil. Eu vi sua casa, estive lá com ela. Fui eu quem falei com o médico do seu pai, isso tudo não pode ser teatro, não pode ser um golpe.

E ela chora tão sentido, que eu só quero pegá-la no colo, e dizer que tudo está bem.

Subimos em silêncio ao chegar em casa e, quando entramos em meu apartamento, eu fecho a porta atrás de mim e fico parado, de braços cruzados. Olhando em volta vejo uma sacola com mantimentos em cima da mesa, que não estava pela manhã.

Me conta, Eve. Por favor...

— Você já o conhecia? — ela pergunta e eu balanço a cabeça, apenas, confirmando.

— Ele te ameaçou? — Agora é a sua vez de confirmar. — Por que não me ligou? Por que decidiu sair daqui acompanhada de um sujeito que, segundo você, é perigoso?

— *Segundo eu?* — Seu rosto se retorce, e ela se aproxima, ofendida. — Você acreditou nele?

— Não sei se você estava lá na hora, mas apenas ele falou. Não ouvi o seu lado da história uma vez sequer.

— Fiz isso por você, Pedro — esbraveja, puxando o ar com força.
— Tive medo de você partir para cima dele, em público dessa vez.

— Por que foi se encontrar sozinha com ele?

— Porque eu sou sozinha!

— AH, CORTA ESSA! — grito, irritado, e dou um soco na porta.
— Não vem com esse papo furado *pra* cima de mim, não.

— Não é papo furado! Não é! — Eve leva as duas mãos à cabeça, puxando os fios para trás. — Ele ficou com meu celular, então eu não tinha o contato de ninguém. Peguei aquela agenda — aponta para o móvel de canto — e tentei ligar para várias pessoas. Gael, os pais dele, Jordie... não consegui falar com ninguém.

— Não lembra meu número de cor?

— Lembro, mas eu não quis te chamar!

— Isso não faz sentido!

Estamos gritando um com o outro, e nada de bom sairá daqui. Eu estou irritado, confuso, com uma dor de cabeça do *caralho* e ela também não está bem. Decido sair, dar uma volta, esfriar a cabeça e voltar mais tarde, quando puder ouvir o que ela tem a dizer. No momento tudo o que ela fala me soa como desculpa esfarrapada e não é justo com nenhum de nós.

Rodo pela cidade, sem destino, ouvindo o celular tocando incessantemente. Não paro para checar quem é, desligo o aparelho e sigo cortando o trânsito, até parar em uma praça que vinha muito quando era mais novo, ver o sol se pôr.

A praça, que fica no alto de uma das ladeiras do bairro, tem um gramado bem aparado, muretas de cimento e árvores espalhadas por toda a sua extensão. Geralmente o lugar fica cheio na parte da tarde, mas a essa hora está bem tranquilo, então eu aproveito para procurar uma árvore e me sento sob a sua sombra.

Tenho que colocar a minha cabeça em ordem. Recosto no caule da árvore e fecho os olhos, sentindo a brisa quente do meio de tarde.

Não é possível tanta merda acontecendo comigo ao mesmo tempo. Eu mal consegui resolver o que já estava na fila.

— Dá um tempo, *caralho*! — esbravejo para o universo.

Volto a repassar tudo o que aconteceu naquela cantina. Paula estava me esperando, isso foi armado por ela.

Certeza.

Ela disse que encontraria Emanuel, será que ela sabia desde o início?

Como eu não notei a semelhança? Meu Deus, como eu sou burro, otário, desatento.

Lembro-me de Paula ter notado a semelhança de primeira, ainda em Rio Verde. “*Você me lembra alguém que eu conheço.*”

Eu não me toquei. Nunca me toquei.

Ela não sabia que nos conhecíamos. Me perguntou isso, e parecia sincera.

Eve mentiria para mim?

Manur a ameaçou. Mas que sentido faz a pessoa seguir com alguém perigoso, se ela estava dentro de casa?

Espera... ela o deixou entrar?

As horas seguem passando e eu não consigo formar um pensamento coerente. Conforme o pôr do sol se aproxima, a praça começa a ficar ainda mais cheia e eu decido ir embora.

Talvez agora o nosso humor colabore para uma conversa decente. Eu gosto demais dela para deixar dois imbecis como aqueles estragarem tudo.

Focado nisso, eu faço o caminho de volta inteiro mentalizando coisas boas e calmas, respirando fundo enquanto vejo a troca de andares no elevador, esperando realmente que tudo se resolva em casa.

O universo, no entanto, não deve estar disposto a colaborar. Consigo ouvir uma discussão, minha mãe fala um pouco mais alto que de costume, esmurrando meu peito palavra após palavra.

— *Tudo isso por causa de dinheiro, Evangeline? Eu vou te falar uma coisa, se você não contar a ele, eu conto.*

Abro a porta em um rompante, deixando todo meu lado zen budista do lado de fora.

— Me contar o que, dona Claudia? — Elas trocam um olhar assustado.

Sentadas no sofá, certamente não esperavam me ver chegando.

— Filho — ela diz, cuidadosa —, vocês dois precisam conversar.

— Com certeza, não é, *anjo*? — ironizo seu apelido, e ela ergue o queixo, me encarando. — Vai me dizer agora que “tudo isso” foi feito por dinheiro?

— Pedro... — mamãe alerta, mas meu filtro ficou do lado de fora.

— Vai ficar muda mais uma vez? — insisto. — Ah, já sei, é para o meu bem. Pode ser honesta, Evangeline. Não se preocupe, não vou tirar seu pai da clínica, o seu esforço não terá sido em vão.

Posso ver quando a cor foge do rosto dela, e imediatamente volta em formato de fogo vivo. Sua face fica tão vermelha, que se fosse um desenho animado, apitaria. Ainda ouço minha mãe chamando meu nome, irritada, mas não desvio meus olhos uma vez sequer. Eve me olha em um misto de raiva e decepção e, neste instante, eu vejo que fiz uma merda enorme.

Acompanho quando ela se levanta e vem até mim, parando à minha frente e, sem pestanejar, acerta um tapa em meu rosto.

— Sabe o que você faz com o seu dinheiro e sua pose de bom moço, Pedro? — ela rosna, e mamãe entra em nosso meio, tentando minimizar o ocorrido.

— Eve... — Estico a mão, para segurá-la, mas ela não permite.

— Eu nunca te pedi nada, Pedro Fontana. Tudo o que você fez, foi porque quis. Bate tanto no peito que não liga para dinheiro, que é diferente do seu pai, mas adivinha? São idênticos.

Mamãe segue falando para ela se acalmar, que ela não pode ficar nervosa e que nós precisamos conversar, mas é inútil.

— Não tenho nada para conversar — ela grita. — Acabou aqui, entendeu? — E abaixando um pouco mais o tom de voz, ela repete: — Acabou.



Evangeline

A sensação que eu tenho é a de que Pedro está esmagando meu coração com suas mãos. O ar chega a me faltar quando ele sugere que eu esteja, realmente, interessada em seu dinheiro.

Tudo o que eu sempre temi sendo jogado na minha cara.

Percebo que ele se arrepende imediatamente, posso notar em seus olhos. Mas Evangeline Ramos não é bagunça, então ele que aguentar as consequências de sua boca grande.

Acabou, eu faço questão de frisar, antes de virar as costas e sair para o meu quarto... não, nada aqui é meu. Chego a sentir meus pés vacilarem uma passada ao entender isso. Nada aqui é meu, nem ele.

Entro no quarto e abro a porta do armário, tirando o pouco que trouxe dos cabides.

— Eve, filha... — Claudia entra correndo, fechando a porta atrás de si, mas não olho para ela. — O que está fazendo?

— O que acha que estou fazendo? — pergunto, de forma retórica, jogando tudo dentro da bolsa que trouxe.

— Mas *pra* aonde você vai?

— Não sei — grito, e respiro fundo em seguida, tentando não surtar.
— Mas aqui eu não fico mais.

— Vocês precisam conversar — ela argumenta, mas não paro o que estou fazendo. — Eve, por favor... ele precisa saber.

— Ele precisa, ele precisa, ele precisa. — Me irrita, socando com mais força a roupa dentro da bolsa. — Neste momento, ele precisa é ir para o inferno — digo alto, torcendo para que ele esteja ouvindo.

— Você sabe do que eu estou falando.

— Sei, e te disse que por enquanto é uma suposição.

— Já parou para pensar que vocês estão fazendo exatamente o que ela

queria?

Aquela dor de novo, no peito, me faz prender o ar. Que mulher demoníaca, aposto que foi ela quem contou meu apelido para o meu irmão. Que gente ruim, do tipo que não mede esforços para ter o que precisa.

Fecho a bolsa e me viro, muito séria. Preciso de um esforço imenso para não chorar ao ver a mulher desesperada à minha frente, lutando para me manter aqui. Quando, na verdade, não teria que ser ela a estar aqui.

E essa é a pior parte.

Não é ele aqui.

— Eu tenho muitos defeitos, Claudia. Ganância não é um deles, mas orgulho, sim.

— Querida — cautelosa, ela se aproxima, me segurando pelos ombros —, não estou dizendo que você não tem razão de ficar chateada. Mas você não pode sair por aí, sem ter onde ficar, com um maluco à solta.

Eu sei de tudo isso. As coisas não são tão simples, mas eu darei um jeito. Qualquer jeito.

— Eu vou ficar bem.

Mentira maior que essa, ao menos neste momento, não existe. Mas eu a engulo como um comprimido para dor, pego minha mala e passo pela porta, deixando uma Claudia atônita, parada, dentro do quarto.

Posso ver pela visão periférica que Pedro está sentado no sofá, mas não lhe dou atenção. Sigo direto para a porta e abro, apenas para senti-la sendo fechada com brusquidão. Olho para cima e vejo a mão de Pedro espalmada, segurando a porta, me impedindo de abri-la.

— Me deixa sair, Pedro.

— Não sem que a gente converse.

Me viro em sua direção e é preciso que eu erga a cabeça para encará-lo, pois ele está muito perto. Seus olhos marejam, porque talvez ele tenha visto a minha determinação. Por mais que eu saiba que estou na merda, sem eira nem beira, eu não tenho um pinga de dúvida que preciso sair desta casa.

— Não vai... — ele pede, e antes que continue falando, eu finalizo:

— Adeus.

Abro a porta e, a passos rápidos, alcanço o elevador. Não olho para trás, posso sentir seus olhos em minhas costas o tempo todo em que a porta de aço fica aberta. E quando a ouço sendo fechada, sou obrigada a segurar na parede, tamanho tremor toma conta do meu corpo.

Eu me sinto retorcida, tendo tudo de bom sendo tirado de mim.

Tento manter a calma. Saio do elevador, pisando firme, e sentindo um aperto no peito ao ver que anoiteceu. Passo a passo eu sigo, cumprimentando o porteiro, tentando me manter firme.

Quando cruzo o portão, e piso na calçada, eu posso sentir o desespero tomando forma. Querendo sair. Olho de um lado a outro, a rua pouco movimentada tem uma ou outra pessoa passando a pé, um carro passando ocasionalmente e nenhum lugar visível que eu possa me sentar.

Sem destino certo, viro à esquerda seguindo em sentido à movimentada avenida localizada duas quadras adiante. Distraída, não noto quando um carro passa por mim e para alguns metros adiante.

Não vejo que o pisca-alerta está acionado.

Tampouco que o vidro se abaixa quando eu passo por ele.

— Oi! Evangeline! — Respiro fundo e me viro, segurando a alça da bolsa com um pouco mais de força ao encarar a mulher vindo em minha direção. — Está tudo bem?

Balanço a cabeça, mordendo o lábio inferior tentando controlar o choro. Jordie se aproxima, confusa ao notar a bolsa em minha mão.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu quero falar, mas não quero chorar aqui no meio da rua. Inspiro fundo uma, duas, três vezes e não me acalmo, meus olhos buscando qualquer ponto que não o rosto da mulher à minha frente.

— Para aonde você vai? — ela pergunta, pela terceira vez, e desta vez não consigo controlar. As lágrimas que estavam na beira, se avolumando, começam a escorrer pelo meu rosto.

— Eu não sei — digo, e ela se aproxima, confusa, me puxando para um abraço.

— O que aquele panaca fez? — Balanço a cabeça e ela parece entender que eu não quero falar sobre isso agora. — Vem aqui, me dá essa bolsa.

Me deixo ser levada até seu carro, onde um garotinho curioso nos olha sentado no banco traseiro. Consigo reconhecê-lo, é o menino que estava com o namorado dela ontem, mas não me recordo seu nome.

— Vou levar você para a minha casa — Jordie diz, assim que senta atrás do volante.

— Eu não quero atrapalhar. — Tento secar as lágrimas, mas acaba sendo uma luta perdida, já que elas não param de cair.

— Não atrapalha, está cheio de espaço lá.

Jordie mora relativamente perto da casa de Pedro e, não demora muito, estamos entrando na garagem de um bonito sobrado amarelo. Ao desligar o motor, ela me olha em silêncio por um instante, penso eu que analisando o clima para uma conversa.

O clima, claro, não existe e ela percebe isso porque desembarca, passando a ajudar o garotinho a soltar o cinto de segurança.

Quando eu desço do carro, o vejo se aproximar. Pequenino, para à minha frente, me olhando, curioso. Espero eu que também não se lembre do meu nome, ou isso seria vergonhoso.

— Papai disse que quando a gente fica triste, um abraço sempre melhora — fala, em tom de sabedoria, e abre os bracinhos, em um claro convite.

O pego nos braços, e ele me enlaça pelo pescoço, apertando com toda a força que consegue. Já ouvi uma vez falarem sobre troca de energia e isso deve realmente existir, porque eu consigo sentir em meu coração o carinho dele, me deixando emocionada.

— Não melhorou? — ele pergunta, ao me ver chorar de novo.

— Melhorou, agora eu estou chorando de alegria — maquio um pouquinho a situação, sorrindo ao ver sua expressão confusa.

— Não pode misturar, tia. Quando está feliz tem que rir.

— Tá bom, não vou misturar mais. — Passo o dedo em sua bochecha, antes de deixar um beijo no local, em forma de agradecimento.

— Vem, vamos entrar — Jordie diz, e eu noto que ela carrega a minha bolsa com ela. Estava tão distraída, que sequer a vi pegá-la.

Entramos por uma porta de vidro direto em um cômodo grande e claro, com alguns sofás espalhados e uma estante grande cobrindo toda uma parede. Vejo sua mãe, dona Joana, parada ao lado do móvel, de braços cruzados e um sorriso que não disfarça sua curiosidade.

— Olá, querida — ela saúda, e me aperta em um abraço que me faz ter vontade de chorar de novo. — Bem-vinda, sintase à vontade.

Espero-a perguntar sobre o Pedro, ou se eu estou bem. Se estou de passagem, ou o que eu faço aqui. Essas coisas que a gente pergunta quando pessoas aleatórias aparecem de surpresa em sua casa.

Mas ela nada pergunta, apenas segura o menino pela mão e segue com ele para a cozinha, me deixando a sós com Jordie.

— Eu esqueci o nome do menino — confesso, baixinho.

— Lincoln — ela responde, me puxando pela mão. — Vem comigo.

Subimos por uma escada até o andar superior, me deparando com um corredor largo com algumas portas. Abrindo a segunda, do lado direito, entramos em um quarto bem arrumadinho e mobiliado, porém, vazio. Jordie coloca a minha bolsa em cima de uma bancada de madeira, que deve ter servido para estudos, pois tem uma estante grande e uma cadeira à sua frente.

Um armário de madeira grande cobre toda a parede oposta e, no centro, uma cama de casal completa o ambiente. É nessa cama que Jordie senta e bate a mão no colchão, me convidando a juntar-me a ela.

— Este quarto foi de Gael — ela explica, ao me ver analisar o lugar. — Hoje serve como quarto de hóspedes. Você pode ficar aqui.

O celular que ela carrega nas mãos passa a tocar, e ela rejeita a chamada mais de uma vez.

— Não quero dar trabalho, Jordie. — Aponto para o aparelho — Pode atender.

— A pessoa que espere. Me conte, por que estava no meio da rua, chorando e com uma bolsa de viagem nas mãos?

— Para que você entenda, eu precisaria te contar do início.

É engraçado notar a sua expressão, ela cruza os braços, como se eu a tivesse desafiado, e recosta na cabeceira da cama.

— Eu tenho a noite toda para ouvir.

Conto então a ela os pontos cruciais de minha história, desde o início. Como fomos parar em Rio Verde. Meu relacionamento com Carlos. O encontro com Pedro e nossa trajetória até aqui, culminando no dia de hoje.

Ela não me interrompe uma vez sequer, reagindo com expressões e grunhidos, segurando a minha mão e me dando tempo para respirar, quando eu perco o controle.

— Por que você não contou tudo a ele de uma vez? — ela pergunta, quando eu digo que Pedro ficou nervoso com meu silêncio no restaurante. — Se você deixar homem tentar adivinhar as coisas, eles só pensarão merda, mesmo.

— Quando ele perdeu a cabeça e partiu para cima do Carlos, em Rio Verde, foi assustador — explico. — Eu podia ver sua luta, nervoso, tentando se controlar. Ele explodiria, e eles venceriam, porque Pedro já responde um processo por agressão.

— Foi por isso que não ligou para ele? — Confirmo.

— Tentei achar Gael, pensei até no seu namorado policial. Mas não consegui falar com ninguém.

— Mas foi bem perigoso ter saído com aquele cara, Eve. Devia ter chamado a polícia. Foi, no mínimo, pouco inteligente.

— Eu fui com ele, porque Emanuel é doido — explico. — Ele sabe onde fica a clínica, descobriu onde a Claudia mora, eu tive medo que ele fosse até ela.

— Pedro sabe disso?

— Não — sussurro. — Acabei não contando isso a ele também.

Jordie parece ponderar tudo o que eu falo. Depois de um tempo em silêncio, com os olhos fixos em um ponto no chão do quarto, ela pega o telefone e, selecionando um contato, aproxima o aparelho dos lábios.

— Moção, quando você chegar, sobe aqui no quarto de hóspedes.

A resposta, também em áudio, chega quase instantânea.

— *Aconteceu alguma coisa?*

— Vamos evitar que aconteça — ela responde, e pisca o olho para mim.

A vejo digitar alguma coisa no telefone, talvez adiantando a ele alguns detalhes da conversa, e só então me lembro de não ter trazido comigo o meu celular. É inevitável soltar uma risada irônica, eu não teria, mesmo, para quem ligar.

— Eve — Jordie me chama, e eu volto à sua direção. — Eu não achei certo o que aquele panaca fez, as coisas que ele te disse, e até ajudo você a chutar a bunda dele, caso precise.

— Mas... — completo.

— Conversa com ele. — Nego, de imediato. — Olha só, o Pedro é meio lerdo. Mas ele não é uma pessoa ruim.

— Eu não disse que era.

— Tem muita coisa explodindo para cima dele. Pedro sempre foi passivo demais, e deve ser complicado para ele fazer essa transição.

— Isso não é desculpa, Jordie.

— Ele falou merda, mas não sabe os seus motivos. Acho justo você contar a ele, esclarecer as coisas, sabe?

— A essa hora ele já deve saber de tudo.

Explico a ela que havia ligado para Claudia assim que ele saiu, nervoso, e que ela foi até lá ficar comigo.

Claro que não digo a ela a parte principal de nossa conversa, o que causou toda a discussão. Parece que estou vendo o sorriso aberto dela na minha frente, emocionada.

— *Atrasada? Quanto tempo?*

— *Quinze dias — respondo. — Não é muito, mas eu sou bem certinha.*

— *Você não toma remédio? — Nego, envergonhada.*

— *Quer dizer, tomo, mas baguncei tudo os dias, deixei de tomar quando papai passou uma noite lá, atrapalhando, bêbado.*

— *Meu Deus... — ela diz, com um sorriso enorme no rosto. — Pedro vai enlouquecer.*

Claro que eu entendi isso da forma errada, meu rosto se retorceu e eu senti um aperto no peito gigantesco. Ela percebeu, porque puxou minha mão, o sorriso morrendo no rosto.

— *Pare de besteira, Evangeline. Pedro morre para ter um filho, é o sonho da vida dele.*

— *Não era a hora — digo, preocupada. Levo a mão ao ventre, culpada também por pensar isso. — É muito cedo, Claudia. Tem noção que, se eu estiver mesmo grávida, arrumei uma barriga de um homem, sem nem conhecer ele direito?*

— *Mas aconteceu, oras!*

— *Se isso aqui não der certo, vou estar sempre presa a ele por um filho. — Sinto o ar me faltar, a costumeira mão invisível me causando aquele desconforto, parecendo apertar meu pescoço. — Ou, pior, nunca vou saber se ele quer ficar comigo por mim ou porque eu fiquei grávida.*

— *Como você fala bobagem. Pedro voltou até Minas por você. Vo-cê — Claudia diz cada sílaba de forma contundente, acompanhada de um tapinha em minha mão para cada uma delas. — Quando ele chegar, conte a ele e vamos fazer um exame.*

Nego, veementemente.

— *Não vou dizer nada agora, Claudia. E, por favor, não quero que conte também. Principalmente depois das merdas que Emanuel disse. Não quero que Pedro pense que eu vou dar-lhe um golpe ou...*

— *Tudo isso por causa de dinheiro, Evangeline? — ela me interrompe, irritada, o tom de voz mais alto. — Vou te falar uma coisa, se você não contar a ele, eu conto.*

Sequer tive tempo de dizer que eu iria contar, só estava insegura e assustada. Mas então a porta se abriu e ele entrou feito um boi bravo, me acusando.

Será que ela contou?

Quero pensar que não, ou ele já estaria batendo aqui na porta e...

— Eve! — Salto na cama ao ouvir a voz rouca do outro lado da porta. Encaro Jordie, que parece despreocupadamente inocente sentada ao meu lado. Bandida!

— Desculpa, mas tem muita coisa envolvida. O relacionamento de vocês, a segurança de vocês. — Ela dá de ombros, sem remorso algum. — Conversem, ao menos. Não precisam terminar na cama, se você não quiser.

— Ah, Jordie... — suplico, não sei bem se um pedido ou uma reclamação. Tudo se misturando dentro de mim, a sensação de estar sozinha, desamparada, precisando de alguém que pensa mal de mim. Querendo correr sem saber para onde. Chateada, magoada. Brava com ele. — Eu não queria falar com ele, hoje não.

— Entende uma coisa... — Essa mulher tem olhos de medusa. Parada à minha frente, segurando minhas mãos, ela me encara e eu fico ali, estática, só ouvindo o que ela diz. — Você não precisa fazer as pazes com ele, se não quiser. Não precisa nem sair daqui deste quarto, ele é teu pelo tempo que precisar.

Nego, teimosamente. Temendo vê-lo e acabar ouvindo de novo aquelas acusações.

— Ele fez merda, você está magoada, eu até ajudo a socar *ele*, se preciso for. Mas ele tem que ouvir tudo o que aconteceu, para entender que ele é uma anta, e para proteger vocês dois, o seu pai e a mãe dele.

— Ele vai atrás do Emanuel, Jordie. Eu tenho medo.

— Não vai. Gael está aqui, Murilo também. Entendo você querer protegê-lo, e eu agradeço por isso, mas o teu medo está te prendendo. Te prendeu por anos, Eve, está na hora de lutar contra isso.

Não consigo mais segurar o choro, que vem com tanta força a ponto de chacoalhar meu corpo inteiro. Me inclino para a frente, tapando os ouvidos, evitando assim escutar Pedro, angustiado, me chamando do lado de fora, querendo entrar.

Meu Deus, por que tudo tem que ser tão difícil? Sempre que algo bom acontece comigo, tem que vir outra situação para arrasar com tudo?

Com quem eu reclamo? Quero devolver esta vida, veio com defeito.

— Só conversa — ela pede de novo, e eu assinto. — Vou estar bem ali, se precisar de mim, me chama, que eu venho correndo.

Não consigo olhar em direção à porta quando ela abre. Mas consigo ouvir as coisas que eles dizem.

— Não faça com que eu me arrependa — ela alerta.

— Eu prometo. Obrigado.

Mantenho a atenção em meu colo, puxando um fio inexistente no vestido que estou usando. Pedro se abaixa à minha frente, em silêncio.

Ficamos assim por um tempo. Quietos, sem nos tocar ou olhar. Uma barreira invisível levantada, aguardando quem será o primeiro a tentar transpô-la e eu, ao menos, sem nenhuma coragem de fazê-lo.

Quando ergo os olhos, perdendo a batalha, encontro seus olhos azuis, curiosos e avermelhados, fixos em mim. Preciso apertar minha mão, que por instinto já está buscando o caminho do seu rosto, para acariciá-lo.

Ele parece tão triste. Mas eu também estou triste, então...

— Eu achei que você não sairia — ele começa, baixinho. — Que ficaria no saguão do prédio, até se acalmar. Quase enlouqueci quando o porteiro me disse que você tinha, mesmo, partido.

Seu cabelo está todo bagunçado, perdendo a guerra para os seus dedos que não cansam de puxá-los. Talvez cansado de ficar agachado, ele se senta no chão, apoiando os cotovelos nas pernas flexionadas.

— Saí atrás de você a pé, mesmo. Fiquei desesperado, Eve, não sabia para que lado correr. Você não tinha para aonde ir, eu pensei tanta merda.

— Jordie me deu carona — explico.

— A madrinha me disse.

— Foi ela quem te ligou? — pergunto, e ele confirma.

— Não queria te ofender. Me desculpa, eu fiquei nervoso demais.

Ele parece sincero. Também parece um Golden Retriever que caiu da mudança, todo amarelo com cara de choro.

— Eu tenho medo do Emanuel, Pedro — digo, tentando ser firme.

— Mas não quis te contar porque também tive medo de você.

— De mim?

— Medo de você perder a cabeça, mais uma vez, e se enrolar.

— Pedro me olha com o cenho franzido, confuso. — Entende que se você se pegasse com ele ali, em público, poderia se complicar?

— Não me importo.

— Mas eu, sim — digo, um pouco mais alto. — Já me sinto culpada por você estar respondendo um processo por nossa causa. A sua mãe disse que tudo o que ele quer é te prejudicar, e isso o faria vencedor nesse joguinho.

Pedro tenta segurar minha mão, mas eu a puxo de volta.

— Você disse que ele te ameaçou. — Confirmo, um pouco confusa. Pensei que Claudia tivesse dito tudo a ele. Será que não disse?

Será que ele está apenas tentando confirmar se é verdade?

— O que ele te disse, Ratinha? — Ouvir esse apelido sendo dito assim, de forma carinhosa, faz meu coração doer. — Me conta, por favor.

Fecho os olhos, respirando fundo, antes de começar.

— Ele tem uma foto da casa de sua mãe. — Ele fica lívido, a cor some totalmente do seu rosto. — Eu tive medo, Pedro. Fui com ele porque pensei que, caso não fosse, ele poderia fazer algo com ela.

— Devia ter ligado para a polícia.

— Pensei nisso depois. Mas, analisando com clareza mais tarde, o que eu alegaria? Você viu como ele é cínico, ia dizer que só veio me fazer uma visita e eu dramática, chamei a polícia.

Ele parece ponderar o que eu disse. Cheguei mesmo a me recriminar por não ter ligado para a polícia, mas eu não tinha nada contra ele, juridicamente falando. Ouvi essa cantilena por anos, para a justiça ele tinha pago sua dívida, já que papai não o denunciou por agressão. Se ele se aproximasse de nós novamente, não poderíamos alegar nada, e por isso papai fugia.

— Vou resolver isso — ele diz, por fim. — Gael está aí embaixo, e Murilo chegou há pouco. Eles vão me ajudar.

— Você precisa tomar cuidado com eles, Pedro. Aquela mulher também não é muito normal.

— Eu vou. — Sem que eu espere, ele segura minha mão e leva até seus lábios, deixando um beijo em minha palma. — Vamos *pra* casa?

Balanço a cabeça, negando, e isso me dói demais.

— Não posso, Pedro. Não agora. — Isso parece causar dor nele também, porque ele aperta a minha mão.

— Ah, Eve... — lamenta baixinho. — Minha mãe vai ficar lá, você não vai precisar ficar sozinha comigo.

— Sabe, Pedro — solto minha mão do seu aperto, mas a tomo novamente, enlaçando nossos dedos, fixando minha atenção nesse encaixe —, quando eu conheci você, o maior medo que eu tinha era essa diferença entre nós.

— Não somos diferentes — ele me interrompe, e é minha vez de apertar sua mão, em um pedido mudo para que se cale.

— Éramos de estados diferentes — digo, sem conseguir encará-lo. —

Classes sociais diferentes. Vivências diferentes. Sempre que eu ouvia você me contando sobre as suas experiências, seus trabalhos, suas viagens, eu pensava se isso um dia poderia nos atrapalhar.

Evito citar Carlos e sua mania de dizer que caras como Pedro procuravam lanchinhos fáceis e era o que eu tinha me tornado. Uma barrinha de cereal que ele experimentava na hora da fome, entre o almoço e o jantar.

— Isso nunca importou para mim, Eve! Você leva mais isso em conta do que eu.

— Porque *eu* estou do lado de cá — digo, finalmente o encarando. Tentando controlar o choro que está na beira, querendo emergir de novo. E estou cansada de chorar. — Sou eu quem tenho que me preocupar com os olhares enviesados de quem pensa que estou me aproveitando. Sou eu quem tenho que mostrar que me encaixo, andando naquele prédio chique onde você vive com meus vestidos simples e minha sandália de dedo.

— Eve, eu gosto de você por quem você é — ele diz, com firmeza, segurando meu rosto entre as mãos. — Sou apaixonado por você, Ratinha, e não ligo para nada disso.

Seguro suas mãos, as afastando.

— Mas na primeira vez que alguém me acusou, você acreditou.

Levanto e vou até a janela. Daqui eu não tenho a vista da rua, mas consigo ver a lua. Está cheia, brilhante, ironicamente seria uma noite linda para um romance.

Pedro continua sentado no mesmo lugar quando me viro em sua direção. Derrotado, posso notar.

— Você já chamou a minha atenção quanto a isso, e sua mãe hoje fez o mesmo, Pedro. Eu sou, sim, muito orgulhosa e tenho noção disso. — Dou um sorriso sem nenhum humor. — E por você, eu já passei por cima do meu orgulho, várias vezes.

— Ratinha, me escuta... — Ele se levanta, vindo até mim, e eu estico os braços, as mãos espalmadas pedindo para que ele pare.

E ele obedece.

— Estou em uma cidade estranha, vivendo de favor, dependendo de você até para um ovo cozido. Isso não é vida, não, Pedro!

— Por favor — ele posiciona as mãos em frente ao corpo, como se estivesse rezando —, me diz o que isso vai mudar, se você vier para casa comigo? Não se ofenda, Ratinha, mas aqui ou lá as coisas não vão mudar, por enquanto.

Entendo seu ponto, claro que sim. E preciso controlar a minha língua, porque o que eu pensei em dizer foi que aqui na casa de Jordie, ao menos, não vou estar pagando minha estadia com a boceta.

— Eu preciso me encontrar, antes de me entregar assim para você — digo, com honestidade. — Não quero ser vista como a mulher exótica bancada pelo namorado. Me dê um tempo, por favor, eu preciso disso.

— Eve... — Uma batida na porta o interrompe, e Jordie aparece, colocando a cabeça para dentro.

— Gael está te chamando, Pedro.

— Agora eu não posso.

— Pode, e vai — ela diz, com autoridade. — A Eve vai ficar aqui conosco, pelo tempo que ela quiser e precisar. Ela, aliás, te disse isso.

— Estava ouvindo atrás da porta? — Pedro se revolta quando ela confirma. — Você não tem limites, Jordie!

— Nunca disse o contrário. — Dá de ombros. — Mas eu prometi à Eve que ficaria ali, caso ela precisasse de mim. Agora vá resolver a sua bagunça e deixe a menina descansar.

Eu pensei que Pedro argumentaria. Estava, inclusive, esperando por isso.

Mas não é isso que ele faz.

Em um rompante, ele se aproxima de mim, me tomando em seus braços num abraço apertado que quase me tira do chão. Sou obrigada a travar uma briga com meu corpo, que imediatamente quer se aconchegar em seu abraço. Ou meus ouvidos, que passam a prestar atenção em seus batimentos cardíacos disparados. Ou meu olfato, que se perde em seu perfume almiscarado. E até mesmo meus olhos, que cansam de segurar as lágrimas e abrem a represa, deixando-as correr livremente.

— Por favor, meu amor — ele sussurra, sua boca colada em meus cabelos —, não me odeie.

“Nem se eu quisesse”, eu diria, mas ele sai, sem olhar para trás, deixando a porta aberta e levando meu coração junto.



Pedro

Preciso me controlar para não bater a porta atrás de mim, ou não esmurrar a parede até que minha mão caia do braço.

Bem feito, bem feito!

Claro que ela não vai mais querer saber de mim. Que garota fica com um paspalho que acredita em dois bandidos e ainda permite que ela entre no elevador, achando que vai ficar no saguão?

No saguão! Logo ela, com aquele gênio terrível, ficaria sentada no saguão esperando o que, Pedro?

Burro, inútil!

Ouvi-la chorar está acabando comigo. Receber seu olhar magoado, decepcionado, me parte ao meio.

Eu a trouxe para cá, prometendo cuidar dela, como eu posso sair daqui e deixá-la para trás? Desamparada, aqui nos Prieto, eu sei que ela não fica, porém, não é a mesma coisa. Não serei eu a cuidar dela.

Pedro Fontana, há trinta e seis anos quebrando promessas.

Paro no meio da escada e encosto na parede, ao ouvir seu choro ficar ainda mais alto. Não consigo entender o que elas falam, somente os murmúrios que saem abafados pelos soluços.

Eu já ouvi, e vi, ela chorar desse jeito e sempre foi por causa de outras pessoas. Desta vez, a culpa é minha e não estou conseguindo lidar com isso.

Ao chegar à sala, o circo está todo armado. Gael, seu pai e Murilo me aguardam, com cara de poucos amigos, e eu pediria ao universo para colaborar, pois não quero brigar com ninguém, mas esse grandessíssimo *filho da puta* resolveu tirar uma com a minha cara então, *foda-se* ele.

Acabou a fase de Pedro hippie, brindando ao dia lindo e passarinhos.

— Vocês precisam me ajudar a acabar com esse cara — digo, sentando no sofá. Os três em pé trocam olhares, mas é Murilo quem decide

seguir a conversa.

— Sabe onde ele mora? — Nego.

— Sei que ele tinha um estúdio em cima de uma lanchonete, eu já tive meu estúdio nesse mesmo lugar.

— Gael estava me falando — Murilo continua — que esse cara te persegue desde sempre?

Confirmo, e passo a contar a eles como conheci Manur, um estudante de fotografia que ficou incomodado por ter perdido um concurso para mim. Relato tudo o que eu me lembro, respondendo a perguntas esporádicas que Murilo faz.

— Você sabe que não sou de investigação, eu sou operacional — ele diz, apontando para Gael —, mas me diga: como um sujeito, ex-presidiário e sem uma boa formação, conseguiu dinheiro e status em uma cidade do tamanho de São Paulo?

— *Contatinhos...* — Gael responde.

— Exatamente. Será nosso ponto de partida, porque, se ele foi doido o bastante para, por causa de dinheiro, colocar fogo na própria mãe, duvido que encontraremos esses *contatinhos* vivos.

Fico em silêncio, tentando puxar pela memória o que eu consigo me lembrar dele. Manur era um moleque franzino, que logo foi adotado por um estilista e era responsável por fotografar toda a sua coleção. Quando o homem morreu, ele já era conhecido no meio da moda e conseguiu manter uma certa rotina de trabalho.

Conto o que consegui lembrar para eles, e Gael anota todas as informações para não se perder. Combinamos em fazer uma reunião no dia seguinte, contando com a presença de Samuca, Rodrigo e o investigador que trabalha no escritório de advocacia.

Os deixo conversando entre eles e paro em frente à escada, os olhos fixos no corredor acima, querendo voltar para lá.

— Dê um tempo a ela, Pepê. — Gael se aproxima, e eu me sinto tão envergonhado que sequer consigo olhar para ele.

— Se ela nunca mais me desculpar, eu não vou poder reclamar, não é?

— Não mesmo — ele diz, em um tom risonho, e me viro de imediato.

— *Tá achando graça do que, porra?* — pergunto, quase gritando.

— Gente burra não reclama, Pedro — ele dá de ombros —, mas você tem uma vantagem: é fofo. Se eu, que sou um ogro, consegui o perdão da

Babi, você está em vantagem.

— Eve não é a Babi — relembro. — Ela mandou eu enfiar meu dinheiro e minha pose de bom moço você bem sabe onde.

— Fadinha sensata — Murilo murmura, rindo, e eu dou minha noite por encerrada.

Sem sequer me despedir, sigo porta afora em direção ao meu carro que estacionei de qualquer jeito assim que cheguei aqui mais cedo.

Foi um alívio saber que Eve estava aqui com Jordie. Um alívio e uma surpresa imensa. Eu estava realmente desesperado, jurava que a encontraria sentada no saguão e, quando fui informado que ela tinha ido embora, entrei em parafuso. Saí correndo pela vizinhança, tentando encontrá-la, imaginando mil cenários em que aquele maluco voltava e a levava embora.

Só consegui sossegar, em partes, quando dona Joana me ligou, avisando que Eve estava lá com elas. Nesse ponto é muito bom que ela tenha essa personalidade intrometida e casamenteira, pois está sempre preparada para ajudar.

Fiz várias ligações para Jordie durante o caminho, e todas elas foram recusadas. Já estava entrando em parafuso quando ela me passou uma mensagem imensa, me pedindo para ir até sua casa e subir, respeitosamente em silêncio, para conversar com Eve.

Tentei cumprir da melhor forma possível, mas não adiantou de bosta nenhuma.

Fecho os olhos, em uma careta, ao lembrar que não avisei minha mãe que Eve está aqui. Ela vai me matar.



— Eu lembro alguma coisa sobre a morte desse homem — Rodrigo comenta, e alcança o celular, digitando algo. — Ele sofreu um AVC, mas se não me falha a memória, tinha alguma coisa a mais.

— Como você se lembra disso, sendo da Federal, Rodrigo? — Samuca senta a seu lado, esticando o pescoço para o celular. — Quem investigou isso não foi a Civil?

— Sim, mas espera aí.

Estamos todos no escritório onde Gael trabalha. Sentados na sala de reunião, cada um de nós ocupa uma cadeira que ladeiam a comprida mesa de

mogno, olhando para a tela do celular que Rodrigo posiciona na ponta, fazendo uma chamada de vídeo.

Quando a pessoa atende do outro lado, é inevitável abrirmos um sorriso imenso, em resposta à sua carranca mal-humorada.

— *Caras, sério mesmo?* — Ele faz questão de erguer o punho, mostrando que está vendo as horas. — *Meio-dia e meia, o que levam vocês a estragar o almoço das pessoas?*

— Aqui ainda são dez horas, Vicente — Gael responde, rabiscando algo num papel.

— *Azar o seu. O que vocês querem?*

— Fora ver a sua cara linda? — Rodrigo, sem um pinga de amor à vida, responde. — Te chamei para perguntar uma coisa. Lembra daquele estilista que morreu há alguns anos?

— *Vai ter que ser um pouco mais específico, cara. Não compartilhamos o mesmo estilo de vestuário.*

— Vai se foder — ele responde, rindo. — Aquele Aldo Fabron.

— *O Clodoaldo!* — Ele ri, achando graça da própria piada. — *Claro que eu lembro, o Bruno ficou responsável pela investigação e, exatamente por isso, não deu em nada.*

— Por que eram vocês a investigar? — Murilo pergunta.

— *O bacana tinha envolvimento com um parlamentar, que desviou uma grana preta do gabinete. O assunto que rolou, na época, era que esse Aldo mantinha um amante novinho, e rolava um surubão entre os três.*

— E onde está esse parlamentar? — pergunto, já ansioso.

— *Morto. Teve um “mal súbito”* — Vicente ergue as mãos, imitando aspas com os dedos — *num hotel, lá em Brasília.*

— Merda! — esbravejo, batendo na mesa e me levanto, andando em círculos pela sala.

— *Ei, ei... o que está acontecendo aí?*

Gael conta a ele, de forma resumida, o nosso interesse no tal estilista.

— *Qual o nome do teu pai mesmo, Pedro?* — Vicente pergunta, e eu estranho.

— Olavo Fontana.

— *Da FontanaLab?* — ele pergunta e faz um bico, impressionado, quando eu confirmo. — *Você não tem amizade com teu pai, não, certo?*

— O que tá pegando, Vince? — Murilo corta, intrigado.

— *Esse estilista era muito amigo da esposa do tal diretor da*

FontanaLab. Ela chegou ser intimada a depor. Só não me recordo o nome dela.

— Silvia. Silvia Fontana — eu digo e me abaixo, apoiando a cabeça na mesa, sentindo uma vertigem. Sinto alguém apertar meu ombro e, ao abrir os olhos, vejo que é Murilo.

— Força aí, cara. — Somente meneio a cabeça, agradecendo.

— De repente, a gente consegue trancar o psicopata e o pedófilo ao mesmo tempo — Gael comenta.

— Mas quem é pedófilo? — Rodrigo comenta, um tanto curioso.

Gael e Murilo se viram para mim, porque obviamente a decisão de expor aquele canalha respingaria em minha mãe.

— Olavo Fontana — confirmo, e Rubens, o detetive que trabalha com Gael, acaba se engasgando com a água que estava bebendo. — Mas, infelizmente, não podemos enjaulá-lo por esse crime, já faz muito tempo.

— *Espertos* — Vicente diz. — *Vamos vasculhar o porão podre do filho da puta.*

— Aproveitando que estamos falando em porão podre — Murilo comenta, batendo uma caneta insistentemente na mesa. — Queria te perguntar algo, Vicente, por conta da sua experiência.

— *Vocês sabem que eu não trabalho mais na polícia, não sabem? Consultoria custa caro.*

— Sabemos que custa caro, por isso vamos até você, que faz de graça.

— *Vá se foder, Gael* — ele resmunga e, virando-se para Murilo novamente, ergue o queixo, sisudo e focado. — *O que foi, Murilão?*

— Você se lembra de alguma operação envolvendo boates?

— *Porra!* — A câmera de Vicente sai um pouco de foco e, quando retorna, ele está em outro lugar. — *Vai me dizer que aqueles merdas da LIB voltaram?*

— Não é isso, não — Murilo interrompe o surto. — É um caso meu.

Vicente sempre fica nervoso quando alguém menciona essa organização, pois foram anos dedicados a exterminar esses caras.

Ouçõ, entre xingamentos de Vicente, Murilo relatar o sequestro de Lincoln e a cobrança que o tal Domingos dos Anjos vem fazendo a ele incessantemente, desde que resgatou o garoto.

— *Aí o bonito é metido com sequestrador e quer usar isso para te chantagear, Murilão?*

— Exatamente isso. — Ele bufa, irritado. — Hoje é quarta-feira,

véspera de show na boate dele e, com certeza, ele vai aparecer lá na minha casa.

— *Bem, foda-se o Domingos. Tenho uma ideia...*

Enquanto eles conversam, eu fico olhando o papel de rascunho à minha frente, onde eu rabisquei várias conexões entre as pessoas citadas aqui hoje. Manur já era um homem feito, apesar de novo. Muito provavelmente ele saiu de Curitiba logo que Eve e seu pai fugiram de lá, e veio a São Paulo, talvez, os procurando por aqui.

Quem o apresentou a quem? Será que ele conhecia meu pai antes desse estilista? Talvez ele estivesse de caso com esse parlamentar e usou o pobre homem como forma de se garantir na carreira.

São muitas perguntas, nenhuma resposta e eu sinto que, a cada dia, a coisa se complica ainda mais.

— *Pedro* — Vicente grita, chamando minha atenção. — *Fica em paz, cara. Eles todos têm cara de idiota, mas são competentes.*

Eu espero que sim.

Evangeline

Abro os olhos, notando que o dia já amanheceu. Consegui dormir já era alta madrugada, depois de virar na cama de um lado a outro e chorar abraçada ao travesseiro, sem conseguir me controlar. Estico os braços acima do corpo, alinhando a coluna quando um perfume de pão de queijo toma conta do quarto inteiro.

Dona Joana deve estar tentando me mimar, fazendo alguma guloseima mineira e...

Tapo a boca ao sentir o enjoo vindo com força, e corro para o banheiro, quase não chegando a tempo. Por sorte, este quarto é uma suíte e não precisei passar minha vergonha no débito, correndo pela casa dos outros à procura de uma privada.

De joelhos no chão, abraço o vaso sanitário como se fosse um velho amigo, aguardando o fim das contrações estomacais. Eu devo ser muito azarada mesmo, olha a minha situação.

Eu preciso arrumar um trabalho.

Alguém emprega gestantes? Até onde eu sei, não.

Eu também preciso fazer um exame de sangue. Porque tenho surtado, sozinha, durante a última semana e sequer sei se tenho realmente motivos para isso.

Menstruação atrasada, seios maiores e enjoos matinais.

O que mais poderia ser, não é mesmo, Evangeline?

— O que está fazendo aí, menina? — Me assusto ao ouvir a voz de dona Joana na porta do quarto.

Agora pronto. Temos mais uma testemunha.

— Acordei enjoada, fiquei sem comer ontem o dia inteiro — invento uma desculpa e, por incrível que pareça, não é mentira.

— Sei. — Ela me analisa, muito séria, e tento quebrar o clima com um sorrisinho sem graça. — Venha, levante daí.

Seguro sua mão e cambaleio um pouco ao ficar em pé. Eu realmente devo estar sentindo falta de comida.

— Me desculpe, além de fazer barulho a noite inteira, ainda fico te dando trabalho pela manhã.

— Não se preocupe, querida. Quer se arrumar e descer, para comer alguma coisa?

Faço uma careta, me lembrando dos pães de queijo, e aviso que irei fazer minha higiene e mudar de roupa.

E pensar em uma desculpa melhor, caso ela comece a fazer perguntas.

Independentemente do que eu pense a respeito disso, quem tem que contar a Pedro que ele talvez será pai sou eu.

Quando chego à cozinha, a casa está vazia e somente dona Joana está no local, andando de um lado a outro. A mesa posta com suco, frutas, leite e pães tem um vaso lindo de lírios no centro.

— Foi Pepê quem mandou — ela diz, apontando para as flores. — O cartão está nelas, eu não li.

— Eu que lute. — Suspiro, e puxo o envelopinho branco, abrindo e tirando de dentro um cartãozinho.

“Oi, Ratinha

Eu li certa vez, acho que numa postagem de uma rede social, que homem só manda flores para uma mulher quando ele faz merda. Eu não sei se é verdade, mas acho que estou na média: duas merdas, dois buquês.

Estou com saudade. Volta pra casa?

Pedro.”

Limpo uma lágrima que escorreu, sorrateira, pelo meu rosto e guardo o cartãozinho dentro do envelope, segurando contra o peito por um instante.

Como eu digo não a ele?

— Eu amo o Alessandro desde o ginásio — Joana diz, se sentando na

cadeira bem ao lado da minha, na ponta. — Foi amor à primeira vista, eu vi aquele rapaz lindo entrando na sala, logo no primeiro dia de aula, e senti tudo. Desde palpitação até tremedeira.

— Vou dizer uma coisa, porque eu respeito, mas não sou cega — me curvo, abaixando o tom de voz —, o marido da senhora é bem bonito.

Ela ri, parecendo uma adolescente falando do *crush*, e eu acho uma gracinha.

— Ele é, sempre foi assim, aonde ele chega toma toda a atenção para si.

— Vocês então começaram a namorar no ginásio?

— Sétima série — ela explica. — Alê tinha acabado de se mudar para o bairro, e era todo bad boy, sabia? Só andava de jeans, camiseta preta e jaqueta de couro, o cabelo meio crescido e um cigarro apagado atrás da orelha, mesmo sem nunca ter tragado, porque ele precisava manter a fama.

— E você devia ser a princesa da escola, linda desse jeito.

Joana se perde nas lembranças, ficando em silêncio por um instante. Um sorriso no rosto e os olhos brilhando são precedidos por um suspiro, e então ela estica a mão por cima da mesa, capturando a minha.

— Eu era a patricinha da escola. Ele, o bad boy. Eu era a riquinha, ele o pobretão. — Engulo a seco, entendendo então o motivo de ela estar me contando sua história. — Tínhamos tudo para dar errado, mas quando estávamos juntos, nada parecia mais certo.

— E são — digo, emocionada, em partes me reconhecendo na narrativa. — Estão juntos até hoje!

— Porque ele lutou por mim, feito um desesperado, depois de ter pisado na bola.

— O que ele fez? — pergunto, e ela ergue os braços, fazendo um coque nos fios lisos.

— Meus pais eram muito... — ela para, olhando para cima, tentando escolher a melhor palavra —... preconceituosos, por assim dizer. Não achavam Alessandro bom o bastante para ficar comigo.

Ela então conta algumas situações muito chatas que teve que passar por conta desse comportamento dos pais, que chegavam a constranger o garoto quando ele aparecia em sua casa. E que, certo dia, Alessandro se cansou de ser saco de pancada e explodiu, xingando todo mundo.

Inclusive, ela.

Joana não quis ver ele pintado de ouro por quase três meses. E ele não

a deixava em paz, arrumando as formas mais estapafúrdias para se desculpar.

Não consigo imaginar uma vida sem que Joana e Alessandro sejam um casal, e olha que acabei de conhecê-los.

— Gael é Alessandro todinho — ela diz. — Romântico, apaixonado, intenso, mas quando faz merda, ah, que vontade de matar.

Essa mulher deve ser uma mãe incrível. Será que minha mãe seria assim também? Leve, simpática, amorosa... Enquanto Joana fala, ela gesticula, pega em minha mão, arruma meu cabelo, me serve chá.

— Mas você perdoou — digo, e ela ri. A mesma risada bandida da filha.

— Perdoei no dia seguinte, mas só fui dizer isso a ele meses depois. E ao invés de brigarmos um com o outro, decidimos brigar com o mundo e mostrar que daríamos certo.

Despretensiosamente, ela estica a mão até alcançar uma das flores. Passa o polegar pelas pétalas, e inclina a cabeça, analisando o arranjo.

— Você e Pedro me lembram Alessandro e eu. — Me sirvo de mais uma xícara de chá, tentando disfarçar.

— Eu sou o bad boy?

— Espero que não seja. — Ela pisca e se levanta, deixando um beijo em minha testa.

Jordie

Estaciono na garagem de casa, exausta, e pelo espelho retrovisor olho para o banco traseiro, vendo que Lincoln ainda está dormindo. Tadinho, hoje é dia de ele desmaiar em minha cama e só acordar amanhã.

Aproveito para observar a mulher ao meu lado, que não disfarça em momento algum a sua antipatia por mim. A sensação que eu tenho é a que mesmo que eu pule em frente a uma bala, ela ainda vai pensar que fiz isso para aparecer.

Cruz credo.

Eu cheguei a ficar aborrecida com Pedro, pensando que ele talvez tenha falado mal de mim para a mulher, mas depois pensei pelo lado dela como mãe. Obviamente ela deve me detestar, afinal de contas, eu infurnizei a vida do filho dela, por anos.

Um dia, talvez, ela veja que eu nem sou tão ruim assim.

— Claudia, você se importa se eu falar com a Eve primeiro?

— Vai tentar convencê-la a ficar aqui?

— Não — respondo, e ela parece surpresa. — Eu também acho que ela ficará melhor na tua casa, com quem ela tem mais intimidade. Só não quero que ela pense que a estamos mandando embora, não é o caso, e se ela quiser ficar aqui, ela vai ficar — alerta, para desgosto de Claudia.

Pedro me ligou mais cedo, pedindo para eu buscar sua mãe e a trazer aqui. Preocupado, ele está ciente que a rotina dos Prieto não é a mais comum, não é raro sairmos todos pela manhã e só voltarmos à noite e, por isso, talvez Eve se sinta sozinha.

Coitada da menina, tentei me colocar no lugar dela ontem à noite, enquanto ela se desmanchava de tanto chorar, e foi desesperador. Estar em uma cidade nova, sem emprego ou dinheiro, na dependência de outras pessoas. Acho que eu surtaria.

Mamãe ainda me ligou, com seu modo de fofoca ativado, contando sobre as suas suspeitas de que ela, talvez, esteja grávida. Será que Pedro sabe?

Não, acho que não. Ele montaria uma barraca de camping aqui no quintal, caso soubesse.

Deixo Lincoln em companhia de minha mãe e subo as escadas com Claudia, notando o silêncio que paira dentro do cômodo. Peço um minuto para conversar e bato na porta, sem me anunciar. Quando Eve autoriza minha entrada, posso vê-la murchar ao perceber que sou eu.

E sequer fico ofendida com isso. Por que aquele panaca não vem buscar a menina?

Não fecho a porta atrás de mim, assim Claudia pode ouvir que eu, realmente, não estou tentando manipular nada aqui.

— Passou bem o dia? — pergunto.

— Sim. Passei dormindo, não existe jeito melhor.

Eu diria que mentira tem perna curta, porque as olheiras evidentes entregam que dormir não é algo que ela tem feito.

— A mãe do Pedro está aqui — digo, com cautela, notando um crescente em sua ansiedade. — Ela veio oferecer a casa dela para você ficar.

Deve ser insuportável essa sensação de não ter escolha, principalmente por ela ser uma mulher independente, que sempre se bancou, cuidou por anos da casa e do pai e agora precisa se ver dependendo de outras pessoas.

— Tudo bem — responde, rápido demais, e seus olhos desviam para um ponto qualquer do lado de fora.

— Olha para mim — peço. — Esse foi um pedido do Pedro, ele não quer que você fique sozinha aqui. Você nos conhece pouco, pode se sentir desconfortável. — Alcanço sua mão e a aperto, em um apoio solidário. — Mas se você quiser ficar aqui, a escolha é sua. Eu fui sincera quando disse que pode ficar pelo tempo que precisar.

— Eu não sei o que fazer, Jordie. Parece que quanto mais eu penso, mais confusa fico.

— Só faça o que quiser, sem ficar pensando nos outros — aconselho. — Nem sempre dá certo, mas você não pode ser altruísta o tempo todo, Eve.

Ela parece ponderar o que eu falo, olhando ao redor. O rosto se contorce por vez ou outra, querendo chorar, mas ela aguenta firme.

— Ainda está tão chateada assim com o Pedro?

— Fiquei magoada, não vou negar. — Como se lembrasse de algo, ela ri e balança a cabeça. — Me lembro de ter dito que, de todas as pessoas no mundo, ele seria o único que não machucaria o meu coração.

Rolo os olhos, impaciente. Ai que irritação.

— Evangeline, sabe qual o mal das pessoas? — pergunto, de forma retórica, porque não a espero sequer pensar para responder. — Pensar que existe perfeição. O Pedro é uma das melhores pessoas que eu conheço, mas não é perfeito. Ele vai errar, vai cometer burradas, porque é isso que as pessoas fazem.

Isso foi algo que sempre me irritou. As pessoas não podem cometer um erro que já vem a patrulha do cancelamento, em fila, apontar o dedo.

Aff, tóxica. Cancela.

Você não pode errar, e se erra não pode mudar de ideia. Não existe evolução. Fica para sempre com a imagem da pessoa que você foi há dez anos.

Ah, não. Comigo, não!

— Ele te magoou, foi uma anta — prossigo, em um tom menos rude. — Mas veio aqui ontem, conversar com você. E mandou a mãe dele hoje, pensando no seu bem-estar. É burro, mas é bonzinho, não merece força por causa disso.

— Eu não sei se é uma boa ideia ficar com a Claudia — ela diz, depois de um tempo —, não com Emanuel por perto. Posso estar levando-a direto para o olho do furacão.

— Murilo me disse que Pedro procurou uma empresa de segurança, provavelmente terá alguém cuidando de vocês.

— Certo. — Olha em volta, para as paredes vazias, percorrendo cada cantinho do cômodo enquanto pensa. — Talvez seja mesmo bom, eu ouvi a sua mãe dizendo que ficou em casa hoje para me fazer companhia e...

— Não interfere — interrompo —, você pode ficar aqui mesmo quando não houver ninguém em casa.

Posso ver as engrenagens de sua cabeça funcionando, de tanto que ela analisa as duas opções. E tenho certeza de que nenhuma delas é satisfatória o bastante, ou já teria escolhido de primeira.

— Eu não sei o que fazer — geme.

— Voltar para a casa do Pedro não é mesmo opção? — Ela nega, de imediato.

— Não é. Não agora.

— Bem... — me jogo na cama, olhando para o teto, pensando que o lugar bem que precisa de uma reforminha —... então escolha entre as opções que você tem. E escolha por você, não pelos outros.

— Você fala muito isso, de escolher por mim.

Eve deita ao meu lado, curiosa para saber o que tanto eu olho para o teto. Se um dia alguém me dissesse que eu estaria no quarto de Gael, trocando confidências com a namorada de Pedro, eu diria que essa pessoa enlouqueceu.

A vida surpreende.

— Eu sempre fui acusada de ser egoísta — digo, alcançando uma das almofadas e a apertando contra o peito. — Porque eu nunca achei errado pensar no que era melhor para mim. Isso me custou algumas perdas, acabei magoando pessoas que não queria, mas eu sempre fiz somente o que eu tive vontade.

— Entre essas pessoas estava o Pedro, não? — ela pergunta, o semblante fechado mostra bem a luta entre o ciúme e a curiosidade.

Viro o corpo, para ficar de frente com ela. Escolhendo com cuidado as palavras, até porque não quero ser responsável por piorar ainda mais o relacionamento deles.

— O Pepê é especial, Eve. — Olho bem dentro dos seus olhos, para que ela não tenha nenhuma dúvida de que eu estou sendo honesta. — O melhor amigo que eu poderia querer ter na vida, e exatamente por eu ter esse jeito egoísta, o mantinha por perto, porque era bom para mim.

Incomodada, ela se mexe no colchão, um tanto quanto impaciente.

— Ouvi que ele gostou de você a vida inteira, mas nunca quis nada

com ele.

— Não é mentira — afirmo, para sua surpresa. As pessoas sempre acham que eu vou florear, tentar jogar a culpa em outra pessoa. Não tenho tempo para arrumar desculpas. — E pensei mesmo que perderia a amizade dele para sempre, quando ele foi embora.

Fico com vontade de rir quando a ouço bufar do meu lado, mas apenas aperto os lábios.

— Ele continua sendo importante para mim, Eve, e acho que as pessoas não entendem a nossa amizade. — Dou uma pausa, esperando ela dizer alguma coisa, mas ela continua em silêncio e eu temo estar indo por um caminho que ela não possa entender. — Tivemos uma conversa ótima quando ele voltou, as coisas já estavam resolvidas na cabeça dele e eu... — sorrio, buscando a parte segura da conversa —... eu já tinha Murilo.

— Não consigo entender — ela ergue as mãos, confusa.

— Entender o quê?

— A minha curiosidade em saber por que Pedro nunca te conquistou desse jeito. — Ela parece indignada e, desta vez, eu não consigo conter a risada. — Não, sério, Jordie, olha para ele? Que mulher não ia querer um namorado daqueles?

— Ele é, sim, perfeito, e eu disse isso a ele. Mas ele sempre quis algo que eu nunca poderia lhe dar.

— O quê?

— Filhos — respondo, direta, e vejo seus olhos se expandirem um pouco. — Ele sempre falou, desde pequeno, que gostaria de ter uma casa lotada de crianças. Não seria justo com ele.

— Vocês poderiam adotar.

Conto a ela que, apesar de saber que Pedro amaria ter filhos adotivos, ele quer o combo completo. Filhos loirinhos, uma esposa barriguda, a correria na hora do parto. Fez mais festa com isso que o próprio Gael quando Melissa nasceu.

— Eu nunca quis ter filhos — digo a ela. — Fiz uma cirurgia, anos atrás, para evitar a gestação e Pedro foi a primeira pessoa para quem eu contei.

Evangeline impulsiona o corpo, se apoiando no cotovelo. Estou quase me acostumando com essas reações intempestivas quando falo a respeito.

— Ele ficou chateado?

— Não — respondo, lembrando o choque com o qual ele recebeu a

notícia, e sua preocupação genuína com minha mãe. — Assim como toda a minha família, Pedro sempre soube da minha posição, mas eles achavam que eu mudaria de ideia.

— Não é mesmo muito comum — pondera, me analisando.

— Acho que é mais comum do que pensamos, elas só não externam o que pensam com medo de serem julgadas.

— Mas você é tão nova! Não tem medo de se arrepender? — Nego, sorrindo.

Já estou acostumada a ouvir os julgamentos e declarações enfáticas.

Você vai se arrepender.

Você vai mudar de ideia.

Eve, ao menos, foi gentil em perguntar se não tenho medo, ao invés de declarar, como fato incontestável, que isso irá acontecer.

— Isso não faz parte de mim. — Dou de ombros. — Antes, quando eu era mais nova, pensava que eu tinha algum problema, sabe? Depois eu compreendi que era apenas parte da minha natureza.

— Mas como você lida com o filho do Murilo? — ela continua, cautelosa. Escolhendo as palavras, eu posso sentir.

— Eu o amo. Não tenho nada contra crianças, desde que venham prontas.

Evangeline tem uma crise de riso que não consigo entender, mas que acaba me contagiando. Rimos tanto que preciso me levantar para tomar fôlego e seria engraçado, caso alguém perguntasse o motivo de tanto riso.

Eu mesma não saberia dizer.

— Vai ficar chateada se eu ficar na casa da Claudia? — ela diz, limpando o rosto depois de, literalmente, chorar de rir.

— Não vou.

— Certo. Vou aceitar a proposta dela, talvez eu consiga algum trabalho por lá.

— Ei! — Tenho um estalo, e me viro, chamando sua atenção. — E se você fosse trabalhar na São Prieto?

— Fazendo o quê? — Ela se senta também, subitamente empolgada.

— Tem uma biblioteca lá, a Babi organizava os títulos, mas a Cecília não dá conta. De repente, você pode fazer isso.

É tudo uma grande mentira, Cecília daria conta tranquilamente, mas se eu posso ajudá-la a ter um pouco de autoestima e independência, por que não?

Quando ela, emocionada, me abraça, eu realmente vejo que a vida surpreende.



Murilo

Meu celular acusa uma mensagem e, ao ler, compreendo que eu deveria receber uma medalha a cada aposta certa que eu faço.

“Domingos: *Vamos acertar a nossa pendência, Murilo? Te espero hoje à noite.”*

Respondo com um *emoji* qualquer, confirmando nosso encontro, e me levanto, olhando ao redor. Repassando os meus dias aqui desde que nos mudamos, Cris e eu, e todos os sonhos que foram incessantemente esmagados conforme os anos se passavam.

Pode ser de um mau agouro inacreditável, mas não consigo conter a sensação de estar me despedindo deste lugar esta manhã. Me pego observando cada cantinho da casa, revivendo memórias, sendo a maioria delas de Lincoln.

O primeiro banho que ele tomou aqui, dado por mim. Apavorado, eu tremi de medo ao segurar aquela coisinha minúscula em uma banheira cheia d’água, apenas para vê-lo sorrir quando foi mergulhado no líquido quentinho.

Sua primeira palavra, “papá”, dita enquanto ele estava sentado sobre a mesa da cozinha. Cris jurava que era comida, mas eu tenho certeza absoluta que foi “papai”.

Seus primeiros passos, no exato dia em que ele completou um ano de idade.

O primeiro dia de aula, em que eu inocentemente pensei que ele choraria e se recusaria a entrar sozinho. O moleque quase nem se lembrou de me dizer “tchau, papai.”

Ou o dia em que eu cheguei aqui, desesperado, pensando ter perdido ele para sempre. Meu coração chega a apertar somente em lembrar aquela sensação desgraçada, toda a angústia e raiva que eu sentia, caído aqui mesmo no chão deste quarto.

É para não me sentir assim nunca mais, que preciso fazer isso. É por ele, sempre por ele.

Fecho a janela do quarto, a trancando por dentro, tendo o cômodo agora iluminado somente pela luz artificial. Minha casa agora parece ainda mais vazia, principalmente nas noites em que o moleque dorme com Jordie.

Ontem não seria assim. Tecnicamente estou de folga hoje e geralmente o trago para casa, mas precisava acertar tudo sobre logo mais. Todos os detalhes, ponto a ponto. Os prós e os contras.

E existem muitos contras.

A ideia de Vicente é boa, porém, muito arriscada e, exatamente por causa disso, estamos com alguns problemas operacionais. Heloísa, responsável pela superintendência da Polícia Federal aqui em São Paulo, é uma baita delegada, muito metódica, mas só entra em ação se souber que estamos com mínima chance de erro.

Para o meu azar, não é o caso de hoje.

Segundo ela, o ideal seria enrolar um pouco mais, mas estou sem tempo. Nunca é boa ideia dever favor a marginais, principalmente quando eles sabem o seu ponto fraco.

E Domingos sabe demais.

Alcanço a gaveta da mesinha de cabeceira, onde guardo minha arma, e ao retirá-la noto um brilho no fundo da gaveta. Sorrio, segurando a correntinha que já deveria ter sido devolvida há um bom tempo.

Êta, Gata Brava.

Essa mulher foi uma surpresa, em vários níveis. Nunca em minha vida imaginaria que um cala a boca bem dado num corredor qualquer nos traria aqui. Agora tenho do meu lado uma garota que, além de me incentivar a ser cada vez melhor, ainda ama meu filho como se fosse dela.

E essa é a parte mais divertida dessa coisa toda, que me faz sorrir feito besta, tal qual estou agora, a cada vez que eu lembro que a patricinha mimada caiu de amores por um policial negro, pobre e lascado, pai solteiro e brucutu.

E vice-versa.

Jordie vai ficar furiosa comigo.

Pensei muito, antes de esconder dela o que pretendia fazer. Não queria preocupá-la, deixá-la nervosa. Saber que ela poderia estar em casa, chorando por minha causa, me desestabilizaria e eu não podia correr esse risco.

Já posso ouvir seus xingos quando souber que estive em uma

operação desse tamanho, servindo de cobaia para um dos maiores traficantes da *quebrada*.

Se eu não morrer hoje, certeza de que ela me mata quando souber.

Levo o cordãozinho aos lábios, deixando um beijo nele e decidido a levá-lo comigo, o coloco no bolso da calça. Prendo a arma no coldre da cintura, tomando o cuidado de mantê-la escondida pela camiseta.

E seja o que Deus quiser.



— Este relógio — Rodrigo me entrega um relógio de pulso muito parecido com o que eu uso — tem uma câmera instalada. Imperceptível, pois é posicionada em um local diferente então, ainda que eles inspecionem, não vão notar.

Os relógios espões geralmente têm a câmera na parte inferior do visor, e deste fica na lateral esquerda, disfarçado de calendário.

— Também colocamos um programa espião em seu celular, preso na câmera. — Vira o celular, mostrando o visor da câmera e, sinceramente, é muito bem feito.

— A Federal tem grana para pagar isso? — pergunto, surpreso, e ele rola os olhos.

— Foca no que importa. O celular precisa ficar com a câmera virada para cima — ele mostra a posição correta colocando o celular sobre a palma de sua mão. — Entregue o aparelho de bom grado, se estiverem em uma sala, o deixando ocasionalmente em cima de uma mesa. Funciona desligado, então não pense duas vezes se te pediram para fazê-lo.

— Mas como vocês vão ver as imagens? — pergunto, confuso. — Não precisaria ter uma posição correta para colocá-lo na mesa?

— Esse programa é para enviar áudio e, desta forma, sabermos a hora de invadir.

— Ah... — aponto para o relógio, já colocado em meu pulso —... esse aqui serve para que, então?

— Imagens de vídeo — Heloísa aparece na sala, respondendo minha pergunta. — Não servem como prova, mas servirão para a sua proteção.

Infelizmente neste país imagens de vídeo acabam não servindo para acusação, se for uma filmagem ilegal, como é o caso.

A delegada é uma mulher simpática e muito séria. Assumiu a delegacia quando Vicente pediu exoneração do cargo, e vem conduzindo tudo com mãos de ferro. Infelizmente ela precisa ser mais dura do que seria necessário, ou esse bando de homem não colabora.

Me atento às suas explicações sobre como proceder, e também aprendo como ligar corretamente os acessórios espões. Os vendo funcionar na tela, fico impressionado com a tecnologia avançada e me pergunto por que todo o aparato policial não tem acesso a esse tipo de facilidade.

— Estamos entendidos aqui? — ela pergunta, e eu confirmo.

— Você sai em meia hora, e nós partiremos quinze minutos depois.

Apenas assinto, ainda sentindo aquele imenso incômodo na boca do estômago. Estou acostumado com esse tipo de ação, mas sempre com a minha equipe, os caras em quem confio e com quem divido meus medos. Ir a campo com uma equipe completamente diferente e sendo, de certa forma, um alvo é aterrorizante.

Saco o celular e abro o aplicativo de conversa, sorrindo ao ver que ela está *on-line*.

“Murilo: Ei, gata brava...”

“Patricinha: *Fala, Moção. Tudo bem?*”

Sempre tenho vontade de rir quando ela me chama de “Moção”. Segundo ela, precisaria de uma forma carinhosa para me chamar em público e não poderia ser “cachorrão.” Respondi, na época, que isso seria facilmente resolvido se ela usasse meu nome de batismo.

“E que graça teria isso?”, foi o que ela respondeu.

“Murilo: Está sim. Estou com saudade de você. Me mande uma *selfie*?”

“Jordie: *Que novidade é essa?*”

“Murilo: Não seja difícil...” — digito, sorrindo.

Não demora muito a foto chega. Toco na tela do celular, para aumentar o tamanho, e perco um tempinho percorrendo cada pequeno detalhe do rosto bonito. Sem maquiagem, o cabelo preso de um jeito bagunçado, a blusa caindo no ombro deixando ver a alça da camiseta por baixo, ela seguramente será sempre a mulher mais linda que eu já vi.

Fecho a imagem, e digito sem sentir um resquício de dúvida.

“Murilo: Eu amo você, patricinha.”

A resposta é imediata. O celular passa a vibrar em minha mão, indicando uma nova chamada.

— Fala, patricinha — atendo, risonho.

— *Onde você está, Murilo?*

— Na delegacia.

— *O que te deu?*

Não poderia dizer a ela que, neste instante, me deu muita coisa. Uma saudade arrasadora de sua cara atrevida. Vontade de atravessar a cidade e me afundar nela. Medo de nunca mais vê-la.

— Não dá para simplesmente aceitar a minha declaração, mulher difícil? — pergunto, deixando-a desconcertada por um minuto. A linha fica muda, e chego a pensar que posso ter perdido a ligação.

— *Amo você também.* — Balanço a cabeça, feliz por ter ouvido.

— *Não tá fazendo merda, não, né, Murilo?*

Gargalho alto. Esse tipo de declaração é bem a cara dela.

— Não, gata brava. Te vejo à noite?

— *Espero você.*



Como se o universo colaborasse negativamente para a operação, choveu na cidade de São Paulo. A cidade entrou em um completo caos: trânsito interminável, semáforos quebrados, pontos alagados. Tudo o que poderia dar errado no trajeto, deu.

O horário marcado para o encontro seria às 20h30. Quase quarenta e cinco minutos depois, estou estacionando em frente à boate de Domingos, já sendo alvo dos olhares de seus seguranças. Reconheço vários deles, policiais na ativa que acabam se enredando por um caminho que não tem volta.

Apanho a arma no porta-luvas e a coloco na cintura, aciono os acessórios os deixando funcionando corretamente antes de desembarcar, e sigo em direção à entrada numa pose aparentemente despreocupada.

— E aí, Murilão! — Zeca, um colega com quem trabalhei antes de entrar para o GOE, se adianta, esticando a mão para me cumprimentar. — Demorou, hein?

— São Paulo e chuva não combinam — desconverso, mesmo sabendo a que tipo de *demora* ele se refere. A demora em aceitar a proposta de Domingos. — O chefe está aí?

— Ansioso, te esperando. Vamos lá?

Concordo e o sigo até um portão lateral, que para alguns mais desavisados pareceria uma casa à parte, sem nenhum vínculo com o estabelecimento. Seguimos por um caminho curto e mal iluminado de pedregulhos, até chegar a uma porta de ferro.

Posiciono meu braço de forma a gravar nossa chegada, observando que eles têm um código de comunicação. Cinco batidas rápidas, duas mais lentas e logo a porta se abre. Não costumo me sentir intimidado por ninguém, mas o sujeito que eles escolheram como segurança é um tanto... grande.

Sair na porrada com ele, se necessário, será complicado. Para dizer o mínimo.

— Reviste ele — Zeca ordena, ao passar pela porta.

Porra.

O grandalhão se aproxima de mim e eu ergo os braços, segurando o celular em uma das mãos. Obviamente durante a inspeção ele encontra a minha arma, ficando com ela.

Desarmado fica mais difícil, mas se fosse fácil não seria trabalho policial, convenhamos.

— Devolvo na saída — avisa, assim que passo por ele, seguindo até onde Zeca nos espera. Aproveito para analisar o local em volta, contando sete homens dispersos, fora os que estão do lado de fora.

A casa onde estamos parece ter sido toda adaptada. O salão em que nos encontramos, iluminado por uma luz fraca, tem alguns estofados espalhados, um bar posicionado em um dos cantos, e todas as largas janelas protegidas por grades. Uma escada à minha esquerda leva ao andar superior, mas não é para ela que Zeca se direciona.

Seguindo por um largo corredor, vejo uma porta dupla que já se encontra aberta, dando acesso ao que seria uma sala de reuniões contendo nada além de uma mesa comprida, cadeiras em volta dela, e alguns armários estilo arquivo preenchendo uma das paredes.

Domingos parece deveras confortável sentado na ponta, em uma cadeira reclinada, com um sorriso enorme no rosto. Nesses anos de polícia, eu aprendi que sujeito de sorriso frouxo não é confiável, e ele tem sempre um desses para oferecer.

Uma olhada rápida em volta e vejo que o único ponto de saída é a porta atrás de mim, já que aqui também as janelas estão protegidas por grades. Todas as complicações que envolveriam uma possível invasão da equipe piscando em minha cabeça feito uma placa em neon.

Se fodeu, Murilo!

— Murilão — Domingos saúda, e eu apenas balanço a cabeça. — Se importa em desligar seu celular?

Inevitavelmente meus lábios esticam em um sorriso de lado, enquanto eu o vejo me analisar. Mantendo a pose despreocupada, desligo o aparelho e o coloco sobre a grande mesa de mogno, erguendo uma sobrancelha em resposta.

— Todo seu. — Sua boca se torce em uma expressão de surpresa.

— Confesso que estou admirado por ter vindo, achei que me daria o cano de novo.

— Não estou feliz por ter vindo — começo meu texto, conforme foi repassado infinitas vezes com a equipe. — Porém você tem uma carta contra mim.

— Filho é sagrado. — Sua mão bate na mesa, de forma teatral. — Fico feliz em tê-la, afinal de contas, todo mundo sabe sua competência.

— Não vou trabalhar para você — digo, com firmeza, e ele pasma, aprumando o corpo e apoiando os cotovelos na mesa. Dizer não a alguém que não sabe ouvi-lo pode ser complicado.

— Veio até aqui me dizer isso? É mais corajoso que eu esperava.

— Sabe como é — sorrio, e encosto na parede ao meu lado —, eu preciso manter a fama que me deram.

Cruzo os braços, deixando o relógio apontado direto para ele. Escolho propositalmente ficar próximo de um armário de aço e uma pequena mesa redonda de madeira, que podem ser utilizados como proteção, caso necessário.

Precisei vir sem colete, não teria como explicar a proteção em uma visita “de cortesia”, e estou odiando cada minuto disso.

— Desembucha, Murilo — ele diz, ríspido, e eu poderia ficar feliz somente por ter desmanchado seu sorriso imbecil. — Qual a jogada?

— Você salvou meu filho, eu te devo uma. Me dê um trabalho, eu faço e fico livre.

Sustento seu olhar, sem deixar transparecer o asco que sinto. Frieza é uma das qualidades indispensáveis nesse trabalho, os emocionados em sua maioria acabam se deixando distrair e isso pode ser fatal.

Domingos me analisa por um tempo. Está acostumado a lidar com gente do mesmo naipe dele, ninguém chega a esse patamar sendo ingênuo. Muito provavelmente deve saber detectar mentira ou nervosismo em seu

interlocutor e, por isso, eu preciso ser muito ator.

Preciso parecer incomodado, afinal, ele já ouviu várias vezes as minhas negativas em vender-me ao seu sistema. Mas não posso demonstrar fraqueza ou ansiedade. Também não posso parecer muito certo de que sairei livre deste encontro, mas isso eu sequer preciso fingir, eu realmente estou ficando preocupado.

— Tenho o trabalho ideal para você, hoje à noite. — Aquiesço, e ele dá um sinal para seu segurança, que chama mais dois capangas. — Preciso enviar um carregamento ao Paraná, e você fará a segurança. Tive algumas baixas importantes ao passar por aquela rota, e acho que vocês três farão um bom trabalho.

Absolutamente ninguém acredita nessa conversinha furada. Soubemos de duas cargas que ele levava até o Sul e foram roubadas em uma das rodovias, não sobrando nem os pneus dos caminhões para contar história.

Os corpos dos capangas até hoje não foram encontrados.

Argumento com ele que viajar hoje é um tanto complicado, pois não avisei a ninguém que o faria. Tento tirar o máximo de informações sobre quantidade de carga e receptadores, tentando ganhar tempo, e me perguntando se a equipe se perdeu no meio do caminho.

— *Chefe* — uma voz soa pelo rádio comunicador, cortando nossa conversa. — *Tem polícia na área!*

— Onde? — ele pergunta, mantendo os olhos fixos em mim.

— *Estouraram o caminhão* — a voz grita e, instantaneamente, armas são empunhadas.

— O que você fez, Murilo? — Domingos pergunta, se erguendo.

O encaro de volta, desafiador, porém, calado. Isso parece o irritar ainda mais, e bufando feito um boi ele pega o meu celular sobre a mesa e o joga na parede, espatifando o aparelho.

Isso está indo pior do que eu imaginei.

A confusão aumenta quando ouvimos estampidos vindos do lado de fora. Com habilidade, aproveito a distração do homem próximo a mim, agradecendo não ser o gigante, e o desarmo. Ainda consigo disparar, acertando seu ombro e salto para o chão virando a pequena mesa redonda, transformando-a em um tipo de escudo.

A sala vira uma profusão de disparos e gritos. Do canto onde estou não tenho uma boa visão da movimentação, me mantenho deitado no chão, com a arma firme em um espaço vago que encontrei entre a mesa e o armário.

Meu foco está em um canto apenas, onde vejo Rodrigo posicionado, mantendo Domingos em sua mira.

Distraído, ele não vê o gigante chegando por trás dele com a arma em punho. Poderia gritar, mas isso vai chamar a atenção dos outros então apenas me arrasto um pouco mais, firmando o cotovelo no chão e aperto o gatilho.

Não me chamam de *Cancelador* à toa. O corpo do meliante desaba, já sem vida e me levanto, finalmente tendo a visão geral do espaço. Alguns corpos espalhados, outros sendo mantidos sob a mira no aguardo de mais viaturas e, até onde consigo analisar, nenhum policial ferido. Ao menos nenhum que trabalhava ao lado da lei.

Tudo parece ter saído perfeitamente bem, porém eu não gosto da sensação que sinto quando baixa a adrenalina. Detestei ser chantageado, ter meu filho usado como moeda de troca, e odeio pensar que esse tipo de situação pode vir a se repetir.

Também detesto o embrulho que sinto cada vez que vejo o corpo de alguém cuja vida eu tirei. Nunca tive a frieza necessária de não me importar, mesmo fazendo o que tem que ser feito, agindo com precisão, destreza e prezando pela segurança das pessoas de bem. Ainda assim, isso me atinge toda santa vez.

Geralmente, na hora da ação, eu foco na operação em si, em meu trabalho, na minha obrigação enquanto policial. Procuro não me envolver, mas essa operação foi diferente. Olhando para os corpos no chão, a sensação de angústia fica ainda pior. Eu conheço todos eles, sem exceção. Trabalhei com alguns, convivi com outros por viver no mesmo bairro. Curiosamente todos têm a mesma cor que a minha.

É inevitável me lembrar de alguns garotos com quem convivi na adolescência, em minha época de colégio. Todos mortos, porque essa vida de bandidagem é curta, antes mesmo de ter tido uma oportunidade na vida. Observo cada um desses corpos com tristeza, pensando que meu destino poderia ter sido o mesmo, não fosse a minha determinação em fazer diferente.

— Deu tudo certo, Murilo. — Heloísa se aproxima, e me surpreendo ao vê-la aqui.

— Pensei que não participaria.

— Também sou mãe — argumenta, os olhos fixos em Domingos, algemado e sendo levado para a viatura. — Odiaria passar pelo que você passou e ainda ter um *filho da puta* tentando te corromper com isso.

— Espero que esteja pronto para se mudar do bairro, Murilo — ainda

o ouço dizer antes da porta bater —, minha gente não curte dedo-duro.

Me irrita como ele sempre se refere aos moradores do nosso bairro como “sua gente”, porém, eu não vou negar que temo ter sido exposto por lá. Policiais geralmente eram jurados e, exatamente por isso, sempre mantive a minha profissão bem escondida, não permitindo que ninguém, além de Jennifer, soubessem o que eu fazia para sobreviver.

Observo a viatura se afastar, ainda sem ter a exata noção se Domingos me ajudou ou atrapalhou.

Jordie

A sensação de que algo muito estranho estava acontecendo me acompanhou durante todo o dia. Não tinha estranhado o fato de Murilo deixar Lincoln comigo bem no dia de sua folga, apesar de não ser um fato comum. Mas então houve aquela ligação...

Apanho o celular novamente, olhando o *status* de Murilo. Ainda *offline*. Passo os olhos pela conversa, algo que fiz hoje mais de cem vezes, se bobear.

“Eu amo você, patricinha.”

Por mais que tenha me tirado o ar ler sua declaração, assim de forma tão inesperada, isso me preocupa. Por que ele pediu uma foto? Por que falou isso por mensagem? Ele teve mil chances de dizer que me ama pessoalmente, não entendo o motivo de escolher fazer isso através de um aplicativo, em seu suposto dia de folga.

Essas dúvidas já seriam o bastante para me deixar nervosa, mas quando Gael e Pedro chegaram aqui, à noite, a coisa piorou. Meu irmão pode ser excelente em mascarar as coisas, mas Pedro é bem transparente e seu nervosismo estava me deixando aflita.

Quando Pedro está brincando com as crianças, ele se torna uma criança grande. Não é raro termos que chamar sua atenção, pedindo para diminuir o barulho enquanto ele gargalha alto ou rola no chão. Não é o caso hoje, e isso ativou um alarme gigante em minha mente.

— Pepê. — Me aproximo, chamando sua atenção. Sentado no chão da sala ele tenta montar com Lincoln um quebra-cabeças enorme, mas sua concentração parece nula. — Está acontecendo alguma coisa?

— Como assim? — pergunta, sem sequer me olhar.

Esquecendo que eu conheço todas as suas manias.

— Eu tenho certeza de que tem algo acontecendo, e vocês estão me

escondendo.

— O que, nós? — Ele sopra o ar, de forma teatral, e balança a cabeça, negando. — Impressão sua.

Ouçõ Gael esbravejar do lado de fora, e rapidamente Pedro se levanta, me deixando para trás. Estava prestes a segui-lo e pedir mais explicações, quando Lincoln me chama, confuso sobre a posição de uma das peças do quebra-cabeça.

Parada, em pé no meio da sala, olho para a varanda onde Pepê se juntou a Gael e papai, e volto a atenção ao garotinho, que me olha com expectativa.

Ganha qualquer coisa de mim com essa carinha.

— Pronto — digo, ajoelhando ao seu lado —, o que você precisa?

— Este aqui está torto, Jordie.

— Me dê. — Apanho a pecinha e mostro a ele como diferenciar uma da outra até encontrar o lugar ideal. — Assim, está vendo? Essa bundinha aqui é mais redonda que a outra.

Sua gargalhada toma conta da sala, ao me ouvir falar sobre a voltinha da peça.

— Este tem a bundinha torta — ele nota, e eu apenas balanço a cabeça, o incentivando a prosseguir. — Olha, Jordie, é o *Woody*^Z!

— Viu só? — Sorrio com sua animação ao montar um bloco inteiro, revelando o rosto do personagem. — Você é muito esperto, mesmo.

— Inteligente — ele diz, erguendo o queixo, orgulhoso.

O puxo com rapidez, fazendo com que ele se deite no tapete e avanço sobre seu pescoço, o enchendo de beijos. Sentindo cócegas ele ri alto e se debate, e eu sequer noto que estamos sendo observados.

— PAPAI! — Lincoln grita, se libertando e corre para o colo do pai, que o recebe em um abraço apertado.

— E aí, campeão? Tudo bem aqui?

— Vem ver, montei a bundinha direito. — O garoto aponta para a mesinha de centro e Murilo, confuso, junta as sobrancelhas, cerrando os olhos ao ver meu ar de inocência.

Não fiz nada, seu polícia.

Sinto meu interior se revirar com seu olhar. Intenso demais, sequer pisca ao ver-me aproximar. Quase ao mesmo tempo em que eu o enlaço pela cintura, ele passa o braço livre por meus ombros, me apertando contra si.

— Oi, patricinha — ele diz, baixinho.

— Oi, Moção — eu respondo, sem conseguir entender o alívio em tê-lo aqui. — Está tudo bem?

— Agora, sim.

Curiosa com a escolha de palavras, mas ciente de que Lincoln está perto e que, talvez, não seja apropriado ele ouvir, deixo para questioná-los depois. Foi uma boa escolha, porque eu poderia cortar a cabeça de todos eles ao saber onde Murilo esteve metido nas últimas horas.

Ele sequer pode voltar para casa esta noite, pois não sabe como anda o clima por lá, não depois de ter armado uma emboscada para que o benfeitor do lugar fosse preso.

Sentados na cozinha, ouvimos Gael nos contar sobre o plano maluco que *sei lá quem* inventou para prender o desgraçado que estava usando Lincoln como moeda de troca.

— Como é que vocês podem armar esse tipo de coisa e não me falar nada? — me enfureço, ficando em pé. Murilo segura meu braço, me impedindo de sair.

— O que ajudaria você saber disso, mana?

Não olho para Gael, para responder. Meus olhos estão em Murilo, que, sentado ao meu lado, parece um tanto quanto perturbado esta noite.

Eu não sei se consigo conviver com isso, com ele se colocando em perigo deliberadamente, com a incerteza de que ele voltará para casa à noite. Com sua teimosia em me deixar de fora das coisas.

— Você não pode se colocar em perigo assim e me deixar de fora — alerta, muito séria, puxando o braço e deixando a cozinha, pisando firme.

Ouçó a cadeira se arrastar, e mamãe pedindo que esperem eu me acalmar para conversar, mas ele me alcança ainda no meio da escada, quando tentava ir para o meu quarto.

— Espera um pouquinho, Jordie.

— Foi por isso, não é? — pergunto, brigando para conter as lágrimas. — Por isso que me pediu uma foto?

Confuso, ele me olha em silêncio, sem entender.

— Não sabia se voltaria para casa, quis se despedir de mim.

Sua expressão muda. De confuso, ele agora parece pesaroso. Seu maxilar trava, impedindo-o de dizer qualquer coisa, mas sequer é necessário. Irritada, eu fecho a mão e solto um soco em seu peito.

— Não é justo, sabia? — Bato novamente, acuada contra a parede.

Murilo estica o braço, apoiando a mão ao lado da minha cabeça,

enquanto eu estupidamente tento descontar nesses socos tudo o que estou sentindo.

Frustração. Raiva. Medo.

— Eu não podia te contar — ele diz, em tom baixo. Quase envergonhado.

— Por quê?

— Porque se você me pedisse para não fazer nada, eu não faria. — Fecho os olhos, ao sentir seus dedos capturando uma mecha do meu cabelo. — E seria bem capaz de você pedir, preocupada com meu bem-estar, mas Domingos precisava ser parado.

— E se você não voltasse mais, Murilo? — Bato novamente nele. — Você me faz te amar e apronta uma dessas? E Lincoln, se acontece algo com você, com quem ele ficaria? — Mais um tapa. — Tirariam ele de mim!

Eu queria gritar, dizer a ele o quão injusto era aquilo tudo. Eu estava bem tranquila sem gostar de ninguém, só vivendo a minha vidinha e então ele chega, todo gostoso e mandão, me conquista para depois colocar sua vida em perigo?

O que eu faço se ele me faltar, agora que eu já aprendi a ser amada?

Amada. Sinto um baque no peito ao lembrar a forma como ele disse que me amava. Será que ele foi sincero, ou estava com peso na consciência por ter me escondido isso?

— Foi só por isso que disse aquilo? — pergunto, mordendo o lábio com força, e Murilo junta as sobrancelhas, tentando entender. — Só disse que me amava porque estava com medo de morrer?

— Claro que não.

— Nunca tinha dito isso antes, e de repente...

— E de repente eu quis dizer — ele me interrompe, segurando minha mão, impedindo outro soco de atingir seu peito. — E para mim, foi importante ouvir, também. Me deu força.

Carinhoso, ele beija a ponta do meu nariz, e o vejo pegar alguma coisa em seu bolso.

— Você estava lá comigo, o tempo todo — ele diz, baixinho. — No “eu te amo” que você me disse. Na foto que me mandou. — Quando ele ergue a mão, segura uma pulseira que há muito tempo não via e nem sabia que estava com ele. — E nisso aqui.

Com delicadeza, ele abre a minha mão, colocando a correntinha na palma e a fecha de novo.

— Isso acabou indo parar em minha casa e, hoje, quis levar comigo. Era uma forma de ter sua companhia.

Acabo perdendo a luta, deixando os braços caírem ao longo do corpo, quando não consigo mais conter o choro. Murilo me abraça, apertado, segurando minha cabeça por trás, enquanto eu me derramo em seu peito.

— Eu amo você, Jordie — ele diz, erguendo meu rosto. — Te prometo que serei o melhor namorado, só não chora mais.

— É só não me fazer chorar — respondo, bem adulta, e ele sorri.

Me aconchego em seu abraço novamente, mas minha cabeça não para. Preciso arrumar uma alternativa para ele, que não custe a sua vida ou a minha sanidade.

Só não sei o quê.



Pedro

Sinto um arrepio ao pisar aqui novamente. Parando na porta, eu congelo, vendo a movimentação dentro do imóvel, segurando uma pequena caixa nos braços, mas sem coragem de entrar.

Não que eu tenha medo de assombração, nada disso, mas essas pessoas não poderiam encontrar um outro lugar para morar, mesmo que provisoriamente? Fixo meu olhar no exato ponto onde aquele desgraçado caiu, com uma bala no meio da testa, e não me vejo vivendo aqui, sabendo que sempre que olhar para aquele ponto da sala, eu vou visualizar um defunto deitado ali.

Essas coisas sobrenaturais são sempre incontrolláveis, vai que o espírito volta, puto porque ele morreu e eu não?

— O que foi, Pepê? — Gael segura meu ombro, preocupado. — Está pálido.

— Não quero entrar aí, não.

— Ué, não quer... — Seu olhar questionador transita de mim até a sala, quando a compreensão parece atingi-lo. — Ah! Está se lembrando daquele dia.

— Tem certeza de que contou ao Murilo que o apartamento aqui não é virgem?

— O apartamento não é o quê? — Ouço a voz de Murilo atrás de nós, dizendo a frase de forma lenta, como se tentasse compreender ao mesmo tempo que pronuncia a frase.

— Nem eu entendi — Gael diz, deixando a caixa que ele trazia do lado de dentro e voltando, para pegar a que eu segurava. — Deve estar se lembrando do tiro que ele levou.

Balanço a cabeça, negando.

— Morreu um cara aí dentro, Murilo — eu digo, em tom baixo, como

se fosse um segredo que ninguém pudesse ouvir.

— E eu agradeço se não ficar repetindo isso, principalmente perto do Lincoln. Ele ainda está tendo acompanhamento psicológico, desde o sequestro.

— E como está indo? — pergunto, interessado.

— Ele está bem, mas sabe como é. — Murilo dá de ombros, e um sorriso aparece em seu rosto. — Jordie achou importante e me fez entender que ele poderia guardar traumas, o melhor seria acompanhar isso desde o início.

Murilo entra no apartamento, despreocupado, e abre a janela da sala, deixando entrar uma lufada de vento.

— Entra logo, Pedro. — Gael empurra meu ombro, mas eu firmo os pés no chão, não querendo passar da soleira.

— Não, obrigado. Tem mais alguma coisa na caminhonete para subir?

Murilo não voltou para a sua casa desde que ocorreu a prisão do tal traficante, há duas semanas. Ele ficou hospedado na casa de Jordie, ocupando o quarto que foi de Gael, enquanto procurava algum imóvel aqui por perto, até que Babi lhe ofereceu este apartamento. Estava vazio desde que tudo aconteceu e ela, sendo muito esperta e inteligente, nunca mais voltou aqui.

Tirando todo o histórico envolvendo Dimitrius, o lugar é excelente. Pequeno, porém, arejado e bem localizado, fica no mesmo bairro em que vivem Jordie e Gael, e muito próximo à São Prieto. Depois de mobiliado, até acho que vai ficar bonitinho.

Desde que, claro, eu não precise passar da porta.

— Já trouxemos tudo da primeira vez — Murilo avisa.

— Jordie já veio aqui?

— Não veio, não. — Noto a voz engrossar e rolo os olhos. Ele não vai superar nunca essa merda? — Por quê?

— Por nada, Murilo — respondo, entediado. — Só acho que ela vai adorar comprar móveis para cá.

— Isso é verdade. — Gael ri. — Ela deixa minha mãe louca.

— São iguais. — Acho graça quando Murilo resmunga, porque ele tem razão.

— Já que tudo está certo por aqui, vou embora. Preciso resolver algumas coisas em casa.

— Conseguiu contratar a empresa de segurança para a sua mãe? — Murilo pergunta e eu confirmo, desanimado.

— Sim, mas não gostei muito, não. Minha mãe não é fácil, como sabem.

Com a ida de Evangeline para a casa de dona Claudia, eu passei uma semana à procura de uma empresa que garantisse a segurança das duas. O problema é que, além de ela ser um tanto cabeça dura, a maioria das empresas busca trabalhar com grandes empresários ou corporações.

Uma simples dona de casa da periferia não dá status.

As empresas sempre desistiam ao saber que teriam que ficar de olho sem entrar na casa. A última aceitou, mas algo me incomoda nos profissionais.

— Tem que ficar de olho nisso aí — Murilo alerta. — Me passa depois os dados da empresa, vou dar uma checada *pra* você.

— Jura mesmo que você não vai entrar? — Gael pergunta, e eu balanço a cabeça, ciente que lhe dei munição para anos de piadas.

— Vejo vocês à noite. — Viro as costas, mas me lembro de algo e volto de imediato. — Me diz uma coisa, como anda a investigação?

— Promissora — Gael responde. — Rodrigo levantou um B.O. enorme, que talvez sirva para reabrir o caso da morte do estilista. Só falta algo que nos leve à... — Ele interrompe, me olhando, com pesar.

Todos evitam falar mal de Olavo Fontana, como se isso fosse me deixar mal. O que me deixa mal, na verdade, é vê-lo impune.



A primeira coisa que faço, ao chegar em casa, é ligar o aparelho de som. Voltei à minha rotina de muito barulho para evitar silêncio, porque ficar aqui sozinho se tornou insuportável. Parece que para todo canto que eu olho vejo Evangeline, e isso acaba comigo.

Duas semanas já sem falar com ela, desde que ela me pediu o tal tempo para pensar. Sinto falta de tudo nela. De sua cara emburrada, dos vestidinhos floridos, da gargalhada alta, de como ela franze o nariz quando sorri ou seu cabelo perfumado e macio.

Mas que merda.

Me jogo no sofá, os olhos fixos na cortina que balança conforme a brisa da tarde entra. Uma música da Legião Urbana começa a tocar na *playlist* que eu selecionei e passo a cantar alto, me reconhecendo em cada refrão.

“Tenho andado distraído, impaciente e indeciso. E ainda estou confuso só que agora é diferente. Sou tão tranquilo e tão contente.

*Quantas chances desperdicei quando o que eu mais queria era provar pra todo mundo que eu não precisava provar nada pra ninguém.”*⁸

Acabo em mais uma sessão de autojulgamento, uma das muitas que eu tenho feito nos últimos dias. Que diabos eu fiz com a minha vida?

Os papéis que a imobiliária me enviou para analisar a locação de um estúdio estão jogados em cima da mesinha, há um bom tempo. As recebi antes mesmo de voltar a Rio Verde e não consegui ainda dar atenção a isso.

Preciso tomar um rumo, ando em suspenso desde que saí daqui para fotografar em Itatiaia e isso não é normal, mas quem diz que consigo fazer alguma coisa?

Me irrita um pouco ao dar conta de que antes eu era um fotógrafo falido, mas ao menos era um fotógrafo. Hoje em dia nem disso eu posso me chamar, já que a única vez que trabalhei mesmo foi quando precisei me livrar de um processo.

Vergonhoso.

Reclamo tanto de Olavo Fontana e o que eu estou fazendo? Sobrevivendo do seu dinheiro, morando num apartamento que ele comprou, como o bom bunda mole que sempre fui.

Alcanço os papéis, disposto a dar continuidade a isso, ainda ouvindo a música que parece estar falando comigo.

“Me disseram que você estava chorando. E foi então que eu percebi como lhe quero tanto.”

Estou com tanta saudade.

Eu não ando normal.

Será que eu já fui normal? Acho que não.

O toque da campainha chama minha atenção e estranho, imaginando quem possa ser o visitante que passou direto pela portaria. Há muito tempo deixei uma lista de nomes com acesso liberado, mas nela consta apenas Jordie e Gael. Nem mesmo Babi, que viveu aqui comigo por uns dias, eu me lembrei de inserir na tal lista.

Comedido, olho primeiro através do olho mágico e em uma lista de pessoas inimagináveis que poderiam estar agora em minha porta, essa ainda seria a última opção.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, assim que abro a porta.

— Oi, filho.

Silvia Fontana está bem diferente do que me lembro. Acostumada a só sair de casa com cabelo e maquiagem impecáveis, é surpreendente vê-la de cara limpa e um rabo de cavalo simplório, vestindo jeans e uma camisa simples de botão.

Sua presença em minha porta já seria motivo o bastante para me irritar, mas é o sorriso no rosto, ainda que pareça simpático, e a doçura na voz que me desestabilizam.

— Eu perguntei o que você quer — repito, sem convidá-la a entrar. Talvez ela não esperava o meu tom, sempre fui muito contido com eles.

— Queria falar com você.

— Não tenho nada para falar com você, Silvia.

— Filho... — ela diz, esticando o braço para me alcançar.

Viro as costas, cortando o contato visual. Meu coração está tão disparado no peito, que a sensação que eu tenho é que ele vai explodir.

Não quero perder a paciência, mas não aguento esse cinismo.

— Não me chame assim — digo, pausadamente. — Eu não sou seu filho, esqueceu?

— Você tem o direito de estar bravo. Eu errei muito com você.

— Ah, claro. — Bufo, irônico. — O que você veio fazer aqui?

— Estou fazendo um tratamento — ela murmura —, passei os últimos trinta dias internada em uma clínica.

Me surpreendo com a informação e sinto um incômodo, uma certa culpa por não saber desse detalhe. Logo deixo esse sentimento de lado, por que me culparia? Silvia nunca se importou comigo.

Permaneço de costas, em silêncio, enquanto a ouço balbuciar algumas palavras. Talvez insegura com a minha recusa em olhar para ela, já que eu sempre fui trouxa e aceitei qualquer migalha que ela me oferecia.

— A psicóloga da clínica, que me acompanha, disse que seria bom para o meu tratamento se eu procurasse você. Seria bom nos perdoarmos.

Nos perdoarmos? Que merda eu fiz para ter que pedir perdão a ela? Essa mulher é louca?

Sinto meu corpo inteiro tremer, e apoio as mãos no aparador à minha frente, sem saber direito como agir.

Vai embora daqui, por favor. Vai embora. Eu não quero perder o controle.

— Olha para mim, Pedro.

Abro os olhos e observo nosso reflexo em um bonito vaso escuro que trouxe de uma das muitas viagens que fiz no decorrer dos anos. Sem pensar, bato a mão com força sobre o objeto, o fazendo atravessar a sala, explodindo a parede de vidro que separa a sala do meu escritório.

— Vá embora, some daqui! — Me viro, encarando sua expressão estupefata.

— Filho...

— Pare de me chamar assim! — Me aproximo, puxando o ar, com força. — Eu não quero ouvir o que você tem a me dizer. Aguardei isso por anos, Silvia, o seu carro já passou e você perdeu a carona.

Aperto os olhos, tentando me controlar. São muitos anos de decepção borbulhando dentro de mim, e tenho noção de que, se eu explodir, vou acabar fazendo merda.

— Sempre há tempo, querido.

— Você é muito cínica — digo, depois de uma longa gargalhada. — Você nunca me amou, nunca foi minha mãe. Se não fossem os Prieto, eu não saberia o que era ter carinho.

— Eu sei. Por isso eu queria conversar.

Sua insistência deixa a situação ainda pior. Por que, depois de anos, essa mulher apareceria aqui, com essa pose de boazinha? Então tenho um estalo, e me aproximo, inclinando a cabeça, analisando-a.

— Qual o acordo que você fez agora com Olavo? — pergunto, a vendo arregalar os olhos. *Que cretina!* — Eu sei de tudo, Silvia, e ele sabe que eu sei.

— Sabe? O que você sabe?

— Que se casou por um acordo comercial, mas não conseguiria cumprir a cláusula principal, que não só deu a ideia de usar a filha da empregada, como colocou em prática. — Ergo os dedos, numerando todos os seus feitos. Sem dar-lhe a chance de retrucar, sem querer ouvir suas desculpas. — Me tratou feito um nada por anos, para vir agora querer falar de perdão? *Foda-se o seu perdão.*

— Eu posso explicar isso tudo, Pedro.

— Você teve mais de trinta anos para isso — digo, encarando sua expressão atônita. — Agora eu não quero mais saber. Vá embora.

Notando que ela não iria se mexer, a pego pelo cotovelo e saio arrastando até ela estar de volta ao corredor, fechando a porta, com vigor. Esfrego o peito, sem me reconhecer frente a tanta raiva.

Ando convivendo tanto com Gael, que já estou agindo feito ele.
O que ela quer de mim? Por que ela veio aqui?
Depois de anos em silêncio, qual a jogada?
Chega. Cansei de ser trouxa.



Estaciono o carro logo atrás do sedan preto da equipe de segurança. Esfrego o rosto, indeciso sobre descer ou não. Da última vez que apareci aqui sem avisar, minha mãe me pediu para respeitar o tempo pedido e não aparecer até ser chamado.

Mas hoje não estou suportando a distância.

Curvo meu corpo, apoiando a cabeça nos braços. Seguro o volante com tanta força, que os nós dos dedos estão esbranquiçados e puxo o ar de volta para os pulmões, criando coragem de sair daqui e bater na porta dela.

Ergo novamente o rosto, olhando para a casa, e encontro o par de olhos cor de chocolate me olhando ao longe. Parada na varanda, de braços cruzados, usando um dos seus vestidinhos, ela parece suspirar.

Impaciente, quem sabe. Procurando dentro de si o melhor palavrão de seu vocabulário para me expulsar daqui.

Lentamente ela desce, vencendo os poucos degraus, e abre o portão. Um sorriso tímido aparece, se tornando o convite que eu precisava para sair do carro com rapidez e a alcançar após dois passos largos.

— Oi, Grandão. — Ouço, antes de puxá-la para um abraço apertado.

— Que saudade de você.

Evangeline ergue os braços, me enlaçando pelo pescoço, seus dedos brincando com os meus cabelos, enquanto eu apenas me deixo afundar em seu pescoço. Sentindo, depois de semanas, meu coração finalmente bater em seu ritmo normal.

Evangeline

Fui atraída para a varanda como se sentisse sua presença. Estava sentada no sofá, lendo um livro, quando me senti compelida a abrir a porta e sair, meu corpo inteiro passando por um reboição ao vê-lo dentro do carro.

Pedro esteve aqui há uns cinco dias e eu, covarde, não tive coragem sequer de sair do quarto. Claudia vem sendo uma amiga incrível, ainda que me dê uma bronca diária por estar fugindo e arrumando desculpas para não

assumir que eu realmente não tenho motivos para mantê-lo afastado.

Ele demorou um pouco para erguer o rosto, e ao me ver aqui, parada, pude sentir sua indecisão. Talvez ele pensou que eu o mandaria embora, ou algo do tipo, mas ele parece estar tão triste que eu simplesmente não consegui. Somente desci as escadas e, abrindo o portão, deixei claro que as portas estavam abertas para ele.

Quando ele me abraçou, eu me senti voltando para casa depois de uma longa viagem. Eu sentia falta de tudo nele: seu calor, seu perfume, seu sorriso. Sua voz rouca, seu jeito de moleque, sua pele arrepiando ao meu toque.

— Você está bem? — pergunto, quando a força do seu abraço não diminui.

Ele balança a cabeça, negando. Respirando fundo, o rosto afundado em meu pescoço.

— O que aconteceu, Pedro? — insisto, correndo os dedos por seus cabelos, mas ele não responde. — Vamos entrar, vem.

Lentamente ele se move, deslizando sua testa por meu pescoço, subindo até estar com ela encostada na minha. Chego a me sentir fraca com a intensidade de seu olhar, cravado nos meus.

— Como você está? — ele pergunta, baixinho.

— Estou bem. — Ergo a mão, novamente, acariciando seu rosto. — Estava com saudade. Vamos entrar?

Claudia nos observa da porta, com um sorriso no rosto que morre quando ela nota que Pedro está abalado.

— Filho, o que foi? Por que está com essa cara?

— Silvia foi me procurar — ele responde, parado em frente à estante. Os olhos fixos em uma foto linda, dele adolescente.

— Silvia? — Claudia estranha. — O que ela queria?

— Pedir perdão, buscar perdão. Sei lá, não quis ouvir.

Claudia me olha e eu aponto para o corredor, em um questionamento mudo. Se ela precisasse de privacidade, eu daria, mas neste momento eu só quero mesmo ouvir essa história toda. Felizmente ela apenas nega.

— Não conversaram? — Pedro ri, e senta ao meu lado no sofá. Estico minha mão, com a palma virada para cima, sorrindo quando ele aceita o convite e entrelaça seus dedos nos meus.

— Eu não tenho nada a dizer para essa mulher, não além do que eu disse.

Ele desabafa, contando a discussão que teve com aquela mulher. Assim como ele, eu estranho o fato de ela aparecer agora, querendo se explicar. Depois de tanto tempo, por que se passar por boazinha?

Aí tem coisa.

— Eu não tiro sua razão em ficar indignado, filho, mas eu acho que você foi grosseiro além do ponto com ela.

Arregalo os olhos ao ouvir Claudia defendendo a outra mulher. Pedro também parece não entender nada, porque inclina o corpo para frente, fixando os olhos na mãe, um tanto confuso.

— Como assim? — ele pergunta. Já eu prefiro me manter em silêncio.

— Estou falando das coisas que você me contou agora. — Claudia se aproxima, sentando-se na poltrona ao nosso lado. — Quebrar um vaso, jogá-la para fora do apartamento?

— O que queria que eu fizesse?

— A princípio, aprendesse que gritar com uma mulher não é apropriado — ela diz, apontando para mim, e sinto minha bochecha queimar de imediato. Pedro também acusa o golpe, pois abaixa a cabeça ao mesmo tempo que aperta minha mão. — Não foi essa a educação que eu te dei.

Seria engraçado, caso eu não estivesse tão envolvida aqui, observar essa conversa de fora. Uma mulher pequena e simpática como Claudia dando *um sabão* num filho desse tamanho e ele, envergonhado, sem mal conseguir erguer os olhos para encará-la.

— Também deveria tê-la ouvido, Pedro. Não se nega ouvir alguém disposto a pedir desculpas.

— Ah, não, dona Claudia. — Pedro se levanta, irritado. — Que conversa é essa, agora? Já esqueceu tudo o que essa mulher fez?

— Não esqueci um segundo, e o fato de ouvi-la não quer dizer que seja obrigado a perdoar.

— Acho muito engraçado, logo você — ele frisa, apontando o dedo para a mãe —, que sempre detestou Jordie por coisas que ouviu dos outros, vir me dar essa lição de moral agora.

— Exatamente por isso que estou te chamando a atenção. Hoje eu sei quão injusta eu fui com a menina.

— Jordie nem deveria estar nesse debate — aponto, olhando de um para o outro. — Não tem nada a ver comparar as duas.

Continuo sentindo um ciúme um tanto irracional dela, mas não vou deixar uma comparação esdrúxula dessas tomar forma. Desde quando Jordie

é vilã para ser comparada com a outra mulher?

— Eu não estou comparando Jordie e Silvia, Ratinha — Pedro responde, e quase esqueço o motivo da discussão ao ouvir o apelido. — Estou mostrando para dona Claudia como ela é incoerente.

Eles ainda discutem por um tempo, mas Pedro se mantém irredutível em ouvir o que a outra mulher tem a dizer. E quem pode culpá-lo, afinal?

No entanto, o episódio serviu para que eu admirasse Claudia ainda mais. Ela poderia ser dessas pessoas rancorosas e aproveitar para alimentar a raiva que Pedro estava sentindo. Mas, pelo contrário, ela o chamou à razão, tentando manter sua revolta em um nível aceitável.

Cansada de ouvir a teimosia de ambos sobre o mesmo assunto, decido ir para a cozinha, procurar algo para fazer. Deixei uma fornada de pão descansando, pronta para ser assada, e passo a cuidar disso. Ligo o forno, adequando-o à melhor temperatura, posicionando a fôrma bem no centro para evitar que o pão asse desigual.

Já acostumada com a casa, vasculho os armários, separando pó e açúcar para passar um café fresco, quando sinto meu corpo sendo prensado por trás.

— Podemos conversar? — Pedro diz ao pé do meu ouvido, causando um reboleio interno em mim.

Olho para baixo, vendo suas mãos apoiadas no balcão, uma de cada lado do meu corpo, e me viro, ficando de frente para ele.

— Não quer um café primeiro?

— Agora não.

Duas palavrinhas, simples. Mas que parecem causar uma bagunça dentro de mim. A voz rouca e baixinha faz minha pulsação acelerar, e sinto aquela sensação no estômago como se uma festa estivesse acontecendo ali dentro.

Assinto e, o puxando pela mão, vou até o quarto que Claudia havia separado para mim. Simples e sem muito luxo, ainda assim, o cômodo é confortável com uma grande cama de casal no centro, um armário de duas portas em uma parede, e uma poltrona de leitura na outra, próxima à janela.

— Eu já dormi neste quarto — ele diz, risonho, olhando ao redor.

— Sua mãe me disse.

— Ainda está com raiva de mim? — Pedro parece uma criança crescida, querendo colo depois de aprontar alguma travessura.

— Nunca tive raiva de você. — Uma das sobancelhas se ergue,

questionadora. — Quer dizer, não durou mais que um dia.

— Por que me castigou esse tempo todo, então?

Porque eu sou burra, idiota e insegura, eu queria dizer.

— Não faça drama, só passaram alguns dias. — Solto um grito quando ele desce as mãos pelo meu quadril, me erguendo no colo, até eu estar com as pernas enlaçadas em sua cintura. — Pedro!

Dou um olhar por cima do ombro, notando a porta entreaberta, mas ele pouco se importa, sentando-se na cama e me levando junto com ele.

— Me perdoa por aquele dia. — Seus olhos percorrem meu rosto, buscando qualquer tipo de negativa que eu me recusaria a dar neste instante. — Eu não sou assim, juro *pra* você, mas ando um tanto desalinhado.

— Eu também ando um pouco mais afetada que o normal — digo, sem citar o descontrole hormonal. — Estou muito acostumada a ter o mínimo controle sobre as coisas, Pedro, e não soube lidar com isso, com essa nova realidade.

— Jordie me disse que te ofereceu emprego.

— Ofereceu, sim. Eu aceitei, só estou esperando alguns detalhes. — *O resultado do exame, para te mostrar caso dê positivo*, eu completo mentalmente.

Depois de duas semanas me segurando, postergando, esperando uma reviravolta do destino, eu decidi fazer um exame de sangue, hoje pela manhã. O resultado fica pronto agora à tarde e eu realmente estou ansiosa, para dizer o mínimo.

Quanto mais eu penso em sua reação ao saber que talvez ele será pai, mais ansiosa eu fico. Se tudo o que me disseram for verdade, vai ser lindo de ver.

— Vai gostar da escola. Babi trabalhou lá por um bom tempo.

— Ela me disse.

O olhar safado percorre o decote do meu vestido, com um sorrisinho sacana se abrindo, charmoso, ao mesmo tempo que a ponta dos dedos ladeia o tecido. Claro que ele notaria que meus seios estão maiores.

— Você está muito gostosa.

Minha falta de resposta chama sua atenção. Séria, deixo minhas mãos percorrerem seus braços, em partes matando a saudade, mas no geral estou apenas tentando organizar os pensamentos.

— Digamos que você tivesse que me aturar pelo resto da sua vida — eu digo, sondando o terreno. Sem coragem de olhar em seus olhos.

Sinto sua mão apertar minha cintura.

— Digamos que eu não veja problema algum nisso. — O tom risonho me faz sorrir também. — Aliás, ando até ansioso por causa disso.

Sem paciência para joguinhos, eu o encaro.

— Eu ainda tenho muitas dúvidas, Pedro. Não é raro eu ficar ouvindo aqui — ergo a mão próximo ao meu ouvido, batendo os dedos uns nos outros — a voz de Carlos falando sobre eu ser insuficiente, sobre ser um lanchinho de forasteiro, e todos aqueles absurdos que ele me disse por anos.

Quando Pedro abre a boca, para argumentar, eu coloco meu dedo em seus lábios.

— Odeio ser insegura, estou trabalhando isso aqui dentro — afirmo, colocando a mão no peito. — Mas a situação não colabora muito, sabe?

— Nem a minha boca grande.

— Eu gosto tanto de você — confesso, ganhando um sorriso em resposta. — E também gosto de como eu me sinto quando você está perto, fazendo com que eu me sinta especial. Me deixando pensar que eu posso fazer qualquer coisa neste mundo.

— E pode, Ratinha.

— Mas eu também penso que, uma hora, a novidade pode passar — digo, com sinceridade. — Eu posso não ser mais a garota correndo risco, precisando de um super-herói e você encontre outra coisa para dedicar a sua atenção.

Inevitavelmente, meu coração se comprime ao pensar nisso. Ouvi de várias pessoas diferentes — Jordie, Babi, Joana e até mesmo Claudia — que Pedro tem essa mania de ser um super-herói, sempre abnegado e disposto a ajudar qualquer pessoa. É uma característica inerente a ele, e o torna ainda mais especial.

Ao mesmo tempo, me deixa ainda mais insegura. Sem ter certeza se ele realmente se interessou por mim, ou foi somente o seu lado heroico tentando salvar o dia.

— Você está questionando, caso fosse uma mulher independente e segura de si, se eu teria me interessado por você? — Afirmo, enquanto o vejo balançar a cabeça, em uma recriminação silenciosa.

Com um movimento rápido, Pedro vira seu corpo, me jogando na cama e se posicionando por cima de mim, me prendendo entre suas pernas flexionadas. Erguendo minhas mãos para cima, as segura entre as suas.

— Eu me lembro exatamente do nosso primeiro encontro. Você

parecia muito segura de si, cuidando daquela lanchonete alagada. — Se abaixa, me dando um beijo rápido nos lábios. — No outro dia, me lembro de ter colocado Carlos no lugar dele com meia dúzia de palavras, sem descer do salto. — Mais um beijo. — Quando eu te beijei, já estava caído por você, Eve. E a única coisa que eu sabia, além de ser turrone e não dar mole a ninguém, era o fato de ser batalhadora e independente.

Seu olhar fixo em mim, intenso, me faz estremecer. Com a mão livre ele percorre meu rosto, deslizando o polegar pelo contorno do meu queixo, até alcançar meu lábio inferior. Acabo curvando meu corpo, sedenta por um beijo dele.

Que ele, claro, decide postergar.

— Se você me perguntar se eu tenho vontade de cuidar de você, eu não vou mentir, Ratinha. — Fico tocada com o seu tom de voz. Ele é firme, mas ao mesmo tempo carinhoso, e eu poderia chorar só por ouvi-la. — Você precisa de mim, eu quero estar aqui para você. Mas não é só isso.

— Eu amo você — digo, ainda cativa por seu olhar.

Sua reação é uma graça. Os olhos expandem um pouquinho com a surpresa, e a pupila aumenta de tamanho. Ele já havia se declarado para mim, mas eu nunca tinha feito o mesmo. *Gosto de você* pode significar qualquer coisa, ainda mais no dicionário dos lerdos como ele.

Quando ele desce seus lábios sobre os meus, tomando minha boca em um beijo de cinema, eu me sinto derreter. Meu coração bate tão forte e descompassado que posso ouvir seu som de bumbo em meus ouvidos, todo o resto desaparecendo ao redor.

Sinto seus braços passando por baixo do meu corpo, me apertando mais contra si. O enlaço pelo pescoço, aprofundando o beijo, não querendo o largar nunca mais nesta vida.

— Caramba, Eve! — Ouço Claudia gritar, e dou um salto, quebrando o beijo. — Queimou o pão todinho.

Explodimos em uma gargalhada, ainda abraçados na cama, realmente parecendo dois adolescentes.



Claudia

Aceno para Pedro, me despedindo quando ele dá a partida em seu carro, sorridente. Há muito tempo não tinha uma avalanche tão grande de sentimentos como venho sentindo nos últimos dias.

Já disse à Evangeline que ela chegou para bagunçar tudo, reorganizar as peças e as colocar de volta no lugar. Talvez não houvesse tantas mudanças, caso ela não aparecesse em sua vida, e fico feliz por isso.

Fico feliz por eles. Evangeline precisava encontrar um homem em sua vida, e Pedro precisava ser correspondido. Me emociono quando percebo o quanto eles se completam.

Noto o carro da equipe de segurança, estacionado na esquina, e tenho certeza de que o rapaz do turno está apenas aguardando nossa vizinha gostosona chegar em casa para se esbaldar com ela. Isso já se tornou assunto nos arredores, e preciso me lembrar de comentar isso com Pedro, o alertar que o rapaz some por um bom tempo.

Ao passar pela porta da sala, ouço o barulho do chuveiro e sorrio. A ansiedade me corroendo para saber o resultado desse exame, apesar de já ter certeza que, sim, Evangeline está esperando um bebê de Pedro. O ganho de peso, os enjoos matinais, o choro frequente e descontrolado. Apesar de fazer muito tempo, eu lembro bem como é a sensação.

Por mim, ela já teria contado, mas compreendi seus motivos. Conversando com Eve pelas últimas duas semanas, pude notar o trabalho que seu ex-namorado acabou fazendo em sua autoestima. A menina se sente inferior, indesejada e insuficiente. E eu consigo entender isso, tendo convivido com esse tipo de sentimento a minha vida inteira.

É como um veneno, que se embrenha sobre nossa pele, e parecemos sentir quando ele vai tomando conta, minando nossas forças. Uma mão invisível esmagando qualquer bom sentimento que você tenha, e te empurra

para baixo, forçando seu rosto contra o asfalto, repetindo à exaustão o mesmo mantra destrutivo, dia após dia.

Eu nunca esperei me reerguer por completo. Hoje encaro minha vida como um presente, tendo Pedro ao meu lado. Ainda que a sombra daquele homem paire sobre mim, me aterrorizando, não é mais tão difícil como era há algumas semanas.

Ergo a cabeça, puxando o ar e notando que o odor de queimado ainda prevalece pela casa. Perdemos toda a fornada de pão, mas não reclamo, pois foi por um bom motivo. Sigo para a cozinha, e munida de um pano de prato, passo a chacoalhar o tecido pelo cômodo, tentando espantar o mal cheiro.

— Vamos ter que dormir com a janela aberta — reclamo, e estico o pescoço olhando dentro da pia, onde deixei a forma tostada de molho.

Ernesto vai ficar um tanto chateado. Marcamos de visitá-lo esta semana e até prometi levar um desses pãezinhos a ele. Puxo pela memória se existe alguma padaria por perto que venda pães diferentes, mas não consigo recordar de nenhuma.

Fiquei feliz em ver como as últimas semanas sem beber fizeram uma diferença enorme nele. Apesar de ranzinza, ele parece ter ganhado um pouquinho de peso. Não anda mais desalinhado, teve o cabelo cortado e agora até sorri.

Que bonitinho...

O som do telefone irrompe pela sala, chamando minha atenção. Estranho, pois esse aparelho nunca toca, principalmente depois que eu adquiri um celular.

— Alô — atendo, ainda chacoalhando o pano com a mão livre.

— *Claudia? Claudia Oliveira?* — a voz feminina pergunta, soando ansiosa do outro lado da linha.

— Sim, é ela. Quem está falando?

— *Silvia Fontana.*

Por sorte, me encontro ao lado do sofá, pois minhas pernas acabam perdendo a força. Me sento, estática, tentando recuperar a voz. O que essa mulher quer?

— *Ainda está aí?* — ela pergunta. — *Claudia?*

— O que você quer?

— *Gostaria de conversar. Fui até a casa de Pedro hoje e...* — Fecho os olhos, com força, conforme ouço a voz doce do outro lado, um turbilhão de cenas se passando em minha mente.

Era dessa forma que ela falava comigo. Soando doce e suave quando me chamava, primeiro tentando me convencer de que aquele acordo seria bom para a minha família. E depois, como mesmo tom doce, quando me dizia que eu nunca chegaria perto do meu filho. Sorria enquanto Olavo me ameaçava, alegando que me prenderia por ter roubado o colar de sua família.

E agora isto?

— Pedro me disse que o procurou — interrompo, sem prestar atenção em metade do que ela vinha dizendo. Sentindo uma irracional vontade de esfregar na cara dela que eu sou parte da vida dele, que eu recuperei o que eles me roubaram. — Mas, assim como ele, não entendi o que você está planejando.

— *Eu estou doente.* — Ela para de falar, mas eu sei que ainda se encontra na linha, pois consigo ouvi-la soluçar ao fundo. — *Estou me tratando, não é nada muito simples, mas a minha médica garantiu que me faria bem conversar com Pedro.*

— Ele não está aqui.

— *Pedro não aceitou muito bem a minha visita, não quis me ouvir.*

— Não podemos culpá-lo, não é mesmo? — digo, irônica. Chamei sua atenção, quando me contou que tinha xingado a mulher, sido grosseiro, mas nada me impede de fazer o mesmo. Fico, inclusive, compelida a defender a mim e a ele ao mesmo tempo.

Evangeline aparece na sala, notando de imediato meu estado. Faz um gesto com a cabeça, curiosa, querendo saber com quem estou falando e eu apenas ergo o dedo, pedindo a ela um minuto.

— *Você se encontraria comigo?* — Silvia pergunta, e uma risada baixa acaba me escapando.

— Nem se fosse para um encontro de beatas na Catedral da Sé — respondo. — Eu não confio em você.

— *Eu me culpo muito por tudo o que aconteceu. Tive uma criação um tanto diferente, e fui muito...* — ela para, procurando uma palavra boa para substituir os xingamentos que eu provavelmente colocaria nessa frase — *...insensível. O fiz sofrer, e me arrependo.*

Saber que fez mal a ele, e reconhecer isso, já é alguma coisa.

— Entendo você querer se explicar, mas acho que você tem que respeitar o tempo dele, afinal, por anos, foi ele a esperar migalhas de vocês.

— *Não terei esse tempo* — ela diz, em um tom solene, e eu quase pergunto por que ela está dizendo isso. Mas evito abrir uma porta pela qual

eu não gostaria que ela passasse, então me mantenho em silêncio. — *Mas, talvez se eu der a você uma garantia de minha boa-fé, você possa convencê-lo de que eu estou sendo sincera?*

— Garantia? Que garantia?

— *Não sei se posso dizer isso por telefone, Claudia.*

— E eu não sei se posso confiar em você novamente, Silvia. Não depois do que você me fez.

A ouço arranhar a garganta, e arrumo o corpo, subitamente nervosa. Evangeline se senta no chão, à minha frente, notando minha preocupação.

— *Ouvi uma conversa de Olavo ao telefone, há pouco. Não sei com quem ele falava, mas com certeza era relacionado a Pedro e a investigação que ele vem fazendo.* — Um tremor involuntário toma conta do meu corpo, e chego a soltar um gemido. Eu sei que um homem com a sede de poder de Olavo Fontana pode fazer qualquer coisa para se manter no topo. — *Avise Pedro. Diga a ele que investigue alguns contratos entre o governo do Estado e a FontanaLab.*

— O que ele vai encontrar nessa investigação, Silvia? — pergunto, nervosa. — Por favor, entenda que eu não posso jogar meu filho em uma situação que lhe coloque em risco.

— Como assim? — Evangeline pergunta, assustada.

— *A FontanaLab ganhou muitas licitações para fornecer medicamentos ao governo* — ela diz, em um tom de voz mais baixo —, *e os contratos foram todos superfaturados. Alguns ainda devem estar em vigência.*

Bato no sofá, chamando a atenção de Eve e pedindo a ela que me alcance o celular, que havia deixado sobre a estante. Preciso passar isso tudo a Gael, ele saberá o que fazer.

Apoiando o telefone no ombro, passo a digitar tudo o que ela me disse em uma mensagem, sem sequer o saudar primeiro.

— Com quem o seu marido falava, você sabe?

Uma súbita urgência me toma, um medo inexplicável de que Olavo possa estar mexendo seus pauzinhos contra o meu filho, evitando que ele desvende ainda mais as suas sujeiras.

— *Provavelmente o seu capanga, que sempre cuidou de suas sujeiras em troca de uma boa quantia em dinheiro, desde a época em que era apenas o leva e traz de um político.* — Silvia sobressalta do outro lado da linha, talvez por um barulho de porta que consigo ouvir, e tem um acesso de tosse.

— Silvia?

— *Diga a Pedro que eu me arrependo.*

A linha fica muda, quase que instantaneamente, enquanto Evangeline e eu nos encaramos.

Pedro

Estaciono o carro de qualquer jeito sobre a calçada, sem me preocupar se isso vai me custar uma multa ou não. Receber uma mensagem de Gael Prieto, apenas dizendo que precisava me ver no escritório, não foi lá muito animador.

Muito pelo contrário, foi desesperador.

Eu sabia que tinha ligação com meu pai. Esperava que fosse uma resolução, ao menos. Não aguento mais essa espera angustiante.

As mesmas pessoas que se encontraram aqui há apenas alguns dias me aguardam na sala de reunião. O investigador que trabalha com Gael parece agitado demais, mostrando a ele algumas anotações enquanto Rodrigo, o agente federal, conversa com alguém pelo telefone.

Murilo e Samuca também estão aqui, e são os primeiros a notar minha chegada.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Temos novidades. Sente aqui. — Murilo indica a cadeira ao seu lado, me esticando um papel cheio de anotações na sequência.

Analiso os nomes rabiscados, reconhecendo alguns políticos na ativa.

— Silvia Fontana parece ter dado o caminho das pedras. — Me viro, o encarando, sem entender. — Foi ela quem disse por onde começaríamos a procurar.

— Ela procurou a polícia? — Estranho, e Gael aparece atrás de mim, batendo a mão em meu ombro.

— Silvia Fontana decidiu ser boazinha — ironiza. — Nos deu uma luz por onde começar. E, para completar, Rodrigo conseguiu reabrir o caso do estilista e, adivinha?

Balanço a cabeça, honestamente não tenho a menor ideia do que possa vir.

— Encontrou uma antiga funcionária que garante ter visto Manur lá aquela noite. Em seu depoimento, ele alegou estar viajando, tinha até testemunhas.

Meu Deus, esse cara é maluco.

— Ela acha que ele o matou?

— Disse ter presenciado uma discussão entre eles um dia antes. — Se inclinando sobre a mesa, faz um círculo em volta do nome do parlamentar morto dias depois. — Segundo ela, Fabron descobriu que esse parlamentar era corrupto, e queria denunciá-lo.

— Desde quando sabe isso tudo?

— Fui informado ontem à noite. — Estranho quando seus olhos desviam para um ponto qualquer da sala. — Passei a noite com Murilo e Rodrigo aqui, tentando organizar as coisas.

— Por que não me chamou? Ficou sabendo disso ontem e só me avisa agora as — olho no relógio — quatro da tarde?

— Porque não funciona assim — Rodrigo argumenta, desligando o telefone. — Existem pessoas demais que são próximas a você envolvidas, o ideal é manter vocês em segurança.

Não concordo com nada disso, afinal de contas, o mais interessado no assunto aqui sou eu, mas evito discutir.

Sou então atualizado sobre o que anda acontecendo. Silvia Fontana entrou em contato ontem, alertando que alguns contratos do laboratório estariam sendo superfaturados, e o Ministério Público decidiu aceitar a denúncia, iniciando uma investigação.

Ao que tudo indica, meu pai teve mesmo uma ligação com o tal parlamentar com quem Manur se envolveu, e pode ter ligação direta com o assassinato de Aldo Fabron. Dois corruptos, cada um ao seu lado, e um psicopata no meio.

Esfrego o rosto, exausto, notando que está quase noite. Meu telefone acende, e vejo o nome de Eve na tela. Um sorriso automático aparece em meu rosto, estava louco para sair daqui e, finalmente, ir até ela.

Convencê-la a vir embora comigo, agora que nos acertamos não faz sentido ficarmos longe.

— Oi, meu amor — atendo, sobressaltando ao ouvir gritos de fundo.

— Pedro ... fogo! — ela grita e eu me levanto em um salto, derrubando a cadeira, chamando a atenção de todos. — A... sua mãe... pegando fogo!

— Eve! — grito, quando a ligação parece ter sido cortada. — EVE!

— O que foi? — Gael pergunta.

— É na minha mãe, preciso ir para lá agora.

Desesperado, saio correndo pela porta, sem nem olhar para trás.

Evangeline

“Positivo.”

Ainda estou rindo feito tonta ao descer do ônibus, no ponto próximo de casa, segurando o resultado do exame em mãos. Vim olhando para ele o caminho todo, como se fosse um troféu.

Paro na esquina, voltando o corpo para trás do muro ao notar o carro estacionado na porta. Eu já o vi antes, é aquela mulher, tenho certeza. O que ela quer aqui?

Como ela chama, mesmo? Puxo pela memória, até lembrar. Paula.

Vou até lá confrontá-la, depois de tudo o que ela fez não pode se sentir confortável em vir até aqui me provocar. Já tive minha cota de paciência estourada, e não vou permitir que ela estrague tudo.

Não vou!

Aperto as mãos, tremendo de raiva, e sinto o papel se amassar entre elas. Rapidamente o estico, segurando em frente ao meu abdômen e o alisando, tentando tirar os vincos. Essa porcaria de mulher só me faz passar raiva, agora até mesmo amassei o exame.

Abro a bolsa e o coloco dentro, para evitar estragar ou que ela o veja e tenha mais alguma ideia ridícula.

Calma, Eve. Pense no seu bebê, você não pode ficar nervosa. Este será meu mantra de agora em diante.

Dou um passo à frente e estranho o movimento no quintal, uma pessoa toda de preto passando, sorrateiro, pelo corredor lateral. Congelo ao reconhecer Emanuel, que pula o muro, sorrindo feito um maníaco, em direção ao carro.

Essa mulher é tão maluca, será que não sabe que ele é um bandido?

Paula desce do carro, deixando a porta do motorista aberta. Balançando os braços, nervosamente, ela o questiona sobre algo.

Lamento estar distante, dessa forma não consigo ouvir o que eles conversam, mas parece uma discussão. Ao menos da parte dela, porque ele sorri o tempo inteiro.

Eu tenho pavor de quando ele sorri. Quando mantém a expressão séria, Emanuel não parece perigoso, mas quando ele estica os lábios, você consegue enxergar toda a maldade que ele tem dentro de si.

A discussão entre eles parece aumentar, tenho a impressão de que ele disse algo que a enfurece. Ela passa a gritar com ele, socando seu peito,

totalmente descontrolada.

— Não vai fazer nada com ele, entendeu? Não vai mexer com ele!

Quanto mais ela grita, mais feliz ele parece ficar. Meu coração dispara, imaginando que “ele”, no caso, é Pedro. Que Emanuel pode estar aqui procurando por Pedro, tentando fazer mal a ele.

Algumas pessoas, atraídas pela gritaria, começam a aparecer na rua e meu irmão, então, empurra Paula, buscando passagem. Desequilibrada, ela cai no chão, bem em frente ao carro. É com verdadeiro horror que o vemos, sem pestanejar, bater a porta do carro e partir com ele, passando por cima da mulher, a arrastando por alguns metros.

— Meu Deus... — murmuro, ouvindo a confusão das testemunhas ao redor de casa.

Casa. Congelo ao pensar nessa palavra.

Eu saí deixando Claudia sozinha.

Não, não, não, não.

Olho para as janelas fechadas, tendo a noção de que ela já estaria no portão a essa hora, depois de ouvir toda essa barulheira.

Ele não pode ter machucado ela, não pode.

Saio correndo, desviando das pessoas, tentando atravessar a rua quando, de repente, uma explosão enorme faz o chão tremer e, em segundos, a casa está pegando fogo.

— CLAUDIA! — grito, correndo ainda mais rápido e acabo sendo contida por algumas pessoas — Me solta, por favor. Claudia! Claudia!

— Calma, menina. — Um homem me segura pela cintura, me impedindo de passar. — Não tem como entrar lá.

Me debato, sem sucesso, sendo colocada contra a parede.

Tremendo, quase sem conseguir, abro a bolsa e procuro meu telefone.
E se ela estiver lá dentro, o que vai ser dele?

Ouçó a sirene dos bombeiros ao longe, e disco seu número, sabendo que será pior se eu não o avisar. Se ele souber pela televisão ou algo do tipo.

O que eu falo? Meu Deus, como eu conto isso *pra* ele?

— Oi, meu amor — ele atende, depois do segundo toque, e eu poderia chorar com a inocência de sua saudação.

— Pedro — gaguejo, a voz mal saindo —, está pegando fogo!

Arranho a garganta, tentando falar um pouco mais alto.

— A casa da sua mãe está pegando fogo!

Não o ouço responder, apenas um chiado do outro lado da linha e, de

repente, a ligação se perde. Dizer isso em voz alta trouxe todo o horror de anos atrás de volta, se materializando à minha frente.

Emanuel rindo.

A casa ardendo em chamas.

As pessoas na rua, horrorizadas, pedindo para chamar o corpo de bombeiros.

Meu Deus, não pode ser!

Um buraco parece se abrir à minha frente, me engolindo. Sem conseguir respirar, sinto minha pulsação disparar, ouvindo os batimentos feito um bumbo surdo em minha cabeça e começo a ficar enjoada. Tento puxar o ar, mas é como se ele me faltasse, se eu forçasse o peito, mas meus pulmões não recebessem nada.

E dói. Meu peito dói demais.

Encosto no muro, sentindo minhas pernas bambearem. Eu estou sufocando!

— Moça, você está bem?

Alguém me pergunta, mas eu só vejo um borrão. Seguro sua mão com força, perdendo o ar. Tento gritar, pedir ajuda. Não consigo.

Pedro! Pedro, onde você está?

É a última frase que consigo formular em minha mente, antes de tudo ficar escuro.



Pedro

Tento inutilmente, durante todo o trajeto do escritório até a casa de minha mãe, completar uma ligação. Os telefones parecem estar todos fora do ar, e isso está me enlouquecendo.

Por sorte, Murilo estava com sua viatura e veio, com a sirene ligada e munido de sua habilidade no volante, cortando caminho, sem se preocupar com o excesso de velocidade.

Levo as mãos à cabeça, em desespero, notando ao longe a fumaça preta. Que inferno aconteceu?

Mal permito que Murilo estacione direito a viatura, abrindo a porta e saindo em desespero, sendo seguido por Gael. Tentando desviar das pessoas, um burburinho infernal, e um cordão de isolamento garantindo a segurança do local, impedindo qualquer um de se aproximar.

Desolado, olho a casa em chamas, recebendo o jato de água que sai da mangueira e busco em volta onde estão Eve e minha mãe. São muitas pessoas ao redor, e todos parecem estar no mesmo nível nulo de entendimento que eu. Estupefatos, observam o trabalho dos bombeiros, quase sem acreditar que isso esteja mesmo acontecendo.

— Tem um corpo ali na frente — ouço Murilo comentar, baixinho, e congelo. Estico o pescoço, tentando ver sobre o que ele falava quando noto um pano branco esticado próximo ao meio fio.

E isso me tira o chão.

Agoniado, saio empurrando todo mundo, tentando abrir caminho, sendo contido por braços que eu sequer reconheço.

— Me solta! — grito, sentindo a garganta arder. — ME SOLTA!

— Calma, rapaz — alguém me segura por trás, passando o braço em volta do meu pescoço —, não pode passar, se acalme ou teremos que tomar outras providências.

— É a casa da mãe dele, oficial — Tanto Murilo quanto Gael argumentam, até que o aperto se afrouxa um pouco.

— Escute, rapaz. — Mal presto atenção no que o homem diz, sigo me debatendo, tento seguir adiante e Gael se materializa em minha frente, me pedindo calma.

— Vamos ouvir primeiro, por favor — ele pede, e eu curvo o corpo para a frente, espalmado a mão nos joelhos.

Puxando o ar que já começa a me faltar.

Isso não pode estar acontecendo. Não pode!

— Isso, se acalma, mano — Gael repete incessantemente, a mão apoiada em meu ombro enquanto meu sangue parece congelar nas veias.

Que merda aconteceu aqui?

— Pode nos explicar oficial? — Murilo pergunta.

— Fomos chamados por vizinhos, a casa explodiu e ainda não conseguimos detectar o motivo.

— Vítimas?

— Somente a moça que foi atropelada, um homem arrastou-a por alguns metros, acredito que ao sair da casa em chamas.

É como estar recebendo inúmeras punhaladas, ininterruptas, no peito. Dobro os joelhos, sem forças, entendendo que a “moça” é minha Eve. Chego a imaginá-la ali, embaixo daquele lençol, sem vida.

A sensação é insuportável.

Eu a trouxe até aqui para isso? Para ter sua vida findada dessa forma?

Não posso tê-la perdido, depois de tanto tempo esperando. Fecho as mãos em punho e grito. Um urro furioso, dolorido, tentando diminuir a dor que estou sentindo.

Vejo as pessoas ao meu redor conversando, Gael fala comigo, porém, não consigo entender. Tudo parece um borrão sem cor e som. Quando olho adiante, para o lençol branco estendido, não consigo me controlar mais. Me levanto com rapidez e desvio do cordão, causando mais confusão, correndo até chegar perto do corpo estirado.

Encaro com surpresa o corpo no chão, todo ferido e esfolado. Uma mistura estranha de choque, alívio e confusão me tomando ao reconhecer Paula, não conseguindo compreender o que ela estaria fazendo aqui, ao mesmo tempo que agradeço ao universo por não ser minha Eve.

— Eu vi a briga, Pedro. — Denise, a vizinha do lado, se aproxima, segurando em meu braço. — Ela estava discutindo com um rapaz, eu fiquei

assustada com os gritos e saí para ver.

— Ela estava acompanhada? — pergunto, sem desviar minha atenção do corpo.

— A dona Gorete disse que foi esse homem quem botou fogo na casa da tua mãe. — Gorete mora na casa da frente, é o oráculo da vizinhança, aquela que tudo vê. — Ele entrou no carro e passou com tudo por cima dela.

— A senhora ouviu sobre o que eles discutiam? — Gael, que eu sequer tinha visto se aproximar, pergunta.

— Ele só dizia que agora ia matar você também. A moça não gostou, disse que não deixaria.

Fico ouvindo o relato, sem sequer acreditar que isso tenha mesmo acontecido. No que Paula, em sua loucura, havia se metido? Sinto uma pontada de culpa me espezinhar ao lembrar que, nos últimos dias, ela tentou me procurar e eu rechacei todas as suas tentativas.

Um estrondo, seguido por uma nuvem de fuligem, sobressalta todos que estão próximos. É apavorante ver o teto da casa desabar, enquanto os bombeiros seguem fazendo o rescaldo e tentando salvar as casas vizinhas.

Será que tem alguém ali dentro? Onde elas estão?

E o maldito segurança que contratei e deveria estar aqui em frente? Procuro ao redor, não tem nem sombra do carro deles por perto.

— E a minha mãe, Denise? — pergunto, desconsolado. — Minha namorada, onde elas estão? — Ela apenas ergue os ombros, sem resposta para me dar.

— Me solta! Pedro!

Me viro, na certeza que estou ouvindo Eve me chamar. Saio andando pelo meio da multidão olhando para todos os lados. Mil rostos, pessoas que conheço e outros que nunca vi na vida. Repórteres, bombeiros, policiais tomando depoimentos. Um cheiro de fumaça insuportável, e uma sensação horrível no peito.

Será que estou delirando?

Olho à minha direita e vejo uma ambulância parada na esquina. Sem controle, meu coração dispara na esperança de que ela esteja por ali e, sem pensar, duas vezes, atravesso a distância que nos separa. Poucos metros se tornando quilômetros frente à expectativa e desespero.

Solto o ar, aliviado, ao vê-la sentada dentro do carro, debatendo-se com uma socorrista, que tenta aplicar algo em seu braço.

— EVE! — grito, chamando sua atenção. A vendo me procurar entre

a multidão, eu ergo o braço, correndo ao seu encontro.

— Ele chegou — aponta em minha direção, tentando se libertar —, me solta!

— Por favor — me aproximo, segurando no braço da mulher que, contrariada, ergue as mãos.

Ela está aqui. Ela está bem!

Tomo Eve nos braços, apertando com tanta força que poderia parti-la ao meio. E ela chora, alto, perdida em seu desespero, agarrada à minha camiseta. Tenta me contar qualquer coisa, mas as palavras não saem e ela apenas balbucia coisas sem sentido, extremamente nervosa, chamando meu nome sem parar.

— Pedro...

— Estou aqui, meu amor. Não chora, estou aqui.

Sento no banco lateral, ao lado do espaço destinado à maca, e acomodo Eve em meu colo. Mantendo-a apertada contra mim, o tempo todo deixando minhas mãos resvalarem por uma parte diferente do seu corpo, como se precisasse disso para ter certeza que ela está aqui.

De que não a perdi.

Vejo Gael me observar de longe, os braços cruzados feito um guardião, enquanto a loucura continua tomando conta dos arredores.

— Você viu a minha mãe? — pergunto, depois de um tempo, e ela só balança a cabeça, negando. — Vocês não estavam juntas? — insisto.

— Eu precisei sair, ela ficou em casa preparando o jantar. — Irritado, ergo o pescoço olhando para os escombros. A vontade que tenho é sair daqui e seguir até lá, entrando na casa aos gritos e procurando por ela.

— Eve, pode falar comigo rapidinho? — Murilo aparece ao lado da ambulância, e ela arruma o corpo, concordando. — Você sabe que foi seu irmão quem fez isso, não sabe?

— Sei — ela diz, sem pestanejar. — Eu o vi sair da casa, e discutir com a Paula.

— Ouviu o que eles falavam? — pergunto, e ela nega.

— Estava aqui na esquina, tinha acabado de descer do ônibus. Ele fugiu no carro dela.

— Vou cuidar disso — Murilo garante, batendo a mão na porta e saindo sem olhar para trás.

Espero que cuide mesmo. O medo que senti, que poderia tê-la perdido, eu não quero sentir nunca mais.

— Está se sentindo melhor? — A socorrista aparece novamente, fazendo Eve se agarrar a mim mais uma vez. — A encontramos desacordada, seria bom passar por uma consulta e ver se está tudo bem com eles.

— Com eles? — pergunto, quase para mim mesmo, pois a mulher se afasta sem aguardar resposta, estranhando o que ela disse.

Eve se remexe, impaciente, em meu colo.

— Tenho algo para te contar — a ouço dizer, baixinho. — Mas não foi assim que imaginei.

— Vamos conversar — eu digo, pressionando os lábios em sua testa —, mas só espera passar essa loucura? Logo vamos para casa, e a gente conversa. Pode ser?

Sinto Eve se aconchegar em mim, como se ela precisasse disso também. Subo a mão até sua nuca, a segurando assim contra o meu peito. Não quero abandoná-la, mas precisamos sair daqui, tenho essa noção. Sair daqui e encontrar a minha mãe.

— Pedro. — Gael aparece, e Eve se remexe, impaciente. — Estão entrando nos escombros.

A sensação de impotência, nessas horas, é pior do que se eu fosse um membro ativo enfrentando chamadas ou no resgate de vítimas. Não me permitem ultrapassar o cordão de isolamento, não me deixam ajudar em nada, pois ainda estão em processo de rescaldo e isso é perigoso.

Observo os oficiais entrando e saindo, mas nada me é dito. Impaciente, reclamo o tempo todo, sendo amparado por Evangeline e Gael, tendo a noção de que não vai demorar muito vou receber umas porradas para deixar de ser infantil.

— O local está vazio. — O comandante se aproxima, tirando o capacete. — Não encontramos nenhuma vítima no local.

Olhando ao redor, puxo meu cabelo com força, a preocupação agora mudando de foco. Aonde ela foi parar?

— O senhor tem certeza? — Evangeline pergunta, vendo a confirmação do homem. Abrindo a bolsa, ela mais uma vez tenta falar com minha mãe, sem sucesso.

— Vamos *pra* casa, Pepê. Precisamos conversar — Gael alerta.

Estou exausto. Não posso parar agora, não sem ter isso tudo resolvido. Sem saber a ligação de tudo o que conversamos mais cedo com esse incêndio, sem saber onde minha mãe está, e sem ter a certeza de que Emanuel está fora de circulação.

Sim, porque Murilo saiu daqui atrás dele e torço para que ele o encontre. Porque se eu o encontrar, não vai sobrar muito dele para contar história.

Estou prestes a pedir que levem Eve até sua casa, e a deixe lá sob os cuidados de Joana, quando ouvimos outra comoção atrás de nós. E ao ver minha mãe descendo do carro, ao lado do segurança e olhando assustada para sua casa em escombros, eu apenas saio abrindo caminho, sem pensar, até puxá-la para mim.

Choro feito criança, aliviado.

— Murilo está em perseguição agora, acabou de me avisar — Gael alerta. — Vamos sair daqui.

Murilo

Não demorou muito para encontrarmos o carro que o tal Emanuel usou para se evadir. Abandonado em uma via qualquer próxima ao seu estúdio, a pessoa pouco inteligente talvez pensou que ninguém teria imagens dele.

Em época de celular, qualquer briguinha é filmada e jogada nas redes sociais. Imagina um incêndio seguido por assassinato?

Burro *pra caralho*.

Conversando com os moradores da vizinhança, eu não consegui nenhuma imagem dele saindo da casa, mas o bate-boca com a vítima e a forma como passou com o carro por cima dela foram tão filmados, que eu poderia escolher o melhor ângulo.

— Tem luz no estúdio. — Bento aponta para cima. — Vamos esperar?

— Vamos dar um tempo, não estou a fim de estragar o caso da Federal.

A minha vontade, mesmo, era meter uma bala na cara desse animal. Passamos um bom período, durante a noite, ligando pequenos crimes a ele e fico impressionado em como nunca foi pego. Sua competência para fuga é tanta que, não fosse a coragem do seu próprio pai em denunciá-lo, sequer passaria por medidas sócio educativas na juventude.

Marginal canalha.

Pelo espelho retrovisor noto três viaturas se aproximarem e reconheço Samuca em uma delas. Com a mão espalmada, bato na perna de Bento e pego minha arma no porta-luvas, descendo do carro.

— O sujeito está sozinho? — O delegado Ferreira, que decidiu vir com a equipe de apoio, questiona.

— Não subimos, estávamos aguardando.

— Tem outra saída? — Olhamos para a mesma direção, uma porta lateral que, ao que tudo indica, não faz parte do imóvel.

O estúdio onde ele vive fica no andar de cima de uma lanchonete. O local está cheio, e a entrada do apartamento abarrotada de mesas, impedindo a passagem. Ao nos ver aproximar, paramentados e com arma nas mãos, as pessoas começam a se levantar. E foi talvez nesse ponto que se deu o problema, pois o local não é conhecido por sua idoneidade.

Uma das mesas da ponta, ocupada por cinco pessoas, de repente é virada e seus ocupantes correm por uma viela próxima. Seguindo a premissa de que: *se não deve, não tem por que correr*, parte da equipe segue ao encalço deles, nos deixando para organizar os clientes da lanchonete e o meliante do andar de cima.

— *Pra* dentro, todo mundo — ordeno, vendo vários deles reclamar, sem realmente oferecer resistência.

— Onde está o responsável? — Bento questiona o atendente, que aponta para os fundos. — Vá chamá-lo.

Fico irritado por estar aqui perdendo tempo com um monte de playboyzinho que, buscando um pouco de emoção, decidem frequentar lugares duvidosos para serem conhecidos entre os amigos como os *fodões*.

Uma movimentação nos fundos da lanchonete chama a minha atenção e estico o pescoço, a tempo de ver um homem, todo de preto, correr pelo lado oposto de onde estamos, em direção à rua.

— PARADO! — grito, correndo na mesma direção.

Magro e ágil, o sujeito pula por cima do capô de um dos carros estacionados em frente, alcançando a esquina que dá acesso à avenida movimentada. Pela visão periférica, vejo Bento correr até a viatura e, dessa forma, fico livre para perseguir o marginal a pé.

A minha vontade era mirar nas pernas, vagabundo com a perna arrebitada não corre. Mas é final de semana, o comércio ainda está aberto, está calor e as ruas cheias.

Calor. Só de estar correndo pela avenida com esse colete desconfortável, nesse calor do *caralho*, será motivo para dar-lhe um tapa no escutador de besteira, e deixar seu ouvido zunindo até o final de sua pena.

Manur tenta despistar entrando por uma viela, buscando acessar a

parte alta do bairro. O que seria problemático, visto que leva a uma comunidade, onde me dará trabalho para persegui-lo.

Grito quando Bento aparece do outro lado da viela, fechando o acesso. Manur para, olhando ao redor e miro a arma em sua direção. Fácil demais.

Ele ainda dá dois passos próximo a um pequeno portão de lanças, mas para, encurralado.

— Acabou, Emanuel! — digo, ainda cauteloso. Apesar de ser uma viela, é residencial e servindo de saída para várias casas.

— Eu não vou com você.

— Vai, sim — digo, sorrindo. — Você sabe que vai, acabou *pra* você.

Apesar de estar, de certa forma, no controle da situação, é assustador ver sua postura. Totalmente frio, ele age como se estivéssemos batendo um papo de amigos. Geralmente as pessoas mantêm o corpo tensionado, mas ele não. Tranquilo, os dedos presos no passador do jeans, ele exhibe um sorriso satisfeito ao me ver descendo, passo a passo, para perto dele.

— O delegado está descendo, Murilo — Bento alerta, e eu assinto, sem desviar os olhos do meu alvo.

— É você que namora a irmã do advogado, não? — ele pergunta, e eu espelho seu sorriso.

— Acho bom procurar outra tática, malandro. Falar da minha mulher não vai me irritar.

Irrita, claro. Mas não dessa forma.

Lentamente, Manur ergue os braços, se espreguiçando. O sorriso aumentando de tamanho, totalmente maníaco.

— Vá para dentro, senhora — ouço Bento gritar, e ergo ainda mais a arma, mirando em seu peito.

— Deite no chão — ordeno.

Tudo acontece com muita rapidez. Ouço passos às nossas costas, e identifico a voz de Ferreira. Bento grita mais uma vez para alguém entrar, mas Manur é rápido e segura uma mulher pelo pescoço, encostando seu rosto próximo ao muro onde ele esteve encostado o tempo todo.

Posso, dessa forma, entender o porquê de ter escolhido ficar próximo ao muro. Recém-construído, os vergalhões usados na estrutura estão aparentes, e uma batida neles pode ser fatal.

— Solte a mulher, Emanuel! — Ferreira grita, atrás de mim. — Ela não tem nada a ver com isso.

— Farei um favor a ela — ele diz, segurando a nuca da mulher com ainda mais força. — É burra demais, curiosa. — Se abaixando, próximo ao ouvido da mulher, que chora, ele continua: — Vou evitar que você se coloque em mais problemas, para o seu próprio bem.

Esperto, ele mantém a mulher como um escudo. De onde estou, tenho apenas sua cabeça como alvo livre, me impossibilitando de mantê-lo vivo, caso eu queira.

Não quero, mas como disse antes, também não queria atrapalhar uma boa investigação.

— Encontramos um corpo — viro a cabeça, tentando prestar atenção no que é dito, sem realmente desviar o olhar — na banheira do seu apartamento. Quem é aquele homem?

— Um investigador que o imbecil do Pedro colocou atrás de mim, pensando que ia me pegar. — *Filho da puta*. Por isso o homem nunca mais entrou em contato com Pedro.

Não tem jeito, esse daí é um caso perdido. Um absurdo desperdício de verbas públicas.

— Não é por nada, não — interrompo —, mas você está aí, eu estou aqui. Ou seja... te pegamos.

Dou de ombros, notando que dessa vez ele demonstrou emoção. Raiva, mas já é alguma coisa. Decido provocar um pouco mais.

— Manur... aliás, que nome é esse? — Cerro os olhos, sorrindo. — Você é burro demais, camarada. Fez merda na adolescência e ao invés de aproveitar a oportunidade, decide fazer merda na vida adulta novamente?

Dou dois passos para a esquerda, e ele me acompanha. Esperto.

— Ficou confortável, não é, bacana? — pergunto, sem dar-lhe chance de responder. — Achou que por ter as costas quentes, contando com o pai do Pedro para te proteger, ficaria livre.

— Moço, não aperta — a mulher choraminga, e Ferreira me alerta. Estou pressionando os botões certos, mas não é prudente.

— Era por isso a raivinha do Pedro? Ele tinha o que você queria?

— Cale a boca — ele rosna, apertando ainda mais o pescoço da mulher, que chora.

Se ergue só mais um pouquinho, desgraçado.

— Ou ele não te deu bola. — Dou risada, provocando. — Que chato, hein?

Funciona. Manur ergue o corpo, que estava encurvado atrás da mulher

e flexiona o braço, prestes a empurrar a cabeça dela de encontro ao ferro. Aperto o gatilho, sem pestanejar, acertando seu ombro. O coice da bala em seu corpo o impulsiona para trás, o jogando de encontro ao muro. De encontro ao vergalhão.

Não quis meter uma bala no meio de sua cabeça, mas o muro não teve a mesma consideração.

— *Porra*, Murilo! — ouço Ferreira reclamar atrás de mim, e me viro, de cara fechada. Sem acreditar que ele vai me dar uma bronca por causa disso. Encontro um sorriso sacana no rosto, apontando para o corpo com a cabeça. — Que pontaria *do caralho* a sua.

Bem, menos um.



Evangeline

Vimos em comboio até o apartamento de Pedro, mas não posso dizer que vimos em paz. Gael e Pedro, a princípio, quiseram socar o segurança por sua imensa incompetência.

Assim que eu saí de casa, para buscar o resultado do exame, Claudia recebeu um telefonema da clínica. Meu pai teve um surto, bem comum nessa fase do tratamento. É normal o corpo sentir falta do álcool e, por isso, o doente passa a sofrer com sintomas diversos, desde dores de cabeça até alucinações. No caso do meu pai, ele passou a ter visões de Emanuel aparecendo na clínica e, como esperado, não foi bonito.

Talvez por uma confusão na ordem dos números de telefone, eles ligaram para o número dela, pedindo o imediato comparecimento ao local. Imediato comparecimento, para Claudia Oliveira, significa exatamente isso, porque ela pegou a bolsa, bateu a porta atrás de si e saiu, em desabalada carreira, para o ponto de ônibus.

Para sua sorte, o segurança estava em frente de casa, e ofereceu uma carona até o local.

Para azar dele, isso não foi informado à central e quando Pedro tentava descobrir o paradeiro de sua mãe, a empresa não sabia dizer onde o rapaz estava.

— Bem que Murilo disse que essa empresa era uma enganação — Gael reclama, ainda indignado. — Ele realmente devia levar a sério a ideia de abrir uma empresa de segurança.

— Ele disse isso? — Jordie pergunta, subitamente interessada.

— Brincou a respeito. — Conhecendo a irmã que tem, Gael nota que ela ficou em silêncio e ergue as mãos, teatral. — Ah, meu Deus, lá vem essa cabeça criar teorias.

Ela não responde, claro.

Curvo meu corpo para a frente, preocupada. Ainda extremamente mexida com tudo o que eu vi, incrédula com o que tenho ouvido em conversas paralelas. Sabia que o medo que eu tinha de Emanuel não era injustificado, mas em nossa última conversa ele parecia apenas um idiota mimado, tanto que o enfrentei, disse que não faria suas vontades.

Se Pedro não tivesse chegado, ainda que surtando e entendendo tudo errado, eu poderia ter me dado muito mal.

Não consigo tirar da cabeça a visão de Paula sendo arrastada por ele. Emanuel sequer hesitou, apenas acelerou o carro e partiu, arrastando a mulher por um bom trecho até seu corpo ficar para trás.

Sentada no sofá da sala, encolhida e abraçada às pernas, eu observo o movimento da casa. Claudia está sendo amparada por Joana Prieto e eu adoro ver a amizade que elas construíram em tão pouco tempo. Bruno e Lincoln brincam no meio da sala e Babi os observa, alisando a barriga que já está aparente.

Nossos bebês terão praticamente a mesma idade, assim como Pedro e Gael, e isso me deixa emocionada.

Bebê.

Aliso a barriga, inconscientemente.

Não tive tempo ainda de falar com Pedro. Quero um momento nosso, poder observar sua reação com cuidado, e isso não é possível no meio dessa balbúrdia.

— Já contou a ele? — Jordie senta ao meu lado e, se inclinando, pergunta em um tom baixo. Quando a encaro, ela aponta com a cabeça para a minha barriga, deixando claro sobre a que ela se refere.

— Como você sabe? — devolvo, no mesmo tom.

— Mamãe comentou comigo. — Claro, tinha que ser dona Joana mesmo. — Mas não se preocupe, não vamos falar nada ao Pedro.

— Por favor.

Babi se aproxima, e me dá uma piscada. Começo a ficar nervosa, achando que a qualquer instante Pedro vai notar e achar que estou escondendo algo dele.

Bem, estou, mas nada ruim. Quer dizer, não por maldade.

Essas pessoas todas aqui estão me deixando confusa.

— O que aconteceu aqui? — ela pergunta, olhando para o vidro estourado do outro lado da sala.

— Não tenho certeza — respondo —, mas acho que é saldo da visita

daquela mulher.

— Precisa ter coragem para vir até aqui — Jordie rosna.

— Parece que ela está doente...

— Problema dela, Babi — ela responde. — Eu não suporto nenhum dos dois, mas Olavo ao menos fingia. Silvia Fontana não serviu nem para isso.

— Ué — estranho —, não foi você quem disse que as pessoas evoluem?

— Nem ouse usar minhas palavras contra mim!

Não vou dizer que discordo dela, no entanto. Não sei qual a intenção da mulher de Olavo vindo aqui, buscando perdão e colaborando com a polícia. Pode ser que ela realmente tenha mudado, mas não me surpreenderia se ela tivesse uma carta na manga e estivesse agindo somente em benefício próprio.

Fiquei tão absorta em meus pensamentos que não vi quando Murilo chegou. Só percebo quando Jordie se levanta para o recepcionar e ele, depois de lhe dar um beijo, se abaixa à minha frente.

— Você está bem? — pergunta, cauteloso.

— Estou, sim. Deu tudo certo, Murilo?

Eu não preciso da resposta. O seu semblante, extremamente fechado, e o cuidado com que ele fala comigo, já indica que as coisas não terminaram bem para Emanuel. Ele não entra em detalhes, mas eu também não peço. Apenas diz que haviam encontrado o corpo do detetive particular no apartamento dele, e que ele tinha ameaçado uma mulher durante a perseguição.

Uma lágrima solitária escorre em meu rosto, enquanto eu ouço o relato parcial. Queria dizer que foi de tristeza, mas seria mentira. É alívio que eu estou sentindo neste momento. Alívio de nunca mais precisar lidar com ele. Alívio por não precisar mais fugir. Alívio por ter a certeza de que não sofreremos mais ameaças.

— Eu sinto muito — ele diz, e eu suspiro.

— Eu, não.

É extremamente libertador saber que nunca mais eu precisarei ter medo do meu próprio irmão.

Querendo encerrar de vez o assunto, eu esfrego o rosto, e puxo meu cabelo para o alto, tentando fazer um coque, enquanto olho em volta, buscando Pedro entre as pessoas. O encontro encostado na porta de vidro da

varanda, me observando, em silêncio.

Hoje foi um dia e tanto para ambos.

Foi um dia de finais. E precisa ser um dia de recomeços.

Olhando as pessoas ao redor, que fizeram questão de estar aqui conosco, eu acabo sendo tomada por uma sensação incrível de acolhimento. Eu sabia que Pedro era uma pessoa querida entre eles, Joana sempre fez questão de dizer que ele é o terceiro filho que ela não pariu. E, agora, vendo os olhares que eles me dão, preocupados ou cúmplices, eu acabo me sentindo também parte dessa grande família.

Feliz por saber que meu filho será muito amado, e que terá as chances que eu nunca consegui ter. Fico imaginando a felicidade de Pedro ao dividir com essas pessoas, que sempre torceram por ele, a novidade, e uma urgência em conversar com ele me toma.

Preciso contar, e precisa ser agora.

Alcanço minha bolsa, que deixei jogada no sofá atrás de mim e, me colocando em pé, vou até ele.

— Me tira daqui, Grandão? — pergunto, o enlaçando pela cintura.

— Aonde você quer ir?

— Para longe, onde um telefonema não nos atrapalhe.

Um sorriso safado se abre e, sem sequer se despedir direito das pessoas, Pedro me puxa para fora do apartamento, se detendo apenas para pegar uma chave no quadro ao lado da porta.

Entramos abraçados no elevador, ignorando as pessoas que nos chamavam.

— Você está bem, Ratinha? — Confirmo, com um leve aceno, ainda incerta se essa seria a resposta correta. — Tudo bem se não estiver. Emanuel era seu irmão...

— E não pensou duas vezes em incendiar mais uma vez a casa onde eu vivia — interrompo. — Eu queria sentir muito por ele. Queria mesmo, Pedro, eu juro. Mas a única coisa que eu sinto é medo de ser algo em nosso DNA. Medo de ser maluca feito ele e, exatamente por esse motivo, eu não estou sentindo pena.

— *Shhhh*, não fala besteira.

Eu estou mesmo, com a matraca aberta. Falando tudo sem pausa, tentando de alguma forma diminuir a sensação estranha de alívio que eu estou sentindo.

Isso não é normal, certo? Como podemos nos sentir bem ao ouvir que

outra pessoa morreu? Eu sou uma pessoa horrível. Só isso explica.

Sinto quando Pedro pousa o polegar sobre meus lábios.

— Não beije você hoje — ele sussurra, substituindo o polegar por sua boca, cessando assim meu princípio de pânico.



Pedro não me disse para aonde estávamos indo e, por isso, fiquei surpresa quando vi a paisagem mudando, e senti aquele cheiro característico que Pedro me explicou, mais tarde, ser maresia. Eu nunca tinha visto o mar, por isso tento me controlar e não sair correndo até estar com as ondas do mar cobrindo meus pés, quando paramos em frente à casa.

— Bem-vinda ao meu humilde lar — ele diz, abrindo a porta do passageiro para mim. — Ainda não está como eu quero, mas falta pouco.

A casa é simples, sim. Mas é bonita, grande, confortável. O sigo enquanto ele me apresenta o lugar, mas honestamente eu presto bem pouca atenção. Quatro paredes, duas portas, um sofá perfeito para me sentar. Sequer penso duas vezes.

— O que foi? — ele pergunta e eu respondo batendo a mão ao meu lado.

— Quero conversar, Pedro. Posterguei demais esse assunto.

— Conversar? Sobre o quê?

Claramente preocupado, ele se senta, me analisando. Acaricio seu rosto e o contato o faz fechar os olhos.

— Primeiro, eu quero que me desculpe por demorar a te contar isso. — Os olhos se abrem de imediato, confusos. — Não foi de propósito, mas eu precisava entender muita coisa aqui dentro de mim.

— Contar o quê?

Faço um bico e levo o dedo indicador em frente a ele, pedindo silêncio.

— Eu posso não transparecer, mas sou muito insegura. Não é culpa sua, mas também não é algo que eu consiga controlar.

Estico minha mão até alcançar seu antebraço e, tateando, chego até sua mão, entrelaçando nossos dedos. Gosto de como nossas mãos ficam, a dele é grande, com dedos longos e veias aparentes, mas a forma como ele me segura não faz a minha desaparecer dentro da sua. Pelo contrário, ele sempre vira nossa mão, deixando a minha por cima, aparente.

Nunca procurei saber a simbologia disso, tampouco se existe uma, mas é como se ele me desse o controle e isso acaba sendo muito importante para mim.

Os pequenos detalhes contam muito.

— Enquanto eu estava em Minas — prossigo —, eu tinha o controle de minha narrativa. Por mais difícil que fosse, eu sabia como passar os meus dias e até quais monstros eu deveria manter dentro da minha caixa. Eu cresci assim, e era assim que eu vivia.

Eu percebi que era limitada quando Pedro apareceu. Até então, eu passava os meus dias dividida entre o trabalho incessante, o cuidado com meu pai e o que sobrava de minha autoestima depois que Carlos passava por minha cama. Sobrava pouco para pensar em crescer e, quando ele apareceu, eu queria ser melhor. Queria ser maior.

— Vindo para cá, eu me assustei — continuo o desabafo, me virando de frente para ele. — Perdi o controle sobre a minha vida, já não tinha mais meu pai comigo, e me vi totalmente dependente de outra pessoa pela primeira vez, em muitos anos.

— Isso nunca foi um problema, você sabe.

Assinto, enquanto seu braço livre se apoia no encosto do sofá e os dedos, preguiçosamente espertinhos, acariciam meus cabelos.

— Eu sei — afirmo. — Mas era difícil *pra* mim, pois de repente os meus monstros estavam todos ali, ao alcance da minha mão. Todos eles.

Pedro me olha, em silêncio, a testa levemente enrugada, tentando entender esse meu falatório.

— Mas conforme os dias foram passando — eu prossigo, ainda mais ansiosa —, eu vi que você tinha razão. O pânico foi cedendo espaço para a noção de que novidades são boas, e que eu tinha um infinito de possibilidades à minha frente. Ganhei, inclusive, amigos que eu não esperava. Pessoas que se preocupam comigo, com quem eu posso contar, me tratando como parte da família e isso foi incrível.

— Eu vou levar um pé na bunda? — ele pergunta, rindo nervosamente.

— Nem se eu fosse maluca. — Impulsiono meu corpo para a frente, me sentando em seu colo.

— Ufa. Estava ficando preocupado com essa retrospectiva. — Empolgado, ele distribui beijos e mordiscadas em meu pescoço. — Era isso que queria... espera.

Começo a rir assim que ele se afasta, me encarando com a testa franzida.

— Você só me enrolou. Vamos lá, o que você tinha para me contar?

— Quando eu cheguei a São Paulo, eu descobri algumas coisas.

Faço questão de fazê-lo se apoiar no encosto do sofá, para que eu tenha livre acesso ao seu rosto e possa ver todas as suas expressões.

— Eu descobri que você podia ser o melhor namorado do mundo. Eu descobri que você até tenta ser um ogro, mas não consegue. — Encabulado, ele abaixa os olhos, o rosto assumindo uma coloração rosada muito linda. — Eu descobri que eu esperei você a minha vida inteira. E descobri que não poderia ter escolhido homem melhor para ser pai do meu filho.

Fico um tempo olhando para ele, esperando sua reação e tenho vontade de rir novamente.

— Descobri também que você é bem lerdo, Pedro Fontana.

Seguro sua mão e a levo espalmada até minha barriga. A compreensão o atinge lentamente, conforme ele segue até onde eu tinha levado sua mão. Os olhos azuis, levemente arregalados, me encaram novamente.

— Você... eu... a gente... — Balanço a cabeça, confirmando, a cada pergunta que ele tenta fazer.

Pedro

Tento falar, mas minha compreensão parece ter se perdido no meio da bagunça que se encontra a minha cabeça neste momento.

Eu vou ser pai?

Aliso sua barriga, ainda lisinha, e a encaro. Os olhos chocolate parecem dois faróis, brilhando, que ficam um tanto embaçados quando sinto os meus marejarem.

— Quando? — Parece ser a única pergunta coerente que eu consigo fazer no momento.

— Em Rio Verde. Não usamos camisinha lá e sua pontaria parece ser tiro e queda.

Tento fazer contas. Isso faz quanto tempo?

Balanço a cabeça, fazer contas não vai rolar.

Não estou funcionando direito.

Sinto meu corpo inteiro tremer. É normal, isso?

— Você jura? — pergunto, debilmente, trazendo seu rosto para perto

do meu. Sem querer, no entanto, tirar a mão de sua barriga.

— Juro, Grandão.

Nos beijamos, de forma tão apaixonada que parece abrir uma represa inteira dentro de mim. A puxo para um abraço apertado, tão apertado que talvez nem um suspiro caberia entre nós.

— Eu prometo que vou ser um bom pai — digo, o rosto afundado em seu pescoço. — Você não vai se arrepender.

— Eu sei que não, seu bobo. — Ela segura meu rosto, olhando bem dentro dos meus olhos. — Esse bebê não poderia ser mais sortudo.

Tento arrumar meu corpo neste sofá pequeno e acabo batendo a canela na mesinha de centro. Decidido a ter espaço, me levanto com ela nos braços e saio em direção ao quarto.

Minha casa ainda não está cem por cento como eu quero, mas já não parece mais a casa que comprei há dois anos. O quarto principal agora é claro, arejado, espaçoso, todo em tons areia, com móveis de vime e madeira. Quando entro no cômodo, com ela dependurada em mim, acabo me deliciando com sua expressão, aprovando o ambiente.

— Gosto mais desta casa aqui.

— Não gosta do meu apartamento, Ratinha? — pergunto, com um sorriso no rosto, a colocando sobre a cama, com cuidado.

Nem eu gosto daquele lugar.

— Não é que eu não goste, mas ele não parece com você.

— Eu sei, também acho que não.

Me posiciono de joelhos na cama, observando Eve deitada. Usando um de seus vestidinhos, o rosto corado e os olhos brilhantes, ela parece a mulher mais linda do mundo.

Não, parece não. Ela é a mulher mais linda do mundo.

Fui um idiota em não ter percebido nada. Agora que a adrenalina baixou um pouco, eu começo a notar alguns detalhes. Seus choros fora de hora, por motivo algum. Os seios volumosos, apetitosos demais. O quadril mais largo, que eu faço questão de ladear com minhas mãos.

— Quando soube, Eve? — pergunto, e ela fica imediatamente séria.

— Desconfiei poucos dias após chegar a São Paulo, mas fiquei enrolando para fazer os exames. — Antes mesmo que eu pergunte, ela se adianta, me olhando com um ar envergonhado. — Eu tinha medo que você pensasse que eu queria seu dinheiro.

“Isso tudo por causa de dinheiro, Evangeline?” A frase que ouvi

minha mãe dizendo a ela, no outro dia, vem clara e cristalina em minha mente.

— Eu nunca pensaria isso — digo, me sentindo triste.

— Foi por isso que eu iniciei a nossa conversa, há pouco, dizendo que eu era insegura. E que isso não era culpa sua.

Curvo meu corpo para frente, encostando meu rosto em seu estômago.

Em que lugar fica o útero? Nesse comecinho, os bebês são tão pequenos, que é bem capaz de eu estar falando no lugar errado, mas a intenção, no caso, é o que importa.

— Ei, bebê... — deixo um beijo no local, e sinto Eve tocar meus cabelos —... acho que precisamos começar a nossa conversa com o máximo de honestidade possível. Você tem um concorrente aqui fora. Eu mesmo.

Sinto o corpo de Eve se remexer, causado pelas risadas que ela dá conforme sigo falando.

— Eu também acho que você deveria sair logo daí, porque eu não sou muito paciente.

Desço as mãos até alcançar a barra do vestido de Evangeline e o erguer, conforme deixo minhas mãos deslizarem por sua pele. A calcinha branca de renda se molda perfeitamente ao seu corpo e eu quase esqueço o que estou fazendo.

Quase.

— Sua mãe é uma feiticeira, bebê — digo, rindo. — Ela coloca essas calcinhas pequenas só para enlouquecer o cidadão.

— Pedro...

— Estou aqui, meu amor. — Subo meu corpo, ficando na altura do seu rosto. Seu olhar é intenso, e a expressão emocionada quase me faz chorar de novo. — Eu estou tão feliz, Eve.

— Eu também.

Eve sobe sua mão até meu rosto, e deixa a palma ali. Os olhos grudados em mim, marejados, me analisando. Me curvo, cobrindo minha boca com a sua, em um beijo cheio de sentimentos.

Me derramo por completo ali, e recebo dela a mesma reverência.

O beijo, que começou calmo e doce, aumenta de intensidade e logo estamos ofegantes, as roupas voando pelo quarto, matando a saudade. Solto o fecho frontal do seu sutiã, passando o queixo pelo vale entre seus seios, a fazendo empinar o corpo.

— Estão enormes. Que delícia. — Sinto-os contra as minhas mãos,

macios e empinados, e me curvo sobre ela novamente, olhando-a com seriedade. — Acho bom eu aproveitar agora, logo vou perder a prioridade.

Não a espero responder. Abaixo a cabeça, passando a ponta do nariz sobre o mamilo rijo e quente, e me inclino mais para levá-lo à boca, sugando e mordendo-o bem de leve. Segurando seu bico entre os dentes, passo a ponta da língua ao redor, intercalando as carícias, até Eve estar arfando.

— Senti tanto a sua falta, Pedro — ela murmura e eu ergo meu rosto.

Ela é tão linda.

Eu sou tão sortudo.

Volto a beijá-la enquanto sigo explorando seu corpo inteiro com uma das mãos. Sentindo sua pele se arrepiar, deslizo meus dedos lentamente por sua barriga até alcançar sua intimidade.

Tão molhada.

Eu estava com tanta saudade de tê-la assim, que não suporto esperar mais.

Separo suas pernas com meus joelhos e me coloco entre elas, olhando dentro dos seus olhos. Eve se ergue, segurando minha cabeça e me puxa para um beijo. Mergulho dentro dela, me sentindo o homem mais sortudo do mundo.

Entrelaço nossos dedos e Eve impulsiona seu quadril, me fazendo perder o controle. Com nossos corpos colados um ao outro, nos movimentamos cada vez mais forte e rápido, até explodirmos em um orgasmo intenso.

Ficamos nos observando em silêncio por um tempo, enquanto nossos corpos voltam ao normal. Corro a mão por sua testa, tirando os fios úmidos que estão grudados no local, recebendo um sorriso lindo e preguiçoso em retorno.

— Eu amo você demais, Ratinha — confesso. — Tive tanto medo hoje de ter te perdido.

— Hoje foi um dia especialmente maluco.

— Você está bem, mesmo? — Deito-me, a levando comigo, a acomodando sobre o meu peito. — Vocês estão bem?

Eve balança a cabeça, se aconchegando a mim, já sonolenta.

Enquanto a observo dormir, fico refazendo todos os planos que eu já a tinha incluído, mas agora com mais urgência.

Eu vou ser pai, caralho!

Que dia! Que dia!

50



Jordie

Apago a luz do quarto, deixando o pequeno abajur aceso, iluminando o cômodo. Fico parada por um tempo, olhando Lincoln ressonar tranquilo, já totalmente familiarizado com o apartamento.

Quando Murilo se mudou, eu pensei que o garoto reclamaria. Ainda parado na porta, a boca se torceu, incerta, observando a sala; talvez incomodado com a falta de móveis ou o fato de não ter um quintal extenso para correr, como o faz em minha casa. Surpreendentemente, ele amou tudo. Celebrava ter um quarto só para si, ou ter uma sala para assistir televisão.

Juntos, fizemos planos mirabolantes para decorar o ambiente, e deixar este lugar com “cara de casa” e não um lugar emprestado, como era antes.

Até deu certo. Mobiliei a casa toda, a deixando mais aconchegante. O quarto dele agora está uma gracinha, cheio de prateleiras com brinquedos. Demorei quase uma semana para deixá-lo perfeito, do jeitinho que ele queria.

Só um dos projetos, que seria Pedro pintando as paredes, foi vetado por seu pai.

Ciumento.

Há três meses, ficar aqui quase todas as noites vem fazendo parte de minha rotina, mas por mais que ainda demos uma transformada básica na casa, eu ainda não gosto deste lugar. Não consigo me sentir confortável, sabendo tudo o que aconteceu aqui. Obviamente não pelos mesmos motivos de Pedro, mas por saber que um dos três — Gael, Pedro ou Bruno — poderiam ter morrido neste local.

A minha vontade é tirá-los daqui.

— Tá tudo bem aqui? — Murilo me abraça por trás, fazendo meu corpo se arrepiar por completo.

— Estava só checando — Me viro, o enlaçando pela cintura. — Mal conseguimos conversar hoje, cachorrão.

— Ah, quer conversar, hein? — ele diz, safado, depois de me dar um tapa na bunda. Se soubesse o teor da conversa, não estaria assim, tão animado.

— Quero sim. Vamos ali na sala?

Passo por ele, ignorando o ar questionador, e sigo direto para o sofá, me apossando da parte retrátil e o fazendo balançar a cabeça.

— Pronto, patricinha — Murilo se joga, esparramado, no sofá, me olhando de esguelha. — O que manda?

— Algumas coisas. Mas, primeiro, quero que você entenda que é uma sugestão.

— Ah, pronto... — Desanimado, ele deita e cobre os olhos com o antebraço.

— Até onde eu sei, o italiano dramático é Gael e, para a sua informação, eu sei lidar com ele desde os meus três anos de idade.

Pisco quando ele me olha feio. Tenho certeza de que ele deve ferver de raiva quando eu faço isso.

— Tudo bem, Jordie — bate as mãos nas pernas, dramático —, pode começar a me causar um imenso sofrimento.

Sorrio, divertida.

— Então, fiquei sabendo que vagou um apartamento naquele prédio próximo à escola.

— Este apartamento é próximo à escola.

— Não *fode*, cachorrão — reclamo. — Sabe do que eu estou falando.

— Eu sei. — Ele ri. — Não gosta daqui, não é? — Chacoalho a cabeça, negando. — Eu nunca perguntei, mas por acaso você também tem medo de... — Sem dizer, ele aponta para o chão.

— Não tenho medo disso, mas não tenho boas lembranças. Não acho que esse seja um lugar feliz.

— Quem faz o lugar ser feliz somos nós, patricinha.

Me arrumo no sofá, um pouco desconfortável. Sem querer pressionar Murilo, sabendo do seu jeito todo “*me-lasco-todo-mas-faço-do-meu-jeito*”. Sei que é difícil ser assim pois sou exatamente igual, um tanto cabeça dura para mudanças e que odeia as pessoas se metendo na minha vida.

E sabendo que, das duas mudanças que eu quero que ele faça, o apartamento é realmente a menor delas.

— Entendi... — me aproximo, recostando em seu peito, ouvindo a mistura dos sons de sua risada com os batimentos cardíacos —... mas é que

aquele apartamento é tão bonito.

— Posso dar uma olhada nele, patricinha, mas com uma condição.

— E qual seria? — pergunto, curiosa.

Murilo está vestindo somente uma calça de moletom, sem camiseta, e eu aproveito o momento para deslizar meu dedo por sobre suas tatuagens. Posso ver sua pele arrepiar, ou até mesmo ele dar um suspiro um pouco mais fundo, dependendo do trecho por onde meu dedo passa.

— Se você parar de tratar o apartamento como minha casa, e passar a tratar como nossa.

Me afasto, até um tanto atrapalhada, sentindo o coração disparado no peito.

— Você diz... — gaguejo.

— Por que a surpresa? Você já passa o tempo todo aqui comigo, gata brava. — Com habilidade, Murilo puxa minhas pernas, fazendo com que meu corpo desabe no sofá e, rapidamente, ele está em cima de mim. — Só não quero mais ter que ouvir a frase que eu mais odeio no mundo.

— Que frase?

— “Vou *pra* casa” — ele diz, imitando minha voz. — Odeio quando você diz isso. Tenho vontade de pegar você pelos cabelos e te prender ali ao pé da cama.

— Com algemas? — Ergo a cabeça, passando a língua em seu tórax, o fazendo sibilar.

— Com tudo o que você tem direito.

Sinto sua mão subindo pela lateral da blusa do meu pijama. Desnudando minha pele, centímetro a centímetro, até eu ser obrigada a erguer os braços para a blusa voar para algum canto da sala.

— Murilo... — excitada, ainda encontro sanidade para olhar por cima do seu ombro —... temos uma criança em casa.

— Não faça barulho, então — ele diz, encostando a boca em minha orelha. Sua voz é sussurrada, e tem o poder de me deixar ainda mais acesa.

Sua boca passa a deslizar por meu pescoço, deixando beijos atrás da orelha, em meu maxilar, na curva entre o ombro. Com a língua ele traça um caminho em minha pele, descendo até estar em posse do meu seio direito. Quando sua boca se fecha sobre o bico, sugando como um desesperado, eu sou obrigada a tapar minha boca ou eu gemeria alto.

Sinto o vibrato de sua risada, deixando meu mamilo ainda mais sensível.

O mesmo tratamento é dado ao meu outro seio. Sem pressa alguma, ele se dedica a sugar, morder e lambê-los, impetuoso.

Gostoso demais.

Remexo o quadril sob ele, assim que sinto sua mão passando pela abertura do shorts que eu estou vestindo.

— Adoro essas pecinhas curtas que você usa — murmura, esfregando a barba rala em minha pele. — Fica ainda mais gostosa.

— Vamos *pro* quarto, Mozão? — peço, quando sinto seu dedo já fazendo movimentos circulares em mim, ainda por sobre a calcinha. Com um leve movimento de cabeça, ele nega, afastando o tecido e aumentando a pressão, fazendo com que minha cabeça gire, totalmente perdida de tesão.

Ainda não tínhamos nos pegado assim, fora do quarto. Demonstrando um autocontrole que eu estou, sinceramente, longe de dominar, ele consegue me dar prazer e prestar atenção nos mínimos detalhes ao nosso redor.

Fora de mim, passo a estremecer em seus braços quando ele, ainda estocando em mim com seus dedos, ergue meu corpo junto ao seu, me mantendo presa junto a ele. Afundo meu rosto em seu ombro, me perdendo em um orgasmo.

— Caramba, Murilo!

— Gostosa. — Ganho um beijo, antes de ser aninhada em seu abraço. Prensada entre seu corpo e o encosto do sofá, eu me vejo sendo feliz como nunca pensei ser.

Ficamos um tempo assim, em silêncio, somente curtindo a brisa que entra pela janela. A TV passando um programa qualquer, a sala de estar apenas iluminada pelo brilho do aparelho e nós dois aqui, seminus e agarrados.

— Eu tenho uma proposta para te fazer.

Desde o incêndio na casa de Claudia, eu venho pensando nisso, naquela conversa com Gael em que ele dizia ter ouvido Murilo falar sobre abrir uma empresa de segurança.

Eu sei que ele gosta do seu trabalho, mas também sei que não é apaixonado.

Sei também que ele se sente mal por ganhar pouco. Antes ele dizia que não fazia bicos por não ter com quem deixar Lincoln e, desde que se mudou para cá, ele tem trabalhado bem mais do que antes. Plantões duplos, noites fora de casa.

Ele trabalha tanto para receber tão pouco em troca. Se ao menos

trabalhasse em algo que é seu...

— Fala, gostosa — ele diz, apalpando minha bunda e grudando nosso corpo ainda mais.

— Gael estava comentando outro dia sobre sua vontade de abrir uma empresa de segurança. — Aguardo uma resposta que não vem, porque ele se afasta e, curioso, passa a me encarar. — Você quer isso mesmo?

— Não pensei sobre isso, Jordie. Eu não teria dinheiro, mesmo...

— Eu tenho algum dinheiro aplicado. — Sinto seu corpo se retesar, mas confiante decido erguer o queixo e continuar: — Podemos ser sócios.

— Não, obrigado.

Cruzo os braços em frente ao corpo quando ele se levanta. Fico irritada porque ele sequer me deixou falar, então me sento, alcançando a blusinha do pijama que ficou jogada em um canto próximo ao sofá e, depois de vestida, vou ao seu encontro.

Parado em frente à janela do nosso quarto, ele bufa, contrariado.

— Podia ao menos ouvir o que eu tenho a dizer.

— Esquece, Jordie — ele retruca. — Não gosto da ideia de ter você montando um negócio para mim.

— Eu propus sociedade, Murilo. — Aumento o tom e me calo, respirando fundo. Não posso explodir, preciso aprender a conversar, a ser contrariada sem querer arrastar a cara da pessoa no asfalto. — Eu tenho o meu negócio, não quero trabalhar com você.

— E que sociedade é essa, então?

— Um investimento, Murilo. — Bato as mãos na lateral do meu corpo, impaciente. — Eu entro com o dinheiro, você com o trabalho. A empresa progredindo, você compra a minha parte.

— E se não progredir? — Ah, me dê paciência...

— Trabalhe direito, que vai progredir.

Dou de ombros, sem me importar com sua cara feia. Murilo me encara por um bom tempo, sem dizer absolutamente nada.

Cruzo os braços e firmo os pés no chão, para evitar as batidinhas impacientes que sempre dou quando estou irritada.

— Eu já te vi reclamando da sua profissão mais de uma vez, por diferentes motivos. Excesso de trabalho, baixo salário, falta de apoio do poder público, insegurança. — Aponto tudo o que ele vem reclamando, sem remorso por estar tacando tudo em sua cara. — Qual o problema em te oferecer uma saída disso tudo?

Sem falar nada, ele se aproxima. Erguendo o braço, passa os nós dos dedos em meu rosto, e solta o ar de forma ruidosa. Me olhando com tanto carinho, com tanto cuidado, que eu tenho como certo que minha proposta vai ser aceita.

— Não, obrigado — ele repete, e se deita.

Ai, que raiva!

Murilo

Trabalhei de cabeça cheia o dia inteiro. Irritado, sem querer conversar com ninguém. Puto da vida com Jordie e sua proposta descabida, e puto comigo por me deixar incomodar tanto.

Teimosa, ela tentou argumentar comigo um bom tempo. Eu compreendi cada um deles, mas não foi para me pendurar nela, e em seu dinheiro, que eu a assumi. Já não é confortável saber que ela mobiliou a casa inteira — casa, essa, de seu sobrinho — porque eu não tinha condições financeiras de fazê-lo.

Não. Eu quero poder prover a ela o melhor.

Fazer isso com o salário de merda que recebo é que são elas.

— Já tá indo? — Encontro com Bento na porta da delegacia.

— Estou exausto, preciso de uma boa noite de sono. — Depois de ter passado a noite inteira em claro, revirando na cama.

— Seu sogro está te esperando. — Sigo com o olhar para onde ele aponta, e vejo Alessandro Prieto parado, de braços cruzados, em frente sua caminhonete estacionada do outro lado da rua.

Ou seja, a noite será longa.

Me despeço dele rapidamente e, com a melhor expressão neutra que consigo encontrar em meu arsenal, me aproximo do pai de Jordie. A família dela é, seguramente, uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida. Extremamente invasivos, barulhentos e irritantes, eles também são carinhosos, preocupados e companheiros. Adotaram meu filho como neto, mesmo antes de saber se isso que eu tenho com Jordie daria certo.

Odiaria me indispor com eles.

— E aí, *cachorrão*? — Balanço a cabeça, não faz nem cinco minutos que ele chegou e já estou querendo rever meu plano de não me indispor com ele.

— Está tudo bem? — pergunto, tentando ignorar a gracinha. — Jordie e Lincoln estão bem?

— Estão bem. Eu vim porque queria conversar com você. Podemos?

Surpreendente seria se sua família não tentasse intervir de alguma forma. Fico até me perguntando qual será o brilhante argumento que ele virá me trazer, pensando que irá me fazer mudar de ideia.

Sinto muito, senhor Prieto.

No entanto, o sigo até a caminhonete, entrando do lado do passageiro. Sorrio ao ver no painel uma foto da família inteira, tirada no aniversário de dona Joana, há uns quinze dias. Dona Joana e ele no centro da foto, ladeado pelos dois filhos. Gael com Babi. Jordie e eu do outro lado. Pedro e Evangeline, Claudia e Ernesto, e o clima que os ronda. Na frente, Bruno e Lincoln, os verdadeiros donos e proprietários da família, só aguardando os outros bebês saírem, como diria Vicente, do forninho.

Absolutamente tudo é feito por eles.

Quem diria que eu, depois de anos fugindo de relacionamento, estaria em uma configuração dessas?

— Jordie me contou sobre a proposta que fez a você.

— Claro que sim — digo, irônico, e recoloco a foto no lugar.

— Achou tão ruim a proposta assim, filho?

Recosto no banco, e fecho os olhos. Como eu poderia explicar ao pai da minha garota, da mulher com quem pretendo dividir o teto permanentemente, sem parecer um fracassado de merda?

— E o senhor achou boa?

— Achei coerente. — Cruzando os braços, ele se vira em minha direção. — Minha filha não é nenhuma menina ingênua, Murilo. E ela pensou nisso por um tempo razoável, antes de lhe fazer a proposta.

Não consigo sustentar seu olhar por muito tempo, me sentindo envergonhado. Fui me meter com uma mulher que sempre teve tudo, e agora dependo do seu dinheiro, se quiser ter uma vida melhor. Relembro tudo o que aprendi pela vida inteira, a forma como meu pai falava com minha mãe, de que o homem era o provedor da família e vinha dele a obrigação de cuidar da casa. Isso sempre foi algo que eu tentei tirar de mim, que me incomoda demais, mas eu simplesmente não consigo deixar de lado.

— Eu não me vejo sendo sustentado por sua filha — respondo, sério.

— Bem, eu acho isso excelente, odiaria que você fosse desses preguiçosos que passam o dia em casa jogando videogame, enquanto a mulher trabalha. — Despreocupadamente, ele mexe no celular enquanto conversa comigo. Mestre em deixar a gente confuso, eu diria. — Mas, nesse

caso, você estaria trabalhando, Murilo. Então, continuo sem entender.

— Trabalhando na empresa dela.

— Seu ego é tão frágil assim? — ele pergunta, de bate e pronto. Tão inesperado que fico sem ter o que responder, dando a ele a chance de continuar: — Não suportaria viver com uma mulher que é mais bem-sucedida que você? Abriria mão de Jordie, se isso significasse aceitar essa proposta?

Pensar em abrir mão dela me causa dor. Nego, balançando a cabeça. Não é nem perto do que eu quero.

— Vou te contar uma coisa, Murilo. — Sinto sua mão apertar meu ombro, enquanto mantenho meus olhos fixos na fotografia do painel. — Eu conheci Joana na adolescência e me apaixonei por ela no primeiro vislumbre daqueles olhos. Só tinha um problema: eu era um pobretão e ela era a patricinha.

É ao mesmo tempo surpreendente e engraçado ouvi-lo usar o mesmo apelido que eu dei à sua filha, mas desta vez direcionado à sua mulher.

— Eu dei ouvidos a muita gente, incluindo os pais dela. O tempo foi passando e fui me achando insuficiente; na minha cabeça oca eu não era bom para ela. Fui tão otário, que vivíamos brigando, até o dia em que nos separamos.

— Vocês? — pergunto, surpreso.

— Essa diferença pesa, não pense que eu não sei. A sociedade ainda cobra muito, porque as pessoas adoram parecer modernas, mas continuam vivendo no século retrasado. — Ele ri. Sem demonstrar nenhum tipo de humor, mas ri. — Mas você precisa saber se vai viver de acordo com o que as pessoas acham que é o correto, ou de acordo com o que faz você feliz.

— Foi o que vocês fizeram.

— Claro. Nós queríamos ficar juntos, então passamos por cima de algumas coisas. — Alessandro estica o braço, apanhando a fotografia e, com carinho, passa o dedo sobre a imagem de sua esposa. — Tudo o que temos, hoje, construímos juntos. Mas o primeiro empurrãozinho foi dela, limpando a conta poupança que ela tinha desde menina para que comprássemos o terreno da casa onde vivemos.

— Nunca imaginaria...

— Jordie está oferecendo a você algo que eu nunca imaginei ver na vida. Uma vida em comum, um negócio em conjunto, seus dias e horas todos disponíveis. Se você gosta dela, como eu acho que gosta, acho burrice abrir mão do que vocês podem construir juntos, somente porque não foi você a

colocar a mão no bolso.

Eu honestamente não sei por que esse homem foi trabalhar como professor. Com esse dom da oratória, ele seria um exímio advogado, tal qual seu filho.

— Ela te mandou aqui porque sabia que seus argumentos seriam infalíveis, não?

Ele ri, alto. Daquele jeito bem italiano, e irritante, que já estou acostumado.

— Ela nem sabe que eu vim falar com você.



Ao abrir a porta de casa, encontro o ambiente quieto e escuro. Estranho, pois nem é tão tarde assim. Passo pelo quarto de Lincoln e o vejo dormindo, esparramado na cama em meio a uma zona de guerra formada por bichos de pelúcia.

Sigo para meu quarto, encontrando a luz do abajur acesa e Jordie sentada em cima da cama, recostada na cabeceira. Os olhos parecendo ainda mais arregalados que de costume.

— Está tudo bem? — pergunto, estranhando.

— Murilo, eu quero falar e, por favor, não interrompa até que eu consiga dizer tudo o que eu preciso, *tá*?

Cruzo os braços e, em silêncio, apenas concordo.

— Entendo os seus motivos para não aceitar a minha proposta. Por isso, pensei em uma alternativa. — Nervosamente, ela ajeita o corpo e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Podemos fazer um contrato, estipulando cláusulas. Não vai ser muito difícil de seguir, com a gente morando junto e... o que foi?

Conforme ela vai falando, o meu sorriso vai se expandindo.

— Então você aceitou minha proposta de morar junto? — Subo em cima da cama, puxando seu corpo para perto do meu.

— De você? — ela retruca. — Aceito qualquer coisa.

— Eu também, patricinha.

E não é mentira.

51



Evangeline

Ergo os braços acima da cabeça, esticando a coluna que há uns bons meses vem sendo castigada pelo peso que eu carrego. Aos sete meses de gestação, cheguei à fase em que somente consigo dormir sentada.

Sinto um chute que me acerta direto na costela e paro, respirando fundo. Se me pedirem para adivinhar, eu vou dizer que é Levi. Aquela coisa de intuição materna alerta que meu menino puxou o pai todinho, pois não consegue ficar quieto um minuto. Quem sofre com isso é Cora, a pobrezinha não deve ver a hora de sair daqui e ter um minuto de paz e sossego.

Levi e Cora.

Descobrir que estava grávida de gêmeos foi uma aventura e tanto. Estávamos voltando para casa, no dia seguinte à minha primeira vinda até aqui, quando ainda na estrada eu comecei a me sentir muito mal. Pensava que era por conta do estresse, toda aquela situação do incêndio e a morte de Emanuel ainda me rondando, até que a situação acabou ficando fora de controle.

Os enjoos passaram a evoluir para uma cólica irritante e quando notei que estava sangrando, entramos em pânico. Paramos no primeiro pronto-socorro que encontramos, lembrando muito a cena que nos trouxe a São Paulo, meses atrás: falta de médicos, sala de espera lotada e um Pedro atônito, infernizando os funcionários até conseguir atendimento.

Me lembro de estar nervosa demais, ao entrar na sala do ginecologista. Ele pediu a Pedro que ficasse sentado na cadeira localizada frente à sua mesa, enquanto ele me levaria para uma saleta ao lado, onde faria uma ultrassonografia transvaginal em mim. Através desse exame, saberíamos se eu estava ou não em um processo de aborto espontâneo.

O médico era simpático e atencioso, mas eu não conseguia parar de tremer, mesmo ele me garantindo que tudo estava bem. Fiquei muito nervosa,

porque ao meu lado estava uma enfermeira e não o pai do meu filho, mesmo ouvindo sua voz do lado de fora da sala repetindo, incessantemente, que ele estava ali conosco.

Que nos amava e tudo daria certo.

Eu teria surtado se não ouvisse sua voz, se não soubesse que ele estava ali comigo.

O médico, então, me garantiu que eu estava bem. Disse ser normal esses sintomas em início de gravidez, e que muito provavelmente o período turbulento que eu passei havia causado isso e que eu precisaria de uma gravidez mais tranquila.

Confesso que gostaria de me lembrar de mais detalhes desse momento. Chego a puxar pela memória de vez em quando, mas a única coisa que me lembro, fora o sorriso simpático do médico, é a frase que ele disse ao chamar Pedro:

— Parabéns, casal. Vocês serão pais de gêmeos.

Pedro caiu no choro ali mesmo, enquanto eu tinha uma leve crise de ansiedade, me imaginando tomando conta de duas criaturinhas ao mesmo tempo.

Dois *Pedrinhos*.

SOCORRO!

Eu terei gêmeos. Quem iria adivinhar?

Por ter perdido minha mãe muito nova, nunca falamos sobre bebês e eu nunca tive coragem de falar sobre esse assunto com meu pai. E, por causa disso, não sabia que, em sua família, ela era a única mulher que não teve filhos gêmeos.

Enfim.

Ela teve um irmão gêmeo, que faleceu ainda rapazinho, em um acidente de carro. Minha tia-avó também teve dois casais de gêmeos, seguindo assim por toda a minha família do lado materno. Seria óbvio e natural que eu também tivesse gêmeos. Eu só não sabia.

Aliso a barriga imensa, ansiosa, não vendo a hora de pegá-los no colo.

— Ainda assim? — Babi se aproxima, as mãos na lombar me fazendo sorrir. É bom ter companhia no sofrimento.

— Estou nervosa demais.

— Nem acredito que vocês passaram a perna na gente — ela diz, animada.

O plano de Babi era se casar com Gael, assim que descobriu a

gravidez. Não queria, de jeito algum, casar-se ostentando um barrigão imenso e sair gorda nas fotos.

O problema é que aconteceram tantas coisas desde que Pedro voltou do exterior, que ela alterou seus planos e mudou a data do casamento para o próximo ano.

— Pedro se recusa a esperar. Diz ele que já esperou demais.

— Ele está insuportável — Ela ri. — Andando de um lado a outro, já deixou todo mundo doido. Pediu para que eu viesse aqui te apressar.

A casa de praia se tornou o nosso refúgio. Passamos mais tempo aqui do que em seu apartamento, na capital, os nossos finais de semana são exclusivamente litorâneos independente do clima, e eu adoro isso. Por isso, foi natural eu querer me casar aqui, eternizar a nossa vida juntos neste lugar.

Pedro me contou que quando comprou esta casa, ela era bonitinha, mas estava longe do que ele havia idealizado. Com o tempo, ele foi modificando, deixando mais de sua personalidade solar em cada ambiente, e hoje ela é toda arejada e colorida.

Olho através da porta dupla, que se abre direto para a área da piscina, e vejo o espaço todo decorado com lírios de todas as cores. Planejei uma cerimônia simples, apenas para os amigos próximos e queridos, e hoje é o grande dia.

Me olho novamente no espelho, morrendo de medo de estar parecendo uma lona de circo. O vestido, um modelo *boho chic*, segundo Jordie, é lindo. Frente única, tem um decote que marca bem meus seios enormes; a saia é longa e soltinha, em um tecido rendado, e me deixa com cara de hippie.

Meu cabelo sofreu uma tentativa um tanto quanto frustrada de ser domado, e apenas levo a mão ao topo da cabeça, tocando a tiara floral que foi colocada só para não dizer que estava sem penteado algum.

Suspiro fundo, sentindo todas as borboletas que existem no mundo batendo asas em meu estômago neste momento, e me viro para Babi, abrindo os braços.

— E então, o que acha?

— Está linda demais, ele vai ter um treco.

— Pelo amor de Deus... — Jordie entra correndo no quarto e interrompe o que estava prestes a dizer, abrindo um sorriso enorme ao me ver —... eu sabia que ficaria fantástico!

Seguro a lateral do vestido e jogo o ombro para a frente, fazendo

pose.

— Vocês também estão lindas — elogio.

Por ser uma cerimônia pequena, cada uma se vestiu como quis e se sentiu bem. Jordie parece também uma hippie em um vestido de algodão rendado e Babi usa uma bata soltinha o suficiente para acomodar seu barrigão.

— Maquiagem em dia? — Jordie pergunta e eu faço um bico, mostrando o batom. — Então vamos, antes que afoguem seu futuro marido na piscina.

Meu futuro marido. Pisco os olhos, seguidas vezes, quando os sinto marejar. Eu causaria um infarto em Jordie se borrasse a maquiagem *nude* que ela fez com tanto cuidado, mas realmente é difícil não me emocionar ao ver aonde chegamos.

Respiro fundo, apertando as mãos sobre o peito, sentindo meu coração parecer a bateria da Mangueira, e balanço a cabeça, sinalizando que estou pronta.

Saímos pela porta dupla, e encaro o tapete de flores que foi colocado indicando o caminho que leva ao espaço montado pela equipe do cerimonial, um pouco à frente. Daqui vejo algumas cadeiras brancas espalhadas, onde os — poucos — convidados estão sentados, dispostas frente à mesa de apoio onde o juiz de paz está.

Murilo e Gael, nossos padrinhos, já estão posicionados. Escolher os padrinhos, aliás, foi muito fácil. Para Pedro, a escolha era óbvia, não existe como disputar com Gael e Babi. Já a minha acabou por ser surpreendente. Há alguns meses, eu sequer sonharia que Jordie se tornaria a minha melhor amiga.

Sinto o ondular em minha barriga, com o reboliço dos bebês, quando dou mais um passo adiante e meus olhos alcançam Pedro. Vestido em uma bermuda branca e camisa de linho, ele anda de um lado a outro, impaciente.

Essas crianças já são apaixonadas por ele, e parecem sentir a presença do pai à distância, pois sempre reagem. Lembro a primeira vez que sentimos minha barriga mexer, foi tão mágico! Estávamos aqui no litoral; o dia estava fresco, eu tinha entrado no quinto mês de gestação e minha barriga estava relativamente grande.

Eu adorava tomar o sol da manhã, seguindo as recomendações médicas. Quase sempre Pedro acordava comigo, mas nesse dia, em particular, ele estava exausto então o deixei descansar. Peguei a cadeira, meu chapéu,

um livro e segui para a areia.

Não demorou muito ele apareceu ao meu lado, lindo e sorridente. Sentando na areia mesmo, colocou sua mão sobre minha barriga e aproximou o rosto, falando baixinho:

— Bom dia, bebês. Sua mãe fugiu de mim.

— Não fugi, nada — bato com o livro em seu ombro —, pare de contar inverdades aos nossos filhos.

— E ainda me bate, vejam vocês. Não tenho moral alguma nesta família.

Carinhoso, ele se aproxima, beijando meu pescoço.

— Oi, Ratinha.

— Dormiu bem? — pergunto, soltando o livro e acariciando seu rosto.

— Dormi, sim. Podia ter me chamado, eu viria com você.

— Está tudo bem, a praia está bem tranquila.

Fora de temporada, e nesse primeiro horário, Toninhas é tomada por mães, idosos e aprendizes de surf.

— Quando acha que poderemos saber o sexo deles? — pergunta, ansioso. — Vamos querer saber o sexo, não é?

Ficamos sabendo, na última semana, que Babi espera uma menina. Vai chamar Bianca, e Gael está enlouquecido com isso. Descobrir o sexo dos meus na hora do parto era algo que sequer me passava pela cabeça, mas eu tenho certeza de que Gael andou brincando com isso.

Demoro um pouquinho além do necessário para responder, e isso o faz reagir.

— Ah não, Evangeline — balança a cabeça de um lado a outro, várias vezes —, você não vai fazer isso comigo.

— Poxa, Pedro — digo, rindo do seu rompante. — Deve ser tão legal descobrir na hora...

— Por favor, meu amor. — Ele chega a fazer cara de choro, tamanho drama.

— Talvez no meu próximo ultrassom, que está marcado para daqui a oito dias — o alívio vem em forma de suspiro —, mas vai depender das crianças estarem dispostas a nos deixar ver.

— Como assim?

— Ué, nunca ouviu falar sobre bebês que fecham as pernas e não deixam o médico ver, de jeito algum, se é menino ou menina?

Pedro arregala os olhos e, imediatamente, leva as mãos à minha barriga.

— Vocês não vão fazer isso comigo não, né? — ele diz, com os lábios encostados à minha pele. — Diz pro papai que vão mostrar se tem torneirinha ou tem...

Sério, ele para de falar e se levanta, olhando para mim.

— Ratinha, se o menino tem torneirinha a menina tem o quê?

Esfrego o rosto, tendo a noção de que essa é uma dúvida legítima dele. Aonde eu fui amarrar o meu bode?

— Pedro...

— Tudo bem. — Ele volta à posição inicial, como se nada tivesse acontecido. — Vocês vão deixar eu ver, não vão? Diz pra mim?

De repente, sinto um tremor dentro da barriga. Eu já vinha sentindo algumas coisas diferentes, uma palpitação, quase um bater de asas de borboleta dentro de mim, mas nunca tinha sido tão perceptível. Pedro fica estático, os olhos fixos em minha barriga, a mão dele no exato local onde senti mexer.

— Ratinha... — ele murmura e, mais uma vez, sentimos a movimentação. — O bebê mexeu? — Balanço minha cabeça e ele, emocionado, ergue a mão chamando a atenção de todo mundo. — Ei! Meu bebê mexeu! Tá falando comigo!

Se tornou uma rotina, Pedro conversando e os bebês respondendo.

A cerimonialista me vê parada e dá um sinal, para que meu pai venha me buscar. Me emociono quando ele se aproxima, vendo como ele melhorou nos últimos meses. Corado e mais gordinho, ele até reaprendeu a sorrir.

Parte disso eu devo à Claudia. Não sei quando, mas eles acabaram se envolvendo. Chega a ser divertido saber que a mãe do Pedro e o meu pai agora também são um casal.

Emocionado, ele segura meu rosto entre as mãos, deixando um beijo em minha testa.

— Você está tão linda, meu anjo. Eu sonhei tanto com este dia.

— Papai, eu não posso chorar — digo, já sentindo os olhos marejarem. — A Jordie me mata se eu estragar a maquiagem.

— Hoje você pode tudo, meu amor. É seu dia e ainda está grávida, pode qualquer coisa! — Abaixando os olhos, ele encara minha barriga e sorri. — Como estão meus netos?

— Com fome — digo, e ele ri alto.

De repente, a música que escolhi para minha entrada começa a tocar. Eu não tinha ideia de qual música escolher, mas acabei me lembrando da noite em que Pedro me pediu em casamento. Ficamos dançando, sozinhos, na varanda do apartamento e no outro dia fui procurar qual era aquela música, e o que ela queria dizer, pois era em inglês.

*“Naquele dia, eu não sabia onde íamos, onde a noite terminaria
Eu não sabia que havia alguma coisa preparada e se houvesse, não
sabia o quanto eu me importava*

*Aquele toque, você quase não segurou a mão e eu já estava
Cheia de sentimentos que eu não de onde vinham
Nem em um milhão de anos eu imaginaria que nós estaríamos aqui
Foi como se os meus joelhos estivessem fracos
E as borboletas dançando, tomassem todo o meu ar
A partir desse momento ficou muito muito muito muito claro
Foi quando eu soube que me apaixonei⁹”*

Era perfeita. Declarei aquela noite que essa seria a nossa música e quando os primeiros acordes soam, Pedro para e olha em minha direção.

O ar parece congelar ao nosso redor. Tudo some. Neste instante somos somente ele e eu. Pepê e Eve. O Grandão e a Ratinha.

Seguro o braço que papai me oferece e vejo Lincoln e Bruno entrando à nossa frente, quebrando os paradigmas em ter sempre um pajem e uma daminha. Bati o pé que eu queria os dois e lá estão eles, descalços e lindos, abrindo caminho para meu pai e eu.

Cruzo os poucos metros que nos separa, sem conseguir segurar as lágrimas. Tendo a perfeita desculpa que os hormônios me transformaram em uma chorona de carteirinha.

Passo a passo me aproximo e, como eu esperava, ele vem ao meu encontro. Apoiando minha barriga com ambas as mãos, ele se curva, deixando um beijo em minha testa.

— Você está tão linda — ele, diz, emocionado. — Casa comigo amanhã de novo?

— Caso! — digo, tentando secar as lágrimas que não cessam.

— Eu te amo, chorona.

Só quando enlaçamos nossos dedos, que consigo olhar ao redor, vendo nossos convidados. Os Prieto, Claudia e papai, alguns amigos de Pedro, Tadeu que veio de Rio Verde em definitivo. Só pessoas próximas, que nos querem bem. Senti falta de Laninha, até tentei entrar em contato, mas ela

parece nos culpar pelos erros de seu marido.

— Pedro — papai diz, antes de ir se juntar à Claudia —, eu nem vou te pedir para cuidar bem dela. Melhor do que você, ela não vai encontrar.

— Eu já deixei o senhor namorar a minha mãe, seu Ernesto — Pedro responde, rindo. — Mas obrigado. Eve é minha vida, eu vou cuidar bem dela, sim.

Eles trocam um longo abraço, cheio de significado. Papai já disse, várias vezes, que talvez estivesse morto a essa altura, caso Pedro não tivesse aparecido em nossa vida.

Ele chegou para mudar a nossa história.

— Boa tarde — o juiz inicia a cerimônia. — *“Amar sem penar é bem raro. O verbo cumprir custa caro. Amor é bem fácil achar. O que acho mais difícil é saber amar.”* É com essa frase de Cartola que começamos a celebração do amor de Pedro Fontana e Evangeline Ramos. Convidados de honra deste dia tão especial e festivo, sejam todos bem-vindos.

Eu sempre achei cerimônias de casamento chatas demais. Por ter vivido a minha juventude inteira em Rio Verde, próxima à igreja matriz, eu presenciei vários deles e sempre os achei tediosos e maçantes.

Acho que me faltava amor para enxergar o amor.

Enquanto o nosso é celebrado eu sorrio, gargalho e choro, tantas são as lembranças citadas. A cada menção de nós dois, Pedro aperta minha mão, parecendo querer garantir que estamos mesmo aqui, que não é uma — bela — ilusão.

— Agora vamos colaborar com a noiva — o homem me dá um sorriso simpático — e começar com os votos, para que ela possa se sentar.

— UFA! — Ergo as mãos, entrando na brincadeira, e engulo a seco quando ele me pede para iniciar.

Claudia nos estica a almofadinha com as alianças e trocamos um olhar, está tão emocionada que os lábios chegam a tremer.

Estico minha mão, capturando a de Pedro, para colocar a aliança em seu dedo e fico olhando para ele por um tempo. As emoções são nítidas em seu rosto, em seu olhar. Relembro cada momento que passamos juntos, desde o primeiro instante.

— Pedro... — começo, tendo que arranhar a garganta mais de uma vez, tentando driblar a voz embargada. — Você me disse uma vez que sempre foi sozinho, então eu te prometo companhia. Me disse que era carente, então te prometo carinho. Me disse que era um palhaço, então eu te

prometo risadas.

Sorrio ao vê-lo rir, levo a mão ao seu rosto, deslizando meus dedos por sua pele.

Tão lindo...

— Te prometo compreensão e apoio nos seus dias difíceis, abraços e beijos sete dias na semana. Te prometo um lar exatamente como você sempre sonhou, cheio de amor e, como pode perceber — aponto para minha barriga —, cheio de crianças correndo *pra* lá e *pra* cá. Só te peço em troca para ser sempre minha fonte de luz, porque você é o amor da minha vida.

Deslizo o anel por seu dedo e seguro sua mão entre as minhas, deixando um beijo sobre ela.

— Não dá para competir com isso, não — ele diz, olhando ao redor e apontando para mim, arrancando risadas de todos —, mas eu vou tentar.

Segurando minha mão, ele se curva, encostando sua testa na minha.

— Sempre houve um lugar guardado aqui dentro — ele diz, colocando minha mão em seu peito —, esperando por você. É todo seu, sempre foi seu.

— Eu te amo — sussurro e ele se afasta, me olhando com tanta intensidade que perco o ar.

— Eu prometo honrar o seu amor a cada dia. Prometo te fazer feliz todos os dias. Prometo cuidar de você, e da nossa família, como o tesouro que vocês são para mim.

Assim como eu, ele desliza a aliança em meu dedo.

— Obrigado por me escolher. Por me dar uma família. Eu amo você, Eve.

Eu sequer sei se há um protocolo nessas ocasiões, mas não me importo muito com isso. Na ponta dos pés, o enlaço pelo pescoço e nossos lábios se encontram, em um choque de felicidade. Sorrimos, ainda com os lábios colados, quando ouvimos o celebrante dizer que somos marido e mulher, e Pedro me aperta entre seus braços, soltando rapidamente ao notar que estava esmagando minha barriga.

— Feliz, senhora Fontana?

— Mais do que eu poderia imaginar que fosse possível.



Jordie

Entro na espaçosa sala de estar, olhando ao redor, achando tudo uma graça. Ainda não tinha pisado na casa de Pedro aqui no litoral e, curiosamente, eu acho esse lugar a cara deles. Arejado, colorido, alegre, espaçoso... parece que estou vendo Eve e Pepê em cada cantinho da casa.

Me sento no sofá, tirando a sandália e esticando os dedos, ao som da farra que acontece ao lado de fora. Empolgados, Gael e Pedro cantam uma música sertaneja qualquer e eu consigo ouvir daqui a gargalhada alta de Murilo.

Bruno e Lincoln passam correndo pela sala, sequer notando que eu estou sentada aqui. Me levanto, indo até a janela, somente para garantir que a piscina está protegida. Pedro havia providenciado uma capa para cobri-la e, assim, evitar acidentes com os meninos.

— Escondida? — A mãe de Pedro aparece atrás de mim e, sobressaltada, dou um pulo ao ouvir sua voz. — Assustou, desculpe.

— Não te vi chegar.

— Gostou do casamento? — Não sei por que, subitamente tive vontade de me defender. Ela sequer tinha acusação em seu tom de voz, mas lá no fundo eu sentia que ela ainda me acusava de algo.

— Adorei. Ajudei a organizar, lembra?

— Eu lembro. — E vejo olhar em volta, de braços cruzados, quase como se procurasse um assunto para tratar comigo. Pensei que ela iria apenas dar um sorriso amarelo e sair, mas acabei sendo surpreendida. — Vamos nos sentar ali? Queria te falar algo.

Quero dizer a ela que não estou a fim de passar raiva hoje. É casamento da minha amiga, me dê um tempinho.

— Vamos, claro — eu respondo, no entanto.

Há algum tempo, eu teria mandado-a pastar. Mas conviver com

Lincoln e ter que ser exemplo para ele, me deixou mais sociável. Mais educada.

Como diz aquela velha máxima, só entendemos as mães quando nos tornamos uma. Hoje eu entendo a minha, ainda que eu não tenha tomado o lugar da mãe biológica de Lincoln, eu sou mãe dele e preciso, sempre, dar o meu melhor para que ele cresça uma pessoa correta, honesta e feliz.

— Eu preciso me desculpar com você. — *Oi? Como assim?* — Cheguei a comentar isso com o Pedro, mas nunca com você. Eu fui injusta, fiz vários pré-julgamentos a seu respeito.

— Acho que todo mundo fez. — Dou de ombros. — As pessoas não me conheciam, só sabiam de mim o que ouviam falar por aí.

— Me surpreendi, de verdade. Me peguei te defendendo, algo que eu nunca imaginei que faria. — Estico os lábios, ouvindo isso. O fato de estar mais sociável não quer dizer que a velha Jordie morreu. — Achei que seria resistência.

— Se me defendeu, o meu trabalho deve ter sido bem feito, então? — brinco, e ela me olha com seriedade.

— Não força. — Me aponta o dedo, e sorri em seguida.

— Fico feliz que esteja me vendo de outra forma — digo, enquanto puxo as pernas para cima do sofá, as cobrindo com meu vestido. — A senhora é mãe do Pedro, sogra da Eve... esses dois são muito importantes para mim.

— Eu ouvi a sua conversa com Evangeline, quando você a abrigou na sua casa. — Ela mexe no tecido que cobre o sofá, puxando um fio inexistente. Quase um misto de curiosidade e vergonha por estar curiosa. Quando ela me encara, eu faço um bico e balanço a cabeça, sem ideia do que disse a Eve aquele dia. — Você dizia que nunca tinha dado uma chance a Pedro, porque ele queria exatamente isso aqui. Uma casa, uma esposa, filhos.

— Sim, foi isso mesmo.

— Mas hoje você tem uma casa, um marido e um filho.

— Eu já me fiz essa pergunta, sabia? — Recosto no sofá, os olhos fixos no lustre acima de nós. — Parecia hipocrisia. Eu corria tanto de relacionamentos, que me peguei surpresa em quão rápido eu me apeguei a Lincoln, e aceitei que o que eu tinha com Murilo era sério.

— O que te fez mudar de ideia?

— É difícil você encontrar alguém que, a longo prazo, não queira perpetuar a espécie — digo, rindo. — Esses tipos você encontra só no *Tinder*,

mas a procura é longa e cansativa.

Ela não parece entender sobre o que eu estou falando, mas decido, por bem, não explicar.

— Eu me envolvi com Murilo porque ele era como eu. Desapegado, sem amarras, sem querer nada sério. — Sorrio, lembrando nossos encontros furtivos. — Isso me deixou de guarda baixa, eu não precisava me preocupar com as cobranças, porque ele não me cobraria nada.

— E quando se deram conta, já era tarde — ela afirma, e eu confirmo.

— Eu fui presenteada com uma família, e fico muito grata por isso. Eu amo Murilo, e amo Lincoln, eles são a minha vida.

— Mas ver a Eve e a Babi com aquele barrigão, não faz com que se arrependa? — Me viro, arrumando meu corpo para olhar em sua direção.

— Ver Eve e Babi com aquele barrigão só me faz ter a certeza de que fiz a escolha certa.

— Nem casamento? — ela pergunta, despreocupadamente na cara de pau.

— União estável já é aceita no Brasil, Claudia. Se quiser um buquê, eu mando fazer um e jogo para você.

Estava esperando uma chuva de argumentação, mas ela apenas ri, divertida.

— Você é bem engraçada, Jordie.

— Vamos embora, patricinha? — Murilo chama, já com Lincoln nos braços. — A barriguda está querendo dormir.

— Vai à merda, Murilo! — Eve grita lá de fora, e caímos na risada.

Em pé, troco um abraço com Claudia, feliz por finalmente ter tirado a má impressão que ela tinha de mim.

Me despeço de todos, combinando algo para fazer antes de os bebês nascerem. Tecnicamente, Babi está às portas de dar à luz, então sei que nossa combinação terá que se atrasar por algum tempo. Dois meses, no mínimo, se levar em conta que Eve tem, no máximo, mais um mês até também estar às voltas com fraldas e chupetas.

Essa família cresceu demais.

— Você anda bem sociável, gata brava — Murilo provoca, assim que prende Lincoln na cadeirinha. — Fazendo várias amizades, estou orgulhoso.

Cruzo os braços e o encaro, sem responder.

— Daqui a pouco estará apta a entrar no grupo da família.

— Nem se atreva, eu bloqueio você!

Murilo gargalha, batendo a porta do carro, e trocamos um olhar divertido.

A conversa com Claudia acabou me deixando reflexiva durante todo o caminho de volta; me fazendo lembrar do dia em que, sentada no chão, ouvi minha mãe dizer sobre as reviravoltas da vida ao me dar um filho do coração.

Eu era um tanto irredutível, mas a vida acabou me mostrando que, às vezes, algumas coisas podem acontecer de forma diferente e que isso não muda quem você é. Só agrega.

“Jordie, esposa e mãe” não soa como uma ofensa, como muitos devem pensar.

Observo Murilo enquanto ele dirige, admirando o homem bonito e íntegro que tenho ao meu lado. Dizem por aí que toda tampa tem a sua panela e a minha, definitivamente, é ele. Forte, sem ser bruto; bem-humorado, sem ser desrespeitoso; apaixonado, sem ser meloso. Decidido a ser melhor a cada dia e me mostrando que viver junto a alguém é um constante aprendizado.

— O que foi, patricinha? — pergunta, com um tom de riso na voz.

— Eu amo você.

O sorriso. Aquele sorriso de lado, safado, que eu tanto amo, aparece antes de ele murmurar um: “eu também.”

Um brinde às reviravoltas da vida!

Murilo

Três anos depois...

Duas batidas de leve na porta e eu, exausto, apoio os braços sobre a mesa, autorizando a entrada. Viviane, chefe do departamento de recursos humanos, coloca a cabeça entre o vão da porta, exibindo um sorriso.

— Pode entrar, Vivi.

— Com licença. Trouxe os papéis para você dar uma olhadinha.

Pego a pasta que ela me entrega, a colocando sobre a mesa e analisando todos os dados. Com o crescimento do Grupo JM, iríamos abrir um processo seletivo para vários postos de trabalho, e o RH fez um levantamento sobre as vagas que seriam necessárias.

O nosso primeiro ano de trabalho foi árduo. Quase engolidos por uma burocracia sem fim, gastos exorbitantes com tecnologia de ponta e equipamentos de última geração, contratação, qualificação e treinamento de profissionais, estávamos prontos para ganhar o mundo.

Só que não.

Por trabalharmos com segurança privada, foi muito difícil conseguir grandes empresas para a nossa cartela de clientes sendo novo no mercado. Era compreensível que precisássemos, primeiro, comprovar a nossa idoneidade e competência. Ninguém entregaria a segurança de sua empresa a um bando de novatos.

As coisas mudaram quando, através do escritório de Gael, fechamos com uma grande indústria de papel e celulose que vinha tendo vários problemas relacionados à segurança. Após seis meses de resultados satisfatórios, nosso nome se espalhou pela capital e, dessa forma, nossa cartela cresceu.

— Vigilante, operador de CFTV¹⁰; encarregado de serviços gerais; recepcionista, e bombeiro civil. — Marco todas as opções na via que ficará em meu poder, entregando a ela o papel de volta. — Quando isso irá para as agências?

— Amanhã mesmo, e darei o prazo de dez dias para a entrega de currículos — a garota diz, de forma profissional. — Dessa forma, teremos um mês entre seleção e treinamento, até que os candidatos estejam prontos para serem distribuídos.

— Me mantenha informado.

Acompanho-a até a porta, satisfeito.

Sigo até a janela do escritório que, agora, ocupa todo um andar em um pequeno prédio no centro da cidade, e olho através da vidraça o sol se pondo no horizonte. Este local também é novo, mudamos a empresa há pouco mais de três meses, quando notamos um aumento na demanda de serviço por esta região.

Ainda estamos crescendo, falta uma longa caminhada até que estejamos tranquilos e estabelecidos, mas hoje é melhor que há três anos.

Quem diria que aquele sujeito que tinha apenas uma cadeira em sua cozinha, hoje, estaria aqui? Bem, não estaria, caso não tivesse dado ouvidos à gata brava que ele tem em casa, incansável em me fazer entender que seria capaz de proporcionar um futuro melhor à minha família.

Eu pensei que seria difícil aceitar essa novidade. Que ela, por ser voluntariosa e opinativa, iria querer dar palpite em tudo — principalmente sobre a decoração. Mas não foi isso que aconteceu. Jordie me deu acesso ao dinheiro, me deu liberdade para fazer tudo do meu jeito, deixando claro que estava aberta para que eu a procurasse, se eu assim quisesse — afinal de contas, ela é uma empresária bem-sucedida —, mas sem obrigações de fazer

isso.

Ela se surpreendeu quando eu escolhi o nome da empresa: Grupo JM. Aposto que pensou que eu colocaria um nome qualquer, *Cachorrão Segurança*, ou algo do tipo, afinal de contas, eu fui tão reticente ao aceitar a sua ajuda. Não pensou que eu deixaria claro que nossa parceria nisso estava ali, desde o começo.

Parceria. Quer nome melhor para o que a gente construiu?

Saco o telefone, observando a fotografia de fundo. Lincoln, com um sorriso enorme, abraça Jordie por trás, enquanto eu, deitado em seu colo, me divido entre posar e bater a foto.

Família mais linda que essa, desculpe, não existe.

Disposto a ir embora para casa, abro o aplicativo de mensagem.

“Murilo: *Ei, gata brava, quer que eu passe aí pra te pegar?”*

Seu carro está na inspeção e ela me avisou que iria embora de carona. A resposta, como sempre, não demora a chegar.

“Jordie: *Claro, cachorrão! Fico te esperando.”*

“Jordie: *Ah, papai já pegou o Lincoln e, adivinha? A casa é nossa!”*

Gargalho alto, e guardo o aparelho. Lincoln disputa com afinco o posto de neto favorito dos Prieto, mas a luta é exaustiva, árdua e infinita, disputando com a prole de Gael e Pedro. Com nove anos, uma altura de respeito e paixão por basquete, já vejo meu filho defendendo em um futuro próximo à seleção brasileira de basquete.

Por que não?

Eu pensei que, em alguma altura da minha vida, pensaria em ter mais filhos. Fico vendo essas pessoas procriando feito coelhos e busco dentro de mim essa vontade, porém, não encontro. Lembro quando levei um susto ao ouvir de Jordie que ela não gostaria de ter filhos, é sempre um baque quando ouvimos uma mulher falar assim. Hoje a compreendo, e somos felizes assim.

Bato a porta atrás de mim, me despedindo dos funcionários que ainda estão encerrando seu expediente. Todos de olhos grudados na tevê, vendo Olavo Fontana finalmente tendo o que merece.

Foi um prazer colaborar, nem que seja minimamente, com seu fim. Escroque assumido, Olavo Fontana tem uma lista extensa de crimes. O problema era conseguir comprová-los, ou era muito bem feito e ninguém encontrava provas que pudessem ser usadas, ou eram antigos demais para serem criminalizados.

Foi sua esposa, Silvia Fontana, quem nos facilitou o caminho. Com a

denúncia aceita pelo Ministério Público, ele foi preso em caráter preventivo, logo que Emanuel Ramos foi morto e, em sua casa, foram encontradas provas que os conectavam.

Olavo foi acusado de pagar propina para o Governo do Estado e, com isso, assegurar contratos milionários que garantia à FontanaLab a exclusividade no fornecimento de medicamentos para os diversos projetos de medicina popular. Respondendo por crime de organização criminosa, peculato, estelionato contra a União, crime contra a ordem tributária e falsidade ideológica, ele acabou de ser condenado a vinte e nove anos de prisão.

Claro que estamos falando da República Federativa do Brasil.

Claro que ele sairá da cadeia daqui a uns anos, por bom comportamento ou qualquer que seja a desculpa da vez.

Felizmente já estou fora desse círculo vicioso. A gente se mata de trabalhar e corre riscos para a justiça simplesmente lavar as mãos. Em benefício de quem?

Vicente e eu temos a mesma percepção sobre a polícia brasileira, em suas inúmeras esferas: para ser policial aqui, tem que ser por vocação. Algumas pessoas — e eu tenho amigos assim — nasceram para ser policiais. Outros, como nós dois, entraram na carreira por acaso e, dessa forma, é muito fácil se decepcionar.

E eu tenho uma mulher linda, um filho maravilhoso e pouco tempo nesta vida para viver me decepcionando.

Quando estaciono em frente à escola, ela já está me esperando, em um papo animado com o segurança que trabalha lá há anos. Jordie se recusou, terminantemente, a demiti-lo quando sugeri utilizar os serviços de sua própria empresa na proteção da São Prieto.

— *Você bebe, Murilo? Primeiro, seu Claudio é um amor. Segundo, a dona Vera faz compotas!*

E ninguém pode competir com as compotas de dona Vera.

Buzino, chamando sua atenção e, linda de parar o trânsito, a bordo de jeans e tênis, Jordie abre um sorriso ao vir em minha direção.

Eu sou muito sortudo.

— Oi, Moção. — Ela entra, animada, e me dá um beijo. Talvez notando minha cara, Jordie franze a testa, curiosa. — Tudo bem?

— Comigo, sim. Acompanhou as notícias? — pergunto, colocando o carro em movimento.

— Não, o que aconteceu?

— O pai do Pedro foi condenado.

— Nossa — teatral, ela coloca a mão sobre o coração —, estou tão triste, nem sei se consigo dormir hoje.

Balanço a cabeça, depois de encará-la por um tempo.

— Acha que o bunda mole vai ficar, sei lá, chateado? — Eu não ficaria, mas nunca se sabe o que se passa dentro daquela cabeça lenta.

— Pedro tem bem mais com que se preocupar.

Concordo, sua vida também deu uma guinada enorme.

O trajeto da escola até nossa casa é ainda mais curto agora. O apartamento que moramos agora, o mesmo que Jordie tanto namorou, é mais perto, maior e bem mais seguro. Subimos abraçados no elevador, comportados o suficiente para não sermos pegos pelo sistema de vigilância.

O mesmo comportamento, claro, é abandonado, assim que a porta de nossa casa se fecha atrás de nós. Com agilidade, seguro Jordie pela cintura, antes mesmo que ela tenha tempo de escapar.

— Nossa, como você é ligeiro — ela brinca, enquanto eu a preno contra a parede.

— Pensa que eu não sei que você fez corpo mole?

Alcanço sua coxa, a erguendo e me encaixando no vale entre suas pernas.

— Moção, sabe o que eu fiquei pensando? — A pergunta é feita ao mesmo tempo que suas unhas infernais arranham minhas costas, me acendendo de vez.

— O quê? — digo, enquanto mordisco seu pescoço.

— Você agora é um CEO. — Me afasto, entre curioso e confuso com a informação.

— E o que tem isso?

— Christian Grey era um CEO, todo mandão assim. — Safada, ela se esfrega em mim. — Você podia mandar construir um quarto vermelho ali no de hóspedes, o que acha?

— Eu sabia que você gostava de uma lição ou outra.

Junto seu cabelo em um rabo de cavalo, angulando seu rosto, e tomo sua boca em um beijo guloso e possessivo, dando início a mais uma noite daquelas.

Jordie e eu somos um casal improvável. Uma patricinha e um falido, avessos a relacionamento, vivendo juntos como um casal. Mostrando ao

mundo que essas convenções de só ser feliz casado no papel e com filho biológico é uma grande furada.

Pode ser brega ao infinito, mas o que traz felicidade é o amor. E Jordie me mostrou que, tendo amor, todo o resto fica secundário.

53



Pepê

Estaciono o carro na garagem, já ouvindo os latidos ao fundo. Timão e Pumba são sempre os primeiros a vir me dar boas-vindas, mas hoje são acompanhados por mais quatro perninhas.

— PAPAI! PAPAI! PAPAI! — Me ajoelho, com os braços abertos, recebendo Cora e Levi, e toda a impetuosidade que os acompanha.

— Ei, o que foi? — Levanto, trazendo os dois nos braços, tentando olhar para onde eles apontam.

— O vovô *Lessandro* trouxe outro cachorro hoje, e ele é tão lindo — Cora diz, afinando a voz e apertando as mãos nas bochechas. — Podemos ficar com ele?

— Outro cachorro? Mas já temos dois, vejam. — Aponto com a cabeça para os dois travessos à nossa frente.

Timão é filhote de Marley, o cachorro do Bruno. Um Golden agitado e completamente apaixonado por meus filhos. Pumba é um vira lata preto e caramelo que encontramos no litoral, em uma de nossas muitas idas até lá e o padrinho simplesmente não nos deixou vir para casa sem ele.

Não que eu viria, de qualquer forma, mas adoro jogar a culpa nele.

— Vamos lá ver, papai. — Levi se chacoalha em meu colo, dando pulinhos como se isso fosse me fazer pegar no tranco e sair do lugar. Bem, deve funcionar, porque sigo até onde ele aponta — Ali, olha.

Se tem uma coisa que eu tenho mais loucura nesta vida, depois de criança, é por cachorro. E ver a bolinha de pelo amarela vindo correndo, com sua bunda redonda, em nossa direção não colabora com minha falta de senso.

Aqui em casa eu sou o pamonha, definitivamente. Eve tem que ter mão de ferro, por vezes colocando os três de castigo, porque se eles me pedirem o mundo eu vou atrás para conseguir.

Já é difícil sem ajuda. Imagina com uma ajuda tão fofa?

— Ah, que bonitinho. — Coloco as crianças no chão e pego o cachorrinho nas mãos. — É um bebezinho, ou uma bebezinha?

— Menino! — os dois respondem, juntos, e eu sorrio.

O cãozinho peludo parece um filhote de border collie. Preto e branco, e parecendo ter um *pirocóptero* no lugar do rabinho de tão rápido que balança, ganhou meu coração na primeira fungada.

— É bem bonitinho, mas precisamos falar muito sério. — Me abaixo novamente, soltando o cachorrinho no chão e trazendo as crianças para perto. — Não podemos ficar com ele.

Fico parado, ouvindo a chuva de lamentações que se segue. Meus filhos são gêmeos idênticos, acabaram de completar três anos e, para a minha sorte, são a cara da mãe deles. Principalmente Cora, com seu cabelo cheio e ondulado, e os olhos cor de chocolate expressivos.

— Papai vai explicar — interrompo a choradeira. — Nós já temos o Timão e o Pumba. Não tem outro nome, e não podemos pegar emprestado de outro desenho.

— Não pode chamar de Sid? — Levi pergunta, choroso, e preciso apertar os lábios para não rir, enquanto balanço a cabeça, negando.

— Não pode. — Subo e desço os ombros, de forma exagerada. — Por isso, não dá para ficar com ele.

Um bico desapontado já se forma no rosto de Cora, quando Levi decide salvar a pátria.

— Vamos chamar de Simba! — ele diz, eufórico, erguendo os bracinhos. — É o mesmo desenho, papai.

Crianças são surpreendentes. Eu já estava me preparando para argumentar sobre a troca dos nomes de Timão e Pumba e ele me vem com essa?

— Gosta de Simba? — pergunto, inutilmente. Para ficar com o cachorro, eles aceitariam até Adelaide. — Então tá, pode levar o cachorrinho lá atrás, amanhã compramos uma casinha para ele.

Observo, sorrindo, os cinco saírem correndo para os fundos da casa e olho à minha volta. A melhor coisa que eu fiz foi sair daquele apartamento para um lugar que parecesse comigo. Comprei esta casa pouco depois do nascimento dos gêmeos, não muito longe de onde eu morava antes. Grande e espaçosa, tem um quintal imenso e um toque de Eve para onde quer que eu olhe. Adepta da simplicidade e do aconchego, ela conseguiu deixar o lugar com a nossa cara.

— Filho! — mamãe aparece na porta, me chamando, ao lado do marido.

Marido dela, mais conhecido por meu sogro.

Dona Claudia e seu Ernesto estão juntos desde que ele saiu da clínica, há alguns anos. O que começou como um apoio mútuo entre eles, cada um ajudando a superar seus fantasmas, acabou se tornando amor.

Vivem hoje em uma casinha simples e pequena aqui perto, porque ele se recusou a viver enclausurado em um apartamento. Ela continua sendo vista como a melhor cabeleireira da região, mesmo não trabalhando mais oficialmente com isso, e ele presta serviços contábeis, trabalhando como autônomo.

— Fala, dona Claudia — me aproximo, batendo no ombro de Ernesto —, e o senhor, tudo bem? Chegou mais cedo?

— Fui só fazer banco — ele diz, enlaçando minha mãe pela cintura — e corri para cá, caso elas precisassem de mim.

— Que bom que o senhor estava aqui. — Beijo sua testa, em agradecimento.

Eu tive uma figura paterna muito presente em minha vida, sempre disse que me espelharia em Alessandro Prieto quando me tornasse pai. Mas conviver com seu Ernesto Ramos também tem sido um presente. Desde que saiu da clínica, ele nunca mais vacilou em seu tratamento, nem uma vez sequer. É um pai presente, um avô espetacular, um marido dedicado e um sogro querido.

— O que foi? — pergunto, notando um certo nervosismo em minha mãe.

— Silvia ligou novamente. — Esfrego o rosto, evitando me irritar.

Pouco antes de meu casamento, seguindo o conselho de minha mulher, fui me encontrar com Silvia. Apesar de ter entregado Olavo para a polícia, ela estava preocupada com o que isso significaria para o seu futuro, e queria garantir que eu não lhe deixaria desamparada, caso a justiça bloqueasse todos os seus bens.

Claro, ou pensa que do dia para a noite Silvia tinha se tornado uma pessoa adorável?

Não me decepcionei, pois não esperava nada dela. Também não me comprometi, afinal de contas, a minha obrigação é com Claudia. Também deixei claro que não a odiava, não havia sobrado nenhum tipo de sentimento relacionado a ela. Eu era apenas... indiferente.

O problema é que eu sou muito bobo. Silvia vem enfrentando um câncer agressivo há um bom tempo e eu não consigo, realmente, ficar indiferente. Sozinha, desde que Olavo foi preso, ela sempre liga pedindo atenção. E eu sempre me culpo por não dar.

— O que ela queria desta vez?

— Deve ter visto na televisão a sentença do marido dela. — Balanço a cabeça, compreendendo.

O assunto do dia hoje foi a condenação de Olavo Fontana e eu, realmente, espero que ele apodreça lá dentro. Olavo passou por maus bocados quando foi preso e seus companheiros de presídio souberam de seu passado. Alguém, que eu imagino atender pelo nome de Murilo, deixou escapar entre os carcereiros que ele tinha abusado de uma garota menor de idade.

Não é preciso ser muito gênio para saber o que aconteceu com ele. Se está vivo, é por sua influência e curso superior. Foi transferido para Curitiba, onde se encontra até hoje.

— Bem, o problema é dela. — Decidido a esquecer o assunto, eu puxo minha mãe e, a abraçando com força, deixo um beijo no topo de sua cabeça. — Onde está minha mulher?

— Tentando achar posição para se sentar, lá dentro.

Faço uma careta, imaginando como Eve deve estar irritada.

Quando chego à porta da sala, ela está, realmente, tentando se arrumar em meio a várias almofadas. Os pés, apoiados num pufe colorido, estão parecendo dois pãozinhos de tão inchados.

Me aproximo por trás, sem fazer barulho, me abaixando e deixando um beijo na curva do seu pescoço.

— Oi, Ratinha — digo, baixinho. — Como passamos hoje?

— Ah, Grandão — diz, em um muxoxo —, esse bebê bem que podia adiantar também, não é?

— Tá difícil assim, hoje? — pergunto, preocupado e ela balança a cabeça, confirmando.

Eve entrou no último mês de gestação e sua barriga está enorme. Diferente do que aconteceu com os gêmeos, esse danadinho não nos deixou ver seu gênero e está decidido a levar esse suspense até o limite.

— Não acho posição para sentar, não consigo dormir — ela reclama e eu morro de pena. Tadinha. — Cheguei ao ponto de não conseguir andar.

— Oi, bebê — digo, segurando a barriga e colando meus lábios na pele branquinha. — O papai está ansioso, vamos sair daí hoje?

Vejo o ondular da pele, quando o bebê passa a se mexer, de forma descoordenada. Eve reage de forma emocionada, mesmo que entre caretas. É sempre uma aventura.

— E você, está bem? — Balanço a cabeça, confirmando.

Até sei a que ela se refere, mas prefiro não entrar mais nesse assunto. Olavo, FontanaLab e seus desdobramentos é um assunto morto para mim.

O laboratório agora está nas mãos de seus acionistas e os rendimentos dedicados a mim entram direto em um fundo que eu não toco. Ainda encontrarei um destino perfeito para utilizar esses recursos, mas por enquanto, eles apenas ficam lá, fora de minha vista.

— Cansado, mas terminei hoje a campanha.

— Uh, que orgulho. — Ganho um beijo, seguido por uma careta. — Pensei que demoraria mais.

— Eu também, mas a equipe foi compreensiva.

O projeto “Pedro, fotógrafo viajante” havia sido, definitivamente, arquivado depois que Eve entrou em minha vida. Era inviável, para não dizer ridículo, eu ficar viajando pelos quatro cantos do mundo, enquanto minha mulher ficaria aqui, sozinha, dando conta de tudo.

Escolhi um lugar bacana e acessível no centro, e montei meu estúdio nele. Tenho trabalhado incessantemente, desde então, sendo o último trabalho uma campanha grande para uma marca conhecida de jeans.

— Férias, então? — ela pergunta, e eu comemoro, balançando os braços.

Trabalhei feito um maluco no último mês para poder ficar em casa quando o bebê nascer.

— Férias, Ratinha. Um mês inteirinho — falo, pausadamente, dando um beijo rápido em seus lábios — tomando conta de você. E na empresa, como estão as coisas?

— Felizmente tudo em ordem. Sabe como é dona Claudia, coloca ordem até no que está correto.

— Oh, se eu sei — respondo, rindo.

Eve não ficou parada depois que teve os bebês. Em sociedade com minha mãe, Tadeu e dona Joana Prieto, abriu um negócio especializado em comida congelada. A “Tá em Casa” começou de forma desprestigiada, em uma conversa entre elas reclamando que deveriam ter comida congelada na geladeira, em um desses domingos preguiçosos em que cozinhar é a última de nossas vontades.

Hoje contam até com um clube de assinaturas, em que os sócios recebem o cardápio semanal, pronto para ir ao micro-ondas.

— Viu nosso novo cachorrinho? — pergunto, de forma despretensiosa, e ela torce a boca, como se estivesse contrariada. Não consegue convencer ninguém com essa cara.

— Alessandro exagera na fofura, convenhamos. Já tem um nome?

— Simba — respondo, vendo sua cara espantada. — Levi quem escolheu — acuso.

— Timão, Pumba e Simba? — Ela ri. — A fruta não cai mesmo longe do pé. Me ajuda aqui a levantar — pede, me esticando o braço —, não aguento mais ficar sentada.

Seguro sua mão, a puxando até que esteja em pé e a apoio na base da coluna. Realmente essa barriga está imensa, e se não tivéssemos feito várias ultrassonografias, eu juraria que tem mais de um bebê aí dentro.

— Precisa de ajuda? — pergunto, me certificando que ela está bem. — Ou posso ir tomar banho?

— Pode ir, vou comer alguma coisa.

Viro as costas, ouvindo as crianças rindo alto do lado de fora, correndo com os cachorros. Passando pelo corredor, eu olho para a parede branca, que aguarda ansiosamente minhas férias. Trarei todas as crianças aqui, aproveitando as férias dos Avellar no Brasil, para fazermos um mega painel com todos eles, neste final de semana.

Vai ficar ótimo!

— PEDRO! — Sobressalto ao ouvir Eve gritar e volto correndo, até encontrá-la parada no meio da sala.

— O que foi, meu amor?

— A minha bolsa estourou.

Congelo no lugar, olhando para a poça de água que escorre pela sala. Um estado de pânico tomando conta de mim, me fazendo esquecer todas as medidas urgentes que preciso tomar. Bolsa estourou, bebê vai nascer, o que eu faço?

— Pedro — Eve estala o dedo, chamando minha atenção —, Terra chamando. Pega minha bolsa, deixei no escritório. Avisa sua mãe, estou indo tomar um banho.

— Bolsa... escritório... mãe... banho...

Perdido, saio pela casa passando direto pela porta do escritório e precisando voltar, olhando ao redor. O coração disparado de ansiedade e

apreensão, tal qual foi quando os gêmeos nasceram.

É horrível estar em uma posição em que o controle não está comigo.

Puxo o ar, apertando os olhos. Tentando recuperar a calma, afinal de contas, Eve precisa de mim agora. Pego as bolsas e saio, vendo minha mãe já correndo pela casa, distraindo as crianças, fazendo telefonemas mil.

— Papai, o bebê vai chegar? — Levi pergunta, inseguro. Me abaixo, o pegando nos braços para ficarmos na mesma altura.

— Vai, sim. Vou com a mamãe buscar seu irmãozinho ou irmãzinha, e logo voltamos. — Toco em seu queixo, o fazendo erguer o rosto para me olhar. — Promete cuidar da Cora, enquanto estivermos fora?

Como Eve disse, a fruta não caiu longe do pé. Basta dizer a ele para cuidar de sua irmã, que sua expressão já muda, de inseguro e ansioso, ele parece determinado.

Ao chegar à maternidade, Evangeline é logo levada para a preparação do parto. Por sorte, escolhemos um local que permite acompanhante, ou eu juro que enlouqueceria aqui, do lado de fora.

No automático, recebo um avental e uma touca, e entro na sala, a encontrando já em uma maca. Meu foco é nela, e somente nela, não conseguindo ver nada em volta. Pessoas, aparelhos, tudo é um borrão. Em minha frente eu só vejo minha mulher, a mãe dos meus filhos, prestes a aumentar ainda mais a promessa que me fez no dia que nos casamos.

— Vamos lá, mamãe? — A médica entra na sala, após ter sido alertada que Eve está com dilatação máxima. — Vamos trazer esse bebê ao mundo.

Ao lado dela, seguro sua mão, deixando-a apertar o quanto precisar. E ela precisa, muito. Precisa tanto, que eu chego a ficar com pena dos meus dedos, mas não reclamo.

— Estou aqui — sussurro —, te amo.

Admirado, a vejo fazendo força quando solicitada, suada e chorando, exausta até que duas palavrinhas parecem abrir a represa que vinha sendo contida dentro de mim.

— É uma menina! — a médica anuncia, em meio ao choro estridente de minha garotinha. E eu choro junto com ela, agradecido demais por tudo.

Quando a médica coloca nossa filha sobre o peito de Eve, eu me curvo mais perto para vê-la. Sequer posso numerar o que eu amo mais na visão que tenho: se a cabecinha coberta por uma penugem, os olhos abertos e doces, a boca grossa ou o choro impaciente.

— Ei, pequenina — chamo, esticando o dedo mínimo até alcançar sua mão —, não chora.

Como atraída por minha voz, ela circunda meu dedo com sua mão pequenininha e cessa o choro, olhando ao redor, procurando por mim.

— Ouviu o papai, foi, puxa-saco? — Eve brinca com ela, enquanto eu as observo, mudo. — Essa vai ser igual aos irmãos, louca por ele — Eve comenta com a enfermeira, que observa tudo, sorridente.

— E essa boneca já tem nome?

Eu já me ponho à espera de ouvir o nome de sua mãe. Tínhamos conversado sobre isso, sobre ela fazer uma homenagem, dando esse nome ao bebê caso fosse menina. Aline é um nome lindo e...

— Vai chamar Pietra — ela diz, interrompendo meus pensamentos. Os olhos fixos nos meus, esperando minha reação.

— Pietra? — Respiro fundo, tentando conter o choro que não cessa.

— Homenagem ao melhor pai do mundo.

Colo minha testa na dela, antes de beijá-la. Tão feliz, tão realizado, que não me cabe no peito.

Mal lembro como eu era antes de Eve aparecer em minha vida.

Um sujeito perdido, carente, correndo atrás de amores que não eram para mim. Ela chegou e me deu tudo o que eu queria. Tudo o que eu esperei um dia encontrar.

Minha mulher, meu norte.

— Eu te amo — digo, olhando no fundo dos seus olhos — todos os dias, para o resto da minha vida.

epilogo



Pedro

Descarrego os embrulhos com salgados sobre o balcão, imaginando que daqui a algumas horas Gael vai estar extremamente mal-humorado e se perguntando o porquê de ter aceitado fazer essa festa aqui, no jardim de sua casa, e não em um bufê.

Bianca completou cinco anos. Parece que foi ontem que Babi me ligou, pedindo que eu voltasse da Escócia, porque ela me queria por perto ou daria a bebê para qualquer outro batizar.

Abusada.

— Você comprou minha roupa, padrinho? — Como se fosse atraída por pensamento, a garota para ao meu lado e eu faço minha costumeira careta. — Ah, não!

— Eu esqueci, abelhinha.

Bianca parece muito com Babi. O mesmo furinho no queixo, o mesmo cabelo lambido, e a mesma cara de sem vergonha que nos olha, com ar pidão, e nos enrola até que façamos exatamente o que ela quer.

— Mentira, vem aqui. — A pego pela mão, levando até o porta-malas do meu carro. Tiro a sacolinha e entrego a ela, que se senta no chão, empolgada, abrindo o pacote.

— Verde, igual eu queria! — ela comemora, e eu sorrio.

Bianca estava doida por uma roupa verde limão. Não sei de onde saiu a inspiração, mas afilhada pede, padrinho faz.

— Tem um astronauta aqui, está vendo? — Aponto para o tecido, onde tem um boneco bordado, e ela balança a cabeça, empolgada. — É para você ver que eu te amo daqui até a lua.

— Eu amei, padrinho! — Ela salta em meu colo, me enlaçando pelo pescoço e enchendo meu rosto de beijos no processo. — Obrigada.

— Amo você, abelhinha. Agora vá guardar isso, *pra* não sujar.

Bato em sua bunda e ela sai correndo, empolgada. Olho em volta, procurando as minhas crias, os vendo mais à frente brincando com outras crianças. Daqui a um mês é aniversário dos gêmeos e eu não tenho a menor ideia do que vou fazer.

Não vejo a hora de estarem todos adolescentes, e com isso fazemos juntos umas viagens radicais e...

Não.

Adolescente namora. Não, não, não.

Com duas filhas, eu não posso nem pensar nisso. Não.

Abortar, abortar missão!

— Está tudo bem, Alemão?

Me viro, encarando Vicente, que me olha com um certo humor. Tenho certeza de que ele me entenderá.

— Estava pensando no projeto filho adolescente — confesso, em um tom mais baixo. — Já pensou nisso? — Ele nega. — Adolescentes namoram.

Atingido pela compreensão, ele balança a cabeça.

— Ninguém namora. Está fora de cogitação isso.

— Quem namora? — Gael se aproxima, curioso.

— Adolescentes, Gael — eu digo, olhando para os lados, sem querer dividir isso com mais ninguém. — Adolescentes namoram.

— Ah! — Ele arregala os olhos, sorrindo. — E pensar que logo Bruno vai estar trazendo namoradinhas para casa.

— E Bianca também, seu babaca — Vicente alerta, sorrindo ainda mais.

Gael parece levar um soco ao ouvir isso.

— Bianca? Não, Bianca não namora.

— Isso aí — apoio.

— Nada a ver essa coisa de adolescente namorar — Vicente afirma.

— Ninguém solta a mão de ninguém — complemento.

— Vocês são idiotas? — Murilo se aproxima, de braços cruzados.

— Não se mete — digo. — Você não é afetado por isso.

— Três paspalhos — Murilo diz, batendo no ombro de Samuel, que se diverte, os dois se afastando em seguida.

— Pedro, me ajude aqui? — Eve chama e me afasto da rodinha imediatamente, sob uma chuva de risadas e piadas.

Tenho vontade de perguntar do que eles estão rindo, afinal de contas, acontece exatamente a mesma coisa com esses dois. Babi e Malu chamam;

eles correm, imediatamente.

Eve me espera segurando Pietra nos braços e eu me aproximo, dando uma boa olhada nela dos pés à cabeça.

Já faz um tempo que Eve cortou os cabelos na altura dos ombros, e agora os mantêm um pouco menos rebeldes. Confesso que sinto saudade dos seus cachos indomáveis, mas não dá para ser uma empresária de sucesso, mãe de uma matilha e gastar mais do que cinco minutos cuidando dos cabelos.

Seu corpo, no entanto, continua espetacular. Sem dispensar os vestidinhos floridos que tanto gosta, ela usa um vestido floral que até seria bem-comportado, não fosse o decote delicioso que ostenta.

Eu sou muito sortudo, mesmo. Ô mulher gostosa!

— Fala, Ratinha. — Me aproximo, curvando até alcançar seu pescoço, inspirando seu perfume de forma exagerada.

— Fica com ela um pouquinho, amor? Vou ajudar lá dentro, a Jordie está embalando brigadeiros e está quase na hora dos parabéns.

— Meu Deus! — Pego nossa filha no colo, sorrindo quando ela espalma suas mãozinhas em meu rosto. — Vai lá ajudar, antes que ela coma todos os brigadeiros e a gente fique sem.

— Deixa de ser implicante — ela alerta, antes de sair.

Olho para o rostinho de minha filha, e sinto vontade de perguntar a ela se concorda com sua mãe, mas ela não entenderia. Me encarando com seus olhinhos azuis, e o cabelo preso em duas *xuxinhas* no alto da cabeça, ela até parece comportada.

Só parece.

Pietra tira nosso juízo todo, e isso porque só tem dois aninhos. Já deveria saber disso, afinal de contas, ela passou nove meses na barriga da mãe dela dizendo que teria um gênio daqueles.

É castigo, para eu parar de tirar sarro de Gael e Jordie.

Arrumo minha filha no colo e sigo para a sala, onde uma roda de piadas se inicia. Seu Ernesto e Alessandro Prieto são os mais empolgados e, me sentindo em casa, junto-me a eles, contando as piadas mais idiotas sob os protestos de minha mãe e dona Joana.

As horas vão passando e os convidados começam a partir. Estava realmente cheio, várias pessoas do nosso convívio, amigos de longa data e novas aquisições. Parado na porta da sala, de braços cruzados, eu observo Gael ao longe interagindo com Samuca e Vicente, feliz por ele ter encontrado

seu norte, depois de tanta tragédia.

Não sei se eu sobreviveria a uma perda como a dele. Só de pensar em perder Eve ou qualquer um dos meus filhos, eu perco o chão. Eu não teria essa força, sequer teria tempo de recomeçar, pois iria embora junto com eles.

Ouçó uma risada em um canto mais distante, Jordie e Murilo estão brincando, provavelmente falando besteiras um para o outro. É engraçado pensar que há alguns anos eu nunca me imaginaria sem ela. Para mim, Jordie era o meu final.

Li em algum lugar, talvez nas redes sociais, que às vezes o amor da sua vida não era o amor para a sua vida. Eu cansei de dizer, incessantemente, que Jordie era o amor da minha vida. Às vezes a gente se ilude e enxerga o amor da vida em qualquer um, baseado em carência, em necessidade.

Hoje eu entendo que Jordie e eu não éramos para ser. Tenho certeza de que não sobreviveríamos um ano juntos, tamanha diferença existe entre nós. Ela diz que a tampa de sua panela é Murilo. A tampa da minha adora queijo.

Ouçó o som de sua risada e sigo, como se ela fosse o flautista de Hamelin. Encontro-a acompanhada de nossos filhos, sentada no tapete da sala de tevê, cantando para três crianças interessadas uma música sobre ratos que não são de fino trato e querem se casar com alguém.

— Mas que mania é essa de casamento, Ratinha? — pergunto, me sentando ao seu lado. Ergo meu braço, passando por sobre seu ombro, fazendo com que ela se encoste em meu ombro.

— É uma música da Palavra Cantada. Seus filhos adoram.

Bato a mão em minha perna e Cora pula, vindo se aconchegar em meu colo. Pietra se deita no colo da mãe, exausta e Levi aproveita um espacinho entre nós dois, deitando a cabecinha em meu colo.

— Já quer ir embora? — pergunto, baixinho, e ela ergue o rosto. Me encarando com um sorriso nos lábios.

— Querer eu quero, mas ficar sentada aqui está tão bom.

— Mês que vem tem mais, você sabe, não? — Faço um gesto, apontando para os gêmeos, e ela geme.

— Vai ser divertido.

— Vai.

— Vamos tirar de letra.

— Vamos, sim.

— Eu amo você — ela diz, encostando a testa em meu rosto.

— Para sempre.

Fim



agradecimentos



Finalizo Esperando Você com uma sensação estranha. De finitude, sabe? Talvez por ser o encerramento de uma série de personagens, que começou lá em 2019 com Senhor Tempestade, e me acompanhou durante o ano inteiro.

Era como me despedir de amigos que estavam indo para uma nova jornada e que, por causa disso, eu não os veria mais por um bom tempo.

Apesar disso, termino feliz.

Esperando Você, a princípio, não existiria. Isso porque o personagem Pepê, o nosso Pedro, foi escalado para morrer no roteiro original de Senhor Tempestade. Não consegui. Eu mudei o roteiro deste livro incontáveis vezes porque esses personagens têm vida própria, juro a vocês. Pedro, que é príncipe, mas está longe de ser perfeito, se recusou a ser mais imperfeito que o aceitável. Não fazia nada que lhe era proposto, batia o pé até sair da forma como ele queria. E eu tinha em mãos o fator Jordie, a personagem que ninguém gostava — nem eu — mas que eu precisava contar a história dela de uma forma a lhe fazer justiça.

Que aventura foi fazer a Jordie.

Que delícia foi destrinchar essa mulher.

Eu sabia que se eu desse um livro somente a ela, vocês não dariam bola. Por isso ela entrou no livro do Pepê. Querem saber a história dele? Terão que ler sobre ela também.

Que sacana, Lucy!

Nunca disse que não era.

A minha lista de gratidão continua extensa. E eu sempre digo que fico com medo de a fazer nominal e esquecer alguém que tenha sido importante na criação do livro e na jornada até aqui. Apesar disso, algumas pessoas são impossíveis não citar:

Lily Baker e Josiane Pereira, obrigada por acreditarem no Pepê logo

na primeira linha lida sobre ele, ainda lá no Wattpad quando eu postava Senhor Tempestade.

Bruna Ramos, a minha Eve da vida real. Cuide bem do Pedro.

Gabriela Hali e **Danielle Barreto**, pela primeira leitura e lapidação do texto.

Felipe Hali, pela consultoria jurídica, ainda que indireta.

Washington Macedo, pela consultoria no âmbito policial.

Adriana Souto, pela consultoria no *mineirês*. *Brigada, uai!*

Bárbara Pinheiro, pelo trabalho excepcional de revisão, e por embarcar em minha jornada longa, maluca e extensiva. Prometeria escrever livros menores e te dar mais tempo para revisar, mas odeio promessas vazias.

Talita Laquimia, por acreditar no meu trabalho até mesmo quando eu não acredito.

Val Gonçalves, por estar aqui desde o início comigo.

Minhas *migles* **Babi, Bruna, Clara, Gabi e Tatá**. Continua divertido!

Minhas **parceiras** e **amigas autoras**, por toda a força que me dão constantemente, e todo o apoio que me impedem de surtar.

Minha **família**, pelo apoio e compreensão. Por entender as horas sentada à frente do computador digitando, pesquisando, surtando. Amo vocês.

E, para finalizar, um carinho especial às minhas **leitoras**. Sejam do meu grupo do WhatsApp (a *Cerquinha das Xuxus*), Facebook ou Wattpad, ou as que não estão em nenhum grupo criado por mim, mas que lêem minhas obras e sempre me procuram pelas redes sociais para trocar ideias e conversar sobre o meu trabalho. Vocês me emocionam, me dão força e fazem tudo valer a pena.

E a você, leitor, que cedeu um pouquinho do seu tempo para dar uma chance à história de amor de Pepê e Eve, Jordie e Murilo. Muito, muito obrigada!

Gratidão, sempre!

a autora



Lucy Foster é paulistana, inacreditavelmente mãe de dois adolescentes, casada e tem paixão por leitura desde a infância, em que se perdia nos livros de contos de fadas e em incontáveis gibis. Já sua paixão pela escrita se deu ainda na adolescência, mas somente agora decidiu compartilhar suas histórias.

Adora filmes, séries românticas, mocinhos protetores e mocinhas independentes. Isso acaba se refletindo nos mundos em que cria.

Redes sociais:

Instagram: <https://instagram.com/autorallucyfoster>

Facebook: <https://facebook.com/autorallucyfoster>

Wattpad: <https://my.w.tt/IUmIaAoSG4>

Website: <http://lucyfoster.com.br>

Outras obras:

SENHOR TEMPESTADE – Disponível em e-book, gratuito pelo Kindle Unlimited

[Compre aqui](#)

MÁSCARA NEGRA — Disponível em e-book, gratuito pelo Kindle Unlimited

[Compre aqui](#)

ENTRE OCEANOS (Duologia) — Disponível em e-book, gratuito pelo Kindle Unlimited

[Compre aqui](#)

Notas

[[← 1](#)]

Filme dirigido por Mel Gibson, lançado em 1995

[[← 2](#)]

Olá!

[[← 3](#)]

Série de TV, transmitida pelo canal Starz e, no Brasil, pelo canal FOX.

[←4]

Série de TV que foi transmitida pelo canal CW e, no Brasil, pela Warner.

[←5]

Personagem do livro Razão e Sensibilidade, de Jane Austen

[←6]

Trecho da música “Hoje Ela Só Quer Paz”, de Projota.

[←7]

Personagem da Disney, do desenho Toy Story.

[←8]

Trecho da música Quase Sem Querer, da Legião Urbana

[←9]

Trecho de That's When I Knew, de Alicia Keys

[[← 10](#)]

Circuito fechado de câmeras

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Notas](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[A autora](#)